

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Comissão para o Estudo das Campanhas de África
(1961-1974)

**RESENHA
HISTÓRICO-MILITAR
DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA
(1961-1974)**

**14.º VOLUME
COMANDOS**

**TOMO 1
Grupos Iniciais**

1.ª edição

**LISBOA
2009**

Obras publicadas:

RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA 1961-1974:

- 1.º Vol. – Enquadramento Geral
- 2.º Vol. – Dispositivo das Nossas Forças
– Angola
- 3.º Vol. – Dispositivo das Nossas Forças
– Guiné
- 4.º Vol. – Dispositivo das Nossas Forças
– Moçambique
- 5.º Vol. – Condecorações Militares
Atribuídas
 - Tomo I – Torre Espada e
Valor Militar
 - Tomo II – Cruz de Guerra
(1962/65)
 - Tomo III – Cruz de Guerra
(1966)
 - Tomo IV – Cruz de Guerra
(1967)
 - Tomo V – Cruz de Guerra
(1968/69)
 - Tomo VI – Cruz de Guerra
(1970/71)
 - Tomo VII – Cruz de Guerra
(1972/73)
 - Tomo VIII – Cruz de Guerra
(1974/80)
- 6.º Vol. – Aspectos da Actividade
Operacional – Tomo I – Angola
 - Livro 1
 - Livro 2
- 7.º Vol. – Fichas das Unidades
 - Tomo I – Angola – Livro 1
 - Tomo II – Guiné
- 8.º Vol. – Mortos em Campanha
 - Tomo I – Angola – Livro 1
 - Tomo II – Guiné – Livro 1
 - Tomo II – Guiné – Livro 2
- 14.º Vol. – Comandos
 - Tomo I – Grupos Iniciais

**Subsídios para o Estudo da Doutrina
Aplicada nas Campanhas de África
(1961/74)**

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Comissão para o Estudo das Campanhas de África
(1961-1974)

Ficha Técnica: BODANOS DE OCAZIOSA

Comandos - Grupos Iniciais
Tomo I do 1.º volume da Resenha Histórica Militar
das Campanhas de África 1961-1974

RESENHA
HISTÓRICO-MILITAR
DAS
CAMPANHAS DE ÁFRICA

Editor: Estado-Maior do Exército - Comissão para o Estudo das Campanhas de África
Associação de Comandos
Lisboa 2002

Coordenação e revisão: Major-General Henrique António do Nascimento Garcia

Secretariado: Assistente Administrativa Principal, Helena Gulamussan Vissani

Imagens: Digitalização: Sargento-ajudante SM João Carlos Vazquez Castro

Fotografias cedidas por: Centro de Arquivo Visual do Exército
Associação de Comandos
Arquivos de particulares (antigos combatentes)

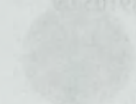
Apelo Documental: Arquivo Histórico Militar
Arquivo Geral do Exército
Arquivo da Comissão para o Estudo das Campanhas de África
Centro de Arquivos do Exército
Arquivo da Associação de Comandos
Arquivos pessoais de antigos combatentes

Orientação gráfica: Victor Luis, com a colaboração de António Lourenço
Lisboa 2002

Pré-impresão: Maria Esther - Gabinete de Artes Gráficas, Lda

Impressão e acabamento: Belpreim - Oficinas de Acumais

ISBN: 978 972 8347 080
Depósito Legal: 329107/02



Associação de Comandos

FICHA TÉCNICA:

Comandos – Grupos Iniciais

Tomo 1 do 14º volume da Resenha Histórico Militar
das Campanhas de África 1961-1974

Autores:

Coronel Comando José Castelo Glória Alves
Coronel Comando Horácio da Silva Ferreira
Coronel Comando Carlos Nuno Carronda Rodrigues

Edição:

Estado-Maior do Exército / Comissão para o Estudo das Campanhas de África;
Associação de Comandos
Lisboa 2008

Coordenação e revisão:

Major-general Henrique António do Nascimento Garcia

Secretariado:

Assistente Administrativa Principal, Helena Gulamhussen Vissanji

Imagem:

Digitalização:

Sargento-ajudante SM João Carlos Nunes Cordeiro.

Fotografias cedidas por:

Centro de Áudio Visuais do Exército
Associação de Comandos
Arquivos de particulares (antigos combatentes)

Apoio Documental:

Arquivo Histórico Militar
Arquivo Geral do Exército
Arquivo da Comissão para o Estudo das Campanhas de África
Centro de Audiovisuais do Exército
Arquivo da Associação de Comandos
Arquivos pessoais de antigos combatentes

Orientação gráfica:

Vitor Luís, com a colaboração de António Lourenço

Pré-Impressão:

Maria Esther – Gabinete de Artes Gráficas, Lda.

Impressão e Acabamento:

Bukprint – Oliveira de Azeméis

ISBN: 978 972 8347 086

Depósito Legal: 289105/09

ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Comissão para o Estudo das Campanhas de África
(1961-1974)

ASSOCIAÇÃO DE COMANDOS

RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA 1961-1974

14.º VOLUME
COMANDOS

TOMO 1
Grupos Iniciais

LISBOA
2009



DIRECÇÃO DE HISTÓRIA
E CULTURA MILITAR



ASSOCIAÇÃO
DE COMANDOS

PREFÁCIO

EM 1962, em Zemba (Angola), e em 1964, na Namaacha (Moçambique) e em Brá (Guiné), nasceram os “comandos portugueses” que, desde logo, demonstraram capacidades específicas para actuar no teatro operacional que se lhes deparava, enfrentando a guerrilha e a subversão.

Esta publicação, que constitui o Tomo I do 14º Volume da Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974), foi elaborada por oficiais “comandos”, integrados num Grupo de Trabalho, no âmbito da Comissão para o Estudo das Campanhas de África.

A obra focaliza-se na “tropa comando”, sistematizando a génese e a formação da especialidade, a constituição dos primeiros grupos de combate e a actividade operacional desenvolvida. O trabalho de pesquisa apresentou diversas dificuldades, pela dispersão e escassez dos documentos, tendo-se revelado muito importantes os contributos prestados por militares e ex-militares “comandos”.

Sendo uma publicação da iniciativa do Exército, sublinho o interesse em continuar a História dos Comandos, também, ao nível das companhias e centros de instrução, completando um período marcante de acções valorosas e distintas. Com o mesmo intuito, para futuro, importa cuidar da organização dos documentos e arquivos, após a recente reactivação dos Comandos.

A Direcção de História e Cultura Militar e a Associação de Comandos juntaram esforços no sentido de se concretizar a presente edição que, por certo, constituirá documento essencial para o estudo da génese e das acções dos “comandos portugueses” na Guiné, em Angola e em Moçambique.

Esta parceria, que se saúda, no quadro dos novos critérios editoriais da Direcção de História e Cultura Militar, deverá ser pioneira para outras iniciativas que visem relatar as acções dos militares portugueses no mundo.

Lisboa, Março de 2009

Adelino de Matos Coelho

MAJOR-GENERAL

Director da

DIRECÇÃO DE HISTÓRIA E CULTURA MILITAR

SOBRE OS COMANDOS



AS Unidades de “Comando” são, militarmente, uma tropa de qualidade superior. Isto porque os seus elementos – oficiais, sargentos e praças – são objecto de uma selecção rigorosa no recrutamento para a especialidade e durante esta, tendo em vista elevados níveis de robustez física e psicológica, é-lhes ministrada uma instrução exigente, intensa e extensa que lhes tempera o corpo e o espírito e os prepara para a acção em todas as condições e no serviço, depois de prontos, demonstram apurada experiência na actuação e cuidada postura militar.

Os “Comandos” nasceram em Angola, em 1962, quando na actividade operacional se continuava a sentir a necessidade de dispor de uma tropa que, em linhas gerais, pudesse suportar por períodos prolongados o isolamento no mato, tivesse uma confiança absoluta nas qualidades dos seus companheiros e superiores directos, garantindo-lhes a protecção em todos os sentidos, fossem invulneráveis à surpresa e exímios na utilização das suas armas.

Destas características base se partiu. Oficiais competentes e experimentados estudaram exaustivamente o problema posto por este esquema e laboriosamente deduziram critérios de selecção, planos de instrução, regras de conduta e normas de actuação. E lançou-se a instrução com a flexibilidade necessária para se melhorar e aperfeiçoar dia-a-dia.

Formaram-se unidades de “Comandos”, que se distinguiram logo e a ideia alastrou para a Guiné e Moçambique.

Como tive a honra de estar presente nesta “fase de arranque”, ainda hoje vejo com admiração as figuras do Major Jasmins de Freitas, Tenente-coronel Antunes de

Sá, Major Gilberto Santos e Castro, Major Soares Carneiro e de todos os militares que estiveram sob o seu comando.

E guardo a mais grata recordação do jornalista Dante Vacchi, figura fascinante de aventureiro do Mundo e que teve influência e intervenção importantes naquela “fase de arranque”.

Uma palavra final de respeito e veneração e de pungente saudade pelo General Venâncio Deslandes, Comandante-Chefe, e General Holbeche Fino, Comandante da Região Militar, que interessada e decisivamente apoiaram esta nova concepção de tropa.

O “Comando” PODE porque é física e psicologicamente robusto.

O “Comando” SABE porque conhece o combate

O “Comando” QUER porque tem princípios e o culto da Honra.

Ainda hoje, quarenta anos passados, sinto um frémito de emoção quando ouço a saudação “MAMA SUME”.

Foram estes “primeiros tempos”, que me fizeram reviver o laborioso trabalho do Coronel “Comando” Mendonça Ventosa*.

Mas os “Comandos” bem mereceram que se fixassem em livro, a sua origem e a sua evolução.

Por mim, enalteço a instrução e felicito-me por ser entregue ao entusiasmo, à dedicação e à persistência do Coronel “Comando” Mendonça Ventosa, a pesquisa e reunião dos elementos principais dessa evolução e atribuído o encargo de produzir este livro.

Lisboa, 12 de Dezembro de 2003

José Manuel De Bettencourt

Conceição Rodrigues

GENERAL “COMANDO” HONORÁRIO

* A referência ao Coronel de Infantaria Comando João José Mealha de Mendonça Ventosa, deve-se ao facto de à data estar a iniciar-se a recolha de elementos para a presente publicação, projecto do qual se desligou posteriormente, por razões pessoais.

CÓDIGO COMANDO

O “Comando” ama devotadamente a sua Pátria, estando sempre pronto a fazer por ela todos os sacrifícios. Constante exemplo de energia, de amor ao trabalho, de dedicação e de lealdade aos chefes, não discute as ordens que recebe, não admite nem conhece embaraços ou resistências à sua integral execução.

Remove todos os obstáculos ao fiel e exacto cumprimento dos seus deveres, sejam quais forem as dificuldades a que tenha de se sujeitar, sem procurar que outrem tome à sua conta o que lhe incumbe fazer.

O “Comando” pratica a camaradagem e procura assegurar a solidariedade moral entre todos os seus irmãos de armas; mas não aceita a indignidade, nem a desobediência, nem o desrespeito pelas regras da disciplina e da honra. Sempre disposto a auxiliar quem precise do seu apoio material ou do seu amparo moral, quer na paz, quer na guerra, e em frente do inimigo, afirma-se constantemente pessoa de carácter.

O “Comando” ama as responsabilidades. Sempre pronto a comandar e disposto a obedecer, não admite a suspeita de

haver nos seus superiores a intenção de oprimi-lo ou de, por qualquer forma, o diminuir. Porque é sua constante preocupação agir como verdadeiro “COMANDO”, tem nos seus chefes ou comandantes a mais segura confiança e a mais acrisolada fé.

Sempre generoso na vitória e paciente na adversidade, o verdadeiro “COMANDO” trata com solicitude, acarinha e estimula aqueles que lutam e sabem vencer todos os obstáculos. Não admite a mentira, mas respeita os estóicos e abnegados que servem sem preocupação de paga ou de satisfação de interesse de qualquer natureza.

O carácter, a lealdade, a fidelidade, a obediência e a determinação são virtudes inalienáveis do “COMANDO”. Sejam quais forem os seus dotes de saber, o “COMANDO” que as não possua ou as despreze deve ser inexoravelmente privado do seu título.

O “Comando” não foge ao perigo, não evita as situações que possam acarretar-lhe incómodos. Incumbido de uma missão, põe no cumprimento dela todas as suas possibilidades de actuação, todas as suas forças físicas, intelectuais e morais.



INTRODUÇÃO

O “Código Comando” é a referência fundamental da especialidade “comando”.

Nas Unidades Comando, da formatura diária, no início de serviço, faziam parte a revista às tropas, a leitura do “Código Comando” e o içar da Bandeira Nacional.

Pretendia-se assim, que os valores e princípios expressos no “Código Comando”, desde o primeiro dia de instrução, moldassem de forma indelével, a formação dos militares Comando, estando sempre presentes no cumprimento das suas missões e na sua forma de ser e de estar.

Como tal, consideramos ser, transcrevendo o “Código Comando”, a melhor forma de se iniciar esta publicação, em que se pretende compilar o historial da especialidade comando e ao longo da qual se fará a abordagem dos factos que levaram ao seu aparecimento, as condições em que se iniciou, desenvolveu e projectou a instrução, a constituição e actuação dos primeiros grupos de comandos nos três teatros de operações Angola, Guiné e Moçambique e os principais intervenientes no processo.

Os elementos inseridos, nesta publicação, são fruto de pesquisa e análise, não só de documentos oficiais, como também de testemunhos escritos e orais de entidades particulares, naturalmente com o cunho pessoal de quem os redige.

Apesar de todos os esforços e diligências, não nos foi possível obter alguns elementos que nos permitissem completar alguns campos, como é o caso dos emblemas de braço e das fotografias dos grupos, assim como as actividades desenvolvidas pelos Grupos do CI-25.

Houve a preocupação de que a veracidade dos factos não fosse comprometida; esperamos tê-lo conseguido.

INTRODUÇÃO

Os elementos inseridos nesta publicação, são fruto de pesquisas e análise, não só de documentos oficiais, como também de testemunhos orais e cartas de conhecidos particulares, naturalmente com o devido respeito da quem pesquisa.

As operações Angol, Guiné e Moçambique e a principal intervenção no processo que, a constituição e activação das primeiras forças de combate nos três países, seu desenvolvimento, as condições em que se realizaram, desde a libertação e o estabelecimento e no longo da qual se tem a participação das forças de combate e de apoio, com o objectivo de cumprir a missão de combater.

Com a constituição das forças de combate, a principal intervenção no processo que, a constituição e activação das primeiras forças de combate nos três países, seu desenvolvimento, as condições em que se realizaram, desde a libertação e o estabelecimento e no longo da qual se tem a participação das forças de combate e de apoio, com o objectivo de cumprir a missão de combater.

Com a constituição das forças de combate, a principal intervenção no processo que, a constituição e activação das primeiras forças de combate nos três países, seu desenvolvimento, as condições em que se realizaram, desde a libertação e o estabelecimento e no longo da qual se tem a participação das forças de combate e de apoio, com o objectivo de cumprir a missão de combater.

COMANDOS – OS GRUPOS INICIAIS

I

ANGOLA

CRIAÇÃO DA ESPECIALIDADE “COMANDO” SUA ORIGEM E EVOLUÇÃO 1962 – 1965

HORÁCIO DA SILVA FERREIRA

Coronel de Infantaria “Comando”

Organizou e redigiu os textos desta parte I:

Coronel de Infantaria “Comando” Horácio da Silva Ferreira

Investigaram:

Coronel de Infantaria “Comando” Horácio da Silva Ferreira

Coronel de Infantaria “Comando” João José Mealha de Mendonça Ventosa

Tenente-coronel QTS “Comando” Francisco José de Almeida Alves

Sargento-Mor de Infantaria “Comando” Rui Jaime Domingues da Fonseca

Coordenou e Reviu:

Major-general Henrique António do Nascimento Garcia

Agradecimentos

Queremos agradecer a todos os que se disponibilizaram a colaborar neste trabalho, contribuindo com os seus testemunhos e documentação, cedendo dos seus arquivos pessoais, fotografias, mapas, emblemas e outros documentos, que muito contribuíram para o seu enriquecimento.

(organizar e redigir os textos desta parte);
Conselho de Infância "Comando" Horácio da Silva Pereira

Investigação:

Conselho de Infância "Comando" Horácio da Silva Pereira
Conselho de Infância "Comando" João José Mendes da Silveira Ventura
Tribunal de Justiça QTS "Comando" Tereza José de Almeida Aires
Zacarias-Mor da Infância "Comando" Rui Jaime Domingues da Fonseca

Coordenação e Revisão:

Majestade, Henrique António do Nascimento Gato

Agradecimentos

Queremos agradecer a todos os que se disponibilizaram a colaborar neste trabalho, contribuindo com os seus testemunhos e documentação, incluindo nos seus arquivos pessoais, fotografias, mapas, envelopes e outros documentos, que muito contribuíram para o seu enriquecimento.

Factos que terão contribuído para a criação da especialidade “Comando”

CONFLITOS INDEPENDENTISTAS

Os conflitos da Indochina e da Argélia e as lutas das colónias europeias em África pela sua independência, vieram chamar a atenção do poder político e das chefias militares para confrontos cujas características saíam fora dos parâmetros da chamada “guerra clássica”.

A necessidade de conhecer melhor essa realidade, onde os meios estavam a ser utilizados de forma diferente, com novas técnicas e nova organização de algumas forças intervenientes, e prevendo-se que essas novas técnicas e esses novos meios pudessem vir a ser adoptados pelo nosso Exército, caso houvesse necessidade de intervir militarmente para se manter a integridade e segurança dos nossos territórios ultramarinos, levou à decisão de enviar oficiais à França e à Argélia.

Nesse sentido, o Ministro do Exército, em 11 de Junho de 1958, produziu o seguinte despacho:

*“O Major Hermes de Oliveira é destacado para efectuar os seus estudos em França, sendo assim o oficial do Estado – Maior do Exército desde já encarregado de assumir a direcção da instrução no nosso País, pelo menos no arranque inicial”*¹

Regressado a Portugal, com os elementos e os conhecimentos necessários para se iniciarem os trabalhos destinados à criação de Unidades capazes de actuar de acordo com essas novas técnicas, continuaram os trabalhos, para a criação e formação de tais Unidades.

¹ Estado-Maior do Exército – Subsídios para o estudo do Esforço Milita Português, na década de 50 – Os compromissos com a OTAN – Volume I – Lisboa 1988

Na continuação do projecto, é nomeada uma comissão integrando os Majores do CEM Hermes Araújo de Oliveira, José Alberty Correia e os Majores José Augusto Torres Pinto Soares e José Maria Henriques da Silva, respectivamente Comandante e 2º Comandante do BCaÇ 5, para estudar a criação de: “*Unidades especiais de utilização imediata*”.

Esta comissão, produziu dois relatórios, onde no relatório nº1, articulado em 4 partes, vem preconizar no ponto IV, a criação/organização das Unidades de choque.²

A título de curiosidade e pela semelhança que tem com a organização, que vieram a ter as Companhias de Comandos, transcreve-se a composição que o relatório prevê para estas Unidades, nos seguintes escalões:

- a) Grupo de acção – 1 cabo e 8 Soldados
- b) Unidade de missão – Secção
- c) Unidade de combate – pelotão
- d) Unidade táctica – companhia
- e) Unidade administrativa – batalhão” 1

Preconiza-se ainda, a não criação de batalhões, mas sim a formação de Companhias independentes, de preferência a quatro pelotões.

A Directiva do Ministério do Exército de 22 de Abril de 1959 entra na fase de concretização deste projecto, remetendo a sua condução para o Estado-Maior do Exército. Estabelece esta directiva que, com carácter de urgência, seja criado um Centro de Instrução de oficiais, sargentos e especialistas, destinado à preparação para operações de contra-guerrilha, de guerra contra-subversiva e, de um modo geral, às operações de segurança interna.

Nos estudos subsequentes, centraram-se as preocupações mais na formação dos elementos que constituiriam as forças, do que na orgânica das Unidades e na implementação de um Centro de Instrução. Foi ainda dada indicação para que, com a maior urgência, se realizassem estágios na Argélia e noutros centros especializados franceses, por parte do pessoal indigitado para dirigir o Centro de Instrução ou que ali viessem a desempenhar funções de instrutor e monitor. 1

Dos estudos do EME, levados a efeito por força da citada Directiva do Ministro do Exército de 22 de Abril de 1959, voltou a referir-se a urgência do desenvolvimento do projecto e da definição do QO do BCaÇ 5.

O Ministro, por despacho de 08 de Outubro de 1959, deu indicação para a criação de um CITA – Centro de Instrução das Tropas de Assalto e dotar o BCaÇ 5 de uma organização adequada.

² Designação esta, alterada mais tarde, para tropas de assalto.

Por força deste despacho, em 06Nov1959, o Gabinete do Ministro envia ao EME um relatório sobre o reconhecimento efectuado para a escolha do local, destinado à instalação do CITA.

Este relatório vem a ter uma grande importância no desenrolar do processo pois é ele que irá dar origem à criação do actual CIOE, localizado em Lamego, tendo em 05Jul1960 sido publicada em Ordem do Exército a Portaria 17793, que fixa o Quadro Orgânico do CIOE, com um efectivo de 21 oficiais, 35 sargentos e 319 praças³.

As Tropas de Assalto (cuja instrução não chegou a implementar-se) vieram a tomar a designação de “Caçadores” e o BCaç 5, desde o início de 1960, passou a ficar com o encargo da instrução das Unidades de Caçadores Especiais.

Das directivas do Ministro do Exército sobressai a necessidade da criação das citadas Unidades de caçadores especiais, com uma preparação e mentalização diferentes, para intervirem na contra-guerrilha.

Em Março de 1959 deslocou-se à Argélia, uma delegação constituída por seis oficiais superiores⁴, para a frequência de um estágio, que tinha por objectivo, em contacto com o conflito ali existente, recolher o maior número de ensinamentos para futura formação das nossas tropas.

Do relatório na altura, elaborado pela delegação no final da missão⁵, transcrevem-se as idéias base que, tudo indica, terão contribuído para a definição dos princípios em que assentou a nossa actuação no ex-ultramar:

- “Como lição fundamental: é necessário, indispensável e urgente tomar disposições adequadas para que o nosso Exército se coloque em condições de combater a guerra revolucionária”.
- “Impõe-se que o Exército mantenha estreito contacto com as populações e autoridades civis, o que obriga a dispor permanentemente de efectivos consideráveis, convenientemente disseminados.”
- “Dar a todos os militares, que vão servir nas Forças Ultramarinas, uma instrução completa de adaptação à contra-guerrilha e à pacificação.”

Este estágio, em que os seis oficiais portugueses participaram, foi repartido por 10 dias em Paris e 31 na Argélia e era frequentado por todos os oficiais franceses destacados para esta Província francesa, antes de seguirem para as suas Unidades de destino.

³ O CIOE foi criado pelo Dec.Lei n° 42928 de 16 de Abril de 1960

⁴ Major do CEM Joaquim António Franco Pinheiro, Capitão do CEM Carlos A. P. da Costa Matos, Capitão de Infantaria c/CGEM José A.F.F.P. Basto Carreira, Capitão de Infantaria c/CGEM Emiliano Quinhones de Magalhães, Capitão de Artilharia c/ CGEM Nuno Bessa de Almeida Frazão, Capitão de Infantaria c/ CGEM José Luís Almiro Canelhas

⁵ Ministério do Exército – Relatório da missão à Argélia – 10 de Março- 20 de Abril - 1959

As matérias, nele tratadas, visavam fundamentalmente a guerra psicológica, a sociologia muçulmana, o conhecimento do adversário e a adaptação do Exército Francês à guerra revolucionária, com relevância para o tiro instintivo, operações, apoio aéreo e educação física militar.

Os ensinamentos colhidos pela delegação, em contacto com esta nova realidade – a guerra subversiva – levou não só a alterações nos programas e métodos de instrução, como à necessidade de se criarem unidades especializadas, para enfrentar este tipo de conflito, dando origem às Companhias de Caçadores Especiais. “Nascem assim as três primeiras Companhias de Caçadores Especiais”. Deve salientar-se que, no seu levantamento foram tomados de imediato cuidados especiais, em particular no recrutamento do pessoal, sobretudo das praças.

Relativamente à instrução, esta passou a ser mais rigorosa e cuidada. Todo o pessoal foi instruído nas áreas de topografia (leitura de cartas, orientação pela bússola e pelos astros), de primeiros socorros, tendo-lhe ainda sido ministrada uma vigorosa instrução de combate (diurno e nocturno), envolvendo a transposição de pistas de combate debaixo de fogo real. Foi dado especial relevo à educação física, tendo sido introduzido o “trabalho de estrada”.

Na Educação Militar e Cívica, o pessoal foi instruído quanto à forma como devia relacionar-se com as populações ultramarinas.

Terminada esta primeira fase no BCaÇ 5, as Companhias deslocaram-se em Abril de 1960 para Lamego, dando-se início à Instrução de Aperfeiçoamento Operacional, onde foram pela primeira vez treinadas operações especiais de contra-guerrilha, tais como: a emboscada, a nomadização, o cerco e limpeza, entre outras técnicas. Seguidamente embarcaram para Angola, em 02Jun1960.

Foram ainda constituídas no BCaÇ 5, mais três Companhias de Caçadores Especiais e seis no BCaÇ 10.

Posteriormente foram formadas mais vinte e duas Companhias de Caçadores Especiais, em que os quadros tiveram instrução no CIOE e as praças nas Unidades mobilizadoras.

Em determinada altura, pretendeu-se que, todas as Companhias fossem de Caçadores Especiais. Tal não foi possível, dadas as exigências específicas, que se pediam às suas praças e quadros, que não podiam ser extensíveis a todo o contingente.

Ficou, no entanto, latente, a necessidade de existir pessoal seleccionado, a quem deveria ser dada, uma diferente e melhor preparação, nos aspectos físicos, técnicos e de mentalização para o combate, abrindo, dessa forma, caminho uma especialidade, que viria a ser designada por “*especialidade comando*”.

CRIAÇÃO DO CENTRO INTER-ARMAS ⁶

Foi em Cabinda que o Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola (CCFAA)⁷ pensou criar o primeiro Centro de Instrução para missões especiais, na sequência do seu despacho de 12 de Setembro de 1961, que se transcreve, surgido em consequência da evolução da situação operacional.⁸

- a. "...Não obstante a manifesta boa vontade e desejo de cumprir das nossas tropas, a experiência demonstrou já que o tipo de guerra que vimos enfrentando mostra, à evidência, que há necessidade de dispormos de uma "4ª força" com a missão especial de contra guerrilha, uma vez que as unidades militares normais não estão, por natureza, em condições de a desempenhar.
- b. As tentativas de ordem teórica feitas até agora, nesse sentido, foram goradas; ora, a verdade é que é urgente e inadiável resolver o problema dado que com a vinda das chuvas as tropas perderão toda a pequena mobilidade que lhes resta ainda e terão inevitavelmente de se limitar à manutenção das posições que vierem a ocupar no dispositivo de Inverno, bem como à vigilância das vias de comunicação que permitirem passagem.
- c. A descoberta de três brancos na missão de reconhecimento à ilha do Dange indica, à saciedade, que é possível manter, no meio da floresta, gente civilizada à europeia, desde que seja devidamente seleccionada entre os europeus que satisfaçam determinadas condições, entre os quais são dignos de realce uma sólida formação moral, uma considerável resistência física, conhecimentos adequados e suficientes de "sobrevivência" em ambientes hostis e, sobretudo, uma mística.
- d. Além disso, é de ter em atenção que a orgânica dos grupos anti-guerrilha tem uma importância fundamental. Eis porque neles se exige uma grande mobilidade, aliada a um considerável poder de fogo. Ora isto implica um aligeiramento quer no que concerne ao equipamento, que deve ser muito

⁶ Resenha Histórico-Militar das Campanhas (1961-1974) / Aspectos da actividade operacional – Tomo 1 Angola – Livro 1 / CECA

⁷ General Venâncio Deslandes

⁸ De "A História dos Comandos"

simples, quer no respeitante ao efectivo de homens que deve ser diminuto; quer, ainda, ao armamento que deve ser poderoso.

- e. Deve-se atentar no facto de que os problemas agora e aqui expostos necessitam de um tratamento adequado e conveniente, uma vez que, até ao momento, não tivemos ainda infelizmente, qualquer experiência no assunto e que a sua resolução não pode ser deixada à mera intuição pessoal ou à especulação intelectual. É, pois, indispensável arranjar uma fórmula mais séria de trabalhar com segurança, não se descortinando outra senão a constituição de um Centro Inter-Armas, no qual se proceda a estudos e experiências que permitam tirar as conclusões mais razoáveis.
- f. Tal Centro deverá ser localizado no ambiente hostil de Cabinda, onde as florestas possuem o seu maior desenvolvimento.
- g. Para começar, hão-de ser utilizadas, como plano de prova, uma sub-unidade pára-quedista e uma sub-unidade indígena, para estudo dos grupos...”

Em Setembro de 1961 foi instruído o Governador do Distrito e Comandante Militar para, com urgência, organizar e dirigir um Centro de Instrução de Missões Especiais, tendo em vista que dispusesse de 100 grupos mesclados de contra-guerrilha, para o início da época das chuvas que se avizinhava.

Em nota de 05 de Outubro, o Governador do Distrito propunha a instalação do Centro, nos edifícios da antiga Administração do Maiombe, em Buco-Zau e que deveria considerar-se a hipótese de o curso ter quatro semanas, o que fazia com que só em princípio de Janeiro de 1962 fosse possível lançar em missões especiais, os primeiros grupos de Comandos de Contra-guerrilha.

Ao mesmo tempo que os preparativos para o curso progrediam era feito um convite, divulgado em toda a Região Militar de Angola, nos seguintes termos:

“...O General Comandante-Chefe convida os oficiais, sargentos e praças das Forças Armadas para servirem em missões especiais.

Para a execução destas missões exige-se, em alto grau, total abnegação, grande espírito de sacrifício, alta compreensão do dever militar perante os perigos que ameaçam a Pátria e um desejo incontido de vencer. Cōscio de que as virtudes da raça portuguesa não esmoreceram, espera que um número importante de voluntários se apresente e assegura-lhes que a Pátria se orgulhará da sua acção e lhes dará as recompensas que o seu valor e mérito merecem...”

Foram-se reunindo em Buco-Zau os oficiais designados para orientar a instrução do Centro⁹, preparando as carreiras de tiro, pistas de risco, de tiro e de combate e melhorando as condições de habitabilidade de Buco-Zau. Fizeram-se reconhecimentos, fichas de instrução e de controlo e recrutaram-se, oficialmente, nativos especialistas na identificação de plantas utilizáveis, na pistagem e para guias da área. Fez-se uma reduzida escola de quadros, reunindo conhecimentos e experiência que os instrutores, idos de Cabinda e dos Dembos e, expressamente, da Metrópole, tinham acumulado¹⁰.

Em 29 de Novembro, iniciou-se o estágio experimental com um período de instrução de 15 dias consecutivos, sendo utilizados como instruendos um pelotão de pára-quedistas e seis praças indígenas.

O estágio decorreu muito satisfatoriamente, mas a ideia do Centro morreu neste período experimental, por terem sido postas dificuldades pela 3ª Repartição do Estado Maior do Exército, pelo Chefe do Estado-Maior do Exército e pelo Ministro do Exército, não obstante ter havido cerca de 1500 militares a aceitarem o convite. O próprio General Comandante da Região Militar de Angola não era favorável à criação de Unidades Especiais de voluntários, por recear que isso baixaria o moral e o carácter ofensivo, que se vinha imprimindo à massa das tropas regulares, julgando preferível caminhar-se no sentido de uma melhoria da organização e equipamento de todas as Unidades, para se adaptarem à referida luta e ao meio em que se encontravam.

O General António da Silva Osório Soares Carneiro, participou na instrução, que foi ministrada no Centro Inter-Armaz, tendo a sua acção sido devidamente realçada, no louvor com que na altura foi agraciado, na Região Militar de Angola, de cujo texto se transcreve o trecho correspondente:

*Por Portaria de 22 de Setembro de 1962
(Ordem do Exército nº 10 / 2ª Série/ 01Out62)*

Louvido o Capitão de Infantaria António da Silva Osório Soares Carneiro, pelo excepcional e brilhante trabalho desenvolvido desde Junho de 1960 e durante mais dois anos, no distrito de Cabinda...

⁹ O Centro passou então a designar-se por Centro Inter-Armaz (C.I.A.), como se referiu no nº.5 do despacho do CCFAA.

¹⁰ Os elementos referidos sobre o Centro foram facultados pelo General Soares Carneiro, então comandante da 1ª CCE (Companhia de Caçadores Especiais).

“...Em Outubro e Novembro de 1961, volta ao Maiombe, chamado a ministrar uma instrução experimental de operações especiais na selva e aí mais uma vez pôs à prova a sua extraordinária capacidade física e, com superior sentido de orientação didáctica, difunde os seus vastos conhecimentos sobre matéria tão pouco conhecida entre nós, da forma mais racional e conveniente. Os serviços prestados por este oficial ao Exército e à Nação, na presente conjuntura em Angola, devem assim ser considerados relevantes, extraordinários e distintos...”



General António da Silva Osório Soares Carneiro
COMANDOU A 1ª COMPANHIA DE CAÇADORES ESPECIAIS
ANGOLA 1961

CONCLUSÃO:

Analisados os factos, verificou-se que a implementação do Centro Inter-Armas em Cabinda não se concretizou, ficando consequentemente sem efeito o projecto para instruir tropas com o objectivo de virem a constituir a chamada “4ª força”, estas com capacidade para efectuar operações especiais de contra-guerrilha.

No entanto, este projecto continuou a ser considerado como válido, sendo abraçado mais tarde pelo Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, General Venâncio Augusto Deslandes.



General Venâncio Augusto Deslandes
COMANDANTE-CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS
DE ANGOLA, DE 10JUN61 A 26SET62

O ACIDENTE DE AVIAÇÃO DO CHITADO ¹¹

Face à exiguidade de efectivos existentes em Angola, à data do início da insurreição armada, a primeira prioridade para a ocupação territorial recaiu naturalmente, na Zona de Intervenção Norte (ZIN).

Tornou-se porém evidente a necessidade de ocupar também o Leste e o Sul de Angola o que não pôde ser feito no momento desejável em que as populações se sentiam inseguras perante a avalanche de boatos e se admitia a possibilidade real de a subversão extravasar a ZIN. A ocupação dessas áreas fez-se ao ritmo da chegada de novas Unidades da Metrópole e no momento em que se tornou evidente o controlo seguro da ZIN e a sua estabilidade militar, o que veio a suceder em Outubro – Novembro de 1961.

A prioridade seguinte foi atribuída à Zona de Intervenção Leste (ZIL). O Comandante da 3ª Região Militar (mais tarde Região Militar de Angola), com alguns oficiais do Quartel-General visitou a região Leste, deslocando-se nomeadamente ao Luso e à Lunda, para onde foi enviado um Batalhão e quatro Companhias de Caçadores.

Na sequência desta acção iniciaram-se de imediato os preparativos para a colocação de tropas na região Sul, onde alastrava a influência de Simão Toco que criou um movimento “Tocoísmo”, que tinha por base uma tendência de reacção contra a presença do branco, evoluindo progressivamente para movimento político-religioso, de características xenófobas, que fora isolado na Baía dos Tigres e onde se sentia uma certa agitação nos povos Ovambos, com reflexos na região aquém do Cunene. Esta seita religiosa – o “Tocoísmo”, com grande número de seguidores, que apoiavam a subversão, era um movimento profético messiânico, que resultou do proselitismo de um elemento protestante, – Simão Toco – que fixou uma doutrina extraída da interpretação liberal da Bíblia, com aceitação de alguns elementos das religiões nativas ancestrais.

Preparou-se nova missão de observação ao Sul da Província com o fim de reconhecer locais e instalações existentes para instalar tropas, de acordo com o que a evolução da situação viesse a exigir. Prevvia-se visitar Forte Roçadas e Pereira de Eça.

A missão partiu de Luanda num avião C-47 (DAKOTA), no dia 10 de Novembro de 1961 às 05H23 e aterrou em Sã da Bandeira às 07H55, donde saiu às 09H50, com destino a Forte Roçadas, conforme o que estava previsto, desconhecendo-se o porquê do plano de voo ter sido alterado durante o percurso.

¹¹ Resenha Histórico-Militar das Campanhas (1961-1974) / Aspectos da actividade operacional – Tomo I Angola – Livro I / CECA

Às 10H30 de acordo com a informação da Força Aérea, já com dia bastante quente (40°C), com a turbulência característica da hora e do local, o avião talvez pelo facto de o piloto ter apertado demasiado a volta de observação do local de aterragem e não por falha mecânica, perdeu velocidade e sustentação o que o levou a roçar pela ramagem de uma árvore de grande porte e, de seguida, entrar em perda e embater no solo, em voo invertido.



**Árvore onde embateu
a aeronave**



Aeronave acidentada



Monumento evocativo do acidente



Placa evocativa do General Freire colocada no Monumento

No desastre pereceram todos os ocupantes da aeronave, nomeadamente o General Carlos Miguel Lopes da Silva Freire, na altura Comandante da 3ª Região Militar e Comandante Chefe Interino, o Chefe do EM/QG/RMA e os Chefes da 3ª e 4ª repartições, que se dizia não teriam dado parecer favorável quanto à existência de uma tropa a quem fosse ministrada uma instrução e preparação diferente das restantes forças, como aliás ficou expresso no que respeita à criação da citada “4ª força”.

Ao serem substituídos nas suas funções, por oficiais que vieram a ter um parecer diferente quanto à formação da citada “4ª força”, deu-se abertura à tomada de decisões, que gradualmente conduziram á criação do CI-21 em Zemba e ao aparecimento da especialidade “comando”.

DANTE VACCHI – INTERVENÇÃO NO PROCESSO

No desenrolar dos acontecimentos, conjugaram-se entre si diversos factores, que foram concorrentes, para o aparecimento de forças, que viriam a ter a designação de “Comandos”, com a finalidade de as distinguir das já existentes, sendo preparadas para novas formas de actuação em combate.

A preparação das nossas tropas para a guerrilha na selva, pese embora toda a sua abnegação e espírito de missão e apesar dos esforços dispendidos na sua reorganização e instrução desde 1958, vinha-se revelando pouco eficaz, para combater a guerrilha e a subversão, em consequência das características do terreno e da evolução das técnicas de combate das forças rebeldes.

A constatação deste facto por parte de alguns comandos militares, nomeadamente o Comandante da Região Militar de Angola General Francisco Holbeche Fino, constituiu o “dispositivo iniciador”, que abriu “o trilho” por onde se começaram a dar os primeiros passos, para constituir forças com preparação especial para este tipo de combate.

A visita do jornalista italiano do “Paris Match”, Cesare Dante Vacchi e da sua acompanhante Anne Gaez, a Angola, mais precisamente ao Batalhão de Caçadores nº 280, sediado em Nôqui, que era comandado pelo Ten Cor Inf^a António de Almeida Nave, com o intuito de efectuar uma reportagem sobre a guerra em Angola, veio chamar a atenção das Chefias Militares para a necessidade de serem reformulados os métodos de actuação.



António de Almeida Nave
TENENTE CORONEL INF^a

Todos os testemunhos relativos a Dante Vacchi e à sua acompanhante Anne Gaez a que tivemos acesso aquando da sua passagem por Angola, apontam-nos como sendo “simples jornalistas”, ao serviço da revista “Paris Match”.

Acontece no entanto, que a revista em questão nos anos de 1962/63, não publicou qualquer artigo ou fotografia sobre a situação em Angola da autoria de Dante Vacchi ou de Anne Gaez, o que levanta reservas quanto à sua verdadeira identidade e profissão.



**PELA PRIMEIRA VEZ
UM JORNALISTA
CONSEGUE PENETRAR
NA INTIMIDADE DO
PRESIDENTE PORTUGUÊS**

guns aspectos do jardim, integrei-me no ambiente em que vive o Presidente do Conselho Português. Uma jovem camareira introduziu-me, por um longo corredor, numa saleta, onde podem notar-se dois ou três álbuns de fotografias de Paris e da França e um certo número de livros de línguas diversas, todos com a biografia de Salazar trazida em vários países.

partimento está vazio. De manhã, o presidente desce a escada. No fundo da qual há um divã de estofado vermelho colocado a um canto. Numa pequena mesa, D. Maria prepara todos os jornais portugueses da manhã e alguns estrangeiros. Salazar, que tomou o pequeno almoço no quarto, antes de descer, instala-se no divã, tapando as pernas com um cobertor.

Mas o ambiente é escuro. Gostaria de retratar to-

Semanário Ilustrado "Notícia" – 14 de Julho de 1962 / Luanda – Angola

Por outro lado, o protagonismo e estatuto, que a pessoa de Dante Vacchi alcançou no desenrolar do processo, nomeadamente nos contactos que estabeleceu com as entidades militares, (chegou mesmo a ser recebido pelo Presidente do Conselho de Ministros, Dr. Oliveira Salazar) e nas decisões tomadas sobre a condução da instrução no C I – 21 e na utilização dos meios a ela afectos, suscitam a possibilidade de eventualmente as suas capacidades e conhecimentos militares, ultrapassarem os resultantes da experiência que dizia possuir, adquirida unicamente, como jornalista na Indochina e na Argélia.

Caroza, o homem mais desista, muito colérico, perto da mesa onde se encontra Salazar e aguarda o fim do almoço que está pedindo no chão.

das estas cenas. Para começar peço a Dona Maria que se deixe fotografar e ela aceita cortezmente. Depois digo-lhe que é essencial, para completar a reportagem, que eu fotografe o próprio Salazar. Surpreendida, acaba prometendo vagamente que se interessará pelo assunto.

Volto alguns dias depois, pretextando que, por causa do dia chuvoso, as primeiras fotos não tinham ficado boas. Dona Maria faz-me esperar numa pequena ante-câmara e quando começo a desesperar surge um homem alto e seco. A princípio tomo-o por um secretário mas logo me dou conta de que se trata do próprio Salazar que me estende a mão e me diz em francês correctissimo: «Co-

mo está, caro senhor? Creio que já esperou bastante por este encontro».

Passamos ao escritório onde uma grande mesa está coberta, como tudo, de «doziers», mapas e livros. O presidente senta-se numa poltrona de cor, com as costas viradas para a mesa e põe os pés num bânquinho de madeira. À esquerda, uma pequena mesa suporta um retrato de Pio XII com dedicatória. Num alto contador outras fotografias, entre as quais as da Rainha de Inglaterra e a do Príncipe Filipe. Uma grande imagem da Virgem domina o compartimento. O telefone está no chão, ao pé da poltrona. Alguns quadros antigos nas paredes. Tudo está imerso em penumbra porque as persis-

nas estão completamente corridas.

O presidente faz-me perguntas sobre a minha vida de repórter e convida-me a falar das minhas viagens de serviço, antes de fazer as fotografias. O nosso colóquio dura quase duas horas e nele surgem a Argélia, De Gaulle, o Congo, Angola, os americanos, os ingleses, a Índia e Goa. Salazar fala, naquele ambiente quase episcopal, como o antigo professor de Coimbra, com voz firme e pausada. Tem mãos exangues, rosto pálido, a tranquilidade dum pesquisador de biblioteca — dum homem que deseja que as coisas não mudem. É dominado por um extraordinário sangue frio.

DANTE VACCHI

Olhando da modesta família de agricultores da região entre Viseu e Coimbra, Salazar gostou da vida, da proximidade do pequeno patrimônio que existe a um canto do jardim.



Excertos da entrevista publicada no Jornal "Semanário Ilustrado" de 14Jul1962
Luanda — Angola

Pela importância, que a sua colaboração teve nas práticas de instrução e que em muito contribuíram para o aparecimento da especialidade "Comando" e pelo lugar que ocupa no imaginário das tropas "Comando", transcrevemos testemunhos que nos ajudam a melhor conhecer o personagem Dante Vacchi:

Testemunho do Major General Marquilhas, na altura capitão, 2º Comandante do CI — 21:

"Dante Vacchi era um jornalista italiano, presumivelmente repórter de guerra, um bocado aventureiro e que por certo andou por muitas partes do mundo. Era um homem muito "sui generis" e que um dia apareceu em Angola, falou não sei com quem, convenceu pessoas e foi para Nôqui cujo Batalhão comandado pelo Ten Cor Nave, era o 280. Aí, com o grupo do alferes Vieira iniciou uma série de acções que tiveram resultados, fruto em parte, talvez da imaginação de Dante Vacchi e da experiência que ele adquiriu nos sítios por onde passou. Ele dizia que tinha estado na Indochina e na Argélia, mas o que é certo é que tinha uma coisa importante no meu ponto de vista:

- Era um verdadeiro técnico na parte psicológica das tropas. Um homem que conseguia incutir à rapaziada uma vontade e um espírito absolutamente necessários, nisso era um "expert".

Então de Nôqui e dos resultados que eles obtiveram com aquele grupo do Vieira Pereira, talvez tenha nascido a nível do Quartel-General em Luanda, a ideia de constituir o CI — 21...."

– **Testemunho do Dr. João Vieira Pereira (Alferes do Batalhão de Caçadores 280):**

“...De uma vedeta da marinha desembarcou em Nôqui com bagagens e máquina fotográfica a tiracolo, da língua portuguesa, apenas arranhava o “Bom Dia” e “Como está”.

“...Ele loiro de estatura meã, exuberante, solteiro, sem poiso certo, habitual correspondente de guerra e naquela ocasião ao serviço de uma conhecida revista francesa, – era o Dante Vacchi.

Ela era Anne Gauez, também loira, mais alta que ele, um pouco mais nova, casada, francesa de origem alemã, muito menos exuberante mas igualmente simpática, repórter fotográfica da mesma revista.

A sua missão segundo diziam era fazer uma reportagem acerca da guerra em Angola e que seria publicada na revista Paris-Match.

Começaram precisamente em Nôqui, havendo instruções no Batalhão de Caçadores nº. 280 para que lhes fosse facilitada a tarefa.

O Dante e a sua companheira hospedaram-se no único hotel-pensão que existia em Nôqui, mas passavam a maior parte do tempo nas instalações do Comando do Batalhão. Com poucos dias de permanência no local, o Dante começava a entender e falar o suficiente da nossa língua para que evitássemos o recurso ao nosso deficiente conhecimento da língua francesa. Aliás, o seu pendor poliglota era nato – falava além do italiano, o francês, o inglês e alemão e dizia também saber falar árabe e alguma coisa de russo e espanhol. Claro que o português aprendido naquelas circunstâncias era bastante típico, com muito calão à mis-



Fotografia.:Esq. p/ Dir.:
2ºSarg Lencastre;
Alf Machado (Ex-CMDT de Pelotão
da 4ª CCI); Anne Dominique Gauez,
jornalista-fotógrafa do Paris-Match.

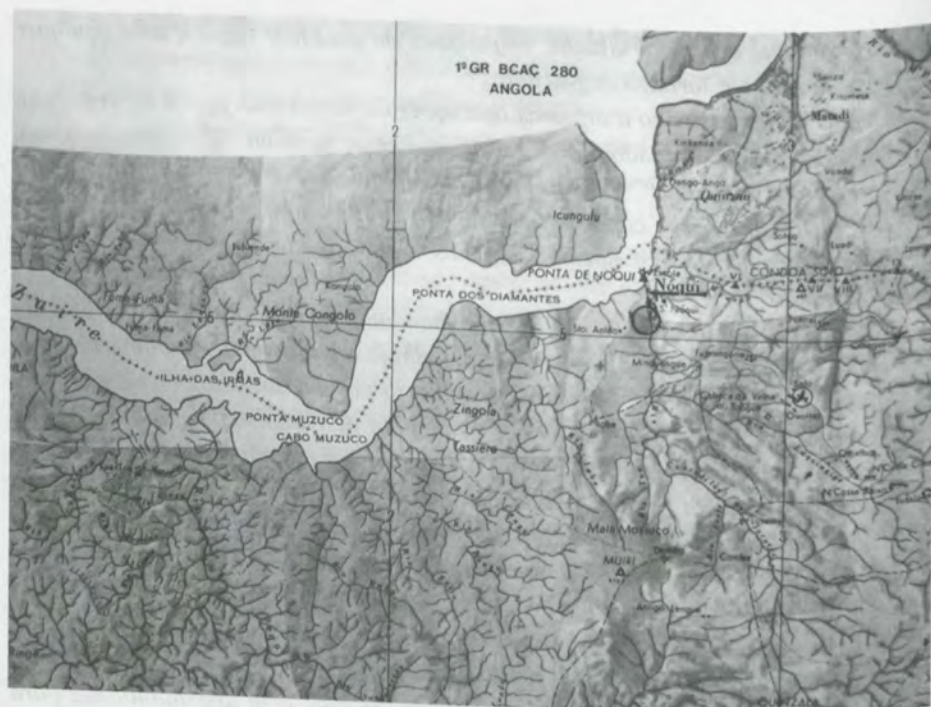
tura que ele, com naturalidade, empregava em qualquer lugar e com qualquer pessoa, o que o tornava engraçado.

Depois de ter assistido a algumas operações de rotina e de pouca envergadura, elogiava o nosso Soldado que se sacrificava como nenhum outro e era corajoso, mas "eram uns nabos" (calão aprendido rapidamente).

Ele dizia, que seria capaz de em menos de um mês, treinar um grupo de combate capaz de desempenhar as mais arriscadas missões – um verdadeiro "Comando".

Não sei se por iniciativa do nosso comandante, se por instruções vindas de cima, o Dante em pouco tempo tinha escolhido entre os muitos voluntários que apareceram, um grupo de combate composto por 16 Soldados e cabos, 4 sargentos e 1 oficial – o Alferes Antão do pelotão de reconhecimento. A instrução que lhes ministrava, pouco tinha de novidade para nós e baseava-se principalmente na destreza física. A novidade estava na forma simples e entusiástica como era dada. Não apelava para ideais patrióticos, mas para a necessidade de preservar a integridade física, do ataque em vez da defesa, da vantagem de ver sem ser visto. Por experiência – ele dizia-se antigo "Comando" na Indochina e na Argélia – por estudos ou por dom natural, era excelente psicólogo. Os Soldados que com ele tinham mais contacto adoravam-no. Não prometia melhores remunerações ou honrarias, mas em troca de uma disponibilidade para a acção conseguia que todos os militares do seu grupo de combate estivessem dispensados de guardas, faxinas e outros serviços de rotina. Quando por necessidade de instrução, foi necessário proceder ao rebentamento de explosivos para simular situações de combate e proceder à colocação de armadilhas, eu fui convocado por ser oficial sapador do Batalhão. Passei a acompanhar toda a instrução e as primeiras operações de treino e o Dante nas situações mais delicadas, tomou o hábito de me consultar perguntando-me o que faria eu ou o que deveríamos de fazer...

...Em Abril de 1962, tive um mês de férias, que aproveitei para passar com a minha família em Moçambique. O Dante continuava em Nókui. No meu regresso já não o encontrei lá, mas no dia da minha chegada, foi recebido no comando do Batalhão, um rádio do QG em Luanda, que ordenava a minha comparência naquele QG na 3ª Rep, sem explicar o motivo. Chegado a Luanda fui recebido pelo Major Silva Carvalho e pela primeira vez ouvi falar no projecto de um Campo de Instrução de "Comandos" a montar na Zemba, sob o comando do Capitão Jasmins de Freitas assistido pelo Capitão Marquilhas e que seria orientado pelo Dante Vacchi, o qual me teria indicado para instrutor de minas e armadilhas e teria mesmo imposto a minha comparência como condição para orientar o projectado campo de instrução...



Carta topográfica da Zona de Nôqui / Fronteira Norte

...Até ao início da instrução no Zemba poucas vezes vi o Dante Vacchi. Ao Zemba cheguei uma manhã de um dia e mês que já não recordo, com uma grande coluna de viaturas pesadas carregadas de madeira cortada para construir o aquartelamento e escoltado por uma Companhia de Cavalaria sedead no Mucondo. Era um campo aberto, cercado de alguns montes e muitas matas sem uma única habitação ou tenda."



Reunião de graduados com Dante Vacchi em Luanda,
para preparação da instrução
(Fotografia cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)

A acção desenvolvida por Dante Vacchi na preparação do grupo do Batalhão de Caçadores nº 280, alcançou suficiente protagonismo, para que viesse a ser contratado para colaborar na fase de instrução, que se iniciou em Zimbaúe CI-21, para a formação institucionalizada dos primeiros grupos de comandos tendo introduzido novas formas de preparação e actuação e novas ideias, nomeadamente a “Acção psicológica” (mentalização para o combate), que posteriormente viria a ter assinalável incremento.

O processo dessa contratação, consta dos diários do Senhor General Bettencourt Rodrigues, facultados a um oficial desta Comissão para o Estudo das Campanhas de África – 1961/1964¹² e que, com o devido reconhecimento, se transcreve o extracto, que a ela se refere:

¹² Coronel de Infantaria “Comando” João José Mealha de Mendonça Ventosa

– **Transcrição dos extractos dos diários**

- 05JAN62 – O Cmdt do Batalhão de Caçadores nº.280 (TCor Almeida Nave)¹³ expõe o plano de defesa de Nóqui e os meios que lhe são necessários.
- 22JAN62 – Reabro carta do Cor Furtado dos Santos (Chefe Gab/MEx), o Ministro do Exército – Gen Mário Pereira da Silva pede informações sobre a organização das Forças Especiais.
- 14MAI62 – Conversa com TCor Nave (Cmdt BCaÇ nº.280) sobre os jornalistas franceses que estiveram em Nóqui.
- 16MAI62 – Recebi o Sr. Dante Vacchi, jornalista do Paris Match. Foi uma conversa interessantíssima, de cerca de 2 horas. Os tópicos da conversa ficaram na 3ª Rep.
- 17MAI62 – Conversa com o Cmdt BCaÇ nº.280 (TCor Nave) sobre os “Comandos”.
- 21MAI62 – Gen Deslandes¹⁴ (Cmdt-Chefe) encarregou-me de falar ao Dante Vacchi, a ver se ele quer ficar cá para dar uma instrução de “comandos” às unidades do Sector F.
- 02JUN62 – Na conversa com o jornalista Dante Vacchi falou-se na constituição dum Centro de Operações Especiais. Lancei a ideia de podermos dispor da sua ajuda no arranque do Centro. Não deu resposta concreta. Teremos novo encontro depois da sua ida ao Sul.
- 09JUN62 – O Cor Marafusta Marreiros¹⁵ sugere-me o nome do Cap. Jasmins de Freitas¹⁶ para Cmdt do Centro de Operações Especiais.
- 11JUN62 – Pedro Cardoso¹⁷ vem a m/casa depois do almoço, para me apresentar as condições do Dante Vacchi. Afinal parece que se chega....
- 17H00 – Reunião no Gab Mil C-Chefe
São tratados os seguintes assuntos:
Criação do centro de Operações Especiais.
O Gen Deslandes deu-me carta branca.

¹³ Tenente-Coronel de Infantaria com o Curso Complementar do Estado-Maior (CCEM), Antônio de Almeida Nave

¹⁴ General Augusto Venâncio Deslandes, Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola

¹⁵ Coronel de Inf Joaquim Luciano Marafusta Marreiros

¹⁶ Capitão de Inf Fernando Manuel Jasmins de Freitas

¹⁷ Major de Cavalaria, do Corpo do Estado-Maior, Pedro Alexandre Gomes Cardoso

- 12,13JUN62 – Acordo com Dante Vacchi sobre as condições em que ficaria em Angola.
- 14JUN62 – Convido o Cap. Jasmins de Freitas para Cmdt do Centro de Operações Especiais. Aceita sem qualquer hesitação. Ponho-o logo em contacto com o Dante Vacchi.
- 16JUN62 – Expedidas notas pedindo a apresentação dos Cap. Freitas, Carvalhais e Ramalho no dia 25. Ficarão encarregados de pôr em andamento o Centro de Operações Especiais. Prevejo reacção das Unidades.
- Tenho uma última conversa com Dante Vacchi e Jasmins de Freitas.
- 17JUN62 – Dante Vacchi segue para Paris.
- 22JUN62 – Apresentou-se o Cap. Ramalho, indigitado para o Centro de Operações Especiais. Combino com o Major Rebelo¹⁸ (Chefe da 1ªRep) aproveitar para o Centro o Cap. Marquilhas,¹⁹ que vem destinado ao BCav nº.345.
- 23JUN62 – Convido o Cap. Marquilhas para o Centro de Operações Especiais.
- 29JUN62 – O Dante Vacchi deu sinal de vida. Deve regressar em 4Jul.
- 11JUL62 – O Maj. Silva Carvalho²⁰ (Chefe da 3ªRep) vai a S. Salvador tratar do recrutamento de pessoal para o C.Op.Esp., mas nada consegue, dada a situação no Sector. O que eles querem é mais tropa!
- 12JUL62 – O Maj. Silva Carvalho vai ao Quibaxe, com a mesma missão. Arranjamos grupos de 35 homens de 3 Batalhões. O Cor Marreiros sugere que se formem também grupos nos BCaÇ nº.185 (TCor Cid)²¹ e nº.325 (TCor Santana).²²
- 21JUL62 – Aparece o Dante Vacchi, que chegou ontem. Está a trabalhar com o Cap. Jasmins de Freitas e quer ir a Nôqui, para que o TCor Nave lhe empreste 15 “Comandos” por ele instruídos quando esteve lá.
- 26JUL62 – O Cap. Jasmins de Freitas e o Dante Vacchi foram a Quibaxe e regressam desanimados porque não há voluntários para o “Paraíso Perdido”. Há que recorrer à nomeação.
- 24AGO62 – Conversa com Dante Vacchi sobre o Centro de Instrução de Zemba. Prometi ir lá dentro de 15 dias.

¹⁸ Major de Inf, do Corpo do Estado-Maior, Joaquim Moreira Rebelo

¹⁹ Capitão de Cavalaria António Francisco Martins Marquilhas

²⁰ Major de Inf, do Corpo do Estado-Maior, Amadeu da Silva Carvalho

²¹ Tenente-Coronel de Inf, José Albano de Proença Oliveira Cid

²² Tenente-Coronel de Inf, António Pereira de Santana



General Francisco Holbeche Fino

COMANDANTE – CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS
DE ANGOLA, DE SET62 A DEZ63.

- 25AGO62 – Nova conversa com Dante Vacchi sobre o Centro de Instrução nº.21. Pede material, que lhe vai ser fornecido.
- 06SET62 – Recebi uma carta do Cor Marafusta Marreiros, com as impressões duma visita ao Centro de Instrução de Zemba. O Cap. Ramalho recolhe ao seu Batalhão (BCaÇ nº.262).
- 08SET62 – Transmissão de poderes do Gen Deslandes ao Gen Holbeche²³ que fica como encarregado do Governo e Cmdt-Chefe.
- 25SET62 – Ida ao Centro de Instrução nº.21 com o Cor. Galvão de Melo²⁴. Fico com boa impressão.
- 03OUT62 – A instrução em Zemba parece não estar a dar o rendimento que se pretendia.
- 08OUT62 – O Ten Ramires faz referências elogiosas ao D.Vacchi, destacando os seus reflexos de combate.
O Dante diz que a instrução deverá estar terminada em fins de Novembro.
- 25OUT62 – Aparece Dante Vacchi com o Sargento do BCaÇ nº.261 que foi particularmente ao Catanga fazer uma demonstração com os foguetões²⁵ da sua invenção. Parece ter sido um sucesso.

²³ General Francisco Holbeche Fino

²⁴ Coronel de Inf, José Maria de Azevedo Galvão de Melo

²⁵ “Rockets Vacchi”



Panorâmica do Aquartelamento de Quicabo
(Fotografia cedida pelo 1º Cabo Carlos Costa)

- 26NOV62 – Aparece o Dante Vacchi. Fala-se sobre a sua acção futura.
- 11DEZ62 – Falo com Dante Vacchi sobre a sua ida ao BCaÇ nº.325 (Quicabo, TCor Santana).
- 15DEZ62 – Faz hoje um ano que cheguei a Angola e tomei posse!
- 20DEZ62 – À noite recebe-se mensagem do Cor Marafusta Marreiros pedindo que o Dante Vacchi vá para o Quicabo, onde vão ser empenhados 3 Grupos de Comandos na acção em curso no N’Zoa. Segue amanhã de manhã.
- 21DEZ62 – Quando chego a casa telefona-me o D. Vacchi. Veio a Luanda ver se podia obter mais 1 helicóptero para poder transportar os “Comandos” para a rectaguarda do In no N’Zoa (Op. Roda Viva).
- 23DEZ62 – O Sector D comunica que a Op. Roda Viva (Quiunene) está em franco progresso e assinala que o emprego dos “Comandos” foi “excelente”.
- 24DEZ62 – O Dante Vacchi diz-me que a Op. Roda Viva foi óptima para treino de reabastecimento aéreo e de tiro de artilharia. Quanto ao resto, tudo foi feito pelos Grupos de “Comandos” e pelo Batalhão de Caçadores 109 e Companhia de Cavalaria nº. 122.
- 26JAN63 – Sente-se cada vez mais a necessidade de fazer Grupos de “Comandos” em todos os Batalhões.

- 29JAN63 – Entrego ao Gen Cmdt a Informação feita pela 3ª Rep sobre a Unidade Helitransportada. Concluimos por propor que se empreguem “Paras” e “Comandos”, excluindo a hipótese de vir uma unidade especial da Metrópole. Lanço a ideia de se fazer um filme com os Grupos de “Comandos” (3ªRep).
- 08MAI63 – Visita do Dante Vacchi.
- 14MAI63 – Vai a despacho a Informação para se lançar o novo “Centro de Comandos”.
- 06JUN63 – Recepção dos Oficiais da Região Militar de Moçambique para o “Centro de Comandos”.
- 07JUN63 – Apresentação ao Gen Cmdt dos Oficiais do Centro de Instrução nº.16.
- 08JUN63 – Partida dos Oficiais do CI nº16.
- 18JUL63 – Visita do Dante Vacchi; regressou de Lisboa ontem; vendeu fotografias ao SGDN²⁶ para fazerem um livro.
- 12AGO63 – Conversa com o Major de Infª António Sá sobre o CI-16, que comenta a necessidade de orientação do Cmdt de Sector (Brig Santos Paiva)²⁷ quanto às características especiais da instrução naquele Centro.
- 14AGO63 – Brig. Cmdt decide que o CI nº.16 não entra nas operações na mata Sanga, como proposto pelo Cmdt de Sector.
- 15AGO63 – Reacção do Cmdt de Sector à decisão sobre mata Sanga
- 09JAN64 – Levo ao Gen Cmdt proposta de louvor para oficiais do CI nº.16, António Sá, Santos e Castro,²⁸ Oliveira,²⁹ Cardoso³⁰ e Ten. Matos Silva.³¹
- 21JAN64 – A bordo do “Pátria”, de regresso a Lisboa, recebo um telegrama dos “Comandos” desejando boa viagem. Fixes até ao fim.

²⁶ Secretariado-Geral da Defesa Nacional

²⁷ Brigadeiro Henrique Costa Santos Paiva

²⁸ Capitão de Artilharia Gilberto Manuel Santos e Castro

²⁹ Capitão de Artilharia “Comando” Júlio Faria Ribeiro de Oliveira

³⁰ Tenente Miliciano de Inf “Comando” Jaime Rodolfo Abreu Cardoso – Comandante do Grupo de Comandos, os “FANTASMAS”.

³¹ Tenente do Serviço Geral do Exército Aurélio Clímaco Matos Silva

08MAI64 - De Luanda fala o Moniz Pereira³² a pedir que se contacte o dono do “Belo Horizonte”³³ para que ceda a propriedade nas mesmas condições em que o fez à 2ª Região Aérea. Passo para o Gen-Chefe.

12MAI64 – O Rocha Simões³⁴ telefona de Luanda por causa do “Belo Horizonte”. O Gen-Chefe fala ao Gen Afonso Botelho,³⁵ que fica de contactar com o proprietário, seu grande amigo.
Telefona-me o Dante Vacchi.

29MAI64 – Falo para Luanda sobre a questão do “Belo Horizonte”.

12JUN64 – Vem despedir-se de mim o Sr. Henrique Graça³⁶, proprietário do “Belo Horizonte”, que segue para Luanda no domingo (12Jun 6ª feira).

24AGO64 – Participo numa reunião, no EME, para estudo do projecto do decreto sobre a formação do Centro Nacional de Instrução de Comandos em Angola.

25AGO64 – Vou ao aeroporto despedir-me do Cap. Santos e Castro e do Alf. Câmara Pina³⁷.

Ver reprodução a cores da entrevista do General Venâncio Deslandes a Dante Vacchi na página I

³² Tenente-Coronel de Inf, do Corpo do Estado-Maior, Nuno Freire Moniz Pereira. Desempenhava funções no Secretariado-Geral da Defesa Nacional.

³³ Local onde foi instalado o Centro de Instrução de Comandos em Angola.

³⁴ Tenente-Coronel de Engenharia, do Corpo do Estado-Maior, Francisco Maria Rocha Simões

³⁵ General Afonso Talaia Lapa de Sousa Botelho

³⁶ Foi condutor do General Afonso Botelho “Guerra 1914-1918”, faziam parte do Corpo Expedicionário Português

³⁷ Alferes Miliciano de Cavalaria Luis Filipe Mayer da Câmara Pina

INTERVENÇÃO DO BCaÇ 280

Poderá naturalmente inferir-se, que a “semente” lançada por Dante Vacchi germinou, porque as suas ideias foram aceites e apoiadas pelo Comando do BCaÇ 280, nomeadamente pelo seu comandante Ten Cor c/C.E.M. António de Almeida Nave e pelo CEM da RMA, Tenente Coronel Bettencourt Rodrigues, que concluíram ser necessário, que as nossas tropas passassem a actuar de forma diferente, procurando o Inimigo nas suas zonas de actuação causando-lhe instabilidade e insegurança, nos seus deslocamentos e nos seus redutos.

Transcreve-se um trecho da história da Unidade que se refere ao início e desenvolvimento do processo:

“...Durante a execução de acções de nomadização e até pelo que se conhece escrito sobre técnica de guerrilha, verificou-se que o Pelotão é uma formação demasiado pesada pouco fluida e manejável para execução de acções de surpresa ou recepção pronta a qualquer ataque.

A necessidade de se deslocar em todo o terreno, inclusivé no capim altíssimo e fazê-lo por forma silenciosa e sem que o conjunto perdesse a sua segurança e os diferentes elementos tivessem mútuo apoio, exige um efectivo menor, mas que a qualidade e os dotes naturais dos vários elementos supra essa redução, sem se reduzir em eficiência combativa.

A leitura dos livros realmente aparecidos focando técnicas empregues nas Guerras da Indochina e da Argélia e a visita a esta localidade do jornalista da “Paris Match”, Dante Vacchi, que referiu pormenores de execução que observou em várias situações que viveu como correspondente de guerra, puseram em marcha a ideia da organização de um Grupo de “Comandos”.

Feito convite logo apareceram voluntários entre os militares presentes em Nóqui da CCaÇ. 286 e CCS.

Solicitada autorização ao QG a mesma foi concedida. E com o maior entusiasmo fez-se o treino físico, de tiro, formações, progressão em meios auto, a pé, cerco e batidas de povoações, transposição de cursos de água etc.

Incentivados por palavras adequadas e cónscios da missão que podiam vir a ser chamados a desempenhar, o efectivo, que dava para 2 Grupos de Comandos começou a actuar segundo a nova técnica.

E desta forma, neste ponto excêntrico da Província e no seio do BCaÇ 280 começou a germinar a semente da formação de vários Grupos de Comandos, instruídos em Centro de Instrução privativo sob a denominação de “Grupo de

Nóqui “ como passou a ser conhecido.

Continuou progressiva e persistentemente o treino do Grupo de Comandos com actividade operacional intensa.

Desde os ataques de 21 e 24 Fev e uma flagelação com tiros de Puet às colunas auto no itinerário Nóqui-M’Pala, que se lhe seguiram, não voltou a ser detectada actividade In.

Em 14Abr foi conhecida uma notícia com elevado grau de confiança e verosimilhança acerca da existência de depósitos de armas e munições em Luhuga junto da fronteira e do rio M’Pozo e outro na Casa do Italiano, no troço da estrada M’Pala-Pte do M’Pozo.

Por outro lado, notícias anteriores referiram que o In, vindo das sanzalas congolezas, do Soito, Luadi e Loanço penetrava no nosso território desarmado e só depois se munia do armamento que estava escondido aquém fronteira.

Planeou-se a operação “Pantera Negra” que teve lugar em 17, 18 e 19Abr62 com vista a localizar o depósito da região de Luhuga e se possível remover o material ou no mínimo destruí-lo.

Esta acção empenhou as seguintes forças:

- CCaç 285 a quatro Pel Caç
- 2 Grupos de Comandos (37 homens)
- 1 Sec Mort 81

As tropas deslocaram-se, durante a noite, auto-transportadas até ao Campo de Aviação, mas com ocultação de luzes....”

Os bons resultados operacionais dos “Grupos de Comandos”, tiveram o protagonismo suficiente, para levar as Chefias Militares da Província a decidirem pela criação dum Centro de Instrução, com vista à preparação de Grupos idênticos noutras Unidades.

Ser-lhes-á feita referência, no contexto do historial do CI-21.

A acção do Comando do BCaç 280, não se limitou a proporcionar condições, para que fosse ministrada a nova instrução e a incentivar os seus militares ao voluntariado, por forma a participarem nela com o maior entusiasmo.

Analisando as características da guerrilha, as condições da zona de acção, as dificuldades que se nos apresentavam e as capacidades das nossas tropas, o Cmdt do Batalhão produziu um documento, que iria servir de base e orientação à instrução que foi ministrada no CI-21.

Desse documento transcrevem-se as passagens que se consideram mais relevantes, sob o aspecto doutrinário e de formação do combatente:

“...PREPARAÇÃO DE UNIDADES TIPO “COMANDOS”

1. PRELIMINARES

O que vai seguir-se representa uma tentativa para tornar as nossas Unidades mais flexíveis, mais ligeiras e mais eficientes no tipo de guerra a que se destinam. Baseada unicamente na experiência adquirida, em alguns conselhos de ordem prática recebidos e na lógica deduzida das características da guerra revolucionária, sem recurso a qualquer manual, tem necessariamente deficiências de todo o género. Não pretende de modo nenhum constituir doutrina, mas apenas a vontade de contribuir, de algum modo, mesmo que seja somente o facto de levantar o problema, para a resolução de um assunto que consideramos de extraordinária importância.

Foi pedido um manual sobre o assunto e, é portanto lógico esperar que, após o seu estudo e a conjugação com os dados da experiência possam resultar quaisquer frutos que possam ser proveitosos.

2. GENERALIDADES

A eficiência das nossas Unidades, dadas as circunstâncias de premência em que foi feita a sua preparação e a falta de graduados devidamente habilitados, não é de molde a que a sua actuação satisfaça plenamente o Comando de que dependem. Na maioria dos casos devido à falta de experiência a sua preparação não foi adequada à guerra que haviam de travar.

A organização, a nosso ver demasiado pesada, baseada na doutrina da guerra clássica, não permite a adequada flexibilidade de emprego das Unidades no tipo de guerra que estamos travando.

O longo período de paz que temos vivido, tem criado hábitos perniciosos, levando por vezes, os nossos Soldados debaixo da maior inconsciência a expor-se demasiado e a não acreditar, ou a ser demasiado cépticos, acerca das recomendações que a todo o momento lhes são feitas.

O facto compromete os resultados das operações por vezes levadas a efeito sob um esforço notável de generosidade e sacrifício.

Felizmente o In, mal armado e mal preparado, tem permitido que, apesar das deficiências de que todos temos consciência, os resultados conseguidos até ao presente não sejam de todo desanimadores e até, antes pelo contrário, eles têm sido razoáveis. No entanto prevê-se que, num futuro não muito distante, o In possa dispor de enquadramento pelo menos razoável, bom armamento e uma técnica adequada adquirida como se sabe em países comunistas, ávidos em criar o caos, para mais fácil e rapidamente lançar as garras sobre esta presa, rica no ponto de vista potencial, que é Angola.

Urge portanto preparar as Unidades para uma possível guerra mais dura do que nunca, criar a mística do segredo, da astúcia, do silêncio e do desembaraço. Urge criar Soldados capazes de fazer a guerrilha, de raciocinar sob as piores condições de clima, dotados de inteligência para poder desembaraçar-se duma situação perigosa, audácia para dar caça sem tréguas ao In, coragem para fazer uso de armas silenciosas, dotados de espírito de equipa de modo a actuar em conjunto tendo sempre em vista que o grupo a que pertencem não pode ser comprometido.

Ter sangue frio necessário para deixar o In aproximar-se ou aproximar-se do In sem se precipitar, comprometendo-se ou comprometendo o grupo a que pertence, ter preparação física necessária para poder fazer longas marchas, ser resistente fisicamente e moralmente para passar as maiores provações, sem desânimo e nem desalento. Ter paciência de, se necessário, esperar horas, sem falar e sem mexer para surpreender o adversário; a perseverança para caçar o adversário custe o que custar. Ser capaz de desencadear um golpe brutal e desaparecer rapidamente, actuando como verdadeiros fantasmas, quer de noite quer de dia. Não é possível encontrar todas estas qualidades na maioria dos casos. Daqui a necessidade de criar equipas especialmente seleccionadas e preparadas para o efeito, baseadas essencialmente no voluntariado.

3. FINALIDADES

Criar equipas preparadas moral, física e psicologicamente para o tipo de guerra que nos foi imposta treinar essas equipas de maneira mais eficaz, de modo a:

- Dispor-se de equipas especiais e tirar delas imediatamente o rendimento que as qualidades dos seus elementos e a sua preparação, justificam.
- Melhorar o nível geral de instrução de toda a Unidade, pelo estímulo que a existência dos “Comandos” necessariamente há-de criar, pela verificação dos seus sucessos e pela observação das suas qualidades.

4. INSTRUÇÃO

Educação Física

- Por meio de exercícios físicos criar o desenvolvimento corporal necessário para poder suportar sem excessiva fadiga, esforços violentos.
- Por meio de exercícios adequados de progressão a grande altura e equilíbrio, criar sangue frio, a calma e hábito de vencer o perigo.
- A luta individual deve ser treinada com o maior rigor como parte fundamental da preparação geral de todo o Soldado “Comando”.

Instrução Individual do Combatente

- Por meio de exercícios adequados desenvolver esta parte, absolutamente indispensável da instrução.

Tiro

- É necessário que o Soldado saiba fazer uso com desembaraço e à-vontade de todos os tipos de armas ligeiras.
- O manejo da Pistola-Metralhadora da Espingarda Automática e das Granadas de mão é absolutamente fundamental.
- Deve ser dado o maior desenvolvimento possível ao tiro instintivo, sem descurar o tiro de precisão.
- Por meio de exercícios adequados fazer reagir o soldado, instantaneamente a uma solicitação em qualquer direcção quer a um sinal, quer a um ruído provocado pelo In.

Instrução táctica

- A instrução táctica a ministrar deve ter por objectivo criar a verdadeira equipa, a mecanização das atitudes e reacções; desenvolver o espírito ofensivo indispensável nesta forma de guerra; criar a disciplina do silêncio e do segredo; desenvolver ao máximo o uso de sinais; criar a mística da atenção, consequência da insegurança permanente em que se vive; desenvolver a acuidade auditiva e visual.

Todo o "Comando" deve estar apto a lançar armadilhas e minas, rapidamente, bem como levantar as que forem detectadas.

5. ORGANIZAÇÃO

a. Pessoal

O grupo compõe-se de:

- 1 Oficial subalterno
- 2 Sargentos
- 15 Praças

Articulados em:

- 1 Comandante - Atirador
- 1 Equipa de apoio e protecção, constituída por:
 - 1 Apontador de Esp Automática c/bipé - (1º Cabo ou Soldado)
 - 2 Guardas - Soldados

- 2 Equipas de exploração constituídas, cada uma por:
 - 1 Chefe de Equipa – 2º Sargento ou Furriel
 - 2 Exploradores – 2 Soldados
- 2 Equipas de manobra e protecção de flancos, constituídas cada uma por:
 - 1 Chefe – 1º Cabo ou Soldado
 - 2 Guardas de flanco – Soldados
 - 1 Equipa de protecção à retaguarda
 - 2 Guardas da retaguarda – Soldados

ESQUEMA Nº. 1
GRUPO DE “COMANDOS”

COMANDANTE DO GRUPO O Nº1 (Subalterno de Inf)	
EQUIPA DE EXPLORAÇÃO DA ESQUERDA	EQUIPA DE EXPLORAÇÃO DA DIREITA
CHEFE O Nº 3 (2º SARG OU FUR) EXPLORADORES OS NºS 5 E 7 (SOLDADOS)	CHEFE O Nº 2 (2º SARG OU FUR) EXPLORADORES OS NºS 4 E 6 (SOLDADOS)
EQUIPA DE MANOBRA E PROTECÇÃO DA ESQUERDA O Nº 9 (1º CABO OU SOLDADO) OS NºS 11 E 13 (SOLDADOS)	EQUIPA MANOBRA E PROTECÇÃO DA DIREITA O Nº 8 (1º CABO OU SOLDADO) OS NºS 10 E 12 (SOLDADOS)
EQUIPA DE APOIO E PROTECÇÃO CHEFE O Nº 14 (1º CABO OU SOLDADO) GUARDAS OS NºS 15 E 16 (SOLDADOS) GUARDAS DE RECTAGUARDA OS NºS 17 E 18 (SOLDADOS)	

b. Armamento

Todo o pessoal é armado de Pistola-Metralhadora, excepto o apontador da equipa de apoio e protecção e transportará normalmente 2 granadas de mão ofensivas. Conforme a missão ou tipo de operação, podem estas, no todo ou em parte ser substituídas por granadas de mão defensivas, de fumos, lacrimogéneas ou incendiárias.

Todo o pessoal usa faca de mato.

c. Fardamento e Equipamento

Uniforme 2G com botas de lona e barrete 2C.

Cinturão, cartucheiras e cantil. Transportarão sacos de dormir e impermeável tipo Poncho, se necessário.

O Comandante, transporta bússola e binóculo e cada um dos chefes de equipa de exploração, transporta binóculo.

6. CARACTERÍSTICAS E EMPREGO TÁCTICO

a. Características

O Grupo, organizado e equipado e treinado para acções independentes, pode infiltrar-se em terreno controlado pelo In, ou em que possa haver bandos rebeldes e, usando de astúcia, fazendo largo uso da surpresa e actuando sempre ofensivamente, captura o In ou destrói-o, retirando sistematicamente após cada acção. Está apto a permanecer no campo por largos períodos, fazendo o maior uso da exploração dos recursos locais e a fazer longas marchas em todo o terreno; faz o maior uso possível das armas silenciosas, só revelando a sua presença, quando absolutamente necessário. Nunca se empenha sem ter a certeza de êxito, furtando-se sistematicamente ao combate cerrado. Faz largo uso da emboscada e do golpe de mão.

A sua organização permite-lhe realizar a segurança em todas as direcções e dispondo de um grupo de apoio, pode retirar sob a sua protecção ou desenvolver acções mais potentes com o seu apoio.

Está aligeirado ao máximo para permitir maior mobilidade. A homogeneidade do armamento e a sua preparação permite-lhe actuar como um só bloco unido em que nenhum dos seus elementos inadvertidamente possa comprometer a missão do grupo.

A automatização das formações, permite a maior ligação entre todos os elementos, garantindo pelo silêncio e pela atenção o êxito das acções em que se empenha.

b. Emprego táctico

1) Princípios de emprego

a) Disciplina do silêncio

Todo o grupo deve marchar silenciosamente, evitando pisar terreno que pelas suas características possa provocar ruído. Nunca fala sem necessidade absoluta de o fazer, não esquecendo neste caso fazê-lo o menos ruidosamente possível.

b) Disciplina do segredo

O grupo desloca-se e actua, sem que ninguém, nem os seus camaradas saibam para onde vai e o que vai fazer. Nunca faz qualquer comentário sobre o que fez ou toma atitudes de exageros dos feitos, que possa levar ao conhecimento de terceiros do que fez e seus modos de actuar.

c) Disciplina de fogo

Um “Comando” nunca faz fogo sem ordem a não ser para defesa própria. Esta atitude pode comprometer toda a acção do grupo e, o que é mais grave, pode ser a destruição total do mesmo.

d) Espírito de equipa

O grupo actua sempre em bloco. A entreaajuda, a amizade e a camaradagem entre todos os elementos constituintes deve ser cultivada no maior grau.

e) Uso de armas silenciosas

Um “Comando” usa sempre que possível as armas silenciosas de que dispõe, evitando a todo o custo revelar a sua presença. Deve estar treinado no uso do punhal, da zarabatana, do garrote, do machado, etc.

f) Dispersão

O grupo faz o uso da dispersão, evitando assim quanto possível, ser detectado e diminuindo o efeito das armas, se o for. A dispersão no entanto não deve ser tão grande que prejudique a ligação entre todos os elementos.

g) Automatismo

Todas as formações, métodos de combate, reacções, etc., devem ser de tal forma conhecidas, que sejam tomadas automaticamente sem necessidade de quaisquer ordens. Para isso todos os elementos devem ser treinados para determinada função que é inalterável.

h) Paciência e perseverança

Todos os elementos do grupo devem ser treinados para permanecer longas horas sem falar e sem mexer. Devem ter a perseverança necessária para não largar um indício de presença do In sem explorar todas as possibilidades de o caçar.

i) Astúcia

Um “Comando” é um elemento que faz largo uso da astúcia para enganar o adversário ou para o surpreender.

j) Surpresa

Surpreender o adversário e evitar ser surpreendido, deve ser uma obsessão constante.

k) Segurança

A noção da protecção, com base na atenção e vigilância, deve ser um hábito constante, não se compreendendo de modo nenhum, que em qualquer circunstância, não haja sentinelas postadas em locais convenientes.

Automaticamente, quando o grupo estaciona, a montagem do dispositivo de segurança é imediata. O uso de árvores para ponto de observação, se possível, é extremamente vantajoso.

l) Agressividade

Um “Comando” ataca sempre; mesmo que seja surpreendido reage sempre ofensivamente. A retirada, se necessário, só se usa para tomar posição, dispositivo, ou escolha do momento favorável para o ataque....

INTERVENÇÃO DO GRUPO DE COMANDOS “FANTASMAS” / BCaç.317

O projecto de instruir um “grupo de Comandos” no BCaç.317, surgiu na sequência duma reunião, que teve lugar no QG em Luanda, em que foi decidido levar por diante o projecto de Dante Vacchi, apoiada pelo então Ten.Cor. Bettencourt Rodrigues, Chefe do Estado Maior da RMA e pelo Chefe da 3ª Rep., Maj. Silva Carvalho, de atribuir ao BCaç. 280, a missão de formar “Comandos”.

Participou nessa reunião o Cap. Fialho³⁸ do BCaç.317, que pediu autorização para que ao seu Batalhão fosse concedida idêntica prerrogativa³⁹.

Consta da história da Unidade, que este oficial, teve a seu cargo a instrução de um grupo de “Comandos”, designado por “Fantasmas”, que viria a ter uma profícua, intensa e brilhante série de actuações.

Sobre a preparação e actuação do grupo, transcrevem-se alguns trechos do que sobre o assunto escreveu o seu comandante, na altura Alf. Mil. Infº. Abreu Cardoso:

“... A razão da necessidade de tal tropa (Comandos), resultava da inadaptação de um exército convencional, com o seu pesado armamento e equipamento, falta da instrução adequada ao combate na selva sem frentes ou objectivos bem defendidos, contra um In com armamento ligeiro adaptado às matas, altamente móvel, agindo de surpresa em pequenos grupos e capaz de dispersar ao menos sinal de perigo...”

“... Foram formados dois grupos de Comandos, respectivamente em Nóqui, no BCaç.280 e no Quitexe, no BCaç.317 – os “Fantasmas...”

“...O Grupo foi formado por voluntários do BCaç.317, especialmente da CCaç.318.

Só não havia nenhum oficial voluntário, o que acabou por recair em mim...”

“... Na falta de instrutores, a instrução passou a ser dada de uma forma pouco ortodoxa com reuniões, no final das operações, onde obrigatoriamente vários Soldados, cabos, os 4 sargentos e eu, fazíamos uma crítica a todos os

³⁸ Capitão de Infantaria Fernando Manuel de Sá Fialho de Oliveira

³⁹ Testemunho do Cor. Infº. “Cmd” Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso

pormenores, positivos ou negativos, que no nosso entender tinham influenciado o resultado positivo ou o malogro da acção.

Foi assim que começaram a surgir construtivas ideias sobre silêncio na progressão, a ligação, disciplina do fogo, forma de actuar do In, transposição de locais perigosos e um nunca acabar de noções úteis à luta na selva ...”

“... Só caminhávamos há 2 horas e a degradação moral e psicológica era tremenda.

Não tive ideia melhor que abandonar o intento e regressar pelo mesmo caminho. Porém continua a ser verdadeira a situação inversa, isto é, um forte estímulo e uma moral sólida podem arrastar o pessoal muito além do ponto em que se pensaria atingir e creio mesmo que poucas pessoas são capazes de avaliar correctamente os limites da sua resistência e querer...”

“... O pânico é pólvora em combustão e o combatente quanto melhor o conhecer, mais facilmente o poderá evitar...”

“... À falta de melhor para além da tática, que a experiência nos ensinava progressivamente, os “Fantasmas” passaram a dedicar especial cuidado ao exercício físico e ao tiro, abolindo a rajada e só fazendo fogo em casos extremos no decurso das acções realizadas.

Os aspectos da ordem psicológica foram cuidados de forma especial, criando-se o emblema respectivo, arranjando-se instalações especiais, fardando de forma muito mais cuidada e guardando uma disciplina muito mais severa e mais humana...”

“... Tínhamos pois um soberano horror a qualquer tipo de operação programada por x tempo, até atingir determinado objectivo;

Nós queríamos agir contra a guerrilha, lutando com as mesmas regras, fazendo a pura contra-guerrilha. Nada de avião por cima, siga por ali, queime acolá, só apanhando por vezes no corpo, sem retribuir...”

Constata-se que, o desempenho do Grupo de Comandos “Fantasmas”, foi altamente meritório, destacando-se os seus elementos da generalidade dos restantes militares do Batalhão, não só no aspecto da actividade operacional, como ainda pelo seu apurmo, disciplina e espírito de missão. O prestígio que alcançou, contribuiu, decerto, para a decisão de criar o CI-21 e para o aparecimento da especialidade “Comando”, no contexto das especialidades existentes no Exército.



Alferes Mil “Comando” Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso
Comandante do Grupo de Comandos “Fantasmas”

Historial do CI-21 / Zemba

Como se pode constatar, pelo que atrás ficou expresso, foram gradualmente sendo definidos objectivos, recolhidos consensos e cimentadas vontades, que se concretizaram na criação de um centro de instrução, em que as nossas tropas pudessem adquirir mais conhecimentos e melhor formação, para enfrentarem a guerrilha e a subversão.

Na sequência desta decisão, foi escolhido o local para instalação do centro de instrução, assim como a concentração dos meios humanos e materiais, necessários á instrução do pessoal.



Panorâmica do aquartelamento de Zemba

– **Transcrição da introdução do relatório de instrução do CI-21:**

“O Campo de Instrução 21 foi criado com a finalidade de preparar tropas para realização de operações especiais “Comandos”.

A fase preparatória para a constituição teve início a 25 de Junho de 62. Nesta fase fez-se a escolha do local de instalação do Campo, escolha e selecção dos Instrutores e estabeleceram-se as normas para a selecção do pessoal instruendo. Foram feitas ainda propostas para a nomeação do pessoal privativo do Campo, feito um primeiro planeamento dos assuntos a focar na instrução além do cálculo, requisição e recepção dos materiais indispensáveis para o seu funcionamento. Houve seguidamente que concentrar o pessoal e materiais em Zemba.

A doze de Agosto deu-se início à fase de construção do Quartel a qual terminou praticamente a 9 de Setembro.

A instrução teve início a partir desta data terminando com a saída dos Grupos em 1 de Dezembro. O restante pessoal abandonou o campo em 4 de Dezembro. Assim se encerraram as actividades do campo.”

CRIAÇÃO DO CENTRO

Extractos do Relatório Periódico de Comando nº 14 do QG/RMA, abrangendo o período de 1 de Julho de 1962 a 31 de Julho de 1962.

(...)

5. " Centro de Instrução 21

Este comando promoveu a remodelação do dispositivo de acordo com o Plano Centauro Grande de modo a tornar mais eficiente a acção das NT na Zona não Recuperada, por uma concentração de meios e pela escolha de Unidades empenhadas.

No entanto, este Comando sente que é preciso fazer mais alguma coisa no sentido de dotar as nossas Unidades com espírito de "caça" constante por meio de acções que devem ser caracterizadas por uma grande audácia, agressividade e mobilidade.

Neste sentido, foi julgado conveniente criar, a título experimental e eventual, com os próprios meios da RMA, um Centro de Instrução (CI-21), para ajustamento das acções de contra-guerrilha, às condições especiais no Norte de Angola. Este Centro será frequentado por grupos de 30 homens, devidamente comandados, de cada Batalhão e terá um carácter prático para o qual será localizada numa área onde abundam os terroristas. Deste modo, além do treino especial dos Soldados obter-se-á o aniquilamento dos bandos Inimigos dessa área.

A permanência no Centro está prevista para cerca de 2 meses e as condições para a selecção do pessoal são as seguintes:

- Ser voluntário
- Saber ler e escrever
- Possuir desembaraço físico
- Possuir capacidades de resistência à fadiga
- Ser decidido
- Ter espírito de sacrifício
- Possuir reflexos rápidos
- Ser pouco impulsivo
- Ser pouco impressionável

O pessoal instrutor foi escolhido entre os melhores e mais experientes Oficiais e Sargentos da Região Militar de Angola. Esta escolha, que teve também por base o voluntariado, foi feita de modo a não afectar grandemente a capacidade

operacional das unidades onde estavam colocados. Está este Comando convenci-
do que não só os Batalhões poderão passar a dispor de um núcleo de pessoal
devidamente treinado, apto para grandes períodos de nomadização, resistindo
à fadiga e às privações e dotado de grande agressividade como, também, estes
grupos servirão de base para a doutrina e constituirão um exemplo para os
restantes Soldados de cada Batalhão.

(...)

6. No Sector D assistiu-se durante o período a uma intensificação geral das
acções em todo o Sector, o que resulta do facto de as Unidades do Sector
se terem adaptado as suas novas zonas de acção.

A operação mais importante no Sector D foi a “Vai Aço”, realizada sobre Zem-
ba, região que era refúgio e base de apoio de grandes efectivos terroristas e
onde praticamente as NT ainda não tinham ido. A região ficou ocupada por uma
CCaç, e em breve nela funcionará o CI 21.

A operação “Vai Aço” teve como principal característica, a forma fulminante
como as NT atingiram o objectivo, tudo indicando que obteve efeito de surpresa,
pois o In não conseguiu retardar, na medida em que se esperava, o avanço das
nossas colunas. Não houve, nem se esperava que houvesse, resultados apreciá-
veis no que respeita a baixas causadas ao In.

(...)

11. Durante o período criou-se o Centro de Instrução nº 21 destinado ao treino e
preparação de tropas com elevadas características de combatividade, agresi-
vidade e adaptação ao meio ambiente.”

OPERAÇÃO “VAI-AÇO” / A ESCOLHA DE ZEMBA

- Transcrição do testemunho do Cor de Inf^o “Comando” Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso, sobre a interferência que Dante Vacchi teve na escolha de Zemba para a localização do CI-21:

“Segundo Dante Vacchi, a escolha do local foi feita da seguinte forma:

- ao ser-lhe perguntado qual o local que melhor serviria, respondeu com outra pergunta – qual é a zona onde a guerra é mais intensa?... Ao ser-lhe traçado um círculo dessa área na zona dos Dembos, pôs o dedo no seu centro e leram umas letras muito pequeninas, que diziam -“Zemba”- e que ninguém sabia o que era. *Após várias diligências, lá se conseguiu saber, que era uma fazenda de café, junto a um afluente do rio Dange e que o fazendeiro pretendia recuperar a fazenda, que tinha sido completamente destruída.”*

Para ocupação da região da Sanzala de Zemba, foi realizada a operação “Vai-Aço”, pelo BCaç186/Aço, cujo comandante era o Ten. Cor de Inf^o. João de Gouveia Pessanha.

Consta da história do Batalhão, que a operação “Vai-Aço”, foi a acção mais importante realizada, no período de 1 de Julho a 31 de Julho. Pretendia-se ocupar Zemba, onde as nossas tropas não tinham ainda chegado desde o início dos acontecimentos e que se revestia de grande importância, para o estabelecimento de uma base, que permitisse bater uma extensa área até aí, em virtude do afastamento das bases existentes, inacessível.

Pela directiva particular do Comando de Agrupamento nº 1 de 171700Jul62, o BCaç186 recebeu a missão de preparar a operação “Vai-Aço”, com vista a efectuar a limpeza da região de Zemba, e a ocupação da mesma com uma CCaç. O BCaç 137 colaborava actuando com uma força segundo o eixo Quipedro-Quindembe-Zemba. O BCaç 186 contou com os seguintes meios:

- CCaç. 189
- CCaç. 192
- CCav. 149
- Pel. Mort. 35
- Pel. Mort. 28/BCaç. 251
- Elementos de Eng. (1 bulldozer e 3 serras mecânicas)
- Reservas:
 - CCaç. 288 e 1 Pel/Bart143
 - Um avião para PC aéreo
 - Um helicóptero

CCAÇ. 189

Instalou-se no início do período na roça S. Paulo, não se mantendo aí o tempo suficiente para executar mais do que alguns reconhecimentos ofensivos e batidas na região do Suege.

Após a operação “Vai-Aço”, ficou a ocupar Zemba.

CCAÇ 192

Atingiu Zemba em 231400Jul62, após progressão a partir de Cambamba, por caminhos gentílicos através da mata conseguindo assim obter a surpresa.

Depois da ocupação de Zemba, o In começou a mostrar agressividade em 31 (de Julho), atacando uma coluna que vinha para Zemba. Um Gr. Comb. da CCAÇ. 189 que foi ao encontro dela, foi atacado a 4 kms de Zemba, sofrendo um ferido ligeiro. No regresso, quando transportava os feridos da CCav149, que escoltava a referida coluna, foi novamente atacado, desta vez sem consequências.

As NT reagiram sempre, desconhecendo-se se provocaram baixas.

A CCAÇ189, continuou a ocupar Zemba até 13 de Agosto, data em que se deslocou de novo para (a roça) S. Paulo. Foi substituída pelo Campo de Instrução 21, criado nessa altura.

Durante o tempo de permanência em Zemba (21 dias), a Companhia suportou grandes privações, instalada em abrigos enterrados e com carência de víveres frescos. Durante o período, foi reabastecida de pão, apenas duas vezes, uma vez lançado de avião, outra, levado por uma coluna que demorou no percurso cerca de dois dias.

Apesar disso, desenvolveu apreciável actividade por meio de reconhecimentos ofensivos, batidas e emboscadas.

Os terroristas evidenciaram elevada capacidade de combate, tanto em recontros com as NT, em batidas em 02 e 08 na região de coord. (1431-0805), retirando após a reacção destas, como atacando de emboscada no itinerário Calunga Samba-Zemba, colunas que se dirigiam ou regressavam deste último local, o que aconteceu em 01, 10, 11, 12 e 13 (de Agosto).

O comando do BCaÇ186, deu um relevo especial á operação “Vai-Aço”, fazendo-lhe referência na mensagem de saudação, que dirigiu ao pessoal do batalhão, por ocasião do 1º aniversário da sua chegada a terras de Angola.

– **Transcreve-se parte da O.S. nº 178 do BCa86, de 27-7-62:**

(...)

Artº 12º – ANIVERSÁRIO DA CHEGADA DO BATALHÃO A ANGOLA:

Passando amanhã o primeiro aniversário da chegada do batalhão a esta Província se observe o seguinte:

1. Do Comando e CCS:

- Às 10 H 00 – Formatura Geral e Palestra pelo
Sr. Alf. Mil. Manuel Nicolau Pires Eduardo.
- Às 10 H 30 – Missa.
- Às 12 H 00 – Almoço de confraternização.
- Às 20 H 00 – Batuque.

2. Nas restantes Subunidades destacadas deste Batalhão:

- Pequenas cerimónias de acordo com o preceituado na circular nº 12/1/62 de 13Jul62 deste comando.

SAUDAÇÃO

- Ao passar o aniversário do desembarque do nosso Batalhão em terras de Angola aprez-me registar que a tèmpera do AÇO que em Santa Margarida lhes inculcamos se tem vindo a fortalecer.
- A Operação “VAI AÇO”, em que ultimamente tomamos parte assim o veio demonstrar: - À rapidez e à agressividade, correspondeu o Batalhão com tão elevado moral, que levou a Operação a ser conduzida sem nenhuma evacuação, apesar de terem surgido casos que bem o justificariam.
- Neste dia festivo da Unidade, apelo para todos os oficiais, sargentos e praças, para que o AÇO, em que temos apoiado a nossa actuação continue a forjar-se nos três elementos essenciais aos portugueses de hoje:

**JUSTIÇA
FIRMEZA
VERDADE**

Será este o AÇO que levaremos a toda a parte da Província de Angola, por onde o Batalhão tenha que passar.

O COMANDANTE DO BATALHÃO

João De Gouveia Pessanha
TEN CORONEL



À esquerda, Tenente-Coronel João de Gouveia Pessanha, Comandante do Batalhão, aquando de uma visita a Zemba (fotografia cedida pelo 1º Cabo João Abaladas – à direita)



Alouette II, conhecido por “Matacanha” (indicativo rádio)

IMPLEMENTAÇÃO DO AQUARTELAMENTO DO CI-21

O transporte dos materiais necessários à construção do aquartelamento do CI 21 em Zemba, assim como dos equipamentos necessários para apoiar e ministrar a instrução, do pessoal de apoio de serviços, do comando e corpo de instrução e dos militares instruendos, processou-se de uma forma faseada, conforme consta do relatório das actividades do Centro, que no final será transcrito integralmente.



Aspecto do local do estacionamento no dia da chegada



Instalações iniciais no aquartelamento



Construção do aquartelamento

Extractos do Relatório Periódico de Comando nº 15 do QG/RMA, relativos ao período de 01Ago a 31Ago62 e que referem o CI-21:

“...Centro de Instrução 21

Encontra-se já em funcionamento com o 1º turno de instruendos o CI-21, com as características apontadas no relatório anterior.

Dado que, na zona onde o centro funciona, tudo está destruído não havendo nenhuma casa aproveitável, foi necessário criarem-se as condições mínimas para a instalação da tropa o que exigiu um esforço apreciável do pessoal e uma grande quantidade de materiais que foi necessário transportar por itinerários em muito mau estado e onde as colunas foram sistematicamente atacadas. Porém, agora, tudo está preparado para que o CI-21 trabalhe com máximo rendimento....”

(...)

7. *“Depois de um período para construção das instalações necessárias, está já em funcionamento pleno, o CI-21. O Comando da R.M.A. está convencido que da sua acção muito há a esperar para uma melhoria da instrução e actividade operacional das tropas.”*

PESSOAL PRIVATIVO DO CAMPO

COMANDO E CORPO DE INSTRUÇÃO:

Comandante:

- Cap Inf, Fernando Manuel Jasmins de Freitas, da CCAç 133/BCaç 132;



Corpo de Instrução:

- Cap Inf, Manuel Francisco Matoso Ramalho, da CCAç 271/BCaç 262, que só permaneceu cerca de um mês no Centro.
- Cap Cav, António Francisco Martins Marquilhas, da CCav 253 / BCav 345 – 2º Comandante.
- Alf Cav, José Pedro Simões Caçorino Dias, da CPM 233, que acabou por comandar o Gr Cmds/BCaç 186 “Aço”, depois do seu comandante Alf. Rosário ter sido eliminado;
- Alf Inf, Raul Miguel Socorro Folques, da CCAç 89;
- Alf Cav, Vasco Luís Pereira Esteves Ramires, CCav 122;
- Alf Mil, João Vieira Pereira, da CCS/BCaç 280, que comandava o Gr Cmds / BCaç 280 “Nóqui”, presente no Centro mas que já tinha sido organizado e instruído na sede do batalhão em Nóqui, com a participação do italiano Dante Vacchi, o qual também participou na instrução que decorreu no CI21 (Zemba);
- Alf Médico, António Resina Rodrigues, da CCAç 193/BCaç 186;
- Alf Médico, Freire Águalusa, da CCAç Esp 365.



Da esquerda p/ direita: Alferes Mil Médico Águalusa, Alferes Folques
e Alferes Caçorino Dias



Da esquerda p/ a direita: Alferes Folques, Alferes Gonçalves
e Alferes Vieira Pereira

Apoio de Serviços

O Quartel General da Região Militar de Angola, aquando da nomeação do grupo de oficiais instrutores, solicitou a colaboração dos Batalhões da Zona de Intervenção Norte (ZIN), para cedência de Sargentos e Praças, para fazerem parte do Apoio de Serviços do CI-21, nas especialidades de Transmissões, Alimentação, Apoio de Combate e pessoal com aptidões civis com interesse militar, tais como desenhador.

As Praças para a segurança do Aquartelamento, Transmissões e Serviço de Saúde, pertenciam à CMR 113/RIL e os padeiros, cozinheiros e auxiliares do depósito de víveres do BINT 359.

Os condutores e respectivas viaturas, vieram dos Batalhões sediados na ZIN.

Todo o pessoal foi presente no RIL, sendo os Oficiais e Sargentos recebidos no QG/RMA, pelo Major Tavares da Costa, Chefe da 4ª Rep / QG / RMA em Julho de 1962.

Pessoal Nomeado

- Fur Mil, Gabriel Luz de Almeida, do BCaç 185
 - 1º Cabo RTL 60/60, António Hilário Góis Nunes, do BCaç 109
 - Soldado CAR 997/61, José Dos Santos Gomes, do BCaç 325
 - Soldado CAR 999/61, Valentim António Mimoso, do BCaç 325
 - Soldado Padeiro 17/61, António João Santos Pereira, da BInt 359
 - Soldado Padeiro 485/60, José Manuel Almeida Brandão, da BInt 359
- (O.S. nº 210/31.07.62/RIL)

- 1º Cabo Ap Mort 1763/62, Francisco António Ferreira, RIL
- 1º Cabo Ap Met 2/61, José Vidal Pires dos Santos, RIL
- 1º Cabo Atirador 69/61, Leonildo Manuel César, RIL
- 1º Cabo Ap Mort 3070/61, Alfredo de Jesus Simões, RIL
- 1º Cabo Ap Met 491/61, Leonel da Silva Ferreira, RIL
- 1º Cabo Maq. 205/60, Joaquim Nogueira Lopes, RIL
- 1º Cabo Atirador 1722/61, Carlos Ferreira de Azevedo, RIL
- 1º Cabo MVR 1381/62, Fernando Antunes Alves, RIL
- Soldado Padeiro 1854/61, Domingos Xavier Almeida, RIL
- Soldado Ap Met 1072/61, António Lopes Francisco, RIL
- Soldado Ap Met 1222/61, Claudino da Silva, RIL
- Soldado CAR 1117/61, José Maria Nascimento Vitorino, RIL
- Soldado Ap Mort 1358/61, António Dos Santos Almeida, RIL
- Soldado Atirador 1446/61, António F. Martins, RIL
- Soldado Atirador 243/61, Ângelo Mário, RIL

- Soldado Atirador 244/61, Manuel Moreira Da Rocha, RIL
- Soldado Atirador 2229/61, João Marques Mendonça, RIL
- Soldado Atirador 691/61, Flávio Martins De Sá, RIL
- Soldado Atirador 1421/61, Miguel António Madeira, RIL
- Soldado CAR 1937/61, Jorge Manuel Jesus Borrego, RIL
- Soldado Cornet 2798/61, João Esteves, RIL

(O.S. nº 211/01.08/62/RIL)

Todos os militares do RIL pertencem à CMR 113.

Em 070300Ago62, marcharam em coluna auto para Zemba, idos do RIL, os seguintes militares:

- Fur Mil, Adriano de Castro e Sousa, BArt 346
- Fur Mil, Eduardo dos Santos Palha, BCaç 262
- Fur Mil SAM/VAG, Francisco Maria Oliveira
- Fur Mil Tm, José Fernando Rodrigues Jara

(O.S. nº 219/09.08.62/RIL)

Secção de Lança-chamas BEng 234

- 1º Cabo LChamas 282/60, José Augusto Sobreiro Canelas
- 1º Cabo LChamas 280/60, José Pereira Araújo
- 1º Cabo LChamas 286/60, Augusto Geraldo
- 1º Cabo LChamas 283/60, Manuel Marques dos Santos

(O.S. nº 190/11.08.62/BEng 234)

Condutores da Companhia de Transportes nº 337

- 1º Cabo CAR 2854/61, Ângelo Amândio de Jesus Freitas
- Soldado CAR 1011/61, Fernando Almeida Candeias Ribeiro
- Soldado CAR 2923/61, António da Silva Ferreira de Almeida
- Soldado CAR 2564/61, José Gregório Faria
- Soldado CAR 2879/61, Mário Mendes Duarte
- Soldado CAR 2858/61, Alicio da Silva Travessa
- Soldado CAR 2913/61, José Francisco Fonseca Madeiras
- Soldado CAR 2935/61, Francisco Maurício Viana
- Soldado CAR 1699/60, João Arnaldo Quintino Marques
- Soldado CAR 920/61, Daniel da Silva Padeiro
- Soldado CAR 2494/61, Carlos Rua de Oliveira
- Soldado CAR 2534/61, Victor Manuel de Assunção Pedro
- Soldado CAR 2889/61, Carlos dos Santos Capitão

- Soldado CAR 2930/61, José Vences Rosa
- Soldado CAR 2118/61, José Ferreira da Costa
- Soldado RTL 150/59, Alberto da Costa Valente - BCaç 88

Em 100300Ago62, marcharam para Zemba, em coluna auto, os seguintes militares:

- 1º Sargento Inf, Manuel Gomes Lacerda, CArt 86
- Fur QSM Mecânico, José Pires Paula, CMR 113
- Fur QSM Rádionomt, Francisco Barreto Afonso, BCaç 159
- Fur Mil Inf, José Maria Marques Barracosa, BCaç 132
- Fur Mil Rogério Alberto Pisco Eugénio, BCaç 96
- 1º Cabo Atirador 1972/62, Virgílio de Almeida e Silva, CMR 113
- 1º Cabo Atirador 1974/62, Manuel António Serra, CMR 113
- 1º Cabo Atirador 1962/62, João Francisco Melo Cardoso, CMR 113
- 1º Cabo Maqueiro 1951/62, António Maria Leite da Costa, CMR 113
- 1º Cabo Atirador 1928/62, Manuel Crispim de Freitas, CMR 113
- 1º Cabo CAR 997/61, Joaquim Martins Ramos, BCaç 325
- 1º Cabo Caixeiro 306/61, Manuel da Cruz, BInt 359
- Soldado CAR 995/61, Augusto Januário Aires, BCaç 325
- Soldado RTL 855/60, Aquilino Carvalho Pinho, BCaç 109
- Soldado Atirador 1988/62, Fernando Augusto Baleeiro, CMR 113
- Soldado Atirador 1981/62, Manuel Fernandes Vidal, CMR 113
- Soldado Ap Met 1969/62, Orlindo Bogas da Costa, CMR 113
- Soldado Ap Mort 1193/62, Luís Fernando Camilo, CMR 113
- Soldado CAR 4248/62, César Lopes Dias, CMR 113

(O.S. nº 223/13.08.62/RIL)

- Soldado Atirador 244/61, Manuel Moreira Da Rocha, RIL
- Soldado Atirador 2229/61, João Marques Mendonça, RIL
- Soldado Atirador 691/61, Flávio Martins De Sá, RIL
- Soldado Atirador 1421/61, Miguel António Madeira, RIL
- Soldado CAR 1937/61, Jorge Manuel Jesus Borrego, RIL
- Soldado Cornet 2798/61, João Esteves, RIL

(O.S. nº 211/01.08/62/RIL)

Todos os militares do RIL pertencem à CMR 113.

Em 070300Ago62, marcharam em coluna auto para Zemba, idos do RIL, os seguintes militares:

- Fur Mil, Adriano de Castro e Sousa, BArt 346
- Fur Mil, Eduardo dos Santos Palha, BCaç 262
- Fur Mil SAM/VAG, Francisco Maria Oliveira
- Fur Mil Tm, José Fernando Rodrigues Jara

(O.S. nº 219/09.08.62/RIL)

Secção de Lança-chamas BEng 234

- 1º Cabo LChamas 282/60, José Augusto Sobreiro Canelas
- 1º Cabo LChamas 280/60, José Pereira Araújo
- 1º Cabo LChamas 286/60, Augusto Geraldo
- 1º Cabo LChamas 283/60, Manuel Marques dos Santos

(O.S. nº 190/11.08.62/BEng 234)

Condutores da Companhia de Transportes nº 337

- 1º Cabo CAR 2854/61, Ângelo Amândio de Jesus Freitas
- Soldado CAR 1011/61, Fernando Almeida Candeias Ribeiro
- Soldado CAR 2923/61, António da Silva Ferreira de Almeida
- Soldado CAR 2564/61, José Gregório Faria
- Soldado CAR 2879/61, Mário Mendes Duarte
- Soldado CAR 2858/61, Alicio da Silva Travessa
- Soldado CAR 2913/61, José Francisco Fonseca Madeiras
- Soldado CAR 2935/61, Francisco Mauricio Viana
- Soldado CAR 1699/60, João Arnaldo Quintino Marques
- Soldado CAR 920/61, Daniel da Silva Padeiro
- Soldado CAR 2494/61, Carlos Rua de Oliveira
- Soldado CAR 2534/61, Victor Manuel de Assunção Pedro
- Soldado CAR 2889/61, Carlos dos Santos Capitão

- Soldado CAR 2930/61, José Vences Rosa
- Soldado CAR 2118/61, José Ferreira da Costa
- Soldado RTL 150/59, Alberto da Costa Valente - BCaÇ 88

Em 100300Ago62, marcharam para Zemba, em coluna auto, os seguintes militares:

- 1º Sargento Inf, Manuel Gomes Lacerda, CArT 86
- Fur QSM Mecânico, José Pires Paula, CMR 113
- Fur QSM Rádionot, Francisco Barreto Afonso, BCaÇ 159
- Fur Mil Inf, José Maria Marques Barracosa, BCaÇ 132
- Fur Mil Rogério Alberto Pisco Eugénio, BCaÇ 96
- 1º Cabo Atirador 1972/62, Virgílio de Almeida e Silva, CMR 113
- 1º Cabo Atirador 1974/62, Manuel António Serra, CMR 113
- 1º Cabo Atirador 1962/62, João Francisco Melo Cardoso, CMR 113
- 1º Cabo Maqueiro 1951/62, António Maria Leite da Costa, CMR 113
- 1º Cabo Atirador 1928/62, Manuel Crispim de Freitas, CMR 113
- 1º Cabo CAR 997/61, Joaquim Martins Ramos, BCaÇ 325
- 1º Cabo Caixeiro 306/61, Manuel da Cruz, BInt 359
- Soldado CAR 995/61, Augusto Januário Aires, BCaÇ 325
- Soldado RTL 855/60, Aquilino Carvalho Pinho, BCaÇ 109
- Soldado Atirador 1988/62, Fernando Augusto Baleeiro, CMR 113
- Soldado Atirador 1981/62, Manuel Fernandes Vidal, CMR 113
- Soldado Ap Met 1969/62, Orlindo Bogas da Costa, CMR 113
- Soldado Ap Mort 1193/62, Luís Fernando Camilo, CMR 113
- Soldado CAR 4248/62, César Lopes Dias, CMR 113

(O.S. nº 223/13.08.62/RIL)

PESSOAL DE ENGENHARIA EMPENHADO NA CONSTRUÇÃO DO CENTRO

Relação dos militares da Companhia de Sapadores Nº 123, que participaram nos trabalhos de Engenharia para a construção do Campo de Instrução e Pista de Aterragem, em Zemba, no Sector D da Zona de Intervenção Norte, no período de 08 de Agosto a 30 de Novembro de 1962:

Responsável pela execução dos trabalhos do Destacamento de Engenharia:

- Cap Eng, José Augusto Gonçalves Ramos, do Batalhão de Engenharia de Angola

Cmdt do Pelotão:

- Alf Mil Eng, António Afonso de Brito Sobral

Secção de trabalhos:

- 2º Sarg Mil Eng, Abílio Alves Pinto
- 1º Cabo 21/RD, Francisco B. Sequeira
- 1º Cabo 115/60, Eduardo A. Lemos
- 1º Cabo 127/60, António da Conceição Teixeira, BEng 234 (A)
- 1º Cabo 154/60, Domingos Padrão dos Santos
- 1º Cabo 165/60, Manuel do Carmo Lourenço
- 1º Cabo 167/60, João Fernandes Galvão
- Soldado 207/60, José Augusto Martins Parreira
- Soldado 213/60, Gervásio Avelino Pires Anjo
- Soldado 241/60, Armindo Rodrigues Barbosa (B)
- Soldado 250/60, Domingos Cardoso Malheiro
- Soldado 254/60, Joaquim do Couto
- Soldado 257/60, Amadeu Lourenço Martins Ferreira
- Soldado 270/60, Manuel da Silva Cunha (C)
- Soldado 389/60, Eduardo de Oliveira Ribeiro
- Soldado 328/61, Norvaldo S. Martin (D)
- Soldado 362/61, José Paiva Vieira (E)
- Soldado 388/61, Flávio dos Reis Galantinho

- | | |
|-------------------------------------|----------------|
| (A) – Operador Moto-Niveladora | (ME - 17-21) |
| (B) – Condutor Viatura Diamond | (ME - 06-55) |
| (C) – Condutor Viatura GMC | (ME - 07-01) |
| (D) – Operador Tractor Michigan 180 | (ME - 17-45) |
| (E) – Condutor Viatura GMC | (ME - 05-54) |

Todos os militares que se encontravam em diligência no CI-21, regressaram a Luanda em 05.12.62 (O.S. nº 335/07.12.62/RIL)

Em 140500Set62 marcharam, em coluna militar, do RIL em Luanda para o CI-21 em Zemba, os militares abaixo mencionados:

- Alf Mil Inf, António dos S. Januário Rodrigues, BCaÇ 185
- Fur Mil Inf, António Manuel F. Costa Macedo, BCaÇ 185
- Fur Mil Inf, António da Silva Faria, BCaÇ 185
- Fur Mil Inf, António da Costa Araújo, BCaÇ 185
- Fur Mil Inf, Adão da Silva Martins, BCaÇ 185

(O.S. Nº 257/17Set62/RIL)

Tratadores e cães de guerra que prestaram serviço no Centro

Em 070300Ago62 a Secção de Cães de Guerra Nº864, marchou, em coluna militar do Campo Militar do Grafanil, nos arredores de Luanda, para o CI-21 em Zemba, a fim de cumprir uma missão da sua especialidade. Esta Secção era composta pelos seguintes elementos:

- Fur Mil, Ulisses Ferreira Godinho
- 1º Cabo Cond. Cães 2362/61, Afonso Ramalho Sobral, “Axel” 19
- Soldado Cond. Cães 1542/60, Augusto Teixeira Dinis, “Grimm” 39
- Soldado Cond. Cães 2363/61, António A. Petisca Fernandes, “Klodo” 29
- Soldado Cond. Cães 2364/61, Albano Martins, “Câsar” 37
- Soldado Cond. Cães 2365/61, Emílio Adriano Alves, “Ronni” 45
- Soldado Cond. Cães 2366/61, Victor M. Ribeiro Ferreira, “Kay” 47



Secção de cães de guerra

(Fotografia cedida pelo 1º Cabo Abaladas)

— Características dos cães de guerra:

- Nº19-Axel, Raça-Pastor Alemão, 3 anos de idade, preto no tronco e cauda, extremidades claras, máscara frontal – *Pisteiro*
- Nº29-Klodo, Raça-Pastor Alemão, 3 anos de idade, cabeça, tronco e cauda pretos, extremidades fulvas – *Esclarecedor*
- Nº37-Câsar, Raça-Pastor Alemão, 2 anos de idade, tronco preto, cabeça e extremidades fulvas – *Pisteiro*
- Nº39-Grimm, Raça-Pastor Alemão, 2 anos de idade, preto no tronco e cauda com extremidades fulvas – *Esclarecedor*
- Nº45-Ronni, Raça-Pastor Alemão, 2,5 anos de idade, preto com extremidades fulvas – *Esclarecedor*
- Nº47-Kay, Raça-Pastor Alemão, 2,5 anos de idade, preto no tronco e na cauda, com extremidades fulvas, máscara frontal – *Esclarecedor*

Regressaram ao Campo Militar do Grafanil, vindo do CI-21 em 09Dez62.
(O.S. nº 288/11.12.62/CMG).

INSTRUÇÃO

DISTINTIVO DO CURSO DE COMANDOS

De acordo com o testemunho do Major-General Martins Marquilhas, o distintivo do curso de “Comandos”, foi escolhido e adaptado no decorrer do curso ministrado no CI-21.⁴⁰

Refere este oficial, que sendo importante a existência do espírito de corpo entre a generalidade dos militares, este seria fundamental para a coesão e espírito de missão dos que ali se encontravam em instrução. Nesse sentido, pensou-se num distintivo para o curso e na boina vermelha. Somente o distintivo foi por diante. O seu lema “AUDACES FORTUNA JUVAT” (A sorte protege os audazes) foi escolhido por consenso geral. Do seu desenho inicial, faziam parte:

- Um capacete – sinal militar;
- Um punhal virado para cima – sinal de coragem e vitória
- A coroa de louros – sinal de triunfo, glória e destemor

Crachá (bordado em tecido)
que foi adoptado no CI-21 em Zemba,
não sendo totalmente coincidente
com a descrição do Major-General
Martins Marquilha



Ver reprodução a cores na página II

⁴⁰ Revista MAMA SUME – Órgão de Comunicação da Associação de Comandos. Nº 18 – Agosto/Outubro - 1982



Guião e 1º Crachá usado por elementos de um dos grupos do CI-21
(Fotografia cedida pelo Furriel Geraldo dos Anjos Cascais)

SELECÇÃO DO PESSOAL

Pela análise dos elementos disponíveis, quer se trate de registos escritos ou de relatos pessoais, parece não ter havido uma selecção formalizada dos militares que frequentaram a instrução no CI-21, quer mediante a execução de provas físicas, ou através de inspecção médica.

Deverá no entanto, considerar-se diferente a situação do grupo de “Nóqui” e do grupo “Fantasmas”, na medida em que o seu voluntariado para participar na nova instrução se verificou com menos premência e o eventual afastamento de algum elemento a ter-se verificado, seria encarado como absolutamente natural, no decorrer da actividade operacional, que executaram antes da ida para Zemba.

Dão-nos o Major-General Ramos Lousada e o Coronel Caçorino Dias alguns elementos sobre o assunto, através de um seu trabalho publicado em 23 de Maio de 1980 “SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DOS COMANDOS PORTUGUESES – I – ORIGEM”, de que se transcreve o trecho respectivo:

“...Colocava-se agora o problema do recrutamento dos Oficiais, Sargentos e Praças que iriam constituir os futuros “Grupos de Comandos”, tarefa verdadeiramente difícil de executar e que, como previa o Chefe do Estado-Maior, iria “provocar a reacção das unidades”.

Ora, justamente com este objectivo, em 11 de Julho de 1962 deslocou-se a S. Salvador (Comando do Sector F) o Chefe da 3ª Rep. do Quartel-General, Major

Silva Carvalho. Todavia, o seu intento foi gorado; efectivamente, dada a situação do Sector, o seu Comandante não desejava ceder quaisquer efectivos. No dia seguinte, o mesmo oficial desloca-se a Quibaxe, onde consegue recrutar 3 grupos de 35 homens dos Batalhões do Sector, os Batalhões 186, 261, 217⁴¹ comandados, respectivamente, pelos Tenentes-Coronéis Pessanha, Prego e Matos Silva. Além disto, é-lhe sugerido que sejam recrutados mais 2 grupos nos Batalhões 185 do Ten-Coronel Proença Cid, e 325 do Ten-Coronel Pereira Santana. E, desta forma, com estes homens e os do grupo de Nóqui, constituíram-se os 6 grupos que vieram a iniciar a sua instrução no Centro de Instrução 21, como se passou a designar o Centro de Instrução em organização.

Contudo, nem tudo foi fácil nesta empresa; na verdade para se chegar a esta fase, houve que vencer outros obstáculos e problemas, uma vez que a selecção do pessoal não foi tão linear e simples como se poderia supor. É que isto dependeu, essencialmente, da maneira como os Comandantes dos Batalhões e Companhias encararam a cedência do seu melhor pessoal; na verdade, se Batalhões houve para quem o espírito que presidiu à formação dos Grupos foi verdadeiramente respeitado, em outros, porém, tal cedência processou-se com base nos homens que mais problemas acarretavam para a disciplina interna das suas Unidades...”

MATÉRIAS MINISTRADAS

Além das actividades de instrução, os grupos participaram em operações, acções de segurança aos trabalhos de engenharia da estrada Cambamba – Suege e serviço interno no Centro.

As matérias, ministradas durante a instrução, versavam fundamentalmente as seguintes áreas:

Treino Físico, Desportos e Pistas Cap. Marquilhas

Táctica – Sr. Dante Vacchi
 – Alf. Caçorino
 – Alf. Ramires
 – Alf. Folques

Informações – Cap. Freitas

⁴¹ Não houve BCa3217. O Coronel de Infantaria Manuel da Conceição Matos Silva comandou o BCa357.

Organização de Terreno,

Explosivos e Artifícios de fogo – Cap. Ramalho
 – Alf. Vieira Pereira
 – Alf. Lousada

Ligação – Alf. Caçorino

Orientação e Observação – Alf. Ramires

Saúde e Primeiros Socorros – Ten. Resina Rodrigues
 – Alf. Agualusa

Sobrevivência – Cap. Marquilhas

Campo de Infiltração – Cap. Ramalho

Tiro – Sr. Dante Vacchi
 – Alf. Folques

HORÁRIO DA INSTRUÇÃO

A instrução ministrada aos grupos tinha lugar nos seguintes períodos:

Manhã Início07H00

Fim11H30

Tarde Início14H30

Fim17H00

Nocturna Início pelas.....19H00

Fim ...pelas.....??H00

ACÇÃO PSICOLÓGICA

É durante o período de instrução no CI-21, que por iniciativa de Dante Vacchi, se dá início á acção psicológica como forma de mentalização e preparação psicológica das tropas para o combate, com recurso fundamentalmente á fita magnética e cuja utilização viria a ter grande incremento, não só nos comandos, como na generalidade das Forças Armadas.

INTERVENÇÃO DA FORÇA AÉREA / ACTUAÇÃO COM HELIS

Este assunto é referido num trabalho do Major-General Ramos Lousada e do Coronel Caçorino Dias publicado em 23 de Maio de 1980, intitulado “SUBSÍDIOS

PARA A HISTÓRIA DOS COMANDOS PORTUGUESES - I - ORIGEM", de que se transcreve o trecho respectivo:

"... - O papel desempenhado pelas várias tripulações do avião Auster⁴² destacadas em Zemba, muito especialmente no tocante ao seu contributo na manutenção do equilíbrio psicológico dos combatentes, pelo facto de saberem que todas as baixas eram rapidamente evacuadas e de observarem o esforço posto na procura e detecção de possíveis objectivos locais de refúgio do inimigo; - O facto de ter sido no final deste período que os futuros "Comandos" ensaiaram os primeiros passos na execução de operações heli-transportadas. ..."

Este avião, foi destacado para o Centro em 22Set62, onde ficou estacionado à disposição do Comando para efeitos operacionais, conforme consta do relatório final de actividades do curso.

Os helicópteros ALLOUETTE II e III, foram empenhados em acções de reconhecimento, reabastecimento e orientação das tropas, evacuação de pessoal incapacitado e lançamento de forças no terreno.

No Relatório das actividades do CI-21 é feita referência à sua actuação.

IMPOSIÇÃO DE CRACHÁS

A imposição de crachás não teve lugar no final do Curso, na medida em que a sua aquisição não foi efectuada em tempo oportuno.

Verificou-se a sua imposição mais tarde, aos militares "comando" que manifestaram o desejo de os receber, quando os grupos já tinham regressado aos seus Batalhões.

Para o efeito, os mesmos tiveram pagar a importância de 90\$00 (noventa escudos) por crachá.

APROVEITAMENTO NA INSTRUÇÃO

Durante a instrução houve quebras no efectivo, que foram motivadas por doença, baixas em combate e falta de aptidão de alguns instruendos para alcançarem os objectivos preconizados.

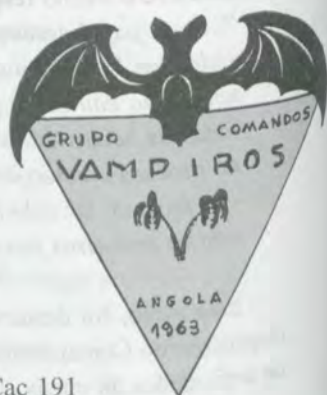
Foram, em consequência, eliminados 35 instruendos, conforme consta do relatório final de actividades do curso.

No final do curso foram constituídos os grupos constantes das páginas seguintes:

⁴² Piloto - Furriel Piloto Manuel Sequeira de Figueiredo do Aeródromo Base N° 3/Negage

GRUPO DE COMANDOS “VAMPIROS”/BCAÇ Nº.185⁴³

Constituição do Grupo



Emblema
de braço

Comandante:

- Alf Mil, José Manuel Garcia
Ramos Lousada, CCAç 185

Sargentos:

- 2º Sarg Mil "Cmd", Nuno José Nabais Conde, CCAç 191
- Fur Mil "Cmd", José Paulo dos Santos, CCAç 190
- Fur Mil "Cmd", Júlio da Silva Passos, CCAç 193
- Fur Mil "Cmd", Hernando Rosinha Domingues, CCAç 190

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 1111/58, José Selgas Pires CCAç 191
- 1º Cabo "Cmd" 125/59, Domingos Arantes Gomes, CCAç 190
- 1º Cabo "Cmd" 461/59, Acácio Sanches Gonçalves, CCAç 185
- 1º Cabo "Cmd" 1087/59, Heliodoro José Pinto Caldas, CCAç 185
- 1º Cabo "Cmd" 31/60, Arlindo Aires Baptista, CCAç 193
- 1º Cabo "Cmd" 47/60, João Filipe Nunes, CCAç 190
- 1º Cabo "Cmd" 178/60, Horácio do Nascimento, CCAç 193
- 1º Cabo "Cmd" 235/60 José António dos Santos Dias, CCAç 191
- 1º Cabo "Cmd" 337/60, António Fernando Alves Teixeira, CCAç 185
- 1º Cabo "Cmd" 570/60, Ernesto António, CCAç 191
- 1º Cabo "Cmd" 816/60, Eduardo Gomes do Souto, CCAç 185
- 1º Cabo "Cmd" 922/60, José Augusto do Rosário Lopes, CCAç 185
- Soldado "Cmd" 1112/58, David Gentil Alves Carneiro, CCAç 191
- Soldado "Cmd" 319/59, António Elias Castro Garcia, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 751/59, Mário Miranda da Costa Oliveira, CCAç 185
- Soldado "Cmd" 147/E, Albino António Lopes, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 474/PU, José Manuel Cabral da Cruz, CCAç 190
- Soldado "Cmd" 17/60, João Albino Afonso, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 28/60, Aurélio António Jorge Simão, CCAç 191

⁴³ Comandante – Tenente-Coronel de Infantaria José Albano de Proença Oliveira Cid

- Soldado "Cmd" 43/60, Domingos José Gomes, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 74/60, Adérito Borges Reis, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 91/60, Agostinho Paulino Teixeira dos Reis, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 197/60, Maximino Pereira da Costa, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 207/60, António Alves Teixeira, CCAç 193
- Soldado "Cmd" 273/60, António Vaz do Espírito Santo, CCAç 191
- Soldado "Cmd" 586/60, Adolfo Sobral, CCAç 191
- Soldado "Cmd" 715/60, Manuel da Silva, CCAç 190
- Soldado "Cmd" 811/60, António de Oliveira Fresco, CCAç 190
- Soldado "Cmd" 889/62-A, Manuel Martins Pereira, CCAç 190
- Soldado "Cmd" 310/62 A, Fernando Miranda Gomes, CCAç 191

Observações

São referidos no Jornal “Baluarte”/BCaç 185, como fazendo parte do Gr Cmds “Vampiros” os seguintes militares:

- Soldado 505/60, Manuel Maria Domingues da CCAç 185 foi ferido num pé, na região de Ponto Cota 820, coordenadas (0804-1436), aquando de uma emboscada montada pelo inimigo à coluna em que seguia incorporado.
- Soldado 294/59, José Monteiro (não esteve em Zemba, mas aparece na fotografia do Grupo no Jornal “Baluarte”).
- Soldado Joaquim Ferreira (não esteve em Zemba, mas aparece na fotografia do grupo no Jornal “Baluarte”).

Dúvidas:

- Os Soldados José Monteiro e Joaquim Ferreira:
Aparecem na fotografia do Jornal “Baluarte” / BCaç 185, como fazendo parte dos “Vampiros”: Não constam da relação do pessoal que terminou o Curso com aproveitamento (CI-21), nem do pessoal do Batalhão que vinha para Zemba em 09Ago62.

(OS nº.189/10.08.62/BCaç 185).

- Soldado 505/60, Manuel Maria Domingues:
Marchou para Zemba para frequência do Curso. Foi evacuado, por ferimentos, para o HM Luanda em 25Ago62. Regressou ao CI-21, baixando novamente ao HML em Out/Nov62. Não consta da relação do CI-21 que concluiu o Curso. Referido no Jornal “Baluarte” como “Vampiro ferido”.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Do Comandante do CI 21:

- Alf Mil "Cmd", José Manuel Garcia Ramos Lousada
- Fur Mil "Cmd", Júlio da Silva Passos
- 1º Cabo "Cmd" 125/59, Domingos Arantes Gomes
- Soldado "Cmd" 889/62-A, Manuel Martins Pereira
- Soldado "Cmd" 310/62-EP, Fernando Miranda Gomes
(OS nº.98/30.11.62/CI 21)
e (OS nº.14/17.01.63/BCaç 185)



Entrega de Crachás ao Grupo de Comandos "Vampiros"
Aquartelamento de Malange

GRUPO DE COMANDOS “AÇO”/BCAÇ Nº.186⁴⁴

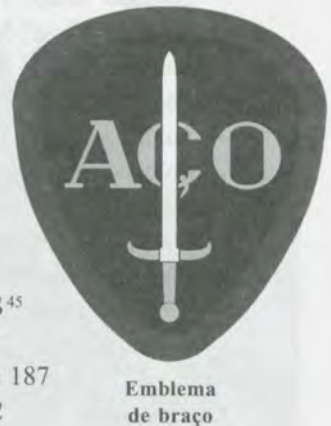
Constituição do Grupo

Comandante:

- 2º Sarg Inf "Cmd", Inácio Maria, CCAç 189

Sargentos:

- 2º Sarg Enf "Cmd", Fernando Augusto Correia, CCS⁴⁵
- Fur Inf "Cmd", João Baptista Pina, CCAç 187
- Fur Inf "Cmd", José Manuel Ferreira Gaspar, CCAç 187
- Fur Inf "Cmd", Serafim Soares da Costa, CCAç 192



Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 153/59, António Batista, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 297/59, Fernando Manuel de Jesus Lobo, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 156/RD, José Ramos Salvado, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 179/RD, Manuel Francisco Chanca, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 4/60, Manuel Dias Alves, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 12/60, Hélder Sanches Pires, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 40/60, Joaquim António Roxo Serra, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 320/60, Arnaldo Branco de Almeida, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 324/60, António Manuel de Sousa Faustino, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 764/60, José da Conceição Santos, CCAç 192
- 1º Cabo "Cmd" 172/61, José Brázio da Costa, CCAç 189
- 1º Cabo "Cmd" 199/61, Luís Fernandes Ribeiro, CCAç 189
- 1º Cabo "Cmd" 241/61, João Martinho Marques Abaladas, CCAç 192
- 1º Cabo "Cmd" 254/61, José Armando Luiziário, CCAç 187
- 1º Cabo "Cmd" 2714/61, Manuel Jerónimo Alão de Almeida, CCS
- Soldado "Cmd" 245/59, Mário Correia Guedes, CCS
- Soldado "Cmd" 432/59, Manuel da Silva Morgado, CCAç 189
- Soldado "Cmd" 508/59, Abílio Alves dos Santos, CCAç 192
- Soldado "Cmd" 955/59, João Manuel Gomes Veiga, CCAç 189
- Soldado "Cmd" 203/60, Amândio Gomes Soares, CCS

⁴⁴ Comandante – Tenente-Coronel de Infantaria João de Gouveia Pessanha

⁴⁵ Após a chegada do Gr Cmds ao BCAç 186, o Comandante não autorizou o Fur Enf a pertencer ao grupo.

- Soldado "Cmd" 311/60, Joaquim Nazário Gomes, CCS
- Soldado "Cmd" 313/60, Justo da Vide Morgado, CCS
- Soldado "Cmd" 54/61, Francisco Alves da Silva, CCAç 189
- Soldado "Cmd" 70/61, Manuel Daniel Ferreira, CCAç 189
- Soldado "Cmd" 71/61, António da Conceição Cravo, CCAç 189
- Soldado "Cmd" 256/61, João Francisco Vaz, CCAç 187
- Soldado "Cmd" 258/61, José de Bastos, CCAç 187
- Soldado "Cmd" 259/61, António Augusto Duarte, CCAç 187
- Soldado "Cmd" 261/61, Fernando Ferreira do Fundo, CCAç 187
- Soldado "Cmd" 262/61, José Augusto Soares, CCAç 187
- Soldado "Cmd" 1929/61, Adriano Macedo, CCAç 192
- Soldado "Cmd" 2358/61, Júlio da Silva Ribeiro, CCAç 192

Observações

Iniciaram a instrução do Curso de Comandos, no CI 21/Zemba, em 12Ago62, tendo terminado em 20Nov62 (OS nº.14/16Jan63/BCaç 186).

Em 17Out63, o Exmo. General Comandante da RMA, José Eduardo Reverendo da Conceição, acompanhado do Ajudante de Campo, Capitão Sérgio Manuel Carvalho Ribeiro dos Santos, visitou o BCaç 186.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir



Grupo Comandos "Aço"

GRUPO DE COMANDOS “PEDRA”/BCAÇ Nº.261 ⁴⁶

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Inf "Cmd", César Augusto Lopes Rodrigues, CCAç 268.

Sargentos:

- Fur Mil "Cmd", Herculano António Pontes, CCAç 268.
- Fur Mil "Cmd", Mário Folgado Ramalhete, CCAç 267
- Fur Mil "Cmd", José Martinho Andrade Gonçalves Jardim, CCAç 267
- Fur Mil "Cmd", Victor Jorge Nunes Paiva, CCS

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 36/61, António Maria Vidal, CCAç 267
- 1º Cabo "Cmd" 388/61, Fernando Marques Santos, CCAç 270
- 1º Cabo "Cmd" 463/61, Ricardo Palhota Jerónimo, CCAç 268
- 1º Cabo "Cmd" 806/61, Marino Gomes Consciência, CCAç 268
- 1º Cabo "Cmd" 832/61, Luís Tojeira, CCAç 268
- 1º Cabo "Cmd" 938/61, Octávio da Cruz Micael, CCAç 270
- 1º Cabo "Cmd" 971/61, Manuel de Jesus Gajeiro, CCAç 268
- 1º Cabo 1118/61, João Pereira Coelho, CCAç 269
- 1º Cabo "Cmd" 1277/61, António Jorge Panão, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 69/59, Ludgero Augusto Vieira de Macedo, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 5/61, Américo Pires Alves, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 35/61, Valentim Raposo, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 90/61, Manuel Mestre Gomes, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 113/61, Amílcar Brites de Gouveia, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 246/61, Dulcidio Dantas, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 306/61, Adelino Gonçalves Alves, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 376/61, António Pais Martins, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 377/61, Manuel Leal, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 431/61, Manuel Vicente Maior, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 460/61, José Maria de Campos, CCAç 267

⁴⁶ Comandante – Tenente-Coronel de Infantaria João de Madureira Fialho Prego

- Soldado "Cmd" 478/61, José Maria Martins Guterres, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 483/61, Baltazar Figueira Leão, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 488/61, Américo Gonçalves Rafael, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 607/61, Hernâni Gonçalves, CCAç 268
- Soldado "Cmd" 608/61, Armindo da Rocha Gonçalves, CCAç 268
- Soldado "Cmd" 740/61, Rafael Luís Caldeira, CCAç 268
- Soldado "Cmd" 773/61, Manuel das Neves Duarte, CCAç 268
- Soldado "Cmd" 829/61, Humberto Leal de Oliveira, CCAç 268
- Soldado "Cmd" 846/61, Raul Dinis da Silva, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 863/61, Abílio Marques de Brito, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 955/61, Aníbal Júlio Rodrigues, CCAç 269
- Soldado "Cmd" 1054/61, José Francisco Caralinda, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 1108/61, Bento António Ascensão Félix, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 1109/61, Domingos Henrique Terramoto, CCAç 267
- Soldado "Cmd" 199/61, José de Oliveira Coelho, CCAç 270

Observações

O Grupo iniciou a instrução do Curso de Comandos, no CI-21/Zemba, em 12Ago62, terminando em 20Nov62.

Foi ferido no decorrer da instrução de sapadores, o Fur Mil António Justino dos Santos de Lemos.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “NÓQUI”/BCAÇ Nº. 280 (ZEMBA/B)⁴⁷

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil, João Vieira Pereira, CCS

Sargentos:

- 2º Sarg Mil "Cmd", António Manuel Marques Faria, CCS
- Fur Mil "Cmd", António Augusto de Oliveira Leal, CCAç 286
- Fur Mil "Cmd", Victor Manuel do Carmo Santos, CCAç 286

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 671/59, António Manuel Godinho Luís, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 1125/59, Américo Lopes Gonçalves, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 453/61, Norberto Correia Evangelista, CCAç 286
- 1º Cabo "Cmd" 470/61, Alfredo Alves Gomes, CCAç 286
- 1º Cabo "Cmd" 471/61, Fernando Damião Martins Ferreira, CCAç 286
- 1º Cabo "Cmd" 803/61, Manuel da Rocha Moreira, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 896/61, Armando Isidro dos Santos, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 897/61, Manuel Mendes da Mata, CCS
- Soldado "Cmd" 158/EP, Álvaro Augusto, CCAç 286
- Soldado "Cmd" 558/61, Luís António Teixeira, CCAç 286
- Soldado "Cmd" 572/61, Armando Adriano Ramos, CCAç 286
- Soldado "Cmd" 606/61, Abílio Teixeira, CCAç 286
- Soldado "Cmd" 614/61, António Augusto Fernandes Carvalho Forneiro, CCAç 286
- Soldado "Cmd" 804/61, António Fernando Coelho Rodrigues, CCS
- Soldado "Cmd" 892/61, Abel de Jesus Loureiro, CCS

Observações

Em 29 de Julho de 1962 marcharam a apresentar-se no CI-21 em Zemba, a fim de iniciarem a instrução do Curso de Comandos.

Terminada a instrução, regressaram ao BCAç 280, em 13Dez62.

⁴⁷ Comandante – Tenente-Coronel de Infantaria / CGEM, António de Almeida Nave

Em 29 de Dezembro de 1962, teve lugar em Nóqui, uma cerimónia, em que os grupos de Comandos do BCaÇ 280 aqui sedeados, receberam o seu guião, emblemas e cartões "Comando", tendo estes sido entregues pelo Capitão Ajudante de Campo do General Comandante Chefe da RMA, fazendo-se acompanhar pelo jornalista Dante Vacchi.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Do Comandante do CI-21:

- Alf Mil "Cmd", João Vieira Pereira
 - 2º Sarg Mil "Cmd", António Manuel Marques Faria
 - Fur Mil "Cmd", António Augusto de Oliveira Leal
 - 1º Cabo "Cmd" 453/61, Norberto Correia Evangelista
- (OS nº.98 de 30.11.62/CI-21)

GRUPO DE COMANDOS / BCAÇ 280 (EM NÓQUI/A)

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil "Cmd", Acácio Miguel Antão, CCS

Sargentos:

- 1º Cabo "Cmd" nº496/62/RD, Gustavo da Costa Arnauth, CCS

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 391/61, António Ferreira Barbosa, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 800/61, César dos Santos, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 861/61, Victor Manuel da Silva Leite, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 863/61, Jaime Cardoso Gonçalves, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 946/61, Anibal Pinto Rodrigues, CCS
- Soldado "Cmd" 135/58, Manuel Rei Rodrigues, CCS
- Soldado "Cmd" 547/61, João Manuel Negro, CCAç286
- Soldado "Cmd" 68/61, Diamantino de Almeida Bento Cordeiro, CCAç286
- Soldado "Cmd" 574/61, Henrique Coelho, CCAç 286
- Soldado "Cmd" 593/61, Domingos António Barreira, CCAç286
- Soldado "Cmd" 598/61, António Joaquim Paradela, CCAç286
- Soldado "Cmd" 599/61, Casimiro Fernando Vaz, CCAç286
- Soldado "Cmd" 794/61, Fernando António Guerreiro Mestre, CCS
- Soldado "Cmd" 795/61, Carlos Alberto de Almeida Santos, CCS
- Soldado "Cmd" 798/61, Fernando da Silva Guimarães, CCS
- Soldado "Cmd" 919/61, Justino do Nascimento Sá, CCS
- Soldado "Cmd" 970/61, António Joaquim Raimundo dos Lóios, CCS
- Soldado "Cmd" 971/61, Gregório Gualdino Neto Costa, CCS
- Soldado "Cmd" 990/61, José dos Santos Bento Garcia, CCS
- Soldado "Cmd" 1623/61, Fernando dos Santos Gomes de Moura, CCS

Observações

Este Grupo de Comandos recebeu a instrução em Nóqui. No dia 29 de Dezembro de 1962, recebeu os emblemas individuais e cartões "Comando". Entrega feita pelo Capitão Ajudante de Campo do General Comandante-Chefe da RMA. O 1º Cabo 496/RD - Gustavo da Costa Arnauth, foi promovido a Furriel do QP em 30Mai63.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir



Nóqui – o denominado Morro Antão
(Fotografia cedida pelo Sr. Mário Augusto Reimão / à Esq.)



Posto Fiscal de Nóqui (a título de curiosidade)
(Fotografia cedida pelo Sr. Mário Augusto Reimão / à Esq.)



Nôqui – vista parcial do cais
(Fotografia cedida pelo Sr. Mário Augusto Reimão)

GRUPO DE COMANDOS “FANTASMAS” / BCAÇ 317⁴⁸**Constituição do Grupo**

Emblema
de braço

Comandante:

- Alferes Mil "Cmd", Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso, CCAç 318

Sargentos:

- 2º Sarg. Mil "Cmd", José António Rato Charrua, CCAç 318
- Fur Mil "Cmd", Mário Óscar Lima de Azevedo, CCAç 318
- Fur Mil "Cmd", Victor Manuel Marques Miranda, CCAç 318
- Fur Mil "Cmd", Adelino de Almeida Martins, CCAç 318

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 369/59, Manuel Francisco Pires Júnior, CCAç 318
- 1º Cabo "Cmd" 1174/61, Manuel da Conceição Andrade, CCAç 318
- 1º Cabo "Cmd" 1181/61, Manuel Ribeiro Simões, CCAç 318
- 1º Cabo "Cmd" 1188/61, Alfredo dos Santos Pina, CCAç 318
- 1º Cabo "Cmd" 1468/61, José Alves, CCAç 318
- 1º Cabo "Cmd" 1589/61, José Nogueira Ferreira, CCAç 318
- 1º Cabo "Cmd" 1755/61, Guilherme da Silva Santos, CCS
- Soldado "Cmd" 199/59, Alfredo Francisco Ferreira, CCAç 319
- Soldado "Cmd" 810/61, Manuel da Silva, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 813/61, José Arada Gonçalves Pilro, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 915/61, Armando Francisco, CCAç 320
- Soldado "Cmd" 1139/61, Fernando Henrique Bacarote da Silva, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1244/61, João Cristina, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1269/61, António da Silva Duarte, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1285/61, Albino Rodrigues Mesquita, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1280/61, Manuel Lopes de Almeida, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1301/61, Alberto Martins Alves, CCAç 318

⁴⁸ Comandante – Tenente-Coronel de Infantaria Ernesto Maria Rui Dionísio

- Soldado "Cmd" 1368/61, Jorge Ribeiro Soeiro, CCAç 319
- Soldado "Cmd" 1439/61, Armelindo Ramos Ferreira, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1560/61, António Guerreiro Isabel, CCAç 319
- Soldado "Cmd" 1565/61, João Palma Amaro, CCAç 320
- Soldado "Cmd" 1597/61, Armando Gonçalves de Oliveira, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1598/61, Vivaldo Nunes Chula, CCAç 318
- Soldado "Cmd" 1673/61, Albino de Vasconcelos Braz, CCAç 320
- Soldado "Cmd" 1727/61, Joaquim Mário de Campos Pereira, CCAç 320
- Soldado "Cmd" 1762/61, José Alves Gomes, CCS
- Soldado "Cmd" 1772/61, Claudino dos Santos Severo Germano, CCAç 18
- Soldado "Cmd" 1954/61, Idalino da Cunha Teles, CCAç 318

Observações

Em 09Ago62, marcharam a apresentar-se no CI 21 em Zemba, a fim de frequentarem o Curso de Comandos. Terminaram o curso em 30Nov62 (O.S. nº229/04.12.62/BCaç 317).

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

- Alferes Mil "Cmd", Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso
- 2º Sarg. Mil "Cmd", José António Rato Charrua
- Fur Mil "Cmd", Mário Óscar Lima de Azevedo
- 1º Cabo "Cmd" 369/59, Manuel Francisco Pires Júnior
- Soldado "Cmd" 1139/61, Fernando Henrique Bacarote da Silva
(OSnº98 de 30.11.62/CI-21)

GRUPO DE COMANDOS “FALCÕES” / BCAÇ 325⁴⁹

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alferes Mil "Cmd", Agostinho Alves Gonçalves, CCS

Sargentos:

- Fur Inf "Cmd", David do Carmo Silva, CCS
- Fur Inf "Cmd", Carlos José Coutinho Fernandes, CCAç 326
- Fur Mil Inf "Cmd", Geraldo dos Anjos Cascais, CCAç 327
- Fur Inf "Cmd", Manuel Ribeiro Fontes, CCAç 328



Guião do BCAç 325,
tido como emblema
de braço dos “Falcões”

Praças

- 1º Cabo "Cmd" 195/59, José Antunes Carrondo, CCAç 328 (a)
- 1º Cabo "Cmd" 736/59, Joaquim Maria Esgueira, CCAç 326
- 1º Cabo "Cmd" 960/61, Belmiro Martins Pinto, CCAç 328
- 1º Cabo "Cmd" 1074/61, Valentim Castanheira, CCAç 326
- 1º Cabo "Cmd" 1108/61, Almerindo da Eira e Silva, CCAç 327
- 1º Cabo "Cmd" 1114/61, António André Martins, CCAç 327
- 1º Cabo "Cmd" 1148/61, Custódio da Silva Oliveira, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 1554/61, Luís de Pinho Soares, CCAç 326 (b)
- 1º Cabo "Cmd" 1562/61, José de Passos Simas, CCAç 327
- 1º Cabo "Cmd" 1584/61, José de Sousa e Silva, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 1625/61, Alfredo Armindo Monteiro da Ponte, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 1801/61, Joaquim Salgado Lopes, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 1804/61, António José Morais Paiva, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 1805/61, António Pinheiro de Araújo, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 2201/61, Aníbal dos Santos Gomes, CCAç 327
- Soldado "Cmd" 137/59, José Luís Gaspar, CCAç 328
- Soldado "Cmd" 1145/59, Fernando Teixeira Ferreira, CCS

⁴⁹ Comandante – Tenente-Coronel de Infantaria António Pereira de Santana

- Soldado "Cmd" 229/61, Valdemar José Remígio, CCAç 326
- Soldado "Cmd" 1197/61, Jaime Jesus Vinhos da Silva, CCAç 326
- Soldado "Cmd" 1219/61, José Mendes Ferraz, CCAç 327
- Soldado "Cmd" 1250/61, António Augusto Barreiras, CCAç 327
- Soldado "Cmd" 1304/61, Carlos João Alves Henriques, CCAç 328
- Soldado "Cmd" 1433/61, João dos Santos Chaves, CCAç 326
- Soldado "Cmd" 1524/61, Eduardo da Costa, CCAç 328 (b)
- Soldado "Cmd" 1530/61, Abílio de Fonseca Braga, CCS
- Soldado "Cmd" 564/61, Amadeu Ribeiro Gomes, CCAç 326 (b)
- Soldado "Cmd" 1603/61, Domingos da Costa, CCS
- Soldado "Cmd" 1619/61, João da Costa Alves, CCS
- Soldado "Cmd" 1621/61, Augusto Marques da Costa, CCS
- Soldado "Cmd" 1622/61, António Teixeira, CCS
- Soldado "Cmd" 1647/61, António Ferreira Mendes, CCAç 328
- Soldado "Cmd" 1721/61, Fernando da Silva Moreira, CCAç 327

Observações

Iniciaram a instrução do Curso de Comandos, no CI-21/Zemba, em 12Ago1962, tendo terminado em 20Nov1962

- (a) – Por ter passado à Comissão Voluntária, passou a ter o nº 497/59-EP
- (b) – Evacuados para o HMP/Lisboa, por ferimentos em combate

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Do Comandante do CI-21

- Ten Mil "Cmd", Agostinho Alves Gonçalves
- Fur Inf "Cmd", David do Carmo Silva
- Fur Inf "Cmd", José Coutinho Fernandes

(OS Nº 98 de 30Nov62)



O Grupo de Comandos "Falcões"

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA
GRUPO COMANDOS

CARTÃO

Nº 173





Nome GERALDO DOS ANJOS CASCAIS

Posto Furriel milº.

O COMANDANTE DO B.C. 325

NÃO HÁ SELO BRANCO *aut aut aut aut*
ruon

Cedido pelo próprio

CCAÇ ESP. 365 – “CORSÁRIOS”

Para efeitos de instrução no CI-21, a companhia foi reorganizada em três grupos, com a seguinte constituição:

“CORSÁRIOS” – A

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil APes "Cmd", Alfredo Henrique F. Rodrigues dos Santos

Sargentos:

- Fur Mil Atirador "Cmd", Valdemiro José de Jesus
- Fur Mil Atirador "Cmd", Joaquim Ferro Nunes de Abreu
- Fur Mil APes "Cmd", António Guerra

Praças:

- 1º Cabo Enf "Cmd", 661/61, Joaquim Almeida da Silva
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 4/62, Américo Pinho
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 248/62, Henrique Fernandes Duarte
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 403/62, Manuel António Costa
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 452/62, Manuel dos Santos Costa
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 455/62, Agostinho Almeida Cardoso
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 488/62, Júlio de Castro Martins
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 788/62, Lázaro Nascimento Branco Dias
- Soldado Cornet "Cmd", 2086/61, José Moura Mendes
- Soldado Atirador "Cmd", 5/62, Joaquim Resende Oliveira
- Soldado Atirador "Cmd", 32/62, Manuel Amador Dias
- Soldado Atirador "Cmd", 81/62, Leopoldo Mário Queijo
- Soldado Atirador "Cmd", 133/62, Manuel Baptista Brito Domingues
- Soldado Atirador "Cmd", 134/62, Manuel Joaquim Gonçalves Afonso
- Soldado Atirador "Cmd", 185/62, Vitorino Francisco de Sousa
- Soldado Atirador "Cmd", 203/62, Abílio Silva Gonçalves
- Soldado Atirador "Cmd", 215/62, Margarido Augusto Pereira
- Soldado Atirador "Cmd", 229/62, Belmiro de Almeida Machado
- Soldado Atirador "Cmd", 283/62, António Mateus Verde Dias
- Soldado Atirador "Cmd", 322/62, António Marques Monteiro

- Soldado Atirador "Cmd", 375/62, Manuel Gomes Pereira
- Soldado Atirador "Cmd", 415/62, Bento Ferreira da Mota
- Soldado Atirador "Cmd", 416/62, Arnaldo Dias da Mota
- Soldado Atirador "Cmd", 440/62, Arlindo Tavares da Costa
- Soldado Atirador "Cmd", 619/62, João Mendes Duarte
- Soldado Atirador "Cmd", 621/62, Armindo Pereira Baptista
- Soldado Atirador, "Cmd" 636/62, António Gomes de Carvalho
- Soldado Atirador "Cmd", 724/62, Guilherme Alfredo Vieira Machado
- Soldado Atirador "Cmd", 751/62, Jorge Fernando Vieira Ferreira
- Soldado Atirador "Cmd", 811/62, António dos Anjos Duarte
- Soldado Tm Inf "Cmd", 1073/62, Florêncio Carvalho da Costa
- Soldado ApMet "Cmd", 1097/62, João de Brito Mendes

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA GRUPO COMANDOS	
CARTÃO	 N.º _____
Nome _____ Posto _____ JOAQUIM FERRO NUNES DE ABREU FURRIEL MILICIANO Comando	

Cedido pelo próprio

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA	
GRUPO COMANDOS "CORSARIOS"	
CARTÃO	
	N.º _____
Nome <u>Lazaro do Nascimento Branco</u>	
Posto <u>1º Cabo N.º 788/62</u>	
	

Cedido pelo próprio

“CORSÁRIOS” – B**Constituição do Grupo****Comandante:**

- Alf Mil Atirador "Cmd", Mário dos Santos Vaz Pardal

Sargentos:

- Fur Mil Atirador "Cmd", José Manuel Reis Fernandes Moniz
- Fur Mil Atirador "Cmd", Francisco Peixoto Ribeiro

Praças:

- 1ºCabo ApMet "Cmd", 31/62, António Augusto Quintas
- 1ºCabo Atirador "Cmd", 98/62, José Emilio da Silva Lopes
- 1ºCabo Atirador "Cmd", 130/62, Manuel José da Costa
- 1ºCabo Atirador "Cmd", 178/62, Carlos Rodrigues da Costa
- 1ºCabo Atirador "Cmd", 801/62, Joaquim Paulino da Silva Amaral
- 1ºCabo Atirador "Cmd", 810/62, Mário de Albuquerque Martins
- 1ºCabo Atirador "Cmd", 862/62, Nelson Simões Almeida Correia
- Soldado Corneteiro "Cmd", 1975/61, Horácio de Jesus Cardoso
- Soldado Atirador "Cmd", 177/62, José Rodrigues Baptista
- Soldado Atirador "Cmd", 197/62, Domingos Machado Fernandes
- Soldado Atirador "Cmd", 201/62, Secundino Fernando Macedo da Silva
- Soldado Atirador "Cmd", 206/62, Isolino da Silva Fernandes
- Soldado Atirador "Cmd", 227/62, Custódio Fernandes da Silva
- Soldado Atirador "Cmd", 232/62, Casimiro Rodrigues Rego
- Soldado Atirador "Cmd", 277/62, Custódio Cardoso de Oliveira
- Soldado Atirador "Cmd", 287/62, José Vilela Leite
- Soldado Atirador "Cmd", 296/62, Adolfo Moreira Maia
- Soldado Atirador "Cmd", 327/62, Bernardino Rodrigues dos Santos
- Soldado Atirador "Cmd", 331/62, Ismael da Costa Rodrigues
- Soldado Atirador "Cmd", 412/62, Carlos Ferreira Gonçalves da Costa
- Soldado Atirador "Cmd", 486/62, Aníbal Alvão Pereira Carvalho
- Soldado Atirador "Cmd", 519/62, António Pereira Ramos
- Soldado Atirador "Cmd", 533/62, José Magalhães Barros
- Soldado Atirador "Cmd", 543/62, António Joaquim Peixoto Barria
- Soldado ApMet "Cmd", 558/62, Felipe Pires Felgueiras
- Soldado ApMet "Cmd", 589/62, João Gonçalves Ruivo

- Soldado Atirador "Cmd", 593/62, António Maria Silva Lemões
- Soldado Atirador "Cmd", 607/62, Eduardo Alves Domingues
- Soldado Atirador "Cmd", 609/62, José da Silva Salgado
- Soldado Atirador "Cmd", 737/62, José de Frias Figueiredo
- Soldado Atirador "Cmd", 809/62, Marciano Luís de Almeida
- Soldado Atirador "Cmd", 832/62, Vasco Ferreira Ribeiro
- Soldado Atirador "Cmd", 910/62, Daniel Rodrigues da Silva
- Soldado Tm Inf "Cmd", 1074/62, António Ferreira
- Soldado Tm Inf "Cmd", 1079/62, António de Oliveira Teodoro

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

“CORSÁRIOS” – C

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil Atirador, Teófilo do Espírito Santo Gomes

Sargentos:

- Fur Mil Atirador "Cmd", Manuel da Cunha Lourenço
- Fur Mil Atirador "Cmd", José Aurélio Monteiro Anacleto

Praças:

- 1º Cabo Atirador "Cmd", 20/62, Belchior Ferreira dos Santos Pestana
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 125/62, Albino Teixeira de Sousa
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 265/62, Álvaro Alves da Costa
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 457/62, Leonel dos Santos Amaral
- 1º Cabo Atirador "Cmd", 761/62, Manuel Alves Oliveira
- Soldado Corneteiro "Cmd", 2210/61, António Borges Gaspar das Neves
- Soldado Atirador "Cmd", 18/62, Hélder Correia Ferreira
- Soldado Atirador "Cmd", 19/62, Bigail Martinho
- Soldado Atirador "Cmd", 43/62, Joaquim Augusto Ferreira Ribeiro
- Soldado Atirador "Cmd", 71/62, Francisco Pires Ferreira
- Soldado Atirador "Cmd", 180/62, José Manuel Faria dos Santos Breia
- Soldado Atirador "Cmd", 187/62, Ernesto da Silva Monteiro
- Soldado Atirador "Cmd", 264/62, António Parreira Pires Coelho
- Soldado Atirador "Cmd", 281/62, António Marques Antunes
- Soldado Atirador "Cmd", 302/62, Manuel José Magro Vieira
- Soldado Atirador "Cmd", 454/62, José de Jesus Rodrigues
- Soldado Atirador "Cmd", 456/62, Américo da Silva Gomes
- Soldado Atirador "Cmd", 467/62, António da Cruz Cordeiro
- Soldado Atirador "Cmd", 470/62, José António Fernandes de Almeida
- Soldado Atirador "Cmd", 497/62, Abílio Andrade Brandão Cruz
- Soldado Atirador "Cmd", 591/62, Manuel de Freitas Rodrigues
- Soldado Atirador "Cmd", 592/62, Aníbal da Silva Fernandes
- Soldado Atirador "Cmd", 941/62, Acácio Gomes Pacheco
- Soldado Tm Inf "Cmd", 1076/62, José dos Santos Ferreira

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

APOIO DE SERVIÇOS

Constituição

Oficiais:

- Alf Mil Médico, Alberto Manuel Freire Agualusa

Sargentos:

- 1º Sarg Inf, Armando Vieira Rodrigues
- Fur Mil Atirador, Herculano Fernando do Carmo dos Santos
- Fur Mil Atirador, Severiano Freire Moreira (1)
- Fur Mil Transm, Manuel de Matos Faria
- Fur Mil Vaguem, José Luís da Veiga Machado

Praças:

- 1º Cabo Cozinh, 92/61, António Sequeira Valente
- 1º Cabo Escrit, 2519/61, José Manuel Fonseca Mendes Paulo
- 1º Cabo RTeleg, 2554/61, José Maria da Cunha
- 1º Cabo FotCin, 631/61, Sebastião Lopes de Oliveira
- 1º Cabo Atirador, 204/62, José António Gonçalves Fraga
- 1º Cabo Atirador, 205/62, Fernando Rodrigues Pereira
- 1º Cabo Atirador, 333/62, Baltazar Ferreira da Silva
- 1º Cabo Ap Met, 539/62, António Rebelo Teixeira
- 1º Cabo Atirador, 930/62, Luís de Barros Lima
- Soldado Corneteiro, 2212/61, Fernando da Cruz Ferreira
- Soldado Atirador, 195/62, Manuel Joaquim Pereira da Silva
- Soldado Ap Met, 219/62, Luís Manuel de Oliveira
- Soldado Atirador, 316/62, António José Gonçalves Pereira
- Soldado Atirador, 453/62, Viriato de Aguiar Ferreira
- Soldado Ap Met, 554/62, José Manuel Sousa Simões
- Soldado Atirador, 677/62, António da Silva Faria (2)
- Soldado Atirador, 736/62, Saul Videira Ferreira
- Soldado Atirador, 911/62, Casimiro Fernandes
- Soldado Atirador, 929/62, José de Amorim Torres (2)
- Soldado Atirador, 931/62, Vidal Lourenço Cerqueira da Rocha
- Soldado Cozinh, 1001/62, José Rodrigues Oliveira
- Soldado Cozinh, 1002/62, António Barbosa dos Reis

- Soldado Ap Met, 1098/62, Joaquim Duarte Fialho
- Soldado Cozinh, 2166/62, Manuel da Fonseca Sargaço

Observações

- (1) - Evacuado para o HMP em 24Nov62
- (2) - Evacuados para o HMP em 26Out62.

COLOCAÇÕES NA CCAÇ ESP nº 365

Em 29Ago62 (O.S. nº 238/29.08.62/RIL)

- 2º Sarg Inf, José Carvalho
- 1º Cabo CAR, 334/59, Belmiro Simões Coutinho
- Soldado CAR, 317/58, João Mário Fernandes
- Soldado 318/58, Joaquim Fernandes de Almeida
- Soldado CAR, 319/58, Baltazar Duarte Nogueira
- Soldado CAR, 321/58, Alberto de Jesus Tavares
- Soldado CAR, 324/58, José António Carvalho de Queiroz
- Soldado CAR, 334/58, Mário Seródio da Costa
- Soldado CAR, 344/58, Francisco Gonçalves Eiras
- Soldado CAR, 335/59, António Magalhães Carvalho

Em 12Set62 (O.S. nº 74/14SET62/RMA)

- Alf Mil Atir, Valdemiro Roxo Oliveira Cardoso
- 1º Cabo Rtl, 2144/62, Mário Rodrigues de Oliveira
- 1º Cabo Rtl, 2145/62, Rogério Augusto Silva
- 1º Cabo Rtl, 2146/62, Manuel Joaquim Vilela

Em 22Set62 (O.S. 268/29.09.62/RIL) e (O.S.77/26.09.62/RMA)

- 1º Cabo Mun, 2620/61, João Tavares Moniz
- 1º Cabo Cornt, 3015/61, Felisberto Salvador dos Reis
- 1º Cabo CMsg, 3016/62, Manuel Rodrigues da Silva

Em 30Out62 (O.S. nº 04/11.01.63/RMA)

- Fur Inf, Leonel Dias Gonçalves
- Fur Mil Atirador, José Rodrigues
- Fur Mil Atirador, Manuel Sequeira Martins Baptista
- Fur Mil Mec ARodas, Hernâni Ferreira dos Santos
- Fur Mil Enfermeiro, Alberto Arcanjo Peralta
- 1º Cabo Atir, 1275/62, João António Teixeira Lameira

Em 27Out62 (O.S. nº 82/02.11.62/RMA)

- 1º Cabo Enf, 561/61, Joaquim Torres Faria
- 1º Cabo Rtl, 2144/62, Mário Rodrigues de Oliveira
- 1º Cabo Rtl, 2145/62, Rogério Augusto Silva
- 1º Cabo Rtl, 2146/62, Manuel Joaquim Vilela

Em 04Nov62 (O.S. nº 90/09.11.62/RMA)

- Soldado Atirador, 672/62, José dos Santos Afonso Freixeda
- Soldado Atirador, 673/62, Fernando José Teixeira Júnior

Em 09Dec62 (O.S. nº 101/14.12.62/RMA)

- Fur Inf, António Ferreira Simões

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir



Grupo "Corsários A"

Fotografia cedida pelo 1º Cabo Atirador, Lázaro Nascimento Branco Dias

ACTIVIDADE OPERACIONAL NO FINAL DO CURSO
SEM IDENTIFICAÇÃO DOS GRUPOS⁵⁰

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BARRETE VERDE"	01SET62	ZONA DE QUINDEMBE E FAZENDA S. JOÃO (GOLPE DE MÃO)	O CI ACTUOU COM 4 GRUPOS DE COMANDOS
OP. "TASCA SUJA"	26 A 28SET62	ZONA DE ZEMBA-CAMBAMBA E R. SUEGE (BATIDA)	O CI ACTUOU COM UM GRUPO DE COMANDOS REFORÇADO
ACÇÃO	23OUT62	ZONA ENTRE RIOS CACUA E CAMBO (BATIDA)	O CI ACTUOU COM 4 GRUPOS DE COMANDOS
ACÇÃO	12 A 13NOV62	ZONA DE MUANDA-QUISSAMBALA (BATIDA)	O CI ACTUOU COM 4 GRUPOS DE COMANDOS

FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL

OP. "GENERAL FREIRE"	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA-PANGO ALUQUEM, ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	O CI ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "PEDRA", "FANTASMAS", "FALCÕES", "NÓQUI" E "VAMPIROS"
-------------------------	--------------	---	--

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

Pelo Comandante do Centro, foram louvados os seguintes oficiais do corpo de instrução:

- Alf Cav, José Pedro Simões Caçorino Dias
 - Alf Cav, Vasco Luís Pereira Esteves Ramires
 - Alf Inf, Raul Miguel Socorro Folques
- (OS Nº 98 de 30Nov62)

Ver na página III e IV, os mapas de Intervenção no Norte de Angola

⁵⁰ Não foram encontrados elementos, para identificar os grupos intervenientes

RESENHA DOS GRUPOS

GRUPO DE COMANDOS "VAMPIROS" / BCAÇ Nº185
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	24 A 26AGO62	ZONA ENTRE A FAZENDA SÁ E ZEMBA (PATRULHAMENTO)	ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"
ACÇÃO	07 A 08SET62	ZONA DO RIO CAMBO E FAZENDA SÁ (PATRULHAMENTO)	ACTUOU COM O GR CMDS "PEDRA"
OP. "VAMPIRO LIGEIRO"	07OUT62	ZONA ENTRE ZEMBA E RIO CAMBO (BATIDA)	
ACÇÃO	23 A 25OUT62	ZONA DE GONGONEGONGO - MONTE LADEIRA - S. JOÃO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "AÇO"
OP. "MATO GROSSO"	25 A 31OUT62	VALES DOS RIOS LULUMBA, CALONGO E LOCHE (BATIDA)	
OP. "GENERAL FREIRE"	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA, PANGO ALUQUEM, ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "PEDRA", "FANTASMAS", "FALCÕES" E "NÓQUI" FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL
ACÇÃO	28 A 30NOV62	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO DE MAZUNDO, PROXIMIDADE DA PEDRA TURULO (PATRULHAMENTO)	ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"
ACÇÃO	12FEV63	ZONA A SUL DO TOTO (BATIDA)	
OP. "1º ACTO"	16 A 18FEV63	ZONA DE INGA (BATIDA)	

(continua)

(continua)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "VAI FOGO"	01JUN63	ZONA A W DE BEMBE (BATIDA)	
OP. "MÃOS DADAS"	15 A 16JUN63	ZONA A W DE BEMBE (BATIDA)	
OP. "ARARA NEGRA"	26JUL A 05AGO63	ZONA DE INGA E RIO M'BRIDGE (BATIDA)	
OP. "MALA AVIADA"	22 A 24AGO63	ZONA DE BESSA MONTEIRO - TOTO – RIO LOGE (BATIDA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Prata de Valor Militar com Palma

– ALFERES MILICIANO – JOSÉ MANUEL GARCIA RAMOS LOUSADA

(Portaria de 27Ago63 – OE n.º 9-2ªSérie/63)

Condecorado com a medalha de prata de valor militar, com palma, nos termos do § 1.º do artigo 51.º, com referência ao artigo 7.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, o alferes miliciano de, infantaria José Manuel Garcia Ramos Lousada, da companhia de comando e serviços do batalhão de caçadores n.º 185 (regimento de infantaria, n.º 13), porque no Norte de Angola, onde se mantém continuamente em serviço desde Julho de 1961, tem sido exemplo vivo de bem servir, com bravura, coragem, espírito de sacrifício e desprezo pelo perigo em feitos de combate. Este oficial teve acção de relevo contra o inimigo, como comandante do grupo de comandos para o qual se ofereceu, como comandante de pequenos grupos lançados de helicóptero e também em inúmeras outras acções em que tomou parte, sempre se mostrando digno do alto conceito em que é tido como oficial competentíssimo, bravo e dotado de espírito de sacrifício sem limites.

Promovido por distinção ao posto de Tenente Miliciano

(Portaria de 31Jul63 - OE n.º 13-2ªSérie/1963).

LOUVORES

Do Cmdt do Sector Operacional nº.5:

- Alf Mil, José Manuel Garcia Ramos Lousada
(OS nº.282/01-12-62/BCaç 185)

Do Cmdt da RMA

- Soldado 310/EP, Fernando Miranda Gomes
(OS nº 68 de 14Ago63/ Comd da RMA)

BAIXAS

Mortos:

- Soldado 91/60, Agostinho Paulino Teixeira dos Reis,
falecido em 25Set63. por acidente.

Feridos:

- Soldado 474/PU (4193/61), José Manuel Cabral da Cruz,
ferido em 18Fev63.
- Soldado 505/60, Manuel Maria Domingues,
ferido em 25Ago62.

HISTORIAL

O Pelotão de Comandos “VAMPIROS”

Por despacho de 31Out63 de Sua Ex^a o Brigadeiro Comandante da Região, louvou:

O PELOTÃO DE COMANDOS do Batalhão de Caçadores n.º 185 que, com o nome de Vampiros e com os seus extraordinários feitos militares se apresentou como símbolo da Honra e da Glória.

Constituído por voluntários de todas as Subunidades do Batalhão, durante longos meses de operações nos Dembos, Ucuá, Vamba e Inga, com grande espírito de sacrifício e excepcional resistência à fadiga e à dor, com indómita bravura e coragem passo a passo, com exemplar tenacidade e determinação, guindou-se num só e indestrutível bloco ao cume das Virtudes Militares.

Conscientes de que a fortuna só favorece a audácia, a ela e a um treino constante, consciente, repetido e perfeito, ficaram a dever os êxitos alcançados nas, suas acções, que só por vitórias se contam.

Tendo como lema Atacar Sempre, nunca um cometimento lhes pareceu irrealizável, nunca um ponto na aparência inacessível ficou por escalar.

Através das matas cerradas, de rios caudalosos ou de pântanos traiçoeiros experimentando a sede ou a fome, vertendo generosamente o seu sangue e o seu suor, jamais deram quartel ao inimigo, que perseguiam e desbaratavam, aprisionando-o ou destruindo-o.

Este PELOTÃO DE COMANDOS, olhado, com profunda admiração e estima pelas tropas que tiveram a fortuna de ter os seus elementos por companheiros de armas, constituiu um estímulo e um extraordinário exemplo de Bem Servir e a sua acção honra o Batalhão a que pertence e bem merece do Exército que serve a PÁTRIA que os tem por filhos.

(OS n.º 92 de 06Nov63 do Assunto: ESCOLA OVAR
- Cmd da R.M.A.)

GRUPO DE COMANDOS "AÇO" / BCAÇ Nº186
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	23SET62	ZONA DO RIO LIFUNE E REGIÃO DE QUIZONDO (BATIDA)	
ACÇÃO	08OUT62	ZONA DE CALUNGA-SAMBA E RIO LIFUNE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "PEDRA"
ACÇÃO	23 A 25OUT62	ZONA DE GONGONEGONGO - MONTE LADEIRA - S. JOÃO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "VAMPIROS"
OP. "GENERAL FREIRE"	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA - PANGO ALUQUEM, ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA, BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS", "VAMPIROS", "PEDRA", "FALCÕES" E "NÓQUI" FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL
ACÇÃO	13DEZ62	ZONA DE QUIZONDO (GOLPE DE MÃO)	
OP. "RODA-VIVA"	17 A 25DEZ62	ZONA DO MACIÇO DOS QUIUENENES-QUICABO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FALCÕES", "CORSÁRIOS" E "FANTASMAS"
ACÇÃO	31DEZ62	ZONA DE MANUEL LINO (GOLPE DE MÃO)	
OP. "DOIS MONTES"	09 A 11JAN63	ZONA DE MUANDA - REGIÃO ENTRE O RIO SUEGE - MUANDA - QUINDEMBE - ZAMBAXE (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	21 A 22JAN63	ZONA DE CAUANGA (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	27JAN A 09FEV63	ZONA DO QUITEXE - MUHOMBO - QUIPEDRO - QUITOQUE - QUINGUENDA - CAUANGA - CÔLUA E RIOS LAMANHA, UAMBA E LUÍÇA (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "NÓQUI", "FALCÕES", "CORSARIOS" E "FANTASMAS"
ACÇÃO	01FEV63	ZONA DO VALE DO RIO LUFUNGUE (BATIDA)	
ACÇÃO	19FEV A 18MAR63	ZONA DO ÚCUA - FAZENDA BELO HORIZONTE - FAZENDA SANTA CLARA - ROSSA MARIA PAULA - PANGO ALUQUEM - QUISSACALA - BANZA DO ESSO - GINGEU E RIOS TEBA, DANGE E QUILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "NOQUI", FALCÕES, FANTASMAS E CORSÁRIOS
OP. "VINGANÇA DO PRIMEIRO MORTO COMANDO"	18 A 19MAR63	ZONA DO ÚCUA – ENTRE QUISSACALA E GINGEU (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS", "FALCÕES" E "NÓQUI"
ACÇÃO	05ABR63	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO DE QUIZONDO (BATIDA)	
ACÇÃO	21JUN63	ZONA DO RIO CAOZA (GOLPE DE MÃO)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe:

- FUR DE INFANTARIA - JOSÉ MANUEL FERREIRA GASPAR
CCac 187/BCac 186 - RI 7
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E N.º 3 - 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artº 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 15 de Outubro de 1963:

O Fur de Infantaria, José Manuel Ferreira Gaspar, da Companhia de Caçadores nº 187/Batalhão de Caçadores nº 186 - Regimento de Infantaria nº 7.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 80, de 22 de Setembro de 1963, do QG/RMA):

Louvo o Fur, José Manuel Ferreira Gaspar, da CCAç 187/BCAç 186, porque se revelou como o mais destacado elemento do Grupo de Comandos do Batalhão, já pela agressividade e coragem que sempre demonstrou, já pela decisão, sangue frio e iniciativa de que deu provas nas imensas acções em que tem tomado parte. De entre muitas das suas actuações, é de justiça destacar a sua acção num golpe de mão a um acampamento na região de Manuel Lino, em 31Dez62; durante a perseguição que moveu ao inimigo, na região de Quitexe, entre as fazendas Pumbaloje e Antoave, porque tornando-se necessário seguir a corta mato por terreno extremamente difícil e verificando já grande cansaço no pessoal, se colocou à frente, dando com o seu exemplo o indispensável ânimo a todos para o prosseguimento da acção que pôde assim ser completamente cumprida; de referir, ainda, e principalmente, uma acção de combate no rio Cáuca, em 10Jan63, quando a sua Secção que constituía a testa do grupo caiu numa emboscada, conseguindo debaixo de fogo, atingir as posições do inimigo, desalojando-o e pondo-o em fuga, revelando uma vez mais a sua coragem, decisão, sangue frio e serena energia debaixo de fogo.

Por tantas e tão destacadas qualidades e ainda pela sua correcção e aprumo, bem merece o Fur Ferreira Gaspar ser apontado como graduado de muito valor, inteiramente merecedor da estima e consideração que os seus superiores, camaradas e subordinados lhe dedicam.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe:

– 1.º CABO DE INFANTARIA, nº 156/RD – JOSÉ RAMOS SALVADO
CCS/BCac 186 - BC 6
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 – 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 15 de Outubro de 1963:

a. O Primeiro-Cabo, José Ramos Salvado nº156/Rd, da Companhia de Comando e Serviços/Batalhão de Caçadores nº 186 - Batalhão de Caçadores nº 6.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS nº 80, de 25 de Setembro de 1964, do QG/RMA):

Louvo o 1º Cabo nº 156/RD, José Ramos Salvado, da CCS do BCac 186, porque, fazendo parte como voluntário do Grupo de Comandos do Batalhão, nunca se poupou a esforços, salientando-se pela valentia e espírito agressivo com que sempre actuou.

Particularmente, distinguiu-se, em 10 de Janeiro de 1963, junto ao rio Cáuca, numa batida em que o seu Grupo caiu numa emboscada, conseguindo, rastejando, aproximar-se da posição inimiga, batendo-a com fogo certo e perseguindo, em seguida, os terroristas em fuga, revelando assim muita coragem, decisão, sangue frio e serena energia debaixo de fogo. Neste mesmo dia voltou ainda a revelar-se elemento de muito valor quando o inimigo preparava nova emboscada na região de Muanda, que foi imediatamente neutralizada.

Militar brioso e disciplinado, é inteiramente merecedor da admiração e estima de superiores e camaradas.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe:

— 1º CABO ESCRITURÁRIO, Nº 4/60 — MANUEL DIAS ALVES
CCS/BCac 186 - BC 6
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 - 3.a série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.a classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 15 de Outubro de 1963:

O Primeiro-Cabo, Manuel Dias Alves, nº 4/60 da Companhia de Comando e Serviços/Batalhão de Caçadores nº 186 - Batalhão de Caçadores nº 6.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 80, de 25 de Setembro de 1963, do QG/RMA):

Louvo o 1º Cabo nº 4/60, Manuel Dias Alves, da CCS do BCac 186, porque, como elemento do Grupo de Comandos do Batalhão, demonstrou sempre elevado espírito de sacrifício e uma vontade inextinguível em cumprir todas as missões que lhe foram confiadas, tendo tomado parte em várias acções, nomeadamente na região de Quicabo, onde o Grupo actuou com eficiência.

A sua valentia e elevado moral ficaram bem patenteados, quando, em 31 de Dezembro de 1962, numa acção de combate em que o seu Grupo, conjuntamente com outro, procedia à limpeza na região de Quizonzo, foi gravemente ferido por um projectil inimigo que lhe atravessou o peito; localizando rapidamente a região de onde provinha o fogo adverso, ripostou com o fogo da sua arma enquanto as forças lho permitiram, revelando muita coragem, decisão, sangue frio e serena energia debaixo de fogo.

Tanta coragem, demonstrada em tais circunstâncias, arrastou todo o Grupo de Combate para o ataque agressivo que neutralizou rapidamente a emboscada.

Escrivão da secretaria do Batalhão, voluntariamente se ofereceu para fazer parte do Grupo de Comandos, quando da sua criação, revelando só por essa atitude o seu desejo de se encontrar sempre presente nos locais de maior perigo. Militar brioso, dedicado pelo serviço e de correcção inextinguível, foi sempre até à sua evacuação para a metrópole, um exemplo para todos os camaradas, tendo facilmente grangeado a simpatia e estima dos seus superiores.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe:

- SOLDADO DE INFANTARIA, N.º 54/61 – FRANCISCO ALVES DA SILVA
CCac 189/BCac 186 - RI 7
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE N.º 15 - 3.ª série de 1963.

Para efeitos da última parte do artº 12º do Regulamento da Medalha Militar e por despacho de 03 de Maio de 1963, do CCFAA, foi condecorado com a Cruz de Guerra de 4ª classe:

O Soldado nº 54/61, Francisco Alves da Silva, da CCac 189, do BCac 186 - RI 7.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Despacho de 22 de Abril de 1963, do General Comandante da Região Militar de Angola, publicado na OS nº 33, de 24 do mesmo mês e ano, do QG/RMA e OS nº 107, de 04 de Maio de 1963, do BCac 186):

Louvido o Soldado n.º 54/61, Francisco Alves da Silva, da CCac 189, porque no dia 13 de Agosto de 1962, quando do deslocamento da sua Companhia de Zemba para a Roça São Paulo, durante cerrado ataque inimigo, na região de Calunga-Samba, como apontador de metralhadora Breda montada em suporte para tiro anti-aéreo, num jeep de 1/4 ton, sem qualquer blindagem protectora, se manteve no seu posto sem jamais o abandonar, flagelando os elementos adversos emboscados com o fogo da referida arma, revelando coragem, decisão, sangue frio e serena energia debaixo do cerrado fogo inimigo.

Apesar da sua arma se ter encravado, com calma impressionante reparou-a debaixo de intenso fogo adverso, reiniciando com rapidez o tiro. Com esta corajosa manifestação de invulgar desprezo pela vida, demonstrou o Soldado 54/61, Francisco Alves da Silva, ter noção exacta das obrigações que a sua missão de apontador de metralhadora Pesa lhe impunha, na protecção da coluna.

A ele se deve, em grande parte, o êxito obtido pelas nossas tropas no desbaratar da emboscada em que haviam caído

LOUVORES**Do General Comandante da RMA:**

- Fur Inf, José Manuel Ferreira Gaspar,
(OS 80/25.9.63/QG/RMA).
- 1º Cabo n.º.156/RD, José Ramos Salvado,
(OS 80/25.9.63/QG/RMA).

- 1º Cabo nº.4/60, Manuel Dias Alves,
(OS 80/25.9.63/QG/RMA).
- 1º Cabo nº179/RD, Manuel Francisco Chanca,
(OS 39/10.5.63/QG/RMA).
- Soldado nº.54/61, Francisco Alves da Silva,
(OS 33/24.4.63/QG/RMA).
- Soldado nº.311/60, Joaquim Natário Gomes,
(OS 39/10.5.63/QG/RMA).
- Soldado nº.71/61, António da Costa Cravo,
(OS 39/10.5.63/QG/RMA).

BAIXAS

Mortos em combate:

- 1º Cabo nº.12/60, Helder Sanches Pires,
em 05Abr63

Feridos:

- Fur Inf, Serafim Soares da Costa,
evacuado para o HMP/Lisboa
- 1º Cabo 4/60, Manuel Dias Alves,
evacuado para o HMP/Lisboa

HISTORIAL

O BCaÇ 186 “AÇO”, desembarcou em Luanda, em 28 de Julho de 1961, onde ficou até fins de 1961, altura em que o Batalhão foi ocupar Vista Alegre, Cambambe e Mucondo.

Mais tarde, em meados de 1962, Zemba foi ocupada pelo CCaÇ 189 pertencente a este Batalhão e onde se integravam os elementos que viriam a constituir o grupo de comandos “Aço” e que ali receberam instrução.

A instrução do Grupo “Aço”, desde o início até ao fim, foi sempre ministrada no terreno do inimigo e por isso mesmo executada com acções reais.

“...Assim, nesta fase o Grupo desempenhou diversas acções, nomeadamente, de nomadização, de emboscada, de assaltos a acampamentos, de ataques a objectivos e sofreu também diversas flagelações de que resultou o Alferes Comandante do Grupo ter ficado ferido e ter sido evacuado, pelo que o Comando do mesmo foi assumido pelo Segundo Sargento Inácio Maria.

No final do período de instrução o Grupo ficou reduzido a 28 elementos, divididos em quatro Secções, nome que então se dava a cada Equipa.

O “Aço” actuou em variadíssimas zonas, designadamente em Cambambe, Mucondo, Liberato, Dange, Santa Eulália, Quibaxe, Quitexe, Quibala e Quicabo...”⁵¹



Panorâmica do Aquartelamento do Mucondo

(Fotografia cedida pelo 1º Cabo Carlos Costa)

⁵¹ Testemunho do 1º Sargento de Infantaria Inácio Maria – revista Mama-Sume .Nº 18 de Ago/Out/83.



À direita 1º Cabo Hélder Pires, falecido em combate no Úcuá em 05Abr63, acompanhado pelo 2ºSargento Serafim Costa (ao centro) e 1º Cabo João Abaladas.



Homenagem do grupo "Aço", junto à campa do 1º Cabo Hélder Pires
(Fotografias cedidas pelo 1º Cabo João Abaladas)

GRUPO DE COMANDOS “PEDRA” / BCAÇ Nº261

ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	07 A 08SET62	ZONA DO RIO CAMBO E FAZENDA SÁ (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “VAMPIROS”
ACÇÃO	08OUT62	ZONA DE CALUNGA SAMBA E RIO LIFUNE – (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “AÇO”
OP. “GENERAL FREIRE”	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA - PANGO ALUQUEM - ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “AÇO”, “VAMPI- ROS”, “FANTASMAS”, “FALCÕES” E “NÔQUI” FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES

Nada a referir

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Este grupo foi constituído por elementos que pertenciam ao BCaÇEspNº261. Este Batalhão foi formado em Chaves, tendo partido para Angola em Agosto de 1961. Foi colocado em “intervenção” da RMA e tomou parte em várias operações nomeadamente a da “Pedra Verde”, que veio a dar nome ao grupo.

Em 1962, com elementos das três companhias e sob o comando do Alferes de Infª César Augusto Lopes Rodrigues, foi constituído um grupo para frequentar o curso de “Comandos” no CI 21 (Zemba). Era um grupo experiente, pois todo o pessoal tinha um ano de Companhia operacional, por isso, durante o curso, tomou parte em todas as operações.

No final do mesmo, foi destacado para a fronteira do Congo (Katanga), onde tomou parte activa na recepção dos mercenários que recolheram a Angola. Permaneceu na Zona Leste de Angola até ao final da comissão, tendo regressado ao Continente em Dezembro de 1963.

Teve a única baixa (Fur.Mil.Lemos) em instrução, quando estava a desactivar uma armadilha.⁵²

⁵² Testemunho do Coronel de Infantaria César Augusto Lopes Rodrigues – revista Mama-Sume Nº 18 de Ago/Out/83.

GRUPO DE COMANDOS DO BCAÇ Nº280 (GRUPOS A E B)**ACTIVIDADE OPERACIONAL**

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "PANTERA NEGRA"	17 A 19ABR62	ZONA DE LUHUGA (BATIDA)	ACTUARAM OS 2 GR CMDS (A E B)
OP. "ELEFANTE BRANCO"	03 A 05MAI62	MATA MOSSUCO E VALE DO RIO DOS JACARÉS (BATIDA)	ACTUARAM OS 2 GR CMDS (A E B)
OP. "TXA - TXA"	10MAI62	RIO ZAIRE ENTRE A FOZ DO RIO LUÉ PEQUENO E A PONTA MACALA (BATIDA)	ACTUARAM OS 2 GR CMDS (A E B)
OP. "GATO PRETO"	09OUT62	VALE DO RIO DOS JACARÉS E RIO BUETE (BATIDA)	ACTUOU 1 GR CMDS (A)
ACÇÃO	16OUT62	ZONA DOS RIOS SUEGE, CÂCUA, CAXIRI E LIQUINGE (BATIDA)	O GR CMDS (A) ACTUOU COM O GR CMDS "CORSARIOS"
OP. "GENERAL FREIRE"	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA - PANGO ALUQUEM, ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	O GR CMDS B, ACTUOU COM OS GR CMDS "VAMPIROS", "AÇO", "PEDRA", "FANTASMAS" E "FALCÕES" FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL
ACÇÃO	27JAN A 09FEV63	ZONA DO QUITEXE - MUHOMBO - QUIPEDRO - QUITOQUE - QINGUENDA - CAUANGA - CÔLUA E RIOS LAMANHA, UAMBA E LUICA (BATIDA)	OS DOIS GR CMDS ACTUARAM COM OS GR CMDS "FALCÕES", "CORSÁRIOS", "FANTASMAS" E "AÇO"
ACÇÃO	01FEV63	ZONA DO CAZUNDO E RIO UAMBA (GOLPE DE MÃO)	UM GR CMDS ACTUOU COM O GR CMDS "FANTASMAS"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	08FEV63	VALE DO RIO LUIÇA (GOLPE DE MÃO)	UM GR CMDS ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"
ACÇÃO	19FEV A 18MAR63	ZONA DO ÚCUA - FAZENDA BELO HORIZONTE - FAZENDA SANTA CLARA – PANGO ALUQUEM - QUISSACALA - BANZA DO ESSO - GINGEU E RIOS TEBA, DANGE E QUILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "FALCÕES", "FANTASMAS" E "CORSÁRIOS"
ACÇÃO	21FEV63	ZONA DA ROÇA MARIA PAULA (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	05MAR63	ZONA DE BANZA - MUQUIAMA (BATIDA)	
OP. "VINGANÇA DO PRIMEIRO MORTO COMANDO"	18 MAR63	ZONA DO ÚCUA - ENTRE QUISSACALA E GINGEU (BATIDA)	UM GR DE CMDS ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS", "AÇO" E "FALCÕES"
ACÇÃO	21MAR63	ZONA DO PANGO ALUQUEM – ROÇA MARIA PAULA (BATIDA)	UM GR DE CMDS ACTUOU COM O GR CMDS "FANTASMAS"
OP. "PACAÇA PARDA"	19JUN A 04JUL63	ZONA DE QUICABO – REGIÃO DOS RIOS N'DUI, IÓ E ONZO (BATIDA)	ACTUARAM OS 2 GR CMDS
OP. "PARADA BAIXA"	20 A 24OUT63	ZONA ENTRE VALE DO SEMBO - RIO LOGE E MATA SANGA (BATIDA)	ACTUARAM OS 2 GR CMDS
OP. "LEOPARDO CACHORRO"	01 A 06DEZ63	ZONA DA BELA VISTA (BATIDA E ESCOLTA)	ACTUARAM OS 2 GR CMDS

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra de 4ª Classe

– 1.º CABO DE INFANTARIA, nº 671/59 – ANTÓNIO GODINHO LUÍS
CCS/BCaç280 - RI 15
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 – 3ª série, de 1964.
Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 22 de Novembro de 1963:

O Primeiro-Cabo, António Godinho Luís, nº 671/59, da Companhia de Comando e Serviços/Batalhão de Caçadores nº 280 - Regimento de Infantaria nº 15.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 90, de 03 de Outubro de 1963, do QG/RMA):

Louvo o 1º Cabo de Infantaria, explorador-observador, nº 671/59, António Godinho Luís, da CCS/BCac 280-RI 15 porque, fazendo parte dum Grupo de Comandos da sua Unidade, mostrou sempre, em todas as acções contra o Inimigo em que tomou parte no Norte de Angola, tanto na região de Nôqui como nas de Zemba, Quitexe e Úcua, qualidades de decisão, sangue frio, coragem e serena energia debaixo de fogo. Mostrou ainda uma vontade inquebrantável em acercar-se do Inimigo e abatê-lo ou capturá-lo, arrastando com o seu exemplo outros camaradas da sua equipa.

É particularmente significativa e atesta bem as qualidades citadas, uma acção em que, deslocando-se na testa da sua equipa, no vale do rio Dange (Úcua), ao avistar um elemento inimigo, o alvejou imediatamente tendo-o ferido. Perseguiu-o sem demora a fim de o capturar, bem como a sua arma. Durante a perseguição avistou mais quatro elementos inimigos armados e, com a maior calma, alvejou-os sucessivamente, abatendo dois deles, um dos quais com uma pistola-metralhadora que o alvejara, acabando por capturar a pistola-metralhadora e uma granada de mão ofensiva que possuía.

Nesta acção, bem como outras em que a decisão revelada, no cerco imediato ao inimigo referenciado, levou à captura de prisioneiros e outro material, evi-

denciou o seu desprezo pelo perigo, internando-se deliberadamente nas matas infestadas de terroristas, arrastando outros elementos consigo.

Tais qualidades, a par do seu aprumo, nítido cumprimento do dever, espírito de sacrifício e disciplina patenteados, levam-me a considerá-lo um ótimo elemento, muitíssimo bem apontado como exemplo a todos os seus camaradas.

Medalha de Mérito Militar de 3ª Classe

– TENENTE MILICIANO – JOÃO VIEIRA PEREIRA

(Alinea b, do n.º1 do Artº2º da O.S. n.º 76 de 11SET63 do Cmd. da RMA)

Por despacho de 07Set63 de Sua Ex.ª o Brigadeiro Comandante da Região, louvou:

O Tenente Milº João Vieira Pereira, da CCS/BCaÇ280, porque, sendo Comandante dum Grupo de “Comandos” da sua Unidade e em todas as acções ou operações em que tornou parte revelou qualidades militares dignas do maior apreço. Tanto na região de Zemba como na de Quitexe e Úcua, actuou ofensivamente contra o inimigo com coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo e sangue frio. Desembaraçado, disciplinador e disciplinado, soube assimilar perfeitamente os métodos de actuação preconizados e transmiti-los com eficiência, sabendo criar um espírito de corpo no seu Grupo que actuou com o mais elevado moral e valentia merecendo sempre as melhores referências das unidades em proveito das quais actuou. Por tudo isto considero o Tenente Vieira Pereira um ótimo subalterno perfeitamente treinado e mentalizado nos métodos da guerra que enfrentamos, com qualidades notáveis de comando que contribuiu em larga medida com a sua acção pessoal para os numerosos sucessos alcançados pelo Grupo, contra o inimigo, que se cifram em elevadas baixas causadas, bastantes prisioneiros feitos e captura de diverso material e documentos.

LOUVORES

Do General Comandante da RMA

– Os Grupos de Comandos,

(despacho de 24Out63)

(O.S.nº.90/30.10.63/QG/RMA)

– Ten Mil, João Vieira Pereira,

(despacho de 07Set63)

(O.S.nº.11.09.63/QG/RMA)

- Fur Mil, António Augusto de Oliveira Leal,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº90/30.10.63/QG/RMA)
- Fur Mil, Victor Manuel do Carmo Santos,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº90/30.10.63/QG/RMA)
- 1º Cabo 671/59, António Manuel Godinho Luís,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº90/30.10.63/QG/RMA)
- 1º Cabo 1125/59, Américo Lopes Gonçalves,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº.90/30.10.63/QG/RMA)
- 1º Cabo 470/61, Alfredo Alves Gomes,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº.90/30.10.63/QG/RMA)
- 1º Cabo 453/61, Norberto Correia Evangelista,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº.90/30.10.63/QG/RMA)
- Soldado 614/61, António Augusto Fernandes Forneiro,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº.90/30.10.63/QG/RMA)
- Soldado 58/EP, Álvaro Augusto,
(despacho de 24Out63)
(O.S.nº.90/30.10.63/QG/RMA)

Do Comandante do BCaÇ 280

- Ten Mil, João Vieira Pereira,
(O.S.nº.175/31.7.63/BCaÇ 280).
- 2º Sarg Mil, António Manuel Marques Faria,
(O.S.nº.270/22.11.63/BCaÇ 280).
- 1º Cabo 800/61, César dos Santos,
(O.S.nº.192/21.8.63/BCaÇ 280).
- 1º Cabo 803/61, Manuel da Rocha Moreira,
(O.S.nº.192/21.8.63/BCaÇ 280).
- 1º Cabo 896/61, Armando Isidro dos Santos,
(O.S.nº.271/23.11.63/BCaÇ 280).
- 1º Cabo 897/61, Manuel Mendes da Mata,
(O.S.nº.271/23.11.63/BCaÇ 280).

- 1º Cabo 471/61, Fernando Damião Martins Ferreira
(O.S.nº.271/23.11.63/BCaÇ 280).
- Soldado 558/61, Luís António Teixeira,
(O.S.nº.192/21.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 572/61, Armando Adriano Ramos,
(O.S.nº.192/21.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 794/61, Fernando António Guerreiro Mestre
(O.S. nº.194/23.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 798/61, Fernando da Silva Guimarães,
(O.S.nº194/23.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 804/61, António Fernando Coelho Rodrigues,
(O.S. nº.194/23.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 606/61, Abílio Teixeira,
(O.S. nº.194/23.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 990/61, José dos Santos Bento Garcia,
(O.S.nº.196/26.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 971/61, Gregório Gualdino Neto Costa,
(O.S.nº196/26.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 970/61, António Joaquim Raimundo dos Lóios,
(O.S. nº196/26.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 599/61, Casimiro Fernando Vaz,
(O.S.nº196/26.8.63/BCaÇ 280).
- Soldado 919/61, Justino do Nascimento Sá,
(O.S.nº196/26.8.63/BCaÇ 280).

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Os “GRUPOS DE COMANDOS” que desde a sua organização passaram a ser accionados directamente pelo Cmd e adidos à CCS, continuaram a ser empregues nas missões específicas para que foram criados. Desenvolveram notável actividade em nomadizações, emboscadas e patrulhas motorizadas. Embora não se refiram em especial quaisquer acções das muitíssimas que realizaram, sentiu-se com evidência que as áreas limítrofes de Nóqui, onde era frequente verificar-se passagem de elementos In, passaram a ser menos devassadas e uma vez por outra, o In deixou a sua carga, fugindo desordenadamente ou teve mortos ou feridos.

As entidades superiores, após a recepção do estudo e relatórios sobre organização, actuação, possibilidades etc. do grupo de comandos elaborados por este Comando e tendo constatado nas visitas feitas ao Batalhão, o seu desembaraço sobretudo nas patrulhas motorizadas, entenderam organizar um Centro de instrução com vista à preparação de Grupos idênticos noutras Unidades.

Para o efeito, criou-se em Zemba o CI-21, para o qual seguiu em 29 de Julho de 62, o Grupo sob o Comando do Alferes João Vieira Pereira.

Ali colaboraram na construção das instalações, em barracas de madeira modelo JC e após este trabalho, passaram à fase intensiva de instrução.

Fizeram demonstrações, deram instrução sob a direcção de Dante Vacchi e logo que oportuno tomaram parte em muitas acções, algumas das quais com duração de muitos dias.

Não é possível pormenorizar operações em que tomaram parte, mas sabe-se que Zemba era zona infestadíssima de terroristas e que estes eram aguerridos e bons atiradores.

Graças ao alto nível operacional do Grupo, não houve a lamentar qualquer baixa dos nossos elementos e os sucessos das suas acções patentearam exuberantemente a superioridade do nosso Grupo que passou a ser conhecido pelo "Grupo de Nóqui".

Sabe-se que lhe têm sido feitas as melhores referências e foram apontados como exemplo a outros Grupos.

Após um período de 4 meses e meio de instrução e acções constantes, no qual se lhes exigiu penoso esforço, audácia, sangue frio e coragem, o Grupo regressou à sua Unidade.

Na sua passagem por Luanda, S. Ex.^a o General Comandante Holbeche Fino, na presença do seu Estado Maior, recebeu a apresentação formal do grupo feita pelo seu Alferes Comandante e teve palavras de elogio, incitamento e agradecimento pela actividade desenvolvida.

Friza-se que, dos muitos Grupos que estiveram em Zemba, só este recebeu esta distinção.

Chegaram a esta vila de S. Salvador, a 13 de Dezembro, tendo sido acolhidos com grande alegria e simpatia, por parte de todos os elementos do Batalhão.

Em 29 de Dezembro, deslocou-se expressamente a Nóqui, de avião o Capitão Ajudante de S. Ex.^a o General Cmdt Chefe, na companhia de Dante Vacchi que vieram expressamente, em representação de S. Ex.^a o General assistir à entrega do Guião ao "Grupo de Comandos A", emblemas individuais e cartões de identidade aos componentes do Grupo, que esteve em Zemba e do que ficou em Nóqui.

Realizou-se uma cerimónia que, apesar de simples e sóbria, calou fundo no coração dos componentes dos Grupos.

Perante a formatura geral dos efectivos presentes na vila de Nóqui, o Comandante do Batalhão⁵³ foi distinguido inicialmente com oferta de um cartão “Comando”, por ter tido a iniciativa da criação dum Grupo que veio a ser a base da criação de Tropas tipo “Comandos” na RMA, bem como de um emblema, oferta feita pelo Comandante do Grupo de Comandos da Unidade que esteve em Zemba. Por incumbência superior, o Comandante do Grupo que ficou em Nóqui, ofereceu uma faca de mato.

Em seguida, entregou pessoalmente a cada componente dos Grupos o emblema e cartão, felicitando-os, não só ao grupo que esteve em Zemba como ao outro que a Unidade manteve operacional.

Depois, num improviso, agradeceu a distinção de que tinha sido alvo, aludiu à acção relevante dos “Comandos” e como o Batalhão se sentia orgulhoso pelos seus feitos e demonstrações de abnegado patriotismo, não olhando a sacrifícios, incomodidades e riscos e finalizou exortando todos os presentes a seguirem o seu exemplo para honra e glória, do Batalhão, do Exército e da Pátria.

Seguiu-se o desfile e continência, que evidenciaram o garbo e desenvoltura dos Grupos em formatura especial adoptada para execução de Ordem Unida. Assistiu a esta cerimónia o Administrador da Circunscrição de Nóqui, para o efeito convidado.⁵⁴

Louvor concedido aos Grupos de “Comandos” do BCaÇ 280, pelo General Comandante da RMA, por despacho de 24Out63

(O.S. nº 90/QGRMA/30OUT63)

OS GRUPOS DE COMANDOS do Batalhão 280 pela nítida compreensão, elevado espírito de servir e noção completa do dever sempre demonstrada.

Não ignorando o esforço maior que possivelmente lhe era pedido, ofereceram-se todos os seus elementos voluntariamente, com o único objectivo de melhor poderem servir a Unidade e a Pátria. Homens resolutos, destemidos, arrojadados, enérgicos e escandalosamente valentes como ouvimos chamá-los, preparados para os maiores sacrifícios, souberam sempre portar-se com o mais elevado moral, mesmo actuando fora da zona de acção da Unidade, em regiões onde foi reconhecida a necessidade da sua presença. Sendo os primeiros Grupos deste tipo formados em Angola, a sua acção no Norte da Província, foi sempre notável quer na região de Nóqui, em numerosas operações e contra-guerrilha, quer

⁵³ Tenente-Coronel de Infantaria / CGEM, António de Almeida Nave

⁵⁴ Extraído da História do BCaÇ nº 280

na região de Zemba (C.I.nº21), onde serviram de monitores a outros Grupos, arrastando-os com o seu entusiasmo e exemplo, quer na região do Quitexe, onde actuaram de maneira invulgar, quer ainda no Úcua, onde desenvolveram acções elevadas. Em todas as regiões actuaram agressivamente contra o inimigo ao qual causaram numerosas baixas, fizeram bastantes prisioneiros e capturaram material. Por todos os sacrifícios estoicamente suportados podem os "Comandos" da Unidade orgulhar-se de ter servido da melhor maneira e de terem contribuído com o seu elevado exemplo para que outros Grupos de outras Unidades os seguissem para bem do nível de eficiência das tropas, para bem do Exército e da Pátria.

A maneira altamente eficiente com que os Grupos de Comandos da Unidade cumpriram sempre a sua missão, bem merece ser apontada como exemplo do espírito de sacrifício, estoicismo, abnegação e valor do Soldado da Infantaria Portuguesa.

GRUPO DE COMANDOS / BCaÇ Nº280 (GRUPO A)

ACTIVIDADE OPERACIONAL

Remete-se para o Grupo Nôqui / Zemba.

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Mérito Militar de 3ª Classe

– TENENTE MILICIANO – ACÁCIO MIGUEL ANTÃO

(Alínea b, do n.º1 do Artº 2º da O.S. n.º 76 de 11SET63 do Cmd. da RMA)

Por despacho de 07Set63 de Sua Ex.ª o Brigadeiro Comandante da Região, Louvou: O Tenente Milº Acácio Miguel Antão, da CCS/BCaÇ 280, “porque, sendo Comandante de um Grupo de “Comandos” da sua Unidade, em todas as acções em que tomou parte no Norte de Angola na região de Quitexe e Úcuá, demonstrou possuir qualidades militares invulgares. Em todas as acções actuou ofensivamente, contra o inimigo revelando coragem, decisão serena energia debaixo de fogo e sangue frio. Mesmo antes de pertencer ao Grupo de Comandos, sendo Comandante do Pel. Rec. Inf. realizou numerosas patrulhas e escoltas na estrada Nôqui-M’pozo em todas as acções demonstrando desembaraço, destemor e valentia e causando baixas ao inimigo. Posteriormente no Grupo de “Comandos” assimilou perfeitamente os métodos preconizados, dedicando-se com o maior entusiasmo à preparação, do seu Grupo, conseguindo um conjunto homogénio, coeso e voluntarioso que actuou, sempre de modo a merecer os melhores elogios, em vários pontos do Norte de Angola.

Todos os maiores sucessos do Grupo nas regiões de Quitexe e Ucuá, que se cifram em numerosas baixas, prisioneiros e material e documentos capturados, foram conseguidos sob o seu Comando, revelando-se um óptimo subalterno perfeitamente consciente da missão e perfeitamente integrado nos métodos de actuação desta guerra, coordenando todas as acções com muita ponderação, equilíbrio, incutindo a maior confiança ao Grupo que por ele nutre especial admiração. Por tudo isto considero o Tenente Antão um óptimo subalterno que contribui com o seu esforço para o bom nome da Unidade e das Forças da RMA, facto que me apraz dar a conhecer publicamente.

LOUVORES**Do General Cmdt da RMA**

- Os Grupos de Comandos
(despacho de 24Out63)
(OS nº.90/30.10.63/QG/RMA)
- Alf Mil, Acácio Miguel Antão
(despacho de 07Set63)
(OS nº.76/11.09.63/QG/RMA)

Do Comandante do BCaç 280

- Ten Mil, Acácio Miguel Antão
(OS nº.177/02.8.63/BCaç 280).
- 1º Cabo 946/61, Aníbal Pinto Rodrigues
(OS nº.196/26.8.63/BCaç 280).
- Soldado 135/58, Manuel Rei Rodrigues
(OS nº.192/21.8.63/BCaç 280).
- Soldado 795/61, Carlos Alberto de Almeida Santos
(OS nº.192/21.8.63/BCaç 280).
- Soldado 970/61, António Joaquim Raimundo dos Lóios
(OS nº.196/26.8.63/BCaç 280).
- Soldado 547/61, João Manuel Negredo
(OS nº.196/26.8.63/BCaç 280).
- Soldado 574/61, Henrique Coelho
(OS nº.196/26.8.63/BCaç 280).
- Soldado 593/61, Domingos António Barreira
(OS nº.196/26.8.63/BCaç 280)
- Soldado 598/61, António Joaquim Paradela
(OS nº.196/26.8.63/BCaç 280)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Sobre os tempos de Nóqui/Zemba, referiu-nos o Sr. Acácio Miguel Antão, na altura Alferes Miliciano comandante do Pelotão de Reconhecimento da CCS/BCaç 280, que os voluntários tiveram inicialmente instrução em Nóqui, durante dois meses com Dante Vacchi, período em que no seu entender aprenderam

mais de técnica de combate do que em toda a instrução anterior. Posteriormente foram para Zemba, comandados pelo Alferes Vieira Pereira, que passou a acompanhar o Dante Vacchi, como sapador. Na altura da ida do grupo para Zemba, encontrava-se de licença de férias na Metrópole. Posteriormente quando o grupo voltou a Nôqui reassumiu o seu comando.

Havia em Nôqui dois grupos, um designado o dos “Especiais” comandado pelo Alferes Carvalho e o outro o dos “Comandos”.

Quando foram para Zemba, o Pelotão de Reconhecimento que tinha vinte homens, dos quais cinco eram condutores, foi reforçado com voluntários, em que se incluíam condutores e pessoal da CCAç 286 do Capitão Garrett e Castro, perfazendo um total de trinta homens.

Tiveram a promessa de lhes ser dada a boina vermelha, o que nunca se concretizou. Dante Vacchi teria sido Sargento do Exército Francês. Quando este se dirigia ao QG em Luanda, a sentinela anunciava-o como Major, sendo-lhe facultada de imediato a entrada. Dante Vacchi levou os crachás ao BCAç 280, que foram entregues pelo comandante de batalhão.

Os primeiros 20 cartões, foram destinados às individualidades constituídas como “comandos honorários”. O cartão comando nº21, foi atribuído ao Alferes Antão e o nº22 ao Alferes Vieira Pereira.

Refere finalmente que, por iniciativa de Dante Vacchi foi “fabricado” nas oficinas dos caminhos-de-ferro de Angola, um lança roquet’s, tendo colaborado nesse projecto o Furriel Mil António Augusto Oliveira Leal, técnico de electricidade.



Entrega da faca de mato ao Cmdt BCaÇ 280 pelo Alferes Antão



Grupo de Nóqui com Dante Vacchi

GRUPO DE COMANDOS "FANTASMAS" / BCAÇ Nº317
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "PELA PÁTRIA"	09 A 10JUN62	ZONA DO QUITEXE NA REGIÃO DE QUIMUFUQUE - COLOA - MUHOMBO - CAZANGA - ZAMBE - FAZENDA STª ISABEL (BATIDA)	
OP. "CORTA COLECTA "	13 A 19JUL62	ZONA DO DANGE - REGIÃO DE QUISSALÁVOA - MUHOMBO E CÔLOA - RIO LUICA (BATIDA)	
ACÇÃO	05AGO62	ZONA DE QUINUMA PROXIMIDADE DO RIO UAMBA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "FANTASMAS DA FLORESTA"	18OUT62	ZONA ENTRE ALMENDRA E QUIZONDO E REGIÃO DO RIO DUMBI (BATIDA)	
ACÇÃO	22OUT62	ZONA SITUADA A NW DE ZEMBA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"
ACÇÃO	28 A 30OUT62	ZONA DE CALUNGA - SAMBA, ENTRE MONTE LADEIRA - MONTE CAFÉ - GONGONEGONGO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"
OP. "GENERAL FREIRE"	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA - PANGO ALUQUEM, ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "VAMPIROS", "AÇO", "PEDRA", "FALCÕES" E "NÓQUI" FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "RODA VIVA"	17 A 25DEZ62	ZONA DO MACIÇO DOS QUIUENENES - QUICABO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "FALCÕES" E "CORSÁRIOS"
ACÇÃO	29DEZ62	ZONA DE QUITOQUE PROXIMIDADE DO RIO UAMBA (BATIDA)	
ACÇÃO	07JAN63	ZONA DE CAZUNDO (BATIDA)	
OP. "DOIS MONTES"	09 A 10JAN63	ZONA DE MUANDA - REGIÃO ENTRE O RIO SUEGE - MUANDA - QUINDEMBE - ZAMBAXE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "AÇO"
OP. "ANIMAL FERIDO"	15 A 17JAN63	ZONA DO QUITEXE, NA REGIÃO TELA - QUIBINDA (BATIDA)	
OP. "SACA ROLHAS"	20 A 21JAN63	ZONA DO CACUACO - VALE DO RIO LUEGE (BATIDA)	
ACÇÃO	27JAN A 09FEV63	ZONA DO QUITEXE - MUHOMBO - QUIPEDRO - QUITOQUE - QUINGUENDA-CAUANGA - CÔLUA E RIOS LAMANHA, UAMBA E LUICA (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "NÔQUI", "FALCÕES" E "CORSÁRIOS"
ACÇÃO	01FEV63	ZONA DE CAZUNDO (GOLPE DE MÃO)	ACTUOU COM O GR CMDS "NÔQUI"
ACÇÃO	07 A 08 FEV63	ZONA DE CAUANGA, PRÓXIMO DO RIO LUICA (GOLPE DE MÃO)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	21FEV63	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO ENTRE ROÇA MARIA PAULA E SANTA CLARA (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	19FEV A 18MAR63	ZONA DO ÚCUA – REGIÃO DA FAZENDA BELO HORIZONTE – FAZENDA SANTA CLARA – ROÇA MARIA PAULA – PANGO ALUQUEM – QUISSACALA – BANZA DO ESSO – GINGEU E RIOS TEBA, DANGE E QUILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “AÇO”, “NÓQUI”, “FALCÕES” E “CORSÁRIOS”
ACÇÃO	27FEV63	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO A S DO VALE DE LOMA (NOMADIZAÇÃO)	
ACÇÃO	05 A 07MAR63	ZONA DO ÚCUA - PROXIMIDADE DA CONFLUÊNCIA DOS RIOS TEBA E DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “FALCÕES”
OP. “VINGANÇA DO PRIMEIRO MORTO COMANDO”	18MAR63	ZONA DO ÚCUA - ENTRE QUISSACALA E GINGEU (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “AÇO”, “FALCÕES” E “NÓQUI”
ACÇÃO	21MAR63	ZONA DO PANGO ALUQUEM - ROÇA MARIA PAULA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “NÓQUI”
ACÇÃO	04ABR63	ZONA A N DA FAZENDA MARCELINA (BATIDA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Prata de Valor Militar C/Palma

— TENENTE MILICIANO DE INFANTARIA — JAIME RODOLFO DE ABREU CARDOSO

(Por portaria de 4 de Fevereiro de 1964)

Condecorado com a medalha de prata de valor militar, com palma, nos termos do § 1º do artigo 51º, com referência ao artigo 7º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, o Tenente Miliciano de infantaria Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso, da Companhia de Caçadores n.º 318, Batalhão de Caçadores n.º 317 (Regimento de Infantaria n.º 2), porque no Norte de Angola, durante cerca de um ano de notável e dura actividade operacional, demonstrou excepcional valor em campanha. Dotado, de extraordinárias qualidades para o comando de forças na contra-guerrilha, impôs-se aos subordinados pela sua determinação no cumprimento das mais arriscadas missões e pelo seu notável sangue-frio astúcia, agressividade, iniciativa, ponderação, grande coragem e resistência física e moral.

Dedicou inextinguível entusiasmo ao constante aperfeiçoamento e mentalização do seu grupo de comandos, o qual mereceu justo renome em face dos seus brilhantes resultados e características de actuação.

No comando do seu grupo de comandos foi ferido em combate tendo revelado mais uma vez grande valentia, espírito de sacrifício, elevado moral e brio, conseguindo apesar de ferido, prosseguir na luta à frente das suas tropas, galvanizando todo o grupo na reacção decidida à emboscada em que tinha caído, logrando assim pôr em debandada o inimigo.

Medalha da Cruz de Guerra de 3ª Classe

— 2.º SARGENTO MILICIANO DE INFANTARIA — JOSÉ ANTÓNIO RATO CHARRUA
CCaç 318/BCaç 317 - RI 2
ANGOLA

Por Portaria de 03 de Março 1964:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorar com a Cruz de Guerra de 3ª classe, ao abrigo dos artigos 9º e 10º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola:

O Segundo Sargento Miliciano de Infantaria, José António Rato Charrua, da Companhia de Caçadores n.º 318/Batalhão de Caçadores n.º 317 Regimento de Infantaria n.º 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração

(Publicado na OS nº 55, de 05 de Julho de 1963, do QG/RMA):

Louvo o 2º Sargento Miliciano, José António Rato Charrua, da CCac 318/BCac 317, pelas excepcionais qualidades de comando, coragem e decisão evidenciadas durante a permanência do BCac no Subsector D. Sendo um dos Sargentos do Grupo de Comando “Fantasmas” para o qual se ofereceu no início da sua organização, soube o Sargento Charrua, mercê da sua ponderação, habilidade no trato e valentia, impôr-se à consideração geral.

Presente em quase todas as operações dos Comandos, a sua acção fez-se sentir de modo notável, nomeadamente nas acções debaixo de fogo.

Distinguiu-se em Zemba, no período inicial de funcionamento do CI 21, tendo sido louvado. Posteriormente, teve notável actuação nas acções levadas a efeito na região do Vale do Loma (Úcua) e do rio Teba (Úcua) especialmente nesta última, onde, manobrando por iniciativa própria com a sua Secção, conseguiu pôr em debandada, pelo menos, com feridos, um grupo de terroristas que, tendo montado uma eficaz emboscada ao Grupo de Comandos mantinha sob o fogo ajustado e muito cerrado as duas Secções da frente. O sangue frio e serena energia do sargento Charrua, tiraram os “Fantasmas” da crítica situação, pois o Comandante do Grupo estava ferido com gravidade e havia já um morto. Mais tarde, numa acção no rio Caiongo (Quitexe) foi o Sargento Charrua ferido, por estilhaços de granada à frente do Grupo, conseguindo no entanto abater um terrorista e pôr os restantes em debandada.

Graduado de excelente formação moral e profissional, valente, decidido e calmo em qualquer situação, é justamente considerado o melhor e mais prestigiado Sargento do Batalhão.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

– 1º CABO DE INFANTARIA, N.O 369/59 – MANUEL FRANCISCO PIRES JÚNIOR

CCac 318/BCac 317 - RI 2

ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE. Nº 3 – 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Primeiro-Cabo, Manuel Francisco Pires Júnior, nº369/59, da Companhia de Caçadores nº 318/Batalhão de Caçadores nº 317 – Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(publicado na OS nº 105, de 30 de Dezembro de 1964, do QG/RMA):

Sua Ex^a o General Comandante da Região, por seu despacho de 23Dez64, louvou o 1º Cabo nº 369/59, Manuel Francisco Pires Júnior, da CCaç 318, pertencente ao Grupo de Comandos, pelas excepcionais qualidades de coragem e decisão evidenciadas durante a permanência do Batalhão no Sector D.

Combatente voluntário em Angola, ofereceu-se para os Comandos “Fantasmas” quando da sua organização.

Dotado de um espírito sagaz, a sua acção como elemento do Grupo ou como Comandante de Secção é caracterizada pela paciência e astúcia na emboscada, decisão rápida e actuação corajosa.

Presente em quase todas as acções dos Comandos distinguiu-se em Zemba como elemento e comandante de Secção do Grupo, tendo sido louvado. Posteriormente na região do Úcua, na acção Rio Teba, teve assinalada actuação como elemento de Secção, que, manobrando debaixo de fogo, conseguiu por em debandada o grupo terrorista que tinha fixado e mantinha sob fogo, em situação muito difícil o Grupo de Comandos.

Praça com notáveis qualidades de comando e sangue frio, pisteiro e caçador por excelência, é considerado, por superiores e camaradas o melhor Cabo do Batalhão.”

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe (Título póstumo)

– 2º SARGENTO MILICIANO DE INFANTARIA – MÁRIO ÓSCAR LIMA DE AZEVEDO
CCac 318/BCac 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 – 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artº 12 do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

A título póstumo, o Segundo Sargento Miliciano, Mário Óscar Lima de Azevedo, da Companhia de Caçadores nº 318/Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração

(Publicado na OS n.º 43, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvo o 2º Sargento Miliciano, Mário Óscar Lima de Azevedo, a título póstumo, porque, oferecido, desde a sua criação, para constituir o Grupo de Comandos do Batalhão, sempre demonstrou bravura excepcional em campanha, além de qualidades morais e de comando invulgares.

Particularmente, em operações realizadas nas áreas de Quinuma, onde sob o seu comando a sua Secção capturou uma espingarda Mauser; no rio Luica onde foram feitos numerosos prisioneiros e infligidas bastantes baixas no In; em Quicabo onde mostrou grande valentia e espírito de sacrifício contribuindo à frente do seu Grupo de Combate para que este conquistasse um objectivo nos Quiunes onde o In opunha forte resistência à progressão das NT; em Úcua (Fazenda Santa Clara) onde tomou, à testa do seu Grupo de Comandos, um quartel In causando algumas baixas e apreendendo importantes documentos; finalmente, na mesma região, nas margens do Dange, onde teve acção destacada na altura em que o Grupo de Comandos caiu numa emboscada e onde houve duas baixas nas NT.

A este bravo militar morto pela Pátria e que em vida muito honrou o Exército Português, o Batalhão presta sentida homenagem.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe 2.º

— SARGENTO MILICIANO, ENFERMEIRO — VITOR MANUEL MARQUES MIRANDA

CCaç 318/BCaç 317 - RI 2

ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 – 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artº 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 27 de Novembro de 1963:

O Segundo Sargento Miliciano, Enfermeiro, Vitor Manuel Marques Miranda, da Companhia de Caçadores nº 318/Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração. (Publicado na OS n.º 43, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvo o Fur Miliciano, Vitor Manuel Marques Miranda, porque fazendo parte do Grupo de Comandos do BCaÇ 317, para o que se ofereceu voluntariamente, revelou, em todas as acções em que tomou parte, muita coragem e elevado sentido do dever, acorrendo com a maior prontidão e abnegação a socorrer todos os feridos em combate.

Sendo enfermeiro da CCac 318, actuou como Comandante de Secção daquele Grupo, cumulativamente com a função da sua especialidade, denotando notável determinação, agressividade e astúcia que, a par de bons conhecimentos profissionais, permitiram os assinalados êxitos nas missões particularmente difíceis que lhe foram atribuídas, designadamente nas regiões de Úcuu, Quitoque e Zemba.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

- FURRIEL MILICIANO DE INFANTARIA - ADELINO DE ALMEIDA MARTINS
CCaÇ 319/BCaÇ 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. Nº 3 - 3.a série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.a classe, nos termos do artº 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Fur Miliciano, Adelino de Almeida Martins, da Companhia de Caçadores nº 319/Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 43, de 24 de Maio de 1964, do QG/RMA):

Louvo o Furriel Miliciano, Adelino de Almeida Martins, porque como Comandante de Secção do Grupo de Comandos do BCaÇ 317, onde durante cerca de 10 meses cumpriu missões das mais difíceis e arriscadas, não só dentro do sub-sector do Batalhão, como noutras zonas onde a sua actuação foi necessária, como no apoio a outras Unidades, designadamente, em Quicabo, demonstrou, sempre, elevadas qualidades de coragem, decisão e sangue frio que, aliadas à sua serenidade, muita ponderação e bom senso, contribuíram para os assinalados êxitos do seu Grupo de Comandos.

Devido às suas qualidades de chefia, determinação, valentia e astúcia, conseguiu com a sua Secção, na Serra de Quibinda, aprisionar 3 vigias armados, os quais,

surpreendidos e intimidados, puderam ser capturados com as suas armas, numa acção de grande mérito, que em muito contribuiu para o êxito das actuações subsequentes e para o conhecimento do In na área do Batalhão.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

— SOLDADO DE INFANTARIA, n.º 915/61 — ARMANDO FRANCISCO
CCaç 320/BCaç 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 - 3.a série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Soldado, Armando Francisco, n.º 915/61 da Companhia de Caçadores n.º 320/Batalhão de Caçadores n.º 317 - Regimento de Infantaria n.º 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 43, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvo o Soldado n.º 915/61, Armando Francisco, porque pertencendo desde o início como voluntário, apesar da sua especialidade de corneteiro, ao Grupo de Comandos do BCac 317, sempre demonstrou sangue frio, grande desembaraço e espírito de abnegação, oferecendo-se sempre para as missões mais difíceis. Sendo um óptimo observador, conseguiu já várias vezes surpreender o In e sempre sereno e corajoso tem-se revelado de grande valor nos momentos críticos do combate, nomeadamente nas emboscadas em que o seu Grupo tem caído, contribuindo poderosamente, para o êxito da pronta reacção que sempre tem caracterizado a actuação do seu Grupo de Comandos.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

— SOLDADO DE INFANTARIA, n.º 1139/61 — MANUEL HENRIQUES BACAROTE DA SILVA
CCaç 320/BCaç 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na QE. N.º 3 - 3.a série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de

Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Soldado, Manuel Henriques Bacarote da Silva, nº 1139/61 da Companhia de Caçadores n.º 320/Batalhão de Caçadores n.º 317 - Regimento de Infantaria n.º 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 46, de 05 de Junho de 1963, de QG/RMA):

Louvo o Soldado n.º 1139/61, Manuel Henriques Bacarote da Silva, da CCaÇ 320, porque, fazendo parte do Grupo de Comandos do BCaÇ 317, demonstrou muita coragem e decisão na acção daquele Grupo na região do rio Teba (Úcua), no dia 07 de Março de 1963.

Sendo um dos elementos mais avançados do seu Grupo, quando este caiu numa zona de fogo intenso e razante do Inimigo, prontamente reagiu aguentando a situação durante os minutos iniciais com o seu Comandante e dois camaradas. Com notável sangue frio, apesar do fogo ajustado do Inimigo, respondeu bravamente, disparando algumas vezes em salto, seguido de rolamento no solo, impressionando os seus camaradas pela agressividade demonstrada e desmoralizando o Inimigo que recebeu fogo ajustado como posteriormente se verificou.

A sua acção se deve, em grande parte, o êxito do seu Grupo de Comandos nessa operação.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

— SOLDADO DE INFANTARIA, nº 1244/61 — JOÃO CRISTINA
CCaÇ 318/BCaÇ 317 - RI2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. Nº 3 - 3.ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº35667 de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Soldado, João Cristina, nº 1244/61 da Companhia de Caçadores nº318/Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS nº 43, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvo o Soldado nº 1244/61, João Cristina, porque, pertencendo ao grupo de Comandos do BCac 317 desde a sua criação e no qual ingressou voluntariamente, demonstrou sempre, em todas as operações em que tomou parte, notável espírito de sacrifício e coragem.

Numa das operações realizadas pelo seu Grupo na área do rio Úcua, na qual esse Grupo caiu e, ao anoitecer, numa emboscada inimiga, revelou valentia e desprezo pelo perigo, avançando decididamente para uma posição onde pudesse neutralizar o fogo do bando inimigo, o que conseguiu, infringindo-lhe baixas que contribuíram para a sua desorganização e debandada.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

— SOLDADO DE INFANTARIA, nº 1301/61 – ALBERTO MARTINS ALVES
CCaç 318/BCaç 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado da OE. N.º 3 - 3.a série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Soldado, Alberto Martins Alves, nº 1301/61 da Companhia de Caçadores nº 318/Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 43, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvo o Soldado nº 1301/61, Alberto Martins Alves, do BCac 317 porque, pertencendo desde o início, como voluntário, ao Grupo de Comandos do BCac 317, sempre demonstrou grande sangue frio, valentia e ponderação, qualidades estas que o tornam um dos elementos mais destacados do seu Grupo.

Ótimo Atirador, a sua serena energia debaixo de fogo tem proporcionado ao seu Grupo o abate de vários elementos In.

Numa das operações realizadas na área do rio Caiongo, fora da ZA do Batalhão e, por isso, desconhecida, apesar de ter sido ferido gravemente, demonstrou alto espírito de combatividade, conseguindo, a todo o custo, manter o fogo da sua arma, com que apoiou a perseguição feita ao In, que foi posto em debandada.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe (Título póstumo)

— SOLDADO DE INFANTARIA, N.º 1762/61 — JOSÉ ALVES GOMES
CCS/BCaÇ 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 33 - 3ª série, de 1963.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 01 de Agosto de 1963:

A título póstumo, o Soldado José Alves Gomes, nº 1762/61, da Companhia de Comando e Serviços, do Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS nº 43, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvo o Soldado nº 1762/61, José Alves Gomes, a título póstumo, porque, pertencendo ao Grupo de Comandos do BCaÇ 317 desde a sua criação, no qual ingressou voluntariamente, sempre demonstrou grande decisão e valentia debaixo de fogo inimigo.

Numa das operações realizadas na área de Úcua e próximo da fazenda Santa Clara, fora da ZA do Batalhão e, por isso, totalmente desconhecida, revelou coragem e valentia ao tomar a testa da sua Secção e, logo que esta contactou com o In, conseguiu abater um elemento importante da Ordem da Batalha In, proporcionando à sua Secção fazer ainda mais três baixas e dois prisioneiros, além da captura de documentos importantes que possibilitaram o conhecimento do In, nessa área.

O Batalhão presta assim sentida homenagem a este seu elemento que deu a vida em holocausto da Pátria.

Medalha da Cruz de Guerra de 4ª Classe

— SOLDADO ESCRITURÁRIO, N.º 1772/61 — CLAUDINO DOS SANTOS SEVERO GERMANO
CCaÇ 318/BCaÇ 317 - RI 2
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 3 - 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio

de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, cuja data vai indicada:

Por Despacho de 26 de Novembro de 1963:

O Soldado, Claudino dos Santos Severo Germano, nº 1772/61, da Companhia de Caçadores nº 318/Batalhão de Caçadores nº 317 - Regimento de Infantaria nº 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS nº 4, de 24 de Maio de 1963, do QG/RMA):

Louvou o Soldado nº 1772/61, Claudino dos Santos Severo Germano, porque, fazendo parte do Grupo de Comandos do BCaÇ 317, desde a sua organização, e para o qual se ofereceu, apesar da sua especialidade de escriturário, ter revelado grande espírito de sacrifício e desprezo pelo perigo.

Voluntário e decidido, tem-se evidenciado como um dos melhores elementos do seu Grupo.

Na área de Úcua, totalmente desconhecida para si, o seu comportamento valente e decidido contribuiu poderosamente para o êxito da missão do seu Grupo, sendo um dos seus elementos da testa e proporcionando a esse Grupo infligir baixas ao In e a conquista de uma das “centrais” da área.

LOUVORES

Do Ministro Do Exército

- Ten Mil, Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso
(OE 5/1964-2ªS)
- 1º Cabo 369/59-RD, Manuel Francisco Pires Júnior
(OE 12/1965-3ª S)

Do General Comandante da RMA

- 2ºSarg Mil José António Rato Charrua
(OS 55/05.07.63/RMA)
- 2ºSarg Mil, Victor Manuel Marques Miranda
(OS 43/24.05.63/RMA)
- 2ºSarg Mil, Mário Óscar Lima de Azevedo (TP)
(OS 43/24.05.63/RMA)
- Fur Mil, Adelino de Almeida Martins
(OS 43/24.05.63/RMA)
- 1º Cabo 369/59-RD, Manuel Francisco Pires Júnior
(OS 105/30.12.64/RMA)

- 1º Cabo 1755/61, Guilherme da Silva Santos (OS 28/05.04.63/RMA)
- Soldado 915/61, Armando Francisco (OS 43/24.05.63/RMA)
- Soldado 1139/61, Manuel Henrique Bacarote da Silva (OS 46/05.06.63/RMA)
- Soldado nº1244/61, João Cristina (OS 43/24.05.63/RMA)
- Soldado nº1301/61, Alberto Martins Alves (OS 43/24.05.03/RMA)
- Soldado nº1762/61, José Alves Gomes (TP) (OS 43/24.05.63/RMA)
- Soldado nº1772/61, Claudino dos Santos Severo Germano (OS 43/24.05.63/RMA)

BAIXAS

Mortos:

Em combate:

- 2ºSarg Mil, Mário Óscar Lima de Azevedo (23.04.63)
- 1º Cabo nº 1755/61, Guilherme da Silva Santos (07.03.63)
- Soldado nº1762/61, José Alves Gomes (23.04.63)



**Primeiro Comando
morto em combate**

1º Cabo Guilherme Santos
(Conhecido por Lisboa)

Acidente:

- Soldado nº810/61, Manuel da Silva (19.12.62)

HISTORIAL

“Actividades do Grupo de Comandos “Fantasmas”

Fora Da Za Do Bcaç31755

(Períodos de 09Ago a 01Dez62 e 21 a 24Dez62)

Durante o período de 09Ago/01Dez62, o Grupo de Comandos do Bcaç 317, por determinação superior permaneceu em Zemba (a Norte de Cambamba), fora da ZA do Bcaç, onde funcionou o Centro de Instrução N° 21, que preparou os Grupos de Comandos de diversos Bcaç.

Embora a sua ausência do nosso Subsector, como tropa escolhida e já preparada para missões mais difíceis, fosse notada, o Batalhão orgulhou-se da forma como os “FANTASMAS” se comportaram nesse C.I., revelando-se desde o início como dos melhores grupos presentes, designadamente na actividade operacional ali desenvolvida.

O prestígio do grupo traduz-se, em parte, nos louvores que o COM SEC considerou dados por si, ao Comandante do Pelotão (“Grupo”), a três Comandantes de Secções (“Equipe”) e a um 1º Cabo que actuou frequentes vezes como Comandante de Secção.

Em 21Dez62, perante séria oposição do inimigo surgida nos começos da Operação “Roda Viva”, realizada pelo Bcaç 325, reforçado, na região de Quiuenes - Quicabo, tendo as NT sofrido baixas apreciáveis e ficando parcialmente detidas por fortes resistências In, foram chamadas a intervir novas forças, entre as quais os Grupos de Comandos. Estes, transportados de helicóptero para o local, entraram imediatamente em acção: com os “FANTASMAS” na frente, atacaram a posição Inimiga, que mais se opunha ao avanço das NT, à frente da qual se encontrava detida toda uma Ccaç, tendo posto o Inimigo em debandada. Continuando em acção até ao final da Operação em que actuaram sempre na vanguarda, recolheram ao Quitexe em 24Dez62.”

Louvor conferido pelo General Comandante da RMA, ao Pelotão de Comandos “FANTASMAS”, em 09Set63

Louvo o “Pelotão de Comandos” do Batalhão de Caçadores nº 317/R.I.2, que adoptou o indicativo guerreiro “FANTASMAS”, por ter demonstrado desde a sua criação em Maio de 1962, excepcional valor em Campanha, firme determinação e invulgar entusiasmo no cumprimento das mais difíceis e arriscadas missões de combate, actuando, quer em proveito do Batalhão a que pertence,

⁵⁵ Extraído da história do Bcaç 317

quer em proveito de outras Unidades no Sector dos Dembos.

Escolhidos dentre os voluntários de todas as Sub-Unidades do Batalhão prontos a enfrentar dureza e dificuldades das mais arriscadas missões que iriam ser-lhe confiadas, constituiriam os FANTASMAS um Grupo de Combate digno de ser louvado.

Desenvolvendo intensa actividade operacional nas áreas do Quitexe, Coloa, Quibinda, Rio Luica, Zemba, Quiunene, Quicabo, Úcua e Soba Cazundo, este Grupo de Comandos conseguiu destacados êxitos, apreendendo armamento, causando baixas e fazendo numerosos e valiosos prisioneiros ao IN, sempre com a maior determinação, valentia, espírito de sacrifício, audácia e desprezo pelo perigo, por parte de todos os seus elementos, alguns dos quais pagaram com a própria vida a sua intrepidez, bravura e arreigado sentimento do DEVER, sem que tais baixas afectassem o elevado moral dos seus componentes, antes, constituíram um incentivo para um redobrado entusiasmo no cumprimento de todas as missões que lhe confiaram.

GRUPO DE COMANDOS “FALCÕES” / BCAÇ Nº325

ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	24 A 26AGO62	ZONA ENTRE A FAZENDA SÁ E ZEMBA (PATRULHAMENTO)	ACTUOU COM O GR CMDS “VAMPIROS”
ACÇÃO	22OUT62	ZONA SITUADA A NW DE ZEMBA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “FANTASMAS”
ACÇÃO	28 A 30OUT62	ZONA DE CALUNGA- SAMBA - ENTRE MONTE LADEIRA - MONTE CAFÉ - GONGONEGONGO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “FANTASMAS”
OP. “GENERAL FREIRE”	19 A 24NOV62	ZONA DO ÚCUA - PANGO ALUQUEM - ENTRE O MONTE PUMBA - ROÇA BOM JESUS E VALES DOS RIOS MONCOLO E BRINCO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “VAMPIROS”, “AÇO”, “PEDRA”, “FANTASMAS” E “NÓQUI” FINAL DO CURSO / FASE OPERACIONAL
ACÇÃO	05NOV62	PICADA SUEGE – CAMBAMBA (PROTECÇÃO À ENGENHARIA)	
ACÇÃO	12 A 13NOV62	ZONA DE MUANDA	ACTUOU COM 3 GR CMDS, DURANTE A INSTRUÇÃO EM ZEMBA
ACÇÃO	28NOV62	ZONA DA PEDRA TURULO (BATIDA)	
ACÇÃO	28 A 30NOV62	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO DE MAZUNDO, PROXIMIDADE DA PEDRA TURULO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS “VAMPIROS”
ACÇÃO	03DEZ62	ZONA DA BIRILA (PROTECÇÃO À ENGENHARIA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "RODA VIVA"	17 A 25DEZ62	ZONA DO MACIÇO DOS QUIUENENES - QUICABO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS", "AÇO" E "CORSÁRIOS"
ACÇÃO	31DEZ62	PICADA DE QUICABO - BALACENDE, (PATRULHAMENTO)	
ACÇÃO	07JAN63	REGIÃO DE QUINUMA	
OP. "DOIS MONTES"	09JAN63	ZONA DE MUHOMBO (BATIDA)	
PATRULHAMENTO	13JAN63	ZONA DE FUSSE E QUIPASSO	
ACÇÃO	14 A 15JAN63	ZONA DE QUICONGA E DUIA (EMBOSCADA)	NO ÂMBITO DA OP. "ANIMAL FERIDO"
OP. "TRÊS COUCES"	14 A 18JAN63	ZONA DA FAZENDA BEIRA-BAIXA - REGIÃO DE QUINGUIMBE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "CORSÁRIOS"
OP. "SACA ROLHAS"	20 A 21JAN63	ZONA DO CACUACO E VALE DO RIO LUEGE (BATIDA)	
ACÇÃO	27JAN A 09FEV63	ZONA DE QUITEXE - MUHOMBO - QUIPE - DRO - QUITOQUE - QUINGUENDA - CAUANGA - CÔLUA E RIOS LAMANHA, UAMBA E LUICA (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "NÓQUI", "CORSÁRIOS" E "FANTASMAS"
ACÇÃO	01FEV63	ZONA DO VALE DO RIO LUFUNGUE (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	08FEV63	ZONA DO VALE DO RIO LUICA (GOLPE DE MÃO)	ACTUOU COM O GR CMDS "NÓQUI"
ACÇÃO	19FEV63	ZONA DO RIO ÚCUA (BATIDA)	
ACÇÃO	19FEV A 18MAR63	ZONA DO ÚCUA – FAZENDA BELO HORIZONTE – FAZENDA SANTA CLARA – ROÇA MARIA PAULA – PANGO ALUQUEM – QUISSACALA – BANZA DO ESSO – GINGEU E RIOS TEBA, DANGE E QUILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "NÓQUI", "FANTASMAS" E "CORSÁRIOS"
ACÇÃO	27FEV63	ZONA DE CACAMBA, MARGEM DIREITA DO RIO ÚCUA (BATIDA)	
ACÇÃO	02MAR63	REGIÃO DA ROÇA NOVA GOENSE E PICADA DO PANGO (BATIDA)	
ACÇÃO	05 A 07MAR63	ZONA DO ÚCUA – PROXIMIDADE DA CONFLUÊNCIA DOS RIOS TEBA E DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FANTASMAS"
OP. "VINGANÇA DO PRIMEIRO MORTO COMANDO"	18MAR63	ZONA DO ÚCUA – ENTRE QUISSACALA E GINGEU (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "NÓQUI" E "FANTASMAS"
OP. "CUBATA VELHA"	22 A 26MAR63	ZONA DO MACIÇO DOS QUIUENENES (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "CORSÁRIOS"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	28MAR63	CUME DO MONTE N'ZOA (HASTEAR A BANDEIRA NACIONAL)	ACTUAÇÃO NA SEQUÊNCIA DA OP. "CUBATA VELHA"
ACÇÃO	04ABR63	ZONA DO MUCOXE (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	09ABR63	ZONA DO VALE DE MATETE (BATIDA)	
ACÇÃO	16 A 30ABR63	ZONA DA BEIRA-BAIXA - ENTRE O RIO LIFUNE - SERRAÇÃO - CANACASSALA (BATIDA)	
OP. VARA LARGA	18 A 23MAI63	ZONA DO RIO DANGE - CASSELENGUES - FAZENDA CRUZ (BATIDA)	
OP. RIO ONZO	30MAI A 08JUN63	ZONA DE ZALA - NAMBUANGONGO (MARGENS DO RIO ONZO E VALES DOS RIOS IEMBE, BANZA BUNGO, BARAMBANDA E DONGO MENGÁ) (BATIDA)	
ACÇÃO	18JUN63	PICADA SASSA - BATO (ABERTURA DA PICADA)	
ACÇÃO	17 A 18JUN63	ZONA DA SAMBA, JUNTO AO RIO ONZO, A W DE IEMBE (BATIDA)	
ACÇÃO	22 A 25JUN63	ZONA DE DUIA - TUMBA (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "QUIVE"	11 A 12JUL63	ZONA A S DE QUICABO – REGIÃO DA CORDILHEIRA DE QUIVE – BUNGO – BIRILA, (BATIDA)	
ACÇÃO	17 A 19JUL63	ZONA DA SAMBA – MARGENS DO RIO ONZO E IO (BATIDA)	
ACÇÃO	26JUL63	ZONA DO RIO LIFUNE (BATIDA)	
ACÇÃO	02AGO63	ZONA DA BIRILA (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	10AGO63	ZONA DAS SETE CURVAS (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	24AGO63	ZONA DO BUNGO (MORROS DA CACHILA) (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	03SET63	ZONA DE QUIPASSO (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	09SET63	ZONA ENTRE CAMADELA E QUITUELO, AO LONGO DO RIO LIFUNE (BATIDA)	
ACÇÃO	25SET63	ZONA ENTRE TENDA E PICADA DO IA – SASSA (BATIDA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra de 4ª Classe

SOLDADO DE INFANTARIA nº 1433/61 – JOÃO DOS SANTOS CHAVES

CCaÇ 326/BCaÇ 325 – RI 15

ANGOLA

Transcrição do Despacho publicada na O.E. N.º 5 – 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, o Soldado nº 1433/61, João dos Santos Chaves, da Companhia de Caçadores nº 326/Batalhão de Caçadores nº 325 - Regimento de Infantaria n 15.

Transcrição do louvor que originou a condecoração

(Publicado na OS nº 101, de 06 de Dezembro de 1963, do QG/RMA e OS nº 273, de 23 de Novembro do mesmo ano, do BCaÇ 325):

Louvo o Soldado nº 1433/61, João dos Santos Chaves, da CCaÇ 326, do BCaÇ 325, porque, como elemento do Grupo de Comandos “Os Falcões”, revelou sempre em todas as acções em que tomou parte, excepcionais qualidades de coragem, abnegação, espírito de sacrifício e disciplina, conseguindo, assim suprir a sua falta natural de resistência física.

Óptimo camarada, mais uma vez o provou pela maneira excepcional como se comportou ao ver um camarada ferido, numa emboscada em 25Set63, no cruzamento da picada de Sassa com a de Duia. Sustentando sozinho o combate de fogo com o In, que usava armas automáticas, enquanto um camarada vinha à retaguarda buscar o maqueiro, deveu-se à sua coragem, abnegação e desembaraço, que a emboscada não tivesse mais consequências e que o ferido pudesse ter sido socorrido, por nunca o ter abandonado.

Com o seu procedimento, revelou a mais perfeita noção de camaradagem e do dever a cumprir, que bem pode apontar-se como exemplo, contribuindo assim para prestigiar o Batalhão a que pertence.

Medalha de Cruz de Guerra de 4ª Classe

– SOLDADO DE INFANTARIA, Nº 1564/61 – AMADEU RIBEIRO GOMES
CCaç 326/BCaç 325 – RI 15
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE. N.º 5 – 3ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho de 16 de Fevereiro de 1964, do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, o Soldado nº 1564/61, Amadeu Ribeiro Gomes, da Companhia de Caçadores nº 326/Batalhão de Caçadores nº 325 - Regimento de Infantaria nº 15.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS nº 101, de 06 de Dezembro de 1963, do QG/RMA e OS nº 273, de 23 de Novembro do mesmo ano, do BCac 325)

Louvo o Soldado nº 1564/61, Amadeu Ribeiro Gomes, da CCac 326, do BCac 325, porque fazendo parte do Grupo de Comandos “Os Falcões”, se revelou sempre um Soldado excepcionalmente, apumado, respeitador e disciplinado, sendo verdadeiramente estimado por todos os seus camaradas de Grupo, dadas as suas qualidades.

Dotado da melhor consciência do cumprimento dos seus deveres, tomou parte em quase todas as acções do Grupo “Os Falcões”, algumas vezes com prejuízo da própria saúde. Ferido traiçoeiramente numa emboscada, em 25Set63, no cruzamento das picadas de Sassa e de Duia, por uma arma caçadeira, que lhe provocou grave fractura da perna esquerda, foi obrigado a largar a sua arma quando atingido. Imediatamente e rastejando, foi recuperá-la, o que lhe custou ser de novo atingido na outra perna, por tiro de arma automática. Socorrido e sofrendo grandes dores, o que mais o preocupava era a ameaça de não mais poder voltar ao seu Grupo de Comandos, o que bem revela o espírito de camaradagem e união do referido Grupo.

Com o seu procedimento, o Soldado nº 1564/61, Gomes, revelou as melhores qualidades militares, que aliadas ao seu grande espírito de sacrifício, camaradagem e uma clara noção do dever a cumprir, não hesitando em se arriscar de novo, depois de gravemente ferido, afim de evitar que a sua espingarda pudesse cair em poder do inimigo, tornam-no digno exemplo de militar brioso, que deve ser apontado a todos e que muito honra e prestígia o Batalhão a que pertence.

Medalha de Mérito Militar de 3ª Classe

- TENENTE MILICIANO - AGOSTINHO ALVES GONÇALVES

OS n.º 72 de 28Ago63 do Cmd da R.M.A.

Por despacho de 21Ago63, de Sua Ex^a o Brigadeiro Comandante da Região, Louvou:

O Tenente Mil^o Agostinho Alves Gonçalves da CCS do BCa^ç 325, porque como Comandante de Grupo de Comandos "Os Falcões" revelou sempre e em todas as circunstâncias as maiores qualidades de decisão, sangue frio, coragem, bravura e espírito de sacrifício, impulsionando sempre por forma verdadeiramente ofensiva, todo o seu Pessoal, para os quais constituiu sempre um perfeito exemplo de combatente de guerrilhas mostrando em todos os seus actos uma excepional noção dos seus deveres e responsabilidades e conseguindo com a sua acção, que o Grupo que comanda possa considerar-se um bom grupo de comandos perfeitamente apto do cumprimento de qualquer missão. Oficial dotado de notáveis qualidades de bom senso e de Comando, em todas as acções em que tem tomado parte, ainda que debaixo de fogo In, soube sempre, com a maior serenidade e audácia, manobrar com o seu Grupo de Comandos, por forma altamente eficiente, que tem servido de estímulo e exemplo para os outros Grupos de Combate do Batalhão aos quais ministrou sempre com o melhor espírito de cooperação os ensinamentos colhidos no seu estágio, podendo afirmar-se que muito contribuiu com a sua acção pessoal para o bom nível operacional que se verifica nos outros Grupos de Combate desta Unidade. Por toda a sua actuação nomeadamente na Op. "Roda Viva", o Ten. Mil^o Agostinho Alves Gonçalves deve ser considerado um óptimo e prestimoso auxiliar do Comando deste Batalhão e credor da consideração de superiores e subordinados."

(O.S. n.º 156 de 1Jul63.do BCa^ç 325)**LOUVORES****Do Comandante da RMA**

- Fur Inf^a, David do Carmo Silva
 - 1º Cabo 822/62 RD, José Antunes Carrondo
 - 1º Cabo 1801/61, Joaquim Salgado Lopes
- (OS n.º 19 de 04Mar64 / Comd RMA)

Do Comandante do BCa^ç. 325

- Fur Inf^a, Manuel Ribeiro Fontes
- 1º Cabo 195/59, José Antunes Carrondo

- 1º Cabo 736/59, Joaquim Maria Esgueira
- 1º Cabo 1584/61, José de Sousa e Silva
- 1º Cabo 1801/61, Joaquim Salgado Lopes
- 1º Cabo 2201/61, Aníbal dos Santos Gomes
- Soldado 1524/61, Eduardo da Costa

BAIXAS

Feridos em combate:

- 1º Cabo 1554/61, Luís de Pinho Soares
- Soldado 1564/61, Amadeu Ribeiro Gomes
- Soldado 1530/61, Abílio da Fonseca Braga
- Soldado 1524/61, Eduardo da Costa

HISTORIAL

Actividade do Grupo de Comandos “Falcões” Fora da ZA do BCaÇ 325

O Grupo de Comandos “Falcões”, constituído por elementos de todas as Companhias, teve acção digna de mérito em todas as missões que foi chamado a desempenhar, nomeadamente fora da ZA do BCaÇ 325.

Em 06Ago62, deixava as terras do Quanza-Sul em direcção a Zemba para o Centro de Instrução nº 21. Aqui, durante os meses de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, a par de uma instrução rigorosa, fizeram o levantamento de estruturas dos futuros aquartelamentos, captação e drenagem de águas, montaram o sistema de defesa e alarme à volta do Estacionamento, prepararam as vias de acesso e fizeram desmatamentos.

Da actividade operacional há a destacar a operação para Calunga-Samba; a acção na mata a N do Centro, onde surpreenderam por várias vezes elementos terroristas em fuga; a reacção a uma emboscada, quando faziam a protecção à Engenharia que abriu a picada para Suege-Cambamba, tendo capturado um canhangulo e uma caçadeira e uma operação na Muanda em que feriu vários terroristas.

Na Úcua, em fins de Novembro, juntamente com o Grupo de Comandos “Vampiros”, reagiram com êxito a três emboscadas feitas por um inimigo astuto e moralizado.

De 26Jan63 a 10Fev63, actuaram na região de Quitexe em batidas nos vales dos rios Lamanha e Uamba e na picada entre Cólua e o rio Luica.

Em 19Fev, os “Falcões” voltaram ao Úcua onde, numa operação na margem direita do rio Úcua, fizeram dois mortos e um prisioneiro que acabou por dar informações preciosas sobre a localização de “quartéis” da região.

Em 06Mar, actuou ao longo do rio Dange e, em 18, com a operação “Vingança do 1º Morto”, terminava a missão dos “Falcões” no Úcua, tendo regressado a Quicabo no dia 19Mar63.

História do Grupo de Comandos “Falcões”, pelo seu Comandante Tenente Miliciano Agostinho Alves Gonçalves

6 de Agosto. Partida para o desconhecido. Manhã cedo, depois da subida co-leante da estrada que deixara atrás do Chingo, foi a última oportunidade que se ofereceu para dizer adeus à terra e ao mar, companheiros dos primeiros sete meses de África.

A sete, a coluna engrossou com mais uma dezena de soldados que haviam de tornar-se famosos e um furriel que jamais esqueceu os bons tempos da sua Gabela.

A oito, foi o reacomplentamento e o último cantinho do Quanza Sul a ficar para trás. A nove, partíamos de Salazar.

De nove a onze aguardámos, destacados num armazém afastado onze quilómetros de Quibaxe, a chegada dos restantes grupos que iriam connosco instruir-se na guerrilha.

Cerca do meio-dia de onze de Agosto foi a partida da maior coluna auto que já demandara terras de Zemba. Até ao Mucondo, só a passagem do rio Luica, onde começava para o inimigo o “Reino de Nambuanguongo”, proibido ao branco, nos causou um pouco de apreensão.

Mas no Mucondo as notícias foram as menos animadoras: nunca tinha havido coluna para Zemba que não fosse atacada! A anterior, levava mais de vinte e quatro horas para fazer os últimos vinte quilómetros do percurso e nos ataques que sofrera tivera um morto!

Lá ao longe começaram a divisar-se umas luzinhas que diziam ser do estacionamento. E eram de facto.

A primeira noite, sob forte cacimbada, dormiu-se debaixo das viaturas.

Depois, ao longo de dois meses, foi surgindo o CI-21, que se deve ao esforço generoso dos primeiros seis grupos de Comandos feitos em Angola, os quais, par da instrução mais rigorosa e real, abriram buracos, levantaram vigamentos, pesquisaram águas, recolheram areia e pedra, vasculharam matas, destruíram sanzalas intactas e deram caça ao inimigo.

24 Agosto de 62. Os “Falcões”, os “Vampiros” e mais um grupo, fazem a primeira saída para os lados da fazenda Sá, na picada que liga a Quipedro.

A emboscada, por falta de experiência, só conseguiu apreender a “Maria” do grupo que se lhes deparou, mas teve que abandonar a carga. Na contra-emboscada o inimigo tentou principalmente abater a prisioneira. Foi ferido nas pernas um dos “Vampiros”.

No centro, os que tinham ficado abriram alas para a recepção que foi barulhenta.

Agosto, Setembro, Outubro e Novembro passaram-se no levantamento das instalações, na instrução e em operações para os mais diversos sítios, saindo geralmente por grupos isolados e nos mais diversos dias da semana.

Da actividade operacional há a destacar a Operação para Calunga-Samba, onde fomos reabastecidos de avioneta; a operação na mata a norte do Centro onde surpreendemos por quatro vezes elementos em fuga; a reacção a uma emboscada quando fazíamos a protecção à Engenharia que abria a picada para Suege-Cambamba, em que capturámos canhangulos e uma caçadeira, e ainda a operação da Muanda, com lançamento de helicóptero, tendo-se dividido o grupo em duas partes que se internaram na mata em perseguição de elementos inimigos, que feriram, e obrigaram a deixar carregamentos e as cubatas intactas.

A fechar o mês de Novembro e o curso, depois de vinte horas sobre “Unimogs”, iniciaram-se as operações em Úcua, à procura de uma “central” cujo caminho, o guia não conseguiu indicar.

Foram nove dias de fome, sede e expectativa.

Numa batida para a área de Mazundo, perto da pedra Turulo, os “Falcões” e os “Vampiros” sofreram três emboscadas a que reagiram com êxito, apesar de o inimigo estar moralizado com um morto e uma retirada que impusera há pouco a uma Companhia.

Quicabo, 3 de Dezembro de 62. Um dia após a chegada de Zemba, durante a abertura das picadas para a Birila, quando os “Falcões” se iam emboscar numa mata onde era costume atacar, foram alvejados com rajadas de pistola-metralhadora. Reacção rápida e ocupação de um morro, sem ter sido preciso disparar um tiro porquanto o inimigo debandara.

18 de Dezembro de 62. “Roda Viva”.

Ficamos em reserva para acudir onde fosse necessário. O inimigo emboscava a CCaç 327 na subida do Casseno; a situação agrava-se devido às posições privilegiadas do inimigo, e ao número de armas e munições que usavam.

Saímos às sete e trinta. Cerca das dez, estávamos junto da Companhia, depois de muito esforço e do pior caminho, por pouco conhecermos a região. Avistámos de longe numeroso grupo que não se distinguia dos nossos sol-

dados. Já mais perto foi a oportunidade de experimentarmos os "rockets", revelando a nossa presença e evitando talvez o cerco da Companhia que devia estar a ser tentado.

Depois, foi a vez de recuperarmos material e os mortos, ocupada uma posição que oferecia garantia de segurança e campo de tiro ao abrigo do inimigo.

20 de Dezembro de 62. Lançamento de helicóptero no Casseno, conjuntamente com os "Fantasmas", "Aço" e "Corsários" para a conclusão da "Roda Viva", com a travessia completa dos Quiuenenes, depois de ocupada a "Pedra Vermelha" para facilitar a subida da CCaç 328.

31 de Dezembro de 62. Abertura e ligação das picadas de Quicabo-Balacende. Às nove e quinze, depois do cruzamento para Sassa fomos alvejados numa curva.

Mal iniciámos o regresso a Balacende soaram uns tiros do alto de um monte, e, quinhentos metros à frente, algumas rajadas de metralhadora fizeram um morto e dois feridos no primeiro "Unimog" daqueles grupos. A "Breda" e a Bazooka" em breve acabavam com o ataque.

Último do ano. Um forte luar tornava mais sinistra a caminhada, sobretudo quando penetrava nas clareiras da densa mata. Passava da meia-noite quando chegamos a Quicabo.

13 de Janeiro de 63. Patrulhamento em Fusse e Quipasso.

O inimigo não se revelou, apesar das notícias de dois "quartéis" naquela zona.

14 e 15 de Janeiro de 63. Emboscadas em Quiconga e Duia, numa tentativa para interceptar possíveis deslocamentos para uma concentração em Nambuangongo. Fomos alvejados de longe quando regressávamos da Quiconga para a Duia, sem consequências.

18 de Janeiro de 63. Beira Baixa: operação para Quinguimbe.

26 de Janeiro de 63. Partida para Quitexe.

Com outros grupos de Comandos, e entre 29 deste mês e 8 de Fevereiro, tomamos parte em operações nos vales dos rios Lamanha e Uamba e na picada entre o Cólua e o rio Luica. Não houve contactos com o inimigo, mas foram encontrados algumas lavras e postos de observação. Soube-se por elementos capturados pelos "Fantasmas" que o Ferraz Bomboko saíra ao nosso encontro.

De 10 a 18 de Fevereiro descansamos em Luanda.

19 de Fevereiro de 63. Partida para o Úcua, donde seguimos para Quibaxe, Panggo, Roça Santa Clara. Batemos a região entre o rio Quiulo (afluente do Zenza) e Banza do Esso, e dormimos na mata.

27 de Fevereiro de 63. Numa operação na margem direita do rio Úcua fizemos dois mortos e um prisioneiro que acabou por dar informações sobre a localização dos "quartéis".

2 de Março de 63. Batida entre a Roça Nova Goense e a picada do Pango. Disparados três tiros por um vigia avançado que escapou por muita sorte, sem ter atingido ninguém. Destruído um acampamento. Dormida na mata. Cavámos na areia para apanhar água para beber.

6 de Março de 63. Operação ao longo do Dange. Partimos com um dia de atraso em apoio dos “Fantasmas”. Depois de andarmos a pé mais de vinte quilómetros por uma picada terrível para emboscadas, chegamos junto do Dange. No percurso, surgiram, ao longe, dois nativos, um deles armado.

As ligações de rádio falharam, sendo restabelecidas através do helicóptero.

18 de Março de 63. Operação “Vingança do 1º Comando morto”.

Os grupos irradiaram em várias direcções. Aos “Falcões” coube a região do rio Ube. Nada a assinalar.

19 de Março de 63. Regresso ao BCaç. 325 em Quicabo.

28 de Março de 63. Hastear da Bandeira Nacional no N’Zoa.

Pela primeira vez naquele bloco granítico com mata do lado norte e cerca de oitocentos e treze metros de altitude, tremulou a Bandeira das Quinas.

Nos Quiuenenes, onde em Dezembro tanto tiro houve e sangue correu, pela primeira vez um grupo só, embrenhou-se na mata durante dois dias.

Só a subir ao morro gastaram-se mais de três horas, mas na base fora abatido um dos vigias que tivera a desdita de aparecer à frente de quem não perdoa e isso era mais um motivo de alento.

A Bandeira lá ficou bem alta!

4 de Abril de 63. Emboscada junto ao Mucoxe.

9 de Abril de 63. Operação no vale de Matete.

Destruído um acampamento perfeitíssimo de organização, arrasadas várias lavras de milho, feijão e mandioca.

16 de Abril de 63. Batidas na região da Beira Baixa para o Lifune, Serração e Canacassala em 17, 21, 24, 28 e 30.

4 de Maio de 63. Regresso a Quicabo.

O grupo apresenta-se esgotadíssimo e é sujeito a inspecção médica.

Mais de quinze dias com baixa quase todo o grupo!

18 de Maio de 63. Operação para o Dange, Casselengues, Fazenda. Cruz (seis dias).

Numa das batidas na zona da Fazenda. Cruz, a norte do Dange, foram detectados dois vigias que nos tinham pressentido e se deslocaram para a encosta, à espera de nos avistarem.

30 e 31 de Maio de 63. Operação para o Onzo.

Região de Banza-Bungo. Foi feito fogo sobre elementos fugitivos, ao longe. Destruídas toneladas de milho, mandioca, feijão e batata-doce.

Quando cercávamos umas galinhas fomos alvejados por dois tiros de Mauser e depois por rajadas de arma automática, sem consequências. Reacção imediata, perseguição, mas sem resultado. E ficamos sem as galinhas...

5 e 6 de Junho de 63. Onzo-Dongo-Menga.

Ao anoitecer, depois de nos termos carregado com laranjas, e quando o grupo se estendia ao longo do carreiro, rajadas certas choveram de uma mata, à esquerda.

Ao tentar arrancar para o alto do monte, de novo as balas cortaram o capim à frente de alguns.

Juntamo-nos aos grupos da CCAç 327 para pernoitar. Ao longe, para Nambuan-gongo, a noite foi cortada por forte morteirada.

13 de Junho de 63. Abertura de uma picada inexistente da Duia em direcção ao Onzo.

18 de Junho de 63. Abertura da picada Sassa-Bato.

Destruídas muitíssimas e bem tratadas lavras, muitas cubatas e capturadas algumas dezenas de galinhas, que desta vez não escaparam...

No dia 18 às vinte e uma horas, quando regressávamos de luzes acesas e a velocidade razoável, o primeiro ataque nocturno.

Sem mais novidade até ao quartel.

22 a 25 de Junho de 63. Batida da região Duia-Tumba.

29 de Junho de 63. Transporte de um morto numa emboscada à CCAç 327 na Fazenda Cruz: 2º Sargento Bernardo.

11 e 12 de Julho de 63. Operação do Quive.

Destruições. A CCAç 326 sofreu um morto quando iniciava, o regresso à base dos morteiros.

17, 18 e 19 de Julho de 63. Acção de flagelação de morteiros 81 junto ao Onzo-Bato-Samba.

Às vinte e três horas de 17, a dois quilómetros da Birila, ataque rápido. Um ferido grave (Azinhais) e dois leves da CCAç 327.

Transporte dos feridos a Quicabo.

A 18, flagelação de morteiro. Regresso até Sassa.

A 19, pela manhã, perto do rio Ió, forte mas curto tiroteio causando os primeiros feridos dos "Falcões" (1º Cabo Neto e Sold. 1524 Feio). Reconhecimento pelo fogo.

Novo e fortíssimo ataque na zona da baixa das palmeiras, mas sem consequências.

26 de Julho de 63. Batida da região do Lifune.

2 de Agosto de 63. Emboscada na Birila.

Feito um morto e um ferido. Capturada uma Mauser, munições um apito e uma bússola.

8 de Agosto de 63. Saída em reforço a uma secção atacada antes das Sete Curvas.

10 de Agosto de 63. Emboscada nas Sete Curvas.

24 de Agosto de 63. Emboscada no Bungo (Morros da Cachila).

3 de Setembro de 63. Emboscada perto da baixa das palmeiras do cruzamento de Quipasso.

9 de Setembro de 63. Batida entre o Camadela e o Quituelo, ao longo do Lifune. Morta uma pacaça que investiu contra os primeiros.

21 de Setembro de 63. Guarda de honra à inauguração do Monumento aos Mortos do BCaç 325.

Batida com um grupo do BCaç 477 entre Tenda e a picada.

25 de Setembro de 63. Sobreposição.

Duia-Sassa. Sofremos emboscada, às quinze horas, no cruzamento das picadas. Reacção pronta que pôs em debandada o inimigo. Foi ferido e evacuado de helicóptero o soldado 1564, Amadeu.

27 de Setembro de 63. Quicabo - Malange, onde finalmente voltamos a uma certa regularidade, há muito desejada. Estávamos exaustos, mas satisfeitos!



Panorâmica do Aquartelamento de Nambuangongo
(Fotografia cedida pelo Fur. Joaquim Ferro)

C CAÇ ESP. 365 - "CORSÁRIOS"
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	07OUT62	ZONA DO RIO LIFUNE (BATIDA)	
OP. "LARGADA FELIZ"	09OUT62	ZONA DO VALE DO RIO CAMBO (BATIDA)	
ACÇÃO	12OUT62	ZONA DA FAZENDA SÁ (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	16OUT62	ZONA DOS RIOS SUEGE, CÁCUA, CAXIRI E LIQUINGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "NÓQUI" (GR. A)
ACÇÃO	17OUT62	ZONA DO RIO CAMBO (BATIDA)	
ACÇÃO	18OUT62	ZONA DE CALALADANDO, MALONDE E RIO CÁCUA (BATIDA)	
OP. "RODA VIVA"	17 A 25DEZ62	ZONA DO MACIÇO DOS QUIUENENES - QUICABO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS", AÇO E FALCÕES.
OP. "TRÊS COUCES"	14 A 18JAN63	ZONA DA FAZENDA BEIRA-BAIXA - REGIÃO DE QINGUIMBE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"
OP. "LIMPEZA GERAL"	17 A 19JAN63	ZONA DE QUISSACALA - GOMBE DO ZOMBO - COSSEQUELE E QUIBABA (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	27JAN A 09FEV63	ZONAS DE QUITEXE - MUHOMBO - QUIPEDRO - QUITOQUE-QUINGUENDA - CAUANGA-CÓLUA E RIOS LAMANHA, UAMBA E LUÍÇA (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "NÓQUI", "FALCÕES" E "FANTASMAS"
OP. "FACA AFIADA"	05 A 07FEV63	ZONA DE MUTENO - CACAMBA - MASSUAUA - GOMBE IA MUQUIAMA - FUNDA (BATIDA)	
OP. "BARBA ESCANHOADA"	10 A 12FEV63	ZONA DE JUNGO - ILHA DE CASSELENGUE (BATIDA)	
OP. "OSSO DURO"	16 A 27FEV63	ZONA DAS SERRAS QUIBINDA E AMBUILA (BATIDA)	
ACÇÃO	19FEV A 18MAR63	ZONA DO ÚCUA - FAZENDA BELO HORIZONTE - FAZENDA SANTA CLARA- ROÇA MARIA PAULA - PANGO ALUQUEM - QUISSACALA - BANZA DO ESSO - GINGEU E RIOS TEBA, DANGE E QUILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AÇO", "NÓQUI", "FALCÕES" E "FANTASMAS"
OP. "OSSO ROÍDO"	05 A 08MAR63	ZONA DO QUITEXE - ENTRE OS RIOS NIATCHE E VAMBA (BATIDA)	
OP. "CUBATA VELHA"	22 A 26MAR63	ZONA DO MACIÇO DOS QUIUENENES (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FALCÕES"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "NÃO DESISTO"	07 A 09ABR63	ZONA DO ÚCUA - QUISSACALA - FAZENDA UBE (BATIDA)	
OP. "BOSSA NOVA"	15 A 17ABR63	ZONA DO VALE DO RIO UBE (QUISSACALA - TALO - PEDRA VERDE) (BATIDA)	
ACÇÃO	03 A 10JUN63	ZONA ENTRE OS RIOS DANGE - BOQUI E LULUMBA (BATIDA)	
OP. "TECO-TECO"	18 A 21JUN63	ZONA ENTRE OS RIOS DANGE E LUICA (BATIDA)	
OP. "SEMPRE FESTA"	27 A 28JUL63	ZONA DE MUXALUANDO (BATIDA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES

Do Comandante da RMA

- Fur Mil, Valdemiro José de Jesus
(O.S. nº43 de 24Mai63 do Cmd da RMA)
- Soldado 277/62, Custódio Cardoso de Oliveira
(O.S. nº 85 de 01Mai63 do Cmd do Sector D)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Relativamente à frequência do curso de comandos no CI 21, por parte da CCAç Especiais nº 365, existem declarações divergentes, quanto à formalização e finalidade das actividades ali desenvolvidas por esta Companhia.

Iremos assim, fazer referência aos dados disponíveis, quer tenham sido obtidos através de declarações pessoais, quer baseando-nos noutros elementos, que devem ser entendidos com a objectividade que lhes assiste.

Transcrevem-se declarações sobre o assunto, do Cor Cav José Pedro Simões Caçorino Dias, na altura alferes instrutor em Zemba, à revista Mama-Sume nº 18 de Ago/Out/82:

(...)

Esses elementos não tiveram nenhum Curso de Comandos, nem nunca pertenceram aos Comandos de Zemba. Estiveram sim no nosso aquartelamento em determinada altura com a finalidade de manterem a segurança do campo onde estávamos instalados para que pudéssemos dar a instrução e fazer as nossas operações sem nos termos de preocupar ao mesmo tempo com o montar sentinelas ao CI 21. Enfim tinham como única exclusiva missão a segurança do quartel. Essa Companhia, a 365, recordo-me era comandada por um Capitão de nome VINÍCIO ALVES DE SOUSA, um homem que posteriormente desertou do exército português, foi para a França e após o 25 de Abril voltou evocando razões políticas para a atitude que tomara.

Aliás voltando um pouco atrás na resposta à sua pergunta devo dizer-lhe que destinados aos Comandos foram apenas grupos de vários Batalhões e nunca Companhias.

(...)

Verifica-se no entanto, que a CCAç é incluída no horário de instrução em Zemba, sendo mencionados os seus grupos como 365-A, 365-B e 365-C, com atribuição de matérias e tarefas em tudo idênticas aos restantes grupos em instrução.

Foram contactados e recolhidos testemunhos de diversos elementos desta Companhia, que confirmaram os factos relativos ao período de instrução em Zemba. Transcreve-se parte de uma resenha da história da Companhia, amavelmente cedida pelo Sr. Joaquim Ferro Nunes de Abreu, que integrou a CCAç Esp. 365, como Furriel Miliciano:

(...)

A Companhia embarcou para Angola no NRP Vera Cruz em 13Jul62, tendo desembarcado em Luanda em 23Jul62, onde permaneceu aquartelada no Campo Militar do Grafanil até 06Ago62, data em que se deslocou para Zalala.

Em 30Ago62, seguiu para o CI 21, onde chegou no dia seguinte. Foram recebi-

dos pelo Comandante, 2º Comandante e pelo Sr. Dante. Foi-lhes distribuído o local para acampar, construir o próprio abrigo (até ficar concluída a construção do CI 21 em casernas de madeira), com apoio da engenharia e as tropas nomeadas para o 1º curso de comandos.

No dia seguinte (02Set62), teve lugar uma formatura geral para içar a BANDEIRA, seguida de palestras do Comandante, 2º Comandante e Dante.

Foi comunicado às tropas que todos os presentes passariam a partir desse momento a viver juntos todas as situações de:

- Técnica de combate.
- Instrução da educação física, ordem unida.
- Treino de emboscadas, contra-emboscadas, assaltos, golpes de mão, cerco e limpeza de povoações.
- Sobrevivência na mata ou como prisioneiros do In.
- Informação e contra-informação com populações locais e imprensa.
- Topografia, transmissões.
- 1ºs Socorros.
- Leis internacionais para prisioneiros.
- Tiro, pista de obstáculos.

No final, dirigindo-se à CCAç Esp. 365 - "Corsários", desejou-nos os maiores êxitos, sabendo que os mais velhos nos ajudariam com o seu saber e com a nossa juventude levaríamos de vencida todas as missões futuras.

O Sr. Dante falando para os "Corsários", ordenou a não utilização do capacete e mochilas. Os capacetes retiravam a audição e prendiam os movimentos. As mochilas eram pesadas e prejudicavam a mobilidade.

Foi comunicado a todos os oficiais e sargentos que se seguia uma reunião na sala de operações. Na reunião foram tratados vários assuntos como o funcionamento do CI-21:

- Cadeia de comando
 - Organização
 - Plano geral de instrução
 - Alteração na CCAç Esp. 365 - "Corsários", que passaria a ter a mesma composição dos grupos (em termos operacionais) com a designação:
 - Corsário-A
 - Corsário-B
 - Corsário-C
- (Anulando assim a designação de 1º, 2º, 3º e 4º pelotão)*

– Assim no CI-21 existiam e recebiam instrução:

- Grupo – Nôqui
- Grupo – Aço
- Grupo – Falcões
- Grupo – Vampiros
- Grupo – Fantasmas
- Grupo – Corsários – 1
- Grupo – Corsários – 2
- Grupo – Corsário – 3⁵⁶

– que seriam formados por equipas.

Assim começou a história dos 1^{os} Comandos de Portugal em:

Setembro – Outubro – Novembro, 1962.

Nestes meses foi-nos administrado pelo Sr. Dante e vários oficiais, todo o tipo de instrução, treino em operações, tiro para a guerra de guerrilhas a todos os grupos situados no CI-21.

A instrução foi sempre dada ao grupo ou por equipas, nas imediações do CI-21. O fogo foi sempre com balas e granadas reais.

Fizeram-se várias emboscadas, contra-emboscadas, golpes de mão, cercos, assaltos, limpezas, etc.

Em 30Nov62 deixam Zemba, grupos de Comandos Nôqui, Falcões, Vampiros, Fantasmas e Corsários (CCaç 365).

Fica o grupo do Aço em Zemba, à espera do Bat.

Os “Corsários” são colocados na missão em Quibaxe, à ordem do comando do Sector D.

De 01Dez62 a Fev64, actuaram em variadíssimas zonas de Angola, umas vezes isolados, outras em conjunto com outros grupos de comandos ou com forças estacionadas na ZIN .

(...)

Quanto a atribuição de “crachás” à Companhia, refere ainda o Sr. Joaquim Ferro (Furriel da CCAç Esp 365):

⁵⁶ Não é referido o grupo “Pedra”, naturalmente por lapso.

(...)

- 27Jan63 – saída a comandar o grupo de comandos “Corsários”, a fim de nos juntarmos a vários grupos de comandos em Quitexe (sede do BCaÇ 317), para realizar várias acções na região.
- 28Jan63, formatura geral para apresentação ao comandante, 2º comandante, oficial de operações do BCaÇ 317.
- Chegada de hélio do Comandante de Sector D Coronel de Infantaria Marafusta Marreiros e Sr. Dante.
- Entrega em parada:
 - das flâmulas a cada grupo
 - do “crachá” em pano aos comandos que pagaram 90\$00.
 - dos cartões comando

(NB) Assim oficializaram o “crachá” comando em parada.

(...)

Transcrição do Anexo 3ª (Resumo da História das Operações das Unidades que regressaram à Metrópole durante o período) ao relatório de comando nº 40/64 do QG/RMA de 01 a 30 de Setembro de 1964:

COMPANHIA DE CAÇADORES 365

Comandante

Inicialmente – Cap. Inf. Manuel Augusto Teixeira Teles Grilo

Depois – Cap. Inf. Vinício Alves da Costa e Sousa
e Cap. Inf. Albino Simões Lino

Finalmente – Cap. Inf. Jaime Alberto Gonçalves das Neves

A Companhia de Caçadores nº 365, mobilizada pelo Batalhão de Caçadores nº 10, desembarcou em Luanda no dia 23 de Julho de 1962 e foi, passados alguns dias, colocada em Quizalala, de reforço ao Batalhão de Caçadores nº 317, ali permanecendo cerca de 1 mês. Findo esse período foi transferida para a Zemba, onde frequentou o estágio de Comandos no Centro de Instrução então ali existente e do qual ficaria habilitada no final de Novembro. Logo após foi deslocada para Quibaxe, até Julho de 1963 e Muxaluando até Agosto do mesmo ano.

Permaneceu em seguida em Luanda durante cerca de três meses, depois do que seguiu para a região de Marimba, Tembo Aluma, Marimbanguengo, Milando e Sunginge até ao início de Fevereiro de 1964, em que regressou a Luanda.

A constante actividade operacional da Companhia 365, veio pois a distribuir-se em várias regiões e teve particular importância após a frequência do estágio de Comandos. Quando colocada em Quibaxe a Companhia actuou nas áreas de Balacende, Bemba, Caiengue, Quiuenene, Quipetelo, Quinguimbe, Quissacala, Pedra Verde, Quibaba, Quitexe, Cacamba, Jungo, etc. e tomou parte em inúmeras operações, quer apenas com os seus efectivos, quer em reforço de outras Unidades. É de destacar a sua actuação nas Operações “Faca Afiada”, “Osso Duro”, “Osso Roído” e “Cubata Velha”, nas quais foram postos à prova o entusiasmo e espírito de sacrifício dedicados ao cumprimento da missão.

Após um curto período de permanência em Luanda em que desempenhou as tarefas normais da guarnição da cidade, e que viria a repetir-se mais tarde, deslocou-se como já foi dito, para a região de Marimba onde a par de contínua acção operacional em patrulhamentos e emboscadas levou a efeito uma profícua acção de captação das populações autóctones através da assistência clínica, da criação de escolas e de estreito contacto com essas massas populacionais.

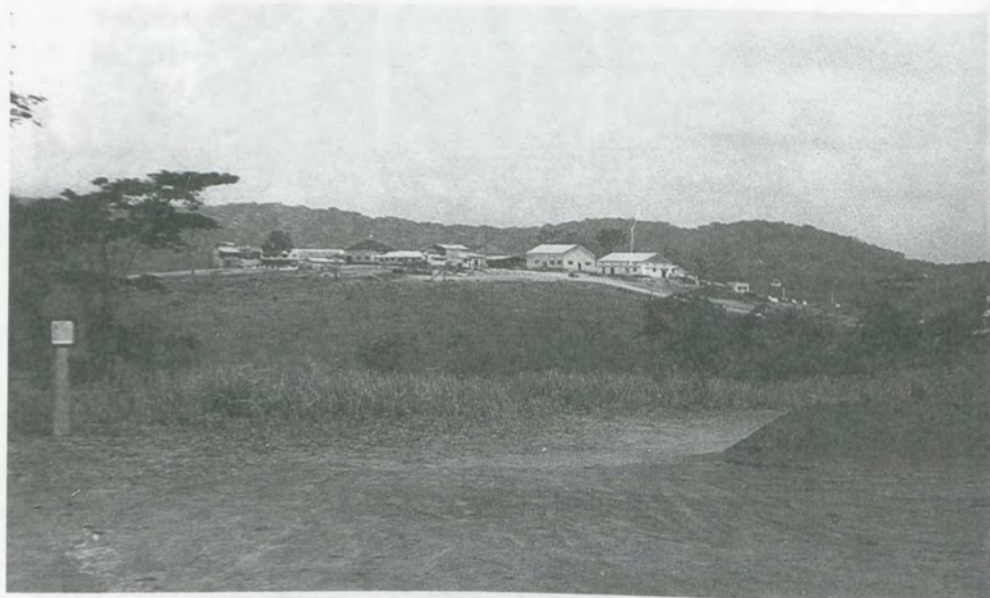
A Companhia de Caçadores nº 365, após mais de 2 anos de permanência na Província em que demonstrou excelente espírito de corpo e desejo de bem servir, reflexos de uma esclarecida acção de Comando, bem merece, pois, o muito apreço da RMA.



Embarque em Luanda da CCaç Esp 365



Desembarque em Lisboa e desfile da CCaç Esp 365, comandada pelo
Capitão Jaime Alberto Gonçalves das Neves
(Fotografias cedidas pelo Furriel Joaquim Ferro)



Panorâmica do Aquartelamento de Muxaluando
(Fotografia cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)

OPERAÇÃO “RODA-VIVA”

A Operação “Roda-viva”, foi executada pelo BCaÇ 325, no período de 17 a 25 de Dezembro de 1962. Nela foram empenhados os grupos de Comandos “Falcões”, “Fantasmas”, “Aço” e “Corsários”, tendo pela primeira vez sido utilizados meios “heli”, para efectuar o lançamento de forças na zona de acção.

Da história do BCaÇ 325 transcreve-se o relatório desta operação:

- *“Situação: – O inimigo havia sido localizado nas regiões de Quiles.390 (135245.081710), 563 (135220.081545) Casseno (1351.0815), Quiuenenes (região definida por 1353.0814, 1352.0814, 1353.0813 e 1354.0814), onde tinha reagido à penetração das NT fazendo uso de granadas de mão, PM e armas de repetição sem restrição de munições.*
Nalgumas acções tinha demonstrado bastante audácia e determinação para a luta, tentando algumas vezes envolver as NT.
Os seus efectivos, estavam distribuídos por “destacamentos” constituídos por 24 homens havendo informações de que nos Quiles, dispunham de 2 destes “destacamentos” (Bungo Menga e Mitende), em Casseno 1, em Quiuenenes 4 (Inga, Quienda, Page e Tomba) e Cazanza 2 (Gilar e Quixico).
A região de Quiuenenes constituía o seu principal refúgio, onde dispunha de muitos reabastecimentos e a base de apoio de toda a região.
- *Nossas forças: – As nossas forças – CCaÇ 326, CCaÇ 327, CCaÇ 328, 6ª CCaÇ Ev /RINL, Pel Mort 31, Pel Mort 53, Btr Art 145 A/D, G Comandos/BCaÇ325, mais tarde o G Comandos/BCaÇ317, G Comandos/BCaÇ186, G Comandos/CCaÇ365, CCav 122 e 1 CCav/BCav109, apoiadas pela FAP.*
Tinham por missão limpar as regiões dos Quiles, Casseno, seguida de limpeza do maciço dos Quiuenenes, ocupação desta região e limpeza das matas que a limitam até à estrada Birila-Quijoão a N, Birila-Quicabo a W e até Camingoengoe e Bungo Menga a L.
- *Planos estabelecidos para a acção: - Havia sido planeado abordar o maciço de Quiuenenes, na noite de 17/18Dez62, por três direcções diferentes, não propriamente no estilo de um ataque clássico, mas sim procurando conseguir a posse de três linhas de crista – Casseno, Quiles e Cazanza – por três Companhias, respectivamente CCaÇ 327, CCaÇ 328 e CCaÇ 326 que daqui desfeririam golpes de cima para baixo com os seus grupos de combate, em acções ofensivas sem, no entanto jamais largar as cristas, procurando limpar a área correspondente a cada uma das CCaÇ, destruindo as sanzalas e as lavras que fossem encontradas, levando as Companhias a sua acção até à orla mais setentrional dos Quiuenenes.*

À 6ª CCAç Ev/RINL competia o patrulhamento do itinerário Birila-Quijoão a fim de impedir por um lado o afluxo de reforços vindos do N e por outro a retirada de elementos In dos Quiuenenes.

- *Desenrolar da acção: - Na noite de 17/18 as CCAç iniciaram a marcha em direcção aos primeiros objectivos, tendo a CCAç 326 penetrado até cerca de quinhentos metros a SE de Gilar, retirando posteriormente para 510, a fim de se instalar e passar a noite. Aqui permaneceu até dia 20. Sofreu dois feridos. A CCAç 327 tentou entrar na região do Casseno mas foi detida pelo fogo In de 460, 486 e 531, tendo sofrido cinco mortos e catorze feridos, oito dos quais com gravidade. Entretanto, o G Comandos "Falcões" recebia ordem para atacar o In de flanco que, fortemente abrigado, continuava a bater a CCAç 327, que no entanto, já havia tomado posições no local da emboscada com vista à sua defesa.*

A CCAç 328 avançava pelos Quiles atingindo o Quile 2 onde pernitoou e permaneceu nos dias 19 e 20.

A 6ª CCAç Ev/RINL primeiramente ocupando a Birila, Duia e Quijoão, deslocou-se posteriormente para a região dos Quiles onde passou a ser exercido o esforço principal.

Em 19, a CCAç 327 passou a constituir a reserva do Batalhão e a 6ª CCAç Ev/RINL ocupou a região de Capire.

Porém, porque se verificou uma resistência In superior ao que se calculara, pediram-se 2 CCAç de reforço que iniciando a progressão, a CCAç 109 em direcção ao 531 e a CCav 122 ao 460 praticamente avançaram já sem resistência, visto o In depois da acção das forças do BCaç 325 e da acção da FAP se ter posto em fuga, evitando o combate.

Em 22, os Grupos de Comandos do BCaç 325, BCaç 186, BCaç 317 e CCAç 365 foram transportados de helicóptero para os Quiuenenes e lançados à frente das CCAç com o fim de reconhecimento e exploração, enquanto às Companhias eram dadas missões de destruição.

Terminava assim, em 24 de Dezembro de 1962 a Operação "Roda-Viva". Conseguiu-se, embora não tendo feito prisioneiros, causar inúmeras baixas aos terroristas, desorganizá-los em todos os Quiuenenes, destruindo-lhe centenas de cubatas de habitação e os seguintes "quartéis":

- *Inga 2, Mitende, Bungo Menga, Gilar e Quixico e ainda nove acampamentos situados na região compreendida entre Casseno-Quiles-Mitende-Inga.*

O maciço montanhoso "os Quiuenenes" deixavam assim, pelo menos temporariamente, de constituir uma preocupação para a RMA, pois, dadas as características do terreno, particularmente favoráveis ao In, dada a sua or-

ganização militar na zona, aliadas a uma agressividade, astúcia e até uma aperfeiçoada técnica militar do In, as ligações com outras "centrais" na região dos Dembos e dada ainda a abundância extraordinária e variada de recursos locais, aquele maciço montanhoso era, de facto, um fortíssimo baluarte, onde, em tempo de paz, os "brancos" não se atreviam a ir; incluindo as Autoridades Administrativas e onde, antes da "Roda Viva" várias Unidades de Caçadores e Paraquedistas haviam sofrido vezes que lhes dificultaram senão impediram, o cumprimento das missões.

Outras operações se seguiram com vista à limpeza da zona à responsabilidade do Batalhão, quer na área de Quicabo (nunca esquecendo os Quiuenenes) quer na Beira Baixa, quer ainda junto do rio Dange:

Em 03Jan63 a CCAç 328 recebeu a missão de nomadização nos Quiuenenes, na região de Cazanza. Posteriormente, nova missão, desta vez para fazer a limpeza e batida de 680 (1330.0815) e a mata até à Inga.

Foram avistados cerca de doze a quinze terroristas que fugiram para a mata, depois de terem reagido com alguns tiros de PM e espingarda.

Entretanto, o Comandante da CCAç 328 era substituído pelo Comandante da CCAç 326 que também, desde 03 estava emboscado nos morros do Capire com dois grupos de combate.

- Em 06, o Comandante da CCAç 326 recebeu a missão de enviar dois grupos de combate ao Quixico com a finalidade de bater a região.

Acompanhou esta força em batida o Oficial de Pes e Reab que na véspera, tinha chegado ao Capire, acompanhando uma coluna de reabastecimento."



Montes Quiunenes



Operação Roda-Viva – Lançamento de Helicóptero
(Fotografias cedidas pelo Fur Joaquim Ferro)

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

Relatório elaborado pelo Comando do CI-21 relativo ao período de implementação do Centro e das actividades de Instrução

28Jul62 – Partida de Luanda pelas 05H00 da primeira coluna com materiais de construção para Zemba.

30Jul62 – Chegada da coluna a Zemba depois de uma viagem bastante demorada devido ao mau estado da picada e às emboscadas preparadas pelo Inimigo.

05Ago62 – Partida de uma 2ª coluna com materiais de construção e maquinaria de engenharia.

10Ago62 – Partida de uma 3ª coluna com o pessoal privativo do CI levando materiais de construção e outros necessários para o seu futuro funcionamento.

Pelas 15H00 a coluna atingiu Quibaxe onde a ela se reuniu o pessoal dos grupos 185, 261, 186, 317 e 325. Todo o pessoal pernitoou num armazém da Roça S. Bartolomeu nas imediações, de Quibaxe.

O grupo do Batalhão nº 280 só partiu de Luanda quatro dias depois, escoltando outras viaturas que tinham ficado aguardando materiais.

Ver na pagina V Carta da zona de Quibxe

11Ago62 – Pelas 09H00 a coluna reiniciou o deslocamento para Zemba atingindo Muconco cerca das 16H30.

Progredui durante a noite de 11 e a madrugada de 12 atingindo Zemba pela 03H00. A coluna que partira a 5 (cinco) acabara de chegar na tarde de 11 construindo quatro pontões. Durante a progressão sofrera um morto por acção do In junto de um pontão que atravessa Lifune nas imediações de Calunga Samba.

As viaturas abandonaram Zemba na manhã de 12 levando o morto que foi sepultado em Vista Alegre.

O dia 12 foi destinado à descarga de material e arrumação no local escolhido para estaleiro e que se situava no extremo NW da actual pista

para os aviões. A pista entretanto tinha continuação no extremo oposto com o emprego da maquinaria ida na coluna que chegara na véspera. O pessoal passou a viver em buracos abertos no solo e que se cobriram com panos de tenda e capim.

A água embora existente a cerca de 700 metros escasseava dada a existência de um único carro de água e dadas as dificuldades de extracção por não existir ainda um poço de captação.

13Ago62 – Iniciaram-se os trabalhos de terraplanagem e piquetagem do terreno destinado ao quartel. Começou a montar-se a barraca destinada a arrecadações que se impunha como prioridade por os materiais se encontrarem muito expostos ao sol e ao cacimbo.

A Companhia de Caçadores 189⁵⁷ que se encontrava em Zemba desde a sua ocupação retirou pela picada do Mucondo às primeiras horas da manhã. Sofreu ao longo do percurso seis emboscadas.

Foi planeado lançar na madrugada de 14 uma patrulha na direcção Leste com o fim de se iniciar o primeiro contacto com o terreno. Procurar descobrir e manter o In em permanente insegurança, foi por isso decidido que a melhor maneira de se contribuir para a futura instrução a ministrar seria o realizar várias batidas que permitiriam que o Soldado se aclimatasse e familiarizasse com a mata.

14Ago62 – A patrulha lançada na direcção Leste, pelas 02H00, destruiu quatro pequenos acampamentos inimigos, capturando um canhangulo, documentos e cabras. Destruíram alguns alimentos encontrados. Regressou sem ter contactado com o Inimigo.

Os trabalhos de construção do quartel prosseguiram em bom ritmo. Foi visível o rendimento obtido neste dia de trabalho.

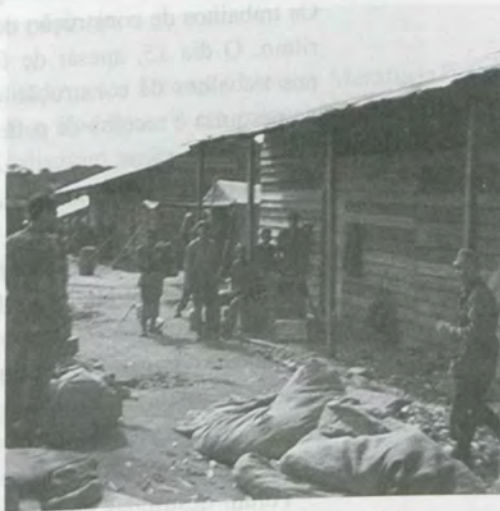
⁵⁷ Pertencia ao Batalhão de Caçadores nº.186



Construção e instalação do Aquartelamento de Zemba
(Fotografia retirada da Revista "Mama Sume")



1º Cabo João Abaladas
na preparação de materiais
de construção
(Fotografia cedida pelo próprio)



(Fotografia cedida pelo Furriel
Joaquim Ferro)



Aquartelamento de Zemba
(Fotografia retirada da Revista “Mama Sume”)

15e16Ago62 – Patrulhas lançadas nas direcções Oeste e Noroeste destruíram acampamentos inimigos e bem assim grandes quantidades de alimentos. Foram capturados alguns documentos sem importância. Os trabalhos de construção do quartel continuaram em muito bom ritmo. O dia 15, apesar de feriado foi integralmente aproveitado nos trabalhos de construção do quartel. Iniciaram-se os trabalhos de pesquisa e recolha de pedra e areia necessários para a pavimentação das barracas.

Em 16 pelas 18H00 foi enviada uma coluna na direcção do Mucondo na intenção de fazer a ligação com a que vinha daquela localidade e que era composta pelo Grupo do Batalhão de Caçadores nº.280 que partira em 15 de Luanda.

17Ago62 – Pelas 03H00 chegaram as colunas vindas do Mucondo sem qualquer novidade.

18e19Ago62 – Foram lançadas patrulhas nocturnas nas direcções Este e Sul. Foram destruídas cubatas e víveres armazenados. Os trabalhos do quartel e pista de aviação continuaram em bom ritmo.

- 20Ago62 – Pelas 02H00 foi lançada uma patrulha na direcção Sul que foi alvejada pelo Inimigo. Não houve baixas e apesar da perseguição movida não foram encontrados outros indícios da presença do In. Foi destruído um acampamento nas redondezas. Os trabalhos de construção do quartel continuaram um bom ritmo.
- 21Ago62 – Pelas 04H00 foram lançadas patrulhas nas direcções Leste e Sul. Foram destruídas cubatas e alimentos sendo capturados alguns documentos. Existe a impressão de que o In está a abandonar a região. Continuaram os trabalhos de edificação do quartel e os de terraplanagem da pista de aviação.
- 24Ago62 – A pista atingiu hoje cerca de 320 metros. A faixa está com um piso absolutamente perfeito e permite já a aterragem e descolagem de Dorniers e com toda a segurança. Aliás, os aviões vindos até esta data têm tido sempre a possibilidade de aterrar e levantar com relativamente boa segurança. Foi decidido lançar na madrugada de 25, três grupos para actuação na mata. Os trabalhos continuam em bom ritmo e o quartel começa a tomar forma. A captação de água faz-se a partir dum pequeno motor fornecido pela Engenharia. Aguarda-se o fornecimento de um outro já requisitado e de maior potência.
- 25Ago62 – Foi hoje o campo visitado pelos Exmos Coronéis Marafusta⁵⁸ Comandante do Sector D e Rodrigues⁵⁹ em inspecção ao Serviço de Saúde da Província. Utilizaram avião e saíram cerca das 15H00 para Luanda.
- 26Ago62 – Pelas 02H30 foram lançadas patrulhas nas direcções Norte e Noroeste que atingiram a Fazenda Sá. Destruíram seis acampamentos In tendo verificado que o estado da picada é bom, estando apenas cortada em virtude da destruição de dois pontões por parte do In. Durante o regresso o In realizou uma emboscada à coluna por região de ponto de cota 820 de coordenadas 0804 e 1436. A reacção das NT foi imediata mas o In escapou-se para as ma-

⁵⁸ Coronel de Infantaria, Joaquim Luciano Marafusta Marreiros, Comandante do agrupamento nº1 (COP1) e Comandante do Sector "D"

⁵⁹ Coronel Médico na Reserva, João Manuel Rodrigues, da Direcção do Serviço de Saúde.

tas abandonando as posições dominantes que ocupava. Durante a emboscada o In atingiu com um tiro num pé o Soldado 505/60 Manuel Maria Domingos do Batalhão de Caçadores nº.185. Foi ainda capturada uma mulher, que fazia parte de um grupo de sete encontradas um pouco a Norte do sítio onde o In realizou a emboscada. Foram capturados documentos e destruídos alimentos. A outra patrulha actuando a Sul, eliminou uma sentinela inimiga e ferindo outra. Apoderou-se dos canhangulos das sentinelas.

Esta acção iniciada pelas 01H00 terminou cerca das 15H00.

Os trabalhos de instrução continuaram no mesmo ritmo apesar de ser Domingo.

Ao fim da tarde aproveitou-se haver um boi que marrava, para ser feita uma tourada com o boi. Dadas as cenas hilariantes produzidas serviu como válvula de escape após estas duas semanas de intenso trabalho.

28Ago62 – Patrulhas lançadas na região da Roça Almendra não contactaram com o Inimigo. Destruíram cubatas e fuba. Os trabalhos de construção do quartel continuaram no mesmo ritmo. As dificuldades resultantes da escassez de alguns materiais começam a prejudicar o bom andamento dos trabalhos.

29Ago62 – Iniciaram-se os trabalhos para a cooperação na operação “Barrete Verde” a realizar a Norte. Hoje visitou o campo o Exmo Tenente-Coronel Henriques da Silva⁶⁰ que veio entrar em ligação quanto à cooperação a prestar pelo Centro de Instrução na Operação “Barrete Verde”. Trouxe os postos ANPRC-10 necessários para o estabelecimento das ligações durante a operação.

30Ago62 – A pista atingiu já os 500 metros. Há contudo que proceder a vários trabalhos para lhe dar a consistência necessária. Os preparativos para a operação “Barrete Verde” estão terminados.

A instrução ainda não teve o seu início. Há contudo que salientar que as constantes saídas do pessoal em acções no exterior do aquartelamento e as escoltas realizadas às colunas de reabastecimento começam a dar a todos um conhecimento muito aperfeiçoado da região. Por outro lado a adopção de medidas de segurança adequadas, a mentalização do pessoal para este tipo de guerra, com a consequente crença no valor individual do Soldado, frente a um In

⁶⁰ Tenente Coronel de Infantaria, José Maria Henriques da Silva, da 3ª Rep/QG/RMA

hábil mas mal armado e pouco moralizado, levaram-no a penetrar pouco a pouco segura e profundamente, nas matas, dando-lhes a indispensável confiança nas suas possibilidades e familiarizando-o com o combate na selva. O homem devidamente orientado descobre, ele próprio, diariamente as vantagens que o combate na selva lhe oferece em relação aquele que poderá empreender na estrada ou no terreno descoberto. Por todas estas razões têm-se as saídas mostrado duma utilidade extraordinária e embora prejudicando e prolongando o tempo destinado à edificação do quartel, as vantagens que se obterão no futuro justificarão o pequeno prejuízo actual. Têm sido empregues cães de guerra. Não mostraram ainda a sua utilidade. Crê-se que a razão reside essencialmente no ensino e que o pessoal não está habilitado a dar-lhes o indispensável treino.



**Coluna da CCAçEsp 365
para Zemba**
(Fotografia cedida
pelo Fur. Joaquim Ferro)

01Set62 – Pelas 03H00 quatro grupos de “Comandos” abandonaram em viatura auto o local de estacionamento em direcção à Fazenda Sá, onde apearam, seguindo daqui a pé até Quindembe. Durante a progressão foram reconstruídos dois pontões. Antes de atingido o primeiro pontão uma das viaturas, uma Diamond cedida pelo destacamento de Engenharia⁶¹, quando procedia a uma descida num sítio onde a

⁶¹ Pertencente ao Batalhão de Engenharia nº 234; mais tarde designado por Batalhão de Engenharia de Angola (BEA)

estrada devido à erosão estava bastante danificada, saiu do leito da picada resultando daí ter resvalado, ficando inclinada sobre o talude e segura apenas por uns arbustos.

Depois de duas horas de intenso trabalho foi reposta na picada prosseguindo-se a marcha para a Fazenda Sá, que foi atingida pelas 08H30 cerca de uma hora depois da previsão, devido ao acidente com a viatura.

Pelas 09H50 foi atingida a região da Fazenda do Sr. João, local onde deveria chegar-se pelas 10H00. Foi o percurso feito em marcha muito rápida dado o atraso inicial acima referido. A guia, a indígena aprisionada dias antes, indicou o local onde se encontrava o quartel de Quindembe. Tomadas todas as precauções foi efectivamente descoberto grande movimento de indígenas na região indicada. Cerca das 10H30 o avião que fazia de Posto de Comando Aéreo sobrevoou a zona tendo-se os indígenas imobilizado. Foram estendidas telas para identificação da posição, foi comunicado ao Posto de Comando aéreo que nos encontrávamos a ver o In referenciando-se o quartel a fim de ser bombardeado pela aviação, conforme Ordem de Operações. Pelas 11H10 foi pedido para que a aviação não fosse utilizada dado que o In continuava na região e os aviões demoravam o que não foi autorizado. Cerca das 12H15 surgiram os jactos. O avião que servia de Posto de Comando Aéreo esteve a localizar as posições das várias Unidades: Centro de Instrução, duas Companhias de Caçadores e uma de Paraquedistas e que se encontravam em posições circundantes desde o Lué até à nossa posição. Cerca das 12H40 começou o bombardeamento tendo duas das bombas atingido o quartel em cheio, uma caiu mesmo junto da porta da entrada.

Entretanto com os sobrevoos feitos pelos jactos o In retirou de região ou deitou-se no chão. Após o bombardeamento ainda foram vistos a fugir três indígenas. Só cerca das 13H15 foi dado ordem para início do movimento. Tal facto teve origem em não se saber se os jactos voltariam ou não. Dois grupos foram destacados para seguirem até ao quartel enquanto os restantes seguiam para Quindembe cerca de seis quilómetros para o Norte.

Os grupos que seguiram para o quartel não contactaram com o In, que havia fugido levando quase todos os seus haveres. O quartel estava abandonado. A disposição interna era perfeita. Foram capturados uma arma de calibre 30.3 com o cano rachado e um canhangulo além

de alguns documentos. O quartel foi destruído. O Inimigo que havia sido localizado era numeroso. Só duma vez haviam sido vistos 15 indivíduos todos usando camisa branca.

Os outros dois grupos atingiram Quindembe cerca das 15H30 estabelecendo ligação com a Companhia 140⁶² e retirando pelas 16H00 em virtude de o capim se encontrar todo a arder e haver necessidade de ultrapassá-lo antes que a progressão ficasse interdita por acção do fogo. Foi estabelecida a ligação com os restantes grupos perto da fazenda Sr. João. A fazenda Sá foi atingida cerca das 19H00 procedendo-se então ao regresso. Zemba foi atingida pelas 23H00 sem que nada houvesse a assinalar durante o regresso.

Neste dia chegou ao campo a Companhia de Caçadores nº 365 que veio adir para efeitos de instrução.

- 02Set62 – O Domingo foi destinado a descanso dado que o pessoal começa a acusar um certo cansaço. A operação da véspera realizada debaixo de intenso calor arrasou o pessoal tanto mais que a falta de água foi notória. A Companhia de Caçadores 365 iniciou os trabalhos de construção das suas barracas e que ficam no topo SW do quartel. Ao fim da tarde houve tourada. O pessoal divertiu-se como é natural e serviu para amenizar uma semana de intenso trabalho a que se juntaram algumas acções de combate.

- 03Set62 – O campo foi visitado pelo Exmo Coronel Marafusta, o Exmo Tenente Coronel Azevedo⁶³ Cmdt do Batalhão de Engenharia e o Tenente-Coronel Magro Romão⁶⁴ da Aeronautica Civil que vieram verificar o ritmo das obras realizadas e estudar a possibilidade de prolongar o campo de aviação. Saíram pelas 15H00 prometendo fazer as propostas que se impõem para prosseguimento das obras. Deu-se início à construção de uma carreira de tiro, para tiro de precisão e outra para tiro instintivo. Igualmente se iniciou a construção de um campo de infiltração e de uma pista de combate. Esta de traçado muito sinuoso e dentro de matas, é de difícil execução dado que será preciso abrir muitos troços da mata à catana. Serão colocados manequins que representam o In e servirá para criação de reflexos nos homens.

⁶² Companhia pertencente ao BCaÇ nº137

⁶³ Tenente Coronel de Engenharia, Manuel João Pais de Azevedo, Comandante do Batalhão de Engenharia nº234

⁶⁴ Tenente Coronel de Engenharia, João Magro Romão, Director da Aeronáutica Civil de Angola

05Set62 – Patrulhas lançadas nas direcções NW e W localizaram e destruíram várias cubatas já abandonadas.

As obras aproximam-se do seu termo embora faltem alguns materiais que são esperados vindos de Luanda.

Foi mandado apresentar o Sr. Dante⁶⁵ para que se pudesse dar início à elaboração dos horários de instrução de acordo com as suas indicações.

06Set62 – O Capitão Capelão Braula Reis⁶⁶ que viera ao Campo em 03, regressou a Quibaxe. Prestou assistência religiosa nos dias em que permaneceu no campo, fazendo uma prelecção ao pessoal no dia 05.

07Set62 – Pela manhã chegou uma coluna com materiais diversos vinda de Luanda. Os materiais recebidos vieram facilitar em muito, os acabamentos das barracas. Os materiais foram descarregados e as viaturas partem ainda hoje de retorno a Luanda.

Nesta coluna chegou o Capitão Ramos⁶⁷ da 3ª Rep do QG que dentro do seu muito interesse em conhecer em pormenor a actuação dos grupos na mata, se deslocou a fim de tomar parte numa acção.

Pelas 19H00 foi iniciada uma batida em que tomaram parte os grupos dos Batalhões de Caçadores 185 e 261, às margens do rio Cambo e até à região da Fazenda Sá. Serviu de guia a indígena aprisionada em 26 de Agosto. Foi batida durante a noite uma área vasta, não tendo sido encontrado o acampamento indicado pela guia.

A acção terminou na manhã de 08. A noite apresentou-se muito escura e a guia segundo afirmou, perdeu-se.

09Set62 – Ao fim da tarde houve de novo tourada. O pessoal divertiu-se como das outras vezes e que muito contribuiu para a manutenção do moral.

10Set62 – A instrução embora tendo começado a 07 só hoje teve a sua programação. Esperava-se a chegada do Sr. Vacchi para auxiliar nessa programação.

Contudo não chegou.

Durante estes primeiros dias previu-se a necessidade de executar exercícios de endurecimento com predominância da Educação Física.

⁶⁵ Jornalista do "Paris Match" Césaire Dante Vacchi

⁶⁶ Capitão Graduado Capelão, José Maria de Braula Reis, Capelão do Comando do Agrupamento nº1

⁶⁷ Capitão de Artilharia Raul Ernesto Mesquita da Costa Passos Ramos, da 3ª Rep/QG/RMA

Previu-se além disso a inclusão no programa de sessões de tiro instintivo e tiro de precisão. Por outro lado foi decidido que nesta semana se inicia uma correcta e prática instrução de táctica que terá a finalidade de corrigir erros, melhorar as medidas de segurança adoptadas, impor a rápida e adequada reacção frente à actuação do In criando a indispensável intenção de perseguição.

11Set62 – Patrulhas lançadas nas direcções Sul e SW destruíram cubatas e capturaram animais.

13Set62 – Patrulhas lançadas nas direcções Norte, Sul, Este e Oeste capturaram documentos e destruíram pequenos acampamentos e alimentos. Foi batido um grande troço do vale do Cáuca a partir da sua confluência com o Suege e para Norte. O Inimigo atirou sobre as NT na região de Cáuca mas de muito longe. É natural que fosse sinal para alertar da aproximação das NT. A instrução continuou dentro do ritmo já assinalado.

15Set62 – De novo chegou o Capelão Braula Reis que vem permanecer uns dias no campo. A coluna em que veio sofreu dois ataques de emboscada na estrada.

Hoje teve lugar uma reunião para assentar em definitivo quanto à programação da instrução visto ter-se apresentado o Sr. Vacchi.

Ficou assente:

Constituição de novos grupos sendo três da Companhia de Caçadores 365. Nomeação diária de um grupo para serviço e que daria todo o serviço interno.

Nomeação diária de um grupo para a protecção dos trabalhos de engenharia quando esta iniciasse a construção da picada para Cambamba.

Manutenção diariamente de um grupo em actuação na mata

Realização de operações englobando mais do que um grupo executando acções de conjunto desde que tal procedimento se mostrasse útil para a finalidade da instrução que se ministrava.

Os grupos não empregues recebem instrução diariamente.

O programa horário foi elaborado de modo a permitir uma distribuição equitativa das matérias pelos instrutores e ao mesmo tempo procurou-se dar uma sequência quanto possível lógica aos vários assuntos.

Dadas as poucas habilitações do pessoal instruindo em face das observações feitas durante as acções em que os grupos estiveram em-

penhados durante as obras da construção do quartel tomou-se como finalidade a conseguir na instrução o seguinte:

Prever e estabelecer como valor médio o número de seis horas diárias de instrução.

Melhorar a instrução individual militar em especial a de táctica e de tiro.

Melhorar a preparação física.

Dar uma cuidada instrução de informações, topografia, transmissões, sobrevivência, primeiros socorros, pistagem e despistagem.

Criar a convicção de que um grupo pequeno da ordem dos 30 homens, convenientemente armado, instruído e unido é hoje de um valor excepcional nesta modalidade de combate.

Mentalizar o grupo criando-lhe a ideia do seu valor e das suas possibilidades dando-lhe a indispensável coesão.

Mostrar as vantagens que se obtêm sempre que a actuação tenha em mente o desejo de atirar sobre o In evitando todas as paragens e demoras que só redundam geralmente em perdas humanas.

Criar como dogma, que se impõe acima de tudo, a perseguição ao In e de que esta ideia deve nortear todo o desenrolar das acções.

Criar o vício de pesquisa da informação, única possibilidade de se conseguirem êxitos sem esgotar a tropa.

Impor uma rígida disciplina de fogo evitando todo e qualquer desperdício de munições.

Como complemento da instrução, prever uma futura actuação com helicópteros bem como o reabastecimento e orientação dos grupos em acção a distâncias muito grandes das bases, por meios aéreos.

Finalmente e em resumo:

Criar grupos pequenos e conscientes do seu valor, aguerridos, mentalizados, possuindo uma instrução especializada, capazes de se bastarem a si próprios quando actuando profundamente em território inimigo, argutos na pesquisa da informação e sua imediata exploração, dotados do indispensável espírito de sacrifício e resistência à fadiga para suportar as árduas imposições que o combate, em especial na selva, impõe. Pressupor que o treino táctico conjunto de dois ou mais grupos, realizando o tiro real em que as emboscadas e as consequentes reacções surgem como consequência lógica, são de grande valor para um adequado controlo dos nervos e para a criação de um maior discernimento quanto à maneira de conduzir as acções. Este procedimento mostrou-se de uma utilidade e valor enormes dando aos homens a inevitável confiança quanto às suas possibilidades e

mantendo uma calma que lhes permitia reagir correcta e imediatamente face à situação e actuação do pressuposto Inimigo. Em suma: procurar ser em tudo prático como, do mesmo modo, procurar que as acções tenham sempre um cunho de realidade

16Set62 – Patrulhas largadas pelas 02H30 na direcção SE destruíram um acampamento In. A coluna de reabastecimento que regressou de Quibaxe sofreu dois ataques, um em Calunga Samba e outro no Quizondo.

17,18,19Set62 – A região continua a ser batida diariamente. O sistema de patrulhamentos diurno e nocturno, feito por um grupo de combate, mostrou-se de uma grande utilidade não só como instrução como ainda para manter o In em permanente estado de insegurança. Verificou-se que o In está a abandonar sistematicamente a região á medida que mais profundamente as nossas acções penetram no terreno que habitam. Foram nestes três dias destruídas bastantes cubatas e dois quartéis (um na região da roça S. João a Norte de Quizondo e outro na região de ponto de cota 820 de coordenadas 0804 e 1436 e que se chamava do Quilombo) - foram destruídos alimentos.

20Set62 – Foi o campo visitado pelo Exmo. Tenente-Coronel Costa Gomes,⁶⁸ Comandante Interino do Sector. Visitou o Campo assistiu à instrução e nela tomou parte. Saiu para Quibaxe pelas 16H00. Fez-se acompanhar pelo seu Chefe de Estado-Maior⁶⁹ e pelo Oficial de Informações⁷⁰.

22Set62 – Pelas 01H00 iniciou-se uma batida à região do Liquege, Caxiri e Suege prolongando-se até à região da Fazenda Monte Belo. Foi destruído nas margens do Liquege um grande acampamento, capturados canhangulos e documentos. Chegou hoje um avião Auster que ficará estacionado no Campo e à sua disposição para efeitos operacionais.

23Set62 – Foi realizada uma batida às margens do Lifune até para além do Quizondo. Foi ferido o Alferes Rosário⁷¹ do Grupo de Combate do Batalhão n.º 186. A acção teve início pelas 05H00. Hoje procedeu-se

⁶⁸ Tenente-Coronel de Cavalaria José da Costa Gomes, Comandante do Batalhão de Cavalaria n.º 350

⁶⁹ Capitão do CEM Leandro Moreira Pereira Soveral

⁷⁰ Capitão de Cavalaria José Alberto dos Santos Teixeira

⁷¹ Alferes Miliciano de Infantaria Alvito Maria Demóstenes do Rosário

a um reconhecimento aéreo. Por outro lado iniciou-se o treino de lançamento de reabastecimentos e granadas a partir do avião. Teve lugar no terreno fronteiro ao Quartel e onde se fizeram uns círculos a cal branca. O treino decorreu muito bem e o comportamento do avião quando picou foi excelente.

24Set62 – Foram montadas emboscadas a partir das 03H00 na região a Norte de Zemba. Não obtiveram êxito. Uma patrulha percorreu a região dos rios Daxita e Duto tendo destruído acampamentos e alimentos. A estrada para Cambamba, pode dizer-se, que teve hoje o seu início com a passagem da maquinaria para além do monte onde se encontra o Quartel. A partir de hoje diariamente ficará um grupo a dar protecção à Engenharia. Durante a noite montará bivaque junto da maquinaria dando-lhe a indispensável protecção. É mais uma sujeição e que prejudicará em parte a instrução. Dará contudo, por outro lado, uma permanência na mata durante a noite, o que também contribui para a familiarização com o ambiente.

25Set62 – Foi o campo visitado pelo Exmo Tenente-Coronel Bettencourt Rodrigues⁷² e o Exmo Coronel Galvão de Melo⁷³. Visitaram as instalações e assistiram à instrução, enteirando-se das necessidades. Visitaram o quartel onde se encontrava o quartel do Quilombo. Pelas 15H30 retiraram-se a caminho de Quibaxe.

26Set62 – Pelas 04H00 foram montadas emboscadas na região entre-os-rios Lifune e Mindala. Não resultaram. No regresso foram destruídas algumas cubatas.

Pelas 05H00 iniciou-se a operação “Tasca Suja”. Foi realizada por um Grupo de “Comandos” reforçados, que partiu de Zemba na direcção do Suege, batendo parte da margem direita e dirigindo-se depois para Cambamba. Pernoitou de 26/27 na região de Simões de Almeida sendo aí reabastecido e remuniado pelas 16H30 de 26. Reiniciou a progressão em 27 atingindo Cambamba pelas 12H30. Fez seis prisioneiros e sofreu três emboscadas. A fluidez do dispositivo evitou que houvesse baixas dado que o In actuou em força. Não se conseguiu verificar os resultados da nossa acção embora tenham sido assinalados muitos rastos de sangue.

⁷² Tenente-Coronel do CEM, José Manuel Bettencourt Conceição Rodrigues, CEM do QG/RMA

⁷³ Coronel Piloto Aviador, Carlos Galvão de Melo, Comandante da Base Aérea n^o9

O arame farpado lançado em volta do Quartel ficou estabelecido com continuidade. Falta construir uma aba que progressivamente terá a sua execução.

Ver na página V a Carta da zona de Zemba

30Set62 – Mais um mês termina. Durante o mês e quase logo de princípio ficou terminado o quartel passando o pessoal a viver em casernas e camaratas. O trabalho de construção, quer das pistas quer do quartel, foi exaustivo. O estabelecimento da rede de arame farpado em volta deu a indispensável segurança ao aquartelamento. Pequenas coisas tais como esgotos e drenagens, montagem do motor da água ainda não estão terminadas. Contudo com boa vontade tudo ficará em breve terminado.

Durante o mês deu-se início à instrução. Em 10 elaboraram-se os horários para a semana. A reunião tida no dia 15 deu lugar a uma orientação futura quanto à distribuição dos materiais e sequência da instrução. Verifica-se que no fim deste mês o pessoal apresenta nítida melhoria quanto a conhecimentos e maneira de actuação.

À instrução tem sido dado um cunho essencialmente prático.

Por outro lado e acima de tudo tem-se pretendido conseguir uma permanente mentalização do pessoal. Visou essa mentalização em fazer crer ao homem no seu valor pessoal, no valor do armamento, no valor de um grupo com as características daquele a que pertence, desde que nunca despreze qualquer das elementares medidas de segurança, mantenha permanente agressividade perante o Inimigo e ponha em prática tudo o aprendido na instrução.

Baseados nestas premissas tem-se conseguido moralizar os Grupos e torná-los crentes quanto ao seu valor.

O tempo dispendido nas batidas tem-se mostrado de uma enorme utilidade. Deram aos homens confiança e familiarizaram-nos com a mata e com a região. Começam já a ter noção exacta das facilidades e dificuldades que a mata apresenta ao combatente, libertando-o da natural influência que ela causa sobre o homem, quer resultante do emaranhado da vegetação quer dos ruídos peculiares.

Os homens mostram-se diferentes, em que sobressai a confiança em si próprios.

Pena é que a alimentação, devido à escassez de frescos, nem sempre possa dar a possibilidade de mais se poder exigir.

01Out62 – Pelas 03H00 as forças que haviam tomado parte na operação “Tasca Suja” e se encontravam no Mucondo desde 28, iniciaram a sua progressão a partir da região de Fontoura em direcção ao Quizondo. Foram referenciados dois grupos inimigos que foram batidos sofrendo baixas. Entretanto um grupo lançado a Norte da região de Calunda Samba montava emboscadas ao longo da estrada. A coluna auto que entretanto saía de Mucondo prosseguia a sua marcha pela estrada, servindo de isca, para atrair o In às emboscadas preparadas. Esta coluna sofreu quatro ataques de emboscadas sem que tivesse sido possível detectar o In por parte dos elementos emboscados. O grupo lançado de Fontoura atingiu cerca das 14H00 a região do Quizondo. Esta acção combinada levou o In a abandonar os seus ataques à estrada só o fazendo esporadicamente às viaturas que sofreram vários tiros sem que qualquer deles afectasse qualquer órgão vital.

03Out62 – Foi o Campo visitado pelo Exmo Tenente Coronel Pais de Azevedo Cmdt do Batalhão de Engenharia nº234, pelo Exmo Major Silva Carvalho⁷⁴ Chefe da 3ª Rep do QG e Exmo Major Moura⁷⁵ do Comando do Sector D que vieram tratar de assuntos referentes à instrução e trabalhos do Destacamento de Engenharia. Trataram-se vários assuntos de instrução pendente.

05Out62 – Começou a montagem do motor de extracção de água.

06Out62 – Pelas 03H00 foram montadas emboscadas na picada de Zemba para o Suege. Não teve qualquer êxito. Hoje já houve água. Foi dia de grande alegria.

07Out62 – Foi realizada a operação “Vampiro Ligeiro” teve início pelas 02H30. O grupo do Batalhão de Caçadores nº185 bateu a mata a NE do quartel e região da margem direita do rio Cambo. Perderam-se no emaranhado da mata e só no dia seguinte conseguiram sair apesar de terem sido orientados pelo avião. O avião avariou-se neste dia depois de um sobrevoo sobre a posição do grupo. O grupo não contactou com o In destruindo algumas cubatas e alimentos. Entretanto, um grupo da Companhia de Caçadores nº365 executava uma acção na

⁷⁴ Major do CEM, Amadeu da Silva Carvalho, Chefe da 3ª Rep/QG/RMA

⁷⁵ Major de Cavalaria, João Herculano Rodrigues Moura, do Comando do Agrupamento nº1



Segurança à Engenharia.
Abertura da picada Zemba/Vista
Alegre
(Fotografias cedidas pelo 1º Cabo
João Abaladas)



região das nascentes do Lifune sem ter contactado com o Inimigo e limitando-se a destruir cubatas.

08Out62 – Cerca das 03H30 dois grupos, do Batalhão de Caçadores nº186 e do Batalhão de Caçadores nº261, foram desembarcados das viaturas que iam a Quibaxe aos reabastecimentos ficaram na região de Calunga. Bateram o Lifune entre-os-rios Quihua e Camundombo. Perseguiaram pequenos grupos In causando-lhes baixas que não conseguiram controlar. Regressaram durante a noite.

09Out62 – A operação “Largada Feliz” teve início cerca das 02H30. Foi realizada por um grupo da Companhia de Caçadores nº365. Foi batido o vale do Cambo.

Foram destruídas cerca de 50 (cinquenta) cubatas e muita fuba.
O Capitão Ramalho⁷⁶ foi mandado recolher à sua Unidade.

10Out62 – Um Grupo de “Comandos” montou a partir das 02H00 emboscadas nos pontões da picada que conduz à Fazenda Sá onde haviam sido descobertos rastros recentes. Não resultaram.

11Out62 – O Grupo de Combate do Batalhão de Caçadores nº325, realizou uma batida na região de Simões de Almeida e margens do Suege.

Percorreu uma vasta área até ao Cáuca, destruindo cubatas e capturando alguns documentos, canhangulos e armamento gentílico.
Não contactou com o Inimigo.

12Out62 – A partir das 02H30 de novo um Grupo da 365 montou emboscadas ao longo da picada para a Fazenda Sá, sem êxito.

13,14,15Out62 – Dois Grupos de “Comandos” partiram pelas 20H00 de 13 a fim de efectuarem uma batida às margens do Lifune, Camundange, Mindala, Candolo, Muhungo, Mucau, Camessongue e regiões de Almendra, Quizondo e Calunga Samba. O Inimigo foi avistado mas conseguiu escapar-se à perseguição que lhe foi movida. Foram feridos dois elementos In. Um grupo que se dirigia a Quibaxe protegendo uma coluna de reabastecimento foi atacado de emboscada na região de Calunga Sam-

⁷⁶ Capitão de Infantaria, Manuel Francisco Matoso Ramalho

ba. O Inimigo foi rapidamente desalojado das posições dominantes que ocupava. Não foi possível verificar os resultados da nossa reacção dado que o In se pôs em fuga. Um jeep foi atingido no capot, no radiador e no para-brisas. A 14 e 15 foram realizadas acções nas regiões do Suege e da Calunga Samba. O In não foi visto.

Ver na página VI a Carta da zona de Nambuangongo

16Out62 – Pelas 04H00 o Grupo do 280 e o “C” da CCAç nº365, bateram a margem direita do Suege e região NW da confluência deste com o Cáuca. Foram igualmente batidas as margens do Caxiri e Liqueinge. Destruíram-se acampamentos já abandonados.

17Out62 – Um Grupo da Companhia de Caçadores nº365 executou batida à região do Cambo. Destruiu cubatas.

18Out62 – Um Grupo da Companhia de Caçadores nº365 bateu as regiões de Cataladando, de Malonde e margem direita do Cáuca. Destruiu alimentos e capturou dois canhangulos. O Grupo do Batalhão de Caçadores nº.317, durante a operação “Fantasma da Floresta” bateu a partir de Almendra e Quizondo a região para Sul, segundo o rio Dumbi – notou poucos indícios da presença ou passagem do Inimigo, tendo destruído cubatas e capturado documentos.

19Out62 – Durante a instrução de explosivos ficou ferido no rosto e nas mãos o Fur Lemos⁷⁷ do Grupo do Batalhão de Caçadores nº.261. Foi evacuado de urgência para Luanda. Já foi pedido substituto.

22Out62 – Pelas 05H00 os Grupos dos Batalhões de Caçadores nºs 317 e 325, realizaram uma batida às matas que se situam a NE do Quartel. Penetraram profundamente nessas densíssimas matas tendo contactado com o Inimigo várias vezes. O Inimigo sofreu baixas em número incontrolável dado que os campos de tiro são limitados e as possibilidades de fuga são muito grandes. Foi avistado um indivíduo de cor clara, que se presume que seja branco ou preto fulo. Já anteriormente na operação “Tasca Suja” fora visto com iguais sinais nas imediações de Simões de Almeida.

⁷⁷ Furriel Miliciano, António Justino dos Santos Lemos

23,24,25Out62 – Os Grupos dos Batalhões de Caçadores n.ºs.185 e 186 iniciaram pelas 23H00 uma acção à região de Gongonegongo, Monte Ladeixa e S. João.

Permaneceram na mata até ao dia 25. O Inimigo foi avistado uma única vez, mas a grande distância. As chuvas persistentes prejudicaram extraordinariamente esta acção sujeitando o pessoal a permanentes cargas de água desde que abandonou o Quartel. Foram destruídas cubatas.

Em 24 o campo foi visitado por Sua Ex.^a Brigadeiro Moura dos Santos⁷⁸ e que se fez acompanhar dos Exmo Tenente-Coronel Ascensão⁷⁹ e Amandio Ferreira⁸⁰ além do Major Costa Gomes⁸¹ que pilotava o avião. Visitaram as instalações, inteirando-se das necessidades e prometendo solucionar todas as dificuldades. Choveu torrencialmente mas mesmo assim a pista continuou a mostrar-se com boa consistência. Os Oficiais seguiram para Luanda pelas 16H00, ficando em Zemba o Tenente-Coronel Amândio Ferreira que partiu no dia imediato.

28Out62 – Pelas 15H00 os Grupos dos Batalhões de Caçadores n.ºs.317 e 325 seguiram em viaturas, que se deslocavam aos reabastecimentos, apeando-se na região de Calunga Samba. Bateram a região Monte Ladeira, Monte Café e Gongonegongo. Capturaram documentos destruíram cubatas e alimentos. Capturaram 5 (cinco) canhangulos. Foi encontrada uma indígena leprosa dentro de uma cubata. Não falava Português e foi impossível obter dela qualquer informação. Foi abandonada. Os Grupos regressaram em 30.

30Out62 – Regresso dos Grupos que haviam saído em 28. Pelas 08H00 foi enviado para o Tari o Grupo do Batalhão de Caçadores n.º.185 que ia tomar parte na operação “Mato Grosso”.

⁷⁸ Brigadeiro, Adelino Mendes Moura dos Santos, 2.º Comandante da RMA

⁷⁹ Tenente-Coronel do CEM, António Eduardo Castro Ascensão, Sub-Chefe do EM/QG/RMA

⁸⁰ Tenente-Coronel de Infantaria Amândio José da Conceição Ferreira

⁸¹ Major Piloto Aviador, Francisco Dias da Costa Gomes, da Base Aérea n.º9



Panorâmica do Aquartelamento do Tari
(Fotografia cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)

31Out62 – Terminou mais um mês de instrução. Durante este mês ela teve maior desenvolvimento. Foram praticamente versados todos os assuntos de instrução. Salientam-se os de serviço de saúde, informação, topografia, transmissões, sobrevivência e explosivos. A instrução de tática continuou dentro dos moldes já assinalados. O pessoal está já a actuar de um modo muito perfeito. São cuidadosos a progredir, nunca desprezando as medidas de segurança.

Muito dos Grupos permaneceram mais de dois dias, em cada operação, na mata. A maioria das vezes debaixo de intensa chuva. A sua resistência à fadiga e às intempéries tem sido bastante boa. O pessoal apresenta entretanto certo cansaço resultante da contínua actividade a que tem sido submetido. É de crer com uns dias de repouso após terminarem a instrução os levará a recuperar rapidamente. É de notar que os cuidados que se tem posto na instrução tem evitado as baixas, levando o homem a ganhar mais confiança em si próprio e a melhor empenhar-se frente ao Inimigo. São assinaláveis os progressos obtidos pelos Grupos.

Efectuou-se já uma selecção dentro dos grupos sendo os menos aptos reenviados para as suas Unidades. Durante o mês foram eliminados 35 (trinta e cinco) praças nestas condições.

Depois desta selecção notou-se uma acentuada melhoria dos grupos. A estrada para Cambamba continua a ser executada em bom ritmo embora a chuva prejudique grandemente o trabalho com a maquinaria, que de vez em quando exige árduo trabalho para ser retirada dos lameiros. Espera-se entretanto que em breve seja atingido o Suege. Dai para diante o trabalho é relativamente mais fácil dado que a picada apenas exige limpeza.

01Nov62 – O grupo do Batalhão de Caçadores nº.185, regressou da operação “Mato Grosso” trouxe uma granada de mão ofensiva “Societá Romana”, sete prisioneiros e três burros de mato.

O comportamento do Grupo foi altamente elogiado dada a maneira como actuou.

03Nov62 – Foi capturada uma indígena que procurava uma filha e que havia sido aprisionada na operação “Tasca Suja”. Foi interrogada e espera-se seja de utilidade em futuras acções a realizar na região do Suege. Visitaram o campo os Exmos Coronel Neto⁸² e Tenente-Coronel Alcino⁸³ da Força Aérea. Foi prometido que os helicópteros seriam fornecidos em 11 a fim de serem empregues na acção a realizar na região da Muanda.

05,06Nov62 – Dois grupos da 365 actuaram na região do rio Butobe, afluente do Suege, destruindo os quartéis de Lamba, Quixina e Quiuanda. Foram capturados oito canhangulos, sete indígenas e importantes documentos.

Foram destruídas grandes quantidades de comida, vestuário e utensílios. Foi utilizada a prisioneira feita no dia 3.

Pelas 19H00 o Grupo do Batalhão de Caçadores nº.280, reforçado seguiu nas viaturas que se deslocavam para o Mucondo apeando na região do Quicunzo com a finalidade de, aproveitando um prisioneiro feito em 01, bater a região do Quirioco.

⁸² Coronel Piloto Aviador, Manuel Diogo Neto, da Região Aérea de Angola

⁸³ Tenente-Coronel Paraquedista, Alcino Pereira da Fonseca Ribeiro, Comandante do Batalhão de Caçadores Paraquedistas Nº 12.

Foi batida a área. O Inimigo ofereceu resistência à penetração das NT, que imediatamente se lançaram sobre as suas posições dispersando-o para a mata e abandonando tudo o que possuíam. Foi-lhes capturada uma granada de mão Americana "MKII" absolutamente nova. O Grupo regressou em 07 à tarde.

Em 05 o In preparou uma emboscada ao Grupo do 325, quando este dava protecção aos trabalhos de Engenharia. O Inimigo ocupando posições em cima das árvores, atirou sobre o Grupo quando este seguia ao lado do tractor. Foi imediatamente disperso deixando dois trabucos e uma espingarda caçadeira calibre 20.

Foram feridos dois indígenas. Serviram-se para a fuga de um talude com cerca de 10 (dez) metros de altura que terminava no leito do Cáuca. As NT ainda os perseguiram mas a densidade da mata facilitou-lhes a fuga.

07Nov62 – O Grupo do Batalhão de Caçadores nº.317 bateu a região da roça Almendra e rio Duto. Foi feito fogo sobre dois indígenas que foram feridos mas conseguiram fugir. Foram-lhes capturados vários documentos e entre eles dois cartões da UPA já assinados mas que não tinham sido preenchidos. Foram destruídas cubatas e alimentos.

09Nov62 – Foi batida a região de Simões de Almeida e margens do Butche. Foi verificado que o In fugido dos Quartéis destruídos em 05 não havia regressado à região. Foram destruídas cubatas que não haviam ardido completamente.

12Nov62 – Pelas 03H30 de 12 foram lançados na direcção da Muanda quatro Grupos de "Comandos" com a finalidade de formarem um extenso anel em volta da Sanzala, preparando emboscadas a fim de aproveitarem do desembarque do pessoal de helicóptero.

Pelas 08H30 todos os grupos informaram ter atingido as áreas previamente designadas e que avistavam o Inimigo à distância. Entretanto cerca das 10H30 apareceram os helicópteros que devido ao cacimbo só nessa altura haviam conseguido furar. Foram transportados dois Grupos em helicóptero que foram lançados em pontos escolhidos da área.

Os Grupos lançados abateram um In, feriram dois capturaram documentos, quatro canhangulos, destruindo muitas cubatas, alimentos e vestuário. O In só reagiu numa das posições de largada. Os restantes grupos perderam a surpresa, visto ter sido demorada a aterragem.

No dia 13 foram de novo utilizados os helicópteros sobre um quartel referenciado na véspera e que depois se verificou ser o de Quissambala, há muito procurado.

A acção não foi muito feliz, pois o local onde os helicópteros pousaram foi exactamente junto do acampamento das mulheres, que ficava a cerca de 1,5Km do Quartel.

Foram capturados dois homens, uma mulher e uma criança e abatido um In. A intenção de depressa se atingir o Quartel levou que se abandonasse, este acampamento não se capturando os que se encontravam nas matas e capins das redondezas. Estas operações trouxeram muitos ensinamentos para acções futuras. Foram capturados dois canhangulos e muito poucos documentos ficando a impressão de que o In se encontrava alertado desde o sobrevoo feito na véspera. Estiveram presentes os Exmos Coronel Galvão de Melo Cmdt da BA9 e Major Costa Gomes da mesma Base.

16Nov62 – Dois grupos da Companhia de Caçadores nº365 realizaram uma acção no Suege para Sul de Simões de Almeida. Destruíram dois grandes acampamentos, abateram um indígena e feriram dois. Capturaram vários documentos, alguns de valor. Destruíram comida e vestuário.

18 a 25Nov62 – Seis Grupos deslocaram-se para a região do Úcua a fim de cooperarem na operação “General Freire”. Saíram do Quartel pelas 08H00 de 18 atingindo o Úcua cerca das 03H00 de 19 depois de uma viagem acidentada quer resultante do estado das picadas, quer ainda por avaria das viaturas.

A operação estava dividida em duas fases distintas – uma primeira fase o pessoal do Centro de Instrução dedicar-se-ia a bater a mata a Sul da estrada do Úcua-Pango a partir da picada para Mazumbo na intenção de descobrir um possível depósito In que um guia assinalava na área.

Na 2ª Fase integrado no Batalhão de Caçadores nº.261, realiza uma acção de conjunto batendo uma vasta área na região.

A primeira fase teve início cerca das 05H00 de 19 na picada da estrada já referida que se dirige para Mazumbo, na intenção de encontrar uma outra que desta se dirigisse para a direita e onde segundo dizia o guia se encontrava o tal depósito. Foi percorrida toda a picada e o lado direito na intenção de encontrar o depósito. Nada foi descoberto informando o guia que melhor seria voltar-se atrás.



Operação Helitransportada a partir de Zemba

Assim se fez voltando-se à região da estrada e batendo a região até à roça Ioma. Daqui foram batidas as imediações e sem que o indígena atinasse com o caminho. Cerca das 16H30 foi decidido proceder a um reconhecimento de helicóptero à região onde o guia afirmava agora ser o acampamento.

Foi sobrevoada a região de Pumba Longo e o guia passou a dizer que era lá que se encontrava o tal depósito que referia.

Ficou assente que seria batida a área na 2ª fase e que teria início às primeiras horas da manhã no dia 21.

Na manhã do dia 21 dois Grupos saíram do Úcuá progredindo pela região de Petropária batendo a região a Sul do Pumba Longo e esta elevação, sendo em seguida orientados para a região de Cassongue-Ioma. Estes dois Grupos que nada descobriram recolheram à região do Mazumbo de onde foram lançados sobre a região Oeste da pica-da batendo as áreas Muxilo Congolo.

Os outros quatro Grupos partindo do Mazumbo, onde foi estabelecida uma base, foram lançados dois para Sul que atingiram a região da roça Bom Jesus onde se dividiram e bateram para Leste e Oeste. Seguidamente bateram para Sul em direcção a Mezanga.

Os outros dois foram lançados para os rios Brinco e Mongolo batendo a região Norte. A Sul foi batido até às linhas de alturas Sgancaguele-Tadi Camauta. Na madrugada de 24, após a recolha ao Mazumbo, procedeu-se ao deslocamento para o Úcuá e daqui para Zemba que foi atingida cerca das 05H00 de 25. Nesta operação foi batida uma vasta área. Não foi encontrado o importante depósito que se procurava.

O Inimigo, realizou três acções de emboscada tentando impedir a progressão das NT sobre o Bom Jesus. Empregou Pist.Met, armas de repetição e canhangulos. A decisão da reacção pô-los em debandada, sofrendo baixas em número incontável dado que foram apenas verificados pelo rasto de sangue deixados. Foi destruído um acampamento ao Sul do Bom Jesus, além de dez outros e muitas cubatas isoladas. Foram igualmente destruídas grandes quantidades de alimentos. O acampamento referenciado e destruído na região Muxico Congolo havia sido precipitadamente abandonado pelo Inimigo. Ainda foi perseguido um indígena mas sem resultado. O pessoal ressentiu-se bastante do esforço despendido. Há que ter em conta que há cerca de três meses vem a ser submetido a intenso treino, que acabara de realizar durante a semana anterior acções

bastante fatigantes, que partira na manhã de 18 de Zemba e atingira o Úcua cerca das 03H00 de 19, entrando quase que imediatamente em acção. Que a acção se prolongou até à noite de 23 e que à chegada a Zemba teve lugar na manhã de 25, isto é, uma semana depois. A acrescentar a tudo isto deve ter-se em conta que na região de actuação o calor se fez sentir extraordinariamente e logo a partir das primeiras horas da manhã. Que a água escasseava e que a alimentação utilizada foi na quase totalidade ração de reserva, que o pessoal ingere com dificuldade dado o muito uso que dela tem sido feito e a monotonia causada pela sua sempre igual composição.

A região é densamente arborizada com falta de água, fazendo-se sentir extraordinariamente o calor como se referiu acima. O In encontra-se muito disperso pelas matas que são fracamente povoadas. Mas tem contudo os seus vigias colocados em pontos bem escolhidos os quais detectam e balizam a progressão das NT. Foram encontrados muitos postos inimigos em especial em árvores. O inimigo regiu à penetração das nossas tropas na região do Sanga. Dada a enérgica reacção das NT é natural que mudasse de táctica procurando furtar-se ao combate e escondendo-se pelas matas, já que a progressão das NT era fácil de balizar. Uma coisa se verificou entretanto:

Desde o momento em que as NT são referenciadas difícil se torna a sua actuação visto que o In vigia constantemente a sua progressão e daí para diante, toda a nossa actuação se limita andar através das matas destruindo acampamentos, o que nada afecta a capacidade combativa do In que, no dia imediato, constrói novos acampamentos.

Toda a actuação passa como se referiu, no andar pelas matas com o consequente desinteresse do próprio Soldado que, à falta do In ou de qualquer sucesso, acaba por supor de inútil o esforço despendido.

Parece que, o futuro o dirá, o processo de actuação terá que passar a ser aquele que pressupõe o lançamento por helicópteros das NT à retaguarda do In em zonas previamente estudadas e de modo a que ele não consiga referenciá-los desde as bases como acontece hoje. Só assim furtaremos as nossas forças à vigilância, que a cortina de sentinelas Inimigas mantém sobre elas.

O grupo do Batalhão de Caçadores nº.261, não regressou ao campo ficando em Quibaxe, para actuação, integrando o seu Batalhão.

27Nov62 – Foi feita uma batida à região de Luiz de Sá, foram capturados documentos e destruídas cubatas e alimentos.

28Nov62 – Foi realizada uma acção nas margens do rio Cáuca tendo-se destruído algumas cubatas e fuba.

O grupo do Batalhão de Caçadores nº.317, em protecção aos trabalhos de Engenharia abateu um indígena e feriu outro. Ao indígena morto foram encontrados uma guia de marcha, em que se verifica que saíra precisamente nesse dia do Quartel do “Sabendo Andar” para um outro, nas margens do Suege. Foi apreendido um canhangulo. Fez-se ligação com Cambamba. A estrada está pronta e as máquinas retiram amanhã para aquela localidade onde vão dar início à construção da pista de aviação.

29Nov62 – Hoje foi o último dia de instrução.

30Nov62 – O dia foi dedicado a preparar a saída dos grupos.

O pessoal entregou os materiais e arrumou as casernas. Pelas 19H30 chegou a coluna do Batalhão de Caçadores nº.186 que ficará a ocupar as instalações do campo.

01Dez62 – A partir das 06H00 começou a saída dos grupos que recolhem às suas Unidades. Levam uma certeza: Estão aptos a enfrentar o In em quaisquer circunstâncias.

04Dez62 – Pelas 03H00 de hoje depois de feitas as transferências de materiais e carregados os materiais para a entrega nos depósitos, a coluna do CI deslocou-se para Luanda. Vão entregar-se nos depósitos os materiais e elaborar-se os relatórios de instrução e da actividade operacional do CI que terminou as suas actividades.

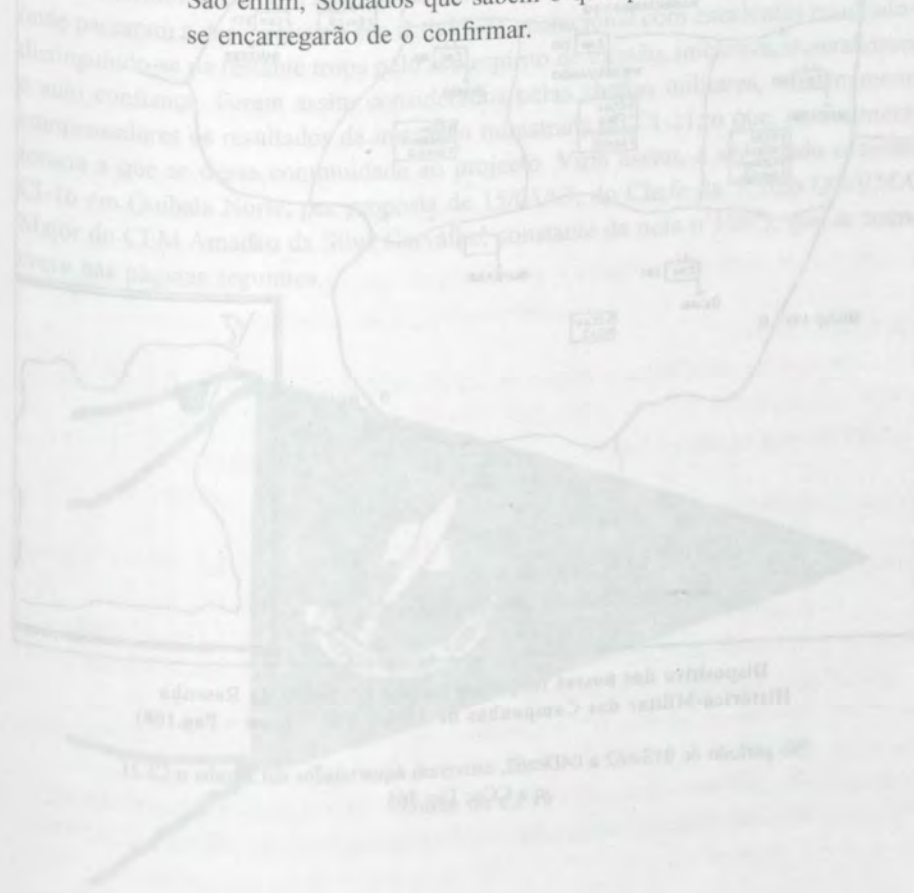
Ao terminar este breve resumo histórico do CI resta perguntar se valeu a pena a experiência. Afirmamo-lo convictamente que sim e que se houvesse que recomeçar se faria sensivelmente do mesmo modo.

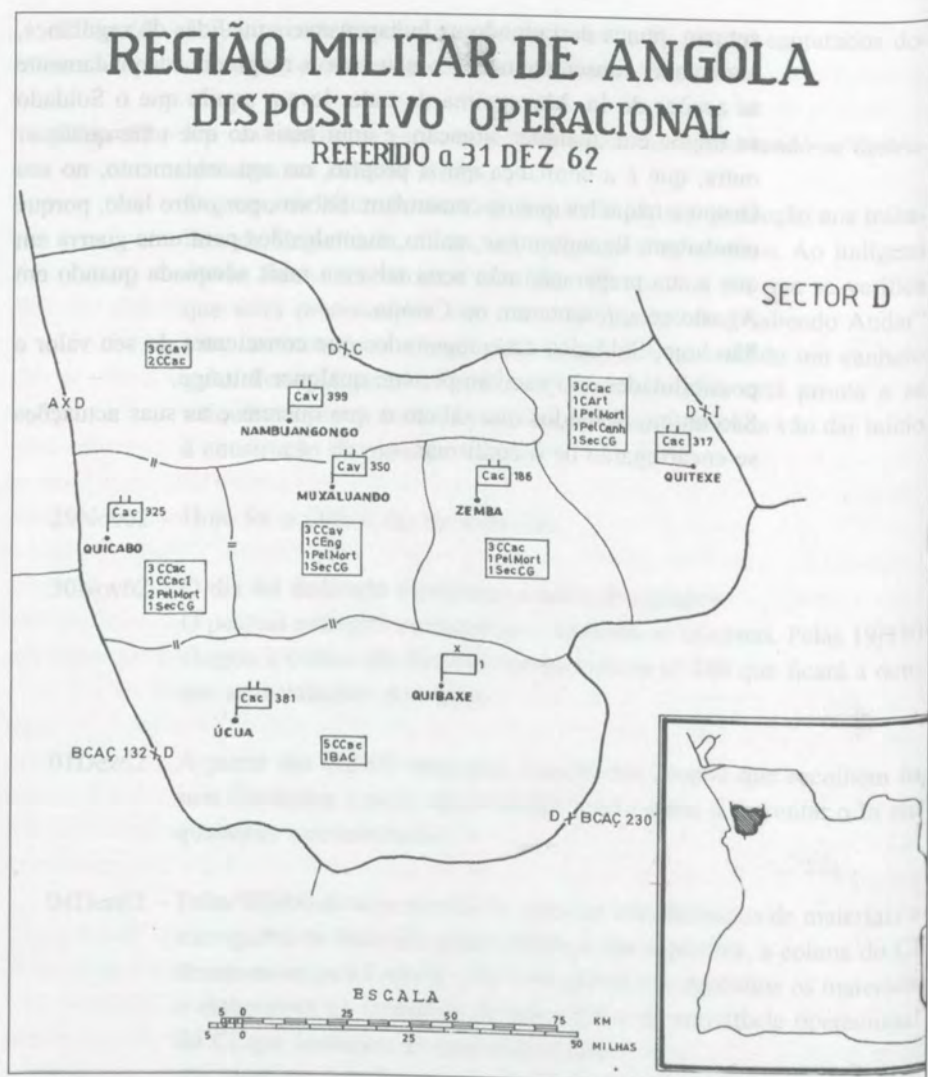
O que foram os dois meses e meio em que a instrução teve lugar está dada uma pálida ideia no que atrás se referiu. Os relatórios da instrução darão a sua medida exacta. O certo é que o pessoal abandona o Campo devidamente preparado para actuar em Angola. A sua preparação militar melhorou duma maneira muito acentuada e hoje

actuem, nunca descurando as indispensáveis medidas de segurança, realizando conscientemente o seu tiro e reagindo adequadamente as acções do In. Mas, acima de tudo, levam aquilo que o Soldado se impõe em qualquer situação, e aqui mais do que uma qualquer outra, que é a confiança em si próprio, no seu armamento, no seu Grupo e naqueles que os comandam. Sabem, por outro lado, porque combatem. Encontram-se, enfim, mentalizados para uma guerra em que a sua preparação não seria talvez a mais adequada quando em Agosto se apresentaram no Campo.

São hoje, Soldados desempoeirados que conscientes do seu valor e possibilidades não vacilam perante qualquer Inimigo.

São enfim, Soldados que sabem o que querem e as suas actuações se encarregarão de o confirmar.



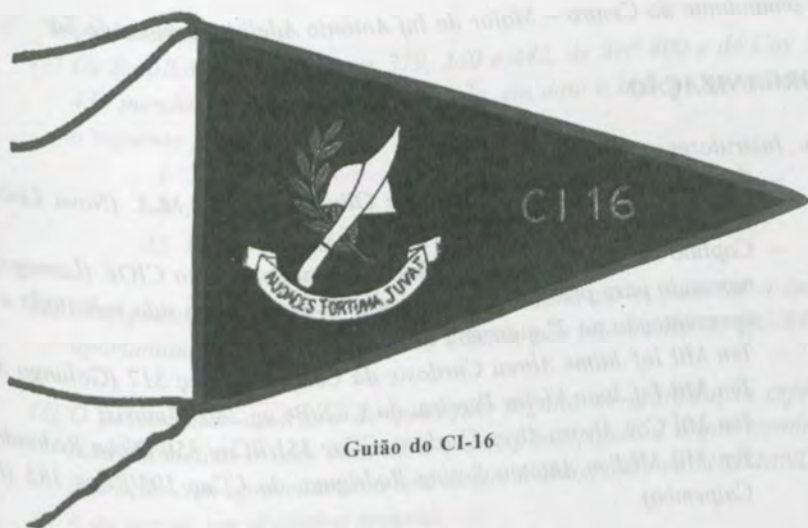


Dispositivo das nossas forças em Angola (Retirado da Resenha
Histórica-Militar das Campanhas de África – 2º Volume – Pag.108)

No período de 01Set62 a 04Dez62, estiveram aquartelados em Zemba o CI-21
e a CCaç Esp 365

Historial do CI-16 / Quibala - Norte

A actividade do CI-21 em Zemba, no âmbito da preparação dos grupos de comandos, terminou em 04/12/62, tendo estes regressado às suas Unidades de origem, onde passaram a desenvolver a sua actividade operacional com excelentes resultados, distinguindo-se da restante tropa pelo seu espírito de missão, iniciativa, desembaraço e auto confiança. Foram assim considerados pelas chefias militares, extremamente compensadores os resultados da instrução ministrada no CI-21, o que, naturalmente levaria a que se desse continuidade ao projecto. Viria assim, a ser criado o centro CI-16 em Quibala Norte, por proposta de 15/05/63, do Chefe da 3ª Rep/QG/RMA, Major do CEM Amadeu da Silva Carvalho, constante da nota nº169/3, que se transcreve nas páginas seguintes.



Guião do CI-16

*Ver panorâmica do aquartelamento na página VII
e reprodução a cores do guião na página VIII*

CRIAÇÃO DO CENTRO

“O QG/RMA, reorganiza o CI-21, passando o novo centro a designar-se por CI-16”

- Nota Nº 169 / 3º REP do QG / RMA

REORGANIZAÇÃO DO CI-21

1. FINALIDADE

É reorganizado o Centro de Instrução 21 com a finalidade de ministrar instrução intensiva de contra-guerrilha a grupos de combate dos Batalhões. Pretende-se que cada Batalhão disponha, assim, de um núcleo devidamente especializado, aguerrido e moralizado que, simultaneamente, seja um elemento de valor tático elevado para ser empregado em missões de combate difíceis, perigosas ou de grande interesse operacional, constitua um estímulo pelo seu exemplo e, pela difusão dos conhecimentos adquiridos, contribua para uma melhoria de nível de instrução e da eficiência operacional da própria Unidade.

2. COMANDO

Comandante do Centro – Major de Inf António Adelino Antunes de Sá

3. ORGANIZAÇÃO

a. Instrutores

- Capitão de Artilharia, Ribeiro de Oliveira, da E.A.M.A. (Nova Lisboa). A apresentar no Q.G. em 15 MAI.
- Capitão de Artilharia, Santos Castro, actualmente no CIOE (Lamego), já nomeado para prestar serviço neste Província, tendo sido solicitada a sua apresentação na 2ª quinzena de Maio.
- Ten Mil Inf Jaime Abreu Cardoso, da Ccaç 318/Bcaç 317 (Golungo Alto)
- Ten Mil Inf João Vieira Pereira, da CCS/BCaç 280 (Ambriz)
- Ten Mil Cav Álvaro Alves Cardoso, CCav 351/BCav 350 (Novo Redondo)
- Ten Mil Médico António Resina Rodrigues, da CCaç 193/BCaç 185 (Nova Caipemba).

- Alf Mil Cav José Gomes de Freitas, da CCS/BCav 350 (Novo Redondo).
A Apresentarem-se na Quibala em 25Mai.
 - Alf QSGE, João de Matos Silva, da CRecomp 113.(Cargas e parte administrativa). Já presente no Q.G.
- b. O Q.O. do Centro pessoal Sargentos e Praças e material será objecto de uma proposta a elaborar pelo respectivo Comandante.

4. FUNCIONAMENTO

- a. Instalações - Aquartelamento de Quibala
- b. Dependências:
- (1) Operacional e de Instrução - Comando da R.M.A.
 - (2).Administrativa - C.A. do Q.G./R.M.A.
- c. Competência disciplinar
Coluna V do Quadro a que se refere o Artº 79 do R.D.M.
- d. Duração da Instrução
Três meses, com início em 1 Jun, em princípio
- e. Pessoal Instruendo
- (1) Os Batalhões de Caçadores 379, 380 e 442, de Artª 400 e de Cav 399 e 437 mandarão apresentar na Quibala, em data a indicar oportunamente o seguinte pessoal:
 - 1 Subalterno
 - 4 Sargentos
 - 35 Cabos e Soldados
 - (2) Este pessoal deverá ser portador do fardamento e material a indicar oportunamente pelo Comando do Centro, por intermédio do QG/RMA.
 - (3) O pessoal não usufruirá de quaisquer regalia ou gratificação especial; será submetido a uma vida dura e disciplina rígida e o que terminar a instrução com aproveitamento terá direito à designação de "COMANDOS" e ao uso de um distintivo próprio.

5. DIVERSOS

No que diz respeito ao funcionamento interno do Centro e ao planeamento da Instrução deverão, ser seguidas as indicações que a experiência adquirida no Centro que funcionou na Zemba aconselhar.

6. *Submete-se o assunto à apreciação superior.*

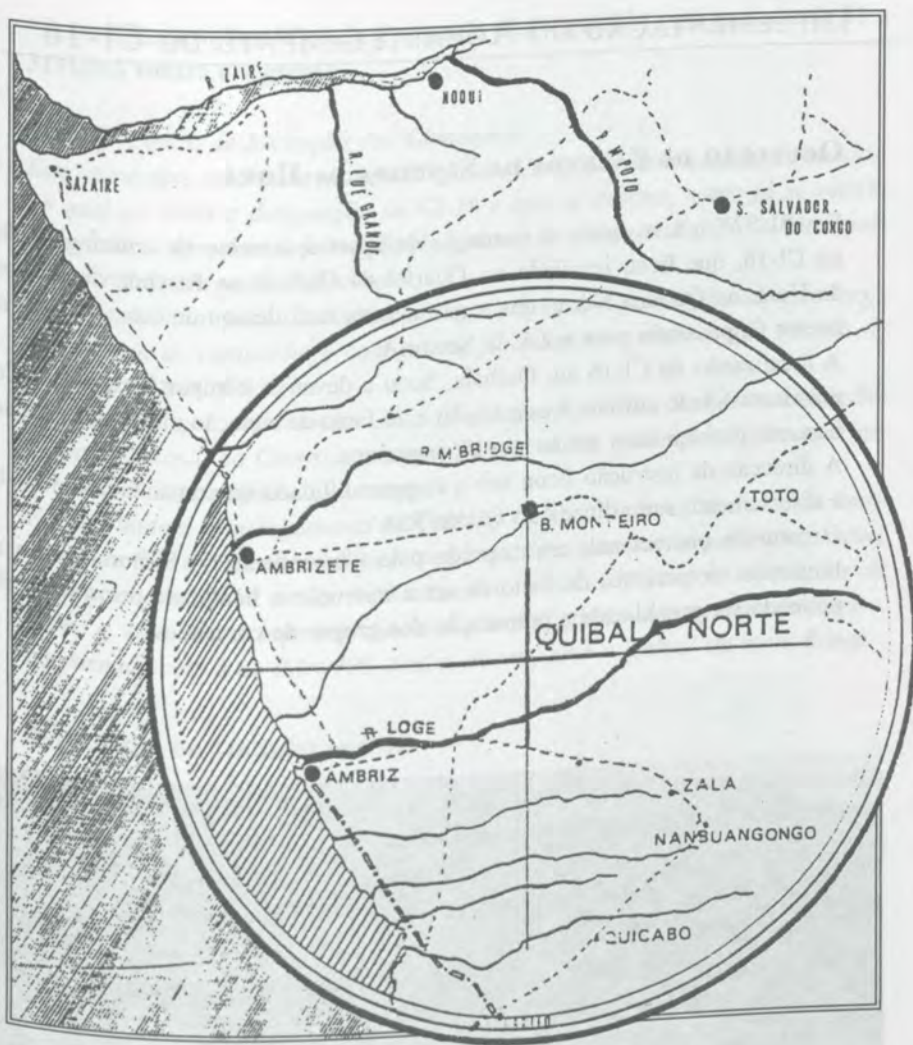
Quartel General em Luanda, 6 de Maio de 1963

O CHEFE DA REPARTIÇÃO

AMADEU DA SILVA CARVALHO

MAJOR DO CEM.

AS / EP-“



Zona de Quibala Norte com a localização do CI-16

IMPLEMENTAÇÃO DO AQUARTELAMENTO DO CI-16

OCUPAÇÃO DA FAZENDA DA SENHORA DA HORA

Em 01/07/63, teve início a instrução de aperfeiçoamento de contra-guerrilha no CI-16, que ficou instalado no Quartel da Quibala na Fazenda da Senhora da Hora, na Quibala Norte, que a partir desta data deixou de estar incluída no Sector C, passando para a ZA do Sector A.

A localização do CI-16 em Quibala, ficou a dever-se à importância que o Comandante-Chefe atribuía a esta região e ao facto da situação militar na zona ser bastante problemática em termos de segurança.

A direcção da instrução ficou sob a responsabilidade do comandante do CI-16 e directamente subordinada ao QG da RMA.

O controlo operacional, era exercido pelo Comandante do Sector A, com as limitações decorrentes do facto de ser a instrução a finalidade prioritária, não podendo ser prejudicada a preparação dos grupos de comandos.



Fazenda Senhora da Hora em Agosto de 1962

“...Do Relatório Periódico de Comando nº.24/QG/RMA do período de 01 a 31Mai63 consta o seguinte:

(...) (g). Centro de Instrução de “Comandos”
 Está numa fase adiantada a organização do Centro de Instrução de Comandos, ao qual foi dada a designação de CI-16 e que se destina, como já se referiu no relatório anterior, à formação de grupos de combate dos Batalhões mais recentemente chegados à Província.
 Foram escolhidos para Comandante e instrutores do Centro, Oficiais com larga experiência de campanha e com provas já dadas em combate que servem de garantia da sua eficiência.
 Alguns deles, que estiveram no CI-21 (Zemba), adquiriram conhecimentos sobre o funcionamento do Centro que agora hão-de servir para aperfeiçoar, corrigir e melhorar a Instrução e os serviços.
 Foi escolhido o estacionamento da Quibala (BArt 400) para local de funcionamento do CI-16. O terreno obedece aos requisitos necessários para a instrução, é uma zona onde há um terrorismo activo, necessário para as operações de treino e, além disso, espera-se que a acção dos grupos de combate do Centro, coordenada com a do BArt 400, acabe, de vez, com o “mito” da mata Sanga.

PREPARAÇÃO DO AQUARTELAMENTO

“Na primeira semana, contrariamente ao que tinha sido previsto, os grupos acabados de chegar tiveram ainda de colaborar no arranjo final das suas instalações. Assim, do dia 01/06/63 ao dia 03/06/63, verificou-se a chegada desfasada dos vários grupos, bem como o abandono progressivo das instalações por parte da sub-unidade que as ocupava – CArt 393.
 Nos dias seguintes, até ao dia 08/06/63, ficaram as instalações em condições de poderem receber os instruendos e possibilitarem o início da instrução.
 A pouca antecedência, com que marcharam os materiais para aumentar o aquartelamento, as necessidades de terraplanagem e as dificuldades de ligação com as obras públicas, o pouco pessoal que constituía “a formação” (pessoal dos serviços) e as deficiências das ferramentas, aliadas à pouca possibilidade que a CArt 393, tinha de fornecimento de pessoal, foram as causas determinantes da impossibilidade de se iniciar a instrução no dia seguinte à chegada dos grupos, como seria normal.
 Assim, os instruendos foram recebidos com pá, picareta, chaves e martelo, em vez da cerimónia imponente da recepção, início de uma mentalização que se queria dar e que começava a encontrar as suas dificuldades de concretização”.

Até à 5ª semana, continuaram os trabalhos para melhoramento das instalações, que apesar de tudo não foram totalmente terminadas até ao final do curso, para evitar que a instrução não sofresse maior prejuízo e porque foi necessário fazer face às novas necessidades que foram surgindo como o melhoramento da pista, do local de aterragem de helicópteros, capinagem em redor e dentro do estacionamento.

No âmbito dos meios de apoio à instrução, foi necessário elaborar auxiliares de instrução, alvos para o tiro, acampamentos simulados, silhuetas humanas e outros. É todavia de salientar que as obras executadas foram unicamente as indispensáveis ao bom rendimento da instrução, ficando ainda por ultimar muitas outras referentes ao bem-estar, condições de vida do pessoal e arranjo do aquartelamento”.⁸⁴

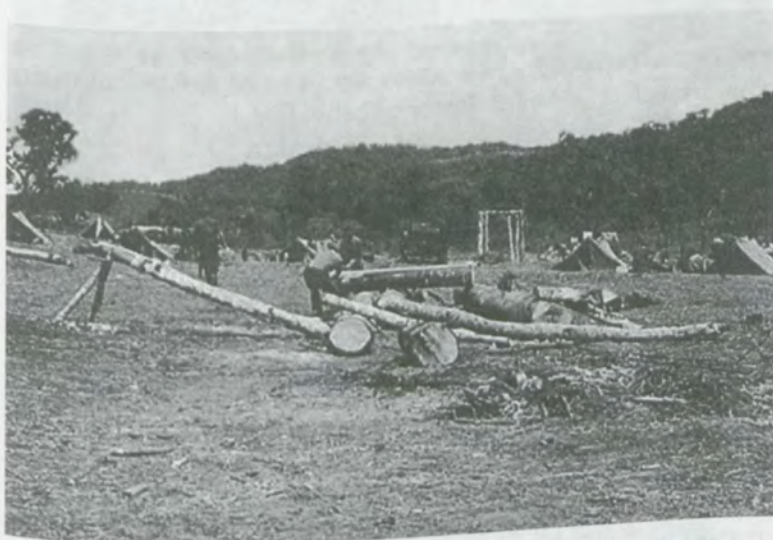


Pista de Quicabo

⁸⁴ Extraído do Relatório de Actividades do CI-16



CI-16 na fase de construção



Construção do CI-16
(Fotografias retiradas da revista Mama-Sume)

PESSOAL PRIVATIVO DO CAMPO

COMANDO E CORPO DE INSTRUÇÃO:

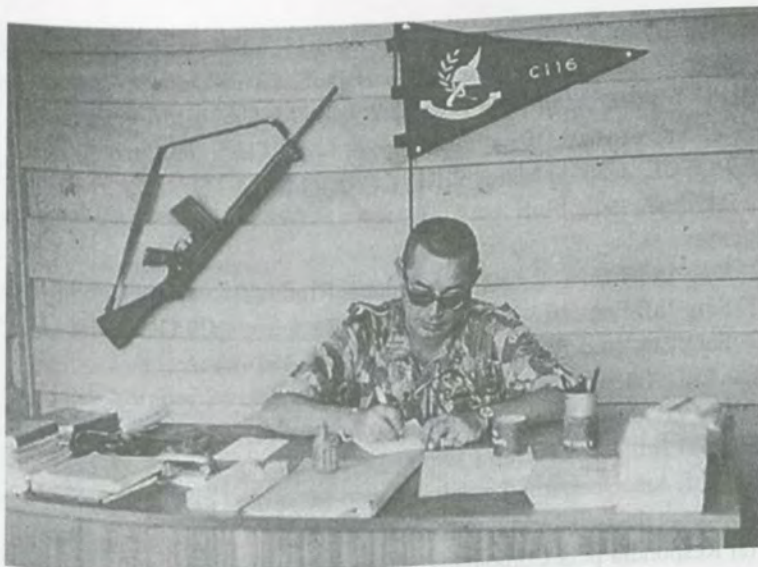
Comandante:

- Maj Inf António Adelino Antunes de Sá, QG/RMA



Corpo de Instrução:

- Cap Art, Gilberto Manuel Santos e Castro, GACL
- Cap Art, Júlio Faria Ribeiro de Oliveira, EAMA
- Ten Mil Cav, Álvaro Manuel Alves Cardoso, BCav 350
- Ten Mil “Cmd”, João Vieira Pereira, BCaç 280
- Ten Mil “Cmd”, Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso, BCaç 317
- Ten Mil Médico, António Resina Rodrigues, BCaç 185
- Alf Mil Art, José Guilherme Duarte Gomes de Freitas, BCav 350
- 2º Sar Mil “Cmd”, José António Rato Charrua, BCaç 317
- 2º Sar Cav, João Pedro Marques de Abreu, BCav 350
- Fur Mil Cav, Henrique Dias de Sousa, BCav 350
- Fur Mil, João Manuel Brito Escabelado, Sec. Cães de Guerra/866
- Fur Tm Inf, Olivier de Matos Estevinha, CMR 113
- 1º Cabo Mil, Joaquim Salgueiro Eusébio, RIL
- 1º Cabo “Cmd” 369/59, Manuel Francisco Pires Júnior, BCaç 317.



O Comandante no seu Gabinete



Grupo de Instrutores

Da esq. p/ dir.: Ten Mil Vieira Pereira, Ten Mil Abreu Cardoso,
Ten Mil Médico Resina Rodrigues, Cap Art Ribeiro de Oliveira,
Maj Inf Adelino de Sá, Brig Rebelo de Andrade (visita), Cap Art Santos
e Castro (2ºCmdt), Ten Mil Alves Cardoso, Alf Mil José de Freitas
(Fotografias retiradas da revista Mama-Sume)

APOIO DE SERVIÇOS

Oficiais:

Chefe da Secretaria e Oficial de Material:

- Ten QSGE, João de Matos Silva, CCS/QG/RMA (1)

Sargentos

- 2º Sarg Inf, João Felisberto Rodrigues, RINL (2)
- 2º Sarg Inf, Francisco Manuel Rosado Rasteiro, CCS/QG/RMA (3)
- 2º Sarg Tm, José Parente Rodrigues, BTm 361 (4)
- Fur Enf, António Joaquim Dórdio, HM 124 (5)
- Fur MVR, José Gomes Murtinheira, ASMA (6)
- Fur Mil Inf, Jorge Ferreira Lopes, BCaÇ 109 (7)
- Fur Inf, João Joaquim Cordeiro Roma, BCaÇ 109 (7)
 - (1) Chefe da Secretaria e Oficial de Material
 - (2) Respondia pela Companhia de Instrução
 - (3) Sargento de Reabastecimento
 - (4) Rádio Montador
 - (5) Enfermeiro do CI 16 e monitor de Primeiros Socorros
 - (6) Mecânico-Auto
 - (7) Vagomestre

Praças:

- 1º Cabo Atirador 26/Rd, Alfredo Barata da Fonseca, BCaÇ 230
- 1º Cabo Corneteiro 1/62, António Manuel Cegonho Alvito, BCaÇ 230
- 1º Cabo RTL 1323/62, Valdemar Augusto C.M. dos Santos, CMR 113
- 1º Cabo RTL 3491/62, César Marques Maria de Oliveira, CMR 113
- 1º Cabo RTL 2490/62, Duarte Nuno Pereira de Meireles, CMR 113
- 1º Cabo Car 123/62, Alberto dos Anjos Araújo Pinto, BCaÇ 158
- 1º Cabo RTL 2409/62, José Simões Leitão, CMR 113
- 1º Cabo Escrit 1175/61, António Vieira Brites, CMR 113
- 1º Cabo Adj Enf 176/RD, António Bandeira da Conceição, BCaÇ 109
- 1º Cabo Op Cripto 348/60, Dino da Silva Cunha, BCaÇ 132
- 1º Cabo Cozinheiro 745/60, José Faustino Timóteo, BCaÇ 158
- 1º Cabo Op Cripto 373/61, Abílio Jorge Rodrigues, BCaÇ 380
- 1º Cabo Mar 62/61, Álvaro José Peixoto Mouta, ASMA
- 1º Cabo Atirador 448/EP/61, José Mário da Costa Feio de Lima, CMR 113 (a)
- 1º Cabo Atirador 3039/62, Manuel Rodrigues de Almeida, CMR 113 (a)
- 1º Cabo Atirador 87/61, Acácio Barata Mata Marques, CMR 113 (a)

- 1º Cabo Atirador 88/61, Manuel Mesquita Mariano, CMR 113 (a)
- 1º Cabo Atirador 807/61, Francisco de Jesus Coelho, CMR 113 (a)
- 1º Cabo Ap Mort 2/62, Manuel Augusto Frade, BCaÇ 230 (a)
- 1º Cabo Atirador 1737/62, Luís Agostinho Fernandes Coelho e Sousa,
CMR 113 (a)
- 1º Cabo Maqueiro 117/63-A, António Luís Bordonhos Rodrigues, CAM/
BCaÇ 280
- 1º Cabo Maqueiro 191/63, Manuel Duarte Jorge, CAM/BCaÇ 280
- 1º Cabo 25/RD, António Joaquim Nito Cartaxo, BCaÇ 230
- 1º Cabo 23/61, Artur da Silva, BCaÇ 230
- Soldado Atirador 244/61, Manuel Moreira da Rocha, CMR 113
- Soldado Atirador 243/61, Ângelo Mário, CMR 113
- Soldado Ap Met 1146/60, Carlos Manuel Moreira Mendonça, CMR 113
- Soldado CAR 36/61, José Ribeiro Feliciano, CMR 113
- Soldado CAR 39/61, António Teixeira da Silva, CMR 113
- Soldado CAR 38/61, José Alexandre Martins, BCaÇ 230
- Soldado CAR 389/60, Aníbal Madeira Mendes, BCaÇ 230
- Soldado Maqueiro 37/61, Guilherme da Silva Rocha, BCaÇ 230
- Soldado CAR 1793/61, António Nabais Costa, BCaÇ 132
- Soldado CAR 560/61, Augusto Costa, BCaÇ 132
- Soldado Corneteiro 550/61, José Ferreira Leitão, BCaÇ 132
- Soldado CAR 541/61, Manuel da Silva Santos, BCaÇ 132
- Soldado Cozinheiro 391/61 Amadeu José Santos M. de Castro, BCaÇ 132
- Soldado CAR 379/61, José de França Figueiredo, BCaÇ 132
- Soldado CAR 601/61, Tomaz dos Santos Lopes, BCaÇ 132
- Soldado CAR 359/A, José Augusto Meirinhos, BCaÇ 132
- Soldado CAR 401/60, António José Coelho Estevam, BCaÇ 158
- Soldado Ap Met 106/60, António Almeida Candeias, BCaÇ 158
- Soldado CAR 396/60, José Manuel dos Santos Caracol, BCaÇ 158
- Soldado CAR 406/60, Fernando Rodrigues, BCaÇ-158
- Soldado CAR 2234/61, José de Oliveira Maia, BCav 350
- Soldado CAR 668/59, Manuel Joaquim Barbosa, BCav 350
- Soldado Car 2095/61, Dionísio Martins Dias, BCav 350
- Soldado Cozinheiro 1848/61, José Alves, BCav 350
- Soldado Maqueiro 482/61, José Perpétua Teixeira, BCav 350
- Soldado Ap Met 1680/61, Jacinto Manuel Martins, BCav 350
- Soldado CAR 1650/61, Augusto da Silva, BCav 350
- Soldado Padeiro 82/60, João da Costa, BInt 359
- Soldado Padeiro 43/61, Manuel Felícia Cabrita, BInt 359

- Soldado Ap Mort 890/EP, António José Bartolomeu Quinta, BCaÇ 230 (a)
- Soldado Ap Mort 725/62, António Carlos L. de S. Pinto, CMR 113 (a)
- Soldado Ap Mort 562/60, António Figueira da Silva, CMR 113 (a)
- Soldado Atirador 3119/61, Victor Montoya de Sousa, BCaÇ 109 (a)
- Soldado Atirador 2744/62, José Pires Rua, BCaÇ 132 (a)
- Soldado Ap Met 406/A, Fernando Rodrigues, BCaÇ 158 (a)
- Soldado Ap Mort 83/61, Álvaro Gomes de Azevedo, BCaÇ 132 (a)
- Soldado Atirador 2719/61, Jaime José Dias, BCaÇ 132 (a)
- Soldado Ap Met 118/59, Joaquim dos Santos Pereira, BCaÇ 158 (a)
- Soldado Ap Mort 2759/62, Luís Fernandes, BCaÇ 132 (a)
- Soldado Ap Met 634/62, José da Costa Felizardo, BCaÇ 158 (a)
- Soldado RTL 172/60, Francisco Rosa Ferreira, BTm 361 (a)
- Soldado CAR 118/63-A, Joaquim Vinagre Ramos, CAM/BCaÇ 280
- Soldado CAR 639/59, Manuel Mendes Lopes de Oliveira, CMR 113 (a)
- Soldado CAR 2065/61, Carlos Jacinto Antunes Guerreiro, BCav 350
- Soldado CAR 2412/62, Daniel Alves Figueiredo, CAM/BCaÇ 280
- Soldado Cinotécnico 2374/61, Faustino Feliciano Carvalho, Centro Cinotécnico (1)
- Soldado CAR 2114/61, Miguel Guilherme M. Belchior, BCav350
- Soldado CAR, David Sousa da Costa
- Soldado 4/62, Virgílio Manuel Branco Paulino, BCaÇ 230
- Soldado 50/60, José António Correia de Encarnação, CMR 113
- Soldado 2277/61, José Pita Lopes, Centro Cinotécnico (b) (2)

(a) Apresentaram-se em 02Jun63

(b) Regressou á anterior situação em 04Jul63, por ter morrido o cão

(1) Cão de Guerra nº 36 “Iko”

(2) Cão de Guerra nº 46 “Amigo”

INSTRUÇÃO

DIRECTIVAS PARA A SELECÇÃO DO PESSOAL INSTRUENDO

Após a nomeação dos instrutores, através da nota nº 1649 de 9 de Maio de 1963 do QG/RMA, assinada pelo Chefe do Estado-Maior; José Manuel da Conceição Bettencourt Rodrigues Ten Cor do CEM, foram transmitidas instruções para a selecção do pessoal instruendo às unidades com essa responsabilidade, e com indicação para que em data oportuna esse pessoal fosse mandado apresentar no CI-16.

Ressalta desta nota:

“ Estima-se em cerca de três meses a duração do Curso, de carácter eminentemente prático, pelo que será ministrado em zona de operações activas contra os terroristas.

As condições de selecção de pessoal, são as seguintes:

- 1) Ser voluntário
- 2) Saber ler e escrever
- 3) Possuir desembaraço físico
- 4) Possuir capacidade de resistência à fadiga
- 5) Ser decidido
- 6) Ter espírito de sacrifício
- 7) Possuir reflexos rápidos
- 8) Ser pouco impulsivo
- 9) Ser pouco emocionável
- 10) Quanto possível saber nadar

Ao pessoal não será permitido o uso de barba crescida ou de patilhas, devendo ainda apresentar sempre o cabelo curto.

Exigir-se-á durante a frequência da instrução:

- 1) Disciplina rígida
- 2) Vida dura sem comodidade
- 3) Esforços grandes em caminhadas diurnas e nocturnas
- 4) Utilização durante vários dias de rações de reserva reduzidas (com predominância de comprimidos)
- 5) Intensiva instrução de educação física
- 6) Possíveis privações no referente a água
- 7) Períodos de vigilância aturada

- 8) *Penetrações profundas nas matas*
- 9) *Censura à correspondência.*

Os homens que venham a obter bom aproveitamento na instrução, receberão a designação de COMANDOS e terão direito ao uso de um distintivo especial...”

Apresentação do pessoal instruendo

- 1) “...Do relatório periódico de comando nº 25 /QG/RMA de 01 a 30 de Jun 63, consta o seguinte:
(...)

(g) - Centro de Instrução de “Comandos”

O início da instrução no CI 16 está marcado para 01Jul63. Antes de se poder reunir os grupos de comandos instruendos na Quibala, houve que criar as condições indispensáveis para garantir um mínimo de comodidade de instalações, considerando que o pessoal vai ser submetido a um esforço muito intenso para que atinjam aquele nível de operacionalidade que é indispensável numa tropa deste tipo.

Cada “Grupo de Comandos” será constituído por:

- 1 *Oficial*
- 2 *Sargentos*
- 35 *Praças (cabos ou soldados)*

Neste ciclo da preparação participam as seguintes Unidades:

- BCaç 379
- BCaç 380
- BCav 399
- BArt 400
- BCav 437
- BCaç 442

A Direcção de Instrução cabe ao Comandante do CI 16 que, para o efeito, se encontra directamente subordinado a este Comando.

No entanto, o Comando do Sector em cuja área se situa o Centro, exercerá sobre os Grupos controlo operacional, mas com as limitações decorrentes do facto de não poder ser prejudicada a preparação dos Grupos, que se deve revestir sempre de um carácter prioritário.

Mediante pedido apresentado pelo General Comandante da RMM, devidamente sancionado por Sua Ex^a. O Ministro do Exército, estão apresentados no CI 16, a fim de seguirem a preparação de "Comandos", 2 capitães, 3 subalternos e 6 sargentos daquela Região Militar.

Igualmente se achou conveniente que a referida preparação tinha interesse para os elementos de PM que têm vindo a cumprir, além daquelas que lhe são próprios, um certo número de missões operacionais, como seja, por exemplo, a escolta e protecção a comboios auto em trânsito pelo Sector D.

Em consequência, foram nomeados um oficial e um sargento da PM para, na Quibala, seguirem o curso de "Comandos".

(...)

e - Organização e Emprego dos Grupos de Comandos

A ideia da criação de grupos de Comandos surgiu da necessidade de aperfeiçoar a instrução de contra-guerrilha nas tropas desta R.M. familiarizando-as com as condições de terreno e de clima em que a luta decorre e conferindo-lhes, simultaneamente, um grau de instrução de combate que lhes permitisse encarar com confiança e sentimento de consciente superioridade os recontros com o In.

Tratava-se, pois, de ambientar e mentalizar o pessoal combatente por forma a dele se obter físico, capacidade de resistência, auto confiança, energia serena, decisão, agressividade e indiferença pelo perigo, qualidades estas que haveriam de conferir-lhe, como a prática amplamente o demonstrou, um marcado ascendente moral, psicológico, físico, e técnico sobre os bandos terroristas.

(...)

- 2) Apresentaram-se no CI-16, em Quibala, para a frequência do curso de comandos, militares provenientes de seis Batalhões, que já se encontravam em comissão de serviço no Norte de Angola. Como tal, foram constituídos seis grupos de instrução, que para sua identificação adoptaram nomes de guerra, à semelhança do que se tinha verificado com os grupos anteriormente formados no CI-21:

- “OS SEM PAHOR” – Batalhão de Caçadores nº 379
- “DESTEMIDOS” – Batalhão de Caçadores nº 380
- “TIGRES” – Batalhão de Cavalaria nº 399
- “OS GATOS” – Batalhão de Artilharia nº 400
- “ESCORPIÕES” – Batalhão de Cavalaria nº 437
- “APACHES” – Batalhão de Caçadores nº 442

Seleccção do pessoal

Na 2ª semana, teve lugar a selecção do pessoal, que se revestiu de várias dificuldades, não só, porque não devia ser feita simultaneamente para graduados e praças, como também, pelas perturbações que causava nos horários da instrução e ainda pela perda de tempo que acarretava.

Foi redigido um relatório pelo comandante do Centro, Major de Inf António Adelino Antunes de Sá que se transcreve na íntegra, por se entender poder contribuir para uma melhor e mais completa compreensão das características da especialidade “Comando”, e dos princípios que orientaram a selecção.

CENTRO DE INSTRUÇÃO – 16

Relatório de Seleccção

I – Considerações Gerais

O problema da selecção de pessoal, face a uma qualquer actividade, terá de fundamentar-se na natureza e volume dos contingentes recrutáveis por um lado e por outro, na pesquisa de condições e características individuais, que satisfazendo as necessidades médias do ramo a que se destinam, possam garantir um conjunto apto e homogéneo.

Assim sucede em qualquer selecção e os sistemas ou processos utilizados, a gosto ou experiência de cada um, procuram constantemente a melhoria das condições do contingente recrutável – através de uma pré-selecção – e por uma análise caracterológica do ramo de actividade a que se destinam e procederá ao estudo dos processos e meios da sua pesquisa e medida.

Por outro lado, atendendo aos fins, meios e métodos de instrução, o estudo da selecção irá recair sobre a procura daquelas características que, por impossíveis de conseguir fornecer a instrução, deverão constituir-se como valores selectivos ou até de eliminação.

E assim, ligando o que é possível conseguir ou melhorar na instrução com os caracteres indispensáveis ao ramo de actividade que se encontram os meios de selecção e sobre eles se constroem os valores de eliminação.

Neste caso particular dos "Comandos", o problema do contingente recrutável deverá admitir no seu volume de possibilidades de eliminação a 50% e no capítulo da sua natureza – pré-selecção – a garantia de valores físicos mensuráveis como condição de alistamento.

Isto equivale a conseguir, que a admissão de um qualquer elemento, nos dá a garantia de situar-se na melhor metade do contingente admitido, e que pelas condições mínimas do critério de admissão a possibilidade de afixar-se um padrão, em relação aos valores médios dos contingentes anuais.

Se a um "Comando" se destinam missões cuja dificuldade de execução – mais até que o seu risco – escapam as possibilidades gerais da tropa normal, não pode admitir-se como possível para indivíduos cujas características se não situem nos melhores valores da mesma tropa.

Estabelecido através da pré-selecção o paralelo com a tropa normal e com o volume do contingente, admitido a possibilidade de selecção, estão criadas as condições indispensáveis à criação duma tropa deste tipo e com ela a satisfação das missões que a sua natureza consente. Satisfeitas as bases da selecção a sua estruturação irá incidir na procura das características de maior utilidade na instrução, das quais se destacam as de valor físico e moral, e para os quadros a capacidade de chefia. Isto impõe a montagem de um conjunto de provas a saber:

- Exame médico*
- Exame físico*
- Testes de decisão*
- Exame psicotécnico*

comuns a todos os candidatos e para os quadros o exame da capacidade da chefia compreendendo:

- Exame da personalidade*
- Entrevista*
- Teste de ascendência verbal*
- Palestra*
- Testes de situação*
- Cabra cega*
- Apresentação*
- Verificação*

que no seu conjunto irão permitir a classificação ordinal dos elementos e posteriormente a sua eliminação percentual.

Interessa ainda referir pela importância capital que representa para o processo de execução, a circunstância de que qualquer prova ou teste que se realize, exigir uma participação voluntária do candidato sob pena de falseamento de resultados. Ora isto implica como condição indispensável ao processamento da selecção o definir-se o recrutamento por voluntariado.

II – Adaptação Local

O contingente que nos foi posto, proveniente de Unidades em operações na Região Militar de Angola, obedecia a um processo de recrutamento cujas condições (definidas em nota de 9/5/63 de P.º 347.7) constituam uma verdadeira pré-selecção.

Muito embora, ela não pudesse definir padrões relativos à tropa normal nem susceptíveis de serem concretizados, o certo é que a sua satisfação representaria uma selecção local e sobretudo, definindo um processo de recrutamento por voluntariado, criaria as condições para uma selecção devidamente orientada. Quanto ao volume do contingente não sendo molde a proporcionar uma selecção percentual capaz, o excesso sobre as necessidades dos Grupos de Combate permitia no entanto uma selecção.

Assim, haveria que considerar as possibilidades de execução local de provas e testes a serem submetidos e cujos resultados viessem a fornecer os dados de eliminação.

– Exame Físico

No aspecto físico a regulamentação recente das provas de controlo físico e consequente estatística, poderiam fornecer os dados de comparação com os contingentes donde são originários, muito embora as instalações existentes não permitissem que fossem completas.

Foi assim, que na selecção física se teve de fundamentar na realização de provas de potência do respectivo teste físico, que incompleto quanto ao espectro de características a procurar, da possibilidade de classificação ordinal do contingente para posterior selecção percentual. No capítulo da capacidade funcional de resistência ao esforço, seríamos forçados a uma avaliação através de um Índice Físico – igualmente em uso no nosso Exército, em complemento e íntima relação com o exame médico.

Foram assim utilizados:

- Testes de potência*
- Braços*
- Tronco*

- Abdominais
- Pernas
- Índice de Ruffier cardíaco

– **Testes de decisão**

Neste capítulo a adaptação local levou ao seu anulamento, não só pela falta de condições locais e instalações que o permitissem, como ainda a inexistência de meios indispensáveis. Não se esqueceu, nem os riscos nem os inconvenientes em por de parte o que, podemos considerar como a mais importante faceta de uma selecção “Comando”. Mas considerando as circunstâncias referidas por um lado e por outro a presença imediata do Inimigo tornar possível a apreciação de alguns aspectos de comportamento individual, levaram a excluir da selecção as provas de decisão.

– **Capacidade de chefia**

A necessidade de analisar este aspecto, no que diz respeito aos quadros, pela acuidade com que se põe o problema da chefia em grupos deste tipo levou, em condições locais mais que insuficientes, a encarar a sua realização. Assim, muito embora se não pudesse realizar a matéria completa para um exame total, foi ainda possível realizarem-se as mais representativas ou melhor as que no sentido prático mais facilmente poderiam dar resultados efectivos. Assim considerando foram realizadas:

- Questionário de formação – Aspecto de personalidade
- Conversa – Ascendência verbal
- Palestra
- Testes de situação – 3 testes sem chefe designado

Ainda que incompleto para uma análise cuidada, foram as provas suficientes para avaliação de factores negativos concretos que fundamentassem uma possível eliminação.

– **Exame médico**

Pensamos que as missões a que uma tropa deste tipo se destina exigem dos indivíduos que as vão realizar condições de resistência física e equilíbrio psíquico fora do comum, e daí sentirmos a necessidade de uma selecção rigorosa sob o ponto de vista médica.

Parece-nos que só num hospital onde existe um conjunto de técnicos especializados e de meios de observação e estudo rigoroso é possível fazer uma

escolha criteriosa de um contingente que ofereça garantias de possuir as aptidões físicas desejadas. Julgamos indispensável que, para além do exame clínico geral se proceda a um exame aprofundado dos aparelhos circulatório e respiratório com provas de esforço e controlo radiográfico e electrocardiográfico. Por outro lado a observação nas clínicas especializadas de oftalmologia e otorrinolaringologia se não é indispensável permitiria levar a selecção a um nível mais perfeito. Os exames de sangue e de urina de rotina trariam igualmente enormes vantagens ao despiste de possíveis situações clínicas. De capital importância reputamos o exame neuropsiquiátrico realizado por um especialista.

As condições em que se realizou o exame médico foram extremamente deficientes e deixou-nos a certeza de em muitos casos não termos acertado na escolha. Dos exames acima citados só nos foi possível, dadas as condições em que trabalha um Posto de Socorros numa Unidade, fazer um exame geral e uma prova de esforço orientada no sentido de nos dar a conhecer o estado de adaptação da função cardíaca um exame neurológico sumário. Foi unicamente com base na anamnese e nos resultados destes exames que se fez a selecção.

– Prova de Tiro

Não fazendo parte do quadro de provas de selecção “Comando”, a circunstância de as características normais de actuação darem grande relevo ao bom atirador por outro lado as naturais limitações quanto às possibilidades de instrução de tiro, levaram a considerar como vantajosa a realização de uma prova de tiro que além do interesse selectivo pudesse informar nos dados colhidos o processo futuro de condução de instrução. Por esse facto, e atendendo à estimativa feita sobre as possibilidades médias da nossa tropa foi concretizada a prova de realização de uma série de 10 tiros a cinquenta metros na posição de deitado sobre um alvo de 100 metros.

– Instrução individual do combate

Não fazendo parte do conjunto das provas da selecção mas atendendo as condições deficientes como foram realizadas, as primeiras instruções de tática (visando unicamente os actos individuais do combate) forneceriam indicações complementares da selecção, e informando os casos duvidosos que possibilitassem uma melhoria dos seus limites.

III - Os resultados colhidos

Realizadas as provas de selecção nos moldes indicados foi colhido um conjunto de resultados que em seguida se comentam.

- Exames Físicos

As provas efectuadas, revelaram uma descida sensível dos valores médios colhidos na final da recruta C.O.M. e CSM, que se acentua de molde notável nos quadros, Sargentos e Oficiais. Esta descida porventura resultante de uma quebra de actividade, física, parece concretizar um valor físico abaixo do necessário para o tipo de actividade operacional a desenvolver.

Muito embora a influência de clima possa ser negativa, julga-se que a descida resulta fundamentalmente da pouca actividade física aliada à natureza da alimentação a que se sujeitam.

Das mensurações efectuadas verificou-se igualmente uma subida do valor do segmento Braços no que diz respeito às Praças que embora pouco sensíveis parece traduzir o resultado de um tipo de actividade desenvolvida.

No aspecto duma selecção "Comando" os resultados encontrados são francamente desanimadores, porquanto as médias e quartis conseguidos se situaram na média dos contingentes de onde provêm no que diz respeito às praças. Quanto aos Oficiais e Sargentos a metade dos apresentados não possuíam no seu conjunto, valores que atingissem sequer os valores médios do contingente original.

Se atendermos à natureza das instruções a ministrar e às imposições do tempo com que se trabalha e o próprio clima, poderá concluir-se que a instrução só muito dificilmente poderá corrigir ou atenuar os níveis encontrados.

- Exame médico

Julgamos inicialmente que o exame médico que iríamos proceder nos militares que vieram frequentar o Curso se destinava unicamente a escolher indivíduos que mostrassem melhores condições físicas e nos dessem por isso, uma maior garantia de suportar uma vida mais dura, esforços mais violentos do que aqueles que são pedidos a uma tropa normal.

Não foi assim. Houve necessidade de eliminar um número muito grande de indivíduos que mostraram não possuir as condições físicas indispensáveis por serem portadores de lesões que em nosso entender não eram compatíveis com o que se deve exigir a uma tropa deste tipo. Este facto reduziu a um mínimo as nossas possibilidades de seleccionar um contingente realmente possuidor de uma constituição física razoavelmente boa.

Como referimos atrás, o exame médico, nas condições em que houve necessidade de ser realizado não se pode considerar satisfatório. Houve necessidade de valorizar de um modo excessivo a anamnese com os riscos que isso comporta não se tratando de voluntários como seria de desejar. A nossa atenção no exame objectivo foi dirigida para os aspectos que nos pareceram fundamentais, nomeadamente os aparelhos circulatório e respiratório, a parede abdominal, a musculatura esquelética, o sistema venoso superficial e ainda as lesões oculares com defeitos de visão e as otorrinolaringológicas que pudéssemos despistar. Fez-se ainda um exame neurológico sumário.

Os resultados dos exames vistos em conjunto mostraram que o contingente inicial era fisicamente pouco apto e que não tinha havido da parte das Unidades que o enviaram quaisquer cuidados de selecção neste aspecto. Independentemente de sabermos que não houve exame médico prévio, parece-nos inexplicável o aparecimento de indivíduos com situações clínicas bem definidas, por vezes, inclusivamente, com notáveis limitações de tolerância para os esforços físicos, se não quisermos admitir que tenha havido a intenção de mandar os menos aptos e indesejáveis.

Só assim se compreenderia que tenhamos encontrado casos de hérnias inguinais e epigástricas, sinusites crónicas comprovadas em clínicas hospitalares, cegueira unilateral e défices acentuados de visão, surdez unilateral completa, epidermofitas generalizadas, traumatizados recentes com apreciáveis défices funcionais, astenias acentuadas, etc. Estes casos apresentaram-se de solução simples. Um aspecto delicado na observação foi os numerosos indivíduos portadores de sopros cardíacos (35). Alguns deles (4), tinham com toda a probabilidade base orgânica, embora ainda sem repercussão geral foram eliminados. Dos restantes embora provavelmente funcionais, na ausência de critério de diagnóstico correcto, tornou-se necessário excluir aqueles que nos pareceram mais duvidosos.

Para além desta necessidade de eliminação de ordem clínica, a selecção foi feita na base da observação geral e dos resultados das provas de esforço. Apesar de tudo, o contingente que se conseguiu com as substituições realizadas está ainda longe de oferecer as garantias realizadas e de se poder considerar satisfatório.

Pensamos que a maior responsabilidade neste estado de coisas cabe às Unidades que não seguiram as normas de selecção que lhes foram impostas nomeadamente a inspecção médica prévia. Cremos que de futuro, se pode remediar este aspecto exigindo que os militares vindos das Unidades sejam portadores de uma ficha clínica em que conste o resultado do exame médico circunstanciado realizado previamente.

Nem todas as culpas recaem no entanto sobre as Unidades. O critério usado nas Juntas de Inspeção de Mancebos é totalmente errado e não oferece a mínima garantia de escolha dos mais aptos. Como posteriormente não se realiza qualquer exame médico vêm para o Ultramar indivíduos sem condições para o serviço activo. Como resultado os clínicos das Unidades vêm-se obrigados a “aguentar” com todos os inconvenientes, durante meses, indivíduos mas que uma deficiente observação clínica inicial considerou aptos.

– **Tiro**

Muito embora a prova realizada na distância de 50 metros utilizasse o alvo para 100 metros, os resultados colhidos apresentam-se como se segue:

2,5% – não conseguiram acertar no rectângulo do alvo

4,1% – não atingiram 10 pontos no máximo de 100

16,8% – não atingiram 30 pontos

48,6% – não atingiram 50 pontos

Os dados acima indicados, são por si só elucidativos do valor do contingente que nos foi posto, e o seu significado suficientemente explícito. Se se meditar um pouco que seja, na finalidade da instrução ou ainda no significado do termo “COMANDO” facilmente se poderá concluir das dificuldades e limitações do seu emprego.

Da observação dos resultados e ainda do comportamento dos atiradores pode concluir-se:

- *A média conseguida não excede os 50 pontos.*
- *Desconhecimento quase total, das posições de tiro quer quanto ao terreno, quer quanto à colocação da arma.*
- *A pouca habituação ao tiro leva os instruendos a dispararem a sua arma quando o camarada da linha próxima o faz.*
- *Desconhecem a forma da utilização da bandoleira e o aproveitamento do terreno para a execução do tiro.*
- *Dísparos feitos sempre em “gatilhada”*
- *Uma grande parte conhece muito mal a arma que utiliza*
- *Algumas praças não sabem tirar uma linha de mira, aparecendo quem aponte ao longo do cano da arma.*

As conclusões acima tiradas e os resultados apresentados, dão bem a ideia das dificuldades a ter que vencer na instrução e as limitações inevitáveis quanto ao seu rendimento final.

– *Capacidade de chefia*

As provas realizadas conduziram a resultados que embora normais na generalidade se podem considerar fracos para a natureza e finalidade do curso que vão frequentar. Assim, 40% dos que foram presentes não apresentam condições para o exercício do comando de tropas.

Verifica-se igualmente, através dos testes realizados uma mais que deficiente formação militar e mais grave ainda, um desconhecimento grande acerca das razões da luta que travamos nos seus princípios e fundamentos, que aliados a uma dúvida quanto à sua evolução nos leva a considerar como indispensável uma bem orientada e constante formação dos quadros. Se na verdade, a força de um Exército para além dos seus meios e capacidades valerá o que valer a força da sua fé na justiça e no êxito na luta que mantém, tudo que se fizer nesse sentido, por indispensável não será de algum modo perdida. Dada a natureza confidencial e pessoal dos questionários postos e sobretudo a sua interpretação não é possível ir-se mais longe no comentário dos seus resultados.

– *Instrução Individual de Combate*

Tal como se havia referido, o início da instrução individual não fazendo parte da selecção, serviria de complemento nos casos de dúvida persistente nas provas de selecção.

A impressão colhida neste aspecto acompanha as apreciações feitas nas restantes, embora reflecta apenas aspectos de instrução independentes do valor individual do pessoal presente. Verificou-se que a maioria do pessoal executava mal e por vezes desconhece as mais elementares atitudes e movimentos da formação individual do combatente. E para além deste aspecto ressalta ainda a ignorância do valor ou do interesse das mesmas em combate ou ainda a forma e oportunidade do seu emprego. Estes aspectos agravam-se ainda no que se refere à formação colectiva e trabalho de pequenas equipas, porventura resultantes da forma como foram nomeados. No que diz respeito aos quadros, embora com diferenças individuais sensíveis, a apreciação é de todo semelhante.

IV – A Selecção

Compilados os elementos comentados anteriormente, havia que concretizar uma selecção que garantisse a escolta da melhor parte do contingente proposto.

Embora a natureza da instrução e sobretudo do seu emprego futuro levasse

a considerar a selecção a 75%, o seu volume face às dificuldades que se vão vivendo impunham um alargamento do critério e levá-lo, do plano desejável ao possível.

Assim considerando face às cotações e classificações ordinais obtidas foi pensado seguir-se uma eliminação dos 50% piores em cada um dos sectores observados, como primeiro estudo percentual das provas.

No conjunto, isso equivalia a eliminar o pessoal abaixo indicado:

- Oficiais 3 = 50%
- Sargentos 14 = 58%
- Praças 160 = 66%

O que conduzia a resultados proibitivos agravados ainda pela circunstância de não poder garantir-se que na sua substituição se chegassem a resultados francamente melhores.

Assim procedeu-se a um estudo de uma eliminação a 25% mesmo esta sujeita a discussão individual para a sua concretização. Isto conduziu aos resultados seguintes:

- Oficiais 2 = 25%
- Sargentos 7 = 29%
- Praças 45 = 19%

Assim se procedeu à eliminação do pessoal que daria no início da instrução as possibilidades de correcção indispensáveis face ao baixo critério de selecção. Muito embora os valores atingidos se não possam considerar capazes para uma instrução deste tipo, a selecção possibilitou uma melhoria do rendimento de instrução.

V - Considerações Finais

- A Pré-Seleção

Embora definidas as condições de nomeação, o nível encontrado não pode corresponder as exigências postas, a menos que aceitássemos como possível que a restante tropa se situasse em nível inferior, o que se nos afigura impossível ou pelo menos alarmante, com excepções, nomeadamente o BArt 400 e BCav 399, o pessoal apresentado para a frequência, só pode situar-se no pior existente, até para não correr-se o risco de, aceitando-o como o melhor, classificar implicitamente as Unidades donde são originários.

O facto que não é de modo algum único, tem origem no fundamento das críticas, resistências e obstáculos que por todo o lado sempre acompanharam a formação e criação de tropa especial; o verem-se as Unidades operacionais privadas dos seus melhores elementos por um lado, e por outro a natural tendência de não aceitar ou conferir as qualidades, que no fundo os distinguem da generalidade.

Embora de certo modo contraditórias, tem sido sempre presentes em qualquer lado em que se pretende criar tropa diferente.

Isto cria, logo na origem, limitações inevitáveis no valor final dos elementos a instruir, que aliás fundamenta a selecção – e seu futuro rendimento operacional. Se isto é assim na generalidade, o problema agrava-se de modo extraordinário no que diz respeito aos quadros pelo inevitável reflexo da sua própria capacidade na tropa que comanda.

E estamos disto sentindo os seus efeitos.

Parece-nos assim, que a formação de tropas deste tipo deverá encontrar solução adequada e garantias perfeitas na pré-selecção, de que a escolha, ou a fixação de valores mínimos capazes poderão ser meios a considerar.

– A Selecção

O escolher a melhor parte do contingente inicial, pressupõe a existência de um volume tal que permita após a selecção, satisfação das necessidades. Da orgânica dos grupos a ter de instruir, acrescido do julgado indispensável à reposição de quebras futuras inevitáveis. E isto é de todo extensível no que diz respeito aos quadros, como a maioria da razão pelo seu baixo número.

O não ter-se verificado este aspecto no caso presente, obrigou – após a selecção – a repletamentos, cujos reflexos se fizeram sentir no rendimento da instrução, baixando o seu ritmo ou por vezes alterando o seu próprio processamento. Este aspecto e ainda agravado pela morosidade da apresentação do pessoal no Centro. Se a margem de quebras substituídas, pode permitir o completo dos grupos de combate no que diz respeito às praças, fica sem solução o problema dos quadros quando da eliminação de um ou mais deles, com os inevitáveis reflexos na disciplina e moral do pessoal. Os atrasos verificados são até ao ponto de só após trinta e quatro dias da eliminação de um subalterno se ter apresentado o seu substituto no comando do grupo respectivo.

O facto do número destes ser precisamente o necessário para a articulação das pequenas equipas, a falta do oficial vem a reflectir-se nas próprias equipas. Por estes factos, se supõe que a selecção do pessoal se deva fundamentar num procedimento, que possa garantir no início da instrução o volume

indispensável à formação dos grupos. O desfasamento em tempo, entre a selecção e o início da instrução, faria resolver satisfatoriamente o problema posto.

– As Instalações

A realização de provas e testes de selecção, exigem instalações e até condições de execução – que como já se referiu – não eram possíveis a curto prazo montar no CI 16. Isto implicou a redução das provas necessárias, às possíveis, e com ela uma diminuição muito sensível do rigor da selecção. Daqui resultou um prolongamento exagerado da selecção ao longo da instrução, com os problemas e reflexos inerentes.

Supõe-se que a realização das ditas provas em local capaz, embora longe do CI 16, teriam certamente trazido os seus benefícios.

Quartel em Angola, 31 de Agosto de 1963

O COMANDANTE
António A Antunes de Sá
MAJOR INF^a

(Assinado e dactilografado)..."

PROGRAMA DA INSTRUÇÃO

O Curso de Comandos, foi planeado com a finalidade de instruir os grupos de combate e prepará-los mental e tecnicamente para a guerra de guerrilhas em Angola.

O curso iria ter a duração de três meses, estando previsto o início a 15/06/63 e o final a 15/09/63, num total de 651 horas de instrução.

O programa de instrução contemplava as seguintes matérias:

1. Educação física militar;
2. Instrução de combate – táctica de contra-guerrilha;
3. Informações;
4. Organização de terreno (abrigos, camuflagem, explosivos, minas e armadilhas);
5. Transmissões e ligação;
6. Topografia (orientação, observação, elaboração de esboços);
7. Higiene e primeiros socorros;
8. Acção psicológica;
9. Tiro (de “chofre”, instintivo e de combate);
10. Sobrevivência.

HORÁRIO DA INSTRUÇÃO

“...A elaboração dos horários para uma vulgar instrução representa apenas a repartição do tempo pelas matérias incluídas no programa, atendendo na sequência às precedências indispensáveis entre elas. Mas se é assim de facto, para a generalidade, na formação deste tipo de tropa, é no horário, ou melhor, na sua elaboração, que se irão introduzir factores educativos de inestimável valor, bem como na sua sequência, a progressão de exigências e condicionamentos indispensáveis à sua mentalização. É evidente que, por exemplo, uma instrução nocturna de uma qualquer matéria conseguirá de uma só vez todos seus efeitos, na aprendizagem, quando ministrada de noite. Mas o seu valor na formação do pessoal, será inteiramente distinto, se ele se ministrar inopinadamente a altas horas da madrugada, com os instruendos alertados para o efeito. A progressiva introdução das instruções de maior esforço físico nos períodos menos propícios do dia, conseguirá certamente efeitos formativos e de habituação, em tudo independentes do rendimento próprio da instrução respectiva. O prolongamento de fases de instrução encadeada logicamente, por períodos superiores a 24 ou 48 horas, visará certamente factores de habituação ou formativos, que são independentes do objectivo imediato da instrução e aprendizagem de cada uma.

E assim por diante, se poderiam referir a inúmeros exemplos, do valor ou interesse que uma exploração criteriosa da elaboração do horário pode ter, para a formação de uma tropa deste tipo.

No fundo, representando uma anti-rotina, irá criar um conjunto de efeitos morais e de condicionamento físicos no estar de uma tropa, que lhes confere pela habituação uma melhoria de capacidades e pelo clima emocional ou psíquico criado, um grau de aceitação ou de conformismo, que está na base da mentalização de uma tropa.

Mas se isto representa de facto um procedimento, representa ainda mais um método de emprego, com limitações e imposições que na delicadeza e até complexidade do assunto podem vir a negar o processo por se contrariarem os seus efeitos. Enquanto que fisicamente, o grau de imposições de esforço ou de fadiga, podem variar sem prejuízo, em largos limites, os seus efeitos morais ou psíquicos, fazem-se sentir em muito estreitas condições e pior que isto, o negativarem-se ou inverterem-se os mesmos efeitos, quando excedidas as suas limitações. Acresce ainda a circunstância, e grave, de que se a simples imobilidade ou inacção representa fisicamente toda uma recuperação de exigências ou esforços físicos, as exigências de carácter moral ou psíquico, impõem para a recuperação indispensável, processos antagónicos do seu clima ou do seu quadro. Mais ainda, enquanto que fisicamente a soma dos efeitos não podem exceder (em clima não emocional) os limites orgânicos de segurança – por cessar instintivamente o próprio esforço – psiquicamente, eles além de se somarem sem quaisquer limitações, variam progressivamente os mesmos efeitos, perante estímulos ou condições constantes. Isto pretende apenas fundamentar o procedimento havido na realização da instrução ministrada, ao pôr-se de parte o maior meio de formação da tropa, na medida em que nas condições existentes se não reuniram as indispensáveis à sua segura utilização. E não foi para isto esquecido o perigo, de que qualquer tentativa neste sentido, poderia vir a negar a razão de ser toda a instrução...”

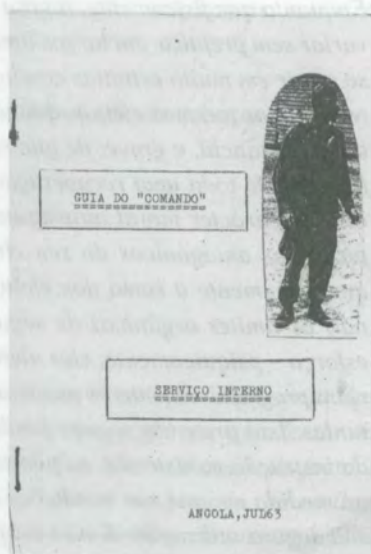
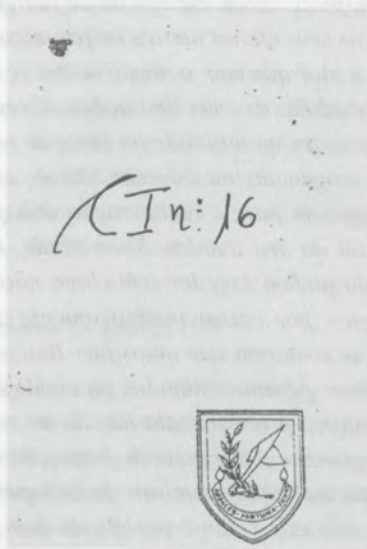
O dia de instrução no Centro estava subordinado ao seguinte horário, seguido normalmente:

- 08.00 Cerimónia do içar da bandeira, revista, leitura dos deveres “Comando”
- 08.10 às 12.10 1º período de instrução subdividido quando necessário, em dois tempos de 2 horas cada
- 15.00 às 17.00 2º período de instrução subdividido quando necessário, em dois tempos de 1 hora
- Instrução nocturna quando necessário e por períodos que foram de 3 a 6 horas.

*Foi assim ministrada uma média de 6 horas de instrução diária que o número de instrutores, o número de locais de instrução disponíveis e a dureza da maior parte, não permitia exceder e algumas vezes obrigou a encurtar.*⁸⁵

Guia do Instruendo

No início do curso, foi distribuído aos instruendos um pequeno manual, contendo uma breve introdução e algumas indicações de carácter formativo e de mentalização e ainda uma súmula das normas de serviço interno do centro, do serviço diário, do serviço de instrução e uma planta do quartel.



Deste manual, transcrevemos alguns trechos, que consideramos de maior interesse, assim como a planta do aquartelamento:

1) Introdução

Que sejas Bemvindo ao CI-16.

E sejas bemvindo, pela alegria que todos sentimos na previsão do vosso convívio e na esperança da vossa glória.

⁸⁵ Extraído do Relatório de Actividades do CI-16

“Viver Perigosamente”, vai ser o lema. Mas se a vida será dura como convém ao militar que és, ou o COMANDO que desejas ser, não te debes esquecer que é no sofrimento e na dor, que se tempera a alma do militar e se caldeia a força da sua fé. É a tua vontade, na alegria da tua juventude e na generosidade do teu temperamento, que virá a ser o fiel da tua actividade e o orgulho da tua consciência. E quando por esforços e sacrifícios, ao longo de riscos sem par, sentires merecer o título por que aspiras, ou sentires a alegria de ver brilhar no teu peito a insígnia que te distingue, então compreenderás o verdadeiro significado de um COMANDO. E saberás então que esse título corresponde ao termo de uma luta que travaste contigo próprio, a uma vitória da tua vontade sobre o teu instinto.

Que sejas pois benvindo ao CI-16, e que quando daqui saíres na certeza de um dever cumprido, leves contigo o orgulho do título que te distingue e na tua consciência a honra de merecê-lo.

Algumas Indicações

A instrução a que te irás sujeitar desenrolar-se-á na sua maior parte, sem que conheças o seu horário ou até a sua natureza. Isto quer dizer que num período de 24 horas estarás pronto, à mais pequena indicação, a apresentares-te no local de formatura do teu grupo para dali seguires ao cumprimento do que te for designado pelo instrutor respectivo. Poderá até suceder que te mantenhas em instrução por períodos superiores a um dia, e seres forçado a viver de noite, isto é, a fazeres a tua vida normal durante período nocturno do dia. Tudo portanto poderá aqui suceder, sem que o estranhes, e sobretudo sem que não deixes de dominar as reacções que de certo modo seriam normais se não se tratasse de um “COMANDO”. Um outro aspecto que julgamos dever prevenir-te é o aspecto disciplinar do teu comportamento. Se poderá considerar-se um exagero para a tropa normal o seu rigor, para um “COMANDO”, tornar-se-á de tal modo habitual que irás estranhar no futuro, como te foi possível viver de outro modo. E não te esqueças, de que as exigências feitas não são obrigações que cumpres mas a afirmação permanente da tua vontade e do teu desejo de ser um “COMANDO”.

Um factor a que se dá grande importância, afinal a importância que merece, é o do atavio. Se as condições existentes não favorecem neste pormenor elas só poderão ser uma mais forte razão para que os cuidados se redobrem e as exigências aumentam. Por esse facto não estranharás a permanente vigilância a que te sujeitas, e sobretudo ao permanente cuidado que debes ter. E neste continuar de revelações e elucidações, parece-nos chegado o momento de referir as obrigações com a tua arma. Ela representa, bem o sabes o teu mais forte

argumento no combate e daí a tua maior preocupação. Habituar-se à sua permanente companhia, a estimá-la como o mais fiel dos nossos amigos, e cuidar dela em todos os instantes, se é obrigação de qualquer combatente, constitui para um COMANDO um legítimo título de orgulho. É por esse facto que o seu uso permanente é exigido durante o curso, e em qualquer instante poderá ser sujeita a uma revista que como é evidente, deverá concluir pelo seu perfeito estado de limpeza e de funcionamento.

Nas regras e determinações que encontrarás adiante, poderá fazer uma ideia concreta das exigências a que terás de submeter-te e que ao longo do desenrolar da instrução se verificarão.

Por razões estranhas à nossa vontade e por dificuldades inerentes à situação que se vive, não foi possível ter completas as instalações do Centro. Elas resultam sobretudo da escassez de mão de obra e da falta de meios de construção locais, que só muito dificilmente puderam ser superadas. Por esse facto, embora o possamos lamentar, teremos que pedir o vosso concurso no completamento das vossas próprias instalações cujo cuidado, velocidade e arranjo constituirão motivo de competição.

Da execução desses trabalhos e do que por apreciação da Direcção do Campo for considerado o melhor ganhará o direito de ver içado no mastro de honra, durante a primeira semana de instrução, a flâmula do seu Pelotão.

(...)

2) Normas de Serviço Interno

(...)

O “Comando” desloca-se em passo de corrida

O COMANDO sempre que é chamado por um superior desloca-se em passo de corrida.

Refeições

O Rancho é distribuído por pelotões em corredores montados na cozinha do Campo. Para isso formarão ao toque de rancho nos locais respectivos, aguardando indicações do Oficial de dia para avançarem.

Os Comandantes de Pelotão ao sinal de avançar, comandarão os respectivos pelotões formados, formando a coluna por um para entrada nos corredores de distribuição. Após isto dirigir-se-ão ao Refeitório das praças sentando-se livremente nas mesas existentes.

É vedado ao pessoal a utilização das casernas para comerem o rancho.

À saída do refeitório encontram-se dois “bidons” e um recipiente de lixo. Neste

último, serão deitados os restos de rancho não utilizados. Dos dois "bidons", o primeiro possui detergente para lavagem das marmitas e o segundo água quente. Recomenda-se a necessidade de evitar a lavagem das marmitas dentro dos caldeiros afim de evitar que se inutilize o detergente ou a água quente.

Responsabilidade do Cmdt Pel

O sentido de disciplina é uma das mais notáveis características do "COMANDO", o seu culto constitui obrigação permanente dos quadros instruendos, cabendo ao Comandante de Pelotão a responsabilidade directa pelo comportamento e disciplina do seu pessoal.

Saída do Centro

É absolutamente vedado ao pessoal a saída para fora do perímetro do Centro sem prévia autorização do Oficial de Campo.

Transporte Permanente da Arma

O transporte permanente da arma distribuída é exigido durante todo o período de instrução, isto é das 08H00 às 17H30, ficando sujeito em qualquer instante a revista individual passada por qualquer oficial do Campo.

Uniformes

O uniforme interno é o fato de combate com barrete 2G (de bicos) para todas as actividades de instrução ou circulação. É permitido o uso de camisa com calça e barrete do uniforme de combate, em circulação.

3) Normas para o serviço diário

A. Pessoal

Diariamente é nomeado um pelotão para o serviço interno, com todo o pessoal dividido pelos seguintes serviços:

- 1 — Oficial de dia
- 1 — Sargento de dia
- 1 — Sargento de vigia
- 1 — Sargento de piquete
- 1 — Sargento de dia à sala de combate
- 16 — Praças de vigia
- Restantes praças de piquete.

(...)

F. Organização dos Serviços

1. Vigia

Este serviço é montado pelo sargento de vigia com 16 praças, do seguinte modo:

- Cada uma das quatro torres de vigia é ocupada por uma guarnição de 4 homens durante o período de 24 horas a partir do render da parada.
- Durante o dia das 06H00 às 18H00 permanece obrigatoriamente um homem em cada torre.
- Durante a noite das 18H00 às 06H00 permanecem nas torres os 4 homens, ficando um de vigia.
- Não é ocupada a torre de vigia nº 5 (Ver planta do Quartel)
- Cada homem de vigia está durante o seu turno quer de dia quer de noite, em constante e aguda vigilância.
- Ao certificar-se de qualquer anormalidade alerta pelo telefone, existente na torre, o pessoal de serviço na sala de combate.
- Durante a noite, têm para seu serviço um farolim de que só deve utilizar-se ao pressentir ou ver, qualquer ruído, movimento ou luz.
- A ligação entre as torres além de estar feita por telefone será feita por uma ronda permanente (ver serviço de piquete) acompanhada ou não de guia com cão de guerra.
- Sempre que a campainha do telefone de cada torre tocar, o vigia que está em vigilância deve pôr-se à escuta. Caso seja dado alarme de noite por qualquer som deve acordar as outras praças, passando todos a exceder vigilância até ser dado alto ao alarme.
- O sargento de vigia pode, nas suas rondas, utilizar o farolim existente nas torres.

2. Piquete

- *Permanece uniformizado, armado e equipado pronto a intervir no mais curto espaço de tempo em qualquer lugar dentro ou fora do quartel, incluindo a segurança da pista de aterragem quando necessário.*
-
- *É comandado pelo sargento de piquete.*
- *Ficam diariamente nomeados quatro “jeeps” para o transporte das praças de piquete.*
- *Ao ser dado o alarme todo o piquete forma frente à barraca do Comando, onde recebe ordens do oficial de dia.*

- Os condutores de piquete dirigem-se aos seus “jeeps” e saem do parque adiantando-se cerca de 10 metros, mantendo-os com o motor em marcha até receberem ordens.
- Durante a noite o pessoal de piquete faz a ligação entre os vigias, rondando em torno do perímetro do quartel.
- As rondas têm efectivos de 4 homens e mantêm-se das 18H00 às 06H00.
- Os quatro homens constituem equipas de dois que rondam em sentidos opostos cruzando-se.
- É nomeado diariamente um cão de guerra com guia que fará os turnos de ronda que forem determinados pelo Sr. Oficial de dia, acompanhando as praças do piquete.
- Em caso de alerta poderá ser nomeada toda a secção de cães de guerra que manterá um cão em ronda permanente.
- O sargento de piquete manda encerrar as saídas A, B e C com os cavalos de frisa existentes junto das mesmas.

(...)

4) Serviço de Instrução

Como atrás foi dito, o imprevisto e a surpresa serão características da instrução que vai ser ministrada, por isso neste capítulo não vamos dar mais do que as poucas indicações que deves saber desde já.

Seleccção

Procurar-se-á ao longo da instrução seleccionar os melhores elementos por eliminação daqueles que demonstrarem não possuir as qualidades que o Comando do Centro considera indispensáveis para um “COMANDO”.

Para isso consideramos duas fases na instrução. Finda a primeira, os militares que forem considerados aptos prosseguem na instrução e os restantes regressarão às suas Unidades.

Numa segunda fase, será feita nova selecção e os considerados finalmente aptos receberão o título de “COMANDO” e têm direito ao uso da inscriçã “COMANDO” na manga e dum emblema metálico no peito. Mais uma vez, aqueles que não corresponderem ao que for exigido nesta segunda fase, regressarão às suas Unidades, ficando sem direito ao uso de qualquer distintivo.

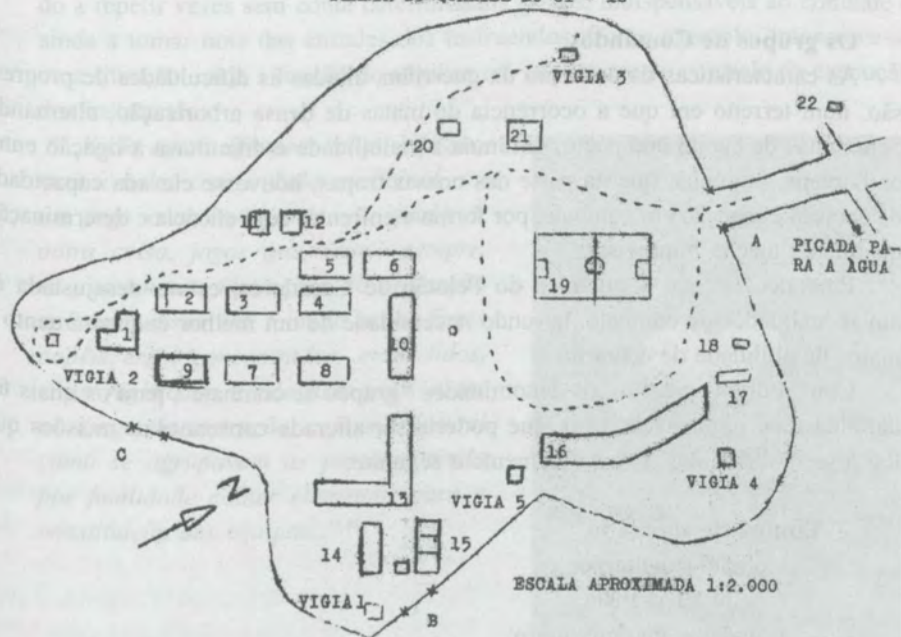
Toda a imposição de títulos ou eliminação de qualquer militar é feita solenemente em formatura geral.

Formatura Geral Diária

O dia inicia-se com a formatura geral, em quadrado frente ao edifício do Comando, com a seguinte sequência:

- Apresentação da formatura ao Exm^o Comandante
- Revista geral
- Içar da Bandeira
- Leitura dos deveres do “COMANDO”
- Marcham aos seus destinos
- Formam todos os militares, excepto o Pelotão que está de serviço.

PLANTA DO QUARTEL DO CI - 16

LEGENDA DA PLANTA DO QUARTEL

- A, B e C - Entradas para o Quartel
 1 - Cozinha e forno do pão
 2 - Cantina, depósito de gêneros e caserna da Formação
 3 a 8 - Casernas dos Comandos
 9 - Refeitório
 10 - Edifício do Comando
 11 e 12 - Sanitários
 13 - Messes de Oficiais e sargentos
 14 - Quartos de sargentos do Centro
 15 - Arrecadações
 16 - Parque auto
 17 - Enfermaria
 18 - Canil
 19 - Campo de jogos
 20 - Casa dos motores
 21 - Posto de combustíveis
 22 - Lixeira

PARTICULARIDADES DA ESPECIALIDADE “COMANDO”

Os grupos de Comandos

As características da actuação da guerrilha, aliadas às dificuldades de progressão, num terreno em que a ocorrência de matas de densa arborização, alternando com zonas de capim compacto, diminuía a visibilidade e dificultava a ligação entre os homens, impunha, que da parte das nossas tropas, houvesse elevada capacidade de decisão e reacção em combate, por forma a enfrentar com eficácia e determinação qualquer situação imprevista.

Entendeu-se, que a orgânica do Pelotão de Caçadores, estava desajustada às novas realidades de combate, havendo necessidade de um melhor enquadramento e maior flexibilidade de actuação.

Constituíram-se assim, os denominados “grupos de combate”, para os quais foi definida uma organização tipo, que poderia ser alterada consoante as missões que lhe fossem atribuídas. Era basicamente a seguinte:

– Equipa de comando

- 1 oficial subalterno;
- 1 rádio telegrafista;
- 1 ajudante de enfermeiro;
- 2 atiradores;
- 1 guia (eventual);

– Três Equipas de manobra

- 1 sargento;
- 4 atiradores.

– Equipa de apoio

- 1 sargento;
- 1 apontador de Bazooka ou Rocket;
- 1 municionador;
- 2 atiradores.

O Auxiliar de Instrução

Nas equipas de instrução, que do antecedente eram constituídas por um oficial instrutor e por um sargento monitor, foi integrada uma praça, designada por auxiliar.

O auxiliar ocupava-se não só das tarefas de menor responsabilidade, mas também nas de vigilância do desenrolar da própria instrução e nas de exemplifica-

ção. Era um trabalho extremamente duro, sendo o auxiliar de instrução, chamado a repetir vezes sem conta determinados gestos, indispensáveis ao combate e ainda a tomar nota das atitudes dos instruendos. Como exemplo, transcreve-se uma situação, onde a função do auxiliar era importante no controlo da execução dos instruendos:

“...Vocês agora agrupem-se, para jogarmos à bola, com a bola medicinal, ou um jogo com espingarda, ou qualquer outra coisa, jogos que, quase sempre, se usavam nas instruções de aplicação militar e disso era tomado nota. Esses papéis eram concentrados, eram lidos, eram registados e nós ficávamos a ter ao longo da instrução, a forma natural como se agrupavam as pessoas, tendo por finalidade colher elementos para a constituição das equipas...”⁸⁶.



**Capitão Art Cmd Júlio Faria
Ribeiro de Oliveira**

Afinidades

A constituição das equipas de comandos, tinha como objectivo principal, que entre os seus elementos existisse a maior coesão possível. Essa coesão assentava na empatia, que se estabelecia entre eles, fruto dos laços de amizade, de camaradagem, do conhecimento mútuo (o serem da mesma terra ou da mesma zona), o que veio a ser designado por “afinidades”. Estes factores de coesão, poderiam no entanto ficar diminuídos, quando o homem era posto perante a contingência de ter de escolher camaradas para executar uma missão extremamente perigosa. Nesta situação, escolhiam-se de forma intuitiva, entre si, os que, naturalmente, transmitiam mais confiança em termos de coragem, de vontade e de determinação. A conjugação e equilíbrio entre as várias situações, consolidavam as afinidades e como tal, serviam de base à constituição das equipas.

⁸⁶ Testemunho do Tenente General Júlio Faria Ribeiro de Oliveira

O Código Comando

“...Era necessário, pensámos (o Tenente Coronel Santos e Castro e eu), que houvesse uma síntese dos deveres “Comando”, para que lidos diariamente fossem motivo de uma reflexão pessoal, a fim de que, cada um pudesse pensar o que era no âmago ser “Comando” e ver se estava de acordo com o seu íntimo. Então lembrámo-nos da introdução ao Estatuto (antigo) do Oficial do Exército, que de facto resumia cristalina e cabalmente as obrigações militares e fazia parte do nosso Código de Honra. É daqui que deriva o Código Comando, que foi introduzido no CI-16 – Quibala Norte...”⁸⁷

Como foi referido na introdução, o “Código Comando”, é a referência fundamental da especialidade “Comando”.

Repositório de valores éticos e morais, estabelece um conjunto de princípios, segundo os quais, os militares “Comando”, devem reger a sua forma de estar na vida, encarando o cumprimento da “missão” e o serviço da Pátria, como razão última da sua especialidade.

A versão inicial do “Código Comando”, foi posteriormente sujeita a pequenas alterações, que, em nada feriram os princípios fundamentais então estabelecidos.

Passou a constituir parte integrante da instrução e formação dos militares da especialidade, sendo o início das actividades diárias, obrigatoriamente, precedido pela sua leitura em formatura geral, independentemente dos locais e circunstâncias em que os “Comandos” se encontrassem empenhados. Este princípio, tem-se mantido indelével ao longo dos tempos.

⁸⁷ Testemunho do Sr. Tenente General Júlio Faria Ribeiro de Oliveira

APROVEITAMENTO NA INSTRUÇÃO

O aproveitamento, na instrução, foi condicionado por diversos factores. Desde logo o empenhamento dos instruendos nos trabalhos de adaptação das instalações e melhorias das condições de vida da unidade, impediu que o curso tivesse início na altura em que estes se apresentaram.

Havia a intenção de nesse dia realizar uma cerimónia, a que fosse conferida a maior dignidade e formalismo e que viesse a constituir uma referência, que assinalasse de forma marcante, a separação entre o antes e após o início do curso e simultaneamente viesse a transmitir a força e estímulo necessários, para enfrentar e ultrapassar as dificuldades futuras.

Por outro lado a quebra de efectivos que se verificou em consequência das selecções realizadas na segunda semana de instrução, agravada pelo facto dos batalhões terem efectuado a substituição do pessoal eliminado, tardiamente e de forma desfasada, assim como as dificuldades impostas pela localização do aquartelamento em termos de movimentação e condições de segurança, passando pelas próprias instalações, a execução dos serviços diários e ainda factores imprevistos, perturbaram e prejudicaram o bom andamento da instrução e o aproveitamento final do curso.

É de salientar que as deficiências surgidas no aproveitamento final dos grupos resultaram não só das substituições globais, mas também das substituições de oficiais e sargentos, que se analisam separadamente.

Verificou-se, que a simples mudança de um oficial subalterno comandante de grupo, operou uma mudança total no comportamento deste. Aconteceu noutro caso, que o afastamento dum sargento, veio introduzir melhorias sensíveis na coesão e espírito de corpo do grupo a que pertencia. Estes factos demonstram os benefícios que proporciona uma boa selecção, assim como a instrução prévia dos quadros, que vão em seguida receber o pessoal instruendo.

NORMAS GERAIS DE ACTUAÇÃO DUM "COMANDO"

§1 - O "COMANDO" ama devotadamente a sua Pátria, estando sempre pronto a fazer por ela todos os sacrifícios. Constante exemplo de energia, de amor ao trabalho, de dedicação e de lealdade aos chefes, não discute as ordens que recebe, não admite nem conhece embaraços ou resistências à sua integral execução. Remove todos os obstáculos ao fiel e exacto cumprimento dos seus deveres, sejam quais forem as dificuldades a que tenha de se sujeitar, sem procurar que outrem tome à sua conta o que lhe incumbe fazer.

§2 - O "COMANDO" pratica a camaradagem e procura assegurar a solidariedade moral entre todos os seus irmãos de armas; mas não aceita a indignidade, nem a desobediência, nem o desrespeito pelas regras da disciplina e da honra. Sempre disposto a auxiliar quem precise do seu apoio material ou do seu amparo moral, quer na paz, quer na guerra, e em frente do inimigo, afirma-se constantemente pessoa de carácter e não esconde dos chefes ou das autoridades os delitos que presenciar ou as faltas graves que encontra.

§3 - O "COMANDO" ama as responsabilidades. Sempre pronto a comandar e disposto a obedecer, não admite a suspeita de haver nos seus superiores a intenção de oprimi-lo ou de, por qualquer forma, o diminuir. Porque é sua constante preocupação agir como verdadeiro "COMANDO", tem nos seus chefes ou comandantes a mais segura confiança e a mais acriada fé.

§4 - Sempre generoso na vitória e paciente na adversidade, o verdadeiro "COMANDO" trata com solicitude, acarinha e estimula aqueles que lutam e sabem vencer todos os obstáculos. Não admite a mentira, é intransigente com os maus, mas respeita os estóicos e abnegados que servem sem preocupação de paga ou de satisfação de interesse de qualquer natureza.

§5 - O carácter, a lealdade, a subordinação, a fidelidade, a obediência e a determinação são virtudes inalienáveis do "COMANDO". Sejam quais forem os seus dotes de saber, o "COMANDO" que as não possua ou as despreze deve ser inexoravelmente banido das fileiras.

O "COMANDO" não foge ao perigo, não evita as situações que possam acarretar-lhe incómodos. Incumbido de uma missão, põe no cumprimento dela todas as suas possibilidades de actuação, todas as suas forças físicas, intelectuais e morais.

§6 - Valor material e moral da Nação e nas horas de grande crise seu legítimo representante no campo de batalha, em frente do inimigo, o "COMANDO", vestindo ou não o uniforme tem direito de esperar dos seus concidadãos respeito pela sua integridade moral, pela grandeza da missão que lhe está confiada. Todos lhe devem obediência em tudo o que respeita ao serviço da Nação e ao prestígio e valorização material e moral do Exército. Todas as autoridades civis e militares devem respeitar as suas honras e regalias, prestando a consideração devida à transcendência da sua missão.

CENTRO DE INSTRUÇÃO 16, ANGOLA JUL 63

Normas Gerais de Actuação dum "Comando"
(1ª Versão do Código "Comando", digitalizado de documento original)

INSTRUENDOS ELIMINADOS E RECOMPLEMENTAMENTOS

SITUAÇÃO DE OFICIAIS SUBALTERNOS NA FREQUÊNCIA DO CURSO

	RESULTADOS FINAIS
BCAÇ 379	TEVE SEMPRE O MESMO CMDT PEL
BCAÇ 380	APRESENTOU-SE SEM CMDT PEL. SOFREU UMA SUBSTITUIÇÃO. TOTAL DE 16 DIAS SEM CMDT PEL.
BCAV 399	TEVE SEMPRE O MESMO CMDT PEL
BART 400	TEVE SEMPRE O MESMO CMDT PEL
BCAV 437	SOFREU UMA SUBSTITUIÇÃO. TOTAL DE 34 DIAS SEM CMDT PEL.
BCAÇ 442	SOFREU UMA SUBSTITUIÇÃO. TOTAL DE 15 DIAS SEM CMDT PEL.

SITUAÇÃO DE SARGENTOS NA FREQUÊNCIA DO CURSO

SARGENTOS	ELIMINADOS EM 29JUL	SUBSTITUÍDOS APÓS	ELIMINADOS EM 23AGO	RESULTADOS
BCAÇ 379	2	14 DIAS	1	14 DIAS SÓ COM 2 SARGENTOS. TERMINOU O CURSO SÓ COM 3 SARGENTOS
BCAÇ 380	3	12 DIAS	-	12 DIAS SÓ COM 1 SARGENTO
BCAV 399	1	22 DIAS	-	22 DIAS SÓ COM 3 SARGENTOS
BART 400	-	-	-	SEMPRE COM TODOS OS SARGENTOS
BCAV 437	1	31 DIAS	-	31 DIAS SÓ COM 3 SARGENTOS.
BCAÇ 442	2	16 DIAS	1	16 DIAS COM 2 SARGENTOS. TERMINOU O CURSO SÓ COM 3 SARGENTOS.

INSTRUENDOS ELIMINADOS E RECOMPLETAMENTOS

UNIDADES	NÚMERO DE INSTRUENDOS ELIMINADOS	DATA DE IDA P/ A UNIDADE DOS INSTRUENDOS ELIMINADOS	DATA DE CHEGADA DOS INSTRUENDOS P/ SUBSTITUIÇÃO	INTERVALO
BCAÇ 379	10	20 JUL	03AGO	14 DIAS
BCAÇ 380	25	20 JUL	01 AGO	12 DIAS
BCAV 399	6	20 JUL	11 AGO	22 DIAS
BART 400	4	20 JUL	07 AGO	18 DIAS
BCAV 437	13	20 JUL	20 AGO	31 DIAS
BCAÇ 442	14	20 JUL	05 AGO	16 DIAS.

Imposição das Insígnias Comando

No final do curso e após o período de instrução operacional, em que foram realizadas as operações “BOINA VERMELHA I, II, III, IV”, teve lugar em 25 de Setembro de 1963, a cerimónia de imposição das insígnias “Comando”, ao pessoal instruindo que terminou o curso com aproveitamento.

Esta cerimónia teve lugar em formatura geral da Unidade, sendo presidida pelo Comandante da RMA, General Reverendo da Conceição.



*General José Eduardo
Reverendo da Conceição*
COMANDANTE DA RMA
DE 10JUL63 A JAN65

Transcrição da Ordem de Trabalhos Relativa à Cerimónia:

**"CENTRO DE INSTRUÇÃO 16
ORDEM DE TRABALHOS**

ASSUNTO: CERIMÓNIA DE IMPOSIÇÃO DAS INSÍGNIAS COMANDO

1. DATA (A CONFIRMAR) - 251030SET63

2. UNIFORME

- Boina
- Camuflado o mais novo e lavado possível
- Camisa por baixo do dolman
- Bota com polaina e meias por fora

3. EMBLEMAS

- O da boina será distribuído previamente e colocado na boina antes da formatura.
- O do peito será colocado durante a cerimónia.

4. OUTRAS INDICAÇÕES

A serem dadas em reunião dos Comandantes dos Grupos.

Quartel em Angola, 23 de Setembro de 1963

O COMANDANTE,

António A. Antunes de Sá
MAJ.INF."

Transcrição da alocução proferida na cerimónia⁸⁸

“...Brilha no teu peito a insígnia de “COMANDO” e ressoa na tua alma o significado da divisa que te inspira.

Pesa nos teus ombros e avoluma-se na tua consciência, a responsabilidade da Honra e da Glória de merece-las.

Tu que agora te distinguíram, haverás que distinguir-te na guerra que travamos com a generosidade da tua juventude e a audácia que a fê nos destinos do País, nos oriente. Ser COMANDO é ser além!

E ser além é sê-lo além de ti próprio, é saber seguir um ideal porque se luta é vencer a cada passo o comodismo de uma rotina ou o marasmo de um abandono.

Se lutares por imperativo da tua própria consciência!

Se venceres, com a força e a convicção da tua fê!

Tu serás então coerente contigo mesmo e com o título que conquistaste!

E em lutando e em vencendo – por riscos sem par e sacrifícios sem conta – saberás ser digno dos muitos que tombaram, para que pudesses ter uma Pátria e seres Herdeiro de uma História!

MERECE-OS.

(Alocução proferida na cerimónia da imposição das insígnias aos instruendos do CI-16 em 25-9-963)...”



Formatura dos Grupos no CI – Imposição de Crachás
(Fotografia cedida pelo Furriel Pais)

⁸⁸ Proferida pelo Comandante do CI-16, Major de Infantaria António Adelino Antunes de Sá

CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE “COMANDOS”

GRUPO DE COMANDOS “OS SEM PAVOR”/BCAÇ Nº.379⁸⁹

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil Inf, Eduardo Ribeiro da Silva

Sargentos

- Fur Mil SAM "Cmd", Duarte Ferreira Fernandes da Fonseca
- Fur Mil Inf "Cmd", João Figueira Peres
- Fur Mil Inf "Cmd", Hélder Dinis Almeida Neves



Emblema
de braço

Praças

- 1º Cabo "Cmd" 735/62, Henrique Gomes dos Santos
- 1º Cabo "Cmd" 1001/62, José António Coelho
- 1º Cabo "Cmd" 1093/62, José Maria da Anunciação
- 1º Cabo "Cmd" 1066/62, Silvério Joaquim Pinto da Silva
- 1º Cabo "Cmd" 862/62, José Alves
- 1º Cabo "Cmd" 115/62, André Manuel Guiomar Vaz
- Soldado "Cmd" 910/62, Francisco C. Agostinho
- Soldado "Cmd" 933/62, Sérgio Lopes
- Soldado "Cmd" 942/62, Fernando da Silva Rocha
- Soldado "Cmd" 950/62, Armando Cardoso Alves
- Soldado "Cmd" 965/62, António Lopes
- Soldado "Cmd" 981/62, Manuel Lopes Gonçalves
- Soldado "Cmd" 990/62, José Nunes Marvão
- Soldado "Cmd" 1015/62, Manuel Jacinto Monteiro
- Soldado "Cmd" 1224/62, José Pereira das Neves
- Soldado "Cmd" 1457/62, João do Patrocínio Vinagre
- Soldado "Cmd" 1033/62, Augusto da Assunção Barrinha
- Soldado "Cmd" 1088/62, Mário de Sousa Rodrigues

⁸⁹ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria Luís dos Santos Pinto

- Soldado "Cmd" 1091/62, Pedro de Matos
- Soldado "Cmd" 1105/62, Luís Francisco Rodrigues
- Soldado "Cmd" 1115/62, José Augusto Fernandes
- Soldado "Cmd" 1123/62, José da Costa Pires
- Soldado "Cmd" 738/62, Rogério José B. de Almeida
- Soldado "Cmd" 781/62, José do Nascimento Lopes
- Soldado "Cmd" 897/62, Joaquim Machado Marques
- Soldado "Cmd" 1003/62, José Pereira Vaz
- Soldado "Cmd" 1014/62, José Guerreiro Lopes
- Soldado "Cmd" 816/62, José F. Guerreiro da Horta

Observações

Pertenceram também a este Grupo de Comandos:

- 2º Sargento Mil de Inf, José Paulo dos Santos, Gr CMDS “VAMPIROS”
- 1º Cabo RD, Manuel Francisco Pires Júnior, Gr CMDS “FANTASMAS”

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS "DESTEMIDOS"/BCAÇ Nº.380⁹⁰**Constituição do Grupo****Comandante:**

- Alf Mil Inf "Cmd", Martiniano Eduardo Pereira Quezada



Emblema
de braço

Sargentos

- Fur Mil Inf "Cmd", António Virgínio Blayer Soares
- Fur Mil Inf "Cmd", Fernando Afonso Martins Guerreiro
- Fur Mil Inf "Cmd", Jorge Pinho Mateiro
- Fur Mil Inf "Cmd", Sezinando Gomes Martins

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 1003/62, Alberto Ferreira Neno
- 1º Cabo "Cmd" 628/62, Eduardo Maria Lopes
- 1º Cabo "Cmd" 954/62, Hermengardo Borges
- 1º Cabo "Cmd" 681/62, Cristóvão Bem Gonçalves
- 1º Cabo "Cmd" 482/62, Hélder Correia da Silva Tavares
- 1º Cabo "Cmd" 297/62, Alvarinho Pereira
- 1º Cabo "Cmd" 198/62, Joaquim Rocha Santos Loureiro
- 1º Cabo "Cmd" 479/62, Manuel Adélio G. Correia
- 1º Cabo "Cmd" 953/62, Adérito Maria Rodrigues Frade
- 1º Cabo "Cmd" 186/82, Manuel dos Santos Teixeira
- 1º Cabo "Cmd" 467/62, Joaquim Barreira Marques
- Soldado "Cmd" 285/62, José Caneiras Jorge
- Soldado "Cmd" 3257/62, Manuel Daniel Duro
- Soldado "Cmd" 1517/62, Joaquim Queiroz de Freitas
- Soldado "Cmd" 1412/62, Celso Pereira
- Soldado "Cmd" 1388/62, Joaquim Caetano Lourenço
- Soldado "Cmd" 391/62, José Eduardo Madeira Pacheco
- Soldado "Cmd" 259/62, Luís Mendes Furtado Gaspar
- Soldado "Cmd" 469/62, António Oliveira Sousa

⁹⁰ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria Mário Garcia da Silva

- Soldado "Cmd" 250/62, Manuel Fernandes Mendes
- Soldado "Cmd" 197/62, António Daniel Formosinho
- Soldado "Cmd" 650/62, Frederico Cerdeira Romão
- Soldado "Cmd" 1340/62, Domingos Sala Alves
- Soldado "Cmd" 3203/62, Domingos Lopes Tecelão
- Soldado "Cmd" 408/62, José Teixeira Barbosa
- Soldado "Cmd" 234/62, José de Sousa Brasil
- Soldado "Cmd" 237/62, Jorge Tito Spínola
- Soldado "Cmd" 449/62, João Luís da Costa
- Soldado "Cmd" 305/62, António da Silva Andrade
- Soldado "Cmd" 1914/62, Joaquim Carlos Freitas

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS "TIGRES"/ BCAV 399⁹¹

Constituição do Grupo:

Comandante:

- Alf Mil Cav "Cmd", Júlio Damas Paiva

Sargentos:

- Fur Mil Cav "Cmd", João Francisco Moleiro Rebocho
- Fur Mil Cav "Cmd", Simão Gonçalves Abrantes
- Fur Mil Cav "Cmd", Samuel de Jesus Silveira Couto
- Fur Mil Cavv, Manuel José Magno

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 449/62, Virgílio da Conceição Domingos
- 1º Cabo "Cmd" 481/62, António Marques Branco
- 1º Cabo "Cmd" 836/62, Alfredo Esteves Batista
- 1º Cabo 645/62, José António Freitas Bárbara
- Soldado "Cmd" 903/62, António Francisco Lopes
- Soldado "Cmd" 913/62, Manuel Laurindo Coelho
- Soldado "Cmd" 515/62, António Maria Alves
- Soldado "Cmd" 692/62, Joaquim Henrique Mestre Gonçalves
- Soldado "Cmd" 580/62, João Sampaio Pereira Lopes
- Soldado "Cmd" 660/62, José de Jesus Marreiros
- Soldado "Cmd"v 661/62, António da Luz Viana
- Soldado "Cmd" 446/62, Manuel Gomes dos Santos
- Soldado "Cmd" 459/62, Manuel Joaquim de S. Sampaio
- Soldado "Cmd" 485/62, Manuel João Balixa Urbano
- Soldado "Cmd" 630/62, José Manuel Soares Veiguinha
- Soldado "Cmd" 687/62, Joaquim António Guarda
- Soldado "Cmd" 889/62, Manuel António Mestre Horta
- Soldado "Cmd" 901/62, Manuel Dias Rosa Gonçalves
- Soldado "Cmd" 505/62, António Fernandes Carvalho Rainho
- Soldado "Cmd" 511/62, João António Lindeza Cochilha



B.CAV.399

Emblema
de braço

⁹¹ Comandante Tenente-Coronel de Cavalaria Joaquim dos Santos Alves Pereira

- Soldado "Cmd" 529/62, José Maria Cebola
- Soldado "Cmd" 564/62, Manuel dos Santos
- Soldado "Cmd" 442/62, Aurélio da Silva Salgueirão
- Soldado "Cmd" 1386/62, Josué Custódio Oliveira Bravo
- Soldado "Cmd" 839/62, Orlindo dos Santos Salvador
- Soldado "Cmd" 638/62, Manuel José Alexandre
- Soldado "Cmd" 625/62, João Rosa dos Santos
- Soldado "Cmd" 510/62, Altino José Avó Cochicho

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS "OS GATOS"/BCAÇ Nº.400⁹²

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil Art "Cmd", Horácio Francisco Martins Valente

Sargentos:

- Fur Mil Art "Cmd", Manuel Carvalho Ventura
- Fur Mil Art "Cmd", António Pais
- Fur Mil Art "Cmd", Mário António Martins Casaca
- Fur Mil Art, Rui Martins da Cunha



Emblema de braço

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 224/62, Manuel Joaquim Pires da Silva
- 1º Cabo "Cmd" 311/62, José Correia Soares
- 1º Cabo "Cmd" 317/62, Maurício Logrado Calva
- 1º Cabo "Cmd" 338/62, Alfredo Maria Gomes
- 1º Cabo "Cmd" 340/62, Francisco Pinto Nunes
- 1º Cabo "Cmd" 362/62, Inácio da Purificação da Cunha Aires
- 1º Cabo "Cmd" 526/62, Alcides da Costa Fontainhas
- 1º Cabo "Cmd" 562/62, Fernando da Silva Rocha
- 1º Cabo "Cmd" 685/62, Adelino Farinha Maurício
- 1º Cabo "Cmd" 1247/62, João de Jesus Ramos
- 1º Cabo "Cmd" 13/63/A, José Manuel Rodrigues
- Soldado "Cmd" 231/62, José Andrade Fernandes Duro
- Soldado "Cmd" 25662, Manuel Carvalho
- Soldado "Cmd" 286/62, Jaime da Graça Almeida
- Soldado "Cmd" 289/62, Manuel Augusto Romão Amieiro
- Soldado "Cmd" 328/62, Arménio da Silva Filipe
- Soldado "Cmd" 353/62, Deodato Piteira Gomes
- Soldado "Cmd" 383/62, Carlos Valdemar Mesquita
- Soldado "Cmd" 427/62, Manuel Antunes da Silva

⁹² Comandante Tenente-Coronel de Artilharia Alberto Ferreira Freitas Costa

- Soldado "Cmd" 428/62, José Meireles Pacheco
- Soldado "Cmd" 445/62, Leandro Vicente Manteigas Júnior
- Soldado "Cmd" 447/62, José Maria Farroba
- Soldado "Cmd" 453/62, António Justino Baltazar
- Soldado "Cmd" 463/62, Humberto da Silva Tavares
- Soldado "Cmd" 487/62, José Joaquim dos Santos
- Soldado "Cmd" 514/62, Manuel António Madaleno
- Soldado "Cmd" 622/62, António Almeida Lopes
- Soldado "Cmd" 625/62, João da Silva Batista
- Soldado "Cmd" 638/62, António Rodrigues Moreira
- Soldado "Cmd" 348/62, José Pires Madruga⁹³

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

⁹³ Consta na Relação do CI 16



Graduados do Grupo Comandos "os Gatos"
Da Esquerda p/ a Direita: Fur. Casaca, Fur. Pais,
Alf. Valente, Fur. Cunha, Fur. Ventura
(Fotografia cedida pelo Furriel Cunha)



Grupo "Os Gatos"
(Fotografia cedida pelo Furriel Cunha)

GRUPO DE COMANDOS “ESCORPIÕES” / BCAF 437⁹⁴

Constituição do Grupo:

Comandante:

- Alf Mil Cav "Cmd", Manuel Lontro Bogalho

Sargentos:

- Fur Mil Cav "Cmd", Albano António Vicente dos Santos
- Fur Mil Cav "Cmd" José Manuel Baptista Carreira
- Fur Mil Cav "Cmd" José Augusto Pereira
- Fur Mil Cav "Cmd" Luís Antunes Lopes

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 935/62, Albertino de Sousa Ribeiro Ferreira
- 1º Cabo "Cmd" 941/62, Paulo Nelson Guerreiro Martins
- 1º Cabo "Cmd" 946/62, António Simões Birrento
- 1º Cabo "Cmd" 1678/62, Victor Gamanho
- 1º Cabo "Cmd" 2040/62, António Joaquim Mota Gordo
- 1º Cabo "Cmd" 936/62, António da Silva Rosa
- 1º Cabo "Cmd" 944/62, José Victorino Branco dos Santos
- 1º Cabo "Cmd" 1178/62, Aires Fernandes Barros
- 1º Cabo "Cmd" 1299/62, Emílio Ricardo Alves Lima
- 1º Cabo "Cmd" 43 /63 AB, José António Cavalheiro Ferreira
- 1º Cabo "Cmd" 1191/63 AB – Eduardo da Piedade Maurício
- 1º Cabo "Cmd" 14 /63 AB, Armindo Ferreira Carneiro
- 1º Cabo "Cmd" 1080//62 AB, Júlio Soares Leiria
- Soldado "Cmd" 1578/62, Joaquim Ribeiro
- Soldado "Cmd" 1580/62, António José Casimiro Fonseca
- Soldado "Cmd" 1583/62, Ernesto Cerqueira Neves
- Soldado "Cmd" 1598/62, Agostinho Vieira Ferreira
- Soldado "Cmd" 1581/62, Álvaro de Oliveira Carvalho
- Soldado "Cmd" 1582/62, Manuel António Carlito
- Soldado "Cmd" 1597/62, José de Almeida Martins



B Caç 437

Emblema
de braço

⁹⁴ Comandante Tenente-Coronel de Cavalaria António Prazeres Júlio

- Soldado "Cmd" 1223/63 AB, Manuel Gomes dos Santos
- Soldado "Cmd" 1271/63, Alexandre de Magalhães Freitas
- Soldado "Cmd" 1429/63, Celso de Almeida Albuquerque
- Soldado "Cmd" 1355/63, José António dos Santos Zeferino
- Soldado "Cmd" 1206/62, Ricardo de Jesus
- Soldado "Cmd" 1170/62, José Pereira Domingos
- Soldado "Cmd" 1242/62, José Lopes Esteves
- Soldado "Cmd" 1123/62, Abílio Carapinha de Sousa
- Soldado "Cmd" 1213/62, Óscar de Sousa Barbosa
- Soldado "Cmd" 1233/62, Mário da Silva Costa
- Soldado "Cmd" 1249/62, José de Lemos Pereira
- Soldado "Cmd" 73/63 AB, Joaquim Tavares Delicado
- Soldado "Cmd" 1638/62, Hermano Rodrigues Marques

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “APACHES”/BCAÇ Nº.442⁹⁵

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil Inf "Cmd", José Zeferino Gonçalves Robalo

Sargentos:

- Fur Mil Inf "Cmd", António Jaques Afonso
- Fur Mil Inf "Cmd", Manuel António Marques Igreja
- Fur Mil Inf "Cmd", João Elvio Freitas Faria

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 2150/62, José Cardoso Manuel
- 1º Cabo "Cmd" 3047/62, Albino António Guimarães Pereira Garcez
- 1º Cabo "Cmd" 3068/62, Fernando Carvalho Tavares
- 1º Cabo "Cmd" 723/RD, Virgílio Luís Albuquerque
- 1º Cabo "Cmd" 2948/62, Dionísio dos Santos Frazão
- 1º Cabo "Cmd" 2439/62, José Manuel Caçarrão
- 1º Cabo "Cmd" 2371/62, António Pereira Martins Louro
- 1º Cabo "Cmd" 2413/62, João Luís das Neves Teixeira
- 1º Cabo "Cmd" 2216/62, José Maria Pedro
- 1º Cabo "Cmd" 2236/62, Daniel Costa
- 1º Cabo "Cmd" 2222/62, Ricardo Filipe Baeta Rodrigues
- 1º Cabo "Cmd" 2281/62, Bernardino Silva Rocha
- 1º Cabo "Cmd" 2297/62, Manuel Inácio Laranjinha Nunes
- 1º Cabo "Cmd" 2028/62, José Honorato da Mata
- Soldado "Cmd" 3118/62, Alfredo de Jesus dos Santos
- Soldado "Cmd" 3084/62 Francisco Fernando Novais
- Soldado "Cmd" 2513/62, José Orlindo da Silva Martins
- Soldado "Cmd" 2193/62, Júlio Pires Marques
- Soldado "Cmd" 2103/62, José Gonçalves
- Soldado "Cmd" 2097/62, José Ferreira Gomes



Emblema
de braço

⁹⁵ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria Joaquim Custódio da Costa Gouveia

- Soldado "Cmd" 2098/62, João Ribeiro Barata Gonçalves
- Soldado "Cmd" 2140/62, Manuel José Martins da Graça
- Soldado "Cmd" 2338/62, Salvador Rodrigo Rosário da Graça
- Soldado "Cmd" 2399/62, Alfredo José Leão Roneberg
- Soldado "Cmd" 2439/62, Hilário da Silva Mota
- Soldado "Cmd" 2404/62, José Ferreira Rodrigues Morgado
- Soldado "Cmd" 2394/62, António de Almeida Soeiro
- Soldado "Cmd" 2171/62, José Joaquim Morais
- Soldado "Cmd" 2412/62, José Azinheira Gerales



Guião do grupo "Apaches"
(Fotografia cedida pelo Alferes Robalo)

Ver reprodução a cores na página IX

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir



Graduados do Grupo "Apaches"

Da esq./dir.: Furriel Élvio, Alferes Robalo, Furriel Igreja e Furriel Afonso.
(Fotografia cedida pelo Alferes Robalo)

DA REGIÃO MILITAR DE MOÇAMBIQUE

Frequentaram ainda a instrução no CI-16, um grupo de militares da Região Militar de Moçambique, onde igualmente lhes foi atribuída a “insígnia” “Comando”.

Ser-lhes-á feita referência, na parte que concerne à Província de Moçambique.

- Cap Inf, Flávio Martins Videira
- Cap Inf, António Rosado Serrano
- Ten Inf, Rui Amândio Pereira Marcelino
- Alf Mil Cav, Fausto Lages Proença Garcia
- Alf Mil Inf, José António Marques Jacinto
- Fur Mil Inf, José Grangeio Fragoso
- Fur Mil Cav, António José Cadete da Silva
- Fur Mil Cav, José Maurício Teixeira
- Fur Mil Eng, António Fernandes Vasques
- Fur Mil Inf, João Pombo Rainha
- Fur Mil Inf, Jacinto António Rodrigues
- 1º Cabo RD Joaquim Afonso Moreira

Participaram na instrução como voluntários:

- Alf Mil Cav^a, Luís Filipe Mayer da Câmara Pina – RMA
- Fur Mil Eng, Victor Manuel de Carvalho Coimbra -RMA

Graduados a quem foi averbada a Especialidade “Comando”

Foi ainda averbada oficialmente a especialidade “Comando” aos graduados que integraram o corpo de instrução no CI-21 em Zemba.

Comandante:

- Maj Inf^a António Adelino Antunes de Sá

Instrutores:

- Cap Art^a, Gilberto Manuel Santos e Castro
- Cap Art^a, Júlio Faria Ribeiro de Oliveira
- Ten Mil Cav^a, Álvaro Manuel Alves Cardoso
- Alf Mil Art^a, José Guilherme D. Gomes de Freitas

Monitores:

- 2º Sarg, João Pedro Marques de Abreu
- Fur Mil, Henrique Dias de Sousa
- Fur Mil, João Manuel Brito Escabelado
- Fur Mil, Olivier de Matos Estevinha
- 1º Cabo Mil, Joaquim Salgueiro Eusébio

Pertencentes ao CI-21:

- Ten Mil Infª, João Vieira Pereira – Gr Cmds “Noqui”
- Ten Mil Infª, Jaime Rodolfo Abreu Cardoso – Gr. Cmds “Fantasmas”
- Ten Mil Med, António Resina Rodrigues
- 2º Sarg Mil, José António Rato Charrua – Gr. Cmds “Fantasmas”

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra – 1ª Classe

– 1º CABO DE INFANTARIA N.º 369/59 – MANUEL FRANCISCO PIRES JÚNIOR
CCaç 318/BCaç 317 - RI 2
GUINÉ

Transcrição da Portaria publicada na OE. N.º 12 – 3ª série, de 1965.

Por Portaria de 16 de Março de 1965

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorar com a Cruz de Guerra de 1ª classe, ao abrigo dos artigos 9º e 10º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné o 1º Cabo nº 369/59, Manuel Francisco Pires Júnior, da Companhia de Caçadores nº 317.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Por Portaria da mesma data publicada naquela OE)

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, adoptar, para todos os efeitos legais, o seguinte louvor conferido em Ordem de Serviço nº 105, de 30 de Dezembro de 1964, da Região Militar de Angola, ao 1º Cabo n.º 369/59, Manuel Francisco Pires Júnior, da Companhia de Caçadores 318/Batalhão de Caçadores 317, porque, no decorrer do ano de 1964, e em todas as funções que desempenhou, confirmou possuir extraordinárias qualidades de militar, quer em instrução, quer em operações.

Como monitor no Centro de Instrução de Comandos, de tal forma se houve, que foi escolhido para fazer parte de uma equipa de instrução de Comandos que da RMA marchou para o CTI da Guiné onde mais uma vez se comportou de modo a merecer os mais honrosos elogios.

Aos “Comandos” da Guiné transmitiu as suas especiais características de observação, argúcia, atenção e desembaraço, bem como a apropriada mentalização ao tipo de guerra em que nos encontramos empenhados.

Em operações, actuou sempre o 1º Cabo Pires Júnior de acordo com as proverbiais qualidades do Soldado Português, mostrando grande aptidão para o desempenho das funções de comandante de Secção, em combate. De destacar a sua acção aquando de um golpe de mão levado a efeito sobre um quartel In, na Guiné, em que, durante o assalto, e enquanto procedia ao lançamento de grana-

das de mão para cobrir o avanço dos seus companheiros de equipa, lhe rebentou uma granada na mão direita, decepando-lha.

Apesar deste acidente, procurou não chamar as atenções sobre si, a fim de não retardar o desenrolar do assalto e, mais tarde, ao serem-lhe ministrados os primeiros socorros, demonstrou a maior serenidade e autonomista. Nesta actuação revelou bem as suas já demonstradas qualidades de coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo, sangue frio e elevado moral que honram o militar em frente do inimigo.

Medalha de Mérito Militar – 2ª Classe

*Portario de 23 de Dezembro de 1963 do Ministro do Exército
(publicada na OE nº 2 - 2ª Série/ 1964):*

O Tenente Milº Médico, ANTÓNIO RESINA RODRIGUES, do BCaç 185, “porque, durante mais de dois anos que serviu ininterruptamente na Zona de Intervenção Norte de Angola, demonstrou ser um oficial distintíssimo, possuidor de qualidades morais e profissionais absolutamente de excepção. Como médico, realizou uma obra notável, não só na sua subunidade, pela dedicação, carinho e competência com que tratou os militares doentes, como no campo psicossocial, pelo espírito de sacrificio e atenção como tratou milhares de nativos na Região do Norte de Malange.

Como militar teve uma acção que pode ser considerada extraordinária e muito distinta, oferecendo-se para o Centro de Instrução de Comandos nº 21 no ano de 1962 onde acompanhou voluntariamente e inúmeras vezes os Grupos de Combate durante as suas acções contra o inimigo, demonstrando muita valentia, espírito de sacrificio e desejo de bem servir, vindo a ser escolhido novamente para o Centro de Instrução nº 16 em 1963.

Acompanhando sempre de perto os homens da sua Companhia em todas as acções levadas a cabo na ZIN, granjeou a admiração e estima tanto dos seus superiores como dos seus subordinados.

Possuindo além disso extraordinárias qualidades de nobreza de carácter, lealdade e bom senso, o Tenente Milº Médico RESINA RODRIGUES, pode ser considerado com toda a justiça, um oficial a todos os títulos, digno de ser apontado como exemplo de “Bem Servir”.

LOUVORES

Nada a referir



Tenente Mil Médico Antônio Resina Rodrigues

...DO RELATÓRIO PERIÓDICO Nº 29/QG/RMA DO PERÍODO DE 01 A 31 OUT63, CONSTA O SEGUINTE:

(...)

(f) – Centro de Instrução de “Comandos” (CI-16)

No dia 04Out63 terminou a instrução de “Comandos” no CI-16, tendo os 6 grupos que a frequentaram regressado às suas Unidades, depois de um curto período de repouso em Luanda.

Espera este Comando que com estes grupos se obtenham resultados pelo menos iguais aos dos grupos formados no CI 21 que justificaram completamente o esforço realizado na sua preparação.

- Os grupos de “Comandos” dos Batalhões pertencentes ao Sector A e ainda o grupo do BCav 399 participaram na operação “Gato Eriçado” realizada na região da mata Sanga, onde obtiveram resultados muito bons.
- De acordo com os respectivos Comandantes de Batalhão, atenta à obtenção de um maior rendimento operacional das tropas “Comandos”, o Comandante do Sector A, propôs manter os grupos pertencentes aos BCaç 380 e BArt 400, concentrados em Ambrizete, para constituírem uma força especializada de intervenção à ordem do Comandante de Sector.
- O Comando Territorial Independente da Guiné propôs, através do Comando Chefe das Forças Armadas de Angola, enviar à RMA a fim de receber instrução de “Comandos” um major, futuro Director do Centro de Instrução, 2 subalternos e 6 sargentos, correspondendo estes aos quadros de dois grupos de Comandos.

Em resposta a este pedido, o Comando da RMA informou que a instrução de “Comandos” é ministrada em centros construídos com carácter eventual, com pessoal instrutor escolhido nas Unidades e instalados em zonas onde existe a possibilidade de se conduzirem operações muito activas.

Desta forma, julgou este Comando que o pessoal da Guiné, apenas se dever deslocar a Angola, quando for posto em funcionamento um novo centro de instrução, visto que, somente o acompanhamento do curso se considera como sendo a melhor solução para se obter a finalidade desejada pelo CCFAA.

Como, porém, aquele Comando referiu ter grande urgência em criar e fazer funcionar um centro de Instrução na Guiné, este Comando informou poder ainda, aceitar-se como solução de recurso, sujeita a grandes inconvenientes, fazer estagiar o pessoal junto dos grupos de Comandos empenhados em áreas activas de luta contra o terrorismo.

Assim, foram presentes durante o período a que este relatório se refere, 2 alferes, 4 sargentos e duas praças nativas. Em virtude de necessidades de serviço, o Major indicado para futuro Comandante do Centro de Instrução da Guiné não pode acompanhar os elementos indicados, aguardando-se a sua apresentação na 1ª quinzena de Novembro. Depois de umas curtas sessões teóricas ministradas pelos instrutores do CI-16 neste QG, os oficiais, sargentos e as duas praças nativas foram mandadas participar na operação “Gato Eriçado” realizado na mata Sanga, após a qual continuaram em Ambrizete para seguirem a preparação, as condições de vida e de combate dos grupos ali concentrados à ordem do respectivo Comandante do Sector.

A solução adoptada parece não satisfazer porque se prevê que não se obtenha grande rendimento do estágio junto dos grupos de “Comandos”, dada a fraca graduação dos elementos enviados e a carência de um oficial de maior patente que os fosse orientar.

Por outro lado, estes elementos não têm nem preparação técnica nem preparação física para acompanharem os grupos de Comandos em acção, pelo que o seu estágio se resume a assistirem aos exercícios que os grupos de comandos quando em estacionamento e que são fundamentalmente orientados no sentido de manterem a sua capacidade física.

Em virtude do que acima se expõe julga-se nulo, ou muito reduzido, o resultado da permanência daqueles elementos da Guiné na RMA, vendo-se confirmada a opinião inicialmente expressa de só ter interesse a frequência de um curso num centro de instrução a exemplo do que foi feito pela RMM.

Tendo em atenção as exigências feitas aos grupos de “Comandos”, ao facto do aproveitamento só vir a ser conferido após actividade operacional com inimigo real, pela circunstância de lhes ter sido feito um conjunto de obrigações que excedem largamente as generalizadas às restantes tropas, vai ser proposto, superiormente, pelo Comando da RMA o uso de emblemas próprios pelo pessoal que tenha obtido aproveitamento nos cursos.

O Anexo 3D ao presente relatório, constitui a memória descritiva e os modelos dos referidos emblemas.

(...)

CÓPIA DA MEMÓRIA DESCRITIVA E EMBLEMAS DOS “COMANDOS”



1. DESCRIÇÃO

- Em metal esmaltado nas dimensões da figura.
- Campo negro orlado de vermelho, louros a ouro, alfange e capacete em branco. Listel em ouro com letras a negro.

2. USO

No peito sobre o bolso do lado esquerdo.



1. DESCRIÇÃO

- Em metal esmaltado nas dimensões da figura.
- Escudo em cores naturais. Punhal com bainha em ouro e punho negro orlado a ouro. Palma a ouro com folhas enervadas a verde.

2. USO

A utilizar na boina só quando houver Unidades de Comandos constituídas.

Ver reproduções a cores na página X



1. DESCRIÇÃO

- a. Em pano negro bordado a ouro ou a linha amarela vivo, nas dimensões da figura

2. USO

Sobre o ombro esquerdo pregado dois centímetros abaixo da costura da manga.

Transcrição da proposta do Comando do CI-16, ao Comando da RMA para atribuição das insígnias atrás descritas, que a submeteu a apreciação e despacho superior.

"Averbamento do Curso Comandos

Ao pretender fazer face à evolução dos processos de actuação do terrorismo inimigo, foi pensado dotar as tropas em operações na ZIN, de grupos de combate habilitados com uma mais cuidada e objectiva preparação e capazes de realizar acções de caça e de intervenção, cujas exigências escapassem às possibilidades médias da tropa normal.

Foram assim criados a título temporário e em regime experimental, Centros de Instrução de Comandos, que pudessem levar a cabo uma formação técnica e física indispensável de elementos seleccionados das Unidades em proveito das quais iriam posteriormente operar.

Os resultados obtidos com os Grupos de Combate formados – que receberam a designação de GRUPOS DE COMANDOS – foram de tal modo animadores e compensadores, que levaram a RMA a continuar a sua formação, embora os Centros de Instrução criados a título precário.

Aos grupos formados têm vindo a caber nas zonas onde actuam, a realização das mais difíceis missões, missões estas cuja dificuldade ou risco de execução, têm posto em prova a verdadeira capacidade de que são possuidores.

A instrução a que são sujeitos, além das características de dureza e virtuosismo que acompanham sempre a formação deste tipo de tropas, inclui para seu possível aproveitamento uma parte final de instrução operacional em zonas de intensa actividade inimiga, o que confere aos cursos realizados características de realidade, que os distinguem das demais especialidades. Quer por acções de indispensável emulação, quer ainda pelas naturais necessidades de distingui-los das restantes tropas – distinção inerente ao risco da actividade desenvolvida e grau de exigências postas – têm recebido os grupos a designação de “COMANDOS” (designação hoje generalizada e com prestígio conquistado) correspondendo-lhe o uso de distintivos cujos modelos se juntam em anexo à presente proposta. Tendo em atenção as exigências feitas aos grupos de combate, ao facto do aproveitamento só vir a ser conferido após actividade operacional com inimigo real, pela circunstância de se lhes ter sido posto um conjunto de obrigações que excedem largamente as generalizadas às restantes tropas, propõe-se:

- 1) Que seja considerado o “Curso de Comandos” ministrado na RMA, como especialidade a ser averbada nas folhas de matrícula do pessoal que tenha aproveitamento no curso.*
- 2) Que seja autorizado ao pessoal que obtenha aproveitamento nos cursos na RMA, o uso dos distintivos cujos modelos vão anexos a esta proposta, acompanhados da nota descritiva.*
- 3)*
- 4) Que seja autorizado o uso de boina de cor vermelho vinho, com fitas amarelo-ouro.”*

RESENHA DOS GRUPOS

GRUPO DE COMANDOS "OS SEM PAVOR" / BCAÇ Nº379 ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA I"	08SET63	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16: ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA II"	13SET63	ZONA DO RIO LOGE (REGIÃO DE N DO QUIOUON) E REGIÃO MUXIXE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16: ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA III"	16SET63	ZONA DO RIO LOGE E REGIÃO ENTRE OS RIOS LUEGE E LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16: ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA IV"	24SET63	ZONA DO RIO LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16: ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "PIRIQUITO ESPANHOL"	01 A 11NOV63	ZONA DE CACILHA (BATIDA)	
OP. "BOSSA NOVA"	20DEZ63	ZONA A NW DO ÚCUA - REGIÃO DO JUNGO (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "DESMANCHA PRAZERES"	08 A 10JAN64	ZONA DO RIO TEBA E MATA DA MICALA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "TIRA TEIMAS"	19 A 29JAN64	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO ENTRE OS RIOS ÚCUA – PANGO – CASSONECA – BARRACA E ZENZA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "APACHES"
ACÇÃO	23MAR A 02ABR64	ITINERÁRIO LUANDA –Nambuanguongo - ZALA (ESCOLTA)	ACTUOU COM O GR DE CMDS "APACHES"
OP. "GUERRA ALEGRE"	17 A 19ABR64	ZONA DE CAMBAMBA (GOLPE DE MÃO)	ACTUOU COM O GR CMDS "APACHES"
OP. "OPMZ"	08 A 13MAI64	ZONA DE MUCONDO – ZEMBA – COLUA - LIBERATO (BATIDA)	ESTA OPERAÇÃO DECORREU NOS SECTORES D, I E Q. ACTUOU COM O GR CMDS APACHES
OP. "AIUÉ 1"	06 A 08JUN64	ZONA DA BEIRA-BAIXA, REGIÃO DOS RIOS QUIFUSSE E ONZO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "APACHES"
OP. "DILUNDO GRANDE"	21 A 23JUN64	ZONA DO ÚCUA – REGIÃO DO VALE DO RIO DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "APACHES"
OP. "OUTRA VEZ"	18 A 24JUL64	ZONA ENTRE QUITEXE – ALDEIA VIÇOSA – RIOS LUQUENGUE, CALAMINGA, VAMBA, DANGE E SERRAS GOLOMBE-NAMINGA, CANANGA E UÍGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FANTASMAS II"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "SITTING BULL"	27 A 30SET64	ZONA ENTRE DEMBO E QUILUMBO (GOLPE DE MÃO)	ACTUOU COM O GR CMDS "SOMBRAS"
OP. "CAFÉ COM LEITE"	07 A 09NOV64	ZONA A SW DE MUXALUANDO, REGIÃO ENTRE CAIENGUE - MUXALUANDO - QUIMANOXE - RIO LIFUNE (GOLPE DE MÃO)	
OP. "CAÇA BUSCA 2" (2ª E 3ª FASE)	02 A 11JAN65	ZONA DO RIO FULEGE (BATIDA)	ACTUOU COM A 1ª CCMDS E O GRUPO DE CMDS "AUDAZES".
OP. "BOINA VERMELHA 2"	23 A 27JAN65	ZONA ENTRE OS RIOS CANGUE- GE, ZENZA E CUILO (BATIDA)	ACTUOU COM A 1ª CCMDS
OP. "ARARA VERDE"	07 A 11FEV65	ZONA DO RIO CAIFUNDO (BATIDA)	ACTUOU COM A 1ª CCMDS

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra - 3ª Classe

- ALFERES MILICIANO DE INFANTARIA - EDUARDO RIBEIRO DA SILVA
CCac 426/BCac 379 - RI 16
ANGOLA

Transcrição da Portaria publicada na O.E. N.º 1 - 2.ª série, de 1965.

Por Portaria de 03 de Novembro de 1964:

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola, o Alferes Miliciano de Infantaria, Eduardo Ribeiro da Silva, da Companhia de Caçadores n.º 426, do Grupo de Comandos do Batalhão de Caçadores n.º 379 - Regimento de Infantaria 16.

Transcrição do louvor que originou a condecoração. (Publicado na OS n.º 72, de 04 de Setembro de 1964, do QG/RMA):

Que por despacho de 28Ago64, louvou o Alferes Miliciano de Infantaria, Eduardo Ribeiro da Silva, da CCac 426/BCac 379, porque tem vindo a exercer de forma meritória e eficiente, em cerca de 8 meses de actividade operacional, quase ininterrupta, o Comando do GrCmd/BCac 379, da reserva da RMA.

Oficial brioso, dotado de boas qualidades de comando, de muita iniciativa e desembaraço, audacioso, abnegado, disciplinado, cultivando o gosto pela responsabilidade, o Alferes Ribeiro da Silva tem sabido incutir e manter um elevado espírito ofensivo e de agressividade, no seu GrCmd, que nele deposita total confiança e segue sem hesitações, encarando com galhardia e naturalidade, já tradicionais, todas as missões que superiormente lhe têm sido confiadas, que estuda cuidadosamente e executa com magnífico espírito de missão.

Em combate, o Alferes Ribeiro da Silva tem demonstrado sempre muita coragem, decisão, sangue frio e serena energia debaixo de fogo, afirmando-se como um chefe excepcionalmente dotado para a contra-guerrilha, sendo de salientar a sua actuação nas Op “Bossa Nova”, “Guerra Alegre” e “Desmancha Prazeres”, que mereceu os melhores louvores dos Comandos respectivos.

Em todas as suas atitudes manifesta ainda o Alferes Ribeiro da Silva a maior modéstia, simplicidade, franqueza, lhaneza de trato e devoção no cumprimento dos seus deveres.

Por tudo, é o Alferes Ribeiro da Silva Justamente considerado um valioso oficial com notável aptidão para a chefia em combate, que honra a sua Arma e prestigia o Exército ao qual já prestou serviços muito importantes e dignos do maior realce.

LOUVORES

Do General Comandante da RMA (Despacho de 03Fev64)

- Soldado 961/62, Manuel Lopes Gonçalves
 - Soldado 1123/62, José da Costa Pires
- (O.S. nº13 de 12Fev64/Comd RMA)

Do General Comandante da RMA (Despacho de 13Out64)

- Soldado nº 897/62, Joaquim Machado Marques
- (O.S.do CIC nº 38 de 15Fev65)

Do Comandante do Centro de Instrução de Comandos

- Soldado nº 1033/62, Augusto da Assunção Parrinha
- Soldado nº 781/ 62, José do Nascimento Lopes
(O.S. nº 66 de 19Mar65)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

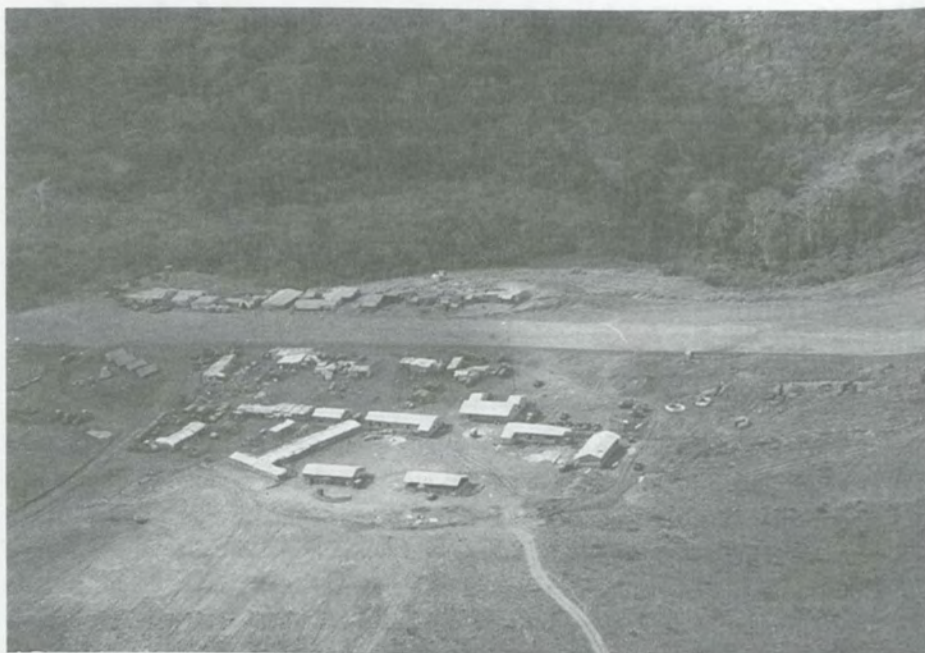
"Por seu despacho de 18Ago64, o Grupo de Comandos do BCaÇ 379 "OS SEM PAVOR" pela forma distinta como vêm cumprido todas as missões de que têm sido incumbidos, na qualidade de Unidade pertencente à Reserva da RMA, em cerca de 8 meses de actividade operacional quase ininterrupta.

Constituído por elementos de inegável audácia e valentia, possuindo em elevado grau um espírito de grupo em que a actuação individual é julgada em benefício do conjunto, alcançou já o Grupo de Comandos um nível de eficiência e experiência que justamente o credita como uma magnífica Unidade de contra-guerrilha.

Têm-lhe sido confiadas missões das mais difíceis, e sempre se tem havido de forma meritória, entregando-se galharda e devotamente ao seu cumprimento demonstrando um esplêndido espírito ofensivo e de agressividade, sendo de realçar o seu comportamento nas Op. "Bossa Nova", "Desmancha-Prazeres" e "Guerra Alegre", que mereceu os maiores louvores dos respectivos Comandos.

Muito há ainda a esperar da actividade operacional deste Grupo de Comandos, cujas qualidades de intrepidez, bravura, audácia e desprezo pelo perigo, reveladas pelos seus componentes, justificam a divisa que orgulhosamente e justamente ostentam: OS SEM PAVOR."

(O.S. nº 74 de 11Set64 do Comando da RMA)



Panorâmica do Aquartelamento de Zalala
(Fotografia cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)

GRUPO DE COMANDOS "DESTEMIDOS" / BCAÇ Nº380

ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA I"	08SET63	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS OS "SEM PAVOR", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA II"	13SET63	ZONA DO RIO LOGE (REGIÃO DE QUIOUON) E REGIÃO MUXIXE. (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS OS "SEM PAVOR", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA III"	16SET63	ZONA DO RIO LOGE E REGIÃO ENTRE OS RIOS LUEGE E LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS OS "SEM PAVOR", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA IV"	24SET63	ZONA DO RIO LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS OS "SEM PAVOR", "OS GATOS", "ESCORPIÕES", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "GATO ERIÇADO"	20 A 25OUT63	ZONA ENTRE AS MATAS SANGA E CONQUELO E OS RIOS M'BRIDGE E QUIDILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "OS "GATOS" E "TIGRES"
ACÇÃO	27 A 29OUT63	MATA SANGA (BATIDA E EMBOSCADA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "OS "GATOS" E "TIGRES"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BUSCA RÁPIDA"	04 A 08NOV63	ZONA DO RIO LUÉ GRANDE (BATIDA)	
DIRECTIVA DE OP. Nº 13	13 A 16NOV63	ZONA DO RIO M'BRIDGE (BATIDA)	
OP. "VAI TUDO"	23 A 29NOV63	ZONA A NE DE MUCULA (BATIDA)	
DIRECTIVA DE OP. Nº 18	26 A 29NOV63	ZONA ENTRE OS RIOS LUÉ GRANDE E LUCUNGA (BATIDA)	EXECUTADA NO ÂMBITO DA OP. "VAI TUDO", DO BCAÇ 380.
OP. "DOS COMANDOS"	30NOV63	ZONA A NE DE MUCULA (BATIDA)	
DIRECTIVA DE OP. Nº 19	14 A 20DEZ63	ZONA DO RIO LUCUNGA (BATIDA)	
DIRECTIVA DE OP. Nº 23	03 A 04JAN64	ZONA ENTRE TAGE-EVANGE E O RIO M'BRIDGE (BATIDA)	
OP. "VAMOS A ELES"	09 A 11JAN64	ZONA ENTRE A MATA SANGA E O RIO SEMBO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS GATOS"
OP. "CARNAVAL COM OS GATOS"	11 A 18FEV64	ZONA ENTRE A MATA SANGA E OS VALES DOS RIOS DIADIA E LUAIA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS GATOS"
OP. "DESPEDIDA DOS GATOS"	02 A 12MAR64	ZONA DA MATA SANGA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS GATOS"
OP. "COMANDOS"	18 A 19ABR64	ZONA ENTRE O RIO ONDE E AS NASCENTES DO RIO PAMPA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS GATOS"
OP. "LEOPARDO NA SANGA"	06 A 10MAI64	ZONA A NE DA MATA SANGA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS GATOS"

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. N° 12	12 A 14MAI64	ZONA DO RIO LUCUNGA (REGIÃO ENTRE A PICADA DO ENGENHEIRO E A ESTRADA CASA DA TELHA – MUCULA) (BATIDA)	
OP. "CAÇA E BUSCA	19MAI A 05JUN64	ZONA DE NÓQUI E REGIÃO DE CAI – MATOMBE (BATIDA E EMBOSCADA)	ESTA OPERAÇÃO DECORREU SIMULTANEAMENTE NOS SECTORES A, B1 E F. ACTUOU COM OS GR CMDS "GATOS", "LEOPARDOS", "SOM-BRÁS", "FANTASMAS II", "AUDAZÉS" E "RELÂMPAGOS"
DIRECTIVA DE OP. N° 44	18 A 20JUL64	ZONA DO RIO FUACUMBI E GOMGUE DELTA (BATIDA)	
OP. "PRATA DA CASA"	28 A 31JUL64	ZONA ENTRE OS RIOS M'POZO, LUFICO E LUÉ GRANDE (BATIDA)	ACTUOU COM O G. CMDS "OS GATOS"
ACÇÃO	07 A 09AGO64	ZONA DO RIO NUEZO, ENTRE A ESTRADA AMBRIZ – LUANDA E PICADA AMBRIZ – TABI (BATIDA)	
OP. "PELICANO PRIMEIRO"	15 A 23AGO64	ZONA DA MATA SANGA – MONTES VUCUSSOS – BESSA MONTEIRO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "AUDAZES", "SOMBRAS", "LEOPARDOS" E "OS GATOS". NESTA OPERAÇÃO FOI FEITO ATÉ À DATA, O MAIOR EMPREGO DE FORÇAS HELITRANSPORTADAS NA RMA

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. N° 17	04 A 06SET64	ZONA ENTRE OS RIOS LUÉ GRANDE E FUCUMBI (BATIDA)	
OP. N° 18	12 A 14SET64	ZONA ENTRE A ESTRADA BENZO-QUELO, PICADA VOMBO – RIO CASSINDE E ESTRADA BENZA-QUELO (BATIDA)	
DIRECTIVA DE OP. N° 54	22 A 23SET64	ZONA ENTRE OS RIOS LUÉ GRANDE E FUCUMBI (BATIDA)	
ACÇÃO	29SET64	ZONA DE QUINZAU, DESDE QUIZANZA ATÉ QUIMUANDA (RUSGA)	
OP. N° 19	05 A 09OUT64	ZONA DE MANGUE GRANDE – QUINZAU (BATIDA E EMBOSCADA)	
DIRECTIVA DE OP. N° 62	13 A 20OUT64	ZONA DE SAZAIRE (PATRULHAMENTO)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES**CONDECORAÇÕES**

Nada a referir

LOUVORES

Nada a referir

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

O Grupo de Comandos do BCaç 380, foi constituído em Jun/63, com pessoal pertencente à CCS do BCaç 380, CCaç 382 e CCaç 416 e enviado para frequentar o curso de Comandos no CI-16, a funcionar na Quibala-Norte-Angola.

No final do curso em Out/63, o grupo foi definitivamente formado por 1 Alferes, 4 Furriéis e 24 Praças e dividido em 6 equipas de 5 elementos cada, assim constituídas:

1ª Equipa: Alferes Martiniano Eduardo Pereira Quezada e 4 praças. 2ª Equipa: Furriel António Virgínio Blayer Soares e 4 praças. 3ª Equipa: Furriel Sezinando Gomes Martins e 4 praças. 4ª Equipa: Furriel Jorge de Pinho Mateiro e 4 praças. 5ª Equipa: Furriel Afonso Martins Guerreiro e 4 praças. 6ª Equipa: 1 1º Cabo Radiotelegrafista, 2 Soldados Condutores e 1 Soldado Maqueiro.

O grupo adoptou, ainda durante o curso, a designação de “Os Destemidos” e iniciou a sua actividade operacional em Out/63 em Ambrizete, onde com os “Gatos” do BArt 400, constituíam os Grupos de intervenção do Sector A, até fins de Julho de 1964, data em que foi novamente integrado no Batalhão 380, então sediado em Stº António do Zaire, sendo desfeito em Nov/64, altura em que a CCaç 382, terminada a sua comissão de serviço, regressou aos Açores, donde era originária.

Não se verificaram mortos ou feridos, durante a actividade operacional do grupo, tendo o mesmo participado em inúmeras operações nas zonas dos Sectores A - Ambrizete e F - S. Salvador (média de duas por mês) com especial relevo para as operações 1º e 2º Aniversários, realizadas na área de Bessa Monteiro.

Não foram apreendidas armas de guerra ao In, mas somente diversas armas gentílicas, 2 canhangulos e algumas granadas, bem como foram recuperadas cerca de 3 dezenas de elementos da população que apoiavam o In e destruídos diversos acampamentos nas zonas de Bessa Monteiro, Tomboco, Lufico, Zaire e S. Salvador.⁹⁶

⁹⁶ Testemunho do então Furriel António Virgínio Blayer Soares

GRUPO DE COMANDOS "TIGRES" / BCAF Nº399
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA I"	08SET63	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "APACHES"
OP. "BOINA VERMELHA II"	13SET63	ZONA DO RIO LOGE (REGIÃO DE QUIQUON) E REGIÃO DE MUXIXE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "APACHES"
OP. "BOINA VERMELHA III"	16SET63	ZONA DO RIO LOGE E REGIÃO ENTRE OS RIOS LUEGE E LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "APACHES"
OP. "BOINA VERMELHA IV"	24SET63	ZONA DO RIO LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI 16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "APACHES"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "GATO ERIÇADO"	20 A 25OUT63	ZONA ENTRE AS MATAS SANGA E CONQUELO E OS RIOS M'BRIDGE E QUIDILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS" E "OS GATOS"
ACÇÃO	27 A 29OUT63	MATA SANGA (BATIDA E EMBOSCADA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "OS GATOS" E "DESTEMIDOS"

CONDECORAÇÕES E LOUVORES**CONDECORAÇÕES**

Nada a referir

LOUVORES**Do Comandante da RMA**

– Fur Mil Cav, João Francisco Moleiro Rebocho
(OS nº 99 de 09Dez64 / Comd RMA)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “OS GATOS” / BART 400
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. “BOINA VERMELHA I”	08SET63	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS “OS SEM PAVOR”, “DESTEMIDOS”, “ESCORPIÕES”, “APACHES” E “TIGRES”
OP. “BOINA VERMELHA II”	13SET63	ZONA DO RIO LOGE (REGIÃO DE QUIUON) E REGIÃO DE MUXIXE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS “OS SEM PAVOR”, “DESTEMIDOS”, “ESCORPIÕES”, “APACHES” E “TIGRES”
OP. “BOINA VERMELHA III”	16SET63	ZONA DO RIO LOGE E REGIÃO ENTRE OS RIOS LUEGE E LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS “OS SEM PAVOR”, “DESTEMIDOS”, “ESCORPIÕES”, “APACHES” E “TIGRES”
OP. “BOINA VERMELHA IV”	24SET63	ZONA DO RIO LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS “OS SEM PAVOR”, “DESTEMIDOS”, “ESCORPIÕES”, “APACHES” E “TIGRES”

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "GATO ERIÇADO"	20 A 25OUT63	ZONA ENTRE AS MATAS SANGA E CONQUELO E RIOS M'BRIDGE E QUIDILO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS" E "TIGRES"
ACÇÃO	27 A 29OUT63	MATA SANGA (BATIDA E EMBOSCADA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS" E "TIGRES"
OP. "GATO ENCRESPADO"	25 A 28NOV63	ZONA DOS RIOS LUEGE E LOGE, A SUL DO "HOTEL QUIBALA" (BATIDA)	
OP. "VAMOS A ELES"	09 A 11JAN64	ZONA ENTRE A MATA SANGA E O RIO SEMBO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "DESTEMIDOS"
ACÇÃO	25JAN64	ZONA DA FOZ DO RIO SEMBO (GOLPE DE MÃO)	
OP. "CARNAVAL COM OS GATOS"	11 A 18FEV64	ZONA ENTRE A MATA SANGA E OS VALES DOS RIOS DIADIA E LUAIA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "DESTEMIDOS"
OP. "DESPEDIDA DOS GATOS"	02 A 12MAR64	ZONA DA MATA SANGA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "DESTEMIDOS"
ACÇÃO	27 A 28MAR64	ZONA DE QUIZONVE-ANDULO (GOLPE DE MÃO)	ESTA ACÇÃO FOI EXECUTADA NO ÂMBITO DA OP. "TERCEIRO ANO", QUE DECORREU NOS SECTORES A, B1, D, I E Q. NA OP. "TERCEIRO ANO" ACTUOU COM O GR CMDS "APACHES".

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "COMANDOS"	18 A 19ABR64	ZONA ENTRE O RIO ONDE E AS NASCENTES DO RIO PAMPA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR. CMDS "DESTEMIDOS"
OP. "LIMPEZA GERAL"	20 A 23ABR64	ZONA ENTRE OS RIOS LUÉGE, COCO E ESTRADA MANDIMBA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDOS NA SANGA"	06 A 10MAI64	ZONA A NE DA MATA SANGA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "DESTEMIDOS"
OP. "CAÇA E BUSCA"	19MAI A 05JUN64	ZONA DE NÓQUI E REGIÃO DE CAI - MATOMBE (BATIDA E EMBOSCADAS)	ESTA OPERAÇÃO DECORREU SIMULTÂNEAMENTE NOS SECTORES A, B1 E F. ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "LEOPARDOS", "SOMBRAS", "FANTASMAS II", "AUDAZES" E "RELÂMPAGOS"
OP. "PRATA DA CASA"	28 A 31JUL64	ZONA ENTRE OS RIOS M'POZO, LUFICO E LUÉ GRANDE (BATIDA)	ESTA OPERAÇÃO DECORREU SIMULTÂNEAMENTE NOS SECTORES A, B1 E F. ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "LEOPARDOS", "CENTURIÕES", "FANTASMAS II" E "AUDAZES"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	07 A 09AG064	ZONA DO VALE DO RIO HUEZO, ENTRE A ESTRADA AMBRIZ – LUANDA E A PICADA AMBRIZ – TABI (BATIDA)	
OP. “PELICANO PRIMEIRO”	15 A 23AG064	ZONA ENTRE A MATA SANGA – MONTES VUCUSSOS – BESSA MONTEIRO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “DESTEMIDOS”, “AUDAZES”, “SOMBRAS”, LEOPARDOS”. NESTA OPERAÇÃO FOI FEITO ATÉ À DATA O MAIOR EMPREGO DE FORÇAS HELITRANSPORTADAS NA RMA
ACÇÃO	06 A 09SET64	ZONA DE AMBRIZ, A NE DA FAZENDA HORTA DO MARQUES (BATIDA)	
OP. “SINRÉ”	12OUT64	ZONA DE SINRÉ – BENIFO (BATIDA)	EXECUTADA NO CTI DA GUINÉ E NA ZA DO BART 645
OP. “QUERÉ”	23OUT64	ZONA DE QUERÉ (BATIDA)	EXECUTADA NO CTI DA GUINÉ E NA ZA DO BART 645
OP. “CÂ QUEBO”	30OUT64	ZONA DE CÂ QUEBO (BATIDA)	EXECUTADA NO CTI DA GUINÉ E NA ZA DO BART 645
OP. “PUNIÇÃO”	07 A 09JAN65	ZONA DO VALE DO RIO M’POZO, ENTRE O FORNO DA CAL E A ESTRADA M’PALA – M’POZO (BATIDA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra – 2ª Classe

– ALFERES MILICIANO DE ARTILHARIA – HORÁCIO FRANCISCO MARTINS VALENTE

BArt 400 - RAL 1

ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 15 - 2.ª série, de 1965.

Por Portaria de 22 de Julho de 1965:

Condecorado com a Cruz de Guerra de 2ª classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate nas Províncias de Angola e da Guiné Portuguesa, o Alferes Miliciano de Artilharia, Horácio Francisco Martins Valente, do Grupo de Comandos do Batalhão de Artilharia n.º 400 - Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Despacho de 25 de Janeiro de 1965, do General Comandante da Região Militar de Angola, publicado na OS n.º 08, de 29 do mesmo mês e ano, do QG/RMA):

Louvo o Alferes Miliciano de Artilharia, Horácio Francisco Martins Valente, porque, no comando do Grupo de Comandos “Os Gatos” do BArt 400, em operações na ZIN, demonstrou possuir elevadas qualidades de senso e dinamismo, entusiasmo, ponderação, coragem e espírito de sacrifício que o cotaram como um subalterno de excepional categoria na condução dos seus homens em combate. Orientando o seu Grupo de Comandos por forma a, pelo exemplo, incutir nos seus componentes a noção do dever e uma inquebrantável vontade de cumprir, conseguiu formar um grupo, de tal modo eficiente, que foi escolhido pelo Comando da RMA para reforçar temporariamente o CTI da Guiné.

Encarregado de difíceis missões, com um conhecimento perfeito da técnica da contra-guerrilha, destacou-se em todas as acções em que tomou parte, sendo de assinalar a maneira como conduziu o seu grupo na operação “Gato Eriçado”, e nas operações em que actuou somente com o seu Grupo de Comandos, onde mais uma vez confirmou grande coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo e sangue frio, portando-se como um verdadeiro chefe.

Respeitando-o profundamente e seguindo-o sem hesitação, os seus subordinados são o reflexo das qualidades do Alferes Valente.

LOUVORES**Do General Comandante da RMA**

- Alf Mil Art, Horácio Francisco Martins Valente
(O.S. nº 39 de 13Mai64/Comd da RMA)
- Fur Mil Art, Mário António Martins Casaca
- Fur Mil Art, Manuel Carvalho Ventura
- Fur Mil Art, António Pais
- 1º Cabo Atirador 338/62, Alfredo Maria Gomes
- 1º Cabo Atirador 526/62, Alcides da Costa Fontainhas
- 1º Cabo Rádio Telegrafista 562/62, Fernando da Silva Rocha
- 1º Cabo Aux Enfermeiro 685/62, Adelino Farinha Maurício
- 1º Cabo Atirador 1247/62, João de Jesus Ramos
- Soldado Atirador 428/62, José Meireles Pacheco
- Soldado Atirador 463/62, Humberto da Silva Tavares
- Soldado Atirador 514/62, Manuel António Madaleno
(O.S. nº 22 de 19Mar65/ Comd da RMA)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL**Transcrição do Artº 3º da O.S. Nº 05 de 20Jan65 da R.M.A.**

Que, Sua Exª o General Comandante da Região, por seu despacho de 16JAN65, louvou:

Louvo o Grupo de Comandos da BArt nº 400, pela forma brilhante como tem desempenhado todas as funções de que tem sido incumbido.

Actuando em áreas das mais difíceis e contra objectivos dos mais arriscados, sempre se houveram os seus elementos com extraordinário brio, entusiasmo e espírito de sacrifício, aliados a grande competência técnica e valor para o combate, creditando o seu grupo como um esplêndido Grupo de Comandos com notável aptidão para a contra-guerrilha. Imbuídos de um acentuado espírito de corpo e possuídos na exacta mentalização para a guerra em que estamos empenhados, aceitaram estes Comandos, sem hesitação, o convite para actuar no CTI

da Guiné onde confirmaram mais uma vez as suas extraordinárias qualidades prestigiando a RMA e honrando as gloriosas tradições do Exército Português. A divisa de todos os Comandos, “AUDACES FORTUNA JUVAT”, é a qualificação precisa deste intrépido Grupo de Comandos e dá a medida certa do audaz comportamento em todas as situações dos militares que o integram, define o seu valor, o que honra sobremaneira os seus componentes a quem a Pátria muito fica devendo.

Referência ao grupo de Comandos do Bart 400, constante do anexo 3A, ao relatório N° 45 do QG/RMA de 01 a 28Fev65

Justo é ainda que aqui seja realçada a acção do seu Grupo de Comandos que, constituído por elementos na maior parte vindos da CArt 393, como o seu Comandante, terminou a sua preparação especial em 16 de Outubro de 1963. Empenhado, como regra, em missões para que estava particularmente habilitado, em áreas das mais difíceis e contra objectivos dos mais arriscados, distinguiu-se especialmente nas operações “Gato Eriçado”, “Gato Encrespado”, “Limpeza Geral”, “Carnaval com os Gatos”, “Caça e Busca” e “Pelicano Primeiro”, quer na área do seu Batalhão quer noutras, obtendo excelentes resultados, provocando numerosas baixas ao inimigo bem como apreensão de armamento e munições. Pelo valor demonstrado, foi escolhido pelo Comando da RMA para se deslocar a outra Província Ultramarina onde se manteve cerca de 3 meses a fim de ali serem experimentados normas de conduta em presença do inimigo, em condições de tempo e terreno diferentes daquelas a que estava habituado. Mais uma vez o Grupo de Comandos deu provas da excelente mentalização e bravura dos seus elementos, capturando material e provocando baixas. – Relatório do QG/RMA – n° 45 de 01 a 28 de Fevereiro de 1965.

GRUPO DE COMANDOS "ESCORPIÕES" / BCAF Nº437
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA I"	08SET63	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-6. ACTUOU COM OS GR CMDs "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA II"	13SET63	ZONA DO RIO LOGE (REGIÃO DE QUIOUON) E REGIÃO DE MUXIXE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDs "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA III"	16SET63	ZONA DO RIO LOGE E REGIÃO ENTRE OS RIOS LUEGE E LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDs "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "APACHES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA IV"	24SET63	ZONA DO RIO LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDs "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "APACHES" E "TIGRES"
ACÇÃO	22 A 24OUT63	ZONA DA FAZENDA QUITELENE (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	03NOV63	ZONA DE ZALA (PATRULHAMENTO)	
OP. "COMBINADO MUITOS"	07 A 08NOV63	ZONA ENTRE NUAMBUANGONGO E ZALA (ESCOLTA)	
ACÇÃO	23NOV63	ZONA DA FAZENDA QUITELENE (EMBOSCADA)	
OP. "NANI"	14DEZ63	ZONA DE QUINGINGA (BATIDA)	ATRAVÉS DO NOME DA OP., PRESTA-SE HOMENAGEM AO CAP. PILOTO-AVIADOR SANTOS QUE FALECEU EM LUANDA, VÍTIMA DE DESASTRE DE AVIAÇÃO
OP. "CAVALEIROS ALADOS"	16DEZ63	ZONA A W DE ZALA (REGIÃO DE QUIBUNDA) (PATRULHAMENTO)	
ACÇÃO	18DEZ63	ITINERÁRIO ENTRE O DEMBO E MUTACANGA (LEVANTAMENTO DE MINAS)	
OP. "DRAGÃO A VINGAR"	20DEZ63	ITINERÁRIO ENTRE ZALA -NUAMBUANGONGO (NO TROÇO DEMBO - MUTACANGA - FAZENDA MADUREIRA) (PATRULHAMENTO)	
OP. "ACERTAR CONTAS"	23DEZ63	ZONA DE ZALA (PATRULHAMENTO)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "FIO DE AZEITE"	29DEZ63	ITINERÁRIO ENTRE Nambuán-GONGO E ZALA (REGIÃO DA FAZENDA MADUREIRA) (GOLPE DE MÃO)	
OP. "GINETES AVANTE"	08 A 11JAN64	ZONA DE VILA PIMBA (BATIDA)	
OP. "VAMOS ANDANDO"	14JAN64 A 16JAN64	ITINERÁRIO ENTRE Nambuán-GONGO E ZALA (REGIÃO DA FAZENDA MADUREIRA) (PATRULHAMENTO)	
ACÇÃO	22JAN64	ITINERÁRIO ENTRE ZALA E VILA PIMBA (PATRULHAMENTO)	
ACÇÃO	24JAN64	ITINERÁRIO ENTRE ZALA E NAMBUANGONGO (REGIÃO DE QUI-GINGA) (PATRULHAMENTO)	
OP. "TAPA BURACOS"	26JAN64	ZONA ENTRE QUILUMBO E FAZENDA MADUREIRA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "BATATAS FRITAS"	05FEV64	ITINERÁRIOS ENTRE ZALA - GENERAL FREIRE (REGIÃO DEM- BO - QUILUMBO) (PATRULHAMENTO)	
OP. "AZUL E BRANCO"	10FEV64	ZONA DE ZALA (BATIDA)	
ACÇÃO	27FEV64	ZONA ENTRE ZALA E VILA PIMBA (ESCOLTA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	24 A 26FEV64	ZONA DE QUILUMBO (LEVANTAMENTO DE MINAS)	
ACÇÃO	01MAR64	ZONA DE QUILUMBO (LEVANTAMENTO DE MINAS)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES**CONDECORAÇÕES**

Nada a referir

LOUVORES**Do Comandante do Agrupamento nº 7**

- Fur Mil, Luís Antunes Lopes
- 1º Cabo 1705/62, Armindo Pereira Carneiro
- 1º Cabo 1299/62, Emílio Ricardo Alves Lima

Do Comandante do BCav 437

- Fur Mil, José Augusto Pereira
- 1º Cabo 2040/61, António Joaquim Mota Gordo
- 1º Cabo 936/62, António da Silva Rosa
- 1º Cabo 946/62, António Simões Birrento
- 1º Cabo 1178/62, Aires Ferreira Barbosa

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Nada a referir

DANTE - C.G.



PARIS MATCH

EM ANGOLA

Pela primeira vez a grande revista europeia «PARIS.MATCH» deslocou um enviado-especial a Angola. Aqui vemos o extraordinário repórter Dante Vacchi, com o general Deslandes



A entrevista
do General Venâncio Deslandes
a Dante Vacchi



Crachá (bordado em tecido) que foi adoptado no CI-21 em Zemba, não sendo totalmente coincidente com a descrição do Major-General Martins Marquilhas



Grupo de Comandos
"VAMPIROS" BCAÇ Nº 185
Emblema de braço



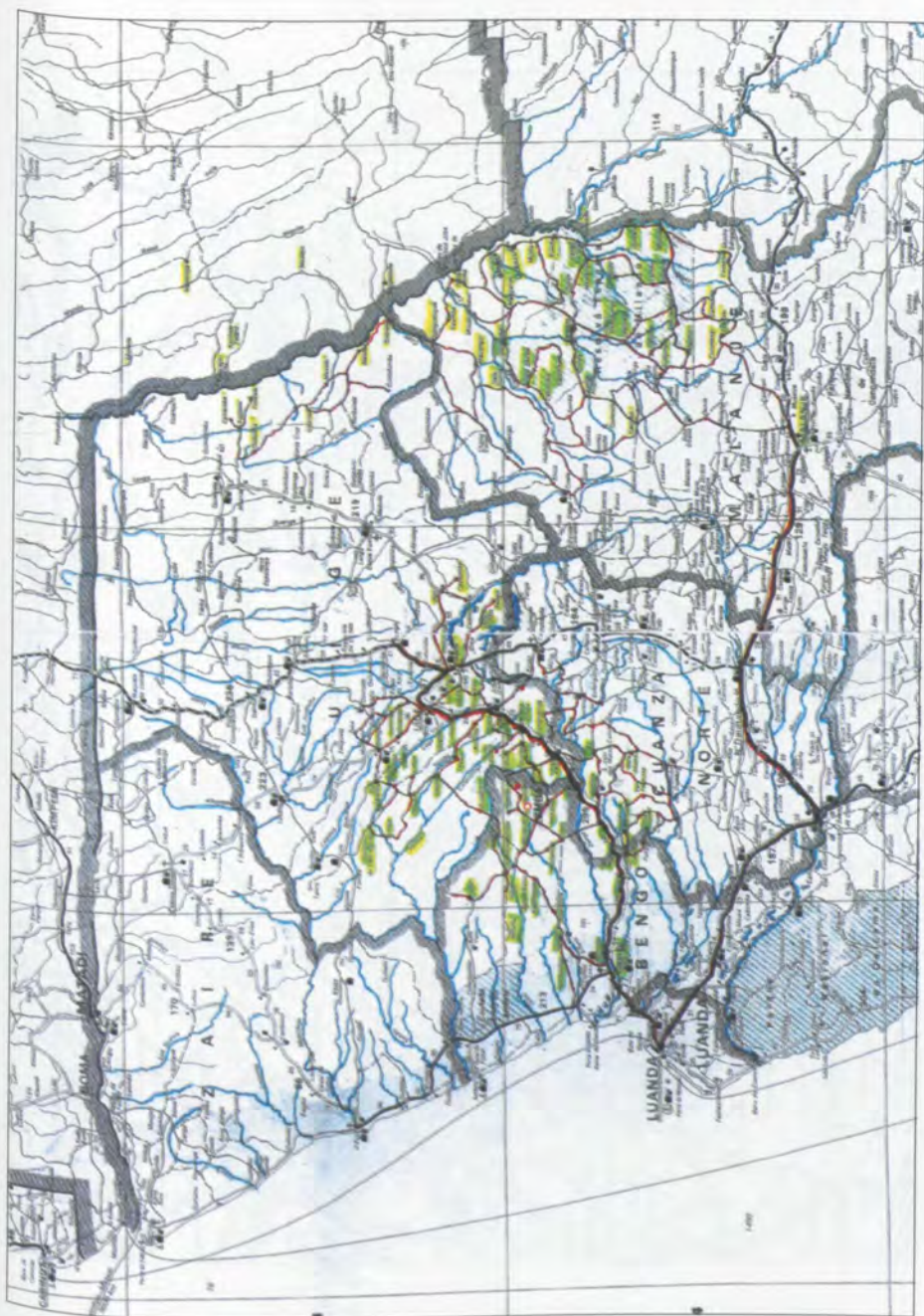
Grupo de Comandos
"AÇO" / BCAÇ Nº 186
Emblema de braço



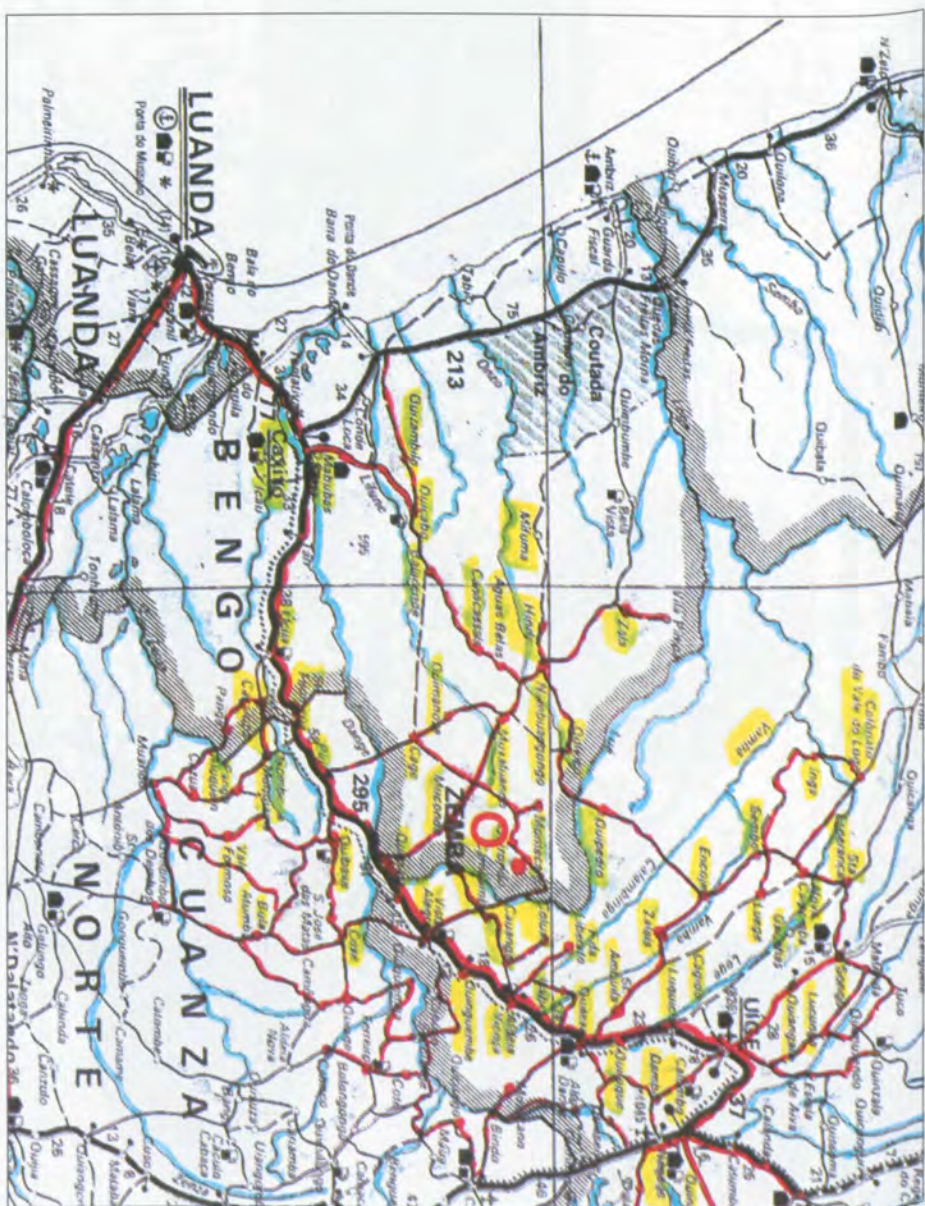
Grupo de Comandos
"FANTASMAS" / BCAÇ 317
Emblema de braço



Guião do BCAç 325,
tido como emblema de braço
dos "Falcões"



Carta do Norte de Angola (Cedida pelo Furiel Joaquim Ferro)



Localização relativa do Aquartelamento de Zemba



Carta da zona de Quibaxe
(Cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)



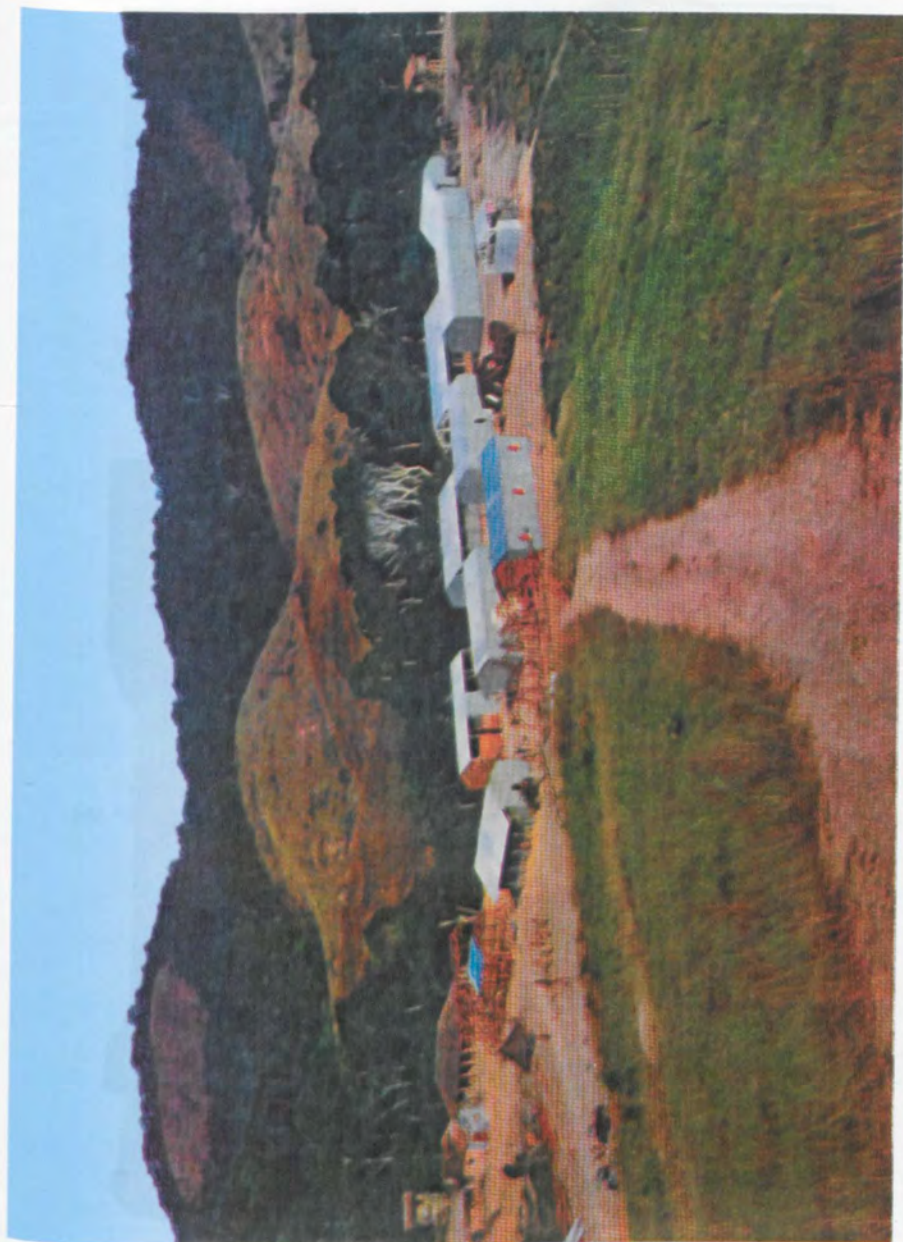
Carta da zona de Zembra – Rio Suege – Rio Dange
(Cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)



Carta da zona Nambuangongo
(Cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)



Carta da zona de Úcua - Piri - Rio Dange
(Cedida pelo Furriel Joaquim Ferro)



Panorâmica do aquartelamento do CI-16 / Quibala - Norte



Guião do CI-16



Grupo de Comandos
"OS SEM PAVOR" B. Caç. N° 379
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"DESTEMIDOS" B. Caç. N° 380
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"TIGRES" / B. Caç. 399
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"OS GATOS" / B. Caç. N° 400
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"ESCORPIÕES" / BCAV 437
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"APACHES" / B.C.A.C. N° 442
Emblema de braço



Guião a cores Apaches



1º Emblema dos "Comandos"



Emblema da boina dos "Comandos"

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA
CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS

COMANDO N.º 001



POSTO Major de Art.º.

NOME GILBERTO MANUEL

SANTOS E CASTRO

O COMANDANTE

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA
CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS

COMANDO N.º 002



POSTO Cap. de Art.º.

NOME JÚLIO FÁRIA RIBEIRO

DE OLIVEIRA

O COMANDANTE



Grupo de Comandos
"SOMBRAS"/BCAÇ Nº 505
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"LEOPARDOS"/BCAÇ Nº 540
Emblema de braço



Grupo de Comandos
"MAGNÍFICOS"
Emblema de braço

GRUPO DE COMANDOS "APACHES" / BCAÇ Nº442

ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA I"	08SET63	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA II"	13SET63	ZONA DO RIO LOGE (REGIÃO DE QUIOUON) E REGIÃO DE MUXIXE (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI 16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA III"	16SET63	ZONA DO RIO LOGE E REGIÃO ENTRE OS RIOS LUEGE E LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "TIGRES"
OP. "BOINA VERMELHA IV"	24SET63	ZONA DO RIO LUAIA (BATIDA)	OP. EXECUTADA DURANTE O PERÍODO DE INSTRUÇÃO NO CI-16. ACTUOU COM OS GR CMDS "OS SEM PAVOR", "DESTEMIDOS", "OS GATOS", "ESCORPIÕES" E "TIGRES"
OP. "VALE SUEGE"	17OUT63	ZONA DE ZEMBA (PATRULHAMENTO)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "QUILUNGO"	19OUT63	ZONA DE ZEMBA (PATRULHAMENTO)	
OP. "MAIORES ALTURAS"	22OUT63	ZONA DE ZEMBA (PATRULHAMENTO)	
OP. "FIM DE FESTA"	25 A 28OUT63	ZONA DE QUIMBAGE (BATIDA)	
ACÇÃO	01 A 02NOV63	ITINERÁRIO ENTRE ZEMBA E CAMBAMBA (ESCOLTA)	
OP. "CAÇA O RÉPTIL"	15 A 17DEZ63	ZONA DA SERRA DE UÍGE, REGIÃO ENTRE OS RIOS LUFICO E MANZENA (BATIDA)	
OP. "TÁ BENJAMIM"	18 A 20DEZ63	ZONA DA SERRA DE CAZUNDO (BATIDA)	
OP. "BATE E REBATE"	23 A 24DEZ63	ZONA DA SERRA DE UÍGE, REGIÃO ENTRE A FAZENDA CRAVO MARTINS – FORTIM DA OPVDC A QUIMALALO (BATIDA)	
OP. "SENTINELA REDOBRADA"	30DEZ63 A 01JAN64	ZONA DA SERRA DE UÍGE (EMBOSCADA)	
OP. "TIRA TEIMAS"	19 A 29JAN64	ZONA DO ÚCUA, REGIÃO ENTRE OS RIOS ÚCUA - PANGO - CASSONECA - BARRACA E ZENZA (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
OP. "PIC"	31JAN A 02FEV64	ZONA DA SERRA DE CANDA (GOLPE DE MÃO)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
ACÇÃO	01MAR64	ZONA DE QUILUMBO (ESCOLTA)	
ACÇÃO	23MAR A 02ABR64	ITINERÁRIO LUANDA- NAMBUAN- GONGO-ZALA (ESCOLTA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
ACÇÃO	02ABR64	REGIÃO DO ONZO E "28 DE MAIO" (GOLPE DE MÃO)	ESTA ACÇÃO FOI EXECUTADA NO ÂMBITO DA OP "TERCEIRO ANO", QUE DECORREU NOS SECTORES A, B1, D, I E Q. NA OP. "TERCEIRO ANO", ACTUOU COM O GR CMDS "OS GATOS"
OP. "GUERRA ALEGRE"	17 A 19ABR64	ZONA DE CAMBAMBA (GOLPE DE MÃO)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
OP. "OPMZ"	08 A 13MAI64	ZONAS DE MUCONDO- ZEMBA-CÓLUA-LIBERATO (BATIDA)	ESTA OP. DECORREU NOS SECTORES D, I E Q. ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
OP. "AIUÉ 1"	06 A 08JUN64	ZONA DA BEIRA-BAIXA, REGIÃO DOS RIOS QUIFUSSE E ONZO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
OP. "DILUNDO GRANDE"	21 A 23JUN64	ZONA DE ÚCUA - REGIÃO DO VALE DO RIO DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Valor Militar – Grau: Cobre, com Palma

— 1.º CABO DE INFANTARIA, nº 2150/62 – JOSÉ CARDOSO MANUEL
CCaç 407/BCaç 442 - BC 5
ANGOLA

Transcrição do louvor concedido pelo Comandante do Batalhão:

Louvo o 1º Cabo nº 2150/62, José Cardoso Manuel, da CCaç 407 e do Grupo de Comandos deste Batalhão, pelas grandes qualidades militares, generosamente reveladas ao longo de mais de um ano de actividade operacional ininterrupta e, muito especialmente, durante as missões que ultimamente têm sido cometidas ao seu grupo de combate.

Elemento muito rústico, extremamente abnegado, com grande espírito de iniciativa, arrojo e sensatez, tem demonstrado, por inúmeras vezes, em combate, a mais serena energia debaixo de fogo, a maior coragem e decisão, bem como um assinalado sangue frio e considerável espírito de sacrifício. Dotado da melhor vontade de bem cumprir as missões que superiormente lhe são confiadas, disciplinado, apumado e de grande correcção, exerce assim, muitas vezes, esta praça, um indesmentível ascendente sobre os seus subordinados, que sabe arrastar para o combate com energia e optimismo, e que o olham com consideração e amizade. Por tudo, muito tem contribuído o 1º Cabo Manuel para os bons resultados obtidos pelo seu grupo de combate, ao serviço do qual sempre tem posto todas as suas qualidades e, nomeadamente, a sua grande robustez física, despendendo as suas energias até à exaustão e sem regatear qualquer esforço, quer físico, quer moral.

Transcrição da Portaria que concede a condecoração, publicada na OE nº 24 – 3ª série, de 1965:

Por Portaria de 20 de Julho de 1965

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorar com a Medalha de Cobre de Valor Militar, com palma, por ter sido considerado ao abrigo do artigo 7º e seu parágrafo único do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, o 1º Cabo nº 2150/62, José Cardoso Manuel, do Batalhão de Caçadores nº 442 - Batalhão de Caçadores nº 5.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, 20 DE JULHO DE 1965.

O MINISTRO DO EXÉRCITO,

Joaquim da Luz Cunha

Medalha de Cruz de Guerra - 3ª Classe

— ALFERES MILICIANO DE INFANTARIA — JOSÉ ZEFERINO GONÇALVES ROBALO
 CCAç 405/BCaç 442 - BC 5
 ANGOLA

Transcrição da Portaria publicada na O.E. N.º 23 - 2ª série, de 1964.

Por portaria de 27 de Outubro de 1964:

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3ª classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola, o Alferes Miliciano de Infantaria, José Zeferino Gonçalves Robalo, da CCAç 405/BCaç 442 - BC 5.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 57, de 15 de Julho de 1964, do QG/RMA):

Por seu despacho de 10Jul64, louva, o Alferes Mil de Inf, José Zeferino Gonçalves Robalo, da CCAç 405/BCaç 442-BC 5 e do Grupo de Comandos do BCaç 442, pela forma altamente meritória como vem comandando, em cerca de 14 meses de actividade operacional quase ininterrupta, primeiro o 3.º GrComb/CCAç 405 e, mais recentemente, o GrCmds/BCaç 442.

Oficial dotado de reais qualidades de comando, grandes faculdades de iniciativa, singularmente firme no cumprimento da sua missão, rústico, arrojado, abnegado, disciplinado e disciplinador, muito correcto em todas as suas relações, de grande lealdade para com os seus chefes, cujas directivas sempre sabe acatar e interpretar da forma mais honesta e fiel, o Alferes Robalo tem sido sempre a alma dos seus grupos de combate, que nele depositam confiança ilimitada e que o seguem sempre sem hesitações, encarando com optimismo e naturalidade todas as missões que superiormente lhe têm sido atribuídas, muito embora as mesmas nunca sejam isentas de canseiras, dificuldades ou perigos.

Em combate, demonstrou sempre o Alferes Robalo a maior coragem, decisão, sangue frio e serena energia debaixo de fogo, manifestando especial aptidão para a contra-guerrilha, quer em operações de quadrícula, quer em operações especiais de "Comandos". Entre as primeiras avulta a reacção à emboscada sofrida pelas NT em 18Jul63, no Sector D, da ZIN (Norte de Angola), com pesadas baixas para o In, sem que as NT tenham sofrido qualquer dano.

Entre as últimas, realizadas em vários Sectores da ZIN, além das Operações "Tira Teimas", "Guerra Alegre", "Terceiro Ano" e outras difíceis missões de serviço, merecem especial relevo as Operações "Pic" e "OPMZ".

Em todas estas acções foram obtidos bons resultados, tanto mais de realçar quanto é certo que, ultimamente, tem actuado com o seu grupo muito desfalca-

do, sem que no entanto tal óbice se tenha feito sentir nos resultados obtidos. Em todas as suas atitudes manifesta o Alferes Robalo, a maior modéstia, simplicidade e lhanza de trato, a par de um grande sentido de camaradagem e solidariedade, espírito de corpo, acrisolado patriotismo, arregaçada fidelidade aos sagrados princípios que actualmente se encontram em jogo e a cuja defesa se tem entregado, total e devotadamente, de alma e coração, com exemplar generosidade.

Por tudo, muito se orgulha a sua Unidade de contar com este valioso oficial, que muito prestigia o Exército e a sua acção em Angola, e cujos serviços devem justamente considerar-se como distintos, relevantes e muito importantes.

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

– SOLDADO DE INFANTARIA, N.º 2193/62 – JÚLIO PIRES MARQUES

CCaÇ 406/BCaÇ 442 - BC 5

ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 35 - 3.ª série, de 1964.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 20 de Outubro último:

O Soldado n.º 2193/62, Júlio Pires Marques, da Companhia de Caçadores n.º 406/ /Batalhão de Caçadores n.º 442 - Batalhão de Caçadores n.º 5.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 81, de 07 de Outubro de 1964, do QG/RMA):

Louvo o soldado n.º 2193/63, Júlio Pires Marques, da CCaÇ 406/BCaÇ 442 e do Grupo de Comandos deste Batalhão, pela meritória actividade desenvolvida e pelos bons serviços prestados ao longo de mais de quinze meses de intenso labor operacional e, nomeadamente, no decorrer das missões especiais ultimamente cometidas ao seu grupo.

Elemento muito rústico, abnegado, dotado de espírito de iniciativa e de marcada personalidade, sempre se comportou em combate de forma dedicada, decidida e corajosa, tendo constituído, por mais de uma vez, a sua actuação, factor decisivo e preponderante para o resultado das operações em que se encontrava empenhado.

Assim, designadamente, no passado mês de Fevereiro, no itinerário Vila General Freire-Zala, ao serem as NT fortemente atacadas pelo In, muito aguerrido

e bem armado, naquela região, por várias vezes se levantou no meio da picada, cobrindo com o fogo da sua arma a retirada de muitas viaturas da zona de morte. Ao mesmo tempo, e apesar de completamente descoberto, não se cansou de desafiá-lo, procurando exasperá-lo e desnorteá-lo, e animando com a sua acção alguns camaradas menos experientes que fora encarregado de escoltar.

Ao proceder assim, manifestou esta praça, a par de grande desprezo pelo perigo, muita coragem, decisão, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, pelo que o considero digno de louvor e de ser apontado como exemplo.

LOUVORES

Nada a referir

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Louvor concedido pelo General Comandante da Região Militar de Angola

Sua Excelência o General Comandante da Região Militar de Angola, em OS de 01Abr64, louvou o Grupo de Comandos do Batalhão de Caçadores nº 442 "OS APACHES", pela forma briosa e entusiástica com que tem encarado o desempenho todas as missões de que tem sido incumbido.

Tendo-lhe sido atribuídos objectivos dos mais difíceis e arriscados, em função da instrução especial que lhe foi ministrada e natural robustez física dos seus elementos, desenvolvida e aperfeiçoada pela prática de exercícios progressivamente mais duros e relacionados com o combate, pode no final das acções, à custa de extraordinário valor, entusiasmo, espírito de sacrifício e arreigada noção do DEVER, proferir sempre: MISSÃO CUMPRIDA.

Integrado de elementos possuidores de uma mística de grupo já muito acentuada em que as acções individuais são julgadas em função de benefício colectivo, sóbrios, duros, abnegados, capazes de arriscar sem hesitação a vida por um companheiro, atingiu já um tal grau de eficácia e experiência que o cotam como uma esplêndida unidade de contra-guerrilha. Vindo a tomar parte em operações difíceis e exaustivas em várias regiões, tendo os êxitos destas, motivado os melhores louvores dos respectivos comandos, muito há a esperar ainda da

actividade operacional deste GRUPO, cujas qualidades de intrepidez, bravura, audácia e desprezo pelo perigo dos seus componentes, fazem jus à divisa de todos os COMANDOS:

AUDACES FORTUNA JUVAT

Actuação do grupo “OS APACHES”

Foi em princípios de Setembro de 1963 que o grupo, constituído por elementos escolhidos em todas as Companhias do Batalhão, terminou a sua preparação especial, iniciada em meados de Junho do mesmo ano, nessa escola superior chamada Quibala-Norte, depois de uma instrução intensíssima, quer sob o ponto de vista de preparação física, tiro ou táctica, quer ainda no que diz respeito a uma inteligente e eficaz Acção Psicológica, no sentido duma completa mentalização dos instruendos, nos sacrifícios e responsabilidades que se lhes iriam exigir.

Uma vez elevado à condição de “COMANDOS”, pela cabal satisfação das missões finais e reais que o curso lhe impôs, deslocou-se o grupo para a ZIN, onde foi reforçar o Comando e a Companhia de Caçadores aí existentes. Titubeante, inicialmente, nas primeiras missões de que foi incumbido, foi-se o Grupo tornando cada vez mais consciente do seu valor, aperfeiçoando-se cada vez mais, adquirindo um espírito de corpo que o iria unir até ao fim e levar de vencida muitas dificuldades e contrariedades que o futuro lhe havia reservado.

Após o Batalhão ter passado à situação de reserva da RMA, passou o Grupo de Comandos a trabalhar frequentemente sozinho, o que acabou por o emancipar completamente, no que diz respeito à estruturação e cimentação de qualidades que lhe iriam mais tarde merecer especial distinção.

Tendo percorrido quase todo o Norte de Angola, nas mais diversas missões, com algumas das quais muito se tem a honrar e orgulhar, do Úcu a Carmona, de Zala à Canda, de Cambambe à Beira-Baixa, e tantas outras, procurou o grupo sempre cumprir, quaisquer que fossem as condições em que se encontrava, com o reduzido número a que o esforço o havia limitado, esforço esse, que nem sempre pode ser justamente atestado por resultados mais compatíveis com o querer e saber, postos em jogo.

Com a mudança do Batalhão, em Junho de 1964, tendo terminado a intervenção do Grupo de Comandos como Grupo autónomo ao serviço do QG/RMA, continuou todavia este, até ao fim da comissão de serviço (Junho 65) como Grupo independente, com caserna própria no Campo Militar do Grafanil e dentro da área pertencente ao Batalhão, do qual passou directamente a depender,

tendo participado na manutenção do serviço de guarda ao perímetro da cidade de Luanda, em escoltas de reabastecimento a unidades no Norte de Angola e também em patrulhamentos e emboscadas na defesa do referido perímetro (nomeadamente nas zonas de Viana e Rio Bengo).

Durante todo o tempo de serviço militar, o Grupo sempre se mostrou cumpridor, justificando os ensinamentos e a experiência adquiridos, pois que assim o exigia a responsabilidade da missão, a confiança dos seus Chefes e o amor à sua Pátria.⁹⁷

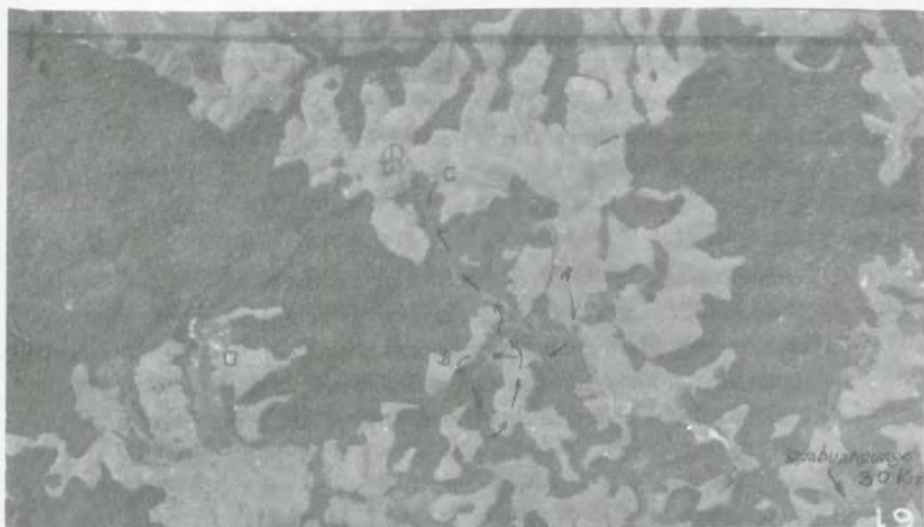
⁹⁷ Testemunho do Professor José Robalo de Pina Navarro (Alferes Miliciano de Infantaria José Gonçalves Robalo)



Grupo de Comandos “Os Apaches”, na picada a caminho de Nambuangongo
(Fotografia cedida pelo Alferes Robalo)



**Grupo de Comandos “Os Apaches” num deslocamento
entre a Beira-Baixa e Nambuangongo**
(Fotografia cedida pelo Alferes Robalo)



Saber o que é, isto. ~~Comandante~~: é uma fotografia aérea com uma escala aproximada de 1/100.000. Foi esta que decaram ao Li para se orientar na mata. A mata é o preto, e o claro é capim. É da zona de Nambuangongo N, quando estive fora os primeiros dois dias. Os Helis foram-nos por em A. Andá-mos por mata e capim, subimos e descemos montes até nos reunirmos à outra tropa, em B. Com ela de pois andámos, queimamos muitas cubatas, percoremos quilómetros de lavouras, partes ligeiramente mais claras dentro da mata. Em C, no 3.º dia, os Helis foram-nos buscar. Era Domingo de Páscoa. Depois que deixámos os outros, tiveram um ataque em que se viram com muita dificuldade, e outro já deve ter noitado. Os riscos a lá vai são de perigo e a mata é de mais perigo.

Fotografia aérea que serviu de orientação ao Comandante do Grupo

“Os Apaches” numa operação na zona de Nambuangongo.

Enviada como postal, no verso encontra-se a descrição da acção

(Fotografia cedida pelo Alferes Robalo)

ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS

Elementos compilados do relatório de actividades do CI-16

a. FASES

“...Ao planear-se a instrução dos grupos de Combate, haveria que encarar o tempo disponível face ao programa que a experiência dos Centros antecedentes e o conhecimento dos assuntos aconselham e, ainda a forma da sua execução, no intuito de explorar o valor educativo dos meios que se dispunham. Foi assim pensado que a instrução iria decorrer em três fases distintas a saber:

- Instrução Básica*
- Instrução Pré-Operacional*
- Instrução Operacional*

Quanto à primeira, ter-se-ia que promover o ensino das matérias, previstas no programa, com vista à melhoria de capacidades individuais e à formação das pequenas equipas.

Após isto, passar-se-ia à integração do trabalho das equipas e constituição dos grupos com a realização progressiva de acções tácticas, que realizadas nas imediações do campo de instrução, permitissem a perfeita automatização do trabalho de conjunto.

Durante o desenrolar das duas primeiras fases, proceder-se-ia ao estudo da zona de acção atribuída no intuito de, escolhendo e localizando objectivos, preparar o conjunto de operações tipo que viessem, ao final, completar a instrução. Na terceira e última fase, realizaria o Centro um conjunto de operações sobre os objectivos assinalados, de molde a que cada Grupo de Combate pudesse realizar cada uma das operações tipo, encaradas nas fases anteriores. Parecia-nos esta a melhor forma de realizar a tarefa que nos foi imposta e que, mau grado nosso, não foi possível tirar conclusões aproveitáveis pelas sucessivas e múltiplas alterações no processo planeado...”

b. DESENROLAR DAS ACTIVIDADES

“...Só na terceira semana a instrução começou intensamente, tendo sido iniciada por uma cerimónia que correspondeu ao 1º içar solene da Bandeira Nacional e flâmula do Centro no mastro de honra. Fazia-se agora o que deve-

ria ter sido feito na primeira semana, após a chegada de todos os grupos. Verifica-se de início uma distribuição de quase todas as matérias programadas nas primeiras semanas, o que é, em certa medida contrário à boa condução da instrução. Esta necessidade, no entanto, foi ditada pela escassez de instrutores e assim na medida em que todos colaborassem e dessem as suas instruções, ficaram alguns tempos livres para a preparação das restantes. O problema do reduzido número de instrutores é posto com o pormenor e atenção devidas no capítulo a isso reservado, ficando no entanto aqui expresso o seu reflexo na distribuição das matérias ao longo do curso. Durante a quarta e quinta semanas a instrução básica prosseguiu com as características apontadas na terceira semana.

Verifica-se na passagem da sexta para a sétima semana, uma paragem brusca de todas as matérias da instrução básica e uma redução no tiro e tática, que passaram a ter um carácter pré-operacional. Tal passagem foi motivada por ordens recebidas através do comando do sector e segundo as quais, o Centro se deveria preparar para actuar operacionalmente num breve espaço de tempo – ordem recebida a 11 para actuar em princípio a 25 de Agosto. Em face desta semana e enquanto não foi dada ordem contrária, a marca de erro na instrução já estava impressa e assim:

- as matérias da instrução básica, orientação, educação física militar, informações, 1^{os} socorros, foram interrompidos;
- na tática assistimos a uma passagem da instrução individual a uma instrução conjunta, individual, equipas e conjunto do grupo, contrária a qualquer planeamento e ordenação da matéria;
- no tiro, à passagem do tiro de precisão ao de combate, com uma passagem incipiente e sem método pelo tiro instintivo ou de chofre;
- assuntos como o tiro de lança granadas foguetes e lançamento de granadas não tinham sido dados.

E mais grave que toda esta parte técnica, deve-se salientar a faceta de comando do grupo, que neste período da instrução se encontrava mais ainda na mão do instrutor que na do futuro e natural comandante, e que sem a instrução concluída e a serem empregues operacionalmente, mais ainda durante essa semana o instrutor se ligou aos instruendos, na mira de cumprir “arranjando”, é o termo, um grupo de combate em pouco tempo.

Estes foram os inconvenientes da situação criada a meio da instrução, e que não são de admitir em qualquer curso ou tipo de instrução.

- da oitava à décima semanas, com as dificuldades compreensíveis que aparecem, sempre que se quer retomar um caminho deixado, a instrução prosseguiu tendo como fim em vista o seguinte:

- voltar atrás construindo as equipas já previstas e que se deveriam ter definido na instrução individual;
- passar gradualmente e com os exercícios previstos e que convinham do tiro apontado ao tiro de chofre e posteriormente ao tiro de combate;
- iniciar dentro das equipas formadas uma instrução a que se chamou “especialidade” e através da qual, na impossibilidade de se ensinarem no mesmo grau todas as matérias a todos os instruendos, como é próprio da tropa “COMANDO”, se pretendeu dar dentro de cada equipa umas noções mais exactas de cada uma das matérias, transmissões, 1.^{os} socorros, sapadores e granadeiros a cada um dos seus elementos;
- simultaneamente uma das equipas do grupo era especialmente treinada em tiro de lança granadas foguete, e os graduados recebiam uma instrução, mais completa do que a básica de 1.^{os} socorros;
- ceder gradualmente e até plena posse, o comando dos grupos aos seus futuros e verdadeiros comandantes, o que, se muito depende das qualidades de chefia do subalterno, pode ser ajudado com a comparticipação activa na direcção e comando do grupo durante a instrução e na resolução de todos os problemas administrativos do pessoal do seu grupo.

Durante estas semanas de intensa actividade de instrução pré-operacional, volta a ter que ser apontado o problema da falta de instrutores aptos a ministrar a instrução de táctica, que resumidos a três subalternos auxiliados por quatro monitores, tinham a seu cargo a instrução de táctica diurna e nocturna de seis grupos de combate. As horas de instrução, tinham totalmente que ser subordinadas ao esforço máximo que se podia pedir e pediu aos instrutores e monitores.

- *Verifica-se que a partir da 7.^a semana, os “serviços” aumentaram de 6 para 12 horas, o que parece vir a prejudicar o número de horas de instrução. Mas se por o lado operacional a existência de um piquete diferenciado do grupo de serviço interno se justifica plenamente – e houve até ocasião da realidade o demonstrar – se aquelas horas não fossem ocupadas no serviço, que mantinham o pessoal em estado emotivo de alerta e com o desejo constante de acorrer o mais depressa possível a qualquer lado, e de desejar ser nessa acção melhor que os que lhe antecederam no serviço, não poderiam ser ocupados em qualquer instrução útil por falta de instrutores.*
- *Da 11.^a à 14.^a semana, quatro semanas incompletas, teve lugar a instrução operacional cujos resultados e comentários tiveram lugar nos relatórios das diversas operações efectuadas.*

Tinham sido reconhecidos objectivos e estudadas e preparadas uma série de operações sobre eles, de modo a que cada grupo tivesse oportunidade de

executar as operações tipo, julgadas convenientes, a emboscada, o golpe de mão, operações com helicópteros, sem helicópteros, etc.

Esses objectivos ou foram abandonados pelo In, ou destruídos durante a operação "Gato Furioso", pelo que esta fase da instrução foi executada sobre objectivos simplesmente suspeitos. Sem as condições exigidas para complemento da instrução ou sobre objectivos abandonados, se bem que com o clima emocional para o instruendo no encontro com o IN, não tiveram, no entanto, os resultados previstos para o fim em vista.

No dia 25 de Setembro foi considerada encerrada a instrução com uma cerimónia de entrega dos distintivos a que a partir desse momento passaram a ter direito.

– Após essa data, foi ordenada a continuação da actividade operacional, mas sem qualquer efeitos já sobre a instrução.

A partir de 01 e até 03 de Outubro verificou-se a substituição do CI 16 pela CART 393 e a vinda do pessoal e material para Luanda em dois escalões, por não terem sido fornecidas viaturas civis em quantidade suficiente para o transporte.

c. NORMAS DE EXECUÇÃO PERMANENTE (NEP'S)

Existiam no CI-16 um conjunto de NEP'S, que regulavam a rotina do serviço interno da unidade. Desse conjunto destaca-se a que se considera ser mais abrangente, a qual se transcreve a título de exemplo:

“...CENTRO DE INSTRUÇÃO 16 NORMAS DE EXECUÇÃO PERMANENTE

Diariamente nomeados:

1 Grupo de Combate – Serviço Interno

1 Grupo de Combate – Piquete

A. SERVIÇO INTERNO

1) Pessoal

1 Oficial de Dia

1 Sargento de Vigilância

1 Sargento de Dia

1 Sargento de Dia à Sala de Combate

- 6 *Praças de Vigilância*
- 10 *Praças de Faxina*
- 2 *Praças de Plantão aos Sanitários*

2) *Funções*

a) *Vigilância*

Seguem as normas expressas no Guia do Comando

- *passam a fechar os cavalos de frisa mais perto das suas torres.*

b) *Faxinas à cozinha e refeitório*

Estes apresentam-se às 08,00 horas ao Furriel Vagomestre e têm como funções todos os serviços necessários à preparação de alimentos e limpeza da área da cozinha e refeitório, durante o dia de serviço.

c) *Plantões aos Sanitários*

Mantém os Sanitários em condições de Serviço durante todo o dia.

d) *Limpeza da Sala de Combate*

É feita por dois homens nomeados dentre os faxinas ou plantões.

B. SERVIÇO DE PIQUETE

1) *Pessoal*

- *1 Grupo de Combate permanece dentro do Campo uniformizado, armado, e municiado, pronto a sair no mais curto espaço de tempo.*
- *Os Condutores auto nomeados diariamente, permanecem junto das viaturas, uniformizados, armados e municiados.*

2) *Viaturas*

- *1 GMC c/ atrelado de ¼ ton. Preparada contra minas A/C.*
- *1 Jeep ¾ ton.*
- *3 Jeeps ¼ ton.*

3) *Transmissões*

- a) *Fica um rádio P R C – 10 sempre preparado na arrecadação de TM. Pronto a ser levantado pelo operador de rádio do Grupo que estiver de serviço.*

4) *Munições*

- *Dotação normal de munições da arma individual atribuída:*
- *Granadas:*
- *de mão:*

- 2 Of. Por homem
- 2 Def. Por equipa
- 3 de Fumos por equipa
- de LGF: – 6

5) *Funções*

- Não vem à parada.
 - Passar rondas de noite, de ligação entre as vigias.
 - É a primeira força de Centro pronta a acorrer a qualquer acção no exterior onde se torne necessária a sua presença.
 - Faz a segurança da pista de aviação quando qualquer avião quiser aterrar.
- Em caso de ataque ao estacionamento ocupa o seu sector.*
- Inspeccionar todas as manhãs, diariamente a pista de aterragem.

C. UNIFORMES

1) *Vigilância*

- Camuflado c/ camisa, boina, polainitos e meias altas.

2) *Faxinas e Plantões*

Uniforme de trabalho durante o serviço de faxina e plantão, indo à parada como o de Vigilância.

3) *Piquete*

- Camuflado completo e bota de lona ou cabedal. ...”

D. ORDENS DE TRABALHO

As instruções relativas às actividades, que cada um dos grupos diariamente deveria executar, eram emanadas do Comando no dia anterior ao qual se reportavam, através de ordens de trabalho, com o seguinte horário de serviço:

Transcrição:

“...CENTRO DE INSTRUÇÃO 16

1. CORRESPONDÊNCIA DOS PELOTÕES DE INSTRUÇÃO:

A / 379 B / 380 C / 400 D / 399 E / 437 F / 442:

2. REVISTA

Pelotão A (379) Sr. Capitão Oliveira
Pelotão B (380) Sr. Alferes Freitas
Pelotão C (400) Sr. Ten Inf. Vieira Pereira
Pelotão D (399) Sr. Ten Cav. A. Cardoso
Pelotão E (437) Sr. Capitão, Santos e Castro
Pelotão F (442) Sr. Ten Inf. A. Cardoso

3. HORÁRIO

Alvorada 06H00
1ª Refeição 06H15 – 06H45
Limpeza 07H00 – 07H30
Bandeira 08H00
1º Período de Instrução... 08H00 – 11H30
2ª Refeição..... 11H30 – 12H30
2º Período de Instrução... 15H00 – 17H00
Parada da Guarda..... 18H00
Arrear da Bandeira..... 18H00
3ª Refeição..... 8H00 – 18H30
4ª Refeição eventual 20H30 – 21H00
Silêncio 21H30..”

(Transcrição da Ordem de Trabalho para o dia 9/7/1963)

“...CENTRO DE INSTRUÇÃO 16
ORDEM DE TRABALHO PARA 9/7/1963

1. PERÍODO DA MANHÃ

- a. Toque de formar – 07H45
- b. Toque de avançar – 08H00
- c. Os Comandantes de Pelotão fazem a chamada, entregam o comando ao sargento mais antigo e apresentam-se à porta da Sala de Combate.
- d. Os Pelotões seguem para os respectivos locais afim de receberem as instruções indicadas:

- 1) *PELOTÃO A - 379*
 - Está de serviço – não forma
- 2) *PELOTÃO B - 380*
 - *A segunda metade do Pelotão devidamente comandado, dirige-se ao P.S. para a inspecção médica. Outra metade do Pelotão aguarda no local de formatura a indicação do serviço que será feita pelo Sr. Tenente VIEIRA PEREIRA*
 - *Esta última faz uso do uniforme de serviço.*
- 3) *PELOTÃO C 400*
 - Dirige-se para o local de reabastecimento de gasolina onde se apresenta ao Furriel ESTEVINHA, para realização do teste físico
- 4) *PELOTÃO D – 399*
 - *Dirige-se à carreira de tiro do Campo onde se apresenta ao Sr. Tenente ALVES CARDOSO às 08H00 para efectuar a prova de tiro. Cada homem leva a sua arma com dois carregadores um com 5 cartuchos e outro com 10.*
- 5) *PELOTÃO E 437*
 - *O pelotão aguarda no local de formatura as indicações de serviço dadas pelo Sr. Tenente ABREU CARDOSO*
 - *Faz uso de uniforme de trabalho.*
- 6) *PELOTÃO F – 442*
 - *O Pelotão aguarda no local de formatura a presença do Sr. Cap. OLIVEIRA*
- 7) *GRUPO DE OFICIAIS E SARGENTOS*
 - *Apresentam-se ao Sr. Alf. FREITAS, junto da Sala de Operações, para execução do teste físico.*
- 8) *COMANDANTES DE PELOTÃO*
 - *Apresentar-se-ão porta da Sala de Combate ao Sr. Cap. SANTOS E CASTRO*

2. PERÍODO DE TARDE

- a. Toque de formar – 14H45
- b. Toque de avançar – 15H00
- c. Todos os Pelotões formam à excepção do A
- d. Os restantes iniciam a instrução de Ordem Unida s/ arma na qual deverão treinar:
 - SENTIDO
 - DIREITA E ESQUERDA, MEIA VOLTA VOLVER
 - PASSO EM FRENTE E À RECTAGUARDA
 - ABRIR E UNIR FILEIRAS
 - MARCHA ORDINÁRIA E ACELERADA
 - MARCAR PASSO
 - PERFILAR PELA DIREITA E PELA ESQUERDA
 - Com excepção do Pelotão E e metade do B que continuam em trabalhos.

A. GRUPO DE OFICIAIS

- Apresentam-se à porta da Sala de Combate ao Sr. Cap. SANTOS E CASTRO

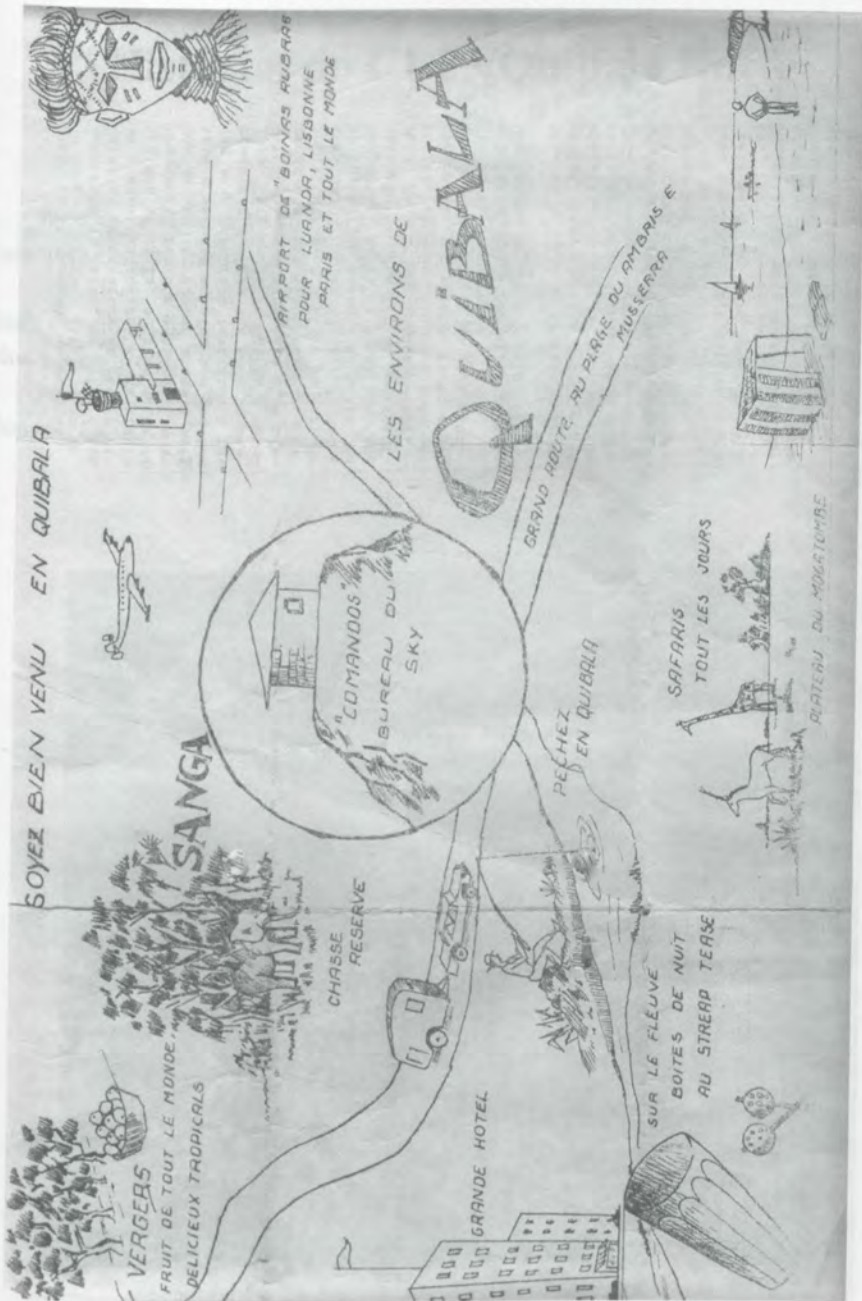
Quartel em Angola, 8 de Julho de 1963

O COMANDANTE,

António A. Antunes de Sá

MAJ. INF.

**Folheto Turístico para promoção da zona
do aquartelamento / editado pelo CI-16**



**Folheto Turístico para promoção da zona
do aquartelamento / editado pelo CI-16**

CUBA, LA

Estância de repouso, no coração do Centro Portuário de Santos. Além

[illegible]

A Quibala espera por si, e pode estar certo que não o desiludirá!

ARREDONES

SANGA-

Reserva de caça de extraordinária possibilidades - para a caça - põe a estabilidade a prática de um deporte excitante e cheio de riscos.

TEL. - Sopranoiro no rio e ficando a esmovente Jo clima, tem a todos a-lo todas as belezas das florestas tropicais.

OGA70MSR

todo o mundo, possibilitam-lhe uma visão de AFRICA que jamais esquecerá.

AUG 12 -

de e água limpa e de temperatura invariável, possibilitam-lhe tomar os prazeres do mar e dos seus desportos.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS



LA PLUS BELLE

PRISON EN AFRIQUE

VISITE



BALH

"OUR FLEUVE"



Historial do CI-25/Quibala Norte

Terminada a instrução do CI-16, todos os militares intervenientes na instrução regressaram a Luanda, assim como todos os materiais que se encontravam no aquartelamento.

Posteriormente, em face dos excelentes resultados obtidos pelos grupos formados neste Centro de Instrução, as Chefias militares da RMA, decidiram que fossem instruídos novos grupos, por forma a que se desse continuidade ao trabalho ali executado.

Em conformidade, foi reactivado o Centro de Instrução na Quibala Norte, com a designação de CI-25.



Panorâmica do Aquartelamento – instalações definitivas

(Fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

CRIAÇÃO DO CENTRO

O CI-25, foi criado por despacho de 30Out63 de Sua Excelência o General Comandante da Região, com a nomeação do respectivo Comandante, Capitão de Art^a Gilberto Manuel Santos e Castro.

Posteriormente, o General Comandante da Região, por seu despacho de 25Nov63, determinou que os sargentos e praças a seguir indicados, fossem de imediato mandados apresentar, em diligência, no Comando do CI-25, provisoriamente instalado na biblioteca do Quartel General, ficando adidos ao Grupo de Artilharia de Campanha de Luanda:

- 1º Sargento de Inf, Leonel Joaquim Valdemar, da CCaç 284/BCaç 280
- Fur Milº Amanuense, Orlando Agostinho, da Cunha Barros, do BEng 234
- Fur Sapador, João Duarte da Costa Marques, da CRecpl 113
- Fur Atirador, Herculano Fernando da Cunha Santos, da CRecpl 113 (a)
- Fur Vaguemestre, Manuel Marqins Sousa Carrilho, do RIL
- Fur Enfermeiro, Manuel Lopes, da CRecpl 113
- Fur Radiomontador, Manuel Jorge Sobral, das Oficinas Avançadas do Negage (DLRT / QG) (a)
- Fur Mec Auto, Romualdo Gonçalves Dias, da CRecpl 113
- Fur Milº Atirador, António Dulcindo da Costa Almeida, da CRecpl 113
- Fur Transmissões, António Fernando do Nascimento Lobo, da CRecpl 113
- 1º Cabo 2881/63 – A, Francisco de Jesus Coelho, da CRecpl 113
- 1º Cabo 4028/63 – A, Alfredo Barata da Fonseca, da CRecpl 113 (a)
- 1º Cabo 3181/63 – A, António Garcia Ferreira, da CRecpl 113
- 1º Cabo 3182/63 – A, Francisco Miranda Castelinho, da CRecpl 113
- 1º Cabo CAR 711/63, Manuel de Matos Coimbra, da CRecpl 113
- 1º Cabo Aj Mec Auto 96/63-EP, José Augusto Ferreira da Silva, do Bat Man Auto/Agr S Mat
- Soldado 718/62, António Francisco Candeias Santana, da CRecpl 113
- Soldado 2719/62, Jaime José Dias, da CRecpl 113
- Soldado 531/63, Alberto Alves, da CRecpl 113
- Soldado 634/62, José da Costa Felizardo, da CRecpl 113
- Soldado CAR 41/62, Mário das Dores Rodrigues, da CRecpl 113
- Soldado CAR 2144/62, António de Oliveira Pereira, da CRecpl 113
- Soldado CAR 1748/61, Vasco Martins Pinto, da CRecpl 113
- (a) – Não efectuaram a sua apresentação no QG / Luanda.

IMPLEMENTAÇÃO DO AQUARTELAMENTO DO CI-25

O CI 25 veio a ser implementado no aquartelamento onde esteve instalado o CI 16, ou seja, na Fazenda Senhora da Hora / Quibala Norte, como do antecedente foi referido, tendo este dali saído a 01Out63, data em que foi substituído pela Cart 393 do Bart 400.

Como já existiam condições de ocupação e instalação do pessoal e material, as medidas tomadas para funcionamento do novo curso de comandos, foram fundamentalmente de carácter administrativo, de gestão de pessoal e a reunião dos meios necessários para o efeito.

Transcrevem-se dois “relatórios de comando” do QG/RMA, sobre o assunto:

Do relatório nº 30 (01 a 30Nov63)

(...)

(b) Centro de Instrução 25

Deve iniciar o seu funcionamento nos princípios de Janeiro do próximo ano o CI de Comandos nº 25.

Comprovadas já as vantagens resultantes do funcionamento do CI-16, está em organização novo estágio, que virá a funcionar nos moldes anteriores.

Porém, como é natural, uma vez que se adquiriu já uma certa experiência, este estágio está a ser organizado ainda de forma mais cuidada, procurando eliminar ou atenuar as deficiências verificadas no outro.

Os oficiais instrutores do CI-16, que virão a ser instrutores no CI-25, trabalham no QG, na organização do novo estágio que também vai funcionar na Quibala. Como principal alteração já definida, devem referir-se as provas de selecção a que vão ser sujeitos os estagiários, procurando evitar-se assim que haja substituições de pessoal durante o estágio. Também já está decidido que os quadros iniciam a instrução antes das tropas.

(...)

Do relatório nº 31 (01 a 30Dec63)

(...)

(b) Centro de Instrução 25

Continuam os trabalhos preparatórios para a organização do Centro, tendo-se já procedido a provas de selecção de pessoal. O número de voluntários para a frequência do Centro é satisfatório principalmente no que se refere a graduados. Está previsto o deslocamento do pessoal instrutor para a Quibala para o próximo mês de Janeiro, devendo a instrução ter início alguns dias depois da instalação deste pessoal.

(...)

Referência Elogiosa do Comandante do CI-25

Ao preparar o Campo de Instrução, para em tão curto espaço de tempo, dotá-lo das condições indispensáveis ao início da instrução, constituiu para todos um esforço digno de ser posto em realce.

Por este facto, o Comando do Centro é com maior gosto, que deseja expressar o seu apreço pelo trabalho realizado, que só com o entusiasmo e dedicação de todo o pessoal, fica devendo a instalação do Centro e se torna digno do melhor louvor.

(OS nº 7 de 17/2/1964)

PESSOAL PRIVATIVO DO CAMPO

Chefe da Secretaria

A quase totalidade dos militares que integraram o comando e formação (apoio de serviços) do Centro, deslocaram-se de Luanda, em coluna auto, tendo ali efectuado a sua apresentação em 05,10 e 18Fev64.

COMANDO E CORPO DE INSTRUÇÃO

Comandante:

- Cap Art, Gilberto Manuel Santos e Castro, do GACL



CORPO DE INSTRUÇÃO:

- Cap Art, Júlio Faria Ribeiro de Oliveira, da EAMA
- Cap Art, Francisco Manuel Mateus Leal de Almeida, do BTr 516/GAC 518⁹⁸
- Ten Mil Cav, Álvaro Manuel Alves Cardoso, do BCav 350.
- Ten Art, António Gabriel Albuquerque Gonçalves, da EAMA.
- Alf Mil Cav, Luís Filipe Mayer de Câmara Pina, da CPM 418.
- Alf Mil Art, José Guilherme Duarte Gomes de Freitas, do BCav 350.
- Alf Mil Med, Armando Augusto Mendes, da BCaÇ 477.

⁹⁸ Nomeado Cmdt da Formação.



**Major Santos e Castro (à direita)
e Capitão Ribeiro de Oliveira**



**Capitão Ribeiro de Oliveira
(à direita)
e Capitão Leal de Almeida.
(Fotografias cedidas pelo
Sr Tenente General
Júlio Faria Ribeiro de Oliveira)**

APOIO DE SERVIÇOS

Chefe da Secretaria

- Alf QSGE, Mário da Fonseca Morganho, do Agr Engenharia.

Sargentos

- 1º Sarg Inf, Leonel Joaquim Valtelhas, da CCaç 365/RIL.
- 2º Sargento Enf, Manuel Lopes, do HML.
- Fur Mec Auto, Romualdo Gonçalves Dias, da CMR 113.
- Fur Vag. Inf, Manuel Martins Louro Carvalho, do RIL.
- Fur Mil Inf, António Dulcídio da Costa Almeida, do CMR 113.
- Fur Mil Aman, Orlando Agostinho da Cunha Barros, do Agrup Eng Angola.
- Fur Mil Inf, José Duarte da Costa Marques, do CMR 113.
- Fur Tm Inf, António Fernando Lobo, do CMR 113.
- Fur Mil Vag, António Manuel Ribeiro Eiras, do CMR 113.
- 2º Sarg Radiom, José Parente Rodrigues, do BTm 361.
- 2º Sarg Mil “Cmd”, José Paulo dos Santos, do RIL.

Praças

- 1º Cabo Mil 182/62, Filipe Manuel Henriques Junior, do RIL
- 1º Cabo Mil 172/62, Rui Alberto Duarte de Carvalho, do RIL
- 1º Cabo Mil 174/62, Joaquim Salgueiro Eusébio, do RIL.
- 1º Cabo CAR 711/63, Manuel Matos Coimbra, do CMR 113.
- 1º Cabo SAP 3182/62, Francisco Miranda Castelinho, do CMR 113.
- 1º Cabo SAP 3181/62, António Garcia Ferreira, do CMR 113.
- 1º Cabo Aj. MAR 96/63/EP, José Augusto Ferreira da Silva, do ASMA.
- 1º Cabo At Exp 939/63, Acácio Barata Marques, do CMR 113.
- 1º Cabo At Exp 940/63, Manuel Chiquita Mariano, do CMR 113.
- 1º Cabo RTel 3521/63, José Simões Leitão, do CMR 113.
- 1º Cabo RTel 3522/63, Duarte Nuno Areira P. Meireles, do CMR 113.
- 1º Cabo Maqueiro 586/63, António de Sousa, do CMR 113.
- 1º Cabo Maqueiro 587/63, Narciso de Oliveira Sousa, do CMR 113.
- 1º Cabo Foto-Cine 8701/63, Manuel Alves Marques, do CMR 113.
- 1º Cabo Coz 98/63, Cassiano Nunes dos Santos, do CMR 113.
- 1º Cabo Escrit 9833/63, Carlos Nelson Ferreira Gonçalves, do CMR 113.
- 1º Cabo Atir 9933/63, Maximiano António Alberto, do CMR 113.
- 1º Cabo Atir 2881/63, Francisco de Jesus Coelho, do CMR 113.

- 1º Cabo Atir 2894/63, Luís Agostinho Fernandes Coelho e Sousa, do CMR 113.
- 1º Cabo AA 4Cm 9052/63, Domingues Figueira Tomé, do CMR 113.
- 1º Cabo Campanha 594/63, Eduardo do Carmo Guerreiro, do CMR 113.
- 1º Cabo Campanha 596/63, Albino José Aguiar dos Santos, do CMR 113.
- 2º Cabo Cornet 2368/63, João Carlos Cordeiro de Sousa, do CMR 113.
- 1º Cabo CAR 813/62, Francisco Carvalho Novais, do BCav 399.
- 1º Cabo RTel 9943/63, José Maria Soares Pereira, do CMR 113.
- 1º Cabo ATir 9900/63, António Alexandre Trigo Couto, do CMR 113.
- 1º Cabo Mort 8, 2848/63, Augusto dos Santos Silva, do CMR 113.
- 1º Cabo Carpint 3845/63, Manuel Albano da Silva Dias, do CMR 113.
- 1º Cabo Cornet 1589/63, José Rodrigues Nabais Ramos, do BCaÇ 595.
- 1º Cabo Padeiro 28/63, Herminio Fernandes do Nascimento, do BInt 359.
- 1º Cabo Escrit 777/62, Fernando Gomes Alexandre, do BCaÇ 441.
- 1º Cabo OP.Cripto 3133/62, João António Bastos da Costa, do BCaÇ 442.
- 1º Cabo CAR 6443/63, António João Palma dos Reis, do CMR 113/RIL.
- 1º Cabo Op Cripto 1624/62, José Beirão Ligeiro, do BCaÇ 451.
- 1º Cabo Maqueiro 84/63, Agostinho Teixeira do HM 124.
- 1º Cabo 2561/63, Manuel de Jesus Pires da Silva, CCS/BCaÇ 471.
- Soldado CAR 1748/61, Vasco Martins Pinto, do CMR 113.
- Soldado Ap.Met. 634/62, José da Costa Felizardo, do CMR 113.
- Soldado CAR 2144/62, António de Oliveira Pereira, do CMR 113.
- Soldado ATir 2719/62, Jaime José Dias, do CMR 113.
- Soldado CAR 41/62, Mário das Dores Rodrigues, do CMR 113.
- Soldado ATir 718/62, António Francisco Candeias Santana, do CMR 113.
- Soldado ATir 7036/63, Alberto Alves, do CMR 113.
- Soldado Ap Mort 2883/63, António Carlos Lobo de Sousa Pinto, do CMR 113.
- Soldado Exp Obs 2889/63, António da Rocha Fonseca, do CMR 113.
- Soldado Ap Mort 2895/63, António José Bartolomeu Quinta, do CMR 113.
- Soldado RTel 5371/63, António Castro, do CMR 113.
- Soldado Coz 8533/63, António Francisco Pinto, do CMR 113.
- Soldado Básico 9825/63, José Gomes, do CMR 113.
- Soldado At Expl 953/63, Manuel Adriano de Jesus, do CMR 113.
- Soldado At Expl 9932/63, António José Ramos da Cruz, do CMR 113.
- Soldado At Expl 9934/63, Marcolino Rosa dos Santos, do CMR 113.
- Soldado Campanha 9053/63, Fernando Martins de Almeida, do CMR 113.
- Soldado Cornet 10390/63, Afonso Abrantes Henriques, do CMR 113.
- Soldado CAR 10178/63, João António da Mata Carvalho, do CMR 113.
- Soldado CAR 9748/63, João Maria dos Santos Correia, do CMR 113.
- Soldado COZ 10553/63, Armindo da Silva Gomes, do CMR 113.

- Soldado Campanha 203/63, António Martins Ribeiro, do CMR 113.
- Soldado Campanha 589/63, Henrique Pinto Lacerda Ribeiro, do CMR 113.
- Soldado COZ.8531/63, Armando Ivo de Sousa Farrobo, do CMR 113.
- Soldado Campanha 590/63, Fernando Albano Martins, do CMR 113.
- Soldado CAR 3116/61, Manuel de Jesus Lima Ramos, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3407/61, Alfredo António Martins, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3629/62, José António Bexiga Palma, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3255/61, António de Assunção Soares, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3257/61, José António da Conceição Maria, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3203/61, António Manuel Carrola Nave do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3204/61, Horácio Joaquim Campos Santos, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3275/61, José João Baiona de Jesus, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3281/61, Luís Varanda Franco, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 3228/61, Carlos Alberto Plaisent Passos, do BCaÇ 357.
- Soldado CAR 5596/62, João Ferreira Borges, do BCaÇ 357.
- Soldado COZ, 3483/63, Mário Macedo Gomes, do CMR 113.
- Soldado CAR 802/62, Mário Moraes dos Santos, do BCav 399.
- Soldado CAR 2449/62, José Dias Coelho, do BCav 399.
- Soldado CAR 5413/62, Adriano Alberto Pinto, do BCav 399.
- Soldado CAR 830/62, Felisberto Sebastião Calado Pacheco, do BCav 399.
- Soldado CAR, 805/62, José Manuel Rodrigues Duarte, do BCav 399.
- Soldado CAR 799/62, João Luís Cananão, do BCav 399.
- Soldado CAR 776/62, José Henriques Barbudo, do BCav 399.
- Soldado CAR 792/62, Pedro José do Carmo Brito, do BCav 399.
- Soldado Atirador 803/63, Clementino Pereira, do CMR 113.
- Soldado Padeiro 93/62, Manuel António Pardal Lampreia, do BInt 359.
- Soldado Padeiro 67/63, Salvador Martins Gonçalves, do BInt 359.
- Soldado CAR 2526/62, António de Sousa Hilário, do BCaÇ 441.
- Soldado CAR 3403/62, Valdemar do Céu Magalhães, do BCaÇ 441.
- Soldado CAR 2512/62, Francisco Gomes, do BCaÇ 441.
- Soldado CAR 2288/62, Francisco Rosa Pereira, do BCaÇ 441.
- Soldado CAR 2523/62, José Alberto Salvador das Neves, do BCaÇ 441.
- Soldado CAR 3413/62, João Luís do Sacramento Cotovio, do BCaÇ 441.
- Soldado Aux Enf 62/63, Carlos Ferrão, do HM 124.
- Soldado Campanha 56/62, José Vicente Pires, do GACL.
- Soldado Campanha 203/62, Luís Salgado Torres, do GACL.
- Soldado PCT 210/63, António Augusto Pires, do GACL.
- Soldado PCT 211/63, Virgílio Edmundo Cordeiro Santos, do GACL.
- 1º Cabo 154/60, Francisco Bernardo Garcia, da CCS/BCaÇ 442.

- Soldado 852/63, José Augusto Proença, da CCS/BCaÇ 471.
- Soldado CAR 1986/3, Domingos Carreiro Lobato Moreira, da CCaÇ 478/BCaÇ 505.
- Soldado Atirador 673/63, António Nunes da Silva, da CCaÇ 478/BCaÇ 505.
- Soldado CAR 602/62 da CCS/BArt 400.
- Soldado 2066/64, Manuel do Carmo Mendes, do CMR 113/RIL

Em 01Mar64 é aumentado ao efectivo do CI-25, por ter passado à Comissão Voluntária o 1º Cabo (CMD) 141/61-RD, Manuel Francisco Pires Júnior, da ex-CCaÇ 318/BCaÇ 317 (GRCMD “Fantasmas”).

Pelotão de Reforço:

Foi colocado no CIC, um pelotão de reforço da CArt 393, que se apresentou em 11FEV64 e era constituído pelo seguinte pessoal.

- Alf. Milº Artº Luís Manuel Vaz Serra de Sousa.
- Fur Mil Art, Manuel Lourenço Ferreira Branco.
- Fur Mil Art, Gabriel dos Reis Rainho.
- 1º Cabo 195/62, Dioniso Xavier Henriques.
- 1º Cabo 278/62, José Ribeiro Dias.
- 1º Cabo 283/62, Manuel André da Silva.
- 1º Cabo 325/62, António Ferreira da Costa.
- 1º Cabo 337/62, Artur Flamino Coelho Gomes.
- 1º Cabo 346/62, Américo de Jesus Fernandes.
- 1º Cabo 349/62, Carlos de Jesus Paiva.
- 1º Cabo 481/62, Joaquim da Costa Campos.
- 1º Cabo 527/62, Sebastião dos Santos Xavier.
- 1º Cabo 709/62, José Ribeiro da Silva Bagagem.
- Soldado 242/62, Augusto Manuel Gonçalves Ventura.
- Soldado 248/62, José Ribeiro.
- Soldado 263/62, Manuel Martins Pereira.
- Soldado 264/62, José Rodrigues Alves.
- Soldado 267/62, Diamantino Pereira.
- Soldado 275/62, Alberto José Nogueira Caetano.
- Soldado 295/62, Joaquim dos Reis Ferreira.
- Soldado 301/62, Joaquim Afonso.
- Soldado 310/62, Francisco Sanches Peralta.
- Soldado 332/62, José Paiva Gomes.

- Soldado 388/62, Raul Fernando Júnior.
- Soldado 394/62, Custódio José Peralta.
- Soldado 397/62, António Augusto Baleizão.
- Soldado 398/62, Manuel Leiras de Almeida.
- Soldado 505/62, João Baptista.
- Soldado 532/62, Albino Correia Agra.
- Soldado 1245/62, João José Veredas Rodrigues.
- Soldado 1373/62, Alberto Gomes.
- Soldado 1994/62, Joaquim Gonçalves.
- Soldado 262/A, Horácio do Coito Cruz.
- Soldado 406/PU, Adolfo da Silva Pires.
- Soldado 474/60, Manuel Barbosa Marques.
- Soldado 48/60, Américo Joaquim Rodrigues.

Substituição do Pelotão de Reforço:

O pelotão da Cart 393 em 27Fev64, foi substituído por um pelotão da CCav482, constituído pelos seguintes militares:

- Alf Mil Américo Francisco Bexiga Pontes.
- Fur Mil, Carlos Manuel Nunes Esteves Parreira.
- Fur Mil, Victor Caldeira Bento.
- 1º Cabo 1078/62, David Gonçalves Rodrigues.
- 1º Cabo 110/63, António José Lúcio Caetano.
- 1º Cabo 131/63, António Mimoso.
- 1º Cabo 133/63, José Marques Pio.
- 1º Cabo 138/63, Lourenço Barra Chamiço.
- 1º Cabo 139/63, Joaquim António da Quinta.
- 1º Cabo 152/63, João Oliveira da Silva.
- Soldado 1090/62, Bartolomeu Dias de Jesus.
- Soldado 103/63, Carlos Alberto Batalha.
- Soldado 105/63, António Ascensão Tomás.
- Soldado 107/63, Henrique Assunção Marques.
- Soldado 108/63, Manuel José Laranjinho Espada.
- Soldado 111/63, António dos Santos Tavares.
- Soldado 113/63, Carlos José Marques Rosmaninho.
- Soldado 114/63, Francisco José Simões Guerra.
- Soldado 148/63, Júlio Miranda Malta.
- Soldado 154/63, José Ramos Pedro.

- Soldado 421/63, João Ferreira Faria Barbosa.
- Soldado 422/63, António de Jesus Melo.
- Soldado 423/63, Manuel do Rosário Quina Moura.
- Soldado 427/63, Manuel Pereira.
- Soldado 428/63, Albino de Jesus Vieira.
- Soldado 550/63, Marcelino Ramos Salgado.

Secção de Cães de Guerra

Com destino à formação do Centro, apresentou-se ainda em 18Fev64, a Secção de cães de guerra 864/Centro Cinotécnico (CC), cuja constituição era a seguinte:

- Fur Mil Ulisses Ferreira Godinho, do CC do CM Grafanil.
- Soldado 32/63, Afonso Ramalho Sobral, do CC do CM Grafanil.
- Soldado 33/63, Albano Martins, do CC do CM Grafanil.
- Soldado 35/63, António Augusto F. Petisca, do CC do CM Grafanil.
- Soldado 37/63, Augusto Teixeira Dinis, do CC do CM Grafanil.
 - Cão de Guerra nº.19-Axel.
 - Cão de Guerra nº.37-Câsar.
 - Cão de Guerra nº.29-Klodo-I.
 - Cão de Guerra nº.47-Kay.

Apoio Aéreo

Da BA 3.

- Fur Mil Piloto, Rogério Caracol Esteves - 01Abr a 03Abr64.
- 1º Cabo NNA 184/EP, Manuel Pereira Penha - 01Abr a 03Abr64.

Da BA 9.

- Alf PILAV, António José Ribeiro Campos - 01Mai a 06Mai64.
- Alf PILAV, António de Figueiredo Rodrigues - 01Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MNA, Óscar Pedro Ferreira Mendes - 01Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo Met 789/RD, José dos Santos Seixo - 01Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MR 217/61, João Rodrigues Sobreiro - 01Mai a 06Mai64.
- Cap PILAV, Abel Orlando Rebelo de Sousa Queiróz - 02Mai a 06Mai64.
- Alf PILAV, António José Branco Afonso - 02Mai a 06Mai64.
- Alf PILAV, Manuel Alvarenga de Sousa Santos - 02Mai a 06Mai64.
- Alf PILAV, Geraldo José Leal Estevens - 02Mai a 06Mai64.
- Cap Eng Aéron, José Ferreira Beirão Belo - 02Mai a 06Mai64.

- 1º Sarg Piloto, João Manuel de Brito Duarte – 02Mai a 06Mai64.
- 2º Sarg Piloto, José Francisco Marta – 02Mai a 06Mai64.
- Fur Piloto, António Taveira Rendeiro – 02Mai a 06Mai64.
- Fur MMA, José Tagarra Feliciano – 02Mai a 06Mai64.
- Fur MMA, Fernando Rodrigues de Oliveira Soro – 02Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MMA 124/A, António Pereira Teixeira – 02Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MMA 811/RD, Celestino Augusto da Silva Paiva – 02Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MMA 920/RD, Duarte Jorge Cardoso Leitão – 02Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MMA 852/EP, Jorge Ferreira – 02Mai a 06Mai64.
- 1º Cabo MMA 126/A, Diamantino F. dos Santos – 02Mai a 06Mai64.

Visitas de Trabalho e de Estudo

- 1) Em 20Abr64 efectuaram uma visita de estudo ao CI-25, durante seis dias, Oficiais do Destacamento nº3 de Fuzileiros Especiais e da Companhia nº 1 de Fuzileiros, abaixo designados, que regressaram às suas Unidades de origem, em 25Abr64:
 - 1º Tenente, Joaquim Alberto Pires Dias, Comp Fuz Esp n.º 1.
 - 2º Tenente, Humberto Jorge Santana, Comp Fuz Esp n.º 1.
 - 2º Tenente, Helder Martins Viegas, Dest.Fuz Esp.n.º 3.
 - 2º Tenente, José Júlio Neto Abrantes Serra, Dest.Fuz Esp.n.º 3.



Oficiais do Corpo de Fuzileiros acompanhados do Comando do Centro
(Fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

- 2) Ao serviço do QG/RMA, visitaram o CI-25 os seguintes Oficiais:

Dia 07/08Mai64

- TCor do CEM, Francisco Maria Rocha Simões.
- Maj do CEM, Hugo Rodrigues da Silva.
- Cap Art, Raul Ernesto Mesquita da Costa Passos Ramos.

De 28Abr a 08Mai64.

- Cap Art, José Manuel Pinto Pereira.
- Fur Mil Eng, Carlos Alberto Gameiro Neves Moreira⁹⁹
- Soldado Foto-Cine 59/62, Diamantino Pires Rilho.¹⁰⁰

- 3) Em 21Mar64, apresentaram-se no CI-25, a fim de prestar serviço da sua especialidade, regressando a Luanda na mesma data, os seguintes Oficiais:
- Cap Veterinário, António Maria Rodrigues Ribeiro, do Dest Inspecção de Alimentos n.º 657, em visita de inspecção;
 - Alf Mil Médico, Sérgio Magro dos Reis, Chefe da Equipa de Estomatologia n.º 5.
- 4) Em 25Abr64, o Coronel Tirocinado João da Palma de Faria Leite Brandão, Chefe de Estado-Maior da Região Militar de Angola, efectuou uma visita de inspecção ao CI-25.

⁹⁹ Efectuou reportagem filmada e gravação

¹⁰⁰ Efectuou reportagem filmada e gravação

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA
CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS

COMANDO N.º 001



POSTO Major de Art.º.

NOME GILBERTO MANUEL

SANTOS E CASTRO

COMANDANTE

[Handwritten signature]

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA
CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS

COMANDO N.º 002



POSTO Cap. de Art.º.

NOME JÚLIO FARIA RIBEIRO

DE OLIVEIRA

O COMANDANTE

[Handwritten signature]

Após a visita dos Oficiais Fuzileiros, foram recebidas no CI-25 Notas de agradecimento emitidas pela Região Militar de Angola, Comando Naval de Angola e um cartão do Destacamento nº 3 de Fuzileiros Especiais:

CONFIDENCIAL

S. R.
REGIÃO MILITAR DE ANGOLA

de -2 MAI 64 de 196

Ex.º Sr. Comandante do CI 25

a) E.M.- 3ª Repartição

ASSUNTO: PLANOS DE ADESTRAMENTO - FUZILEIROS

N.º 1741/3-Pº 345.104

Ref.º N.º Ofício Xº 872 Pº 1.17.01
de 28 ABR 64 do CNA

ENTRADA N.º 348
PROC. N.º 6-0
EM. 7 1 5 1964

*De-x cumprimento
aos oficiais
importantes
6/5/64*

1. Sua Excelência o General Comandante da Região Militar em carrega-me de transcrever o ofício em referência do Comando Naval de Angola:
 1. Cumpre-nos levar ao conhecimento desse Comando que os 4 oficiais fuzileiros recentemente chegados do C.I. nº 25 (QUIBALA), onde durante alguns dias foram admitidos como observadores, trouxeram a melhor das impressões e muitos ensinamentos de tudo o que lhes foi dado ver naquele modelar Centro de Instrução.
 2. Mais nos cumpre agradecer as muitas gentilezas e a esplêndida camaradagem de que os referidos oficiais foram alvo durante a sua estadia em QUIBALA, e que muito os sensibilizou."
2. Mais me encarrega Sua Excelência de manifestar a V.Ex.º, o seu muito agrado pelas excelentes referências feitas ao CI 25 visto constituírem índice seguro do nível de eficiência atingido e do espírito de corpo existente.

200 Chefe do Estado Maior

João de Paiva de Faria Leite Brandão
Brigadeiro

[Assinatura]

CONFIDENCIAL

A6/35

a) Unidade



Luanda, 3 de Março de 1964

Exmo. Senhor
Capitão Gilberto Manuel Souto e Castro
Digno Director da Escola de Comandos
QUIBALA

*De-se conhecimento aos
oficiais do Centro
arquivar*

10/4/64

Muito penhorado venho agradecer a V.Exa. o bom acolhimento e a magnífica hospitalidade com que fui recebido na Escola de Comandos e manifestar-lhe quanto apreciei visitar as instalações e travar conhecimento com os modernos métodos de ensino e preparação dos seus alunos.

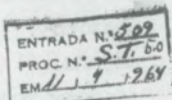
Espero poder ter a oportunidade de mandar alguns dos oficiais fuzileiros, em serviço em ANGOLA, fazer estágios aí, o que será de grande proveito para eles e para as suas forças.

Pego-lhe, Senhor Comandante, seja interprete junto dos oficiais sob o seu comando dos meus sentimentos de apreço e gratidão com que fui recebido.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V.Exa. os meus melhores cumprimentos e votos das maiores felicidades e sucessos no seu tão importante cargo.

Espectacularmente,

Camde de Souto e Castro
c. aluno



*Nome: Souto
n.º 114801
11/4/64*

OS OFICIAIS

DQ

DESTACAMENTO Nº 3 DE FUZILEIROS ESPECIAL

E

A Companhia Nº 1 de Fuzileiros

agradecem, sensibilizados, a maneira como foram
recebidos na

Escola de Comandos

oficialmente de lapela



INSTRUÇÃO

Seleccção do Pessoal

Através da circular nº 4705 Pº 347.7 de 03/12/63 do QG/RMA, foi feito convite a oficiais, sargentos e praças, para a frequência do curso a ministrar no CI-25.

A 3ª Repartição do QG/RMA, submeteu a despacho superior uma relação de oficiais, sargentos e praças, cujos oferecimentos, no seu parecer deveriam ser aceites, tendo esta merecido a concordância do Chefe do Estado Maior, Brigadeiro João de Paiva de Faria Leite Brandão e a aprovação do Comandante da RMA General José Eduardo Reverendo da Conceição, por despacho de 11Jan64.

Os militares que constavam dessa relação foram mandados apresentar no RIL, em 15JAN64, para realizarem provas de selecção.

Destas provas, constava a avaliação da aptidão física, um exame de capacidade de chefia, duas provas de decisão, uma prova de tiro e uma prova de agressividade.

As provas físicas, constavam de provas de potência, cuja finalidade era eliminar os elementos cujos resultados os não situassem nos 25% melhores do contingente de onde eram originários.

Os quadros, efectuavam as provas a seguir indicadas, com o objectivo de se avaliar a sua capacidade de chefia:

- palestra
- conversa em mesa redonda
- entrevista
- teste de situação com o seu chefe designado
- cabra-cega
- apresentação

As provas de decisão consistiam no salto em profundidade e salto para o galho, e a prova de agressividade numa prova de boxe de parada interdita.

A prova de tiro era uma prova subsidiária, de tiro deitado a 50 m, mais como elemento de informação do que de eliminação.

As provas atrás referidas, estavam condicionadas pelos resultados de um exame médico objectivo e pesquisa de elementos base para o controlo futuro da instrução.



Seleção de Pessoal-prova de boxe
(Fotografias do Alferes Luís Câmara Pina,
cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

Horário de Serviço Interno

O Comando estabeleceu o seguinte horário de serviço interno:

Alvorada	06H30
1ª Refeição	07H30
Início dos Serviços	08H00
Alto aos Serviços	12H00
2ª Refeição	12H30
Reinício dos Serviços	14H30
Alto aos Serviços	17H30
3ª Refeição	18H30
Recolher	21H30
Silêncio	22H00

Apresentação e recepção dos graduados instruendos. Início do curso.

A chegada dos graduados instruendos ao CI-25 teve lugar na madrugada de 17 para 18 de Fevereiro, estando presentes o Comandante e todos os oficiais do Centro.

Após o desembarque das viaturas, foram constituídos os grupos para instrução, sob o comando dos seguintes graduados:

- Oficiais voluntários Alf. Pina
- Sargentos voluntários 1º Cabo Mil Eusébio
 - BCaÇ 503 Fur. Eiras
 - BCaÇ 505 Fur Almeida
 - BCaÇ 511 Fur Marques
 - BCaÇ 540 1º Cabo Mil Júnior
 - BCaÇ 547 1º Cabo Mil Carvalho
 - BCaÇ 595 2º Sarg Parente

Seguidamente, foram conduzidos para os respectivos alojamentos, tendo-lhes sido entregue um envelope com as primeiras indicações.

Este envelope continha:

- Chapa para arma
- Horário dos três primeiros dias
- Um bloco de vales para a cantina
- Recibo de material de aquartelamento
- Instruções diversas

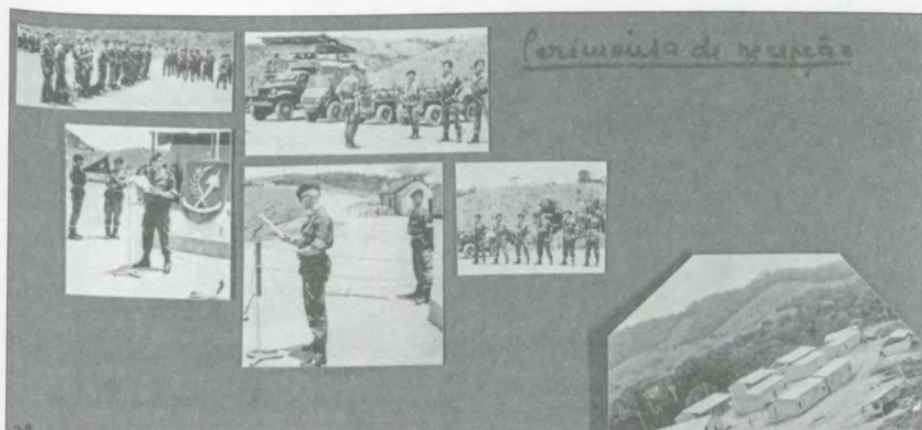
Após a instalação nos quartos e do banho foi-lhes servida uma refeição de café com leite, pão e manteiga, nas respectivas messes.

O dia seguinte, foi destinado à instalação dos instruendos, tendo lugar da parte da tarde as primeiras actividades de instrução, com a execução de demonstrações aos instruendos e onde compareceram todos os instrutores e monitores.

No terceiro dia, 20 de Fevereiro de 1964, teve lugar a ABERTURA SOLENE DO CURSO, que foi presidida pelo General José Eduardo Reverendo da Conceição, comandante da RMA, estando presente o Brigadeiro Arnaldo Schulz, comandante do Sector D.

À sua chegada á pista, foram recebidos por todos os oficiais do Centro, tendo de seguida sido conduzidos para a messe de oficiais, onde aguardaram o início da cerimónia, cuja sequência foi a seguinte:

- Apresentação da formatura e continência ao General Comandante da RMA
- Locução do comandante do Centro, do Brigadeiro Arnaldo Schulz e do General Comandante da RMA
- Içar da Bandeira
- Leitura dos deveres do Comando
- Continência ao General Comandante da RMA
- Destroçar
- Revista ao Centro
- Distribuição da refeição



Conjunto de fotografias alusivas à cerimónia de recepção

(Album fotográfico do Alferes Luís Câmara Pina, cedido pelo genro, Dr. Miguel Alvim)



**Brigadeiro Arnaldo Schulz a cumprimentar o Comandante do Centro,
Capitão de Art^a Gilberto Manuel Santos e Castro.**

(Fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

RESERVADO

S. R.

MOD. 417 - D. I. A.

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA

(A) COMANDO DO SECTOR A

(B) 1.ª SECÇÃO

Ao Sr. Comandante do C.I. 25

No. 2630-Pº. 10100 Em, 22.4.64

ENTRADA N.º 307

PROC. N.º 4/11

EM. 15.5.1964

SI REFERÊNCIA SI COMUNICAÇÃO DE NI REFERÊNCIA

ASSUNTO:

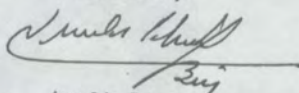
REP. 1.ª

Ao deixar o Comando do Sector, por ter sido nomeado para outra comissão de serviço fora desta Província, desejo manifestar a V. Ex.ª o meu muito apreço pela forma interessante, eficiente e disciplinada com que esse Centro de Instrução marcou a sua brilhante presença neste Sector e a forma como indirectamente contribuiu para o cumprimento da missão que ao mesmo está atribuída.

Devido à urgência da minha retirada não foi possível deslocar-me a esse Centro para apresentar cumprimentos de despedida com seria a minha intenção.

Apresento a V. Ex.ª e elementos sob o meu Comando os desejos das maiores felicidades na vida particular e profissional e os maiores exitos no cumprimento da missão que tem atribuída.

O COMANDANTE,



Arnaldo Schulz

Brigadeiro

A/CC.

- (a) — Comando, Unidade ou Estabelecimento.
 (b) — Repartição ou Sub-Unidade.
 (c) — Endereço Postal.

Nota de despedida do Comandante do Sector A, Brigadeiro Arnaldo Schulz,
 ao Comandante do CI-25:



Cerimónia de Eliminação

(fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

Eliminação no Curso de Comandos

Durante o curso, os instruendos eram avaliados e sujeitos a eliminação em conformidade com os seguintes critérios:

Não possuírem qualidades físicas, morais e militares, indispensáveis a um “COMANDO” (definidas nos Deveres Comando);

Serem punidos disciplinarmente, qualquer que fosse o valor ou extensão da pena.

Os militares eliminados regressavam à sua anterior situação, sem quaisquer títulos ou direitos “Comando”, independentemente da fase em que se verificasse a eliminação.

A eliminação com base em motivos disciplinares, podia ter carácter público ou privado, tomando o carácter de expulsão.

Se as razões fossem consideradas independentes da vontade dos visados e não fossem consideradas indignas de um homem e de um militar, era prestada homenagem ao esforço despido e publicamente manifestado pesar pela sua eliminação.

Apresentação das Praças – Instruendos

A vinda das praças para a frequência do curso, verificou-se em duas fases:

- Em 13 de Março de 1964, chegaram na primeira coluna os grupos dos BCaÇ 503, 511 e 595;
- No dia seguinte, numa segunda coluna, apresentaram-se os grupos dos BCaÇ 505, 540 e 547.

Após a chegada, os procedimentos e actividades relativas à sua instalação, foram em tudo similares ao que se passou aquando da recepção dos graduados, com a excepção da cerimónia solene da abertura do curso.

O início da instrução, foi assinalado com uma formatura geral de recepção, com içar da BANDEIRA NACIONAL.

Uso da Designação “COMANDO”, após a 1.^a fase de Instrução¹⁰¹

O comando do Centro, através da directiva nº5 de 18 de Março de 1964, comunicou aos graduados que se encontravam em instrução o seguinte:

“... Após o termo da primeira fase de instrução, tem o Comando do Centro a honra e a alegria de comunicar que o pessoal abaixo indicado, passou a ter direito ao uso interno da designação COMANDO bem como ao distintivo do Centro:

OFICIAIS VOLUNTÁRIOS

- RINL Alf Mil José Abílio Alves Monteiro
- CMD AGR 9 Alf Inf José Manuel da Glória Belchior
- RIL Alf Mil José Ferreira Pires

SARGENTOS VOLUNTÁRIOS

- RIL Fur Inf Henrique Carvalho Gonçalves
- CPM 418 Fur Mil Cav Francisco José D'Orey Roquette
- EAMA Fur Mil Fortunato Barreiros Araújo
- RINL Fur Mil José Brás Ganhão

¹⁰¹ Directiva nº 5 de 18 de Março de 1964, do CI-25

- CPM 418 Fur Mil Cav Carlos Artur Hilário de Almeida
- ASMA Fur Art Celestino Jorge da Cruz Galego
- RIL Fur Inf Manuel Joaquim Candeias
- CART 493 Fur Mil Pompílio Manuel Ferreira Gato
- BCaç 451 Fur Mil Armando dos Santos Reis
- CCav 432 Fur Mil Cav Luís Patrício Correia Gomes
- BArt 400 Fur Mil António Lourenço Chaves de Almeida
- RIL 1º Cabo Mil Armando Correia de Almeida Melita
- GACL 1º Cabo Mil Fernando Ferreira Venâncio

GRUPO DO BCaç 595

- Alf Mil José Manuel Cabrita Guerreiro Batista
- Fur Mil Flávio José Rodrigues Freitas
- Fur Mil Fernando Luís Silva Alvoeiro da Costa
- Fur Mil Ramiro Costa Cláudio da Silva
- Fur Mil Manuel Álvaro de Sá Castro
- Fur Mil Mário Mateus

GRUPO DO BCaç 547

- Alf Mil Manuel Martins de Matos
- Fur Mil António Augusto Almendra Rodrigues
- Fur Mil Ofémio Sarmiento Brito Évora
- Fur Mil Miguel Ângelo Monteiro Pinto
- Fur Mil Mário José da Costa Oliveira

GRUPO DO BCaç 540

- Fur Mil António Vicente Amante Caneiras
- Fur Mil José António Teixeira de Freitas
- Fur Mil Luís António da Costa Mendes
- Fur Mil Armando André Mendes
- Fur Mil Salvador Rodrigues da Silva

GRUPO DO BCaç 511

- Alf Mil Alfredo da Costa Correia da Silva
- Fur Mil Álvaro Luís dos Santos
- Fur Mil Joaquim Coutinho Domingues
- Fur Mil Manuel de Jesus Castro

GRUPO DO BCaÇ 505

- Fur Mil Armando Alberto Salgado
- Fur Mil Fernando dos Reis Pereira
- Fur Mil Dagoberto Diogo Tavares
- Fur Mil Daniel Francisco Duarte Catulo
- Fur Mil António Oliveira Teles

GRUPO DO BCaÇ 503

- Alf Mil João Manuel dos Santos Cardoso
- Fur Mil Sebastião Rui Martins Ferreira
- Fur Mil Laurénio de Viveiros Correia
- Fur Mil Jaime Piedade Silva Rodrigues
- Fur Mil Marcelo João Teixeira de Aguiar Gomes
- Fur Mil José Luís Brás Rodrigues

Deve no entanto esclarecer todos e cada um que o uso do título não quer dizer que isso corresponda ao direito definitivo. Ele apenas significa passagem à segunda fase, que representará sem dúvida no crescer das obrigações e deveres que lhes cabem no comportamento interno e na instrução. E aqui ele representa de facto e em todo o seu significado, o direito que às responsabilidades e aos deveres que vos passaram a caber. E eles são tais que quase podemos dizer, ser mais fácil consegui-lo que mantê-lo.

Ele destina-se única e simplesmente a uso interno, e o não cumprimento desta determinação implicará automaticamente a expulsão do Centro....”

Reorganização da Instrução

A partir de 06 de Abril, a instrução de quadros, voluntários e tropas, foi reorganizada em novos moldes:

Os quadros dos grupos, passaram a ter instrução separadamente, a fim de poderem alcançar uma melhor preparação, com relevância para as seguintes matérias:

- Acção de equipa
- Acção de grupo
- Sobrevivência

As praças dos grupos, continuaram o programa previsto, sendo instruídas por equipas de quadros voluntários, que assim praticavam na sua missão de instrutores e monitores, fundamentalmente nas seguintes áreas:

- Educação física
- Técnica de Combate
- Acção de equipa
- Ligação Sapadores
- Informações

Os Quadros Voluntários são divididos em três equipas de instrução, ficando cada uma delas responsável, pela instrução de dois grupos, nomeadamente:

EQUIPA	GRUPOS
Alf Monteiro	505 e 595
Fur Chaves	
Fur Roquette	
Fur Ganhão	
Fur Candeias	
Alf Belchior	503 e 540
Fur Araújo	
Fur Venâncio	
Fur Galego	
Fur Gonçalves	
Alf Pires	511 e 547
Fur Patrício	
Fur Melita	
Fur Gato	
Fur Hilário	

Os oficiais do Centro continuam nas suas missões de instrução com a seguinte orientação:

- Cap Leal de Almeida
- Orienta a Educação Física, Sobrevivência e Ordem Unida dos Grupos e instrui os Quadros

- Ten Cardoso
 - Instrui os Quadros em Técnica de Combate, Acção da Equipa e Acção do Grupo
- Ten Gonçalves
 - Com o 1º Cabo Pires Júnior instrui os grupos 503, 511 e 540
- Alf Pina
 - Com o 2º Sarg Santos superintende a instrução dos grupos 505, 547 e 595
- Restantes Oficiais Instrutores
 - Continuam orientando as matérias que lhes cabem.

Matérias Ministradas no Curso

- Tática
 - Técnica de combate
 - Acção da equipa
 - Acção do grupo

Imagens da instrução de técnica de combate



Progressão

Tiro/Reacção

Desaparecer

(Album fotográfico do Alferes Luís Câmara Pina, cedido pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

- Educação Física
 - Ginástica de aplicação militar
 - Combate corpo a corpo
 - Trabalho de estrada
- Tiro
 - De precisão
 - De combate



Instrução de Lança Rocket's

(Album fotográfico do Alferes Luis Câmara Pina, cedido pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

- Transmissões
- Orientação
- Primeiros Socorros
- Informação Geral
- Informações
- Sapadores
- Sobrevivência

Instrução com Helicópteros

Foi dado especial relevo à instrução com helicópteros, tendo o Centro através da nota nº6 Pº2.1 de 16/03/64, solicitado que fossem disponibilizados 2 helicópteros no período de 6 a 11 de Abril para realização de treinos de embarque e desembarque.

Solicitou ainda que, para a fase operacional que se previa viesse a decorrer no período de 27 de Abril a 02 de Maio, fossem posicionados no Centro, 7 helicópteros para a realização dos seguintes tipos de operações:

- Golpes de mão
- Acções combinadas, terrestre e intervenção ou diversão heliportada
- Apoio e intervenção heliportada na caça e Long Range Patrol.





Instrução de Helicópteros

(Album fotográfico do Alferes Luís Câmara Pina, cedido pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

Acção Psicológica na Formação “Comando”¹⁰²

No decorrer da instrução da especialidade “Comando”, a acção psicológica acompanhou a par e passo a formação dos instruendos, tendo sido em Zemba, que, por iniciativa do Dante Vacchi, foi utilizada a fita magnética (gravador) pela primeira vez. Posteriormente no CI-16 e CI-25, foram utilizados cartazes e os denominados “panfletos”, sendo a “voz do comando” introduzida mais tarde no curso da 1ª Companhia de Comandos, no CIC.

A acção psicológica, na sua envolvente, define e analisa princípios, técnicas, meios e objectivos a alcançar. Considerando, que a abordagem dos princípios e das técnicas, se configura, aqui, desnecessária e como tal a sua inclusão no conteúdo da publicação, limitamo-nos a fazer referência aos meios e aos objectivos.

Sendo difícil, pela sua natureza, situar esta matéria no âmbito da instrução ministrada até ao final do CI-25, é possível que os elementos expostos ultrapassassem este período em que teve lugar a formação dos grupos.

¹⁰² Extraído do relatório do CENTRO NACIONAL DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS, de Abril de 1965.

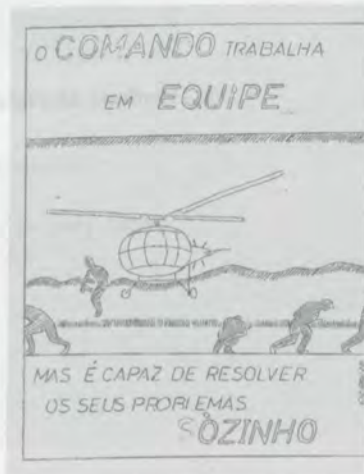
Como meios de actuação foram referenciados os seguintes:

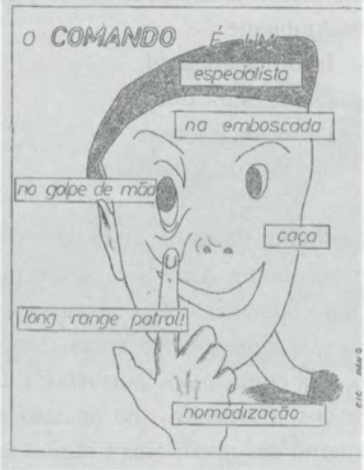
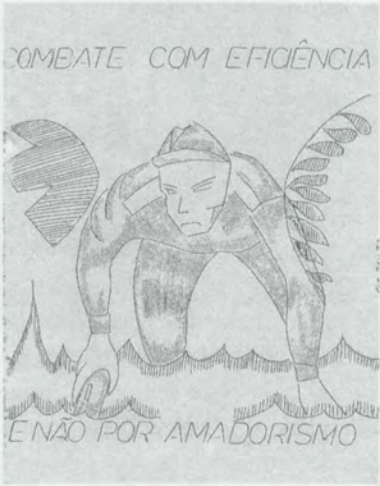
- Ambiente
- Informação geral
- Quadros e cartazes
- Panfletos e jornais
- A “Voz do Comando”

O **ambiente** fundamenta-se no princípio de que as primeiras impressões são as que mais perduram. Criava-se assim uma “Diferença” de procedimentos que provocava um choque inicial, com origem nos muitos cuidados postos nos primeiros contactos que o instruendo tinha com o Centro, nomeadamente no desenrolar da selecção, nos cuidados de pormenor e de organização, que sempre se tornavam na recepção dos instruídos, no aparato e solenidade das cerimónias, no comportamento interno dos instrutores e monitores que deviam afinar por um comportamento comum, no aspecto altamente militar e elevada disciplina.

A **informação geral**, tomando a forma de discussão dirigida, era simultaneamente uma prática de instrução, visando analisar os fundamentos históricos, políticos e económicos da nossa posição, conduzindo a uma formação, que teria de conter todo um processo de “Refutação” nos mesmos campos, das falsas interpretações, que servissem de fundamento a uma inadmissível política de abandono.

Os “**quadros**” e “**cartazes**” eram a expressão plástica e simplificada da informação geral, continuada e sustentada pela acção dos “panfletos”, cabendo à “**Voz do Comando**” a sua interligação final, pondo em consonância as várias mensagens, de forma repetida e dando-lhes simultaneamente um sentido prático, por forma a que fossem concretizadas, no modo de actuar dos comandos.





Panfletos da Acção Psicológica - CIC

Cerimónia Final

- No final do período de instrução e antes da “Fase Operacional”, realizou-se no Forte João de Almeida, situado na região de Massangano, a cerimónia de imposição de “crachás”, cujos contornos não estão convenientemente definidos, devido à falta de elementos concretos.
- O articulado desta cerimónia, consta da “DIRECTIVA Nº12 do CENTRO”, que se transcreve:

“...ASSUNTO: CERIMÓNIA FINAL

- 1) Deslocamento – coluna auto
- 2) Regresso c/ escolta - Formação
- 3) Capinação, arranjar instalações
- 4) Pôr do Sol – Toque sentido, marcha de continência, içar da bandeira
- 5) Iluminação com archote, fogueira, segurança
- 6) Alimentação – Pausa de 60 minutos
- 7) Hino em surdina
- 8) Palavras para minuto de silencio
- 9) Palestra
- 10) Imposição individual aos Quadros
- 11) Chamada dos Grupos – Imposição individual pelos Grupos
- 12) Velada com chamamento da Unidade e descargas
- 13) Toque de alvorada
- 14) Hino Nacional em coro
- 15) Preparação da retirada
- 16) Retirada

Quartel em ZIN, 27 de Abril de 1964

O COMANDANTE

Gilberto Manuel Santos e Castro
CAP ART”



Formatura Geral CI-25



Capitão Santos e Castro a passar revista às tropas

Fase Operacional

A “FASE OPERACIONAL”, que decorreu no período de 01 a 07 de Maio de 1964, foi o culminar das actividades da Instrução no Centro, tendo as forças sido organizadas da seguinte forma:

Comando

- Comandante – Cap Santos e Castro
- 1ª Secção Pessoal
 - Chefe – Alf Morgado
- 2ª e 3ª Secções Operações/Informações
 - Chefe – Cap Leal de Almeida
- Destacamento de Transmissões
 - Comandante – Alf Freitas

Agrupamentos de Combate:

- Agrupamento de Combate – A
 - Comandante – Ten Cardoso
 - Constituição “Audazes” – BCaç 511
 - “Relâmpagos” – BCaç 595

- Agrupamento de Combate – B
 - Comandante – Alf Pina
 - Constituição “Fantasmas II” – BCaç 547
 - “Sombras” – BCaç 505

- Agrupamento de Combate – C
 - Comandante – Ten Gonçalves
 - Constituição “Centuriões” – BCaç 503
 - “Leões” – BCaç 540

Reserva

- Comandante – Alf Monteiro
- Constituição “Os Magníficos”



**Reconhecimento aéreo
ao vale do rio Loge**

**Reconhecimento aéreo
à mata Sanga**

(Album fotográfico do Alferes Luís Câmara Pina, cedido pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

RESULTADOS DAS PROVAS DE SELECÇÃO E DA FREQUÊNCIA DO CURSO

Apresenta-se um quadro com os resultados das provas de selecção e ainda os números relativos ao efectivo que terminou o curso com aproveitamento:

	OFICIAIS	SARGENTOS	PRAÇAS
Oferecidos:	24	62	214
Presentes: ¹⁰³	13	51	206
Eliminados: ¹⁰⁴	5	14	61
Concluíram o Curso:	8	37	145

¹⁰³ Para iniciar o Curso

¹⁰⁴ Durante o Curso

Aproveitamento na Instrução

O curso ministrado no CI 25, decorreu de 10Fev a 10Mai64 e ao abrigo da nota nº 2303/PM de 30Abr64, da 1ª Rep / EME e por despacho de 23Mai64 do CEME, General Luís Câmara Pina, é averbada a Aptidão Especial de “Comandos” aos militares que constituíram os grupos mencionados nas páginas seguintes:



General Luís da Câmara Pina
CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO
EXÉRCITO, DE 25Ago58 a 19Jun69

GRUPO DE COMANDOS “CENTURIÕES”/BCAÇ Nº.503¹⁰⁵

Constituição do Grupo

Comandante:

- Alf Mil Inf "Cmd", Dinis de Araújo Pimentel, do BCAç 503.
- Alf Mil Inf "Cmd", João Manuel dos Santos Cardoso, do BCAç 503.

Sargentos:

- Fur Mil Inf "Cmd", Laurénio Viveiros Correia, BCAç 503.
- Fur Mil Inf "Cmd", Jaime Piedade da Silva Rodrigues, BCAç 503.
- Fur Mil Inf "Cmd", José Luís Brás Rodrigues, BCAç 503.
- Fur Mil Inf "Cmd", Marcelo João Teixeira de Aguiar Gomes, BCAç 503.
- Fur Mil Inf "Cmd", Sebastião Rui Martins Ferreira, BCAç 503.

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 27/63, João dos Santos Varela, CCS
- 1º Cabo "Cmd" 725/63, Carlos Alberto Gomes, CCAç 501.
- 1º Cabo "Cmd" 730/63, Hermínio Augusto Osvaldo, CCAç 501
- 1º Cabo "Cmd" 736/63A, Abílio da Cunha Teixeira, CCAç 501
- 1º Cabo "Cmd" 1024/63, Rui Carlos Amorim de Sousa, CCAç 501.
- 1º Cabo "Cmd" 1136/63, José Ribeiro do Nascimento Delgado, CCS.
- 1º Cabo "Cmd" 2794/63, Manuel da Silva Freitas, CCAç 500.
- Soldado "Cmd" 458/63, Agostinho Ferreira Pinto, CCAç 502.
- Soldado "Cmd" 876/63, Joaquim Luís Fernandes, CCAç 502.
- Soldado "Cmd" 1038/63, Lázaro Faria dos Santos, CCAç 502.
- Soldado "Cmd" 1068/63 José Mendes Gonçalves, CCAç 502.
- Soldado "Cmd" 1073/63, Carlos Manuel Oliveira, CCAç 502.
- Soldado "Cmd" 1715/63, José Sertelha Rochester, CCAç 502.
- Soldado "Cmd" 1084/63, José Fernando Moreira Rocha Pinto, da CCAç 500.
- Soldado "Cmd" 1086/63, Marcelino Viegas Pereira, CCAç 501.



Emblema
de braço

¹⁰⁵ Comandante Tenente-Coronel Infantaria João Fernando Malho Ilharco

- Soldado "Cmd" 1107/63, Virgílio Capelas Delgado, CCAç 500.
- Soldado "Cmd" 935/63, Isidro Manuel Pereira, CCAç 501.
- Soldado "Cmd" 947/63, José Silveira Caetano, CCAç 501.
- Soldado "Cmd" 951/63, Manuel João da Silva, CCAç 501.
- Soldado "Cmd" 953/63, Artur Ramos, CCAç 501.
- Soldado "Cmd" 1046/63, Adérito Augusto Pires CCS.
- Soldado "Cmd" 1274/63, Custódio José Martins, CCAç 501.
- Soldado "Cmd" 1810/63, João de Oliveira Almeida, CCAç 501.
- Soldado "Cmd" 2810/63, Pedro José Nunes, CCAç 501.

OBSERVAÇÕES

Faleceu no decorrer da instrução em 21Abr64, devido ao rebentamento de uma granada, o 1º Cabo Atirador, António José da Silva Gonçalves, do BCAç503.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “SOMBRAS”/BCAÇ Nº505¹⁰⁶

Constituição do Grupo



Emblema
de braço

Comandante:

- Fur Mil Inf "Cmd", Amândio Alberto Salgado, da CCAç 479.

Sargentos:

- Fur Mil Inf "Cmd", Dagoberto Manuel Diogo Tavares, da CCAç 479.
- Fur Mil Inf "Cmd", Fernando dos Reis Pereira, da CCAç 478.
- Fur Mil Inf "Cmd", Daniel Francisco Duarte Catulo, da CCAç 479.
- Fur Mil Inf "Cmd", António Oliveira Teles, da CCAç 479

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 301/63, Fernando Alberto Coelho Reis, da CCAç 479.
- 1º Cabo "Cmd" 457/63, António Joaquim da Silva, da CCAç 479.
- 1º Cabo "Cmd" 658/63, Laurindo de Deus Felix Veloso, da CCAç 478.
- 1º Cabo "Cmd" 706/63, Manuel da Costa Veloso, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" 1986/63. Domingos Correia Lobato Moreira, da CCAç 478.
- Soldado "Cmd" 673/63. António Nunes da Silva, da CCAç 478.
- Soldado "Cmd" 125/63, Jorge Filipe da Costa, da CCAç 478.
- Soldado "Cmd" 465/63, Custódio João Fernandes, da CCAç 478.
- Soldado "Cmd" 808/63, Henrique Lopes Valente, da CCAç 478.
- Soldado "Cmd" 11/63, Firmino Botas Russo, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" 59/63, João Guilherme dos Santos, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" nº.210/63, Manuel Baptista Lourenço, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" nº.355/63. José de Almeida Morgado, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" nº.444/63, Mário da Apresentação Afonso, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" nº.615/63, António dos Santos Mora, da CCAç 479.
- Soldado "Cmd" nº.625/63, Manuel de Jesus da Silva, da CCAç 479.

¹⁰⁶ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria, Henrique Calapez Silva Martins

- Soldado "Cmd" nº.154/63, Gilberto Fernandes Dias, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.166/63, Adelino Manuel Jordão Coelho, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.245/63, António Soares Correia, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.348/63, Manuel Cardoso Augusto, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.498/63, José Maria da Silva Taveira, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.604/63, Urbano Martins de Sousa, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.624/63, Fernando Guedes, da CCAç 480.
- Soldado "Cmd" nº.763/63, João Moreira Fernandes, da CCAç 480.

OBSERVAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “AUDAZES”/BCAÇ Nº511¹⁰⁷

Constituição do Grupo



Comandante:

- Alf Mil Inf "Cmd", Alfredo da Costa Correia da Silva, da CCAç 541.

Sargentos:

- Fur Mil Inf "Cmd", Álvaro Luís dos Santos, da CCAç 542.
- Fur Mil Inf "Cmd", Joaquim Coutinho Domingues, da CCAç 543.
- Fur Mil Inf "Cmd", Manuel de Jesus Castro, da CCAç 543.

Emblema
de braço

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 1423/63 Avelino Ferreira do Rio, da CCAç 541.
- 1º Cabo "Cmd" 1481/63, Mário Pereira Rodrigues dos Santos, da CCAç 541.
- 1º Cabo "Cmd" 1454/63, José da Costa Alves, da CCAç 542.
- 1º Cabo "Cmd" 1961/63, José Manuel Robalo de Matos, da CCS.
- 1º Cabo "Cmd" 1693/63, Joaquim Manuel Moutinho Bernardo, da CCAç 543.
- 1º Cabo "Cmd" 2067/63, José Hilário Ferreira da Silva, da CCAç 543.
- 1º Cabo "Cmd" 2508/63, João Casimiro Ferreira, da CCAç 543.
- Soldado "Cmd" 1387/63, Fernando Pereira, da CCAç 541.
- Soldado "Cmd" 1795/63, Fernando Morais Capelas, da CCAç 541.
- Soldado "Cmd" n2298/63, José João Rosa Antunes, da CCAç 541.
- Soldado "Cmd" n1641/63, José Monteiro de Azevedo, da CCAç 543.
- Soldado "Cmd" n1691/63, Celestino de Oliveira, da CCS.
- Soldado "Cmd" 1577/63, Franklim Rodrigues Alves, da CCAç 542.
- Soldado "Cmd" 1860/63, Cesinando Esteves Lopes Coelho, da CCAç 542.
- Soldado "Cmd" 1925/63, António José, da CCAç 542.
- Soldado "Cmd" 2058/63, Fernando Ferreirinha Marques, da CCAç 542.
- Soldado "Cmd" 2059/63, António Alberto Silva Dias, da CCAç 542.
- Soldado "Cmd" 2066/63, José Pereira de Castro, da CCAç 542.

¹⁰⁷ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria, Delfim Augusto Afonso dos Santos

- Soldado "Cmd" 2320/63, Manuel Maria José, da CCaç 542.
- Soldado "Cmd" 1595/63, José Mamede Lapa, da CCaç 543.
- Soldado "Cmd" 1639/63, António Correia Pinto, da CCaç 543.
- Soldado "Cmd" 1643/63, José Nogueira, da CCaç 543.
- Soldado "Cmd" 1943/63, Ernesto Leite, da CCaç 543.

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “LEÕES”¹⁰⁸/BCAÇ Nº540¹⁰⁹

Constituição do Grupo

Comandante:

- Fur Mil Inf “Cmd”, Luís António de Almeida da Costa Mendes, da CCAç 538

Sargentos:

- Fur Mil Inf “Cmd”, Salvador Rodrigues da Silva, da CCAç 538.
- Fur Mil Inf “Cmd”, António Vicente Amante Caneiras, da CCAç 538.
- Fur Mil Inf “Cmd”, José António Teixeira de Freitas, da CCAç 539.

Praças:

- 1º Cabo “Cmd” 1806/63 Felisberto Monteiro Garcia, da CCS.
- 1º Cabo “Cmd” 2372/63 José Soares de Lemos, da CCS.
- 1º Cabo “Cmd” 3074/63 Adolfo Antunes Gomes da Silva, da CCS.
- 1º Cabo “Cmd” 2108/63 Amílcar Augusto Loureiro, da CCAç 537.
- 1º Cabo “Cmd” 1518/63 Marcelo Cardoso, da CCAç 538.
- 1º Cabo “Cmd” 1978/63 Luís António Ranção, da CCAç 538.
- 1º Cabo “Cmd” 2492/63 João Abel Rogo, da CCAç 538.
- 1º Cabo “Cmd” 1322/63 Manuel de Magalhães Pimenta, da CCAç 539.
- 1º Cabo “Cmd” 1474/63 José Ferreira da Silva, da CCAç 539.
- 1º Cabo “Cmd” 1354/63 Trajano Borges Bacelar, da CCAç 539.
- Soldado “Cmd” 2276/63 António Fernandes Ribeiro, da CCS.
- Soldado “Cmd” 2364/63 Albino Moreira Ramos, da CCS.
- Soldado “Cmd” 1401/63 Fernando dos Santos Pinto, da CCAç 537.
- Soldado “Cmd” 1330/63 José Ferreira da Silva, da CCAç 538.
- Soldado “Cmd” 1546/63 José António Ferreira Dias, da CCAç 538.
- Soldado “Cmd” 1605/63 Abílio Pereira de Brito, da CCAç 538.
- Soldado “Cmd” 1704/63 Fernando Ramos de Azevedo, da CCAç 538.



Emblema
de braço

¹⁰⁸ No final da instrução adoptaram a designação de “LEOPARDOS”

¹⁰⁹ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria, Clodomiro Sá Viana de Alvarenga

- Soldado "Cmd" 1752/63 AGostinho da Silva Pinto, da CCAç 538.
- Soldado "Cmd" 1964/63 José dos Santos Sousa, da CCAç 538.
- Soldado "Cmd" 2244/63 José João Botas Fernandes, da CCAç 538.
- Soldado "Cmd" 1684/63 Fernando da Rocha Leal, da CCAç 539.
- Soldado "Cmd" 1965/63 Alfredo Machado de Oliveira, da CCAç 539.
- Soldado "Cmd" 2020/63 Manuel Ribeiro, da CCAç 539.
- Soldado "Cmd" 2032/63 José Augusto Vieira Ferraz, da CCAç 539.
- Soldado "Cmd" 2258/63 José Francisco Gonçalves Nobre, da CCAç 539.

OBSERVAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir



Da esq. p/ dir.: Furriel Freitas, Alferes Leão e Furriel Mendes



Furriéis do Grupo do BCaÇ 540 durante o curso de Comandos
(Fotografias cedidas pelo Furriel José de Freitas)



Grupo de Comandos “Leopardos” no BCaÇ 540 em Mavoio
(Fotografia cedida pelo Furriel José de Freitas)

GRUPO DE COMANDOS “FANTASMAS II”/ BCAÇ 547¹¹⁰**Constituição do Grupo:****Comandante:**

- Alf Mil Inf "Cmd", Manuel Martins de Matos, da CCAç 544.



Emblema
de braço

Sargentos:

- Fur Mil Inf "Cmd", Miguel Angelo Monteiro Pinto, da CCAç, 545.
- Fur Mil Inf "Cmd", António Augusto Almendra Rodrigues, da CCS.
- Fur Mil Inf "Cmd", Ofémio Livramento Brito Évora, da CCAç 546.
- Fur Mil Inf "Cmd", Mário José Costa Oliveira, CCAç 544.

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 1340/63 António da Cunha Salgado Alves, da CCAç 544.
- 1º Cabo "Cmd" 1457/63 Serafim Pereira Bernardo, da CCAç 544.
- 1º Cabo "Cmd" 1648/63 Narciso Vaz, da CCAç 545.
- 1º Cabo "Cmd" 1185/63 António Moraes Martins, da CCAç 545.
- 1º Cabo "Cmd" 1846/63 Joaquim Mário Sequeira Ramos, da CCAç 545.
- 1º Cabo "Cmd" 2323/63 Fernando da Silva Ferreira, da CCAç 546.
- Soldado "Cmd" 1167/63 Albino da Silva Soares, da CCAç 544.
- Soldado "Cmd" 1367/63 José Manuel Ribeiro da Silva, da CCAç 544.
- Soldado "Cmd" 1589/63 Manuel Soares Cabral, da CCAç 544.
- Soldado "Cmd" 1599/63 David Pimenta Simões, da CCAç 544.
- Soldado "Cmd" 1625/63 Armindo António Freire, da CCAç 544.
- Soldado "Cmd" 1643/63 Arnaldo Duarte Pereira, da CCAç 544.
- Soldado "Cmd" 1692/63 José Casimiro Florentino, da CCAç 544.¹¹¹
- Soldado "Cmd" 2269/63 Joaquim Ferreira Carvalho Barbosa, da CCAç 544.¹¹²
- Soldado "Cmd" 2272/63 António Barroso Martins, da CCAç 544.

¹¹⁰ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria, Amílcar Augusto Lopes Chaves

¹¹¹ Desaparecido no rio Loge em 05Abr65.

¹¹² Desaparecido no rio Loge em 05Abr65

- Soldado "Cmd" 2350/63 Romeu de Almeida Martins, da CCaç 544.
- Soldado "Cmd" 1428/63 Manuel de Jesus Sobral, da CCaç 545.
- Soldado "Cmd" 1438/63 Manuel Agostinho Fonseca Gouveia, da CCaç 545.
- Soldado "Cmd" 1612/63 Nelson de Figueiredo Albuquerque, da CCaç 545.
- Soldado "Cmd" 1300/63 António Augusto Pires, da CCaç 546.¹¹³
- Soldado "Cmd" 1387/63 Manuel Silva Dias, da CCaç 546.
- Soldado "Cmd" 1412/63 Humberto dos Santos Moraes, da CCaç 546.
- Soldado "Cmd" 2390/63 Manuel Correia da Silva, da CCaç 546.
- Soldado "Cmd" 814/EP Eduardo Artur Correia, da CCS.

Observações

Alf.Mil.Inf. Manuel Martins de Matos, da CCaç 544, foi evacuado para a Metrópole, por motivos de doença, em 23Nov64.

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

¹¹³ Desaparecido no rio Loge em 05Abr65

GRUPO DE COMANDOS “RELÂMPAGOS” / BCAÇ 595¹¹⁴**Constituição do Grupo:****Emblema
de braço****Comandante:**

- Alf Mil Inf "Cmd", José Manuel Cabrita Guerreiro Baptista, da CCAç 533.

Sargentos:

- Fur Mil Inf "Cmd", Ramiro Costa Cláudio da Silva, da CCAç 534.
- Fur Mil Inf "Cmd", Flávio José Rodrigues de Freitas, da CCAç 535.
- Fur Mil Inf "Cmd", Fernando Luís Silva Alvoeiro da Costa, da CCAç 533.
- Fur Mil Inf "Cmd", Manuel Álvaro de Sá Castro, da CCAç 533.

Praças:

- 1º Cabo "Cmd" 2068/63 Estevão Rosa de Brito, da CCAç 533.
- 1º Cabo "Cmd" 2973/63 Eduardo Almeida Paiva Soares, da CCAç 535.
- 1º Cabo "Cmd" 2071/63 Fernando da Silva Cavaco, da CCAç 533.
- 1º Cabo "Cmd" 2131/63 José Xavier Coelho Prata, da CCAç 533.
- 1º Cabo "Cmd" 2141/63 Francisco dos Reis Gonçalves, da CCAç 533.
- 1º Cabo "Cmd" 2170/63 Celestino Tomás Silva, da CCAç 534.
- 1º Cabo "Cmd" 2260/63 João Romão Campos Fernandes, da CCAç 534.
- 1º Cabo "Cmd" 2302/63 José Manuel Lourenço Lopes, da CCAç 535.
- Soldado "Cmd" 2081/63 Manuel António da Silva, da CCAç 533.
- Soldado "Cmd" 2117/63 João Francisco Marques Baptista, da CCAç 533.
- Soldado "Cmd" 2126/63 Manuel José Beja Martins, da CCAç 533.
- Soldado "Cmd" 2127/63 José Coelho Joaquim, da CCAç 533.
- Soldado "Cmd" 2716/63 Fernando Rodrigues Granja da Rocha, da CCAç 533.
- Soldado "Cmd" 2723/63 Júlio da Rosa Duarte, da CCAç 533.
- Soldado "Cmd" 1701/63 Sebastião Carlos Coveiro, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2185/63 Joaquim Constança Crispim, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2193/63 Daniel Silvestre Pirralha, da CCAç 534.

¹¹⁴ Comandante Tenente-Coronel de Infantaria, Mário de Jesus Ferreira

- Soldado "Cmd" 2198/63 Manuel Matias Gonçalves da Silva, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2219/63, José António Bernardo Malveira, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2235/63 Leonel Guia Francisco, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2236/63 João Gonçalves, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2238/63 José Agostinho da Palma Pereira, da CCAç 534.
- Soldado "Cmd" 2314/63 José Ribeiro Viegas, da CCAç 535.
- Soldado "Cmd" 2334/63 Armindo António Policarpo, da CCAç 535.
- Soldado "Cmd" 2382/63 Abílio Cardoso Melo, da CCAç 535.

Observações

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

GRUPO DE COMANDOS “MAGNÍFICOS”

Constituição do Grupo

Oficiais:

- Alf Inf "Cmd", José Manuel da Glória Belchior, do Agrupamento n.º 9.
- Alf Mil Inf "Cmd", José Ferreira Pires, do RINL.
- Alf Mil Inf "Cmd", José Abílio Alves Monteiro, do RINL.



Emblema
de braço

Sargentos:

- Fur Inf "Cmd", Manuel Joaquim Candeias, do RIL
- Fur Inf "Cmd", Henrique Carvalho Gonçalves, do RIL
- Fur Inf "Cmd", José Brás Ganhão, do RINL
- Fur Mil Inf "Cmd", Celestino Jorge da Cruz Galego, da ASMA.
- Fur Mil Inf Armando Correia de Almeida Melita, do CPM 418.
- Fur Mil Cav "Cmd", Carlos Artur Hilário de Almeida, do CPM 418.
- Fur Mil Cav "Cmd", Francisco José D'Orey Roquete, da CPM 418.
- Fur Mil Cav "Cmd", Luís Patrício Correia Gomes, do CCav 432.
- Fur Mil Art "Cmd", António Lourenço Chaves de Almeida, do BArt 490.
- Fur Mil Art "Cmd", Fortunato Barreiros de Araújo, do EAMA.
- Fur Mil Art "Cmd", Pompílio Manuel Pereira Gato, do CART 493.
- Fur Mil Art "Cmd", Fernando Ferreira Venâncio, do GACL

OBSERVAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES ATRIBUÍDOS NA INSTRUÇÃO

Nada a referir

Grupo “Os Magníficos”



Alf Mil Monteiro, Alf Inf Belchior e Alf Mil Pires



**Fur Mil Carlos Almeida, Fur Inf Candeias,
Fur Mil António Almeida e Fur Mil Gomes**



Fur Mil Gato, Fur Mil Melita, Fur Mil Galego e Fur Inf Gonçalves



**Fur Mil Ganhão, Fur Mil Araújo, Fur Mil Aguiar, Fur Mil Venâncio
e Fur Mil Roquette**

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Por Portaria de 7 de Junho de 1965

Condecorado com a medalha de prata de serviços distintos, com palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do artº 17º, com referência ao parágrafo 2º do artº 51º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, o alferes miliciano de cavalaria, Luís Filipe Mayer da Câmara Pina, da companhia da polícia militar nº 418, do Regimento de Lanceiros 2.

Louvido o alferes miliciano de cavalaria, Luís Filipe Mayer da Câmara Pina, do Regimento de Lanceiros 2, porque prestou serviço na região militar de Angola, durante mais de dois anos, inicialmente na companhia da polícia militar nº 418, revelando-se desde logo um oficial de valor e muito distinto. Voluntário no curso de comandos, que frequentou com interesse e dedicação, foi escolhido para fazer parte do corpo de instrutores do Centro de Comandos, desempenhou com brilho as funções de que foi encarregado, nomeadamente no ensino da guerra psicológica, tomando parte, voluntariamente, nas operações efectuadas. Demonstrou ser um oficial subalterno de notável espírito militar, sólida formação moral e apreciável cultura e inteligência.

A competência e dedicação reveladas pelo alferes Pina, determinaram a sua escolha para duas missões relevantes fora do âmbito da região militar de Angola, no Comando Territorial Independente da Guiné, como instrutor dos cursos ali em funcionamento e mais tarde em país estrangeiro de África, evidenciando

novamente as suas muitas qualidades militares e justificando plenamente a confiança que nele depositava o Comando Região Militar de Angola.

Por toda a acção o alferes Pina, prestigiou a região militar de Angola e o Exército, prestando serviços que, com inteira justiça, devem ser considerados extraordinários, relevantes e distintos.



Imposição da condecoração ao
Alferes de Cavalaria "Comando"
Luís Filipe Mayer da Câmara Pina

LOUVORES

Do General Comandante da RMA, por despacho de 28 de Maio de 1964

- Cap Art Júlio Faria Ribeiro de Oliveira
- Cap Art Francisco Manuel Mateus Leal de Almeida
- Ten Mil Cav Álvaro Manuel Alves Cardoso
- Ten Art António Gabriel Albuquerque Gonçalves
- Alf Mil Cav Luís Filipe Mayer da Câmara Pina
- Alf Mil Art José Guilherme Duarte Gomes de Freitas
- Alf Med Armando Augusto Mendes
- Alf QSGE Mário Morganho

Do Comandante do CI-25

- Fur Mil Inf Filipe Manuel Henriques Júnior
- Fur Mil Inf Rui Alberto Duarte de Carvalho
- Fur Mil Inf Joaquim Salgueiro Eusébio
- 1º Cabo 8701/63-A Manuel Alves Marques
- Soldado 9053/63-A Fernando Martins de Almeida
- Soldado 7693/63-A António de Oliveira Pereira

Referência elogiosa do Comandante do CI-25

Ao iniciar a fase operacional da Instrução, no termo de longas semanas de trabalho, o Comando não pode deixar de dar público testemunho do seu muito apreço, por todos os que colaboraram na Instrução pelo entusiasmo e espírito de sacrifício de que deram provas.

Colaborantes, abnegados e competentes, os Instrutores do Centro, deram bem prova do valor que está na base da escolha feita. Acolitados por monitores cuja dedicação exemplar é digna de ser posta em destaque, apoiados por Serviços quer de instrução, logísticos e de secretaria, onde sempre se evidenciou uma noção exacta do seu valor nas implicações e rendimento da Instrução, tornaram simples a acção do Comando na missão de que foi incumbido.

E porque assim foi, dirijo a todos e cada um louvor de que são credores, com o muito apreço que me merecem.

Referência elogiosa do General Comandante da RMA (Despacho 05Fev65)

“O Centro de Instrução de Comandos da RMA tem cumprido de maneira muito digna a sua missão de preparar tropas especiais.

Formando Grupos de “Comandos”, que com bravura e heroísmo actuaram nas mais diversas áreas da ZIN e na Guiné, instruindo as forças da reserva da RMA, prestando ensinamentos a forças de outros Ramos das Forças Armadas, transmitindo os seus conhecimentos a militares de outras Regiões Militares e Comandos Territoriais, o CIC, sempre servido por um bom grupo de instrutores e monitores e comandado com muito acerto, vem prestando à RMA e ao Exército serviços que são de assinalar.

A divisa do Centro e de todos os “Comandos”, “AUDACES FORTUNA JUVAT” bem demonstrada tem sido nas operações e acções em que os “Comandos” tomaram parte, sendo inúmeros os actos de abnegação e heroísmo, que patenteiam o valor dos “Comandos” e são o fiel reflexo da instrução especial que no Centro é ministrada.

O encerramento do Curso de Comandos, que criou a 1ª Companhia de “Comandos” foi a manifestação das qualidades do pessoal que o constitui. O aprumo e o desembaraço, que os novos “Comandos” demonstraram, são a garantia de que o CIC continuará a contribuir de forma notável, para a instrução das tropas e consequentemente para o bom êxito das operações.”

RESENHA DOS GRUPOS

GRUPO DE COMANDOS “CENTURIÕES” / BCAÇ Nº503

ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. “BOINA VERMELHA”	01 A 07MAI64	ZONA DO RIO LUEGE (BATIDA)	GR DE CMDS NA FASE FINAL DA INSTRUÇÃO. ACTUOU COM OS GR CMDS “SOMBRAS”, “AUDAZES”, “LEOPARDOS”, “FANTASMAS II”, E “RELÂMPAGOS”
ACÇÃO	16MAI64	ZONA A NO DE NOVA CAIPEMBA, REGIÃO DE QUINDACA (PATRULHAMENTO)	
OP. “BOMBORDO”	22/23MAI64	ZONA DO RIO LOGE (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	28MAI64	REGIÃO A S DE QUINDACA (PATRULHAMENTO E LEVANTAMENTO DE ARMADILHA)	
ACÇÃO	31MAI64	REGIÃO A S DE QUINDACA (PATRULHAMENTO)	
ACÇÃO	03JUN64	ZONA A W DE SONGO, REGIÃO A N DO MONTE CAMBAMBA (PATRULHAMENTO)	
ACÇÃO	11 A 12JUN64	MARGEM ESQUERDA DO RIO CIDILA (RECONHECIMENTO)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "PARTIDA DOBRADA"	15 A 16JUN64	ZONA A N DE CARUMÁRIA E RIO CUA (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	17JUN64	ZONA DO MONTE CAU (RECONHECIMENTO)	
OP. "CONTINUANDO"	27JUN A 02JUL	SERRA MUCABA E RIOS ANDIMBA E COJI (GOLPE DE MÃO, BATIDA E EMBOSCADA)	
ACÇÃO	09 A 10JUL64	MONTE CAU (EMBOSCADA)	
ACÇÃO	16 A 17JUL64	MONTE CAU (BATIDA)	
ACÇÃO	21JUL64	ZONA A NE DE INGA (BATIDA)	
ACÇÃO	30 A 31JUL64	ZONA A S DO MONTE CAU (RECONHECIMENTO)	
ACÇÃO	21AGO64	MONTE CAU (BATIDA)	
ACÇÃO	30AGO64	ZONA A NE DO MONTE CAU (RECOLHA DE MATERIAL DE GUERRA)	
OP. "VOLTA GRANDE"	02 A 04SET64	ZONA DO RIO ZANGA (BATIDA)	
OP. "BATIDA GERAL"	04 A 14SET64	SERRA CANANGA (NOMADIZAÇÃO)	
OP. "CILINDRO LARGO"	17 A 21SET64	SERRA CANANGA (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "LUA NOVA"	14 A 16OUT64	ZONA ENTRE OS RIOS CALAMBINGA E VAMBA (BATIDA)	
OP. "MELRO AZUL"	30NOV A 02DEZ64	ZONA A E DE BESSA MONTEIRO, REGIÃO A E DE MONTE QUILECO (EMBOSCADA)	
OP. "TAMBOR"	20 A 23JAN65	ZONA DAS SERRAS PINGANO, QUITOQUE, QUIBINDA, GOLOME, VAMBA, UIGE, CANZUNDO E VALE DOS RIOS VAMBA E DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "FANTASMAS II"

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra – 3ª Classe

– ALFERES MILICIANO DE INFANTARIA – DINIZ DE ARAÚJO PIMENTEL
CCaç 500/BCaç 503 - RI 2
ANGOLA

Transcrição da Portaria publicada na OE n.º 13 - 2.ª série, de 1966.

Por Portaria de 07 de Junho de 1966:

Condecorado com a Cruz de Guerra de 3.ª classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate, na Província de Angola, o Alferes Miliciano de Infantaria, Diniz de Araújo Pimentel, da Companhia de Caçadores n.º 500/Batalhão de Caçadores n.º 503 - Regimento de Infantaria n.º 2.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 20, de 12 de Março de 1965, do QG/RMA):

Louvo o Alferes Miliciano de Infantaria, Diniz de Araújo Pimentel, da CCAç 500/BCAç 503 - RI 2, porque durante a Operação “Batida Geral”, realizada numa das regiões mais difíceis da ZIN, ao marchar com a sua equipa na testa da coluna do agrupamento que realizou a 1.ª fase daquela operação e ao notar que uma praça detectara um elemento In, reconheceu, imediatamente, estar em presença de um grupo In numeroso e bem armado, que se preparava para emboscar as NT, pelo que, em estreita colaboração com aquela praça e revelando acentuada coragem e sangue frio, executou um tiro ajustado sobre o elemento In mais próximo, muito contribuindo para forçar o grupo a debandar sem ter conseguido levar a bom termo o seu plano que, a concretizar-se, poderia ter graves consequências para as NT.

Dotado de bons conhecimentos tácticos e estando a par da maneira de actuar do In, o Alferes Pimentel tem, além do mais, mostrado possuir qualidades de comando que muito têm contribuído para os bons resultados alcançados pelo seu Grupo de Combate, honrando sobremaneira a Unidade a que pertence e as Forças Armadas.

Medalha de Mérito Militar

— ALFERES MILICIANO — JOÃO MANUEL DOS SANTOS CARDOSO

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 17, de 03 de Março de 1965, do QG/RMA):

Porque durante 16 meses de permanência contínua na ZIN, primeiro como Comandante do Grupo de Combate da CCS e depois do Grupo de Comandos do Batalhão, lhes soube inculcar um apreciável valor operacional e moral que se traduziu nos excelentes resultados conseguidos, em especial na realização de 2 emboscadas, particularmente rendosas.

Sendo um oficial corajoso, leal, apurado, inteligente e culto, o Alferes Cardoso mereceu as melhores referências durante a frequência do Curso de Comandos e dos diversos Comandos com que serviu, tendo, além disso, revelado possuir óptimas qualidades morais e profissionais e demonstrado, em campanha, ser capaz de servir nas mais diversas circunstâncias. Por tudo, é digno de ser apontado como exemplo a seguir e os serviços que prestou à sua Unidade e à Região Militar de Angola, são considerados de muito mérito.

Medalha de Mérito Militar

– 1º CABO – HELIODORO JOSÉ PINTO CALDAS

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 20, de 12 de Março de 1965, do QG/RMA):

Porque durante a Operação “Batida Geral”, levada a efeito numa das Regiões mais difíceis da ZIN, detectou com a maior oportunidade um grupo inimigo, numeroso e bem armado, que, ocupando uma posição convenientemente escolhida, aguardava o regresso das nossas tropas para as emboscar conseguiu, pondo em evidência as suas excepcionais qualidades de combatente nato, coragem e sangue frio, com um simples tiro instintivo e em colaboração com o seu comandante de grupo, surpreender e desalojar os elementos IN, pondo-os em fuga precipitada, sem lhes permitir levarem a bom termo o seu plano que, a concretizar-se, poderia ter trazido graves consequências para as nossas NT. Trabalhador incansável, muito correcto, disciplinado e bom camarada, mostrou sempre através duma personalidade forte e bem vincada, possuir as qualidades de um verdadeiro chefe, muito superiores à do posto que ocupa, ao mesmo tempo que tem constituído um exemplo digno de ser apontado e seguido pelos seus camaradas e que muito honra a Unidade a que pertence e às Forças Armadas.

LOUVORES**Do General Comandante da RMA, por despacho de 26Out64**

– 1º Cabo 1265/RD, Domingos Abrantes Gomes¹¹⁵

– 1º Cabo 1266/RD, Horácio Manuel do Nascimento¹¹⁶

Do Comandante do BCaÇ. 503 (O.S. nº 258 de 3Nov65)

– Fur Mil de Inf José Luís Brás Rodrigues

BAIXAS**Mortos – por ferimentos em combate:**

– Fur.Mil., Marcelo João Teixeira de Aguiar Gomes, em 07Jun64

– Soldado 1810/63, João de Oliveira Almeida, em 03Jun64

– Soldado 1068/63, José Mendes Gonçalves, em 03Jun68.

HISTORIAL

Nada a referir

¹¹⁵ Pertenceu ao Grupo de Comandos “Vampiros”

¹¹⁶ Pertenceu ao Grupo de Comandos “Vampiros”

GRUPO DE COMANDOS "SOMBRAS" / BCAÇ Nº505**ACTIVIDADE OPERACIONAL**

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA"	01 A 07MAI64	ZONA DO RIO QUIBALA E MATA SANGA (BATIDA)	GR DE CMDS NA FASE FINAL DA INSTRUÇÃO. ACTUOU COM OS GR CMDS "CENTURIÕES", "AUDAZES", "LEOPARDOS", "FANTASMAS II", E "RELÂMPAGOS"
OP. "CAÇA E BUSCA"	18MAI A 05JUN64	ZONA NÓQUI E REGIÃO DE CAI - MATOMBE (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS II", "OS GATOS" E "LEOPARDOS". ESTA OP. DECORREU NOS SECTORES A, B1 E F.
ACÇÃO	08 A 10JAN64	ZONA A S DO RIO ZENZA (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "CAIS DO SODRÉ V"	20 A 29JUN64	ZONA DO VALE DO RIO ZENZA, REGIÃO DE MATARI - CATENDE - E MARGENS DA LAGOA MUCUBA (BATIDA)	
OP. "TONGO REAL"	09 A 11JUL64	ZONA A N DE CALOMBOLOCA (BATIDA)	
OP. "NOVA FRENTE"	27 A 30JUL64	VALE DO RIO ZENZA (REGIÃO ENTRE A FAZENDA ALEGRIA E MAMBO - AZUMBI (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "PELICANO PRIMEIRO"	15 A 23AGO64	ZONA ENTRE A MATA SANGA - MONTES VUCUSSOS - BESSA MONTEIRO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "GATOS", "AUDAZES", "DESTEMIDOS" E "LEOPARDOS". NESTA OPERAÇÃO FOI FEITO ATÉ À DATA EM QUE ESTA DECORREU, O MAIOR EMPREGO DE FORÇAS HELITRANSPORTADAS NA RMA.
OP. "SITTING BULL"	21 A 29SET64	ZONA ENTRE O DEMBO E QUILUMBO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
OP. "PONTO DE HONRA"	15 A 22NOV64	ZONA ENTRE QUIPETELO - RIO ONZO-MONTES CATONGO - NAMBALA - BALA - ZAMBO - TALATORIOS, LUEGI, GANDO, LUÉ, LOCHE E CALONGO. (BATIDA)	
OP. "PALANCA NEGRA III"	16 A 19NOV64	ZONA DO MONTE ZAMBO E MARGENS DO RIO LUÉ (BATIDA)	ESTA ACÇÃO FOI EXECUTADA NO ÂMBITO DA OP. "PONTO DE HONRA", DO SECTOR D.
OP. "GOLPE DE MESTRE"	09 A 14DEZ64	ZONA DA MATA LUNDO (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "MAKA 1"	09 A 11FEV65	ZONA ENTRE QUISSULO - LUTETE - MICULA - MONTES LANGALA E RIOS REBALA E LULUMBA (BATIDA)	
OP. "CARREIRA DE TIRO"	18 A 21FEV65	ORLA S DA MATA LUNDO (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "DUAS PALANCAS"	14 A 19MAR65	ZONA ENTRE A FAZENDA LUÉ - RIO GANGO E RIO CAIFUNDO - RIO LUÉ (BATIDA)	ESTA ACÇÃO FOI EXECUTADA DURANTE A OP. "ANIVERSÁRIO" DO SECTOR D"
OP. "ANIVERSÁRIO"	14 A 21MAR65	ZONA DA MATA BALA - QUIFUSSE - CANACASSALA - QUIMANOXE - QUIFUTA - CANDENDE (BATIDA)	ACTUOU COM A 1ª CMDS
OP. "MATA DE CAFÉ"	05 A 07ABR65	ZONA N E NE DA MATA LUNDO (ENTRE TALA - CABUCO E QUIBALACATA (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "LIVRO ABERTO"	28 A 30ABR65	ZONA DA PICADA MICULA - QUIPEDRO (NOMADIZAÇÃO E EMBOSCADA)	
OP. "CAVALEIRO ANDANTE"	17 A 22MAI65	ZONA DA MATA LUNDO (BATIDA E EMBOSCADA)	
ACÇÃO	11AGO65	ZONA DA PICADA QUIPEDRO - LUÉ, PROXIMIDADE DA FAZENDA ADÃO OLIVEIRA (PATRULHAMENTO)	
OP. "ÚLTIMA PALANCA"	22 A 28AGO65	ZONA DA MATA LUNDO, REGIÃO DE QUISSALÁVOA E DA FAZENDA LUÉGE (BATIDA A EMBOSCADA)	ESTA ACÇÃO FOI EXECUTADA NO ÂMBITO DA OP. "DEVER", DO SECTOR D. NA OP. "DEVER", ACTUOU COM A 1ª CCMDS

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "DEVER"	22 A 28AG065	ÁREA DOS DEMBOS, REGIÃO A N DO RIO DANGE, ENTRE OS MERIDIANOS DE MARIA FERNANDA E MUCONDO	ACTUOU COM A 1ª CCMDS-
OP. "CAPACETE VERDE"	17 A 19SET65	ZONA DA PICADA, QUIPEDRO – TALACA- BULO (BATIDA)	
OP. "DOIS SEM TRUNFO"	28 A 29SET65	ZONA DE QUIPEDRO (GOLPE DE MÃO)	
OP. "MATABICHO I"	07 A 11OUT65	ZONA DA PICADA MUNGO LUTETE - VILA PIMBA (NOMADIZAÇÃO E EMBOSCADA)	
OP. "MATABICHO II"	04 A 07NOV65	VALES DOS RIOS BACA E LULOVO (NOMADIZAÇÃO E EMBOSCADA)	
OP. "ARAME FARPADO"	16 A 19NOV65	VALES DOS RIOS NUNO E LUÉ, JUNTO DO MONTE CATEMBA (NOMADIZAÇÃO E EMBOSCADA)	
OP. "ATOLEIROS"	04 A 09DEZ65	ZONA DO RIO LUÉ NA CONFLUÊNCIA COM O RIO NUNO (EMBOSCADA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES

Do Comandante do BCaÇ. 505

- Fur Mil Inf, Daniel Francisco Duarte Catulo
(O.S. nº 103 de 1Mai65)
- Fur Mil Inf, Fernando dos Reis Pereira
- Fur Mil Inf, Dagoberto Manuel Diogo Tavares
- 1º Cabo 457/63-M, António Joaquim da Silva
- 1º Cabo 658/63-M, Laurindo de Deus Félix Veloso
(O.S. nº 136 de 9Jun65)
- Soldado 604/63-M, Urbano Martins de Sousa
- Soldado 166/63-M, Adelino Manuel Jordão Coelho
- Soldado 348/63-M, Manuel Cardoso Augusto
(O.S. nº 137 de 11Jun65)
- Fur Mil Inf, António O. Teles
(O.S. nº 235 de 8Out65)
- 1º Cabo 706/63, Manuel da Costa Veloso
(O.S. nº 236 de 9Out65)
- Soldado 355/63, José de Almeida Morgado
(O.S. nº 237 de 11Out65)
- Fur Mil Inf, Amândio Alberto Salgado
- Soldado 59/63, João Guilherme dos Santos
(O.S. nº 277 de 26Nov64)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

“Um Comando é o exemplo permanente das qualidades do verdadeiro militar e combatente por excelência que por si só se basta, actua e completa”.

Foram estas palavras que os “Sombras” de hoje ouviram, quando chegaram a Quibala, e têm conseguido provar após estes meses todos, que elas não caíram em vão, mas que foram aproveitadas e frutificaram para além do seu próprio sentido.

O Grupo de Comandos do 505, tem a sua história e não é sem uma ligeira ponta de orgulho, que aqui daremos uma pequena resenha da sua actividade, pois bem a merece pelo trabalho que efectuou nas variadíssimas, que já não têm conta, operações em que tomou parte.

Saídos do Centro de Comandos, já com um cartão de apresentação de segundos melhores classificados do curso, imediatamente começaram a sua actuação, tanto na nossa ZA, como fora dela, em conjunto com forças de outras Unidades. Tiveram ao que se chama, uma estreia brilhante na primeira operação em que tomaram parte. Foi no dia 24Mai64, na região de Caimatombe: Interceptaram um grupo In que seguia de Sul para Norte, tendo-lhe causado baixas. No dia 28Mai64 e na mesma região interceptaram um numeroso grupo que seguia para o Congo, causando-lhes a morte de muitos elementos, numerosos feridos não controlados e aprisionando vários.

A instrução tinha sido bem assimilada pelos nossos homens. Pelos resultados obtidos, é de referir as palavras enviadas pelo Comando do Batalhão em cujo Sector trabalharam:

“É com muito prazer que venho testemunhar a V.Ex^a. o meu maior agrado pela forma brilhante e muito eficiente como actuou o Grupo de Comandos do Batalhão do mui digno Comando de V. Ex^a., durante a sua permanência na nossa Zona de Operações, prestando assim uma colaboração a todos os títulos valiosíssima à execução da operação “**Caça e Busca**”, levada a efeito na área do Sub-Sector confiado à responsabilidade deste Batalhão”.

Depois foi uma quantidade de operações que se seguiram e em que os “**Sombras**” foram sempre elementos de primordial importância. Nunca se pouparam a esforços e a tudo se sacrificaram com a cabeça levantada e firme na vontade de vencer.

Foram outra vez destacados, agora para outro Sector, onde tomaram parte na operação “**Pelicano Primeiro**” na região entre a Mata Sanga e Bessa Monteiro. Depois, ficaram adidos à CCAç 480, talvez na pior parte da Zona de Acção da Unidade. Também ali trabalharam no ritmo a que já estavam habituados. Saídas todos os dias e cada vez mais desfalcados em homens que aos poucos, foram baixando ao HML por motivo de doenças várias. Mas continuaram a ser os “**Sombras**” a que sempre nos habituámos: correctos, disciplinados e unidos.

Pela sua acção e resultados obtidos na operação “**Palanca Negra III**” e “**Ponto de Honra**”, foi publicada em OS do COMSEC, como tendo sido dada pelo Excelentíssimo Brigadeiro Comandante do Sector a seguinte Menção de Apreço:

“Muito me apraz registar publicamente o meu apreço pelo Grupo de Comandos do BCAç 505 (Sombras) pela forma altamente eficiente como têm actuado e tem servido de estímulo e exemplo para os outros Grupos de Combate do Batalhão, aos quais tem ministrado, sempre com o melhor espírito de cooperação, os ensinamentos colhidos no seu estágio, podendo afirmar-se que muito contribuiu com a sua acção para o bom nível Operacional que se verifica nos outros Grupos de Combate desta Unidade.

Por toda a sua actuação e nomeadamente nas operações “**Ponto de Honra**” e “**Palanca Negra III**”, em que, mais uma vez os seus elementos mostraram as maiores qualidades de decisão, sangue frio e espírito de sacrifício, actuando sempre de forma ofensiva.”

Haveria talvez muito mais para dizer, mas para nós que os conhecemos, são desnecessárias quase que as palavras, porque com elas ou sem elas, nunca os poderemos esquecer.

Souberam cumprir com o seu dever e, em torno do seu chefe, viveram e lutaram juntando o lema do Batalhão, UNIDOS VENCEREMOS, com o lema do “COMANDO”, “A SORTE PROTEGE OS AUDAZES”.¹¹⁷



Desfile do Grupo de Comandos “Sombras”

(Fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

¹¹⁷ Extraído da História do BCaç.505

GRUPO DE COMANDOS “AUDAZES” / BCAÇ Nº511
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. “BOINA VERMELHA”	01 A 07MAI64	ZONA DE QUIBALA E MATA SANGA (BATIDA)	GR DE CMDS NA FASE FINAL DA INSTRUÇÃO. ACTUOU COM OS GR CMDS “CENTURIÕES”, “SOMBRAS”, “LEOPARDOS”, “FANTASMAS II”, E “RELÂMPAGOS”
OP. “CAÇA E BUSCA”	19MAI A 05JUN64	ZONA NÓQUI - REGIÃO DE CAI - MATOMBE (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “SOMBRAS”, “FANTASMAS II”, “RELÂMPAGOS”, “DESTEMIDOS”, “OS GATOS” E “LEOPARDOS”. ESTA OP. DECORREU NOS SECTORES A, B1 E F.
OP. “PRIMEIRA FESTA”	18 A 20JUN64	ZONA DA SERRA DA CANDA - REGIÃO DE QUTELELE (GOLPE DE MÃO)	
OP. “UNHA NEGRA”	18 A 20JUL64	ZONA ENTRE A FRONTEIRA COM O CONGO - RIO FULEGE - PARALELO DE COMA-ESTRADA CUIMBA - BUELA (BATIDA E EMBOSCADA)	ACTUOU COM O GR CMDS “RELÂMPAGOS”
OP. “PELICANO PRIMEIRO”	15 A 23AG064	ZONA ENTRE A MATA SANGA - MONTES VUCUSSOS - BESSA MONTEIRO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “SOMBRAS”, “LEOPARDOS”, “GATOS” E “DESTEMIDOS”. NESTA OP. FOI FEITO, ATÉ À DATA DA OP., O MAIOR EMPREGO DE FORÇAS HELI-TRANSPORTADAS NA RMA

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "APERTO DE MÃO"	09OUT64	SERRA DA CANDA (ESCOLTA)	PRIMEIRA TRAVESSIA DA SERRA DA CANDA, POR PICADA, NO SENTIDO MAVOIO - CUIMBA
OP. "OUTRA AINDA"	12 A 17OUT64	ZONA DE QUIPANGO - REGIÃO ENTRE OS RIOS LEFUNDE, VOGUE E SERRA DA CANDA (BATIDA)	
ACÇÃO	01 A 02NOV64	ZONA A SO DE MAQUELA, REGIÃO DA SERRA DA CANDA (EMBOSCADA)	
OP. "ENTRE SERRAS"	03 A 06DEZ64	ZONA A SE DA SERRA DE CANDA - COSTA NW DA SERRA DA QUIMBUMBA E VALES DOS RIOS LEFUNDE E VUNGO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "RELÂMPAGOS"
OP. "CAÇA BUSCA 2"	27DEZ64 A 11JAN65	INTERDIÇÃO NA ZA DOS SECTORES A, B1, F E I A GRUPOS IN DE PASSAGEM DE OU PARA O CONGO (EMBOSCADA)	A OP. FOI EXECUTADA EM 3 FASES. NA 1ª FASE ACTUOU GR CMDS "AUDAZES". NA 2ª FASE ACTUARAM A 1ª CCMDS E O GR CMDS "OS SEM PAVOR". NA 3ª FASE, ACTUOU A 1ª CCMDS.
OP. "MABECOS À CHEGADA"	06 A 07FEV65	ZONA DE BESSA MONTEIRO, REGIÃO DO MORRO DOS LEOPARDOS (RECONHECIMENTO E EMBOSCADA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "MABEQUICES"	15 A 16FEV65	ZONA DE BESSA MONTEIRO, NA ORLA N DA MATA SANGA (BATIDA)	
OP. "APARECERAM OS MABECOS"	21 A 22FEV65	ZONA DO RIO LUCOGE (BATIDA)	
ACÇÃO	12 A 14MAR65	ZONA DOS MONTES VUCUSSOS E ORLA N DA MATA SANGA (RECONHECIMENTO OFENSIVO)	
OP. "MABECOS NA BEIRA RIO"	09 A 13ABR65	ZONA DO RIO LOGE, ENTRE A CONFLUÊNCIA DO RIO LUAIA COM O RIO LOGE E O MERIDIANO DE S. BÁRBARA (BATIDA)	
OP. "MABECOS ÀS LAVRAS"	20 A 24ABR65	ZONA DE IAVO, ENTRE A ESTRADA BESSA – TOTO E O RIO LUFUA (BATIDA)	
SEGUNDAS MABEQUICES	06 A 08MAI65	ZONA DO CURSO SUPERIOR DO RIO LUCOGE (BATIDA)	
TERCEIRAS MABEQUICES	14 A 16MAI65	ZONA A NO DA MATA SANGA (BATIDA)	
ACÇÃO	17JUN65	ZONA ENTRE AS MATAS QUIMBAMBA E CONQUELO (RECONHECIMENTO OFENSIVO)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "MABECOS MANHOSOS"	25 A 28JUN65	ZONA DE BESSA MONTEIRO E REGIÃO DOS RIOS BUKI, MANZANZO E LUFUA (BATIDA)	
OP. "PELICANO ACROBATA"	22 A 31JUL65	ZONA LIMITADA A N PELA ESTRADA AMBRIZ - TOTO, A S PELO RIO LOGE, A O PELO RIO BAMBALA E A E PELAS NASCENTES DOS RIO ZANGA E LUAIA (BATIDA)	ACTUOU COM A 1ª CCMDs
ACÇÃO "MABECOS AOS SARDÕES"	17 A 20AGO65	ZONA DO IAVO, NA REGIÃO DOS RIOS MANCALA. (GOLPE DE MÃO)	ESTA ACÇÃO FOI INTEGRADA NA OP. "MABECOS NO DEVER A"
OP. "MABECOS NO DEVER A"	17AGO A 02SET65	ZONA DO IAVO, NA REGIÃO DOS RIOS MANCALA, LOCOGE E LUFUA. (EMBOSCADA E GOLPE DE MÃO)	ESTA OP. NO SECTOR A, DECORREU SIMULTANEAMENTE COM A OP. "DEVER", NO SECTOR D.
ACÇÃO "CHACAL"	04 A 06SET65	ORLA DA MATA SANGA	
OP. "MABECOS NA DETECÇÃO A" (2º TEMPO/1ª FASE)	16 A 19SET65	ZONA ENTRE O RIO BUNGO - N DA ESTRADA BESSA - TOTO - RIOS M'BRIDGE, LULOG E LUFUA (GOLPE DE MÃO E BATIDA)	ESTA OP. DECORREU EM 2 FASES, DIVIDIDA A 1ª FASE EM 2 TEMPOS.
OP. "MABECOS NA DETECÇÃO A" (2º TEMPO/2ª FASE)	24 A 30SET65	ZONA DA MATA QUIBAMBA (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "MABECOS NOS ASSALTOS COORDENADOS AB" (2º TEMPO/1ª FASE)	07 A 10OUT65	ZONA DA MARGEM ESQUERDA DO RIO LUFUA E "NO TRILHO GERAL DO CONGO" (GOLPE DE MÃO E EMBOSCADA)	ESTA OP. DECORREU EM DUAS FASES.
OP. "MABECOS NOS ASSALTOS COORDENADOS AB" (2º TEMPO/2ª FASE)	15 A 19OUT65	ZONA A S DE QUIPUNGE – RIO LUAIA - NO "TRILHO GERAL DO CONGO" – NA MARGEM DO RIO LUFUA E RIO LUCOGE (GOLPE DE MÃO E EMBOSCADA)	
OP. "MABECOS ASTUTOS"	22 A 31OUT65	ZONA DE IAVO – RIO M'BRIDGE (EMBOSCADA)	
OP. "HELIS AB"	06 A 13NOV65	ZONA A N DE BESSA MONTEIRO NA REGIÃO ENTRE A MATA SANGA E RIOS LUFUA E SEMBO (BATIDA)	
OP. "MACACO"	30NOV A 01DEZ65	ZONA DO RIO LUFUA E NO "TRILHO GERAL DO CONGO" (GOLPE DE MÃO E EMBOSCADA).	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra - 3ª Classe

- FURRIEL MILICIANO DE INFANTARIA - MANUEL JESUS CASTRO
CCaç 543/BCaç 511 - BC 10
ANGOLA

Transcrição da Portaria publicada na OE n.º 13 - 3ª série, de 1966.

Por Portaria de 05 de Abril de 1966:

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorar com a Cruz de Guerra de 3.ª classe, ao abrigo dos artigos 9º e 10º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola:

O Furriel Miliciano de Infantaria, Manuel de Jesus Castro, da Companhia de Caçadores nº 543/Batalhão de Caçadores nº 511 - Batalhão de Caçadores nº 10. Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS nº 1, de 05 de Janeiro de 1966, do QG/RMA):

Louvo o Furriel Miliciano, Manuel de Jesus Castro, da CCaç 543/BCaç 511, porque durante mais de dois anos de actividade operacional no Norte de Angola, demonstrou possuir extraordinárias qualidades de comando, serena energia debaixo de fogo, desembaraço, dinamismo e coragem, em diversas acções de combate, de entre as quais se salientam a operação "Mabecos às lavras" e acção "Chacal".

Sob intenso fogo In e em condições desvantajosas, numa dessas acções patenteou tais qualidades, galvanizando pelo exemplo a equipa que comandava e com desprezo pela própria vida, decididamente, lançou-se ao assalto da posição In, conseguindo o seu aniquilamento total traduzido em pesadas baixas e captura de importante material e documentos.

Várias vezes chamado a comandar o Grupo de Comandos do Batalhão, a sua acção foi sempre a de um verdadeiro Chefe, disciplinado e disciplinador, aguerrido, zeloso e cumpridor excelente de todas as missões.

Pelo conjunto das qualidades demonstradas, é o Furriel Castro digno de ser apontado como exemplo de militar brioso que muito prestigia a sua Unidade e o Exército Português.

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- 1.º CABO DE INFANTARIA, n.º 1423/63-M – AVELINO FERREIRA DO RIO
CCaÇ 541/BCaÇ 511 - BC 10
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE n.º 9 - 3.ª série, de 1966.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 09 de Fevereiro de 1966:

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- O 1.º Cabo n.º 1423/63-M, Avelino Ferreira do Rio, da Companhia de Caçadores n.º 541/Batalhão de Caçadores n.º 511 - Batalhão de Caçadores n.º 10.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 01, de 05 de Janeiro de 1966, do QG/RMA):

Louvo o 1.º Cabo n.º 1423/63-M, Av apontado como exemplo a seguir, que muito prestigia a sua Unidade e o Exército Português.

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- 1.º CABO DE INFANTARIA, n.º 1693/63 -M – JOAQUIM MANUEL MOUTINHO BERNARDO
CCaÇ 543/BCaÇ 511 - BC10
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE n.º 9 - 3.ª série, de 1966.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artigo 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto nº 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 09 de Fevereiro de 1966, o 1º Cabo nº 1693/63-M, Joaquim Manuel Moutinho Bernardo, da Companhia de Caçadores n.º 543/Batalhão de Caçadores n.º 511 - Batalhão de Caçadores n.º 10.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 01, de 05 de Janeiro de 1966, do QG/RMA):

Louvo o 1.º Cabo nº 1693/63-M, Joaquim Manuel Moutinho Bernardo, da CCaÇ 543/BCaÇ 511, porque no decorrer de mais de dois anos de actividade operacional no Norte de Angola, evidenciou possuir excelentes qualidades, espírito de iniciativa, coragem e decisão em todas as acções de combate em que tomou parte.

A sua actuação, sempre excelente e valorosa, teve particular relevo durante a acção "Chacal" quando, debaixo de intenso fogo In e em condições desvantajosas, mesmo com desprezo pela própria vida, se lançou ao assalto a uma posição fortemente guarnecida pelo In, conseguindo, após a neutralização dos elementos que a constituíam, ocupá-la, facilitando assim a acção do restante grupo no aniquilamento total do adversário.

Muito aprumado e disciplinado, possuidor de elevado conceito de camaradagem, o Cabo Moutinho Bernardo é digno de ser apontado como exemplo de militar brioso que muito prestigia a sua Unidade e o Exército Português.

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

— SOLDADO DE INFANTARIA, N.º 1643/63-M – JOSÉ NOGUEIRA
CCaç 543/BCaç 511 - BC 10
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE n.º 7 – 3ª série, de 1966.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 01 de Fevereiro de 1966:

O Soldado n.º 1643/63-M, José Nogueira, da Companhia de Caçadores n.º 543/Batalhão de Caçadores n.º 511 - Batalhão de Caçadores n.º 10.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 106, de 29 de Dezembro de 1965, do QG/RMA):

Louvo o Soldado n.º 1643/63-M, José Nogueira, da CCaç 543 e do Grupo de Comando do BCaç 511, porque ao longo de mais de dois anos de actividade operacional no Norte de Angola, ter evidenciado extraordinárias qualidades de serena valentia, coragem e decisão, mesmo debaixo de fogo In.

Muito desembaraçado e abnegado constituiu sempre edificante exemplo para os seus camaradas, arrastando-os consigo no mais exacto cumprimento de todas as missões, especialmente as mais difíceis.

No decorrer de um assalto a importante posição de onde o In reagia com considerável potencial de fogo, o Soldado Nogueira, com risco da própria vida, aproveitou-se de uma hesitação daquele, e apoiado pelo fogo dos seus camaradas, lançou-se deliberadamente ao assalto da referida posição, conseguindo só por si causar pesadas baixas ao adversário, permitindo que o Grupo de que fazia parte o envolvesse e aniquilasse a quase totalidade dos seus elementos.

Militar muito zeloso, disciplinado e dotado de verdadeiro espírito de missão, é o Soldado José Nogueira, merecedor de ser apontado como exemplo, que muito prestigia a sua Unidade e o Exército Português.

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

– SOLDADO DE INFANTARIA, n.º 1577/63-M – FRANKLIN RODRIGUES ALVES
CCaÇ 542/BCaÇ 511 - BC 10
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE n.º 9 - 3.8 série, de 1966.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 09 de Fevereiro de 1966, o Soldado n.º 1577/63-M, Franklin Rodrigues Alves, da Companhia de Caçadores n.º 542/Batalhão de Caçadores n.º 511 – Batalhão de Caçadores n.º 10.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 01, de 05 de Janeiro de 1966, do QG/RMA):

Louvo o Soldado n.º 1577 /63-M, Franklin Rodrigues Alves, da CCaÇ 542/BCaÇ 511, porque evidenciou qualidades excepcionais durante mais de dois anos de actuação no Norte de Angola.

Possuidor de condições físicas fora do vulgar, aliadas a inextinguível espírito de sacrifício, bravura e serenidade debaixo de fogo, é considerado um dos elementos mais notáveis do seu grupo.

É de salientar a sua actuação na operação “Mabecos às Lavras”, na qual, tendo-lhe surgido um elemento In, munido de uma granada de mão defensiva, energicamente o perseguiu, capturou e desarmou, demonstrando o seu elevado espírito de combate e evitando que fossem causadas baixas às NT.

O Soldado Franklin soube, mais uma vez, realçar o seu elevado espírito de missão e sangue-frio, ao lançar-se ao assalto rápido e arriscado sob forte reacção do fogo do In, de importante local de refúgio deste, contribuindo de modo muito eficiente para a destruição total do bando, que se dispunha a enfrentar o seu grupo.

Militar muito brioso, apurado e disciplinado, é bem digno de ser apontado como exemplo a seguir, que muito prestigia a sua Unidade e o Exército Português.

LOUVORES

Do Comandante da RMA

- Fur Mil Inf Manuel de Jesus Castro
(OS nº 53 de 07Jul65 / Comd RMA)
- Soldado 1643/63 M, José Nogueira
(OS nº106 de 29Dez65 / Comd RMA)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

- Teor da Nota enviada pelo Comando BCaç 595 ao BCaç 511, realçando a actuação do grupo:

“...É com o maior prazer que venho testemunhar a V.Ex^a, o meu maior agrado pela forma brilhante e muito eficiente como actuou o Grupo de Comandos do Batalhão do mui digno Comando de V. Ex^a, durante a sua permanência nesta Zona de Operações, prestando assim uma colaboração a todos os títulos valiosíssima à execução da Operação “Caça Busca” levada a efeito na área do Sub-Sector confiado à responsabilidade deste Batalhão...”

Louvor concedido pelo comandante do sector A, Brigadeiro Correia Barrento, por seu despacho de 12Jul65:

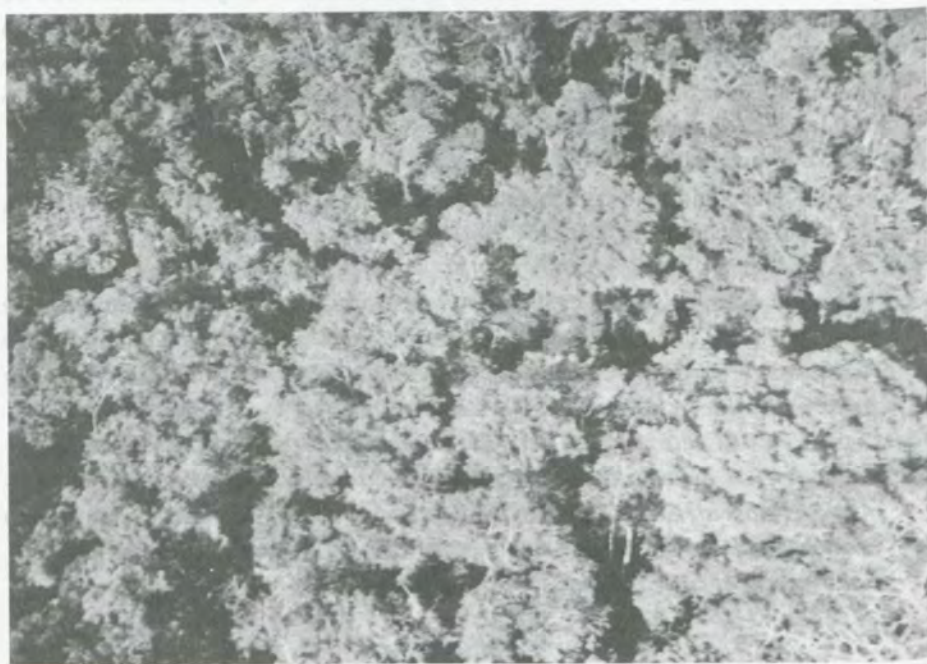
“Louvo o Grupo de Comandos do BCaç 511, pela forma altamente eficiente como tem actuado nas operações do seu Batalhão, onde tem obtido muito bons resultados, referentes à intranquilidade do IN e sua desorganização, numa das zonas mais difíceis deste Sector na ZIN.

O Gr Cmds/BCaç 511, que já anteriormente tinha tomado parte, neste Sector, na Operação “Pelicano Primeiro”, é merecedor, pelas suas actuações, normalmente as mais arriscadas, de público testemunho da consideração em que é tido pelo Comandante do Sector.”



Vista aérea panorâmica da mata Sanga

(Fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)



Vista aérea da mata

(Fotografia do Alferes Luís Câmara Pina, cedida pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

GRUPO DE COMANDOS “LEOPARDOS” / BCAÇ Nº540**ACTIVIDADE OPERACIONAL**

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. “BOINA VERMELHA”	01 A 07MAI64	ZONA DE QUIBALA E MATA SANGA (BATIDA)	GR DE CMDS NA FASE FINAL DA INSTRUÇÃO. ACTUOU COM OS GR CMDS “CENTURIÕES”, “AUDAZES” “SOMBRA”, “FANTASMAS II”, E “RELÂMPAGOS”
OP. “CAÇA E BUSCA”	19MAI A 05JUN64	ZONA NÓQUI - REGIÃO DE CAI - MATOMBE (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS “FANTASMAS II”, “AUDAZES”, “RELÂMPAGOS”, “DESTEMIDOS”, “OS GATOS” E “SOMBRA”. ESTA OPERAÇÃO DECORREU NOS SECTORES A, B1 E F.
OP. “LEOPARDO NA CAÇA”	20 A 23JUN64	MATA QUIXIMBA (BATIDA)	
OP. “LEOPARDO NA BUSCA”	26JUN A 02JUL64	MATA QUIXIMBA (RECONHECIMENTO OFENSIVO)	ESTA OP. FOI REALIZADA EM DUAS FASES
ACÇÃO	11 E 12JUL64	ZONA DE BESSA MONTEIRO (EMBOSCADA)	ESTA ACÇÃO DECORREU NO ÂMBITO DA OP. “LEOPARDO ESFOMEADO”.
OP. “LEOPARDO SEQUIOSO”	22JUL64	ZONA A S. DE BESSA MONTEIRO, REGIÃO DE TUCO-MONTES QUIMABAIA-S. PEDRO (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "PELICANO PRIMEIRO"	15 A 23AGO64	ZONA ENTRE A MATA SANGA - MONTES VUCUSSOS - BESSA MONTEIRO (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "DESTEMIDOS", "AUDAZES" "SOMBRAS" E "OS GATOS". NESTA OP. FOI FEITO ATÉ À DATA DA OP., O MAIOR EMPREGO DE FORÇAS HELITRANSPORTADAS NA RMA
OP. "LEOPARDO TEIMOSO"	03 A 06SET64	ZONA DOS MONTES VUCUSSOS (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO FAREJA"	11 A 14SET64	ORLA W DOS MONTES VUCUSSOS E ORLA DA MATA SANGA (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "AMIGO DA ONÇA"	19 A 22SET64	ZONA DE BESSA MONTEIRO, REGIÃO A N DE BACA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO SALTADOR"	10OUT64	MATA LUAIA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO NA RONDA"	16 A 19OUT64	ZONA A N DO RIO SEMBO NA REGIÃO DA MATA QUINZIMBA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO ALPINISTA"	23 A 26OUT64	ORLA NW DA MATA SANGA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO NA SOMBRA"	06 A 08NOV64	ZONA A N E NE DO MONTE LOLO (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "LEOPARDO FURIOSO"	15 A 17NOV64	ZONA A N DE QUIUANGA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO DESCALÇO"	28NOV A 01DEZ64	ZONA DO MONTE TUCO E ENTRE OS RIOS SEMBO E ANGUILA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO 24"	08 A 10DEZ64	ZONA SE A SUL DA MATA CONQUELO E MATA QUIMAXIMBA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO NA LIMPEZA"	14 A 16DEZ64	ZONA DA FAZENDA PATRÍCIO (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO NA QUINTA"	19 A 22DEZ64	ZONA ENTRE A MATA CONQUELO E OS MONTES QUIMABAIAS (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO FIM DOANO"	28 A 30DEZ64	ZONA ENTRE OS MONTES VUCUSSOS, MATA SANGA E REGIÃO DO QUIDILO, A SUL DO MONTE GINO (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO VIDA VELHA"	03 A 05JAN65	ZONA ENTRE OS RIOS LUCOGE E LUFUA E M'BRIDGE (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "DESPEDIDA DO LEOPARDO"	23 A 25JAN65	ZONA DO RIO LOGE (GOLPE DE MÃO)	
OP. "MABECOS À CHEGADA"	06 A 08FEV65	ZONA DO MORRO DOS LEOPARDOS (RECONHECIMENTO OFENSIVO E EMBOSCADA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "LEOPARDO ESPANTADO"	25 A 27JUN65	ZONA LIMITADA A N PELA TRANSVERSAL QUIPANGO - QUIBANDA - QUICANDE, A L PELA ESTRADA QUIBOCOLO - DAMBA, A S PELA TRANSVERSAL QUIPANGO - GOMBE - BANZA - TAMBA - CUGO E A O PELA MARGEM ESQUERDA DO RIO LEFUNDE (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO ENFURECIDO"	25 A 29OUT65	ZONA NA FRONTEIRA COM O CONGO, A W DO RIO LEGE E A N DO MONTE QUIQUIANGALA (BATIDA)	
OP. "LEOPARDO FISCAL"	03 A 06DEZ65	ZONA ENTRE VUANDAMBA E O POSTO FISCAL DE BÉU E NA MARGEM DIREITA DO RIO ZADI (BATIDA)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES**CONDECORAÇÕES**

Nada a referir

LOUVORES**Do Comandante do BCaç 540**

- Fur Mil Inf, Luís António Almeida da Costa Mendes
(O.S. nº 259 de 10Nov65)
- Soldado 2258/63, José Francisco Gonçalves Nobre
(O.S. nº 332 de 24Dez64)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL**Louvor do Comando do Sector A**

(Artº 5º da O.S. nº 2 de 15Jan65)

“ Que, Sua Exª o Brigadeiro Comandante do Sector, louva o BCaÇ 540/B.C.10 pela forma altamente eficiente como actuou numa das zonas mais difíceis do Sector, no Norte de Angola, e pela maneira como todos os seus elementos se dedicaram às missões de que foram incumbidos, especialmente em operações, demonstrando sempre esplêndido espírito ofensivo e muito entusiasmo na procura do In, sua captura ou desorganização.

O BCaÇ 540 em que todos os seus elementos têm a nítida compreensão dos seus deveres, têm contribuído, com a sua acção permanente e incisiva, para a grande diminuição da actividade In e sua insegurança.

Realce especial devo fazer ao Grupo de Comandos, que não só participou na maioria de muitas operações realizadas pelo Batalhão, como também foi sempre incumbido das mais difíceis missões, no cumprimento das quais, demonstrou sempre grande entusiasmo e inalterável espírito ofensivo.

O BCaÇ540, prestou ao Sector e ao Exército serviços que devem ser postos em grande realce.”



Elementos do grupo “Leopards” antes de um golpe de mão efectuado na mata do Luaia



Coluna do grupo “Leopards” – BCaç 540
(Fotografias cedidas pelo Furriel José de Freitas)

GRUPO DE COMANDOS "FANTASMAS II" / BCAÇ Nº547
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA"	01 A 07MAI64	ZONA DE QUIBALA E MATA SANGA (BATIDA)	GR CMDS NA FASE DA INSTRUÇÃO. ACTUOU COM OS GR CMDS "CENTURIÕES", "SOMBRAS", "LEOPARDOS", "AUDAZES", E "RELÂMPAGOS"
OP. "CAÇA E BUSCA"	19MAI A 05JUN64	ZONA DE NÓQUI E REGIÃO DE CAI - MATOMBE (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "SOMBRAS", "AUDAZES", "RELÂMPAGOS", "DESTEMIDOS", "OS GATOS" E "LEOPARDOS". ESTA OP. DECORREU NOS SECTORES A, B1 E F.
OP. "HÁS-DE PASSAR"	04 A 11JUN64	ZONA DOS RIOS VAMBA E LUQUENGUE (BATIDA)	
ACÇÃO	14JUN64	ZONA DA RESERVA DO COMBO (BATIDA)	
ACÇÃO	17JUN64	SERRA QUIBINDA, A S DE QUITEXE (GOLPE DE MÃO)	
OP. "OPP"	22 A 24JUN64	SERRAS DE CANANGA E PINGANO (BATIDA)	
ACÇÃO	28JUN64	ZONA A NE DE QUITEXE (GOLPE DE MÃO)	
OP. "ABRE E FECHA"	30JUN A 01JUL64	ZONA DA SERRA DE QUITOQUE (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "NÃO COLHERÁS"	09JUL64	ZONA DA SERRA DO QUITOQUE (GOLPE DE MÃO)	
OP. "JACARÉ"	10JUL64	ZONA DA CONFLUÊNCIA DOS RIOS UAMBA E LUMENHA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "OUTRA VEZ"	18 A 23JUL64	ZONA ENTRE QUITEXE - ALDEIA VIÇOSA - RIO CALAMBINGA - VALE DO RIO VAMBA E REGIÃO DAS SERRAS GOLOMBE, NAMBINGA, CANANGA, UIGE E RIO DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "OS SEM PAVOR"
OP. "SURPRESA"	04 A 07AGO64	ZONA DO VALE DO RIO SANDA - ZAMBE - CANGOMBE (GOLPE DE MÃO)	
OP. "BOSSA NOVA"	14 A 26AGO64	ZONA DA SERRA DA QUIBINDA, A S DE QUITEXE (BATIDA)	
OP. "CHEGOU A HORA"	27 A 30AGO64	ZONA DO VALE DO RIO VAMBA, ENTRE O NIATCHÉ E O RIO CANEIA (BATIDA)	
OP. "MAIS UMA"	03 A 04SET64	SERRA GOLOME (BATIDA)	
ACÇÃO	07SET64	ZONA ENTRE A SERRA QUIBINDA E O RIO DANGE (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	12SET64	ZONA A SE DE QUITEXE (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "DUAS PASSAGENS"	17 A 21SET64	ZONA DA SERRA PINGANO E VALE DO RIO VAMBA (BATIDA)	
OP. "CUMPRIDO"	10 A 14OUT64	ZONA DE ZAMBE E VALE DO RIO SANDA (BATIDA)	
ACÇÃO	19OUT64	SERRA QUIBINDA (RECONHECIMENTO)	
OP. "TEIMOSIA DECLARADA"	27 A 28OUT64	SERRA QUITOQUE (BATIDA)	
ACÇÃO	04NOV64	SERRA QUITOQUE (BATIDA)	
OP. "OUTRA GENTE"	05 A 06NOV64	ZONA DA SERRA QUITOQUE (BATIDA)	
OP. "GRANDE ESCOVADELA"	14 A 17NOV64	SERRA QUIBINDA (BATIDA)	
OP. "BRAÇO DADO"	15DEZ64	ZONA DA SERRA CAZUNDO, REGIÃO DO RIO QUEBORE (GOLPE DE MÃO)	
ACÇÃO	28DEZ64	ZONA ENTRE O RIO UAMBA E A PICADA QUITEXE - CAMABATELA (BATIDA)	
ACÇÃO	03JAN65	ZONA ENTRE A SERRA QUIBINDA E O RIO DANGE (BATIDA)	
ACÇÃO	04JAN65	ZONA DA SERRA QUIBINDA (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "TAMBOR"	20 A 23JAN65	ZONA DAS SERRAS PINGANO, QUITO- QUE, QUIBINDA, GOLOME, VAMBA, UIGE, CANZUNDO E VALE DOS RIOS VAMBA E DANGE (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "CENTURIÕES"
OP. "CAÇA FINAL"	29 A 30JAN65	ZONA DA CONFLUÊNCIA DOS RIOS LUQUENGUE E MUBIR (GOLPE DE MÃO)	
OP. "NADA ESCAPA"	11 A 12FEV65	ZONA DA SERRA QUITOQUE (BATIDA)	
OP. "CONFIRMAÇÃO"	17 A 19FEV65	ZONA DA SERRA QUITOQUE (BATIDA)	
OP. "UMA A MAIS"	22 A 24MAR65	ZONA DO RIO DANGE (BATIDA)	
OP. "ALPINISMO"	05 A 06ABR65	ZONA A SE DA SERRA CANANGA E A NW DA SERRA PINGANO (BATIDA)	NO INÍCIO DESTA OP., OCORREU UM TRÁGICO ACIDENTE DE VIAÇÃO COM O GR CMDS, DEVIDO À QUEBRA DA PONTE DO RIO LOGE, COM QUEDA E AFUNDAMENTO NO RIO DA VIATURA QUE O TRANSPORTAVA, TENDO ORIGINADO PERDAS EM PESSOAL E MATERIAL.
ACÇÃO	11 A 12ABR65	ZONA DE SERRA QUITOQUE (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "MANDA CHUVA"	15 A 17ABR65	ZONA DA SERRA PINGANO (BATIDA)	
OP. "MANDA CHUVA 2"	26 A 28ABR65	ZONA DA SERRA PINGANO (BATIDA)	
OP. "DONA CHICA"	03 A 06MAI65	SERRA VAMBA E REGIÃO DE ZAMBE (BATIDA)	
ACÇÃO	13 A 14MAI65	ZONAS DOS RIOS LUMENHA E QUINUMA (BATIDA)	
OP. "PORTA DA CASA"	16 A 17MAI65	ZONA ENTRE OS RIOS UAMBA E LUMENHA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "DESPEDIDA"	21 A 30MAI65	SERRA QUITOQUE	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Nada a referir

LOUVORES

Pelo Comandante do BCaÇ 547

- Fur Mil Inf António Augusto Almendra Rodrigues
- Fur Mil Inf Ofémio Livramento Brito Évora
(O.S. nº 126 de 15Out64)

Pelo Comandante da RMA

- Soldado 1167/63 Albino da Silva Soares
(O.S. nº 12 de 12Fev65/Comd RMA)

BAIXAS

Mortos por afogamento no rio Loge, em 05Abr65:

- Soldado 1300/63, António Augusto Pires
- Soldado 2269/63, Joaquim Ferreira de Carvalho Barbosa
- Soldado 1692/63, José Casimiro Florentino.

HISTORIAL

Recebida do Quartel General uma nota, no sentido de o Batalhão seleccionar os melhores elementos a fim de frequentarem um Curso de “Comandos”, que teria lugar no Centro de Instrução nº 25, em Quibala-Norte, a ideia até certo ponto, entusiasmou a muitos que se ofereceram como voluntários, e a mais alguns que foram escolhidos.

O curso teve início em Mar64, com a duração de cerca de três meses.

Primeiro seguiram os graduados, que tiveram cerca de trinta dias uma preparação intensa, afim de poderem, por sua vez, desempenhar as funções de instrutores e monitores na instrução a ministrar aos soldados que haviam de chegar após esta preparação.

A instrução durante o curso era cada vez mais intensa podendo assim verificar-se e pôr à prova, a resistência, a capacidade física, o espírito combativo, a mentalização de cada um, etc...

A instrução adquiria, dia a dia, um aspecto mais verdadeiro da guerra, chegando mesmo ao ponto de serem executados exercícios debaixo de fogo real, nomeadamente nas progressões em campo aberto com pequenas máscaras. O instrutor fazendo-se inimigo, colocava-se num ponto dominante escolhido, ou seja num alto dum monte, onde controlava todas as progressões, podendo assim corrigi-las. Pode-se salientar que um dos soldados deste grupo, numa das fases da instrução comandada através dum megafone, após a voz de “deitar”, atrasou-se alguns segundos, tendo sido alvo de uma bala, que, por sorte lhe atravessou o carregador da arma, e tendo-lhe mesmo assim perfurado alguns centímetros no braço direito. Este soldado foi imediatamente conduzido à enfermaria, onde permaneceu alguns dias, tendo depois regressado de novo à instrução. É também de salientar os frequentes entorses resultantes dos treinos e saltos de helicópteros, para uma perfeita execução a um máximo de altura. Todas as semanas eram eliminados aqueles que não mostravam possuir qualidades para um verdadeiro “Comando”.

Em Maio terminou o curso, e o grupo formado pelos elementos do Batalhão de Caçadores nº 547, ficou sob o comando do Alferes Mil Manuel Martins de Matos e dos Furriéis Milicianos, Miguel Ângelo Monteiro Pinto, António Augusto Almendra Rodrigues, Ofémio Livramento Brito Évora e Mário Oliveira.

Alguns dias depois regressavam ao Batalhão.

Após uma semana de estadia, o grupo foi solicitado pelo Quartel-General, a fim de tomar parte numa operação, que se ia realizar em S. Salvador do Congo, e em que participavam somente grupos de Comandos, operação esta que consistia em montar uma rede de emboscadas, e em que se obtiveram resultados bastante satisfatórios. Oito dias depois estavam de regresso.

Após esta operação, foi transmitida ao Comando do Batalhão a referência elogiosa conferida pelo Exmº Comandante do Batalhão de Caçadores nº 595.

“...É com o maior prazer que venho testemunhar a V. Ex^a. o meu maior agrado pela forma brilhante e muito eficiente como actuou o “Grupo de Comandos” do Batalhão de mui digno Comando de V. Ex^a., durante a sua permanência nesta zona de operações, prestando assim uma colaboração valiosíssima a todos os títulos, à execução da operação “Caça e Busca” levada a efeito na área do Sub-Sector confiado à responsabilidade deste Batalhão..”

A actividade operacional deste grupo dentro do Batalhão, foi sempre bastante apreciada pelo Comando, bem assim a permanente boa vontade, que todos os seus elementos tinham no cumprimento de qualquer espécie de missão que lhes era atribuída, e é de reconhecer a evolução dos terroristas da região, que dificultavam em parte a actuação, e por isso mais resultados positivos.

Este grupo teve a sua primeira baixa numa operação efectuada no Vale do Vamba, onde um dos seus elementos, accionou um engenho explosivo, colocado ardidamente pelo inimigo, ficando com um pé decepado, tendo sido imediatamente evacuado para a Metrópole; bem assim, algum tempo depois, o Comandante devido a uma surdez adquirida durante um tiroteio, tendo o grupo ficado sob o Comando dos Furriéis Milicianos que continuaram a arrastar o grupo com eles, e a mostrarem-se à altura de desempenharem missões difíceis nomeadamente na Serra do Quitoque, Vales do Dange e Sanda, onde muitos dos seus elementos se atiravam para a frente do inimigo. Não temendo o perigo, não discutindo as ordens que recebiam, não admitindo nem conhecendo embaraços a uma integral execução, lembrando-se apenas da obediência e determinação, virtudes estas inalienáveis de um verdadeiro “Comando” sempre demonstradas na ZIN.

A actuação do grupo mereceu do Exm^o. Comandante do Batalhão a referência elogiosa que a seguir se transcreve, e que foi considerada por Sua Ex^a. O General Comandante da Região Militar de Angola como dada por si:

“...Tendo o grupo de “Comandos” do BCaÇ 547, actuado em reforço da Companhia de Caçadores nº 546 foi pelo Comandante daquela Sub-Unidade salientado o óptimo trabalho operacional deste grupo, que lhe deixou excelente impressão, considerando mais, que os seus elementos, se encontram à altura de desempenharem missões difíceis com pleno êxito.

Porque a actividade operacional deste grupo me tem vindo a agradar plenamente, aproveito a oportunidade para patentear a todo o Batalhão de Caçadores o meu apreço pelo grupo de “Comandos” que não obstante bastante desfalcado – inclusive sem oficial – tem vindo a cumprir da melhor forma todas as missões de que tem sido incumbido.”

Recorda-se o seguinte episódio de verdadeira coragem do nosso bravo e valente soldado:

– “O grupo seguia em “coluna por um”, numa das picadas da conhecida Serra do Quitoque, quando de repente caiu numa emboscada; o Dias, soldado apontador da metralhadora “Madsen”, quis reagir energicamente, mas a arma encravou-se e viu-se praticamente desarmado frente a um elemento inimigo que empunhava uma Pistola Metralhadora FBP; mas o “Púcaro” que vinha logo a seguir, e com a sua F.N. em posição de rajada, corajosamente, e num verdadeiro acto de camaradagem, desprezo pela vida e coragem fez com que o inimigo se pusesse em fuga salvando assim o seu camarada numa situação difícil em que podia ter deixado a vida”.

Este grupo teve a sua maior perda quando seguia para uma operação que se iria realizar na Serra do Pingano.

A ponte que atravessava o rio Loge partiu-se impiedosamente, fazendo mergulhar nas suas caudalosas águas a viatura que os transportava, tendo-se infelizmente afogado três dos seus melhores elementos¹¹⁸, salvando-se os restantes como por milagre.

Auxiliados e ajudados sempre pelos graduados de excelente moral, o grupo não se desmoralizou, tendo mais tarde efectuado a referida operação, por outros itinerários, mas sempre irmanados nos mesmos sentimentos, impulsionados e guiados pela mesma fé e comuns na mesma vontade.

¹¹⁸ Estes militares estão referenciados nas Baixas do Grupo “Fantasmas II”

Além das já mencionadas referências elogiosas, houve dois elementos do grupo louvados pelo Comandante da Região Militar de Angola, um pelo Comandante do Sector I e nove pelo Comandante do Batalhão de Caçadores nº 547. E esta é a história breve deste Grupo de “Comandos”, que com o sangue derramado por este Portugal eterno, há-de contar ao mundo que nos vigia, o que pode um povo que sabe querer, e um País que sabe ser.¹¹⁹

¹¹⁹ Testemunho do Furriel Miliciano de Infantaria Miguel Ângelo Monteiro Pinto



Vista aérea do Vale do rio Loge

(Fotografias do Alferes Luís Câmara Pina, cedidas pelo genro, Dr. Miguel Alvim)

GRUPO DE COMANDOS "RELÂMPAGOS" / BCAÇ Nº595
ACTIVIDADE OPERACIONAL

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "BOINA VERMELHA"	01 A 07MAI64	ZONA DE QUIBALA E MATA SANGA (BATIDA)	GR CMDS NA FASE FINAL DA INSTRUÇÃO. ACTUOU COM OS GR CMDS "CENTURIÕES", "SOMBRAS", "LEOPARDOS", "FANTASMAS II" E "AUDAZES"
OP. "CAÇA E BUSCA"	18MAI A 05JUN64	ZONA DE NÓQUI E REGIÃO DE CAI - MATOMBE (BATIDA)	ACTUOU COM OS GR CMDS "FANTASMAS II", "AUDAZES", "SOMBRAS", "DESTEMIDOS", "OS GATOS" E "LEOPARDOS". ESTA OP. DECORREU NOS SECTORES A, B1 E F
OP. "AMIGOS DA ONÇA"	01 A 03JUN64	ZONA DA FAZENDA MAMAROSA (BATIDA)	
OP. "CARTA JOGADA"	17 A 19JUN64	ZONA DE AVÉ-MARIA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "AMIGOS DO CASTELO"	06 A 09JUL64	ZONA ENTRE BANZA-LAMBO E QUEMBO (NOMADIZAÇÃO)	
OP. "NUVEM BRANCA"	10 A 13JUL64	ZONA DE INGO, REGIÃO DOS RIOS SINDE E BUMBO (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "UNHA NEGRA"	18 A 20JUL64	ZONA ENTRE A FRONTEIRA COM O CONGO - RIO FULEGE - PARALELO DE COMA - ESTRADA CUIMBA - BUELA (BATIDA E EMBOSCADA)	ACTUOU COM O GR CMDS "AUDAZES"

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "CARECA DA QUARTA"	25 A 28JUL64	ZONA DO RIO LUVEMB (NOMADIZAÇÃO)	
OP. "CARA ALEGRE"	28 A 30AG064	ZONA ENTRE BANZA LAMBO E QUEMBO (NOMADIZAÇÃO)	
OP. "VAMOS A VER"	02 A 11SET64	ZONA FRONTEIRIÇA COM O CONGO (BATIDA E EMBOSCADA)	
OP. "MAIS UMA"	20 A 22SET64	ZONA ENTRE QUEMBO E O RIO FUA (NOMADIZAÇÃO)	
OP. "BOTA FOGO"	08 A 11OUT64	ZONA ENTRE OS RIOS LUVO E LUNGUEZI (BATIDA)	
OP. "OUTRA ESPERANÇA"	13 A 15OUT64	ZONA DO RIO LUVEMBA (GOLPE DE MÃO)	
OP. "ENTRE SERRAS"	03 A 06DEZ64	ZONA A SE DA SERRA CANDA - ENCOSTA NW DA SERRA DA QUIMBUMBA E VALES DOS RIOS LEFUNDE E VUNGO (BATIDA)	ACTUOU COM O GR CMDS "AUDAZES"
OP. "CAÇA NA LAVRA"	03 A 12MAR65	ZONA DA SERRA UÍGE, REGIÃO ENTRE AS PICADAS DO QUIMALALO E MAIENGO - QUIRIAMA (BATIDA)	
OP. "RELÂMPAGOS"	ABR65	ZONA DE SANZA POMBO (BATIDA)	
OP. "SERÁ DESTA"	08 A 12MAI65	ZONA A E DE QUICUA (BATIDA)	

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
OP. "GRANDE ELIAS"	MAI65	ZONA DE SANZA POMBO (BATIDA)	
OP. "PRAÇA"	JUL65	ZONA DE SANZA POMBO (BATIDA)	
OP. "QUATRO DE ESPADAS"	AGO65	ZONA DE SANZA POMBO (BATIDA)	
OP. "HAJA ALEGRIA"	SET65	ZONA DE SANZA POMBO (BATIDA)	
ACÇÃO	22 A 24SET65	ZONA ENTRE QUIPANZO SAMBA E QUIPANDA MENANGA (NOMADIZAÇÃO)	
ACÇÃO	05 A 07OUT65	ZONA ENTRE QUICOXE E QUITECA DAMBA (NOMADIZAÇÃO)	
ACÇÃO	18 A 20NOV65	ZONA DA ESTRADA PARA CUILO, ENTRE OS PARALELOS DE CRUZ QUIMBELE - CUILO E MONGOVUNDA (NOMADIZAÇÃO)	
ACÇÃO	02 A 05JAN66	ZONA DA ESTRADA PARA O CUILO, ENTRE OS PARALELOS DE CRUZ QUIMBELE - CUILO E MONGOVUNDA (NOMADIZAÇÃO)	

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

– ALFERES MILICIANO DE INFANTARIA – JOSÉ MANUEL CABRITA GUERREIRO BAPTISTA
BCaÇ 595 - BC 5
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE. NP 11 - 2.8 série, de 1965.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 09 de Abril de 1965, o Alferes Miliciano de Infantaria, José Manuel Cabrita Guerreiro Baptista.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(publicado na OS n.º 08, de 29 de Janeiro de 1965, do QG/RMA):

Louvo o Alferes Miliciano, José Manuel Cabrita Guerreiro Baptista, Comandante do Grupo de Comandos, do BCaÇ 595, pelas qualidades militares reveladas no Comando do Grupo de Comandos. Oficial disciplinado e disciplinador, demonstrou sempre boa vontade, dedicação e entusiasmo nas missões que lhe têm sido determinadas.

É de salientar a sua acção debaixo de fogo inimigo, na última operação realizada, em que comandou com muito acerto, desembaraço e decisão o seu pessoal.

Pela sua atitude em que revelou audácia e coragem é merecedor de ser distinguido com o presente louvor e digno de ser apontado como um exemplo a todos os seus camaradas e credor da estima e admiração deste Comando.

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

– FURRIEL MILICIANO DE INFANTARIA – MANUEL ÁLVARO DE SÁ CASTRO
BCaÇ 595 - BC 5
ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na O.E. N.º 12 – 3ª série, de 1965.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4ª classe, nos termos do art. 12º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 27 de Fevereiro de 1965, o Furriel Miliciano, Manuel Álvaro de Sá Castro, do Grupo de Comando do Batalhão de Caçadores n.º 595 - Batalhão de Caçadores n.º 5.

Sua Ex^a o General Comandante da Região, por seu despacho de 25JAN65, considerou como dados por si o seguinte louvor:

Transcrito da O.S. n.º 292, de 18OUT64, do BCaÇ 595:

“Louvo o Furriel miliciano Manuel Álvaro De Sá Castro, do Grupo de Comandos do BCaÇ 595, pela sua valentia, lealdade e desejo de bem servir, qualidades que tem demonstrado ao longo da sua permanência na Unidade. Merece referência especial a magnífica atitude tomada quando integrado num grupo de eliminação de sentinelas, durante um golpe de mão a um depósito de armas inimigo, decididamente abriu fogo, abatendo cinco elementos inimigos e de peito descoberto, foi voluntariamente buscar o corpo de um seu camarada que tinha sido atingido mortalmente, do fogo inimigo. Demonstrou a mais serena energia debaixo de fogo, a maior coragem e decisão, bem como assinalado sangue frio e considerável espírito de sacrifício, exercendo grande acção sobre os seus subordinados. Por todas estas razões deve ser considerado um óptimo auxiliar, apontado como um exemplo a seguir pelos seus camaradas e merecedor da admiração e estima desse Comando.”

Medalha de Cruz de Guerra – 4.^a Classe (Título póstumo)

— 1.º CABO DE INFANTARIA, N.º 2068/63 – ESTÊVÃO ROSA DE BRITO

CCaÇ 535/BCaÇ 595 - BC 5

ANGOLA

Transcrição do Despacho publicado na OE n.º 18 – 3.^a série, de 1966.

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.^a classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, aprovado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 03 de Maio de 1966:

A título póstumo, o 1.º Cabo n.º 2068/63, Estêvão Rosa de Brito, da Companhia de Caçadores 535/Batalhão de Caçadores 595 - Batalhão de Caçadores n.º 5.

Transcrição do louvor que originou a condecoração.

(Publicado na OS n.º 04, de 15 de Janeiro de 1965, do QG/RMA, que transcreve o louvor concedido pelo Comandante do BCaÇ 595 na OS n.º 292, de 18 de Outubro de 1964, daquele Batalhão):

Louvo, a título póstumo, o 1.º Cabo n.º 2068/63, Estêvão Rosa de Brito, do Grupo de Comandos do BCaÇ 595; pelas grandes qualidades militares reveladas durante todas as missões cometidas ao seu Grupo de Combate. Elemento extremamente, abnegado, dotado de grande espírito de iniciativa e arrojo, demonstrou em combate a mais serena energia debaixo de fogo, a maior coragem e decisão, bem como um assinalado sangue frio.

GRUPO DE COMANDOS “MAGNÍFICOS”

ACTIVIDADE OPERACIONAL

A actividade operacional do Grupo “Magníficos”, como grupo individualizado, resumiu-se à execução de uma única Operação, “Boina Vermelha”, na fase operacional, do final do curso.

Posteriormente, os seus elementos foram colocados no Centro de Instrução de Comandos em Luanda, onde integraram o Corpo de Instrução, para onde marcharam em 10 de Maio de 1964.

CONDECORAÇÕES E LOUVORES

CONDECORAÇÕES

Nada a referir.

LOUVORES

Do Comandante do Centro de Instrução de Comandos

- Alf Mil Inf, José Abílio Alves Monteiro
- Fur Mil Art, Fortunato Barreiros de Araújo
- Fur Mil Cav, Carlos Artur Hilário de Almeida
- Fur Mil Cav, Francisco José D’Orey Roquette
- Fur Mil Art, António Lourenço Chaves de Almeida
(O.S. nº 69 de 23Mar65)
- Ten Inf, José Manuel da Glória Belchior
(O.S. nº 72 de 26Mar65)

Do Comandante da RMA

- Capitão de Art, Francisco Manuel Mateus Leal d’Almeida
(O.S. nº 33 de 28Abr65/Comd RMA)
- Fur Mil Cav, Luís Patrício Correia Gomes
(O.S. nº 95 de 24Nov65/Comd RMA)

BAIXAS

Nada a referir

HISTORIAL

Nada a referir



Panorâmica do CI-25/ Quibala Norte



Quibala Maio de 1964/Coluna de regresso do 2º Curso de Comandos
(Fotografia cedida pelo Sr Tenente General Júlio Faria Ribeiro de Oliveira)

ARMAMENTO CAPTURADO PELOS GRUPOS DE "COMANDOS" DOS TRÊS CENTROS, 21, 16 E 25

NOMENCLATURA	NUMERO
CANHANGULOS	96
TRABUCOS	2
PISTANGULOS	1
ARMAS DE CALIBRE 303 MM (LEE-ENFIELD)	1
ESPINGARDAS CAÇADEIRAS	2
ESPINGARDAS DE CAÇA (CALIBRE NÃO ESPECIFICADA)	1
ESPINGARDAS DE CAÇA 9,3MM	1
ESPINGARDAS MAUSER	4
ESPINGARDAS MAUSER 7,65 (PIPER HERSTAL)	1
ESPINGARDAS LEE-ENFIELD	3
ESPINGARDAS CALIBRE PONTO 22	1
ESPINGARDAS FN	2
PISTOLAS METRALHADORA STERN MK2	2
PISTOLAS (SEM ESPECIFICAÇÃO DE MARCA)	2
PISTOLAS COLT	1
PISTOLAS FN "BABY"	1
MINAS IMPROVISADAS	1
GRANADAS DE MÃO MK11 (USA)	1
GRANADAS DE MÃO MK2 (USA)	1
GRANADAS DE MÃO TIPO ITALIANA	1
GRANADAS DE MÃO OFENSIVAS	1
GRANADAS DE MÃO INCENDIÁRIAS	1
GRANADAS DE MÃO DEFENSIVAS	2

CI-25	COMANDANTES
"CENTURIÕES"	ALF MIL "CMD" DINIZ DE ARAÚJO PIMENTEL
"SOMBRA"	FUR MIL "CMD" AMÂNDIO ALBERTO SALGADO
"AUDAZES"	ALF MIL "CMD ALFREDO DA COSTA CORREIA DA SILVA
"LEÕES"	FUR MIL "CMD" LUÍS ANTÓNIO DE ALMEIDA DA COSTA MENDES
"FANTASMAS II"	ALF MIL "CMD" MANUEL MARTINS DE MATOS
"RELÂMPAGOS"	ALF MIL "CMD" JOSÉ MANUEL CABRITA GUERREIRO BAPTISTA
"MAGNÍFICOS"	TEN INF"CMD"JOSÉ MANUEL DA GLÓRIA BELCHIOR

Posteriormente a instrução da Especialidade "Comando", continuou a ser ministrada em Angola, no Centro de Instrução de Comandos (CIC) - Belo Horizonte, que foi oficializado pelo Dec. Lei nº 46410 de 29 de Junho de 1965, onde se formaram Companhias de "Comandos".

CI-25	COMANDANTES
"CENTURIÕES"	ALF MIL "CMD" DINIZ DE ARAÚJO PIMENTEL
"SOMBRA"	FUR MIL "CMD" AMÂNDIO ALBERTO SALGADO
"AUDAZES"	ALF MIL "CMD ALFREDO DA COSTA CORREIA DA SILVA
"LEÕES"	FUR MIL "CMD" LUÍS ANTÓNIO DE ALMEIDA DA COSTA MENDES
"FANTASMAS II"	ALF MIL "CMD" MANUEL MARTINS DE MATOS
"RELÂMPAGOS"	ALF MIL "CMD" JOSÉ MANUEL CABRITA GUERREIRO BAPTISTA
"MAGNÍFICOS"	TEN INF"CMD"JOSÉ MANUEL DA GLÓRIA BELCHIOR
CI-16	COMANDANTES
"OS SEM PAVOR"	ALF MIL "CMD" EDUARDO RIBEIRO DA SILVA
"DESTEMIDOS"	ALF MIL "CMD" MARTINHO EDUARDO FERREIRA DE ARAÚJO
"HERES"	ALF MIL "CMD" JESUS BARRAS PAIVA
"CAÍDOS"	ALF MIL "CMD" FRANCISCO MARTINS VILANTE
"ESCORPIÕES"	ALF MIL "CMD" MANUEL EDUARDO BOMAL
"ARCADES"	ALF MIL "CMD" JOSÉ PEDRO GONÇALVES

II

Organizou e redigiu esta Parte

Cor QEO "Cnd" Carlos Nuno Carronda Rodrigues

Apolaram e colaboraram no trabalho:

Coronel Cav Fernando

Alferes "Cnd" Virgílio António Moreira da Silva Briote

2º Serg. "Cnd" Mário Fernando Roseira Dias

Furriel "Cnd"

Furriel "Cnd"

1º Cabo

pela cedência de fotografias e testemunhos pessoais
avidos naquele período

1963-1966

Apoio de Investigação:

Sargento-Mor Infantaria "Cnd" Rui Jaime Domingues da Fonseca

Trabalhos de computador:

Assistente Administrativa Principal Helena Gulinha da Viana

CARLOS NUNO CARRONDA RODRIGUES

Coronel do Quadro Especial de Oficiais/
/Infantaria "Comando"

Os Comandos na Guiné 1963-1966

Organizou e redigiu esta Parte II:

Cor QEO "Cmd" Carlos Nuno Carronda Rodrigues

Apoiaram e colaboraram no trabalho:

Coronel Cav Fernando Cavaleiro

Alferes "Cmd" Virgínio António Moreira da Silva Briote

2º Sarg. "Cmd" Mário Fernando Roseira Dias

Furriel "Cmd" António Manuel Constantino Vassalo Miranda

Furriel "Cmd" João Severo Parreira

1º Cabo Fotocine Fernando Celestino Raimundo

*pela cedência de fotografias e testemunhos pessoais
vividos naquele período*

Apoio de Investigação:

Sargento-Mor Infantaria "Cmd" Rui Jaime Domingues da Fonseca

Trabalhos de computador:

Assistente Administrativa Principal Helena Gulamhussen Vissanji

Os Comandos na Guiné

1963-1966

A PROVÍNCIA DA GUINÉ – BREVES CONSIDERAÇÕES

CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS

A Guiné situa-se na costa ocidental de África entre o Senegal e a República da Guiné e é banhada a Oeste pelo Oceano Atlântico. É constituída por uma parte continental e grande número de ilhas que lhe ficam muito próximo e o arquipélago dos Bijagós, num total aproximado de 31.800 Km² de área.

É um território plano, muito arborizado em especial no Sul e recortado por imensos rios e canais que transformam completamente a natureza do terreno em função das marés, substituindo terra por lodo, alterando os itinerários, impossibilitando a sua utilização e dificultando muito os métodos dos trabalhos de subsistência durante largos períodos do dia. No litoral prevalecem as zonas das planícies, das rias, dos vales invadidos pelas marés de água salgada, enquanto que para o interior só existem rios de água doce.

Há uma área enorme, cerca de 4.000 km², que emerge entre a preia-mar e a baixa-mar, cuja amplitude é de cerca de 7 metros; por motivo das marés, apenas cerca de 28.000 km² estão permanentemente emersos. As águas do mar invadem e galgam as terras baixas, inundando-as e no interior do território, os cursos dos rios estão sujeitos a cheias relacionadas com as alterações climáticas.

O clima é tipicamente tropical, com duas estações anuais: a quente ou das chuvas, de Junho a Outubro e a seca e fresca, de Novembro a Maio; é um clima quente e húmido, ou seja, bastante insalubre face às altas temperaturas, muita humidade e baixa pressão atmosférica.

CONDIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS

A luta armada na Guiné teve o seu início em 1963 sob a forma de guerrilha contra a soberania portuguesa. É o culminar de toda uma actividade política desenvolvida desde 1950, inicialmente por um grupo de emancipação que se intitulava FLING (Frente de Luta pela Independência da Guiné) e posteriormente por outros Movimentos como o MAC (Movimento Anti-colonialista), o MLG (Movimento para a Libertação da Guiné) e o FRAIN (Frente Revolucionária Anti-colonialista para a Independência Nacional) visando claramente a subversão na Guiné e nas outras províncias portuguesas.

Em 1959 Amílcar Cabral, engenheiro agrónomo, natural da Guiné e formado em Lisboa, cria o PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) apoiado pelo Senegal, República da Guiné e muitos outros países, acentuando-se a mobilização e mentalização das populações indígenas no sentido da independência através da luta armada.

Os Balantas, que maioritariamente foram aliciados para pegar em armas, eram a raça mais numerosa, trabalhadora e viviam da agricultura; praticavam a poligamia sendo o homem o elo fundamental da sua organização familiar e social; por estas razões e pelo facto de serem considerados uma raça inferior a outras tribos e os mais atrasados, sem chefes tradicionais, se compreende que fossem os mais permeáveis à propaganda inimiga.

SITUAÇÃO MILITAR EM 1963

Terreno – como atrás foi referido a água e o lodo eram um dos normais campos de combate da Guiné; o terreno era plano e alagadiço, serpenteado por muitos rios, pântanos e terras alagadas para o cultivo do arroz (bolanhas), sofrendo grandes alterações por via das marés; alternava com matas e algumas florestas densas.

A rede de comunicações era muito reduzida; somente cerca de 60 km era pavimentado e 1.400 km de terra batida; o restante eram picadas e caminhos sujeitos à acção das marés que os tornavam intransitáveis, na zona litoral.

População – a população indígena era constituída por uma série de raças e sub-raças, das mais variadas origens, com hábitos característicos e costumes originais. Entre as tribos apontam-se, de acordo com os seus quantitativos, os Balantas, Fulas, Manjacos, Mandingas e Papéis. A estes cinco grupos étnicos, juntam-se outros quantitativamente menos importantes: os Brames ou Manca-nhas, Beafadas e os Bijagós. Seguem os grupos mais reduzidos: Felupes, Baiotes, Nalus e os Sossos.

O enquadramento e apoio das autoridades junto da população era deficiente pelo que esta sofria forte mentalização do inimigo, aceitando no seu seio os guerrilheiros que se misturavam com ela.

Inimigo – integrando-se facilmente no seio da população que mantinha a maior discrição sobre a sua presença, estava bem armado, manifestava um acentuado espírito guerrilheiro e exercia a sua acção psicológica sobre as populações apoiado em emissões radiofónicas diárias a partir de Conakri; actuava em certas circunstâncias com efectivos elevados.

O Exército no Território – O Exército Português mantinha na Guiné no primeiro trimestre de 1963, 5 comandos de batalhão de caçadores, 15 companhias tipo caçadores, sendo 3 de guarnição normal, 4 pelotões de caçadores independentes, 5 pelotões de morteiros médios, 1 bateria de artilharia de campanha, 1 companhia de polícia militar, 1 esquadrão de reconhecimento, 1 pelotão de reconhecimento, 1 pelotão de canhões sem recuo e 1 pelotão de artilharia antiaérea.

Além das unidades operacionais referidas, existiam, ainda, órgãos de apoio logístico e de serviços correspondentes.

De salientar que nesta altura ainda eram enviados da Metrópole, comandos reduzidos de batalhão com vista a enquadrar as companhias, pelotões de caçadores independentes e demais subunidades existentes nas zonas de acção.

As tropas eram pouco experientes, denotavam dificuldades na mata movimentando-se fortemente armados e com equipamentos muito pesados o que lhes dificultava a mobilidade; daí o uso excessivo das estradas e picadas que se reflectia num maior número de perdas humanas e baixas de material.

Os Batalhões estavam muito fraccionados na sua zona de acção, havendo poucos estacionamento a nível de Companhia e muitos a nível de Pelotão e Secção, todos muito isolados o que dificultava as acções de reforço em tempo útil em caso de emergência ou seja, a malha de ocupação militar no território era muito pouco densa.

O dispositivo no terreno não contemplava a existência de forças de intervenção ou operacionais próprias que pudessem, para além da função de reforço, trabalhar a zona de acção.

O PORQUÊ DOS COMANDOS – RAZÕES

Torna-se assim evidente que face às características geográficas e ao inimigo em presença, não era possível sustentar as incursões dos guerrilheiros a partir dos países vizinhos com os meios humanos e materiais dispersos e insuficientes e sem capacidade de intervenção oportuna em toda a zona de acção através de forças de reserva táctica.

Era necessário uma tropa diferente com capacidade para executar um tipo de manobra mais adequada às circunstâncias, ou seja, uma tropa que pela sua preparação técnica e utilização de equipamentos ajustados à realidade do combate, lhe permitisse desencadear a contra-guerrilha; ter grande mobilidade e rapidez nas acções num terreno fortemente adverso; que fosse aligeirada mantendo um forte poder de fogo; constituída por efectivos pequenos, agressivos e autónomos, muito bem preparados fisicamente, psicologicamente resistentes e de moral elevado.

Os militares com estas características, esta preparação e modo de actuação já existiam; sabia-se que em Angola esta instrução era já ministrada no Centro de Instrução Especial de Contra-guerrilha em Zemba, o CI 21, onde tinham sido preparados os primeiros Grupos de tropa especialmente adaptados ao tipo de luta em confronto, com resultados muito positivos. Posteriormente esta tropa diferente passa a designar-se por Comandos.

Para caracterizar sucintamente, mas de forma clara e precisa as características e possibilidades destes Grupos de Comandos, transcreve-se uma parte da palestra proferida pelo Coronel António Dias Machado Correia Dinis em 1981 no âmbito dos Contributos para a História dos Comandos Portugueses – Os Comandos da Guiné:... *“Sabia-se que a sua missão principal era o ataque a objectivos limitados, em proveito das tropas de quadricula e de intervenção, quer como processo de destruição inimiga, quer ainda como fonte indispensável de informações que pudessem nortear a actividade operacional daquelas tropas, podendo também ser usados em acções de caça, nos sectores onde actuassem.*

Sabia-se ainda que eram suas características a elevada autonomia, a rusticidade, a resistência à fadiga, a técnica apurada de combate e, muito especialmente, um espírito agressivo, indispensável à execução de missões de maior risco ou dificuldade ...”

E é por estas razões que vai surgir na Guiné, a partir de 1963, a necessidade urgente de uma tal tropa. Os primeiros contactos referentes a esta questão são estabelecidos com a Região Militar de Angola (RMA).

COMANDOS DA GUINÉ — O PRINCÍPIO

RECOLHA DE INFORMAÇÃO

É em Maio de 1963 que o então Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné e também Comandante Militar, Coronel Tir do CEM Fernando Louro de Sousa, promovido a Brigadeiro em Julho desse ano, teve conhecimento que em Angola tinham sido formados Grupos de Comandos, tropa especializada na luta de contra-guerrilha.

Da conversa que teve em 11 de Maio 63 com o Furriel Comando Oliveira Leal que se deslocara da RMA para uma demonstração de manejo do lança-foguetes “Dante”, utilizando rockets de aviação, nasceu um forte interesse sobre o assunto “Comandos” que levou o Coronel Tir Louro de Sousa a remeter nesse mesmo dia uma mensagem ao General Holbeche Fino, Comandante-Chefe de Angola, solicitando a remessa de elementos sobre essa tropa.

Não obtendo resposta a essa mensagem, escreve em 22 de Maio ao Tenente-Coronel Bettencourt Rodrigues, então Chefe do Estado Maior da RMA, expondo-lhe a conversa tida sobre os Comandos de Angola e manifestando o desejo de os criar com urgência na Guiné, levantando para tanto um campo de instrução; informava que os Batalhões estavam já a recrutar voluntários e pedia que, para além de todos os elementos disponíveis sobre a sua formação, o informassem da possibilidade de cedência de um oficial e alguns sargentos comandos de Angola, ou talvez mais elementos, para instrutores na Guiné.

Esta carta, submetida à apreciação do Comandante-Chefe de Angola, mereceu-lhe o seguinte despacho: *“Informar que eu autorizo a ida à Guiné, por 3 meses,*



1963/64 - Brigadeiro Fernando Louro de Sousa, Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné

de um Grupo de Comandos, com 1 of. para dar instrução ao pessoal de lá. O Louro de Sousa que peça autorização p. Lx dizendo estar informado que eu concordo em auxiliar a Guiné desta forma. 1.6.963 H. Fino, Gen."

No desenvolvimento deste assunto é entretanto apresentada em 23 de Maio, pelo Chefe da 3ª Rep do QG do CTIG, Major Mira Dorez, de forma bastante detalhada, uma Informação sobre os Comandos da Região Militar de Angola.

Esta Informação apontava aspectos genéricos e características próprias relativas à formação e actuação dos Comandos em Angola, de que se destacam principalmente as seguintes:

- Foram formados comandos em seis Batalhões na 3ª Região Militar (Angola); estes comandos eram constituídos por voluntários, sendo organizados, equipados e instruídos para combater a guerrilha empregando os mesmos métodos desta;
- À sua legenda é: "AUDACES FORTUNA JUVAT";
- Constituem o processo mais eficaz de levar a cabo uma acção ofensiva contra guerrilheiros, com forças reduzidas; por norma evitam o contacto com as populações, deslocando-se preferencialmente durante a noite e não permanecendo muito tempo no mesmo local;
- Actuam em regra durante 3 a 5 dias e descansam 2 a 3 dias;
- Os oficiais, sargentos e praças vivem em comum, fortalecendo a camaradagem e o espírito de corpo;
- Sobre o seu emprego, afirma-se que os Comandos são empenhados prioritariamente na destruição dos grupos de guerrilheiros, das suas transmissões e reabastecimentos, actuando por golpes de mão e emboscadas; trabalham normalmente em benefício dos seus Batalhões, sendo por vezes empregues directamente pelos Comandos das Regiões;
- Relativamente ao pessoal, a escolha é feita entre os voluntários que reúnem as melhores condições físicas e psicológicas para este tipo de actuação, sendo a sua base de recrutamento essencial entre os caçadores, os de espírito de aventura e com experiência de combate;
- Sobre a organização, refere a Informação que cada grupo de comandos é comandado por 1 oficial subalterno e constituído por 2 equipas de assalto e 1 equipa da rectaguarda de 8 homens cada, comandadas por 1 sargento num total de 28 homens; cada homem tem sempre a mesma função dentro da equipa e esta o mesmo tipo de missão dentro de grupo;
- O armamento e municiamento dos comandos era o mais indicado às missões que tinham a cumprir, sendo porém o mais utilizado;

- pistolas metralhadoras;
 - espingardas automáticas;
 - lança foguetes;
 - rocketes;
 - granadas de mão defensivas, ofensivas e fumos;
 - facas de mato
- No que diz respeito ao fardamento, os comandos usavam normalmente o camuflado e botas de lona, vestindo-se por vezes à maneira indígena, camuflando de preto a cara, mãos e braços; transportavam um par de meias de reserva e raramente usavam os impermeáveis;
 - Refere também a Informação que sobre a alimentação, os comandos transportavam uma ou duas rações de reserva para 3 ou 5 dias, sendo complementadas por recursos locais;
 - Relativamente ao equipamento, que era o mais aligeirado possível, era constituído por norma por 1 rádio ANPRC 10, emissores-receptores individuais, binóculos, bússolas, cordas, pensos individuais e filtros sendo ainda cada equipa portadora de repelente para os mosquitos, soro antiofídico, coramina e seringas para injeções;
 - Por fim, sobre instrução é dito que os oficiais e sargentos recebem formação para depois instruírem as suas equipas e que as praças recebem 3 meses de instrução; o “comando” é preparado por forma a desempenhar qualquer missão dentro do grupo e utilizar todo o material das equipas; o programa de instrução deve ser flexível por forma a poder sofrer ajustamentos em função das características da zona de actuação, afirmando-se por fim que os comandos são estimulados no sentido de concretizarem novos métodos de instrução e formas de acção.

DIFUNDIR A IDEIA

A intenção da criação dos Comandos na Guiné vai tendo novos desenvolvimentos com vista à sua implementação e assim em 06 de Junho de 1963 a 3ª Rep/QG/CTIG difunde aos Batalhões uma nota em que para além de dar a conhecer a formação dos comandos em Angola, reafirma o maior interesse do Comandante Militar da Guiné em constituir comandos em cada Batalhão, solicitando a cada um que inicie a escolha de voluntários.

Mais tarde, a 06 de Agosto, é difundida aos Batalhões a circular nº 819 que complementa o exposto na nota anterior e acrescenta que o planeamento da preparação dos comandos prevê os seguintes aspectos:

- *O recrutamento é em princípio baseado no voluntariado, sendo os voluntários posteriormente sujeitos a selecção;*
- *Os voluntários devem dar garantia de permanência na Província de pelo menos um ano;*
- *Os comandos são considerados tropa de elite;*
- *Os comandos não fazem qualquer outro serviço e actuam, em regra, durante 3 a 5 dias e descansam 2 a 3 dias;*
- *Trabalham, normalmente, em benefício dos seus Batalhões mas, por vezes, o CTIG pode reuni-los e accioná-los directamente;*
- *Em caso de acidente de que resulte deformidade permanente, são garantidas as pensões estipuladas pelo Dec-Lei nº 17335 de 10-09-1929;*
- *Usam uma insígnia própria.*

Informa também a referida Circular que se prevê a criação de um Centro de Instrução na área do sector de Bissau e solicita, tendo em vista o planeamento da instrução, a identificação dos oficiais, sargentos e praças que se declarem voluntários, devendo as respostas serem enviadas até 31 de Agosto.

O ESTÁGIO EM ANGOLA – ANTECEDENTES

Simultaneamente e em coordenação com o CTIG, o Comandante-Chefe, em Agosto de 63, desencadeia algumas diligências no sentido de fazer avançar a questão, tendo para o efeito promovido as seguintes acções:

Expõe ao Secretário-Adjunto da Defesa Nacional, a necessidade de se constituírem Grupos de Comandos na Guiné, sugerindo que se desloquem à Região Militar de Angola (RMA) militares da Província, para receberem instrução de Comandos – ofício 152/63 de 10-08-63;

Seguidamente, envia ao Comandante-Chefe de Angola uma nota solicitando a concessão de facilidades na instrução de comandos a militares da Guiné, a efectuar na RMA – ofício 157/63 de 15-08-63;

Mais tarde e face à falta de resposta do Secretário-Adjunto da Defesa Nacional, insiste junto do mesmo para a clarificação e tomada de decisão sobre o assunto - rádio 392/63 de 04-09-63.

OS PRIMEIROS SELECIONADOS

Após o parecer favorável da Defesa Nacional e sem que Angola tivesse levantado dificuldades, o Comandante-Chefe da Guiné informa que se propõe enviar para a RMA, para receberem instrução, um Major, futuro Director do Centro

de Instrução, dois subalternos e seis sargentos, solicitando concordância, com a maior urgência, na resolução do assunto - rádio 404/63 de 10-09-63.

A ida a Angola do pessoal proposto pela Guiné é autorizada pelo rádio 403/A do SecrAdjDefnac de 11-09-63.

De imediato o COMCHEFE da Guiné solicita junto do COMCHEFE de Angola informação sobre quando o pessoal se deve apresentar a fim de receber instrução e da duração provável da mesma, reafirmando que era do maior interesse que o seu início fosse o mais breve possível – rádio 411/63 de 12-09-63.

Entretanto, como resultado do convite difundido pela 3ª Rep/QG/CTIG, através da Circular 819 atrás referida, muito pessoal se voluntariou e a primeira selecção foi realizada na 3ª Repartição pelo Major do CEM, Manuel de Sousa Correia de Magalhães, baseando-se este nas informações dos Comandantes dos oferecidos e nas suas folhas de matrícula; é justo referir que o Major Magalhães, na altura Chefe da Repartição de Operações do Comando-Chefe das F.A. da Guiné, teve grande importância na criação dos Comandos, tanto na influência decisiva que exerceu junto do Comandante Militar, para a ida dos militares a Angola, como no próprio acompanhamento das diversas fases da sua criação.

Após esta primeira selecção, os apurados apresentaram-se no Quartel General e foram submetidos a rigorosa inspecção médica – análises, radiografias, exames psiquiátricos e psicológicos – e provas físicas. Depois da eliminação de outros militares, foram aprovados os seguintes oficiais, sargentos e praças:

- Major António Dias Machado Correia Dinis – 2º Comandante do BCAÇ 600, sediado em Bissau.
- Alferes Maurício Leonel de Sousa Saraiva – Comandante do Pelotão de Comando e Serviços do QG, tendo anteriormente comandado o Destacamento de Bedanda.
- Alferes Justino Coelho Godinho - Comandante do Pelotão do Xitole.
- 2º Sargento Gil Roseira Cardoso Dias – em serviço na 2ª Rep/QG/CTIG
- Furriel Mário Fernando Roseira Dias – com doze anos de Guiné; foi incorporado em 1959; em 1961 passou à situação de disponibilidade; em 1963 regressa voluntariamente ao serviço, sendo colocado na 2ª Rep/QG/CTIG.
- Furriel Artur Pereira Pires – da CCav 488 do BCav 490, aquartelada em Mansabá.
- Furriel António Manuel Vassalo Miranda – da CCav 487 do BCav 490, aquartelada em Bissorã.
- 1º Cabo Abdulai Queta Jamanca – da 1ª CCAç da Guarnição do CTIG, residente no Senegal; regressou no início da guerrilha, oferecendo-se para o Exército.
- Soldado Abdulai Jaló – da 1ª CCAç da Guarnição do CTIG.

Este grupo de seleccionados constituiu o embrião do futuro Centro de Comandos da Guiné e são submetidos, segundo orientação da 3ª Repartição, a treinos que visavam fundamentalmente a preparação física, a orientação, o tiro e a nomadização.

Cria-se entre todos um forte espírito de corpo e camaradagem que terá bons resultados operacionais futuros e na própria instrução. Entretanto, de Angola, chegava documentação relativa aos vários aspectos da instrução e que interessava conhecer visto os bons resultados dos comandos dessa Província o que permitiu a esse grupo inicial da Guiné começar a definir com clareza, as normas, métodos e procedimentos atinentes à missão que lhes iria ser atribuída.

Paralelamente continuava a troca de correspondência entre os Comandos Chefes da Guiné e Angola sobre a ida à RMA de alguns militares a fim de receberem instrução de comandos.

Em 23-09-63 através do rádio 179 o COMCHEFE de Angola indica a 2ª quinzena de Outubro para o início do estágio operacional dos instruendos da Guiné; o COMCHEFE desta Província responde ao rádio anterior através do rádio 462/63 de 01-10-63, informando que o pessoal já estava a treinar com vista à participação no estágio e solicita a indicação exacta da data da sua apresentação em Angola.

Por fim a autorização é concedida pelo Secretariado Geral da Defesa Nacional em Setembro de 1963 após o que o Comando Chefe da Guiné comunica a Angola, com conhecimento à Defesa Nacional e à Zona Aérea de Cabo Verde e Guiné que um grupo de 2 oficiais e 6 sargentos seguem num avião dos TAM, em 23Out63, para Angola; solicita de igual modo facilidades no estágio operacional e o fornecimento de elementos de instrução e outras indicações referentes à organização do futuro CIC; informa que o Major Correia Dinis só seguirá após 05Nov63, por motivos de serviço (rádio 508/63 de 21-10-63 do COMCHEFE da Guiné).

Posteriormente e em conclusão desta fase do processo da ida de militares da Guiné a Angola, o Comando Chefe da Guiné envia à RMA a nota 276/63 de 19-11-63, informando da ida do Major Correia Dinis, indigitado para Director do CI do CTIG, em 20 de Novembro; esclarece igualmente que os 2 oficiais subalternos, os 4 sargentos e as 2 praças que se encontravam em Angola, são a base de um futuro corpo de instrutores e monitores; afirma que o Major Correia Dinis está incumbido de estudar a possibilidade da ida à Guiné, em fins de Dezembro desse ano, de quadros “comandos” de Angola, para auxiliarem na instrução, solicitando também que lhe sejam concedidas todas as facilidades no sentido de ser esclarecido sobre a organização do Centro de Instrução, no que se refere especialmente a:

- pessoal, material e instalações
- métodos de instrução e de combate
- programa horário e detalhes de instrução
- reabastecimento e remuniamentos
- ligação e transmissões

E assim resumidamente, confirma-se que o grupo de militares da Guiné que se deslocou a Angola, embarcou em Bissau em 23 de Outubro de 63 e chegou a Luanda a 24; em vez dos 6 sargentos anunciados seguiram 4 e mais duas praças; regressaram a Bissau em 06 de Dezembro; a constituição do grupo era a seguinte:

- Major António Dias Machado Correia Dinis
- Alf Milº Maurício Leonel de Sousa Saraiva
- Alf Milº Justino Coelho Godinho
- 2º Sarg Gil Roseira Cardoso Dias
- Fur Milº Mário Fernando Roseira Dias
- Fur Milº Artur Pereira Pires
- Fur Milº António Manuel Vassalo Miranda
- 1º Cabo Abdulai Queta Jamanca
- Sold Abdulai Jaló

NA REGIÃO MILITAR DE ANGOLA – ENSINAMENTOS

Período Inicial

Na data em que os militares da Guiné chegaram a Angola, não decorria nenhum curso de comandos; este desfasamento nunca foi devidamente esclarecido e obrigou a refazer todo o planeamento da estadia.

A ideia inicial da frequência de um curso de comandos foi posta de parte já que não era viável realizá-lo para tão poucos instruendos e organizá-lo em tão curto espaço de tempo. Assim o programa da presença dos militares do CTIG em Angola foi ajustado pelo Capitão “Cmd” Gilberto Santos e Castro, colocado então no Grupo de Artilharia de Campanha de Luanda, a preparar a criação do CI 25. O programa da estadia foi organizado em duas fases distintas:

uma primeira, basicamente teórica, em que foram realizadas três palestras focando os seguintes temas:

- a organização de um Centro de Instrução de Comandos
- a questão da selecção de Comandos
- a instrução de Comandos

uma segunda fase na qual os militares da Guiné participaram, integrados em grupos de comandos de Angola, em actividades operacionais.

Voltando à primeira fase e após terem sido recebidos no aeroporto pelo Capitão “Cmd” Júlio Faria Ribeiro de Oliveira, apresentaram cumprimentos no Gabinete do Chefe do Estado Maior do Quartel General; foram recebidos pelo Major Silva Carvalho, Chefe da 3ª Repartição, que lhes desejou as boas vindas e pôs em evidência os inconvenientes da sua presença naquela altura, pois havia terminado um curso e não se sabia ainda quando começaria o seguinte.

Dos ajustamentos da estadia já referidos, resultou que o programa se iniciou com uma apresentação pormenorizada sobre a situação militar em Angola, feita pelo Chefe da 2ª Repartição/QG.

Das palestras realizadas sobre os temas mais interessantes para a finalidade da presença dos militares do CTIG, julga-se interessante realçar algumas ideias expostas pelo Capitão “Cmd” Santos e Castro sobre a instrução, em que refere que as dificuldades e erros cometidos durante um curso, vão sendo ultrapassados e corrigidos nos cursos seguintes, acentuando com muito ênfase a importância que tem nesta instrução a disciplina; afirmou que durante o curso, os subordinados apenas falam com os superiores na posição de sentido e que aos instrutores e instruendos não são permitidos quaisquer descuidos quer no fardamento quer no atavio pessoal.

Dissertou seguidamente sobre a questão da mentalização do comando; esclareceu que a sua finalidade principal é transformar um comando num combatente cada vez mais aguerrido e determinado que luta para matar e não para morrer; apresentou alguns processos e técnicas utilizadas como eram os slogans, os dísticos humorísticos, os cartazes, os panfletos nas camas, lavabos e paredes, nas mesas do refeitório e também através do som nas casernas e refeitório; a voz do Comando falava em momentos previamente seleccionados, sobre temas que levavam ao recolhimento e meditação.

O estímulo e o brio foi outra questão que o Capitão “Cmd” Santos e Castro tratou com muito pormenor, considerando-a fundamental na instrução; referiu que os aspectos competitivos quer entre os indivíduos quer entre as equipas e os grupos, deve caracterizar o ambiente da instrução, sendo vantajoso distinguir, em cerimónias apropriadas, as qualidades e méritos dos mais capazes.

Focando e analisando algumas matérias do curso como por exemplo, métodos de instrução, tática, armamento e equipamento, referiu-se mais pormenorizadamente ao tiro e à articulação em Equipas e Grupos; sobre a instrução de tiro considerou-a como das mais importantes, afirmando que não deve

haver restrições de qualquer tipo em munições, tempo e pessoal instrutor e monitor e que todos os elementos do Grupo devem fazer bom tiro, quer de precisão quer instintivo.

O Capitão Santos e Castro, no âmbito da organização salientou o papel das equipas dentro do Grupo de Comandos e explicou a sua constituição a partir de uma fase inicial em que os indivíduos se juntam naturalmente em pequenos grupos com base em naturais afinidades afectivas; mais tarde essas amizades eram reforçadas, fazendo com que os pequenos grupos comam na mesma mesa, durmam o mais agrupados possível, participem nos mesmos jogos e executem os mesmos serviços; por sua vez cada grupo de Comandos era constituído por 25 elementos que constituíam 5 equipas, quatro das quais eram comandadas por furriéis ou 2ºs sargentos e a quinta por um oficial subalterno.

A última questão tratada pelo Capitão Santos e Castro aos militares da Guiné sobre a experiência dos comandos de Angola, foi a da problemática da selecção para os Comandos; observou alguns aspectos considerados de maior relevância, de que se destacam os seguintes:

- o indivíduo que concorre aos Comandos deve estar situado entre os 20% a 30% melhores do contingente donde é originário;
- os comandantes dos grupos e os chefes das equipas devem situar-se entre os 10% melhores do contingente de Quadros;
- na selecção, o aspecto emulativo da instrução tem um papel primordial;
- a selecção é a operação mais importante na formação dos Comandos;
- a instrução deve sempre assumir um aspecto selectivo.

Período Final

A fase inicial em Luanda acima referida, completamente teórica, que se orientou no sentido de dar a conhecer os Comandos de Angola nas vertentes do recrutamento, selecção, instrução, organização e doutrina de emprego, terminou com a ida dos militares do CTIG para o CI 16 na Quibalá Norte em 29 de Outubro; tinha a finalidade de contactarem os GRUPOS COMANDOS que aí se encontravam sediados a fim de receberem instrução e participarem na actividade operacional; mais tarde, com o mesmo objectivo marcharam para Ambrizete. O CI 16 era comandado nessa altura pelo Major de Infantaria Adelino Antunes de Sá.

Em ambas as zonas de acção, os militares da Guiné, para além de receberem instrução sobre a actuação da tropa Comando com base na experiência já adquirida no terreno pelos Grupos de Comandos, também participaram devidamente enquadrados, em operações na Mata Sanga, Luege, Casa da Telha,

M'bridge, Evange e Quiaia. Salienta-se o forte contributo, na Quibala Norte, do Ten "Cmd" Alves Cardoso, transmitindo pormenores importantes da sua experiência operacional, em especial os ensinamentos colhidos após uma operação em que comandou três grupos de combate, bem como a participação numa operação em finais de Novembro de 1963 com o grupo "GATOS", na zona de Ambrizete em que o In teve dois mortos.

Nesta fase operacional extremamente útil, aprenderam e executaram aspectos fundamentais da forma como a tropa Comando actuava e que eram a base da sua preparação para o combate como fossem a técnica de silêncio, a ligação, a progressão, a preparação e reacção à emboscada, a aproximação e assalto a acampamentos, a segurança nos deslocamentos e estacionamentos clandestinos, em suma, a técnica de combate.

Houve igualmente outros ensinamentos muito importantes colhidos nesta fase como foram o uso correcto do fardamento e equipamento; o transporte e utilização mais adequado das armas e munições; a prática das ligações terra-terra e terra-ar; a prática de navegação terrestre e todo um conjunto de procedimentos e atitudes resultantes da experiência adquirida no terreno e que não constavam nos manuais de instrução.

Em conclusão pode afirmar-se que a presença dos militares da Guiné em Angola, mesmo não frequentando um curso de Comandos, foi bastante proveitosa porquanto aliou conhecimentos teóricos e práticas de instrução com actividade operacional real, suportados pela experiência e apoio dos Grupos de Comandos de Angola. Ficou a certeza de que uma tropa bem preparada técnica, física e psicologicamente, disciplinada e empenhada de forma adequada às características do inimigo e do terreno, era decisiva para o sucesso do combate na Guiné.

A instrução terminou em 06 de Dezembro de 1963, tendo o Grupo regressado a Luanda onde embarcou para Bissau.

No aeroporto, antes da partida, o Capitão "Cmd" Júlio Faria Ribeiro de Oliveira, numa singela mas simbólica cerimónia, entregou a cada um dos militares que constituíam o grupo da Guiné, o Crachá da especialidade COMANDO.

Muito em breve estes Comandos iriam ser testados em situações bem difíceis no âmbito daquela que é considerada uma das maiores operações conjuntas, de maior envergadura pelo volume de tropas empenhadas, duração da acção e objectivos atingidos, realizada pelas Forças Armadas Portuguesas na Guiné – a Operação "TRIDENTE".

Alguns militares
da Guiné que
se deslocaram a
Angola, aguardando
embarque em
Bissau.

Da esquerda para
a direita: Furriel
Pires, Soldado Jaló,
Alferes Godinho e
em baixo Furriel
Mário Dias



No Norte
de Angola, com
militares da RMA,
iniciando uma
acção operacional



OPERAÇÃO TRIDENTE

Após o regresso do Grupo de Angola, o Comandante-Chefe decidiu empenhá-lo na Operação “Tridente”.

Em 1963 os terroristas controlavam no Sul da Guiné as Ilhas de Caiar, Como e Catunco, que sendo uma região importante em recursos locais como arroz e gado, funcionava para o In como base de apoio a partir da qual flagelava e dificultava a navegação para o extremo Sul da Província e também como ponto de apoio a um dos seus corredores de abastecimento; a população, coagida, colaborava com os terroristas que consideravam este território livre e sob o seu domínio e total controlo.

Foi decidido então realizar no conjunto das Ilhas uma acção em grande escala, com forças dos três Ramos das Forças Armadas que se designou Operação “Tridente” e que decorreu de 14Jan a 24 de Março de 1964, com a finalidade de proceder à ocupação militar, à recuperação da população e controlo dos recursos locais e facilitar o posterior restabelecimento da autoridade administrativa.

A decisão de empenhar o Grupo de Comandos na Operação, como forma de testar os seus conhecimentos, levantava alguma apreensão; por um lado era vontade do pessoal em combater até porque tinha já experiência operacional adquirida anteriormente na própria Guiné e melhorada tecnicamente em Angola; por outro lado foram apresentadas algumas desvantagens na sua participação, por vários motivos a saber: o efectivo era muito reduzido, constituído apenas por graduados, com a responsabilidade acrescida de serem já considerados comandos sem que houvesse ainda uma organização própria de apoio; corria-se o risco de desprestígio e de se destruir todo o trabalho até então realizado com grandes dificuldades.

O Comandante-Chefe manteve a sua decisão pelo que houve necessidade de reforçar o efectivo do Grupo para permitir o cumprimento das missões; iniciou-se rapidamente e sob pressão do tempo um novo ciclo de instrução com base nos militares que se tinham oferecido inicialmente para os comandos com origem maioritária no BCav 490 comandado pelo Tenente-Coronel Cav Fernando Cavaleiro, que era uma Unidade de intervenção à ordem do Comandante-Chefe; esta instrução foi assegurada pelos elementos que tinham estagiado em Angola e entretanto regressado à Guiné.

Assim os oficiais, sargentos e praças seleccionados, iniciaram um curto período de instrução operacional com vista à participação na Operação. A constituição do Grupo de Comandos que actuou na Operação “Tridente” era a seguinte:

Militares que Frequentaram o Estágio Operacional em Angola

– Alf Milº Maurício Leonel de Sousa Saraiva	– CCS/ QG/ CTIG
– Alf Milº Justino Coelho Godinho	– CCaç 510
– 2º Sarg Inf Gil Roseira Cardoso Dias	– CCS/ QG/ CTIG ¹
– Fur Inf Mário Fernando Roseira Dias	– CCS/ QG/ CTIG
– Fur Milº António Manuel Constantino Vassalo Miranda	– CCav 487
– Fur Milº Artur Pereira Pires	– CCav 488
– 1º Cabo 25/E Abdulai Queta Jamanca	– 1ªCCaç
– Sold 136/61 Abdulai Jaló	– 1ªCCaç

Militares Oferecidos e Seleccionados

– Alf Milº António Manuel Bairrão Pombo dos Santos	– PELAA 943 ²
– 1º Cabo 103/E Marcelino da Mata	– 1ªCCaç ²
– Sold 1/63 António João Paulista Solda	– CCav 487
– Sold 75/63 Jorge Ramalho Godinho	– CCav 487
– Sold 235/63 Sebastião Francisco Conceição Veiga	– CCav 488
– Sold 749/63 João Firmino Martins Correia	– CCav 487
– Sold 674/63 António Gomes	– CCaç 510
– Sold 338/63 Francisco da Silva Duarte	– CCaç 510
– Sold 194/63 Joel António Pereira	– CCaç 487 ³
– Sold 225/63 Maurício Joaquim Romão da Conceição	– CCav 488 ³
– Sold 221/63 Joaquim Trindade Cavaco	– CCav 487
– Sold 598/63 Manuel Martins da Cunha	– CART 494
– 1º Cabo Foto-Cine Fernando Celestino Raimundo	– CCS/QG/ CTIG ⁴

A Operação “Tridente” durou 71 dias, sendo a primeira no género executada por tropas portuguesas em que tomaram parte, como foi já referido, forças terrestres, navais e aéreas. O Grupo de Comandos integrava as forças terrestres que sob o comando do Comandante do BCav 490, eram inicialmente constituídas por:

¹ Esteve uma semana integrado no Grupo de Comandos, não chegando a actuar; desligou-se dos Comandos tendo regressado à 2ª Rep / QG / CTIG.

² Juntaram-se ao Grupo já depois de iniciada a Operação.

³ Após a Operação “Tridente” regressaram às suas Companhias.

⁴ Evacuado em Maio 64 para o HM Belém por motivo de acidente em serviço. Era fotocine ao serviço da 3ª Rep/QG para a cobertura da Operação acabando por se juntar ao Grupo.

- 3 Destacamentos de Fuzileiros Especiais (Destacamento 2, 7 e 8)
- CCAç 557
- Pelotão de Caç Fulas
- Grupo de Comandos, a 21 homens (de início eram 18, aos quais se juntaram os 3 referidos anteriormente)
- Pelotão de Pára-quedistas 111
- Pelotão de obuses 8,8 (a 2 bocas de fogo) do BArt^a de Catió
- Pelotão de morteiros do BCaç 600

além do efectivo total do BCav 490, ou seja: CCav 487, CCav 488 e CCav 489, apoiadas por meios aéreos e navais.

O Grupo de Comandos constituiu-se como uma força de intervenção, empenhado à ordem do Comandante das Forças Terrestres, quer em acções independentes quer actuando em conjunto com outras forças: o seu indicativo de chamada era RAPOSA.

Desde logo sobressaiu, na intensa actividade operacional em que participou, a sua bravura, o espírito de corpo, a disciplina, a forte mentalização e vontade de cumprir, o excelente desempenho físico e especialmente a capacidade técnica de combate.

O Grupo de Comandos não sofreu qualquer baixa na Operação “Tridente”.

O seu grito de guerra era “**Comandos, ao ataque ...**”

ver na página XIV o croquis da “Operação Tridente”

TRANSCRIÇÃO DE PARTES DO TEXTO DE ALGUNS RELATÓRIOS, MENSAGENS E COMENTÁRIOS, REFERENTES À ACTIVIDADE DO GRUPO DE COMANDOS NA OPERAÇÃO “TRIDENTE.”

Actividade Operacional

SITREP Nº 6 de 200800Jan a 210800Jan64

“ IN ATACOU DURANTE DUAS HORAS DESTACFUZMAROITO ENTRE CAUANE – SÃO NICOLAU. GRUPO IN ESTIMADO 100 COM ELEMENTOS BRANCOS ... DESTACFUZMAROITO REAGIU ATAQUE IN ACIMA REFERIDO CAUSANDO IN NUMEROSAS BAIXAS NÃO CONTROLADAS. GCOMB CCAV 488 E COMANDOS SAÍRAM REFORÇO AQUELE DESTACAMENTO QUE TEVE 2 MORTOS E 3 FERIDOS ...”

SITREP Nº 10 de 240800Jan a 250800Jan64

"... GR COMANDOS COM SEC/CCAV 488 E SEC/DESTCFUZMAROITO ATQ POS IN ONDE ESTAVA INSTALADA MET NA PICADA A/N CAUANE UTILIZANDO FOGOS MORT OUVINDO-SE MUITOS GRITOS IN QUE SOFREU DOIS MORTOS E ALGUMAS BAIXAS NÃO CONTROLADAS – GR COMANDOS COM SEC/CCAV 488 E SEC/DESTACFUZMAROITO RECUPERARAM CADÁVER ALFERES PITÉ QUE PILOTAVA T6 QUE SE DESPENHOU ..."

SITREP Nº 11 de 250800 a 260800Jan64

"... ATAQUE ORLA MATA A NORTE CAUANE A GR COMANDOS QUE REAGIU FAZENDO TRÊS MORTOS DESCONHECENDO-SE NÚMERO CERTO BAIXAS ..."

SITREP Nº 21 de 040800 a 050800Fev64

"... GRUPO COMANDOS DEPOIS OPERAÇÃO FICOU EMBOSCADO MATA.

SURPREENDEU ELEMENTOS AVANÇADOS IN CAUSANDO 3 FERIDOS ... OPERAÇÃO INICIADA PERÍODO ANTERIOR DECORREU EXACTAMENTE PLANEADO CONSEGUINDO PÔR IN EM PÂNICO QUE DEVE TER ABALADO SEU MORAL E FORTALECIDO O DAS NT. FOI ESPALHADO QUEIMADO GRANDES DEPÓSITOS ARROZ FICANDO TABANCA GRANDE CAUANE QUASE TOTALMENTE DESTRUÍDA ..."

SITREP Nº 24 de 070800 a 080800Fev64

"... NA OPERAÇÃO QUE TEVE INÍCIO NO PERÍODO ANTERIOR EM CACHIDA – CACHIL, O IN NA ORLA NORTE MATA CASSACA ESTIMADO SUPERIOR 50 COM DUAS ML, 2 G3, UMA MP ATACOU FORTEMENTE O DESTACFUZMAROITO E POSTERIORMENTE PELPARAS E GR COMANDOS SOFREU PELO MENOS 3 MORTOS CONFIRMADOS PELO DESTACFUZMARSETE MAIS TRÊS PROVÁVEIS, 7 PROVÁVEIS PELO PELPARAS, 5 MORTOS CONFIRMADOS PELOS COMANDOS ... CHEGANDO UMA SECÇÃO DESTACFUZMARSETE A ESTAR CERCADA 45 MINUTOS. COMANDOS E PELPARAS PROGREDINDO PARA MATA CACHIDA ATACARAM POSIÇÃO IN CAUSANDO BAIXAS MENCIONADAS CONSEGUINDO REUNIR-SE DESTACFUZMAR DEBAIXO FOGO INTENSO... SALIENTA-SE COMPORTAMENTO VALOROSO NT ..."

SITREP Nº 34 de 170800 a 180800Fev64

“... DURANTE BATIDA MATA CURCÓ IN DISPAROU TIROS ESP ... 4 IN ATACARAM RECTAGUARDA NT ... L S.NICOLAU E NE CAUANE DISPAROU TIROS P, PM E ESP ... ABATIDO 1 PELO GR COMANDOS ... DESTACFUZMAROITO E GR COMANDOS PARTICIPARAM OPERAÇÃO CURCÓ ... DESTACFUZMAROITO, COMANDOS ENTRARAM MATA NORDESTE CURCÓ... COMANDOS ATINGIRAM ORLA CACHIDA PERCORRENDO TODA ORLA MATA ATÉ NORDESTE CURCÓ ONDE REUNIU DESTACFUZMAROITO, BATENDO JUNTOS A MATA DE CURCÓ E S. NICOLAU E ORLA S. NICOLAU – CAUANE ... IN SOFREU 6 MORTOS CONFIRMADOS OUTRAS BAIXAS PROVÁVEIS, DESTRUINDO TABANCA BALANTA SUDOESTE CURCÓ E VÁRIAS TONELADAS ARROZ. NT NÃO TIVERAM BAIXAS ...”

SITREP Nº 40 de 230800 a 240800Fev64

“... AGRUPAMENTO C DESTACFUZMAROITO PELPARAS GR COMANDOS TERCEIRO GR COMB/CCAV 488 APÓS PENETRAREM NORDESTE MATA CURCÓ ENTRE DUAS TABANCAS ATACOU DUAS VEZES GRUPOS IN NUMEROSOS DISPONDO DE UMA MET. PELPARAS INFLIGIU IN 5 MORTOS CONFIRMADOS DOS QUAIS 3 CABOVERDEANOS ARMADOS PM E NUMEROSAS OUTRAS BAIXAS IMPOSSÍVEL VERIFICAR. MAIS TARDE ATACADOS ENXAME ABELHAS NT INCAPACITADAS TEMPORARIAMENTE. PELPARAS TEVE 1 MORTO 1 FERIDO 1 ACIDENTADO. COMANDANTE PELPARAS ATINGIDO RAJADA PM IN INUTILIZOU SUA ARMA, FICOU FERIDO CABEÇA. PROSSEGUIU LUTA ABATENDO IN CONTINUANDO COMANDO ... COMANDANTE CRISTINO E MAJOR CEM MAGALHÃES ACOMPANHARAM ACÇÃO JUNTO DESTACFUZMAROITO E GR COMANDOS RESPECTIVAMENTE ...”

RÁDIO Nº 241/OT de 28Fev64

“... OPERAÇÃO DIA 28: COMP CAV 487(-) GR COMANDOS BATERAM MATA DESDE CAUANE A CASSACA QUE FOI ATINGIDA ÀS 0745(.) FEITO 1 PG ABATIDOS 5 TERRORISTAS E 4 FERIDOS(.) CASSACA OCUPADA DAS 00:45 ÀS 13:00 (.)... COM A OCUPAÇÃO DE CASSACA NT TERMINARAM A BATIDA DAS MATAS DO COMO ...”

SITREP Nº 46 e 47 de 290800Fev a 020800Mar64

“... 3 GR COMB/CCAV 488, PELPARAS SOB COMANDO CMDT GR COMANDOS COM 5 ELEMENTOS MISSÃO LOCALIZAR DESTRUIR ACAM-

PAMENTO IN E ATRAVESSAR MATA COMO ATÉ CAUANE FORÇAS CUMPRIRAM INTEGRALMENTE MISSÃO RECEBIDA TENDO-SE ATINGIDO ACAMPAMENTO IN ÀS 0900 E SAÍDA MATA ORLA SUL ÀS 1230 PRATICAMENTE SEM RESISTÊNCIA IN DURANTE TODA A ACÇÃO. ACAMPAMENTO IN TOTALMENTE DESTRUÍDO LOCALIZADO IMEDIATAMENTE SUL PONTO COTA SETE A W CURCÓ MOSTRAVA INDÍCIOS EVIDENTES DE VIDA. CONSTITUÍDO CERCA 50 BARRACAS FOLHAGEM NUM TOTAL UMA CENTENA CAMAS EM MADEIRA OU FERRO. DISPUNHAM MOSQUITEIROS, COLCHÃO LENÇÓIS, COLCHAS ... ENCONTRADOS MUITOS UTENSÍLIOS COMO MÁQUINA ESCREVER, MÁQUINA COSTURA, MUITA ROUPA CONFECCIONADA E EM PEÇA, MUITOS LIVROS INSTRUÇÃO PRIMÁRIA EM PORTUGUÊS, MUITA CORRESPONDÊNCIA E OBJECTOS USO DOMÉSTICO ... JUNTO LOCALIZADO CEMITÉRIO COM CERCA TRÊS DEZENAS CAMPAS ... NT NÃO TIVERAM BAIXAS ... BOA ACTUAÇÃO FORÇAS EM OPERAÇÕES E MORAL ELEVADO.”

SITREP de 150800 a 160800Mar64

“... ÀS 0330 CHEGOU GR COMANDOS PARA TOMAR PARTE OPERAÇÃO À MATA DO COMO COM CCAV 489(-). OPERAÇÃO À MATA DO COMO: ÀS 0445 CCAV 489(-) COM GR COMANDOS INICIOU OPERAÇÃO NA MATA PELA CASA BRANDÃO COM A MISSÃO DE BATER A REFERIDA MATA PARA NORTE ATÉ REGIÃO CASSACA E DAQUI PARA SUL ATÉ CAUANE, APRISIONANDO OU ELIMINANDO QUALQUER GRUPO IN DETECTADO E DESTRUINDO TUDO O QUE POSSA CONSTITUIR ABRIGO OU RECURSO PARA O IN ...”

SITREP de 160800 a 170800Mar64

“... OPERAÇÃO À MATA DO COMO INICIADA NO PERÍODO ANTERIOR: CCAV 489 A 2 GR COMB (-) E GR COMANDOS (-) NUM TOTAL DE 65 ELEMENTOS INTERNARAM-SE 0445 MATA DO COMO PELA CASA BRANDÃO ... CONTINUOU-SE BATIDA PARA SW ONDE FOI ENCONTRADO E DESTRUÍDO UM ACAMPAMENTO IN A 1500M SW CASSACA ... A CERCA DE 500 METROS DE CAUANE DETECTOU-SE UM PEQUENO GRUPO DE 7 ELEMENTOS IN ARMADOS DE ESP, P E PMET TENDO O GR COMANDOS ABATIDO 1 ELEMENTO IN ARMADO...”

Relatório sobre a “batida” à mata do Como em 16Mar64
– do Cmdt Comp^a 489.

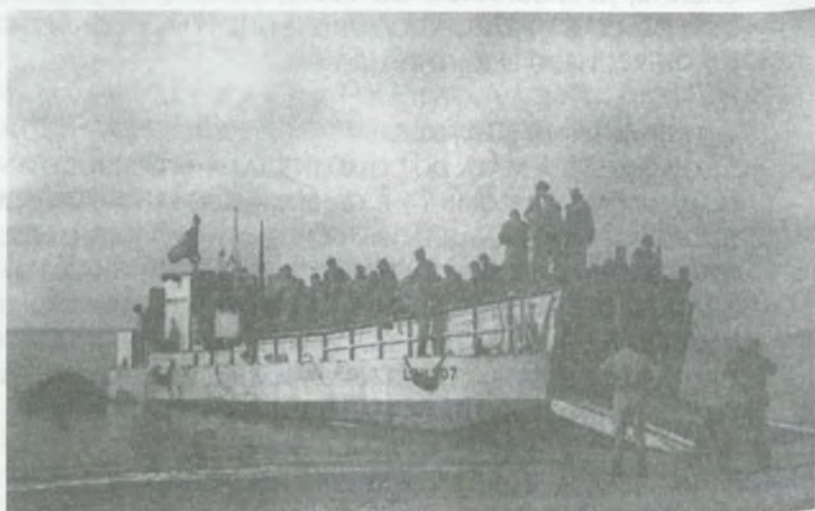
“... À saída da segunda clareira detectámos e atacámos a menos de 10 metros, um grupo de cerca de 7 elementos In, o qual utilizava uma ou duas Mauser, uma pistola, uma arma automática do género G-3 e uma pistola-metralhadora. O gr de Comandos que seguia na vanguarda com uma Sec. do 2º GComb. abateu 1 elemento IN armado de pistola ...”

SITREP de 210800 a 220800Mar64

“... CMDT FT COM PELPARAS 111 E GR COMANDOS (-) NUM TOTAL DE 38 ELEMENTOS ÀS 2330 INICIADA PROGRESSÃO PENETRANDO NA MATA DO COMO PELA CASA BRANDÃO ÀS 0100 ... CONTINUOU-SE PROGRESSÃO PARA CACHIL SENDO DETECTADOS 3 ELEMENTOS IN UM DOS QUAIS ARMADO DE PISTOLA METRALHADORA E OUTROS DOIS DE ESPINGARDA E PISTOLA QUE ATACADOS PELAS NT SE PUSERAM EM FUGA SENDO FERIDO UM ELEMENTO INIMIGO E APREENDIDA PELO CMDT DO GRUPO COMANDOS UMA ESPINGARDA MAUSER M/939, Nº 2461 E CINCO CARTUCHOS 7,9 COM SANGUE NA CORONHA ...”

SITREP de 220800 a 230800Mar64

“... GRUPO DE COMANDOS SEGUIRAM VIA AÉREA BISSAU(.) ...”



Desembarque de tropas, após a 1.ª vaga de assalto
e consolidação de uma testa de ponte



Montagem da base logística.



Base logística - segurança montada.



Grupo de Comandos – hora da refeição
À direita: 1.º Cabo Marcelino da Mata, e Furriéis Miranda e Pires.
2.º à esquerda: Soldado António Gomes



Tabanca de S. Nicolau perto de CAUANE onde se travaram alguns dos mais duros combates
Da esquerda para a direita: Alferes Saraiva, Furriel Miranda e Alferes Pombo dos Santos.
Junto à porta o Soldado Veiga.



Patrulhamento
no rio Cumbijã,
em Janeiro de 64



Progressão na mata de CACHIDA



Destruição da tabanca de apoio ao IN em CATUNCO



Passagem entre as ilhas de Caiar e Como



O pano de tenda serviu de prato à canja.

Da esquerda para a direita: Alf Godinho, Sold Firmino, Fur Dias e Sold Duarte



Comandos e Fuzileiros. À direita o Fur Miranda



Curto descanso após a conquista de CAUANE.
Em cima Sold António Gomes e Fur Dias.
Em baixo à direita, 1Cab Fotocine Raimundo



Referências – Comentários

Relatório de Comando do BCav 490

“... Foi durante a Operação TRIDENTE, que se reconheceu a conveniência de serem constituídos elementos especialmente treinados para operações, criando-se o primeiro Grupo de Comandos do CTIG, os FANTASMAS, que tiveram actividade operacional meritória em toda a Guiné, especialmente no Sul ...”⁵

Comentário do CMDT das FT na Ilha do COMO, ao relatório de Operações de 20Mar64.

“ Forças Executantes: Cmdt das FT

PelParas 111

Grupo de Comandos (-) a 8 Homens

A forma como decorreu a operação vem confirmar a opinião já apresentada por este Comando acerca das presentes possibilidades do In.

Confirmou também as extraordinárias qualidades dos nossos soldados para os quais acredito não haver impossíveis, desde que sejam bem comandados. É notável o à vontade e desembaraço operacional dos oito elementos do Grupo de Comandos que tomaram parte nesta operação. O seu chefe, Alferes Saraiva, é realmente um excepcional comandante de Comandos, modelo de coragem e eficiência em combate.”

Relatório do Destacamento de Fuzileiros Especiais nº 8/31Mar64

“A camaradagem com o Exército foi sadia, não havendo um único caso de quezílias entre os elementos dos dois Ramos das Forças Armadas. Para notar: os vinte homens do Grupo de Comandos estacionavam, arranchavam e viviam com o pessoal do Destacamento, alicerçando uma amizade criada pelos trabalhos e perigos vividos em comum.

O Cmdt – 1º Tenente Guilherme Almor de Alpoim Calvão”

⁵ O grupo que actuou na Ilha do Como não tinha nome; era simplesmente o “Grupo de Comandos”. Mais tarde, após o 1º Curso de Comandos é que surgiu o Grupo “Fantasmas”, comandado pelo Alferes Saraiva, que foi também o comandante do Grupo que actuou no Como. Dai, talvez, a confusão.

Relatório da Operação “Tridente” Ensinaamentos colhidos

“ Mais uma vez se reconheceu que é incomparavelmente mais importante para o rendimento duma Tropa, o valor dos subalternos e graduados do que o volume da mesma.

A confirmar este ponto de vista, aponta-se a brilhante actuação do Grupo de Comandos, constituído na sua quase totalidade por elementos das Companhias de Cavalaria.”

Apreciação Final Operação “Tridente”

“ Os resultados obtidos devem-se principalmente à brilhante actuação do grupo de Comandos e dos Destac. Fuzileiros Especiais nº 7 e 8, únicas Unidades desembarcadas com meios e organização adequadas para este tipo de guerra.”

Louvores – Condecorações

Terminada a Operação “Tridente” com pleno êxito, o Ministro da Defesa Nacional enviou uma mensagem (rádio 74/A) manifestando *“a sua satisfação pelo brilhante e completo resultado contra IN, bem armado e instruído, não só pelos resultados alcançados, mas pela valentia, firme determinação, e espírito de sacrifício em que actuaram em defesa da Pátria, o que a todos torna dignos merecedores de louvor e do reconhecimento de todos os Portugueses.”*

O Grupo de Comandos pôs termo à resistência In no acampamento de Curcó, actuação que mereceu ser assinalada pelo Comandante-Chefe ao enviar o rádio 164/64 de 01 de Março de 1964:

**“ FELICITAÇÕES AO ALF SARAIVA E SUA TROPA PELA
DESTRUIÇÃO ACAMPAMENTO IN CURCÓ”(.)**

O Grupo de Comandos foi distinguido com a concessão do seguinte louvor colectivo, publicado na O.S. nº 7/64 de 04Mai64 do COMCHEFE:

“Pela forma entusiástica, honrosa e invulgarmente corajosa como actuou na operação TRIDENTE. Recentemente formado, foi esta a primeira vez que

tomou parte em operações, sem ter sido sujeito a qualquer preparação de conjunto, tendo-se, apesar disto, salientando como dotado de um elevadíssimo espírito de corpo e de uma eficiência em combate inexcedível, conforme atestam os óptimos resultados que obteve nas numerosas acções em que interveio.

Composto por elementos todos voluntários, este grupo actuou em várias acções de natureza excepcional, cometidas individual ou colectivamente, demonstrando bem a ténpera dos seus combatentes, que nunca se pouparam a esforços e estiveram sempre prontos para a luta.

Pelo valor da contribuição dada para o sucesso da operação “TRIDENTE”, “este Grupo de Comandos deve ser considerado de elite e orgulho das Forças Armadas.”

Com base nos louvores conferidos, foram propostos em 12 de Maio de 1964 pelo Comandante-Chefe e condecorados pelo Ministro do Exército, os seguintes militares do Grupo de Comandos que participaram na Operação “Tridente”:

ALF Milº MAURÍCIO SARAIVA

– medalha de Prata de Valor Militar c/palma

ALF Milº JUSTINO GODINHO

– medalha da Cruz de Guerra de 3ª Classe

FUR Milº ARTUR PIRES

– medalha de Cruz de Guerra de 4ª Classe

1º CABO ABDULAI JAMANCA

– medalha de Cruz de Guerra de 4ª Classe

SOLD ANTÓNIO SOLDA

– medalha de Cruz de Guerra de 4ª Classe

O Louvor concedido pelo COMCHEFE ao Grupo de Comandos que participou na Operação “Tridente”, publicado em Ordem de Serviço em 04 de Maio de 1964, oficializando desta forma a sua existência, levou a que mais tarde esta data fosse considerada como a data oficial da criação dos Comandos da Guiné.

O LEVANTAMENTO DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS E PLANEAMENTO DA INSTRUÇÃO

AS QUESTÕES INICIAIS

Paralelamente às actividades desenvolvidas pelo grupo de militares da Guiné em Angola, quer mesmo após o seu regresso, continuaram os trabalhos de estudo e planeamento tanto no COMCHEFE, como no CTIG, referentes à formação dos “comandos”, ao recrutamento de pessoal e ao funcionamento do CI em Brá, como Centro de Instrução de Comandos.

Neste âmbito o Adjunto-Terra do Comando-Chefe submete a despacho a Informação 10/63 de 12.12.63, salientando os seguintes principais aspectos orientadores da questão “Comandos”:

- considera vantajoso o funcionamento do Centro de Instrução em Brá como Centro de Formação de Comandos;
- propõe que a instrução se organize em 3 fases, a saber:
 - a 1ª fase compreenderia o recrutamento e preparação de instrutores e a pré-selecção dos Quadros necessários ao enquadramento dos grupos;
 - a 2ª fase englobaria a incorporação, instrução e selecção dos Quadros e pré-selecção das praças que constituirão os grupos;
 - a 3ª fase visaria a incorporação, instrução e selecção das praças que constituirão os grupos e a instrução operacional com enquadramento completo.
- propõe igualmente o início e a duração das fases e o número adequado de grupos a formar (4 a 8 grupos);
- sugere que os instrutores e monitores, durante o tempo de duração da instrução, não devem ser empenhados na actividade operacional e deverão ficar a prestar serviço no CI.

Esta Informação obteve a concordância do Comandante-Chefe em 21.12.63 que determinou o seu envio e de outros relatórios ao CTIG para estudo e elaboração de propostas para execução; os relatórios em análise diziam respeito ao estágio dos militares da Guiné em Angola.

Visando centralizar o assunto da formação e do funcionamento de um Centro de Instrução de Comandos e no pressuposto de acelerar a execução de medidas necessárias à realização de um curso de Comandos, o COMCHEFE enviou ao EM do Comando Militar a nota 317/63 de 14.12.63 em que informava que todas as actividades relativas aos Comandos, passavam, a partir dessa data, a ser da responsabilidade do Comando Militar da Guiné e disponibilizava o seu

arquivo para consulta de outros documentos que eventualmente fossem precisos. Estas medidas, tomadas com o intuito de dar um forte impulso à formação da Tropa Comando em bases mais sólidas e com um planeamento e execução mais constante e de maior rapidez, foram reforçadas com a nomeação do Major Correia Dinis, em 20.12.63, como Director do Centro de Instrução, em Brá, em acumulação com as funções que desempenhava no BCaç 600, conforme consta da O.S. 109 de 31.12.63 do Comando Territorial Independente da Guiné.

Contudo as questões não eram fáceis de resolver; apesar do interesse e oportunidade das medidas atrás referidas, a verdade é que as dificuldades eram muitas e difíceis de ultrapassar e porque a sua resolução colidia com outras necessidades, interesses e insuficiências do CTIG, a formação dos Comandos e a organização do Centro de Instrução, foi um processo moroso.

Isto mesmo é confirmado numa Informação da 3ª Rep do QG/CTIG de 13.01.64 em que entre outros assuntos, refere:

- a necessidade de organizar e adaptar o Centro de Instrução de Brá para a instrução de Comandos e a reinstrução das Companhias de Caçadores idas da Metrópole;
- a urgência da substituição dos militares seleccionados nas Unidades para os Comandos, por militares da Metrópole;
- a necessidade da nomeação de Quadros da Metrópole para o desempenho de funções no Comando do CI.

Estas questões eram pertinentes e preocupavam bastante o Comando do Território pelo que se deduz da informação atrás referida em que, noutro trecho, se afirmava de forma muito clara e até desafiante que desfalcar as Unidades significava reduzir-lhes a eficiência operacional e que se esses militares não fossem substituídos por outros da Metrópole, não era possível organizar os Comandos. Todo o processo da formação dos grupos de combate a partir de um curso de Comandos e o levantamento de um Centro de Instrução de Comandos sofreu vários e significativos atrasos que foram muito lentamente ultrapassados pela persistência e trabalho de alguns responsáveis do COMCHEFE e CTIG e pela dedicação, empenho e entusiasmo de outros que estando na origem da ideia da criação de uma Tropa diferente na Guiné, souberam vencer obstáculos, conquistar vontades e dinamizar e potenciar apoios.

A CRIAÇÃO DO CIC EM BRÁ – O QUARTEL

Uma das principais preocupações do Quartel General em Bissau, era definir o local onde instalar o futuro aquartelamento do Centro de Instrução de Comandos. Analisadas várias hipóteses, optou-se por Brá, zona a quatro quilómetros de Bissau,

perto do aeródromo de Bissalanca e no eixo Bissau-Mansoa; aí tinha sido edificado recentemente um aquartelamento que continuava a expandir-se, com boas condições de utilização, mas insuficiente em instalações; ao Centro de Comandos foram cedidas somente duas casernas e respectivas arrecadações sendo as restantes dependências ocupadas por um Comando de Batalhão e uma Companhia de Comando e Serviços. Esta situação tinha o inconveniente da Tropa Comando não ficar isolada num só aquartelamento conforme tinha sido recomendado pela experiência de Angola; por outro lado tinha a vantagem de libertar o pessoal instrutor, exclusivamente, para as actividades de instrução, afastando-o dos assuntos administrativos e logísticos do seu funcionamento que eram da responsabilidade desse Comando de Batalhão; ponderadas as vantagens e os inconvenientes foi decidido aceitar o aquartelamento de Brá como base do Centro de Instrução de Comandos da Guiné, cuja actividade teve início oficialmente em 23 de Julho de 1964 sob o comando do Major de Inf^a “Cmd” António Dias Machado Correia Dinis.

Entretanto, em 29 de Abril, na Sala de Operações do QG/CTIG, realizara-se a cerimónia oficial de imposição de crachás “Comando” ao então Director do Centro de Instrução, Major Correia Dinis e aos oficiais, sargentos e praças do Grupo de Comandos que tinham estagiado em Angola e aos que participaram na Operação “Tridente”. No início da actividade do CIC, o Batalhão de Caçadores 512 que tinha sido entretanto colocado em Bissau (Brá), assumiu transitoriamente a responsabilidade de apoio e segurança do aquartelamento; para tal começou a preparar as instalações para a recepção dos militares que iriam tomar parte na instrução, sendo o Centro apoiado nos aspectos administrativos e logísticos pelo BCaÇ 512, onde o pessoal passou a adir para todos os efeitos.

Em 28 de Agosto visitaram oficialmente o aquartelamento de Brá os Comandantes-Chefe e Militar respectivamente Brigadeiros Arnaldo Schulz e Sá Carneiro com a finalidade principal de assistirem ao funcionamento do Centro de Instrução de Comandos.



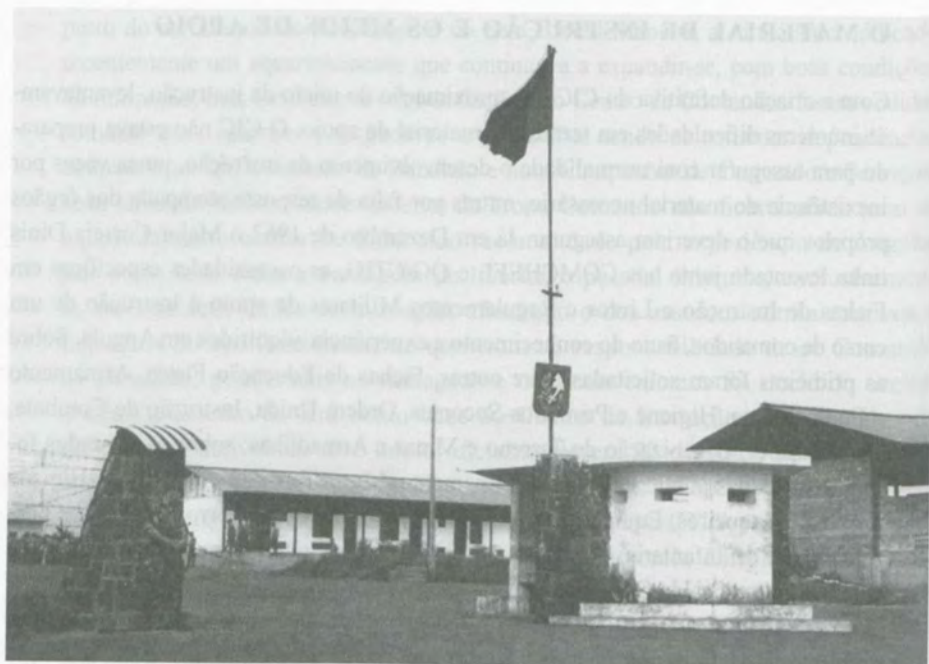
*Major Inf “Cmd”
António Dias Machado Correia Dinis*
COMANDANTE DO CIC – 1964-1965

O MATERIAL DE INSTRUÇÃO E OS MEIOS DE APOIO

Com a criação definitiva do CIC e a aproximação do início da instrução, levantavam-se inúmeras dificuldades em termos de material de apoio. O CIC não estava preparado para assegurar com normalidade o desenvolvimento da instrução, umas vezes por inexistência do material necessário, outras por falta de resposta atempada dos órgãos próprios que o deveriam assegurar. Já em Dezembro de 1963 o Major Correia Dinis tinha levantado junto aos COMCHEFE e QG/CTIG, as necessidades específicas em Fichas de Instrução e Livros e Regulamentos Militares de apoio à instrução de um curso de comandos, fruto do conhecimento e experiência adquiridos em Angola. Sobre as primeiras foram solicitadas entre outras, Fichas de Educação Física, Armamento e Equipamento, Higiene e Primeiros-Socorros, Ordem Unida, Instrução de Combate, Transmissões, Organização do Terreno e Minas e Armadilhas; sobre os segundos foram requisitadas publicações sobre Armamento, Minas Terrestres, Noções de Higiene Tropical, Maqueiros, Equipamento individual dos primeiros socorros, Instruções para o Combate de Infantaria, Patrulhas, Armas Pesadas, Sobrevivência, Prisioneiros de Guerra, Instruções de Sapadores das Armas e Regulamentos de Campanha.

Houve duas áreas de instrução em que a aquisição dos meios necessários se tornou mais problemática; referimo-nos à mentalização para o que era preciso garantir a instalação sonora, gravadores, cassetes e megafones e a área dos meios de transporte que requeria o emprego de jeeps, unimog e viaturas pesadas (GMC) que, não estando disponíveis, se tornava necessário garantir noutras Unidades em tempo oportuno, o que nem sempre se conseguia e obrigava a ajustamentos de última hora dos programas/horário de instrução. Em Junho de 1964, fruto do trabalho empenhado e persistente do Major Correia Dinis em coordenação com o COMCHEFE e o EM do CTIG e o apoio directo e imediato do BCaÇ 512, aquartelado em Brá, tinha sido já concentrado no Centro muito material necessário à instrução em especial à instrução de combate como silhuetas, bandeirolas, estacas, cavaletes, metralhadoras preparadas para tiro simulado (madsen), granadas de mão inertes, bússolas e jogos de ferramenta portátil individual. Na área dos explosivos, minas e armadilhas foi assegurado algum material essencial como alicates estranguladores, explosor, galvanómetro, arame de tropeçar, capacetes, cordão detonante, detonadores, petardos TNT e minas.

Algumas das dificuldades foram ultrapassadas pelo aproveitamento de material capturado ao In de que se destacam granadas de mão ofensivas e defensivas, minas A/C e A/P, 2 PPSH c/carregadores, 1 espingarda MOSIN c/ munições, 1 pistola metralhadora USI e muitas munições.



1966 – Companhia de Comandos; Porta de Armas



Interior do CIC - 1964



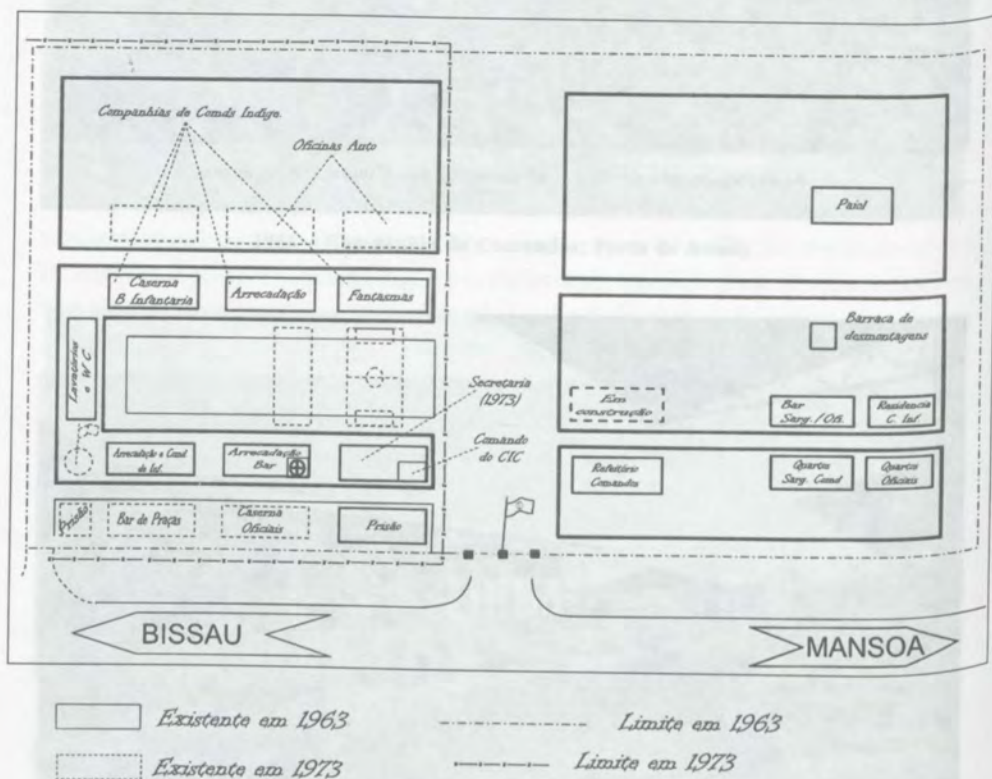
Aquartelamento de Brá – alojamento de Oficiais e Sargentos



À direita a messe dos militares “comandos” no Quartel de Brá



Instalações dos Comandos no CIC em Brá



Planta do aquartelamento de Brá – Instalações iniciais e novas áreas edificadas

O SERVIÇO INTERNO E AS DIRECTIVAS AOS INSTRUTORES E MONITORES

No cumprimento das muitas tarefas necessárias executar para o levantamento do Centro de Instrução, houve duas que requereram uma atenção mais cuidada já que se traduziam respectivamente em estabelecer normas de funcionamento do serviço interno e a uniformização de procedimentos respeitante aos instrutores e monitores, quer durante a instrução, quer fora dela.

O SERVIÇO INTERNO

Foram estabelecidas algumas normas relativas a diversas áreas da vida diária do Centro das quais destacamos, resumidamente, as mais significativas:

Os instrutores e monitores eram os auxiliares directos do Director do Centro e tinham pois, por obrigação, interessar-se por tudo o que dissesse respeito à vida do Centro, devendo merecer-lhes sempre especial atenção:

- o atavio e a apresentação;
- a conservação e beneficiação, quer das instalações, quer do material;
- a rigorosa disciplina que deveria ser mantida a todo o custo, não perdendo faltas, fazendo-as chegar sempre ao conhecimento do seu superior hierárquico. Sendo apanágio dos Comandos a rigorosa aceitação da disciplina, esta não deve, de maneira alguma, estar sujeita ao critério de cada instrutor ou monitor. Uma das suas principais preocupações durante a instrução, seria consciencializar o instruendo de que as exigências disciplinares não são obrigações que cumpre, mas a afirmação permanente da sua vontade e do seu desejo de ser um Comando.

Fardamento a utilizar

Durante a instrução: Farda camuflada c/boné de 2 palas (a pala da rectaguarda metida dentro do boné) e bota de lona

Fora da instrução: Calça ou calção, camisa, sapato, ou bota e boina

Cabelo e Barba

Era obrigatório o uso de cabelo cortado muito curto e fazer a barba diariamente.

Conservação do Material

Os instrutores e monitores deveriam participar toda e qualquer anomalia verificada no material de aquartelamento ou de guerra, no mais curto espaço de tempo.

Limpeza de Casernas e demais Edifícios

Seria passada revista diária pela Direcção do Centro durante a 1ª hora de instrução. A limpeza dos edifícios compreendia o terreno circundante, no espaço mínimo de 3 metros.

Horário

Alvorada	06H00
1ª Refeição	06H30
Bandeira	07H55
1º Período de Instrução	08H00 às 12H00
2ª Refeição	12H30
2º Período de Instrução	15H00 às 17H00
3ª Refeição	18H00
Instrução nocturna	20H30 às 22H30

O Comando desloca-se em passo de corrida

O Comando, sempre que era chamado por qualquer superior, deslocava-se em passo de corrida.

Transporte da Arma

O transporte permanente da arma distribuída, era exigido durante todo o período da instrução, ficando sujeito, em qualquer instante, à revista individual passada por qualquer oficial do Centro.

Instrução

Os instrutores e monitores procuravam ao longo da instrução seleccionar os melhores elementos, pela eliminação dos mais fracos e incapazes que regressavam às suas Unidades.

Os considerados finalmente aptos recebiam o título de “COMANDO” e tinham direito ao uso da inscrição “Comando” na manga, e do emblema metálico no peito e na boina. Toda a cerimónia da imposição de títulos ou eliminação seria feita solenemente em formatura geral.

Formatura Geral Diária

O dia iniciava-se com a formatura geral, em quadrado aberto num dos lados, frente ao edifício do comando e com a seguinte sequência:

Apresentação da Formatura

Revista

Içar da Bandeira

Leitura dos Deveres do Comando

Início da Instrução

DIRECTIVAS AOS INSTRUTORES E MONITORES

O Comando do Centro teve a preocupação de assegurar a todos os instrutores e monitores, uma correcta e adequada interpretação de qual a finalidade do Centro, da Missão dos Comandos, das suas características e das principais componentes da formação. Não era aceitável que houvesse interpretações diferentes, já que essa situação teria reflexos negativos junto dos instruendos. Assim o Comando do Centro elaborou e difundiu diversas directivas sobre esses assuntos, dirigidas aos instrutores e das quais registamos algumas:

- Finalidade do Centro de Instrução
“Formação de Grupos de Combate que, com base em elementos seleccionados entre os mais aptos das Unidades em operações, apresentem no final da instrução uma mais cuidada como objectiva preparação e um espírito agressivo mas controlado, indispensável à execução de missões de maior risco ou dificuldade”.
- Missão dos Comandos
“Ataques a objectivos definidos, em proveito das tropas de quadricula e de intervenção, quer como processo de destruição inimiga, quer ainda como fonte indispensável de informações que possam nortear a actividade operacional daquelas tropas e também acções de caça nos sectores onde actuam”.
- Características dos Comandos
“Elevada autonomia, rusticidade, resistência à fadiga, frugalidade e apurada técnica de combate”.
- Valorização Física, Moral e Técnica do Instruendo
 Os condicionamentos da Finalidade, da Missão e das Características da Tropa Comando impõem garantir ao Comando, as condições físicas, morais e técnicas indispensáveis às exigências enunciadas.

1ª Condição - A Valorização Física do Instruendo

“É evidente que a fadiga pode ser utilizada como um poderoso meio educativo, que a fome, o desconforto, o medo e a própria sede podem ser meios de inestimável valor formativo ... deve pois o instrutor ou monitor ser cuidadoso e criterioso na aplicação desses processos, doseando-os ao longo da instrução,

de maneira a que o instruendo vá, sem problemas de maior, vencendo essas dificuldades que de pequenas no início, irão aumentando paralelamente com a formação física do instruendo.

A Educação Física Militar deve ser dada com um aumento constante de esforço de maneira que gradualmente o instruendo vá ganhando resistência física que lhe permita executar sem dificuldade, longas marchas através de matas e de regiões alagadas, resistindo à fadiga e mantendo sempre em boas condições o seu espírito agressivo.

A Educação Física Militar deve ser sempre levada ao máximo no aspecto de emulação individual, pois será dessa emulação entre os instruídos que aparecerão aqueles que mais tarde terão possibilidades de serem os chefes das equipas”.

2ª. Condição - A Valorização Moral do Instruído

“O simples facto do instruendo ser seleccionado entre os mais aptos das Unidades em operações, cria nele uma ideia de superioridade que deve ser mantida mas corrigida e melhorada durante toda a instrução. Como Comando que será, tem que justificar a sua escolha e proceder com aprumo, lealdade e justiça, ser camarada e ter orgulho em ser Comando, mas nunca desprezar os seus camaradas que por razões várias não são comandos como ele.

A valorização moral do instruendo caminha paralelamente com a sua valorização técnica. Quanto melhor esta for, mais firme será a confiança em si próprio e nas suas possibilidades.

Deve ser tratado como um homem, largando-o nas suas iniciativas, mas incutindo-lhe sempre a noção do grupo ou equipa em que viverá e para a qual trabalhará; da sua capacidade de execução individual, irá depender o valor ou eficácia da equipa a que pertencer e que por sua vez influirá no rendimento do Grupo de Combate.

Assim os instrutores e monitores aproveitarão todas as oportunidades que se oferecerem no decorrer da instrução ou na vida do Centro para se avivarem os preceitos referentes à Educação Cívica e Moral do Soldado.

É de extraordinário interesse o procurar atender, nesta valorização moral, a aspectos de acção psicológica e de doutrinação dos instruídos. É necessário que cada Comando saiba:

- a razão de ser da luta que trava;*
- os fundamentos da acção militar;*
- os fundamentos jurídicos e políticos da mesma luta;*

- a negação do fundamento da acção inimiga;
- o descrédito do modo de actuação inimiga-selvajaria.

Devem pois os instrutores aproveitar todos os momentos livres, especialmente os de descanso para, reunido o seu Grupo de Combate, provocar uma conversa que interesse a todo o Grupo; permitindo a sua livre discussão, orientada é certo, e não só falando, mas muito especialmente fazendo falar. Devem lembrar-se sempre que para se manter uma luta é necessário acima de tudo, uma consciencialização do procedimento”.

3ª Condição - A Valorização Técnica do Instruendo

É chamada a atenção aos instrutores e monitores para a necessidade excepcional da valorização individual do instruendo. A valorização Técnica do Instruendo está dividida, ao longo das 8 semanas de instrução, em 3 Fases distintas:

1ª Fase – Instrução Básica

2ª Fase – Instrução Pré-Operacional

3ª Fase – Instrução Operacional

1ª Fase – Instrução Básica

“Nesta 1ª Fase, quer as matérias incluídas no Programa, quer a forma de execução quer ainda o ambiente em que se ministra, visam quase exclusivamente a educação individual dos aspectos morais e físicos e a melhoria da capacidade de execução.

É nesta 1ª Fase que se consegue, levando a instrução ao mais elementar pormenor; lançar as bases indispensáveis para o trabalho de equipa, que virá depois. Nesta 1ª Fase irão criar-se as condições indispensáveis para a descoberta e exploração das afinidades entre os indivíduos e que representarão as bases da constituição das pequenas equipas, como forma indispensável ao trabalho, ou à instrução de conjunto”.

Após a 1ª Fase de valorização individual e encontradas as bases de trabalho de equipa, entra-se na:

2ª Fase – Instrução Pré-Operacional

“Nesta Fase inicia-se a integração dos valores individuais no trabalho conjunto levado ao pormenor, ou melhor, ao quase automatismo.

Toda a instrução será levada ao mais pequeno pormenor, com exagero até, repetindo e fazendo repetir tantas vezes quantas as necessárias todos os exercícios para que os mesmos se executem com automatismo e sem a mais pequena hesitação.

Parece assim ficarem definidas as duas mais importantes fases da Instrução dos Comandos, importância que por servir de base a todo o trabalho futuro, será sem dúvida alguma reflexo do seu rendimento”.

Uma vez conseguidas as condições e satisfeitas as necessidades da 2ª Fase passa-se à:

3ª Fase – Instrução Operacional

Com esta Fase dá-se início ao trabalho de formar os Grupos; esta última fase da formação dos Grupos, constituirá de facto o trabalho tático e de coordenação das Equipas formadas.

Será nesta fase, que orientando e impulsionando os instruendos, se lhes proporciona o cunho pessoal e de livre iniciativa, tão necessária à forma de acção a que estarão ligados.

A INSTRUÇÃO – O PESSOAL E OS DOCUMENTOS DE APOIO

AS DIFICULDADES EM PESSOAL

Pela acção extremamente positiva do Grupo de Comandos na Operação “Tridente” na Ilha do Como, de Janeiro a Março de 1964, e pelo reconhecimento oficial da sua existência, estavam criadas as condições para a realização de cursos de comandos na Guiné de que resultariam os grupos de combate, à semelhança do que acontecia em Angola. Contudo esta necessidade foi adiada durante alguns meses visto o COMCHEFE entender que alguns Quadros do Grupo de Comandos deveriam ministrar primeiro, instrução a Companhias de Milícias Fulas em Catió; estas Companhias foram a base, anos mais tarde, do recrutamento de elementos que formaram as Companhias de Comandos Africanos.

Outra situação que contribuiu para o sucessivo adiamento da instrução foi a da disponibilidade do pessoal instrutor e monitor. Como sabemos estes elementos teriam que sair das Unidades operacionais e estas nem sempre estavam em condições de dispensá-los sem primeiro serem substituídos por outro pessoal, muitas das vezes vindo da Metrópole, tendo em vista a exigente e constante actividade operacional; as sucessivas dificuldades que se levantavam, adiaram sistematicamente o início do curso, o que se reflectia negativamente no entusiasmo dos voluntários que não viam resultados práticos do seu oferecimento.

Outra questão que se colocava era a da selecção do pessoal instruindo que se confrontou inicialmente, com muitas dificuldades. Em primeiro lugar porque alguns comandantes não autorizavam que os melhores dos seus homens se oferecessem para os Comandos, facilitando e incentivando por outro lado, os que criavam problemas de vária ordem que afectavam a vida interna e a disciplina das Unidades.

Por outro lado o Comando Militar impôs algumas normas limitadoras à selecção do pessoal: só podiam ser seleccionados militares que tivessem um mínimo de um ano de comissão, para além de que a nível de pelotão e inferior não se poderiam oferecer voluntários, por impossibilidade de os substituir e assim enfraquecer as Unidades. Acrescente-se a estas condicionantes o rigor das provas físicas e médicas, que eliminavam só por si muitos voluntários e temos como resultado que o número final de seleccionados para a frequência do curso, cerca de 200 homens, era reduzido face às exigências da instrução e às necessidades da Guiné.

Havia outra dificuldade a resolver que dizia respeito aos instrutores e monitores; o seu número era manifestamente insuficiente face às necessidades

da instrução quer pelo seu total e permanente empenhamento diário nas diversas actividades ligadas à formação, como também eram, muitas vezes, chamados a intervir em actividades operacionais de reconhecida dificuldade, ou ainda porque havia áreas específicas da instrução, como era a da Mentalização, em que faltava pessoal tecnicamente capaz de operar e tirar rendimento dos meios utilizados nesta área da formação e atingir assim a finalidade pretendida.

Aproveitando a presença em Bissau em Junho de 1964, do Comandante do CI 25 de Angola, Capitão Santos e Castro, foram trocadas impressões sobre a formação dos Comandos, esclarecidas algumas dúvidas e acertadas medidas tendentes a melhorar os aspectos práticos da instrução; por outro lado foi equacionada a necessidade do corpo de instrutores e monitores do CIC ser reforçado com alguns Quadros comandos de Angola. O Comandante do CI 25 não levantou dificuldades e o assunto ficou de ser tratado e colocado superiormente pelo Comandante do CIC da Guiné.

A PREPARAÇÃO DA INSTRUÇÃO

Apesar de todas as dificuldades surgidas, era primordial aprontar todos os aspectos relativos à instrução por forma a não se atrasar mais o início do curso; o tempo era essencial e foi aproveitado para a elaboração dos Detalhes de Instrução e das Normas das Provas de Selecção para Quadros e Praças, tendo como base o programa de instrução de Comandos entretanto proposto e já aprovado pelo Comandante Militar em 28 de Fevereiro de 1964.

A título exemplificativo e com algum pormenor, apresentam-se alguns detalhes de instrução de diferentes matérias elaborados para o 1º curso de comandos da Guiné:

- Higiene e Primeiros Socorros – Feridos de Guerra – 2 H
 - Tipos mais frequentes. Principais problemas; perda de sangue e infecções.
 - Feridas na cabeça, tórax e abdómen.
 - Controlo da perda de sangue
 - Aplicação de garrotes e pensos compressivos
 - Aplicação de pensos individuais
- Técnica de Combate – actos individuais do combatente – 6 H
 - Deslocar-se
 - Livre e debaixo de fogo.
 - Em todas as condições do terreno: mata aberta e cerrada, capim alto e baixo.
 - Nos trilhos, nas picadas, nas clareiras.

- Cuidados durante a progressão: segurança, silêncio, atenção.
 - Por lanços, curtos e rápidos.
 - Rastejar, de cócoras, de pé, a rolar em corrida, por salto, em marcha de macaco, corrida de zig-zag.
 - No meio líquido a diferentes profundidades com pé e sem pé.
 - Observar
 - Escolher o local donde consiga localizar o IN; deslocar-se até lá.
 - Observar antes de se abrigar.
 - Observar sempre, durante o deslocamento, durante o alto, durante o ataque.
 - Enganar o IN com truques, com movimento, com pedras, para observar.
 - Observar o IN para fazer fogo sobre ele.
 - Observar para evitar a surpresa.
 - Abrigar-se
 - À ordem, à vista, ao som de um tiro. Obrigar o instruendo a ter a noção de que todo o seu corpo está abrigado e não só parte dele. Utilização de projecteis de perigo progressivo até ao tiro real.
 - Escolha ou adaptação do local de modo que possa fazer tiro nas melhores condições.
 - Fazer tiro antes de se abrigar.
 - Abrigar-se e fazer tiro.
- Nota – Todas as fases desta instrução deviam ser exigidas até ao mínimo pormenor e repetidas tantas vezes quantas as necessárias até à execução perfeita, por cada instruendo. Nos treinos, para abrigar, seriam utilizadas pedras e pressão de ar.
- Tática de Equipa – 21 H Diurnas – 6 H Nocturnas
 - Formação das equipas com base nas aptidões demonstradas durante a instrução individual, nos laços de amizade entre os instruendos, nas suas afinidades regionais, na capacidade de chefia, na subordinação e respeito mútuo.
 - Dentro da Equipa, a função de cada elemento:
 - Na progressão tendo em vista os pontos executados na fase individual.
 - Idem na observação.

- Idem na segurança.
- Ligação entre os elementos da Equipa.
- Treino das Equipas funcionando em Apoio, Manobra ou Protecção e de Decepção.
- Articulação.
- Instrução com Viaturas (jeep, jeepão ou unimog, GMC)
 - Individual:
 - Modo e local de instalação na viatura
 - Salto da viatura em andamento, aumentando progressivamente a velocidade.
 - Salto da viatura em corrida para a berma da estrada, abrigando-se e ocupar posição de tiro
 - Idem com lançamento de granada de mão
 - Equipas:
 - Localização de cada elemento dentro da viatura, conforme o seu tipo.
 - Função de cada elemento no que respeita à ligação entre eles e com as outras Equipas, observação, segurança, missão em caso de emboscada, mina ou forninho.
 - Segurança em andamento, nos pequenos e grandes altos.
 - Considerar o caso de viatura isolada e em coluna.
- Instrução com Helicópteros
 - Equipas
 - distribuição pelos lugares
 - salto de helicóptero
 - tomada de posição
 - abandono
 - dispositivo
 - Recolha
 - dispositivo
 - tomada de lugares
 - segurança
- Informações – 5 H
 - Mostrar como cada combatente pode ser útil na pesquisa de informação.
 - O que são notícias e informações.
 - Origem de notícia.

- Apresentação de material capturado ao In como resultado da acção das tropas.
- Modo de tratamento de prisioneiros.
- Modo de actuação do IN deduzido através de notícias dadas pelas tropas; aguçar o interesse do combatente pela pesquisa de notícias.

Em simultâneo com a elaboração dos Detalhes de Instrução, aprontaram-se as Normas para as Provas de Selecção de Praças e Quadros, estabelecendo os valores mínimos a cumprir no teste de potência e no comportamento individual no teste de agressividade, que era realizado num combate de boxe que deveria desenrolar-se num espaço de tempo curto e apenas o necessário para se verificar o grau de comportamento combativo de cada um, que traduzia o respectivo espírito agressivo. Completavam estas provas os exames médicos e físicos muito rigorosos e abrangentes.

Os Quadros eram igualmente solicitados a responder a um inquérito inicial em que, na introdução se dizia: *“Responda conscienciosamente às questões postas, atendendo a que deverá fazê-lo tal como é ou pensa, e não como julgaria que deveria ser ou pensar”*.

Do extenso rol de questões colocadas, seleccionamos algumas a título exemplificativo:

- *Como admite a disciplina militar ?*
- *Diz-se “cumprir um dever”. Porque não se dirá “cumprir uma obrigação” ?*
- *Tem alguma ideia sobre a evolução do terrorismo ? Diga qual de modo sucinto.*
- *A vida militar, diz-se, é um sacrificio permanente; acha que deverá sê-lo? Porquê ?*
- *É metódico ? Gosta de se deitar a horas certas ? Gosta de se levantar cedo ou levanta-se com dificuldade ?*
- *Como justifica perante a Nação a existência do Exército ?*
- *A coerência não é uma virtude mas sim honestidade de consciência. Comente a frase.*

O 1º CURSO DE COMANDOS

Com o regresso do pessoal instrutor e monitor de Catió em fins de Maio de 1964 e após os trabalhos finais do aquartelamento, ultimaram-se as acções necessárias ao início do 1º Curso de Comandos da Guiné.

A instrução foi planeada para 13 semanas, assim distribuídas:

- Preparação de Instrutores e Monitores do CI (2 semanas)
- Instrução de Quadros (3 semanas)
- Instrução dos Grupos (8 semanas)

A Preparação de Instrutores e Monitores era reservada exclusivamente para o pessoal que frequentou o estágio de Comandos na Região Militar de Angola e ao que participou na Operação “Tridente” integrado no Grupo de Comandos. Assim, em 29 de Junho de 1964 teve início a instrução e preparação dos instrutores e monitores do CI de Comandos com a seguinte constituição:

- Director de Instrução Maj Infª António Dias Machado Correia Dinis
- Instrutores Alf Milº Maurício Leonel de Sousa Saraiva
 Alf Milº Justino Maria Coelho Godinho
 Alf Milº António Manuel B. Pombo dos Santos
- Monitores Fur Mário Fernando Roseira Dias
 Fur Milº Artur Pereira Pires
 Fur Milº António Manuel C. Vassalo Miranda
 1º Cabo 103/E, Marcelino de Mata
 1º Cabo 59/E, Mamadu Bari
 1º Cabo 60/E, Tomás Camará
 Sold 136/61, Abdulai Jaló

Concluída esta fase da instrução, foram na semana seguinte, organizadas Equipas para a realização das Provas de Pré-Seleção; deslocaram-se para Buba, Mansoa, Bafatá, Tite e Catió onde controlaram as provas e seleccionaram o pessoal mais capaz de entre os voluntários autorizados a realizá-las.

A 2ª fase da instrução – Instrução de Quadros – era destinada aos Quadros pré-seleccionados nas Unidades; o início desta fase não estava definido visto que o pessoal que ia tomar parte na instrução saía das Unidades Operacionais e teria que ser antecipadamente substituído; só depois de se conhecer a data certa dessa substituição era possível marcar com exactidão o início da instrução. Por fim, em 05 de Agosto de 1964, teve início a 1ª Escola de Quadros do 1º Curso de Comandos da Guiné que terminou em 22 de Agosto.

A Instrução de Quadros teve a seguinte constituição:

Director da Instrução	... Maj Inf ^a António Dias Machado Correia Dinis (BCaÇ 600)
Instrutores	 Alf Mil ^o Maurício Leonel Saraiva (CCS/QG) Alf Mil ^o António Manuel Bairão Pombo dos Santos (Pel. AA943) Alf Mil ^o Justino Coelho Godinho (CCaÇ 510)
Monitores	 Fur Mário Roseira Dias (CCS/QG) Fur Mil ^o Artur Pereira Pires (CCav 488) Fur Mil ^o Vassalo Miranda (CCav 487) 1º Cabo nº 103/E Marcelino da Mata (CCS/QG) 1º Cabo nº 23/RD Braima Seidi (BAC) Soldado nº 136/61 Abdulai Jaló (1ª CC)
Instruendos	 Alf Mil ^o Fernando da Silva Fidalgo (1ª CC) Fur Mil ^o Ilídio José Matos Gonçalves Leonor (CArt 495) Fur Mil ^o António Mota Pereira Fabião (CCaÇ 510) Fur Mil ^o António Gomes Leitão (CCaÇ 510) Fur Mil ^o Joaquim Carlos Ferreira Moraes (CCaÇ 412) Fur Mil ^o Carlos Alberto Pereira Lopes (CCaÇ 555) Fur Mil ^o João Carlos Gomes Alves de Matos (CCaÇ 555) Fur Mil ^o Joaquim António Nunes (CArt 495) Fur Mil ^o Armando Teixeira (CCaÇ 412) 1º Cabo nº 59/E, Mamadu Bari (CCS/QG) 1º Cabo nº 60/E, Tomaz Camará (CCS/QG) Soldado nº 120/62, Amadu Bailó Jaló (CCS/QG) Soldado nº 90/E, Alfa Umane Jaló (CCS/QG)

Já com a instrução a decorrer, apresentaram-se no CIC, em Agosto de 1964, os Tenente Mil^o Jaime Abreu Cardoso e 2º Sargento Inf^a José Ferreira Gaspar que de imediato integraram a instrução como instrutores.

Após terminada a Escola de Quadros, foi planeada e realizou-se uma acção de combate na zona do Óio, comandada pelo Ten Abreu Cardoso para testar o aperfeiçoamento operacional. No golpe de mão realizado, participaram os instrutores e monitores que terminaram a instrução, formando um grupo de combate, que assaltou de forma perfeita e destemida o objectivo, apoiado por tropas do BArt^a 645 que ficaram a alguns quilómetros de distância, numa base de apoio e recolha.

Os resultados obtidos foram muito bons, pois o grupo não foi detectado, destruiu o acampamento In e capturou armamento, o que constituía na altura um feito de muito valor e grande significado face às características da actuação do In e do armamento que já então utilizava.

O PERINTREP Nº 34/64 de 27Ago64 – SECTOR C refere:
OPERAÇÃO “ALFINETE”

Em 23Ago64, forças do CComandos (GComandos em instrução) reforçado com forças do BArtª 645 executou um golpe de mão a um acampamento In com 8 barracas para 3/4 pessoas na mata a w de Santambato. Foram abatidos 4 elementos IN, ferido 1 e capturado o seguinte material:

- Esp Mauser 7,9 1
- Esp tipo Mauser 7,9 ... 1
- Pistola Ceska 7,65 1
- Gm Of RG-34 3
- Gm Def F-1 2
- Cartuchos cal 7,65 ... 41
- Cartuchos cal 7,9 57
- Cartucheiras 3

Finalmente em 24 de Agosto de 1964 iniciou-se o 1º Curso de Comandos da Guiné com vista à formação de três Grupos de Combate; teve a duração de oito semanas, terminando a 17 de Outubro com a imposição das respectivas insígnias aos novos comandos que desfilaram com muito garbo perante o Brigadeiro Comandante Militar que presidiu à cerimónia.

A instrução decorreu conforme o planeado, tendo as dificuldades, surgidas inesperadamente, sido ultrapassadas pelo empenhamento e espírito de iniciativa de todos, o que permitiu garantir um bom ritmo e muito rigor à instrução. A preparação de um bom combatente que se pretenda altamente eficiente e profissional, deve atender a algumas áreas essenciais na sua formação:

- uma mentalização forte, assente em causas;
- uma valorização técnica capaz e intensiva nos aspectos do combate;
- uma boa preparação física que permita desenvolver em permanência as acções operacionais.

Estas áreas da formação do combatente correspondem respectivamente ao seu querer, ao saber e ao poder; o combatente que não **Queira**, não **Saiba** ou não **Possa**, não consegue vencer; é no equilíbrio simultâneo e articulado destas três valorizações que se baseia a preparação do combatente de eleição.



Encerramento do 1.º Curso de Comandos da Guiné – Out64.
Fim da cerimónia: os 3 Grupos preparam-se para desfilar ostentando as insígnias recebidas.
Por ordem vêm-se os CAMALEÕES, sob o comando do Alf Godinho,
os PANTERAS e os FANTASMAS.



Centro de Instrução de Comandos em Brá – Out64. Cerimónia de imposição das insígnias “Comando” após 4 meses de instrução.

Em 1.º plano os FANTASMAS sob o comando do Alf Saraiva.

Comanda os Grupos o Ten Abreu Cardoso que tinha comandado o grupo FANTASMAS de Angola.



Centro de Instrução de Comandos em Brá – Out64. Cerimónia de entrega das insígnias “Comando”.

O Grupo PANTERAS sob o comando do Alf. Pombo dos Santos.

1.º Plano: Alf Pombo, Fur Moita e Fur Miranda

2.º Plano: Fur Cruzeiro

3.º Plano: Fur Nunes, Fur Lopes e 1Cab Ferreira da Silva



O Comandante Militar da Guiné – Brigadeiro Sá Carneiro, na cerimónia de encerramento do 1.º Curso de Comandos da Guiné – Out64.



Encerramento do 1.º Curso de Comandos – 17Out64.
O Comandante do CIC – Major Cmd Correia Dinis, profere uma alocução



Centro de Instrução de Comandos em Brá – Out64. Cerimónia de encerramento do 1.º Curso de Comandos.

Desfile no final da cerimónia; em 1.º plano o Alf Pombo dos Santos e o Grupo PANTERAS



Render da Guarda do Palácio do Governo.

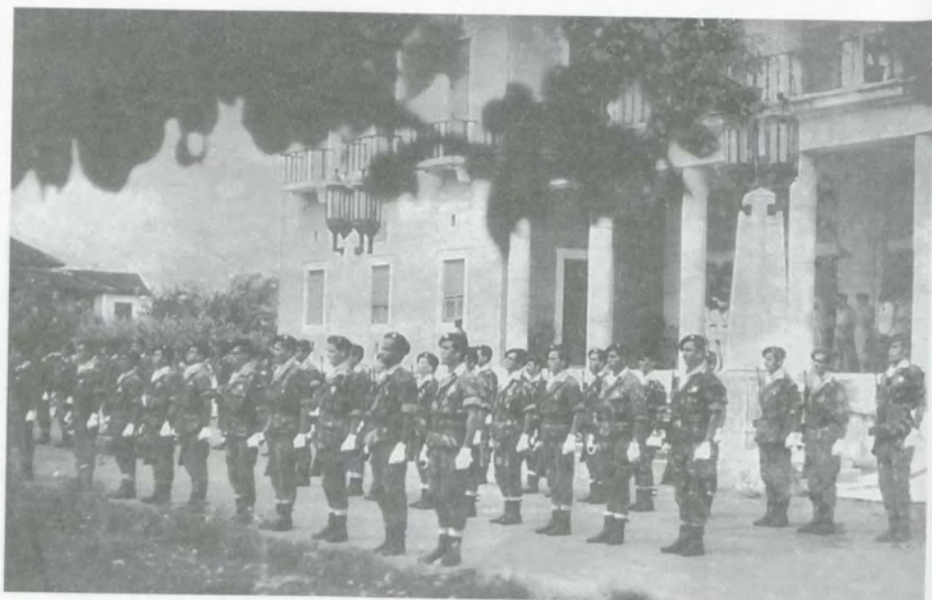
Desfile: Quartel da Amura, Av. da República, Praça do Império.



Desfile e Render da Guarda do Palácio do Governo.
Entrada na Av da República – em 1.º plano o Alf Saraiva



Palácio do Governo. Chegada da Guarda de Honra



Render da Guarda do Palácio do Governo. O Grupo de Comandos
CAMALEÕES.



Render da Guarda junto ao Palácio. Grupo PANTERAS



Desfile dos Grupos de Comandos em Bissau.
Em 1.º plano o Ten "Cmd" Abreu Cardoso



Fim do desfile – Quartel da Amura

OS GRUPOS DE COMBATE

Imediatamente antes do final da instrução, os três Alferes instrutores apoiados pelos monitores que entretanto se tinham escolhido entre si, organizaram as Escolas de Instrução dando a possibilidade aos instruendos de escolher o seu futuro Comandante.

No final do Curso, em 17 de Outubro de 1964, os três primeiros Grupos de Combate estavam já constituídos a partir da fase de grupo, com o pessoal que teve aproveitamento; esses Grupos designavam-se por:

- Fantasmas
- Camaleões
- Panteras

A sua constituição era a seguinte:

GCmds “FANTASMAS”



Emblema de braço

Comandante

- Alf Mil^o “Cmd” Maurício Leonel Sousa Saraiva

Chefe Equipa

- Fur Mil^o “Cmd” Artur Pereira Pires
- Fur Mil^o “Cmd” Joaquim Carlos Ferreira Moraes
- Fur Mil^o “Cmd” João Carlos Gomes Alves de Matos⁶
- Fur Mil^o “Cmd” João Severo Parreira⁷

⁶ Fez parte do Grupo desde o início, mas o Curso de Comandos foi-lhe averbado com os do 2º Curso

⁷ Substituiu o Fur Pires em 12Fev65 – Averbado no 2º Curso de Comandos

Praças

- 1º Cabo “Cmd” 23/RD, Braima Seidi
- 1º Cabo “Cmd” 60/E, Tomaz Camará
- 1º Cabo “Cmd” 1510/62, António Joaquim Vieira Ferreira
- 1º Cabo “Cmd” 457/63, Ramiro de Jesus Silva
- 1º Cabo “Cmd” 320/63, Alfredo Augusto da Cruz
- 1º Cabo “Cmd” 1490/62, Fernando Paula Pinto
- 1º Cabo “Cmd” 506/62, Manuel Fernandes Alves Rodrigues
- 1º Cabo “Cmd” 2357/62, António Carlos Carreira Gomes
- 1º Cabo “Cmd” 625/63, António Carvalho Mendes
- Soldado “Cmd” 1553/62, Manuel Coito Narcis
- Soldado “Cmd” 1560/62, José da Rocha Moreira
- Soldado “Cmd” 1660/62, João Ramos Godinho
- Soldado “Cmd” 1579/62, Artur Mateus Martins
- Soldado “Cmd” 659/63, Joaquim Lima Coutinho
- Soldado “Cmd” 155/62, António Kássimo
- Soldado “Cmd” 120/62, Amadú Bailo Djaló
- Soldado “Cmd” 1/63, António João Paulista Solda
- Soldado “Cmd” 1561/62, António de Jesus Carreira
- Soldado “Cmd” 514/62, António Aquino de Sousa
- Soldado “Cmd” 1564/62, Luís Lopes Jorge
- Soldado “Cmd” 122/63, Joaquim Pedro Quã
- Soldado “Cmd” 207/63 Joaquim Ricardo Gonçalves
- Soldado “Cmd” 598/63, Manuel Martins de Cunha
- Soldado “Cmd” 704/63, José Saraiva Barbedo
- Soldado “Cmd” 69/62, Sani Infamará
- Soldado “Cmd” 12/63, António Jacinto Rosário Moreira

Recompletados em Fev65

- Soldado 19/64 – Braima Bá 2º Curso
- Soldado 797/64 – Vitalino Jesus Feijão “
- Soldado 783/64 – José Guerreiro Emílio “

O pessoal remanescente dos “Fantasmas” integrou-se, em meados de 1965, no novo grupo os “Centuriões”.

GCmds “CAMALEÕES”



Emblema de braço

Comandante

- Alf Milº “Cmd” Justino Coelho Godinho
- Alf Milº “Cmd” Fernando da Silva Fidalgo

Chefe Equipa

- Fur Inf “Cmd” Mário Fernando Roseira Dias
- Fur Milº “Cmd” Ilídio José Matos Gonçalves Leonor
- Fur Milº “Cmd” António Mota Pereira Fabião
- Fur Milº “Cmd” Carlos Alberto Correia da Silva

Praças

- 1º Cabo “Cmd” 59/E, Mamadú Bari
- 1º Cabo “Cmd” 354/63, José Filipe Alves Gonçalves
- 1º Cabo “Cmd” 503/64, José Maria Anjos Moreira
- 1º Cabo “Cmd” 529/64, Laurentino Matias Santos
- 1º Cabo “Cmd” 531/64, Manuel Barroso Cajus
- 1º Cabo “Cmd” 1746/64, Jacinto Martins Rodrigues
- Soldado “Cmd” 3166/62, Gualter Nelson dos Santos Cardoso
- Soldado “Cmd” 1891/62, Isaac Travassos de Matos
- Soldado “Cmd” 749/63, João Firmino Martins Correia
- Soldado “Cmd” 39/63, Francisco Maria Nunes
- Soldado “Cmd” 157/63, Lino Rodrigues Caldeira
- Soldado “Cmd” 116/63, Fernando da Silva Gomes
- Soldado “Cmd” 419/63, João Varela Pombinho
- Soldado “Cmd” 1101/63, Flávio Francisco Pinto
- Soldado “Cmd” 90/E, Alfa Umaro Jaló
- Soldado “Cmd” 1486/62, Manuel Veloso Machado
- Soldado “Cmd” 338/63, Francisco da Silva Duarte

- Soldado “Cmd” 546/63, Manuel Martinho Serra
- Soldado “Cmd” 644/63, Armindo Gomes
- Soldado “Cmd” 674/63, António Gomes
- Soldado “Cmd” 645/63, Carlos de Jesus Pimenta
- Soldado “Cmd” 709/63, José Maria Vaz Nunes
- Soldado “Cmd” 712/63, José Feliciano Estrabocha Burrazeiro
- Soldado “Cmd” 221/63, Joaquim Trindade Cavaco

O pessoal remanescente dos “Camaleões” integrou-se, em meados de 1965, no novo grupo os “Apaches”.

GCmds “PANTERAS”



Emblema de braço

Comandante

- Alf Milº “Cmd” António Manuel Bairrão Pombo Santos

Chefe Equipa

- Fur Milº “Cmd” António Manuel Constantino Vassalo Miranda
- Fur Milº “Cmd” Joaquim António Nunes
- Fur Milº “Cmd” Manuel Victor dos Santos Moita
- Fur Milº “Cmd” Carlos Alberto Pereira Lopes
- Fur Milº “Cmd” Eduardo José Pons Queiroz do Cruzeiro⁸
- Fur Milº “Cmd” Fernando Manuel Marques de Matos⁹

Praças

- 1º Cabo “Cmd” 103/E, Marcelino da Mata

⁸ Desertor em Jan65

⁹ Substituiu em 12Fev65 o Furriel Cruzeiro

- 1º Cabo “Cmd” 323/61, Manuel Tibério Azevedo
- 1º Cabo “Cmd” 1739/62, Armandino Teixeira Alves
- 1º Cabo “Cmd” 1939/62, José Ferreira da Silva
- 1º Cabo “Cmd” 245/63, Aires Ferreira Mendes
- 1º Cabo “Cmd” 691/RD, João Manuel Borralho Serra
- 1º Cabo “Cmd” 2021/63, João Paulo Bragança Martins Ribeiro
- 1º Cabo “Cmd” 4621/63, Manuel Santos Ferreira Oliveira
- 1º Cabo “Cmd” 215/63, José Manuel
- 1º Cabo “Cmd” 25/E, Abdulai Queta Jamanca¹⁰
- Soldado “Cmd” 16/64, Barcar Baldé
- Soldado “Cmd” 136/61, Abdulai Jaló
- Soldado “Cmd” 71/62, Victor Fernandes
- Soldado “Cmd” 1754/62, Isidro António Róios
- Soldado “Cmd” 72/63, Ricardo Luis Calças Generoso
- Soldado “Cmd” 75/63, Jorge Ramalho Godinho
- Soldado “Cmd” 235/63, Sebastião Francisco Conceição Veiga
- Soldado “Cmd” 140/63, António David Rodrigues
- Soldado “Cmd” 118/63, António de Jesus Piçarra
- Soldado “Cmd” 216/63, Manuel Patrício Domingos
- Soldado “Cmd” 1416/62, Manuel Maria Chaves Capelas
- Soldado “Cmd” 1390/62, José Joaquim Silva Rodrigues
- Soldado “Cmd” 1477/62, José de Jesus Francisco
- Soldado “Cmd” 4698/63, Manuel Alves de Oliveira Leite
- Soldado “Cmd” 825/62, Aníbal dos Santos Afonso¹¹
- Soldado “Cmd” 1513/62, Manuel Joaquim Fernandes Pinto

O pessoal remanescente dos “Panteras” integrou-se, em meados de 1965, no novo grupo os “Diabólicos”.

Estes Grupos actuaram em todo o território da Guiné até Julho de 1965, altura em que terminaram a sua missão, visto a maioria dos seus elementos terminar a comissão de serviço nesse mês.

Ao Comandante do CIC, Major de Infª “Cmd” Correia Dinis, a quem já tinha sido averbada a Aptidão Especial de “Comando” e entregue o respectivo crachá em 29 de Abril de 1964 pela sua participação no estágio em Angola,

¹⁰ Por lapso não foi averbado o 1º Curso de Comandos ao 1º Cabo Abdulai Queta Jamanca por se encontrar, na altura, no HMP/LISBOA, por acidente em serviço durante o 1º Curso de Comandos. Logo que teve alta, foi integrado nos “Panteras” e posteriormente nos “Diabólicos”.

¹¹ Faleceu em 29Out64

é-lhe considerado a frequência, com aproveitamento, do 1º Curso de Comandos da Guiné, atendendo ao trabalho fundamental que desenvolveu na criação do Centro de Instrução de Comandos da Guiné, pelo planeamento da instrução e pela participação posterior em acções operacionais integrando os grupos de combate.



Grupo de Comandos CAMALEÕES – Brá, no final do 1.º Curso de Comandos da Guiné em 17Out64



Grupo FANTASMAS – Equipa do Fur Pires (ao centro)



1.ª Equipa dos PANTERAS; reconhecem-se da esquerda para a direita: 1Cab Marcelino da Mata; 1Cab Silva; Fur Vassalo Miranda; Sold Godinho...

O REFORÇO DO CORPO DE INSTRUTORES

Como atrás se referiu o corpo de instrutores era insuficiente e não cobria todas as áreas de instrução; esta questão constituía uma das principais preocupações do Comando do CIC que em tempo oportuno colocou o assunto ao CTIG. Então é solicitado ao Ministério do Exército a nomeação temporária de uma equipa de instrutores como reforço à instrução. Em consequência das diligências efectuadas resultou a nomeação do seguinte pessoal para prestar serviço no CIC:

da Metrópole

- Ten Milº Infª Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso, do RI 8
 - 2º Sarg Infª José Manuel Ferreira Gaspar, do RI 13
- apresentaram-se em 16 de Agosto de 1964, conforme atrás referido

da Região Militar de Angola

- Alf Milº Cav Luís Filipe Mayer da Câmara Pina, do CI 25
 - Fur Milº Pompílio Manuel Pereira Gato, do CI 25
 - 1º Cabo nº 163/A Manuel Francisco Pires Junior, do CI 25
- apresentaram-se em 16 de Setembro de 1964.

O Ten Abreu Cardoso foi de imediato integrado na instrução como Adjunto do Director de Instrução face aos seus conhecimentos e experiência entretanto adquiridos nos Comandos de Angola.

A equipa da RMA assegurou o programa da mentalização na formação dos Quadros instrutores, tendo para o efeito alterado a técnica utilizada em Angola, ajustando-a à realidade da Guiné; contudo os processos utilizados mantiveram-se ou seja, os instrumentos afectos à mentalização continuaram a ser a VOZ, o JORNAL, os CARTAZES e os PROGRAMAS MUSICAIS.

Voluntariamente, esta equipa acompanhou, em Outubro de 1964, o Grupo de Comandos “OS GATOS” em operações em Sinre, Queré e Cã-Quebo, na região do Óio. No fim desta cooperação foi constituída uma equipa de mentalização do CIC da Guiné, capaz de assegurar no futuro esta área tão importante na formação e maneira de estar dos Comandos, chefiada pelo Alferes Godinho.

A equipa de Angola regressou àquela Província em 25 de Novembro de 1964. Entretanto no âmbito da cooperação e apoio à instrução por pessoal dos Comandos de Angola, chegou à Guiné, em 22 de Setembro, o Grupo de Combate “OS GATOS”, comandado pelo Alf Milº Horácio Francisco Martins Valente, do BArtª 400, da RMA. Este Grupo, para além do apoio às actividades do 1º Curso de Comandos, participou, à ordem do COMCHEFE, em diversas ac-

ções operacionais em todo o território da Guiné, conseguindo resultados muito positivos, quer em baixas causadas ao In, quer na captura e destruição de material de guerra. O Grupo participou nas seguintes operações:

- golpe de mão a um acampamento In em Sinre
- golpe de mão a um acampamento In em Queré
- reconhecimento armado em Cã-Quebo

A constituição do Grupo “OS GATOS” era a seguinte:

- Alf Milº Horácio Francisco Martins Valente
- Fur Milº António Pais
- Fur Milº Manuel Carvalho Ventura
- Fur Milº Mário António Martins Casaca
- 1º Cabo nº 13/63/A – José Manuel Rodrigues
- 1º Cabo nº 224/62 – Manuel Joaquim Pires da Silva
- 1º Cabo nº 526/62 – Alcides da Costa Fontainhas
- 1º Cabo nº 311/62 – osé Correia Soares
- 1º Cabo nº 317/62 – Mauricio Lagrado da Calva
- 1º Cabo nº 685/62 – Adelino Farinha Maurício
- 1º Cabo nº 340/62 – Francisco Pinto Nunes
- 1º Cabo nº 562/62 – Fernando da Silva Rocha
- 1º Cabo nº 362/62 – Inácio da Purificação da Cunha Aires
- 1º Cabo nº 338/62 – Alfredo Maria Gomes
- 1º Cabo nº 1247/62 – João de Deus Ramos
- 1º Cabo nº 775/62 – Manuel Alexandre Rocha Rodrigues¹²
- 1º Cabo nº 328/62 – Américo da Silva Filipe
- Soldado nº 383/62 – Carlos Valdemar Mesquita
- Soldado nº 463/62 – Humberto da Silva Tavares
- Soldado nº 289/62 – Manuel Augusto Romão Amieiro
- Soldado nº 231/62 – José Andrade Fernandes Duro
- Soldado nº 447/62 – José Maria Farroba
- Soldado nº 445/62 – Lourenço Vicente Manteigas Júnior
- Soldado nº 514/62 – Manuel António Madaleno
- Soldado nº 428/62 – José Meireles Pacheco
- Soldado nº 286/62 – Jaime da Graça Almeida
- Soldado nº 453/6 – António Justino Baltazar
- Soldado nº 427/62 – Manuel Antunes da Silva

¹² Era cozinheiro

- Soldado nº 625/62 – João da Silva Batista
- Soldado nº 487/62 – José Joaquim dos Santos
- Soldado nº 638/62 – António Rodrigues Moreira
- Soldado nº 353/62 – Deodato Piteira Gomes
- Soldado nº 622/62 – António de Almeida Lopes
- Soldado nº 256/62 – Manuel Carvalho

Entretanto o tempo não parava e a necessidade de continuar a formação de Comandos era inegável. O Boletim de Informação do Ministério do Exército, em finais de 1964, divulgava oficialmente as primeiras considerações sobre os Grupos Comandos, nos seguintes termos:

"A actividade desenvolvida pelos Grupos de Comandos conduziu a resultados muito remuneradores. Prova-se deste modo a necessidade de se poder dispor de uma tropa com instrução especializada, apta a desempenhar missões que, pelas suas características, está fora das capacidades das unidades normais ..."

GRUPO DE COMANDO "os gatos"

1963 ANGOLA - GUINÉ 1965



Grupo de Comandos "OS GATOS" de Angola. O grupo apoiou a instrução do 1.º Curso de Comandos da Guiné e participou em diversas acções operacionais. O Fur Chaves frequentou o 2.º Curso de Comandos (CIC25)

Porém a situação não era fácil. Os três Grupos de Comandos a partir de Abril de 1965 seriam muito desfalcados pelo fim das comissões de serviço, e o problema do voluntariado e reacomodamento do pessoal nas Unidades antevia-se muito difícil, à semelhança do que tinha acontecido para o início do 1º curso. Estas preocupações eram já do conhecimento do Comando do Exército pois, aproveitando a presença do Major Correia Dinis na Metrópole por motivo de férias, em Novembro de 1964, este é convocado para uma reunião de trabalho com o Secretário Adjunto da Defesa Nacional, General Deslandes, onde a problemática da organização e formação dos Comandos na Guiné e o seu real interesse para a guerra, foram equacionados.

O Major Correia Dinis apresentou alguns problemas que o preocupavam tais como a dúvida da capacidade do Centro de Instrução de Comandos de Angola em formar comandos para a Guiné em tempo oportuno e ainda a da enorme necessidade da chegada de pessoal da Metrópole para substituir, nos Batalhões, os voluntários para os Comandos. O General Deslandes informou que o CTIG podia solicitar mais efectivos, prometendo um parecer favorável sobre o assunto e o seu próprio empenhamento pessoal. O Major Correia Dinis solicitou por fim que estas situações fossem clarificadas e concretizadas, após o que então o CIC/CTIG poderia pensar em formar, ou não, novos grupos de comandos. Estavam desta forma a ser lançadas as bases para a realização do 2º Curso de Comandos em Julho de 1965, com o apoio administrativo e de serviços da CCS do BArt^a 733 que, em 28 de Dezembro de 1964 se instalou em Brá.

REFERÊNCIAS ELOGIOSAS

Da actividade desenvolvida pelo pessoal que veio expressamente do exterior apoiar a instrução no CIC e reforçar as acções operacionais no CTIG, sobressaiu o empenho, competência e espírito de missão de alguns militares que foram referidos elogiosamente em termos públicos pelo Comandante Militar, bem como o Grupo de Combate “OS GATOS”, nos seguintes termos:

por seu despacho de 06NOV64

- *O Ten Mil^o Jaime Rodolfo Abreu Cardoso, do RI 8, em diligência no CTI-Guiné, “porque como Instrutor no Centro de Instrução de Comandos demonstrou possuir conhecimentos excepcionais das funções que veio desempenhar; à sua acção se deve, em parte, o bom resultado obtido na formação de três Grupos de Comandos. Oficial honesto no seu trabalho, sabedor, sensato e brioso, que sempre tomou parte, como voluntário, em todas as acções realizadas pelos Grupos de Comandos”.*

por seu despacho de 28NOV64

- O Alf Milº Luís Filipe Mayer da Câmara Pina, do QG/RMA, “porque tendo-lhe sido cometido o encargo relativo à “Mentalização dos Grupos”, no exercício das funções de Instrutor do 1º Curso de Comandos realizado neste CTIG, se houve de tal forma que demonstrou possuir apreciáveis conhecimentos, pelo bom rendimento obtido dos instruendos. Oficial competente, disciplinado e disciplinador procurou sempre, durante os dois meses em que exerceu as funções atrás referidas, documentar-se o melhor possível sobre as condições da luta na Província da Guiné, integrando-se para isso e voluntariamente, nas várias operações efectuadas por um Grupo de Comandos, nomeadamente em golpes de mão a acampamentos e reconhecimentos armados”.

por seu despacho de 28NOV64

- O Alf Milº Horácio Francisco Martins Valente, Comandante do Grupo de Comandos “GATOS”, do BArtº 400 da RMA “porque, sendo destacado para este CTIG em Setembro do corrente ano com o seu pelotão, exerceu de forma notória uma actividade operacional eficiente, nomeadamente nos golpes de mão executados na região de ÓIO, conseguindo obter sempre bons resultados, não só pelas baixas causadas ao In, como pelo armamento apreendido. Oficial muito competente e de forte personalidade, impôs-se sempre pelas suas reais qualidades de valentia. Disciplinado, disciplinador e de extraordinário bom senso, soube mentalizar e instruir o seu Grupo de tal maneira que o mesmo bem pode ser considerado como modelo de Grupo de Comandos”.

por seu despacho de 28NOV64

- O Grupo de Comandos “Os Gatos”, do BArtº 400 da RMA, destacado para o CTIG, “pela forma notória como se empenhou, exercendo uma actividade operacional eficiente, nomeadamente nos golpes de mão levados a efeito na região de ÓIO, com excelentes resultados, não só pelas baixas infligidas ao In, como também pelo apreciável armamento capturado. É igualmente de evidenciar o agrado que este Grupo produziu durante o período de serviço que prestou neste CTIG, em resultado da prova evidente de correcção e disciplina demonstradas por todos os seus componentes - graduados e praças -, em que aqueles pugnaram pelo bom nome e prestígio da Unidade a que pertencem e estas pelo porte irrepreensível que duma maneira geral exibiram, revelando em elevado grau uma excelente educação militar, manifestada em especial no respeito para com os superiores e nas boas relações mantidas com todos os camaradas, sem distinção.”

1965 – O 2º CURSO DE COMANDOS DA GUINÉ

A AFIRMAÇÃO E RECONHECIMENTO DA TROPA COMANDO

Em finais de 1964 e primeiros meses de 65, a actividade operacional desenvolvida pelos três grupos de Comandos formados no 1º Curso, era intensa. Actuavam maioritariamente à ordem do Comando-Chefe em todo o território e por vezes eram colocados nos Sectores dos Batalhões sendo empenhados em acções apropriadas à sua preparação e constituindo um factor de estímulo e aperfeiçoamento da eficiência operacional dessas Unidades; actuavam assim como Grupos de Intervenção nas regiões de Madina do Boé, Catió, Farim, Jabadá e Canjambari entre outras.

O Boletim de Informação do Ministério do Exército de Dezembro de 1964, atrás mencionado, difundiu também as primeiras acções e resultados obtidos pelos grupos, afirmando:

“... Um grupo em actuação em Canjambari efectuou uma acção de muito interesse sobre um bando de terroristas instalado a coberto do rio. Apoiados por um pelotão de auto-metralhadoras, os Comandos transpuseram o rio e lançaram-se ao assalto do IN, bem instalado no terreno e com bom e numeroso armamento. O IN foi desalojado, tendo deixado várias baixas no local.

Outro grupo efectuou uma emboscada na mesma região causando ao IN 2 mortos e vários feridos, tendo sido capturadas várias espingardas, pistolas metralhadoras e granadas de mão.

Na zona de TITE, outro grupo realizou um golpe de mão a NE daquela povoação; foram capturadas 8 espingardas, 1 pistola-metralhadora e várias granadas de mão”.

A actividade operacional desenvolvida traduzia-se fundamentalmente na execução de muitas dezenas de emboscadas e golpes de mão em áreas de muito difícil acesso, onde o IN instalava as suas bases tácticas e montava os acampamentos temporários.

Dados os bons resultados obtidos havia que continuar, aproveitando a experiência adquirida que confirmava os aspectos essenciais da formação de “Comandos”, ou seja:

- disciplina e grande espírito de sacrifício
- forte espírito de corpo e camaradagem
- domínio e controlo dos impulsos
- treino intenso

- elevada preparação física
- instrução e prática de tiro
- técnicas de sobrevivência
- processos e técnicas de ligação
- explosivos, minas e armadilhas
- preparação psicológica e mentalização

Era evidente o valor desta tropa especial, demonstrado pelos resultados obtidos. Com iniciativa e muito vigor superavam todas as dificuldades; os grupos de Comandos eram os que mais contactos tinham com o IN; contacto efectivo em mais de 80% das saídas para o mato, com muito material capturado e causando inúmeras baixas.

Impunha-se continuar a formação de mais grupos de combate, considerando igualmente que muitos dos elementos dos 3 primeiros grupos terminavam a comissão em meados de 1965 e o seu efectivo inicial se ter reduzido face a algumas baixas resultantes das acções operacionais ou por doença.

Era extremamente necessário e urgente, iniciar um novo curso de Comandos. Contudo não foi fácil; mantinham-se os mesmos problemas na selecção de pessoal à semelhança do ocorrido no 1º curso, ou seja muitos Comandantes de Batalhão e Companhia, com alguma razão, não encaravam bem a cedência do seu melhor pessoal, optando pela nomeação dos militares que mais problemas traziam à disciplina das suas Unidades ou aqueles que maior debilidade física ou psíquica apresentavam, não respeitando assim o espírito que presidia à formação dos grupos de Comandos o que originava muitas baixas de aproveitamento.

O INÍCIO DA INSTRUÇÃO

– ESCOLA PREPARATÓRIA DE QUADROS

Entretanto o dia a dia do CIC continuava a decorrer entre a actividade operacional, os preparativos para a Escola de Quadros e o planeamento do 2º Curso, previsto começar em meados de 1965.

O Tenente-Coronel de Infª “Cmd” António Machado Correia Dinis, por terminar a comissão, deixou de comandar o Centro de Instrução de Comandos em 04 de Maio de 1965.

O Capitão de Artilharia Nuno José Varela Rubim, que tinha chegado à Guiné ainda Tenente em 19 de Novembro de 1964 com destino à CArª 644, foi colocado no BCaª 645 em Mansabá e já com alguma experiência operacional bem sucedida, é proposto para substituir o TCor Dinis, apresentando-se no CIC



**Capitão Rubim, Comandante do CIC
a partir de Maio de 1965**

em Abril de 1965, passando a comandá-lo desde 04 de Maio de 1965.

Em Junho o Comando e a CCS do BArt^a 733 marcham para Farim, deixando assim o pessoal do CIC de lhe estar adido.

Ultrapassadas em parte as dificuldades da selecção e recrutamento do pessoal, teve início em 31 de Maio de 1965 e terminou a 22 de Junho a instrução da Escola de Quadros do 2º Curso de Comandos com o seguinte pessoal Instrutor, Monitor e Instruendo:

Director de Instrução

- Capitão de Art^a. – Nuno José Varela Rubim

Instrutor:

- Alferes Mil^o. “Cmd” – Justino Coelho Godinho – Camaleões

Monitores:

- 2º Sargento de Inf^a “Cmd” – José Justino de Cabedo Lencastre
- 2º Sargento de Inf^a “Cmd” – Mário Fernando Roseira Dias – Camaleões/
/Apaches
- Furriel Miliciano “Cmd” – Manuel Victor Santos Moita – Panteras
- Furriel Miliciano “Cmd” – António Manuel Vassalo Miranda – Panteras
- Furriel Miliciano “Cmd” – Ilídio José M. Leonor – Camaleões
- Furriel Miliciano “Cmd” – António M. Pereira Fabião – Camaleões
- Furriel Miliciano “Cmd” – Joaquim António Nunes – Panteras
- Furriel Miliciano “Cmd” – Carlos Alberto Pereira Lopes – Panteras
- Furriel Miliciano “Cmd” – João Carlos Gomes Alves de Matos – Fantasmas

Instruendos:

- Alferes Mil^o - Luis Manuel Nobreza Rainha, da CCav 704
- Alferes Mil^o António Amadeu Couto Neves da Silva, da CCAç 762
- Alferes Mil^o António Joaquim Pereira Vilaça, da CCAç 726
- Alferes Mil^o Victor Manuel Cardoso Caldeira, da CCAç 764

- Alferes Milº Virgínio António Moreira da Silva Briote, da CCAç 489
- Furriel Milº Joaquim José dos Santos Prates, da CArt 730
- Furriel Milº José João Moura dos Santos, da CArt 644
- Furriel Milº Fernando José Gomes Cordeiro, da CCav 704
- Furriel Milº Caetano de Faria Azevedo, da CCAç 764
- Furriel Milº Carlos Alberto da Rosa Baptista, da CCAç 674
- Furriel Milº Heitor Carlos Garrido Madeira Frago, da CPM 590
- Furriel Milº Joaquim Teixeira Olivença, da CArt 732
- Furriel Milº Fernando Manuel, do PelCaç 953
- Furriel Milº João Severo Parreira, da CArt 730

Em 02 de Julho realizou-se a cerimónia da entrega dos crachás aos graduados que terminaram a instrução com aproveitamento.

Tendo em conta as qualidades e experiência adquiridas no ano anterior, quer na Operação “Tridente”, quer na execução do 1º Curso e na intensa actividade operacional desenvolvida, o Capitão Milº “Cmd” Maurício Leonel Sousa Saraiva, foi nomeado, por um período de dois meses, para ministrar instrução de Comandos no CTIG; apresentou-se em 21 de Julho de 1965, com guia de marcha passada pelo RI 10, ficando apresentado no Quartel-General; integrou o corpo de instrutores do 2º Curso desempenhando as funções de Director de Instrução.

JULHO DE 1965

– O CURSO DE PRAÇAS E O APROVEITAMENTO FINAL

As praças seleccionadas entre os voluntários para a frequência do curso, apresentaram-se no CIC e iniciaram o mesmo em 14 de Julho de 1965. Teve a duração de oito semanas, tendo terminado em 04 de Setembro de 1965.

A relação de todo o pessoal que terminou com aproveitamento o 2º Curso de Comandos da Guiné é a seguinte:

- Alferes Milº – António Joaquim Pereira Vilaça, da CCAç 726 – Vampiros
- Alferes Milº – António Amadeu Couto Neves da Silva, da CCAç 762 – Apaches
- Alferes Milº – Victor Manuel Cardoso Caldeira, da CCAç 764 – Vampiros
- Alferes Milº – Luís Manuel Nobreza de Almeida Rainha, da CCav 704 – Centuriões
- Alferes Milº – Virgínio António Moreira da Silva Briote, da CCav 489 – Diabólicos
- 2º Sargento – Mário José Machado Valente, da CCS/QG – Diabólicos
- Furriel Milº – Augusto Rodrigues Valente de Sousa, da CCAç 726 – Centuriões/Diabólicos
- Furriel Milº – Carlos Joaquim Viegas Guedes, da CCAç 726 – Vampiros

Furriel Milº – António Mário Bacalhau Timóteo Xabregas, da CCaÇ 726 – Vampiros
 Furriel Milº – Caetano de Faria Azevedo, da CCaÇ 764 – Diabólicos
 Furriel Milº – José João Moura dos Santos, da CArT 644 – Vampiros
 Furriel Milº – João Severo Parreira, da CArT 730 – Fantasmas/Apaches
 Furriel Milº – Fernando José Gomes Cordeiro, da CCav 704 – Apaches
 Furriel Milº – Fernando Manuel Marques de Matos, da Pel Caç 953 – Diabólicos
 Furriel Milº – João Carlos Gomes Alves de Matos, da CCaÇ 555 – Fantasmas/Panteras
 Furriel Milº – Heitor Carlos Garrido Madeira Fragoso, da CPM 590 – Centuriões
 1º Cabo nº 845/P – Júlio Alexandre Costa Abreu, da CCS/QG – Centuriões
 1º Cabo nº 901/P – Alfredo Fernandes de Tudela Júnior, da CCS/QG – Vampiros
 1º Cabo nº 2279/64 – José Henrique Cristóvão, da CCS/BCav 790 – Diabólicos
 1º Cabo nº 33/P – Armando Gonçalves Silva, da 3ª CCaÇ – Camaleões/Apaches
 1º Cabo nº 4482/63 – Laurindo Reis dos Santos, da CArT 640 – Centuriões
 1º Cabo nº 269/64 – Faustino dos Santos Viegas, da CArT 730 – Fantasmas
 1º Cabo nº 71/64 – José Maria Branco, da CArT 732 – Apaches
 1º Cabo nº 97/64 – António Rita Domingos, da CArT 732 – Diabólicos
 1º Cabo nº 153/64 – Manuel António Xarepe, da CArT 732 – Fantasmas/Apaches
 1º Cabo nº 328/64 – Virgínio António Gaspar José, da CCav 702 – Centuriões
 1º Cabo nº 106/64 – Raul Dorez da Silva, da CCav 704 – Centuriões
 1º Cabo nº 539/64 – Carlos Alberto Marques Messias – Apaches
 1º Cabo nº 1797/64 – Alberto Alves, da CCav 788 – Apaches/Vampiros
 1º Cabo nº 1637/64 – Casimiro Oliveira Anselmo, da CCav 789 – Apaches/Diabólicos
 1º Cabo nº 2496/64 – Carlos Filipe Almeida Rocha Faria, da CCaÇ 462 – Diabólicos
 Soldado nº 39/58 – Momo Camará, da CCS/QG
 Soldado nº 169/E – Lifna Cumba, da CCS/QG – Camaleões/Apaches/Vampiros/Diabólicos
 Soldado nº 111/62 – Bacar Djassy, da CCS/QG – Diabólicos
 Soldado nº 190/60 – Gouveia Yalá, da CCS/QG – Camaleões
 Soldado nº 699/64/U – Mamadjau Jaló, do Agr 16 – Diabólicos
 Soldado nº 2938/63 – Joaquim Ferreira da Silva, da CCS/BCaÇ 619 – Centuriões
 Soldado nº 2953/63 – Manuel Joaquim Ferreira Matias, da CCS/BCaÇ 619 – Fantasmas
 Soldado nº 3062/63 – Albino Ferreira da Silva, da CCS/BCaÇ 697 – Panteras/Diabólicos
 Soldado nº 288/64 – José Vicente Caleiro Júnior, da CCS/BCaÇ 697 – Panteras/Diabólicos
 Soldado nº 2784/6 – José Luís dos Santos, da CCS/BCaÇ 697 – Panteras
 Soldado nº 593/62 – Reinaldo Angelo de Oliveira, da CCS/BCav 705 – Apaches
 Soldado nº 2520/63 – João Lúcio Passadinhas, da CCS/BCav 705 – Vampiros
 Soldado nº 2363/64 – António Jesus da Silva, da CCS/BCav 790 – Centuriões/Diabólicos
 Soldado nº 4/63 – Justo Orlando Nascimento, do CIM – Vampiros/Diabólicos (Mansoa)
 Soldado nº 25/64 – Pedro Costa Malan Sani, do CIM – Apaches/Diabólicos
 Soldado nº 499/64/U – Raul Manuel Gomes, do CIM – Vampiros

- Soldado nº 2670/63 – Fernando Gaio Ferreira, da CCAç 618
 Soldado nº 1793/63 – Francisco Manuel Jerónimo, da CCAç 622 – Diabólicos
 Soldado nº 507/64 – João Gonçalves Mateus, da CCAç 674 – Vampiros
 Soldado nº 2350/63 – António Alves Maria da Silva, da CCAç 674 – Diabólicos
 Soldado nº 608/64 – Fernando Simões Moura, da CCAç 726 – Diabólicos
 Soldado nº 611/64 – António Francisco Amador Caeiro, da CCAç 726 – Diabólicos
 Soldado nº 621/64 – Luciano Florêncio, da CCAç 726 – Vampiros
 Soldado nº 783/64 – José Guerreiro Emilio, da CCAç 726 – Fantasmas/Centuriões/Vampiros
 Soldado nº 797/64 – Vitalino de Jesus Feijão, da CCAç 726 – Fantasmas/Centuriões/Vampiros
 Soldado nº 746/64 – José Abrantes de Oliveira, da CCAç 727
 Soldado nº 1924/64 – Cacildo Joaquim Gaboleiro, da CCAç 764 – Vampiros/Diabólicos
 Soldado nº 2/64 – Bacar Mané, do BAC – Diabólicos
 Soldado nº 4888/63 – António Manuel Gabino, da CArT 640 – Centuriões
 Soldado nº 1638/63 – Mário Brigue Henrique Dias, da CArT 642 – Apaches
 Soldado nº 1980/63 – Rolando da Costa Martins, da CArT 642 – Apaches
 Soldado nº 292/64 – António Paixão Ramalho, da CArT 730 – Vampiros
 Soldado nº 293/64 – João Maria Leitão, da CArT 730 – Vampiros
 Soldado nº 296/64 – Cândido Perno Tavares, da CArT 730 – Vampiros
 Soldado nº 304/64 – José de Oliveira Gonçalves, da CArT 730 – Vampiros
 Soldado nº 347/64 – Jacinto da Conceição Venâncio, da CArT 730 – Apaches
 Soldado nº 127/64 – Sebastião Ramalho Lavado, da CArT 732 – Apaches/Vampiros
 Soldado nº 424/64 – Fernando Antunes Pina, da CArT 732 – Diabólicos
 Soldado nº 185/64 – Mamadu Saliu Bari, da CCav 677 – Camaleões/Centuriões
 Soldado nº 1818/63 – Álvaro dos Santos, da CCav 677 – Diabólicos
 Soldado nº 1823/63 – Carlos Alberto dos Santos Roberto, da CCav 677 – Diabólicos
 Soldado nº 2262/63 – José Joaquim Pereira Marques, da CCav 678 – Panteras/Diabólicos
 Soldado nº 6/64 – Aurélio de Sousa Azinhaga, da CCav 703 – Diabólicos
 Soldado nº 31/64 – António Mamadu Sabali Camará, da CCav 703 – Vampiros
 Soldado nº 125/64/U – Domingos Lopes, da CCav 703 – Diabólicos
 Soldado nº 234/64 – Idílio Lourenço Filipe, da CCav 703 – Apaches
 Soldado nº 265/64 – José Alfredo Martins, da CCav 703 – Apaches
 Soldado nº 395/64 – Pedro Fernando Duarte Cardoso, da CCav 703
 Soldado nº 146/64 – Joaquim Silvério Barreto, da CCav 704 – Vampiros/Diabólicos
 Soldado nº 665/64 – Augusto Alfredo de Sá, da CCav 704 – Vampiros
 Soldado nº 1740/64 – José Augusto Loureiro, da CCav 788
 Soldado nº 1759/64 – António Gonçalves Duarte, da CCav 788
 Soldado nº 2256/64 – José Filipe Ferreira, da CCav 788
 Soldado nº 1620/64 – José Correia Martins, da CCav 789 – Diabólicos
 Soldado nº 1626/64 – Joaquim Ventura Esperto, da CCav 789 – Diabólicos

Soldado nº 1648/6 – José Feitinhas de Matos, da CCav 789 - Diabólicos
 Soldado nº 1654/64 – Diamantino Franco de Carvalho, da CCav 789 – Diabólicos
 Soldado nº 1730/64 – Ilídio Manuel Faria Coelho, da CCav 789 - Apaches
 Soldado nº 2157/64 – Inácio do Nascimento Rebelo, da CCav 789
 Soldado nº 4314/64 – Carlos Manuel Soares, do Pel Caç 955 - Apaches
 Soldado nº 19/64 – Braima Bá, da CDM – Fantasmas
 Soldado nº 47/64 – Adriano Sissecó, da CDM – Diabólicos
 Soldado nº 2356/61 – Fernando Bessa Afonso, da CCav 489 – Diabólicos

São estes militares que constituem os quatro Grupos de Comandos resultantes deste 2º curso e que se identificavam da seguinte forma:



Diabólicos - Comandado pelo Alferes
 Milº "Cmd" Silva Briote



Vampiros - Comandado pelo Alferes
 Milº "Cmd" Pereira Vilaça



Centuriões - Comandado pelo Alferes
 Milº "Cmd" Almeida Rainha



Apaches - Comandado pelo Alferes
 Milº "Cmd" Neves da Silva

Os Grupos do 2.º Curso de Comandos da Guiné – 1965. Emblemas de braço

Na cerimónia de encerramento do curso, os novos Comandos receberam os crachás que tinham gravado a divisa “AUDACES FORTUNA JUVAT”. No ombro esquerdo, bordado em pano, ostentavam a insígnia do grupo a que pertenciam e ainda o dístico “COMANDO”.

Os grupos diferenciavam-se pela cor do lenço que usavam ao pescoço, traduzindo grande orgulho e saudável disputa pela primazia do Grupo; as cores adoptadas foram respectivamente o preto pelos Diabólicos, o azul claro pelos Vampiros, o vermelho pelos Centuriões e o amarelo pelos Apaches.

Finalmente, em 05 de Setembro de 1965, fizeram a sua apresentação pública em Bissau; formaram na Praça do Império junto ao Palácio do Governador, prestaram as honras devidas ao Governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Guiné, Brigadeiro Arnaldo Schulz, e desfilaram perante a admiração da população, denotando enorme orgulho, aprumo e incontida vaidade.

Os quatro Grupos foram reforçados com o pessoal remanescente dos anteriores grupos que tinham sido extintos em Maio de 1965 face ao seu reduzido efectivo, o que aconselhava uma nova reorganização e melhor aproveitamento desse pessoal; os novos grupos beneficiaram assim da muita experiência e valor dos primeiros Comandos da Guiné.



2.º Curso de Comandos – Cerimónia de encerramento



Encerramento do 2.º Curso de Comandos. General Shultz (Comandante-Chefe), Cor Tir Guerra Correia (Comandante Militar) e Capitão Rubim (Comandante CIC)

Os Diabólicos receberam o pessoal remanescente dos Panteras; os Comandos dos Fantasmas integraram-se nos Centuriões e os Apaches foram reforçados com o pessoal remanescente dos Camaleões.

No ano de 1965 e até final do 2º curso de comandos, houve pessoal que se distinguiu sobremaneira não só no âmbito das actividades de instrução quer na Escola Preparatória de Quadros, quer no curso, demonstrando total disponibilidade, dedicação e vontade de bem servir, como na intensa actividade operacional que decorria em simultâneo e que empenhava igualmente instrutores e instruendos, prolongando-se mesmo para além do curso. Os grupos de combate após o curso e já devidamente constituídos tomaram parte em numerosas operações e acções operacionais com enorme êxito: destacamos a Operação “Centopeia”, à base de Iracunda na zona do Oio, em que participaram os 4 grupos e ainda a Operação “Flecha” (Diabólicos), a Operação “Churrasco” (Vampiros), a Operação “Águia Negra” (Apaches) e a Operação “Trajectória” (Centuriões).

Em todas estas actividades, desenvolvidas em 1965, foram evidenciados e referidos elogiosamente os militares Comandos que mais se distinguiram, de que resultaram muitos louvores e condecorações.

Como curiosidade refere-se que os Comandos do 2º curso continuaram a tradição, que vinha do tempo dos primeiros grupos, de não usarem calções quando uniformizados; embora não fosse uma determinação superior, antes uma regra interna tacitamente aceite por todos, era cumprida como forma de diferença.



Grupo PANTERAS embarca num DAKOTA para o Norte da Guiné - 1964



Fantasma – regresso da Op. “Faena” na zona de Antuane



Fantasma em Canjambari-Morocunda, após uma acção operacional



Bigene – pista de aviação – 1966. Da esquerda para a direita: Alf Neves da Silva, 2º Sarg Mário Dias e Fur Parreira



Comandos dos
CAMALEÕES
examinam uma pistola
TOKAREV capturada.
Da esquerda para a
direita:
Sold Duarte,
Fur Silva
e 2º Sarg Mário Dias



Op. “Hermínia” – Jabadá.
1ª Operação helitransportada na Guiné



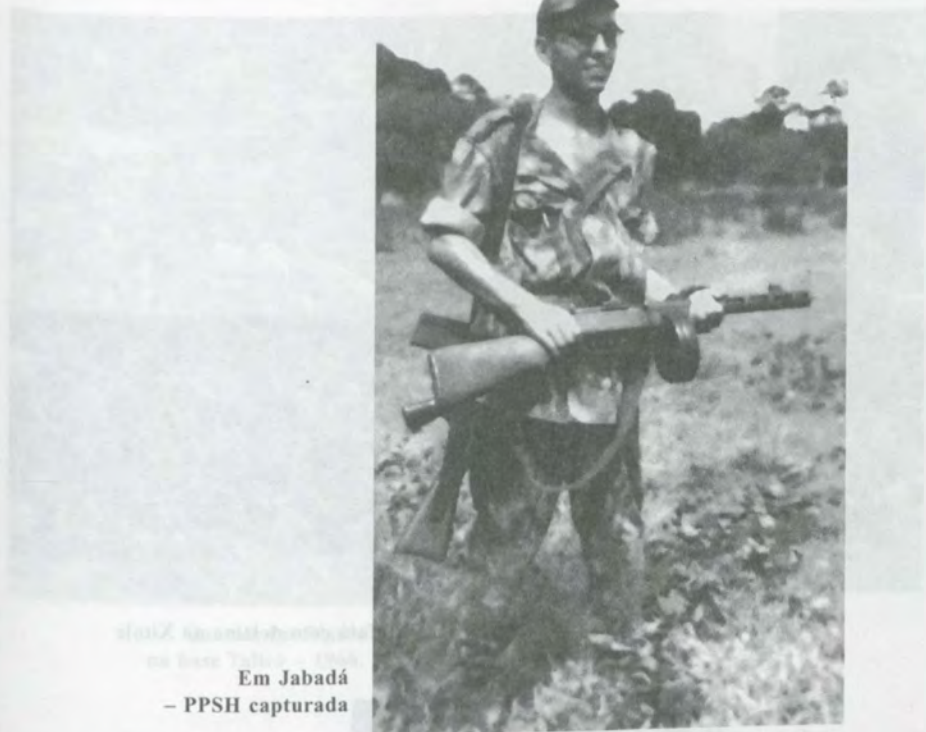
Op. “Hermínia” – Jabadá



Op. “Hermínia” – Jabadá



Capitão Leandro, Comandante da CCmds,
acompanhou os grupos Diabólicos e Centuriões
na Op. “Hermínia”



Em Jabadá
– PPSH capturada



Material capturado na base Talicó – 1966 – Grupo APACHES



Diabólicos – Base Aérea. Embarque para Bafatá com destino ao Xitole



No aquartelamento
do Xitole
os 2º Sarg Mário
Dias e Fur Parreira



Quartel em Bigene – material capturado pelos APACHES
na base Talicó – 1966. À direita o guia que acompanhou o grupo



Vampiros – a aguardar embarque



Op. “Sitio” Jan66. Armamento e munições capturadas na base Talicó pelo Grupo APACHES – 1966.

À esquerda o Sold “Cmd” Carlos Alberto com um soldado da Companhia aquartelada em Bigene



Diabólicos – 1.ª Equipa pronta a iniciar uma acção operacional.

Da esquerda para a direita: 1.º Cabo “Cmd” Djamanca, Alferes “Cmd” Briote, Soldado “Cmd” Lifna Cumba (morto em Outubro de 1966, na 3.ª CCmds), 1.º Cabo “Cmd” Jesus e 1.º Cabo “Cmd” Abreu.



Op. "Atraca" – Aproximação ao objectivo



Op. "Atraca" – Alerta total

Se
 Fernando Cadjona
 Page sentral (Moses) 12-5-64
 Acácio Pereira Cadjona

 Acácio Pereira
 Cadjona



~~Simbio~~ **D.F.I.C.C.**
 Guia
 Por esta guia faz saber
 e que segue para fran-
 teira o soldado nomeado
 Acácio Cadjona que
 vai tratar do seu assen-
 to pessoal com a licen-
 ça de 10 dias para que
 não haja impedimento
 no seu trânsito passo-lhe
 esta guia assinada por
 mmn Responsável Militar.
 Ch. 1558
 outubro 18 de 1964

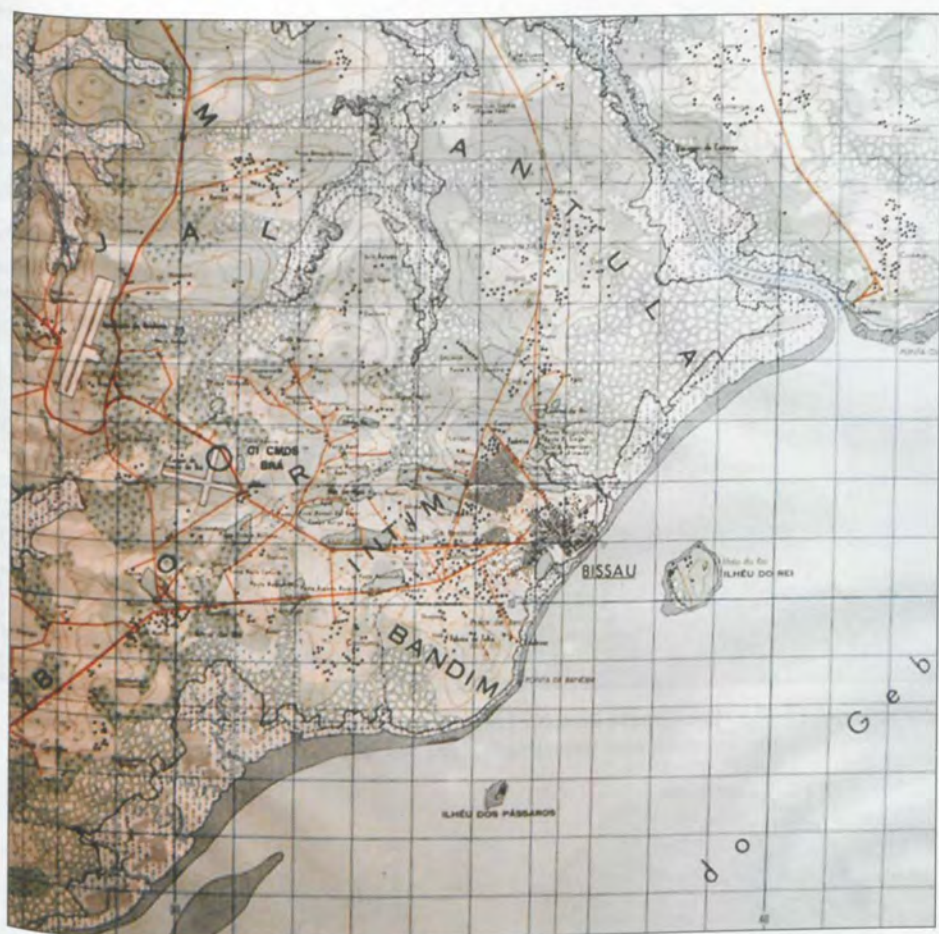


Mapa da Guiné

Croquis da Operação Tridente
Baseado na Carta da Província da Guiné Portuguesa (1961)



Ilhas de CAIAR, COMO e CATUNCO Jan/Mar64



Área de Bissau



Grupo de Comandos
FANTASMAS



Grupo de Comandos
CAMALEÕES



Grupo de Comandos
PANTERAS



Grupo de Comandos
DIABÓLICOS



Grupo de Comandos
VAMPIROS



Grupo de Comandos
CENTURIÕES



Grupo de Comandos
APACHES



O primeiro emblema de boina e o primeiro Crachá Comando



Guião da Companhia
de Comandos da Guiné - 1965/66



Cartão de identificação de militar comando assinado pelo Comandante do CIC, Major "Cmd" Correia Dinis



1º Cabo "Cmd" Justo junto às instalações dos "VAMPIROS" no CIC, em Brá

A REORGANIZAÇÃO DO CIC – A COMPANHIA DE COMANDOS (CCMDS)

Após a conclusão do 2º curso, o comando do CIC aprofundou os estudos sobre a organização do Centro analisando as vantagens e inconvenientes em manter a estrutura que tinha sido levantada para os dois primeiros cursos, considerando como base de trabalho a experiência adquirida, resultados obtidos e perspectivas de empenhamento futuro.

Concluiu-se que havia toda a vantagem em criar uma Companhia de Comandos autónoma, orgânica da estrutura do Comando Militar, em que o seu efectivo não estivesse em diligência e como tal dependente administrativamente das Unidades de origem, evitando-se assim muitas dificuldades.

Pretendia-se melhorar a articulação do emprego operacional dos grupos, rentabilizar a utilização das infraestruturas, facilitar e uniformizar os aspectos administrativos, logísticos e do apoio de serviços e integrar a instrução com adequada gestão do pessoal operacional e meios auxiliares de instrução disponíveis; a concretização destas medidas teria reflexos positivos na melhoria da instrução, no estado moral, físico e disciplinar do pessoal, para além de acentuar uma maior coesão e melhor identificação da especificidade da Tropa Comando.

Aprovadas que foram estas orientações, decidiu-se a extinção do Centro de Instrução de Comandos, que se constituiu em Companhia de Comandos (CCMDS) a partir de 01 de Novembro de 1965, continuando aquartelada em Brá.



Guião da Companhia
de Comandos
da Guiné – 1965/66

Ver reprodução a cor na página XIX

1966 – A EXTINÇÃO DOS GRUPOS DE COMANDOS

O 3º CURSO DE COMANDOS

A redução do efectivo dos Grupos de Combate acentuava-se devido quer à passagem à situação de disponibilidade da maioria dos militares quer às baixas sofridas em combate ou ainda por motivo de doenças.

Por outro lado o reacompanhamento era insuficiente, mantendo-se a atitude de alguma forma hostil dos Comandantes de Batalhão e Companhia em ceder pessoal, normalmente o mais capaz, para os Comandos.

A situação agravava-se cada vez mais pelo que era urgente a realização de um novo curso de Comandos tendo em vista suprir as faltas de pessoal dos Grupos. Por este motivo o QG/CTIG difunde pelas Unidades, em Dezembro de 1965, uma nota determinando a nomeação de pessoal para prestação de provas com vista ao ingresso nos Comandos.

Desta forma teve início o planeamento e preparação do 3º Curso que teve lugar na Companhia de Comandos (Brá) no período de 9 de Março a 28 de Abril de 1966. A relação do pessoal que frequentou com aproveitamento o 3º Curso de Comandos é a seguinte:

- 2º Sarg Galileu Sanches Cordeiro, do BCaÇ 1861 - Diabólicos
- Fur Milº Jorge Leonel Ávila P. Ázera, da CCaÇ 726 – Vampiros/Diabólicos/3ª Cnds
- 1º Cabo nº 39/65 (152/A) Júlio Pinto, do BCaÇ 1858 – Diabólicos (Mansoa)
- 1º Cabo nº 250/65 (156/A) Henrique Vitorino Cachaço, da CCaÇ 1427
– Vampiros/Diabólicos (Mansoa)
- 1º Cabo nº 3099/64 (164/A) Agostinho da Silva Moreira, da CCaÇ 800
- 1º Cabo nº 3216/64 (165/A) Carlos Raul da Rosa Ricardo, da CCaÇ 800
- Soldado nº 155/65 (150/A) Joaquim José Maneiras Russo, da CCaÇ 1417
– Diabólicos (Mansoa)
- Soldado nº 206/65 (151/A) Manuel Amândio Marcolino, da CCaÇ 1417
– Diabólicos (Mansoa)
- Soldado nº 1845/65 (154/A) Francisco Manuel Marques Lopes, da CCav 787
- Soldado nº 254/65 (157/A) Domingos Rosário Cartaxo, da CCaÇ 1427
– Diabólicos (Mansoa)
- Soldado nº 298/65 (158/A), Isidro da Conceição F. Mendes, da CCaÇ 1427
– Diabólicos
- Soldado nº 301/65 (159/A) Alexandre Nazaré Piteira, da CCaÇ 1427
– Vampiros/Diabólicos

- Soldado nº 1938/64 (160/A) António Fernandes Mateus da Silva, da CCav 787
- Soldado nº 4/65 (162/A) Carlos Alberto Nunes Azevedo, da CCAç 1438
– Vampiros/Diabólicos
- Soldado nº 33/65 (163/A) José Henriques Medeiros Santos, da CCAç 1438
– Vampiros/Diabólicos
- Soldado nº 857/65 (171/A) Domingos Rodrigues Esteves, da CCAç 1417
– Diabólicos
- Soldado nº 1381/64 (172/A) Fernando José Cardoso, da CCAç 799 – Vampiros
- Soldado nº 3047/64 (174/A) Asdrúbal Canejo Leitão, da CCAç 799
– Vampiros / Diabólicos
- Soldado nº 3039/64 (175/A) Armando Jesus Ascensão, da CCAç 799
- Soldado nº 363/65 (177/A) Pedro Germano C. Graça, da CCAç 1427

Entretanto no aquartelamento de Brá, a Companhia de Comandos, planeava, coordenava e controlava a actividade dos Grupos de Combate e ajustava e consolidava a vida interna da Unidade nas várias vertentes de serviços, instrução e nos aspectos administrativo/logísticos.

O Capitão Varela Rubim, que discordava em absoluto do Comando Militar sobre o emprego tático dos grupos, que com frequência eram empenhados como forças de quadrícula e de substituição, deixou o Comando da Companhia no início de 1966 e em 01 de Fevereiro toma posse como Comandante da Companhia de Comandos, o Capitão de Artilharia José Eduardo Martinho Garcia Leandro.

Os meses seguintes, até Junho de 1966, trouxeram alterações significativas em todas as áreas da actuação dos Comandos; isolaram-se dentro do aquartelamento de Brá um conjunto de instalação para a CCmds que, não sendo a solução ideal, resolveu algumas dificuldades de ordem operacional, de serviços e disciplinares.

Criaram-se as condições para a confecção de alimentação própria e igual para os oficiais, sargentos e praças Comando, sendo as refeições tomadas em instalações destinadas somente aos Comandos.



Capitão Garcia Leandro
– Comandante da Companhia de Comandos a partir de 01Fev66

Os problemas referentes a materiais foram sendo resolvidos e houve inúmeras propostas no sentido de ultrapassar dificuldades e necessidades no âmbito do fardamento e calçado, armamento e viaturas, entre outras.

Contudo é no âmbito operacional que se desenvolve uma intensa actividade, aumentando a participação em operações de maior envergadura e duração que em cinco meses se cifraram em vinte e uma, para além de outras acções de menor impacto, mas não menos intensas e arriscadas; neste período assinala-se igualmente a permanência de 1 Grupo (Vampiros) durante cerca de 2 meses em Guilege e outro (Apaches) durante cerca de 15 dias em Pelundo.

Refere-se ainda ter sido neste período que se iniciaram as operações helitransportadas, tendo o primeiro heliassalto executado no CTIG ocorrido em 06 de Março de 1966 durante a Operação “Hermínia” (Diabólicos e Centuriões).

O armamento capturado neste período, 37 armas, (pistolas, pistolas-metralhadoras, metralhadoras e bazookas) reflecte de alguma forma o êxito da actividade desenvolvida pelos Grupos de Comandos, sabendo-se como a guerrilha tinha evoluído muito no campo do armamento e no âmbito da actuação no terreno.

Após dois anos de combate, era oportuno com base na experiência e realismo adquiridos, definir normas de emprego operacional dos Grupos de Comandos tendo por finalidade adequar e uniformizar futuramente, os conceitos do seu emprego com vista a rentabilizar ao máximo o seu correcto empenhamento.

Desta forma o Comandante da Companhia de Comandos difunde, em Maio de 1966, as Normas para o Emprego Operacional dos Grupos de Comandos, defendendo na introdução que os Grupos devem estar preparados para todos os tipos de missão de carácter ofensivo, não devendo ser empregues em missões defensivas (tipo reforço ou substituição de guarnições em sector).

São apontadas as missões tipo dos Comandos, a saber:

- Golpe de mão
missão primeira e específica dos Grupos
- Emboscadas de exploração imediata
não sendo muito correcta a aplicação de Grupos de Comandos em emboscadas de rotina, devem ser utilizados em casos especiais em que se prevejam movimentos dos grupos IN bem localizados no terreno.
- Nomadização
missão muito cansativa, requer boa preparação técnica, moral e física; o seu êxito ou fracasso depende fundamentalmente do Comandante do Grupo, que actua completamente isolado.

- Operações helitransportadas eram definidas as diferentes modalidades que podiam ser atribuídas aos Grupos dentro deste tipo de missão:
 - transporte para zonas difíceis com a finalidade de montar emboscadas ou fazer nomadizações;
 - heliportagem de assalto, simples, para lançamento dos grupos sobre acampamentos In referenciados;
 - heliportagem de assalto, como envolvimento vertical, para lançamento combinado e entrada em contacto com as Forças Terrestres que progridam ao encontro do In.

As Normas também enunciavam claramente os aspectos respeitantes ao planeamento da actividade operacional dos Grupos, definindo com rigor os procedimentos respeitantes aos transportes, ao modo de fazer os pedidos de apoio dos Grupos, à escolha das datas, aos guias, ao intervalo entre operações, à dependência operacional e à recepção dos Grupos nas Unidades.



Grupo de Comandos Vampiros – 1965/66



**Diabólicos – 3.ª Equipa (do Fur Marques). Da esquerda para a direita:
Soldados Mané, Moura, Carvalho e Pascoal**



**Vampiros – Graduados. Da esquerda para a direita:
Fur Santos, ICabo Tudela, Alf Vilaça, Fur Guedes e Fur Xabregas**



Alferes Neves
da Silva
(Comandante dos
Apaches)
e o 1Cabo Tudela



Vampiros - 1.ª Equipa. Da esquerda para a direita: Sold Ramalho,
Sold Leitão, Alf Vilaça, 1Cabo Jamanca, Sold Justo

A EXTINÇÃO DOS GRUPOS DE COMANDOS DA GUINÉ E A CHEGADA DA PRIMEIRA COMPANHIA DE COMANDOS DA METRÓPOLE

A situação do pessoal continuava a agravar-se drasticamente, estando o efectivo de cada Grupo muito reduzido o que condicionava significativamente a acção operacional. A realização do 3º Curso de Comandos não resolveu a questão pelo que se tornava urgente ajustar a constituição dos grupos.

Foi decidido, inicialmente, extinguir dois Grupos por forma a recomplementar os restantes dois; por esta razão os Apaches e Centuriões, tendo como últimos Comandantes, respectivamente, o Alferes Neves da Silva e o Alferes Rainha, são extintos em Abril e Maio de 1966, o que, por razões da rivalidade entre Grupos e da própria auto-estima de cada um, trouxe maiores dificuldades entre as quais o regresso de alguns comandos às suas Unidades de origem.

Em Junho é extinto o grupo os Vampiros, tendo como último Comandante o Alferes Caldeira, pelo que se manteve somente o grupo os Diabólicos sob o comando do Alferes Silva Briote.

Entretanto a 3ª Companhia de Comandos formada em Lamego, embarca em Lisboa em 24 de Junho de 1966 com destino a Bissau, onde chega a 30 do mesmo mês, data em que a Companhia de Comandos de Guiné é extinta.

O último Grupo de Comandos existente, os Diabólicos, integrando os últimos comandos remanescentes de todos os grupos, desloca-se para Mansoa no início de Julho onde manteve intensa actividade operacional, na área de Jugudul, até à sua extinção em 31 de Agosto de 1966.

Com o fim dos Diabólicos termina a fase inicial da presença da Tropa Comando na Guiné; de Janeiro de 1964 a Agosto de 1966 os Grupos de Comandos Fantasmas, Camaleões, Panteras, Centuriões, Apaches, Vampiros e Diabólicos demonstraram em permanência, sempre nas acções mais perigosas e em frente do inimigo, muita energia, audácia, firmeza, desprezo pelo perigo, coragem moral, forte decisão e valentia em actos extraordinários de heroísmo, com riscos conscientes da própria vida.

A SORTE PROTEGE OS AUDAZES.



Capitão Leandro preside à cerimónia do encerramento da CCmds



Encerramento da CCmds. O último grupo (Diabólicos) seguiu para Mansoa sob o comando do Alf Briote



Antes da partida
dos Diabólicos para
Mansoa
o Fur Guedes
(direita) entrega o
guião ao Fur Sousa



Graduados dos Diabólicos que marcharam para Mansoa.
Da esquerda para a direita: Fur Ázera, Alf Briote,
Fur Sousa, 2º Sarg Cordeiro, Fur Valente

HISTORIAL DOS GRUPOS

ACTIVIDADE OPERACIONAL

Desde o início de 1964 até a Agosto de 1966, a actividade operacional desenvolvida pelos Grupos de Comandos da Guiné foi muito intensa e sempre nas áreas e situações de maior risco. Foram solicitados a actuar em todo o território da Guiné quer como Força de Intervenção do Comando-Chefe quer como reforço da actividade operacional dos Batalhões nos seus respectivos Sectores.

Também no aperfeiçoamento da instrução, adequando-a à realidade operacional bem como na procura da uniformização de procedimentos e técnicas de combate, grupos de instrutores e instruendos actuaram, durante a instrução, em diversas acções operacionais.

Os resultados obtidos foram muito significativos e encorajadores e eram também fonte motivadora para as outras Forças Portuguesas no território, confirmando plenamente a excelência da instrução comando.

Actividade Operacional mais significativa, levada a cabo pelos Grupos de Comandos da Guiné entre 1964-1966:

FANTASMAS

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES *
Golpe de mão	24Out64	Mata Cufar Nalu	BCaç 619
Golpe de mão	28Out64	Mata Cufar	Com: CCaç 617, reforçada com nativos
Op. "Confiança"	25Out / 04Nov64	Óio	Reabertura itinerário Mansabá-Farim. Com: Camaleões e Panteras BCav 705
Assalto a acampamentos	03Nov64	Madina-Mandinga	BArt 645

(continua)

* No quadro "observações", constam as Forças que também tomaram parte na operação e o Batalhão em cuja zona de acção a mesma decorreu.

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Vai à Toca”	11Nov64	Gundague Beafada Darsalame Baio	Com: Gr Comb/ /CCaç 526 BCaç 697
Patrulhamento Emboscada	27Nov64	Madina de Boé Contabane	Levantamento mina A/C, tipo desconhecido
Deslocamento auto	28Nov64	Madina do Boé Contabane	Accionamento de engenho explosivo BCaç 506
Nomadização	09/10Dez64	Talicó	BArt 645
Batida	16/17Dez64	Santanbato – Maqué Cruzamento Talicó - Madane e Cã Farã -Maqué	BArt 645
Op. “Campo”	23/24Jan65	Cufar Nalu	Com: CCaç 617 BCaç 619
Op. “Alicate” (1ª fase)	23/24Jan65	Mata Cufar Nalu Cruzamento Cufar-Bedanda	Com: CCav 703 CCaç 617 BCaç 619
Op. “Alicate” (2ª fase)	03/04Fev65	Cafur Nalu	Com: Gr Comb/CCav 703 CCaç 617 BCaç 619
Op. “Alicate” (3ª fase)	10/11Fev65	Cafur Nalu	BCaç 619
Op. “Ursa”	06/07Fev65	Cruzamento caminhos Mato Farroba - Iusse	Com: Grupo de Caça- dores nativos BCaç 619
Op. “Raposa”	30/31Jan65	Cachil Mata Cassaca	BCaç 619
Golpe de mão	11Mar65	Benifo-Sinré	Com: CArt 732 BArt 733
Golpe de mão	21/22Mar65	Cambajo-Rua	BArt 645

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Golpe de mão	22Mar65	Iarom-Rua Moia Fará	Com: CART 643 BART 645
Op. "Ebro"	26Mar65	Tite Sambo rio Canjambari	BCav 490
Golpe de mão	31Mar65	Cunacó	BCav 490
Op. "Faena"	11/12Ab65	Antuane	Com: CCav 703 CCaÇ 594 CMil 11 Pel Fox 888 BCaÇ 513
Op. "Açor"	20/21Abr65	Incassol Portugal	Com: CCav 703 BCaÇ 513
Op. "Ciao"	07Mai65	Catunco Cameconde	Com: CART 496 Pel Daimler 947 BCaÇ 513

CAMALEÕES

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. "Confiança"	25Out / 04Nov64	Óio	Reabertura itinerário Mansabá- Farim. Com: Fantasmas e Panteras BCav 705
Op. "Pinto"	23Nov64	Galo Corubal	Com: 2 Gr Comb/ /CCaÇ 510 BCaÇ 697
Emboscada	11Dez64	Mamboncó	BART 645
Golpe de mão	15Jan65	Madane-Demba Cali	BART 645
Op. "Sacato"	21Fev65	Jubembem Canjambari	Com: CCav 488 BCav 490

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Sacato 1”	25Fev65	Jubembem Canjambari	Com: CCav 488 BCav 490
Op. “Minerva”	09Mar65	Sulucó	Com: CCav 489 BCav 490
Golpe de mão	26Mar65	Gã Pedro Tite	BCaç 599
Op. “Veado”	30Jun / 01Jul65	Iussé Chumbume	Com: CCaç 818 Gr Comb 643 (Lordes) BArt 645

PANTERAS

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Confiança”	25Out / 04Nov64	Óio	Reabertura itinerário Mansabá-Farim. Com: Camaleões e Fantasmas BCav 705
Emboscada	28Out64	Talicó	BArt 645
Golpe de mão	17Dec64	Santanbato Morés	BArt 645
Op. “Brinco”	30Dec64	Darsalame (Baio)	Com: CCaç 526
Golpe de mão	12Jan65	Tambato Morés	BArt 645
Op. “Zuari”	28Jan65	Canjambari Tambandinto	BCav 490
Emboscada	15Fev65	Tompem	BCaç 512
Golpe de mão	16Mar65	Sototô-Saresaco Caresse	BCaç 506

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Golpe de mão/ batida	27Mar65	Uália	BArt 645
Patrulhamento/ emboscada	06Abr65	Sinchã-Bucor rio Canjambari	Com: CCaç 487 BCav 490
Patrulhamento	07Abr65	Canjambari Morocunda	BCav 490

DIABÓLICOS

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. "Flecha"	07Set65	Dando Cambajo	1ª operação dos Diabólicos Com: CArt 643 BArt 645
Op. "Centopeia"	14Set65	Iracunda	Com: Vampiros, Centuriões e Apaches BArt 645
Op. "Selva"	20Set65	Cubonge Benifo	Com: CArt 644 BArt 645
Op. "Golpe"	15Out65	Satecuta Sili Baldé	Com: CCaç 818 BCaç 697
Op. "Lição"	21Out65	Code Sane Galo Corubal	BCaç 697
Op. "Cobra"	02Nov65	Catafe Capafagel	BCaç 1858
Patrulhamento / golpe de mão	05/06Nov65	Bugula	Com: CCav 789 BCaç 1858
Op. "Águia"	10Nov65	Sambasó	Com: CCaç 1438 Pel Fox 839
Op. "Soquete"	01Dec65	Sano Bueaur	BArt 733
Op. "Bela"	27Dec65	Nhantafará	Com: CCaç 1438 BCaç 1861

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Boa”	22Jan66	Morés	BCaÇ 1861
Op. “Alfinete”	08/09Fev66	Sabá Mancofine	BCaÇ 1857
Op. “Herminia”	06Mar66	Galecunde	Com: Centuriões Primeira operação tipo heliportagem de assalto, executada no CTIG
Op. “Desforço”	14Mar66	Cassum	Com: Apaches CCav 1483 CCaÇ 1418
Op. “Vamp”	28Mar66	Faquina-Fula	Com: Centuriões BArt 733
Op. “Olinda”	06/07Abr66	Buba-Tombó	Com: CCaÇ 1438 BCaÇ 1861
Op. “Lumiar”	02Mai66	Boé	Com: CCav 702 CCaÇ 1416 CCaÇ 1417 1 Pel 3ª CCaÇ 1 Pel ERec 693
Op. “Quiriri”	09/10Mai66	Mato Grande	Com: CCaÇ 797 2 Gr Comb/ /CCaÇ 1549 BCaÇ 1860
Op. “Zurita”	28/29Mai66	Canjambari	
Emboscada	05/07Jun66	Sambuiá	AGR 1976
Op. “Espora”	28/29Jun66	Uália	Com: CCaÇ 1420 Gr Comb 1421 BCaÇ 1857
Op. “Elefante IV”	12/13Ago66	Jugudul Polibaque Quibir Bará	Com: CCaÇ 816 CCaÇ 1419 CCaÇ 1421 CArt 1525
Op. “Feitiço”	20Jul66	Dana-Bindoro Date	Com: CCaÇ 1419 BCaÇ 1857
Op. “Atraca”	Jul66	Canja	AGR 1976 BCav 790

VAMPIROS

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. "Leão"	06Set65	Cutia	BArt 645
Op. "Centopeia"	14Set65	Iracunda	Com: Centuriões, Diabólicos e Apaches BArt 645
Op. "Leoa"	22/23Set65	Cutia	Substituiu os Apaches Com: CArT 643 BArt 645
Op. "Lacrau"	24Out65	Fonte de Gamol Camamadu	Com: 2 Pel/CCaç 1420 BCav 1860
Op. "Churrasco" (2 acções)	15/17Dec65	Mamboncó Ponta Cabral	Com: CCAç 1418 BArt 645
Op. "Abertura"	04Jan66	Naga-Umpabá	Com: CCAç 1418 Gr Comb/ /CCav 1483
Op. "Martingil"	09Jan66	Biambe	Com: CCAç 1418 CCAç 1419 CCav 1483
Op. "Amália"	26/27Fev66	Sare Morso	Com: CCAç 1424 CCAç 1438
Op. "Narceja"	30Mar66	Gã Formoso Gandua Porto	Com: Apaches CCAç 797, 1487 CCav 677 BCaç 1860
Op. "Quimera"	05/06Abr66	—	—
Op. "Virgínia"	24/25Abr66	Canja Sinchã-Mamadu	Com: Centuriões BArt 733
Op. "Camarão"	18/19Mai66	Mampatás Sabacunda Sare Seco Cumbamori	Com: 2 Gr Comb/ /CCAç 762 BArt 733

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Estepe”	02/03Jun66	Morés-Cudana	Com: CCAç 1419, 1420 CArt 1525 2 Gr Comb/ /CCAç 816 2 Gr Comb/ /CCAç 1421 2 Pel CMIL 17
Op. “Naja”	17/18Jun66	Jufá – S.José Flaque-Cibe Gã-Pedro Bissilão	Com: CCAç 1487 CCAç 1549 CCAç 1566 Gr Comb/Dest Jabadá BCaç 1860

CENTURIÕES

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Jagudi”	09/10Set65	Cai	Com: CCAç 1421 BArt 645
Op. “Centopeia”	14Set65	Iracunda	Com: Vampiros, Diabólicos e Apaches BArt 645
Op. “Vendaval”	25Out65	Bugula Catafe	Com: 1 Gr Comb/ / CCAç 1422 1 Gr Comb/ /CCAç 787 BCaç 1858
Op. “Estoque”	11Nov65	Cutia	BArt 645
Op. “Milésimo”	11Dec65	Samoje	Com: Gr Comb/ /CCAç 762 BArt 733
Op. “Trajectória”	15Dec65	Jambacunda Mampatás	Com: Gr. Comb/ /CCAç 672 BArt 733

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. "Cobaia"	14/15Fev66	—	—
Op. "Cleópatra"	22/23Fev66	Catunco	Com: Gr Comb/ /CCaç 799 BCaç 1861
Op. "Hermínia"	06Mar66	Galecunde	Com: Diabólicos
Op. "Vamp"	28Mar66	Faquina-Fula	Com: Diabólicos BArt 733
Op. "Zenaida"	07/09Abr66	Sitató	Com: Apaches
Op. "Virgínia"	24/25Abr66	Canja Sinchã-Mamadu	Com: Vampiros BArt 733

APACHES

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. "Centopeia"	14Set65	Iracunda	Com: Vampiros, Centuriões e Diabólicos BArt 645
Op. "Leoa"	22Set65	Talicó Tambato	Foi substituído pelos Vampiros Com: CArt 644 BArt 645
Op. "Pinhão"	06/07Out65	Ganjola Nalu	Com: 1 Pel/CCaç 728 BCaç 619
Op. "Pilão"	10/13Out65	Bedanda Contubum	Com: 4ª CC BCaç 619
Op. "Cambança"	28Out65	Mansabandim Mandingará Mamboncó	Com: 1 Gr Comb/ /CArt 642
Op. "Águia Negra"	03/04Nov65	Morés-Cudana	Com: CCaç 1421 BArt 645
Op. "Montejunto"	20Nov65	Piai	Com: CCaç 817

(continua)

(continuação)

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. “Sitio”	03Jan66	Talicó Sambuía	Com: Gr Comb/ /CCaç 762
Op. “Flecha”	08Jan66	Mampatás	Com: CCAç 762 BArt 733
Op. “Novos Rumos”	16Jan66	Guidage Bigene	Com: CCAç 762 CCAç 675 CArt 731 PelSap/BArt 733
Op. “Castor”	19/20Fev66	Morés Cai	Com: CCAç 816 CCAç 1418 CCAç 1419 1Gr Comb/ /CCAç 1421 “Caveiras”
Op. “Desforço”	14Mar66	Cassum	Com: Diabólicos CCav 1483 CCAç 1418
Op. “Narceja”	30Mar66	Gâ Formoso Ganduá Porto	Com: Vampiros CCAç 797, 1487 CCav 677 BCaç 1860
Op. “Zenaida”	07/09Abr66	Sitató	Com: Centuriões BArt 733

Principal Actividade Operacional desenvolvida, no âmbito da instrução, por Instrutores e Instruendos (1964-1966):

DESIGNAÇÃO	PERÍODO	ZONA DE ACÇÃO	OBSERVAÇÕES
Op. "Tridente"	14Jan / 24Mar64	Caiair – Como - Catunco	Grupo de militares que foram a Angola e outros seleccionados no CTIG que se intitulavam "Comandos". Com: BCav 490 Dest. Fuz 2, 7 e 8 CCaç 557 1Pel Paras Pel Mort/BCaç 600 2 obuses 8,8 meios navais meios aéreos
Op. "Alfinete"	23Ago64	Santambato	Instrutores e Instruendos da Escola de Quadros do 1º Curso de Comandos da Guiné
Golpe de Mão	12Out64	Sinré Benifo	Executado pelo Grupo "OS GATOS" da RM Angola BArt 645
Golpe de Mão	23Out64	Queré	Executado pelo Grupo "OS GATOS" da RM Angola BArt 645
Patrulhamento	30Out64	Cã Quebo	Executado pelo Grupo "OS GATOS" da RM Angola BArt 645
Op. "Vinga Taco"	21Ago65	Piai	Instrutores e Instruendos do 2º Curso de Comandos da Guiné
Op. "Treino"	29Ago65	Flaque Amade Flaque Cibe	Instrutores e Instruendos do 2º Curso de Comandos da Guiné.

Resultados mais significativos – material capturado pelos Grupos de Comandos

Grupo Comandos

Op. “Tridente” – Ilha do Como

– Pistola cal. 7,65	1
– Esp. Mauser cal. 7,9 mm	1
– GMão Of	1
– Cantil USA	1
– Cunhete munições 7,9 mm	1

Grupo Instrutores e Instruendos (1º Curso)

Op. “Alfinete” – área de Santambato

– Esp. Mauser cal. 7,9 mm	2
– Pist. Ceska cal. 7,65 mm	1
– GMão RG-34 Of.	3
– GMão F-1 Def.	2
– Cartucheiras	3
– Cartuchos (diversos calibres)	98

Grupo Os Gatos – RMA

Golpe de mão – área de Sinré

– Esp. Mauser cal. 7,9 mm	1
– GMão F-1 Def.	10
– GMão RG-34 Of.	2
– GMão Of m/62	1
– Carregadores – diversos tipos (p/PM e ML)	2
– Petardos TNT/1 Kg	2
– Sabres-baioneta	4
– Cantil	1
– Capacete	1
– Cartuchos (diversos calibres)	632

Golpe de mão – área de Quéré

– GMão F-1 Def.	1
– Cartuchos (diversos calibres)	306

Área de Cã-Quebo

- Esp. Mosin-Nagant cal. 7,62 mm 1
- Cartuchos cal. 7,62 mm 4

Grupo Fantasmas

Op. "Vai à Toca" – área Gundague Beafada/Darsalame Baio

- Pist met M-23 cal 9 mm 1
- Carregadores p/Pist met M-23 3
- Cartucheiras p/3 carregadores M-23 1
- Cinturão de couro 1
- Cartuchos cal 9 mm 63

Nomadização – área de Talicó

- Esp. Mauser cal 7,9 mm 1
- Pist. Ceska cal 7,65 mm 1
- GMão F-1 Def. 3
- Carregadores Pist Ceska 2

Deslocamento auto – área de Guileje

- Mina A/C de tipo desconhecido 1

Op. "Alicate" (1ª fase) – área de Cufar Nalu

- Esp. semi-automática M-52 cal 7,62 mm 3
- Esp. Mauser cal 7,9 mm 1
- Cartucheiras de cabedal 3
- Bornais de lona 3
- Estojos de limpeza 3
- Cunhete metálico c/fita carregadora de cart. 7,9 mm ... 1
- Cartuchos (diversos calibres) 489

Op. "Alicate" (3ª fase) – área de Cufar Nalu

- Pistola M-25 1

Base Benifo – área de Sinré –

- Esp. Mauser cal. 7,9 mm 2
- GMão F-1 Def. 16
- Cartuchos cal 7,9 mm 40

Golpe de mão – área de Iarom/Cambajo –

- GMão F-1 Def. 4
- Documentos vários

Op. “Ebro” – área de Titã Sambo/rio Canjambari

- Gr LGFog RPG-2 3
- GMão RG-34 Of. 1
- GMão F-1 Def. 1
- Cargas propulsoras p/Gr RPG-2 3
- Fita Carregadora p/Met.Lig. M-52 1
- Cunhete metálico c/munições 1
- Cartuchos cal 7,62 mm (M-52) 100

Golpe de mão – área de Canjambari

- Fita carregadora p/Met.Lig. 1
- Cartucheiras de cabedal 2
- Cartuchos cal 7,9 mm 62

Op. “Açor” – área de Incassol/Portugal

- Esp. Mauser cal 7,9 mm 3
- Esp. Mosin – Nagant cal 7,62 mm 1
- Pist. met Shpagin cal 7,62 mm (PPSH) 1
- Pist. met Shmeisser cal 9 mm 1
- Bolsa carregador p/PPSH 1
- Cantil (NT) 1
- Cartucheiras cabedal 5
- Cartuchos (diversos calibres) 224

Op. “Ciao” – área de Catunco/Cameconde

- Pist. met Shpagin cal. 7,62 mm (PPSH) 3
- Esp. semi-automática M-52 1
- Esp. Mosin - Nagant cal. 7,62 mm 1
- Pist. Ceska cal. 7,65 mm 2
- Gr Mort 60 4
- Mina A/P «PMD-7» 3
- GMão F-1 Def. 7
- GMão RG-34 Of. 4
- Sabre p/Esp. Mauser 1
- Aparelho de portaria p/Mort 60 1

- Cartucheiras diversas	13
- Petardos	4
- Disparadores (diversos tipos)	21
- Detonadores pirotécnicos	27
- Capacetes de aço	1
- Bornais	15
- Suspensórios de lona	23
- Bolsas de lona (diversos tipos)	12
- Lâminas de carregador p/Esp. Simonov	23
- Cunhetes (diversos calibres)	3
- Cartuchos (diversos calibres)	2074
- Material sanitário diverso	
- Material de fardamento diverso	
- Material de limpeza (armamento diverso)	

Grupo Camaleões

Golpe de mão – área de Tite/Gã Pedro

- Esp. Mauser cal. 7,9 mm	5
- Carabinas Mosin-Nagant cal. 7,62 mm	3
- Pist. met Shpagin cal. 7,62 mm (PPSH)	1
- GMão RG-34 Of	3
- Cartuchos (diversos calibres)	298

Grupo Panteras

Área de Talicó – emboscada

- Pist met Thompson cal 11,4 mm	1
- GMão RG-34 Of.	1
- Carregadores p/Pist met Thompson	3
- Cartuchos cal 11,4 mm	46

Golpe de mão – área de Santanbato/Morés

- GMão F-1 Def (montadas em armadilhas)	2
- Carregadores p/Pist met Thompson	1
- Cartuchos cal 11,4 mm	23
- Documentos vários	

Op. “Brinco” – área de Darsalame (Baio)	
– GMão RG-34 Of.	3
– GMão RG-4 Of.	1
– GMão Of “Breda”	2
– Carregadores p/Pist met PPSH	1
– Cartucheiras de couro de 30 cart 7,9 mm	2
– Cartuchos (diversos calibres)	87

Golpe de mão – área de Sototó	
– GMão RG-34 Of.	3
– Sabre p/Esp. Lee-Enfield	1
– Cartuchos cal 9 mm	39
– Documentos vários	

Área de Canjambari/Morocunda	
– Met Lig M-52 cal. 7,62 mm	1
– GMão RG-34 Of.	7
– Sabre p/Esp. Lee-Enfield	1

Grupo Diabólicos

Op. “Bela” – área de Nhantafará	
– Porta cartucheira Simonov	1
– Bornais	6
– Cinturões militares	5
– Fardamento militar diverso	
– Cartuchos (diversos calibres)	125
– Cadernos escolares	16
– Documentos vários	

Op. “Olinda” – área de Buba Tombó – golpe de mão	
– GMão RG-4 Of.	2
– Carregadores PM Kalashnikov	1
– Carregadores PM M-23	2
– Carregadores ML M-52	1
– Cartuchos (diversos calibres)	90

Op. “Espora” – área de Uália – golpe de mão	
– GMão RG-34 Of.	2

– Carregadores p/PM Sudayev	3
– Bornais	3
– Cartuchos cal. 7,62 mm	110

Grupo Vampiros

Op. “Naja” – área de Jufá/Gã Pedro	
– LGFog RPG-2	1
– Gr LGFog RPG-2	2

Grupo Centuriões

Op. “Cleópatra” – área de Catunco – golpe de mão	
– Esp. semi-automática M-52	2

Grupo Apaches

Op. “Cambança” – área de Mambonco	
– Esp. Mauser cal 7,9 mm	3
– Esp. Mosin-Nagant cal. 7,62 mm	2
– Carregadores p/Pist met Thompson	1

Op. “Sitio” – área de Talicó – golpe de mão	
– Pist met Thompson cal 11,4 mm	3
– Esp. semi-automática Simonov cal. 7,62	3
– Esp. Mauser cal. 7,9 mm	5
– Pist. met Shaping cal. 7,62 mm (PPSH)	1
– Gr Mort 60 mm	6
– Gr LGFog	2
– Tripé p/met. Pesada	1
– Carregadores p/Pist. met Thompson	3
– Detonadores eléctricos	15
– Cartucheiras	5
– Bornais	2
– Cartuchos (diversos calibres)	488

Grupos Centuriões e Diabólicos

Op. “Hermínia” – área de Galecunde

- GMão 2
- Documentos e cartas várias

Grupos Diabólicos e Apaches

Op. “Desforço” – área de Cassum

- Pist met Sudayev cal 7,62 mm 1
- Carregadores p/Pist met Sudayev 7
- GMão (NT) 1
- Porta carregadores 1
- Carregadores p/20 cartuchos 7
- Sabre-baioneta c/ bainha e suporte 1
- Punhal c/ bainha 1
- Capacetes 2
- Cantil 1
- Cartuchos cal. 7,62 mm 1000

Grupos Centuriões e Diabólicos

Op. “Vamp” – área de Faquina – Fula

- Met Lig Degtyarev cal 7,62 mm 2
- Esp. semi-automática M-52 cal. 7,62 mm 2
- Pist met Thompson cal 11,4 mm 1
- Pist met Shpagin cal 7,62 mm (PPSH) 1
- Pist met Beretta cal. 9 mm 1
- Esp. Mauser cal 7,9 mm 1
- GMão RG-4 Of. 17
- GMão Chinesa 1
- Gr. De Lança Granadas P-27 (bazooka) 1
- Porta carregadores (diferentes armas) 6
- Bornais 5
- Cartuchos (diversos calibres) 568

Grupos Apaches e Vampiros

Op. “Narceja” – área de Gã Formoso/Gandua Porto

Esp. Mauser cal. 7,9 mm 1

LOUVORES

Na fase inicial da presença dos Comandos na Guiné, quer no âmbito da instrução quer na actividade operacional desenvolvida em simultâneo, houve militares comandos que pela sua acção abnegada e brilhante desempenho no cumprimento das missões, foram louvados aos vários níveis da Hierarquia, sendo apontados como exemplo a seguir e merecedores do maior apreço e consideração por parte das Forças Armadas e da Nação.

A relação dos militares Comandos louvados na Guiné, no período de Janeiro de 1964 a Julho de 1966, é a seguinte:

Pelo Ministro do Exército

- Tenente-Coronel “Cmd” António Dias Machado Correia Dinis – CIC/CTIG
- Alferes Milº Maurício Leonel Sousa Saraiva – Op. “Tridente”
- Tenente Milº “Cmd” Maurício Leonel Sousa Saraiva – CIC/CTIG

Pelo Comandante-Chefe das FA da Guiné - COMCHEFE

- Alferes Milº António Manuel Bairrão Pombo dos Santos – Op- “Tridente”
- Alferes Milº Justino Coelho Godinho – Op. “Tridente”
- Tenente Milº “Cmd” António Manuel Bairrão Pombo dos Santos – Panteras
- Alferes Milº “Cmd” Justino Coelho Godinho – Camaleões
- Alferes Milº “Cmd” Luís Manuel Nobreza de Almeida Rainha – Centuriões
- 2º Sargento “Cmd” Mário Fernando Roseira Dias – Camaleões/Apaches
- Furriel Milº Artur Pereira Pires – Op. “Tridente”
- Furriel Milº “Cmd” Joaquim António Nunes – Panteras
- Furriel Milº “Cmd” Manuel Vítor dos Santos Moita – Panteras
- 1º Cabo Marcelino da Mata – Op. “Tridente”
- 1º Cabo Abdulai Queta Jamanca – Op. “Tridente”
- 1º Cabo “Cmd” Marcelino da Mata – Panteras

- 1º Cabo “Cmd” Manuel Francisco Pires Júnior – RMA
- 1º Cabo “Cmd” Braima Seidi (título póstumo) – Fantasmas
- Soldado António João Paulista Solda – Op. Tridente”
- Soldado “Cmd” Aníbal dos Santos Afonso (título póstumo) – Panteras
- Grupo de Comandos que actuou na Op. “Tridente”

Pelo Comandante Militar da Guiné – CTIG

- Capitão Milº “Cmd” Mauricio Leonel Sousa Saraiva – RI 10
- Ten Milº “Cmd” Jaime Rodolfo Abreu Cardoso – RI 8
- Alferes Milº “Cmd” Horácio Francisco Martins Valente – BArtª 400/RMA
- Alferes Milº “Cmd” Luís Filipe Mayer da Câmara Pina – QG/RMA
- Alferes Milº “Cmd” Fernando da Silva Fidalgo – CIC/CTIG
- Alferes Milº “Cmd” Vítor Manuel Cardoso Caldeira – Vampiros
- Alferes Milº “Cmd” Virgínio António Moreira da Silva Briote – Diabólicos
- 2º Sargento “Cmd” Mário Fernando Roseira Dias – Camaleões
- 2º Sargento “Cmd” Mário José Machado Valente – Diabólicos
- Furriel Milº “Cmd” António Pereira Fabião – Camaleões
- Furriel Milº “Cmd” Ilídio José Leonor – Camaleões
- Furriel Milº “Cmd” Joaquim Carlos Ferreira Moraes – Fantasmas
- Furriel Milº “Cmd” Augusto Rodrigues Valente de Sousa – Centuriões/
/Diabólicos
- Furriel Milº “Cmd” José João Moura dos Santos – Vampiros
- 1º Cabo “Cmd” José Ferreira da Silva – Panteras
- 1º Cabo “Cmd” Alfredo Augusto da Cruz – Fantasmas
- 1º Cabo “Cmd” Marcelino da Mata – Panteras
- 1º Cabo “Cmd” José Maria dos Anjos Moreira – Camaleões
- 1º Cabo “Cmd” Tomás Camará – Centuriões
- 1º Cabo “Cmd” Raul Dorés da Silva – Centuriões
- 1º Cabo “Cmd” Alfredo Fernandes de Tudela Júnior – Vampiros
- 1º Cabo “Cmd” Abdulai Queta Jamanca – Vampiros
- 1º Cabo “Cmd” Justo Orlando Lopes dos Reis Nascimento – Vampiros
- Soldado “Cmd” Jorge Ramalho Godinho – Panteras
- Soldado “Cmd” Joaquim Lima Coutinho – Fantasmas
- Soldado “Cmd” António Kássimo – Fantasmas
- Soldado “Cmd” João Firmino Martins Correia – Camaleões
- Soldado “Cmd” João Varela Pombinho – Camaleões
- Soldado “Cmd” António Kássimo – Centuriões
- Soldado “Cmd” Cacildo Joaquim Gaboleiro – Vampiros

- Soldado “Cmd” João Maria Leitão – Vampiros
- Soldado “Cmd” António Jesus da Silva – Centuriões
- Soldado “Cmd” Sebastião Ramalho Lavado – Apaches
- Soldado “Cmd” José Feitinhas de Matos – Diabólicos
- Soldado “Cmd” Joaquim Lifna Cumbá – Apaches/Vampiros
- Grupo de Comandos GATOS – BArtª 400/RMA
- Grupo de Comandos FANTASMAS – CIC/CTIG
- Grupo de Comandos CAMALEÕES – CIC/CTIG

Pelo Comandante das Forças Terrestres da Op. “Tridente”

- Furriel Milº António Manuel Vassalo Miranda – Op. “Tridente”

Por Comandantes de Unidade

- 1º Cabo “Cmd” Armandino Teixeira Alves – Panteras
- Soldado “Cmd” José de Jesus Francisco – Panteras
- Soldado “Cmd” Manuel Maia Chaves Capelas - Panteras

CONDECORAÇÕES

No período inicial dos Comandos na Guiné, ou seja a fase dos Grupos, entre Janeiro de 1964 e Agosto de 1966, foram distinguidos os melhores entre os melhores com as mais altas condecorações militares, atestando a sua competência, dedicação, desprezo pelo perigo e enorme arrojo em frente ao inimigo. Foram condecorados na Guiné, neste período, os seguintes militares Comandos:

CIC/CTIG

Medalha de Serviços Distintos com Palma – Grau Prata

Tenente-Coronel “Cmd” António Dias Machado Correia Dinis

FANTASMAS

Medalha de Valor Militar com Palma – Grau Ouro

- Tenente Milº “Cmd” Maurício Leonel de Sousa Saraiva

Medalha de Valor Militar com Palma – Grau Prata

- Alferes Milº “Cmd” Maurício Leonel de Sousa Saraiva

Medalha de Valor Militar com Palma – Grau Cobre

- 1º Cabo “Cmd” 1510/62 António Joaquim Vieira Ferreira

Medalha de Cruz de Guerra – 2ª Classe

- 1º Cabo “Cmd” 23/RD Braima Seidi

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- Fur Milº “Cmd” Artur Pereira Pires
- 1º Cabo “Cmd” 25/E Abdulai Queta Jamanca
- 1º Cabo “Cmd” 2357/62 António Carlos Carreira Gomes
- Soldado “Cmd” 1/63 António João Paulista Solda

Medalha de Mérito Militar – 4ª Classe

- 1º Cabo “Cmd” 320/63 Alfredo Augusto da Cruz
- Soldado “Cmd” 659/63 Joaquim Lima Coutinho

CAMALEÕES

Medalha de Cruz de Guerra – 3ª Classe

- Alferes Milº “Cmd” Justino Maria Coelho Godinho (Duas)

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- Soldado “Cmd” 749/63 João Firmino Martins Correia

Medalha de Mérito Militar – 4ª Classe

- Soldado “Cmd” 3278/63 João Varella Pombinho

PANTERAS

Medalha de Cruz de Guerra – 2ª Classe

- Tenente Milº “Cmd” António Manuel Bairrão Pombo dos Santos
- 1º Cabo “Cmd” 103/E Marcelino da Mata
- Soldado “Cmd” 825/63 Aníbal dos Santos Afonso
- Soldado “Cmd” 136/61 Abdulai Jaló

Medalha de Cruz de Guerra – 3ª Classe

- Furriel Milº “Cmd” Manuel Vitor dos Santos Moita
- Furriel Milº “Cmd” Joaquim António Nunes

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- 1º Cabo “Cmd” 1939/62 José Ferreira da Silva
- Soldado “Cmd” 75/63 Jorge Ramalho Godinho

DIABÓLICOS**Medalha de Cruz de Guerra – 1ª Classe**

- 1º Cabo “Cmd” 103/E Marcelino da Mata

VAMPIROS**Medalha de Cruz de Guerra – 3ª Classe**

- Alferes Milº “Cmd” Vitor Manuel Cardoso Caldeira

Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe

- 1º Cabo “Cmd” 4/63 Justo Orlando Lopes dos Reis Nascimento

Medalha de Mérito Militar – 4ª Classe

- Furriel Milº “Cmd” José João Moura dos Santos
- 1º Cabo RD “Cmd” 30/65-A Alfredo Fernandes Tudela Júnior
- Soldado “Cmd” 84/65-A João Maria Leitão
- Soldado “Cmd” 89/65-A Cacildo Joaquim Gaboleiro

CENTURIÕES**Medalha de Cruz de Guerra – 2ª Classe**

- Alferes Milº “Cmd” Luís Manuel Nobreza de Almeida Rainha

APACHES**Medalha de Cruz de Guerra – 4ª Classe**

- 2º Sargento Infº “Cmd” Mário Fernando Roseira Dias

BAIXAS**Mortos em Combate**

POSTO	NÚMERO ESPECIALIDADE	NOME	GRUPO	OPERAÇÃO ZONA	DATA
Soldado	825/62 Comando	Aníbal dos Santos Afonso	Panteras	Aldeia Formosa	29Out64
1º Cabo	1510/62 Corneteiro/ Comando	António Joaquim Vieira Ferreira	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
Furriel Milº	1546/62 Comando	Artur Pereira Pires	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
1º Cabo	13/RD Comando	Brama Seidi	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
Soldado	Condutor auto/ Comando	João Ramos Godinho	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
Soldado	Condutor auto/ Comando	José da Rocha Moreira	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
Soldado	Condutor auto/ Comando	Manuel Coito Narciso	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
1º Cabo	Condutor auto/ Comando	Ramiro de Jesus Silva	Fantasma	Madina Boé Contabane	28Nov64
Soldado	Cozinheiro/ /Comando	Artur Mateus Martins	Fantasma	Madina Boé Contabane	08Dec64
Furriel Milº	Comando	Joaquim Carlos Ferreira Moraes	Fantasma	Op. “Ciao” Catunco Cameconde	07Mai65
Soldado	Comando	Luciano Florêncio	Vampiros	Op. “Leão” Cutia	07Set65
Soldado	Comando	António Alves Maria da Silva	Diabólicos	Op. “Herminia” Jábadá	06Mar66

Feridos em Combate

POSTO	NÚMERO ESPECIALIDADE	NOME	GRUPO / UNIDADE	DATA / LOCAL	OBSERVAÇÕES
Soldado	704/63 Comando	José Saraiva Barbedo	Fantasma	03Nov64	Evacuado para HMP em 22Dec64
1º Cabo	163/A Comando	Manuel Francisco Pires Júnior	Gatos Angola	Oio	Evacuado para HMP em 04Nov64
Soldado	122/62 Comando	Joaquim Pedro Quã	Fantasma	28Nov64 Madina Boé Contabane	Evacuado para HMP em 12Jan65
Soldado	1561/62 Comando	António de Jesus Carreira	Fantasma	28Nov64 Madina Boé Contabane	—
Alferes	Comando	Fernando da Silva Fidalgo	Camaleões BArt 735	Oio	Evacuado para HMP em 27Fev65
Soldado	749/63 Comando	João Firmino Martins Correia	Camaleões BArt 733	26Mar65 Gã-Pedro Tite	—
Soldado	126/A 1564/62	Luís Lopes Jorge	Fantasma BCaç 599	Incassol Portugal	Evacuado para HMP em 04Mai65
Furriel Milº	Comando	João Severo Parreira	Fantasma BArt 733	07Mai65 Catunco Cameconde	Baixou ao HM 241 em 07Mai65
Soldado	120/62 Comando	Amadú Bailo Jaló	Fantasma	07Mai65 Catunco Cameconde	—
1º Cabo	116/A Comando	Tomás Camará	Fantasma	07Mai65 Catunco Cameconde	Baixou ao HM 241 em 14Mai65

(continua)

(continuação)

POSTO	NÚMERO ESPECIALIDADE	NOME	GRUPO / UNIDADE	DATA / LOCAL	OBSERVAÇÕES
1º Cabo	108/A Comando	Manuel Fernandes Alves Rodrigues	Fantasma	07Mai65 Catunco Cameconde	Evacuado para HMP em 25Mai65
1º Cabo	269/64 Comando	Faustino dos Santos Viegas	Fantasma CART 730	07Mai65 Catunco Cameconde	Evacuado para HMP em 03Ago65
Soldado	74/65-A Comando	Joaquim Ferreira da Silva	Centuriões BCaÇ 619	Jolmete	Evacuado para HMP em 16Dec65

Nota: Por testemunhos presenciais, sabe-se que houve militares que foram feridos em combate neste período mas que nos documentos disponíveis consultados não constam como tal; conhecem-se nesta situação, com ferimentos, ligeiros, os seguintes militares:

POSTO	NÚMERO ESPECIALIDADE	NOME	GRUPO UNIDADE	DATA LOCAL	OBSERVAÇÕES
Capitão	Art ^a	Nuno José Varela Rubim	CIC	Op. "Ciao" 07Mai65	HM 241
Fur Mil ^o	Comando	João Carlos Matos	Fantasma	Op. "Ciao" 07Mai65	
1º Cabo	1490/62 Comando	Fernando Paula Pinto	Fantasma	Op. "Ciao" 07Mai65	
Soldado	598/63 Comando	Manuel Martins da Cunha	Fantasma	Op. "Ciao" 07Mai65	
Soldado	659/63 Comando	Joaquim Lima Coutinho	Fantasma	Op. "Ciao" 07Mai65	
Soldado	797/64 Comando	Vitalino de Jesus Feijão	Fantasma Centuriões Vampiros	Op. "Ciao" 07Mai65	Baixou ao HM 241

III

Organizou e redigiu esta Parte III

Coronel José Castelo Glória Alves

Coordenou e revisou:

Major-Gen

MOÇAMBIQUE

Investigaram:

Coronel

Coronel

Ten

Sargento

O CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS NA NAMAACHA E OS DOIS PRIMEIROS GRUPOS EM MOÇAMBIQUE

1964-1965

Arquivos pessoais diversos

Coronel Flávio Martins Viderra

Engenheiro José Alexandre Gafarot de Almeida

Coronel Rui Amândio Pereira Marcelino

Coronel José da Camara Vaz Serra

Fáusto Lage Proença Garcia

Cap SGB Pq. Alberto da Silva Lança Lopes

Isidoro Carras

Professor José

JOSÉ CASTELO GLÓRIA ALVES
Coronel de Artilharia “Comando”

Organizou e redigiu esta Parte III

Coronel José Castelo Glória Alves

Coordenou e reviu:

Major-General Henrique António do Nascimento Garcia

Investigaram:

Coronel José Castelo Glória Alves

Coronel João José Mealha de Mendonça Ventosa

Tenente-Coronel Francisco José de Almeida Alves

Sargento-Mor Rui Jaime Domingos de Fonseca

Contribuíram com os elementos indispensáveis:

Arquivos pessoais diversos:

Coronel Flávio Martins Videira

Engenheiro José Alexandre Gafarot de Almeida

Coronel Rui Amândio Pereira Marcelino

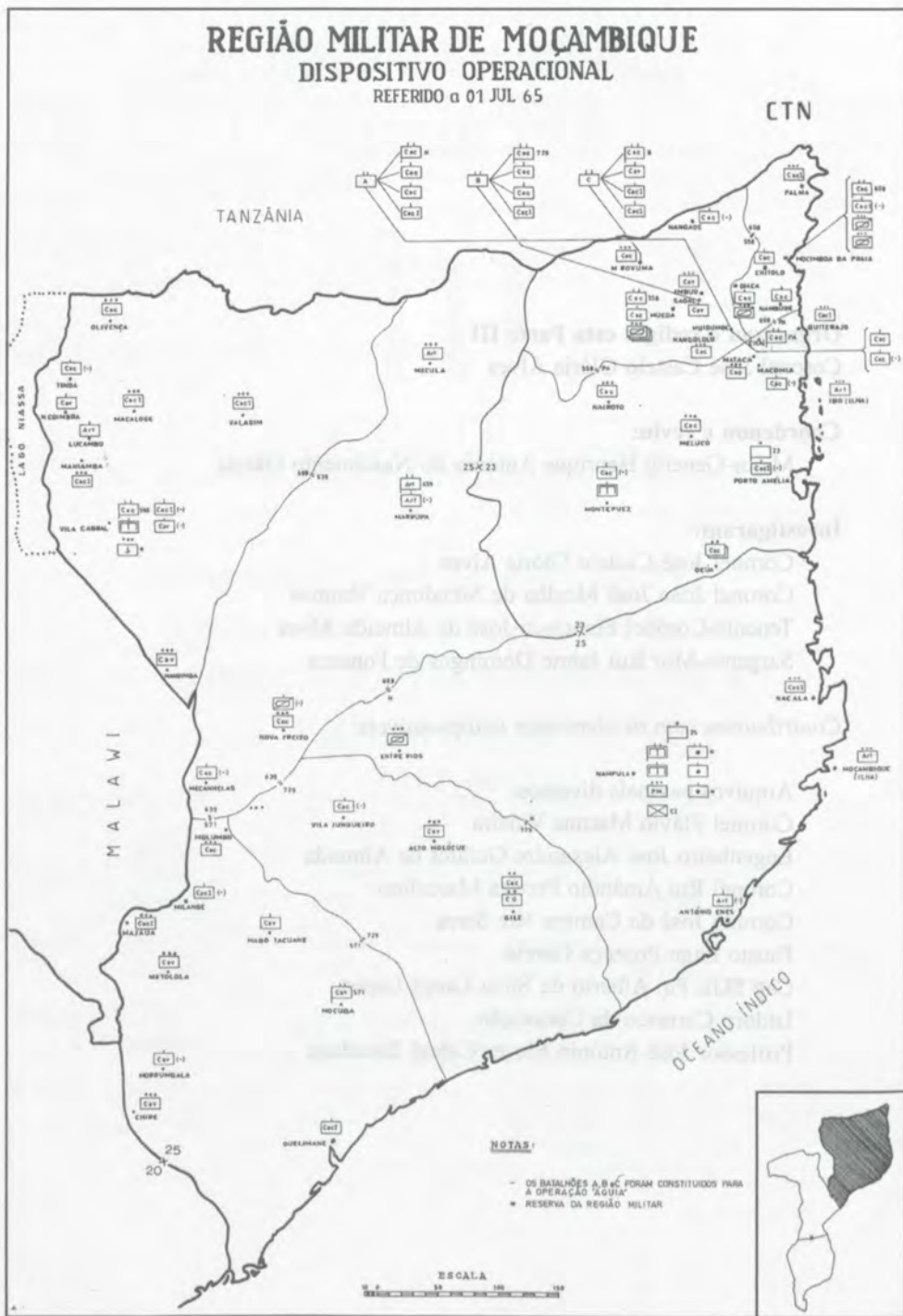
Coronel José da Camara Vaz Serra

Fausto Lage Proença Garcia

Cap SGE Pq. Alberto da Silva Lança Lopes

Isidoro Carrasco da Conceição

Professor José António Mayer Cabral Sacadura



ANTECEDENTES

Em Moçambique, a ideia da criação de uma tropa especializada na técnica da contra-guerrilha surgiu durante o período em que foi Comandante-Chefe o General João Alexandre Caeiro Carrasco e numa altura em que não se tinham ainda registado acções armadas de subversão, embora o panorama em duas Províncias Ultramarinas indicasse que tal podia acontecer num futuro próximo.

Convirá então fazer uma breve retrospectiva, resumida, das primeiras acções de subversão armada neste território.

Assim, em 21 de Agosto de 1964, ao fim da tarde, foram atacados a tiro de canhangulo os ocupantes de uma viatura civil na estrada Mueda-Mocimboa da Praia, por alturas de Nova Esposende (Sagal), sem consequências de maior.

Passados dias, em 24 de Agosto, um grupo terrorista assassinou o padre holandês Daniel, da missão católica de Bomela. O crime deu-se junto à Missão de Nangololo, onde se procedia a uma reunião de missionários. O padre Daniel, ao regressar de uma caçada, acompanhado de um serviçal, Ernesto Dinagongo, sofreu uma emboscada, e, atingido com tiros de canhangulo, foi posteriormente abatido à catanada.

Um mês depois, em 26 de Setembro, deu-se um ataque ao Posto Administrativo do Chai. Foi executado por elementos da Frelimo, que, de acordo com a sua historiografia, considera esta data como a do início da luta armada em Moçambique.

Em 29 de Setembro foi atacado o Quartel de Mueda. Vários grupos posicionaram-se em volta das instalações militares, aguardando para atacar a hora da formação do recolher (20 horas), hora em que o pessoal estaria, naturalmente, mais vulnerável. Um disparo de um cipaio da Administração sobre um detido que tentou pôr-se em fuga desencadeou o ataque prematuramente. Foram atacados simultaneamente o quartel do Exército, as instalações do Aeródromo de Manobra 51, a captação de água e as casas dos comerciantes locais (China e outros). Após a reacção das nossas tropas ao ataque, que teve alguma intensidade embora feito só com armas ligeiras, o inimigo retirou cerca de 2 horas depois. Por volta das 2 horas da manhã, voltou a flagelar as nossas instalações, com menor intensidade.

Este foi o primeiro ataque às nossas tropas em Moçambique¹.

¹ Cor Vaz Serra, depoimento.

PREPARAÇÃO DO CURSO DE COMANDOS

O Centro de Instrução de Comandos foi criado em Moçambique em finais do ano de 1963 e guarnecido com o pessoal da Região Militar de Moçambique que frequentou, de Junho a Setembro desse mesmo ano, o Curso no Centro de Instrução 16 na Quibala Norte Região Militar de Angola.

O Centro de Instrução de Comandos, em Moçambique, situava-se na Namaacha, povoação a cerca de 70km de Lourenço Marques e na fronteira com a República da África do Sul. Era a Namaacha nessa altura conhecida pela “Sintra de Moçambique” dado o seu clima ameno, terreno ondulado e arvoredo frondoso.

Este Centro ficou instalado no aquartelamento da Companhia de Caçadores Especiais 313 (CCE 313), comandada pelo Capitão de Infantaria Flavio Martins Videira, que foi também nomeado Comandante do Centro de Instrução e Comandante da Instrução do I Curso de Comandos.

Em data anterior e na previsão de que a subversão iria certamente alastrar a esta Província, e, tendo conhecimento de que, em Angola, entrara em funcionamento o CI 16 para instrução de Comandos, o General Carrasco, Comandante Militar da RMM, resolveu dar andamento ao processo de formação de instrutores para o futuro Centro de Formação de Comandos tendo sido nomeados para frequentar o Curso na Quibala Norte, (CI 16) na Região Militar de Angola, os seguintes oficiais, sargentos e praças da Região Militar de Moçambique (RMM), de 09Jun63 a 25Set63:

- Cap Inf^º Flávio Martins Videira do CCE 313
- Cap Inf^º António Rosado Serrano do BCLM
- Ten Inf^º Rui Amandio Pereira Marcelino do BCLM
- Alf Mil^º Cav^º Fausto Lages Proença Garcia do ER Nampula
- Asp Of Mil^º Inf^º José António Marques Jacinto do CIInf^º Nampula
- Fur Inf^º José Granjeio Fragoso da CCaç V. Manica
- Fur Cav^º António José Cadete da Silva do DInt 162
- Fur Eng^º António Fernandes Vasques da CCA Nampula
- Fur Cav^º José Maurício Teixeira do ER Nampula
- Fur Inf^º Jacinto António Rodrigues do BCLM
- Fur Inf^º João Pombo Rainha da CCE 313
- 1^º Cabo 55/61/RD Joaquim Afonso Moreira do BCaç P. Amélia

Acerca de frequência deste Curso, refere o relatório da actividade do CI 16:

“A instrução do pessoal de Moçambique apresentava ao Centro um conjunto de preocupações resultantes do pouco definido que traziam como missão e ainda porque não é impunemente nem de ânimo leve, que se prevê a instrução de Oficiais e Sargentos. Isto implicou o ter de considerar-se, embora com as limitações locais inevitáveis, que a sua instrução deveria não só seguir procedimento igual ao dos grupos de combate, como ainda o de informar sobre os meios, os sistemas, os processos e métodos seguidos na formação de “Comandos” e fundamentos de cada um. Acrescia ainda o facto, de ao sujeitarem-se a provas de selecção se criava a necessidade de ministrar as instruções indispensáveis ao esclarecimento dos seus métodos e processos. Isto quer dizer que se havia de proceder como que a um curso de instrutores e monitores de “Comandos”, que, se poderá parecer presunção na intenção, o não foi no desejo por eles manifestado em cada instante e que havia de atender-se, até para não correr o risco de julgarem menos fundamentados os modos de actuar.

Assim, quer pela orientação que havia de dar-se à instrução, quer pelo interesse manifestado pelos componentes da missão, quer ainda pelo âmbito dos seus interesses e preocupações serem distintos dos grupos, houve que diferenciar a instrução, evidentemente dentro do quadro de limitações que o volume de instrutores, os meios e as instalações pudessem permitir.

Tendo em atenção estes factores, foi pensado orientar-se a instrução de modo a que se promovesse à sua formação como executantes a par dos grupos, se procedesse à informação necessária sobre os fundamentos e razões dos processos de actuar, e quando possível, nas necessidades e no tempo, praticassem como auxiliares na condução de algumas instruções. E com esta orientação se desenvolveu a instrução segundo os programas que veremos adiante.

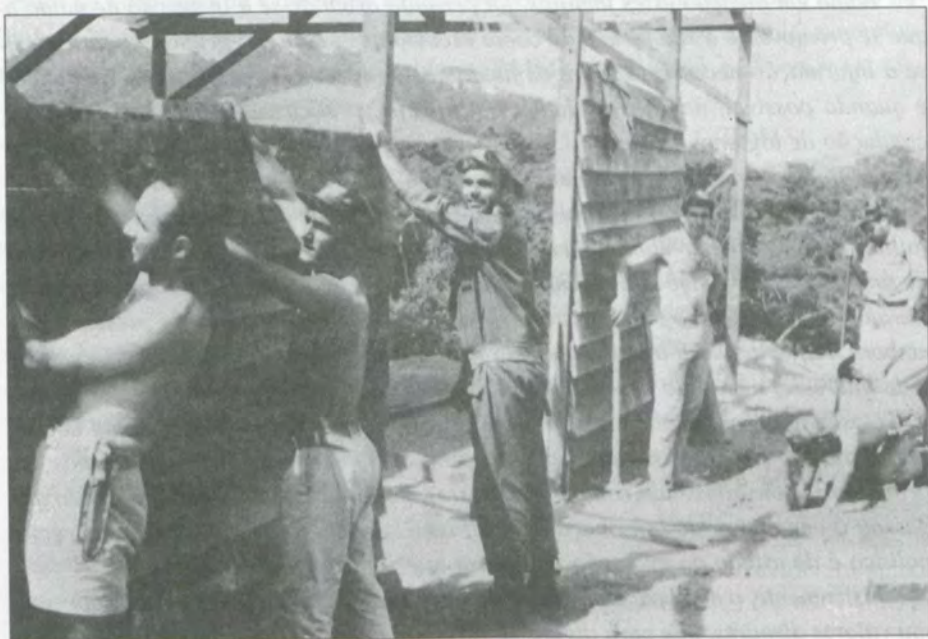
Foram realizadas, ao pessoal da RMM, as provas de selecção em processos de rotina, pois o carácter eliminatório de que se revestem para os demais, estava fora do âmbito das atribuições do Centro. Desconhecem-se quais os critérios ou moldes em que naquela Região se processou a escolha do pessoal que nos foi presente, que embora frequentando a instrução e nela revelando invulgar espírito de bem cumprir e de interesse, nem todo possuía no início condições que julgamos necessárias.

Observados os resultados dos testes e provas efectuadas, foram nelas encontradas razões para se introduzirem, no programa, matérias que, pelo menos em princípio se considerariam como pressupostos. Foi esta a razão determinante do que passou a chamar-se de Informação Geral, aqui se encarando palestras de carácter político e de estudo da evolução da guerra que suportamos.

Fisicamente, o nível encontrado, se na média se situa em nível aceitável, apresentou valores dispare, que para alguns se revelaram abaixo do que seria para desejar.



**Grupo de Oficiais, Sargentos e Praças, da R.M.M.,
durante a instrução no C.I. 16 – Quibala-Norte**



Ajudando à construção do quartel do C.I. 16

A apresentação do pessoal no Centro afigurou-se-nos demasiado cedo na medida em que acompanhando os instrutores tiveram de colaborar – voluntariamente, é certo – nos trabalhos de construção do aquartelamento, o que, se seria obrigação para os instrutores, estava fora do âmbito ou finalidade da sua presença. Muito embora tivesse servido como que de informação de dificuldades superadas, o certo é que para pessoal de Região diferente aqui apresentado para a frequência de um curso, supomos desejável que a sua presença no Centro seja apenas a necessária para o início da instrução. Isto possibilitou no entanto a oportunidade de revelar o espírito de colaboração e de interesse de que vinham animados, que muito se fez sentir no desenrolar do curso.

Iniciada a instrução foi ministrado o programa incluso no quadro resumo, da página 578 nele se indicando a distribuição das horas efectivamente dadas no seu desenrolar. Apesar das dificuldades havidas e do planeamento e preparação se processar quase simultaneamente com a sua execução, podemos considerar que se não foi o suficiente, foi pelo menos o possível.

O detalhe dos programas que se indicam, darão conta do volume de conhecimentos focados, que embora insuficientes para a pretensa formação de instrutores, não deixam certamente de possibilitar o início de um trabalho semelhante na RMM.

No quadro resumo que se segue na pag. 574 poderá verificar-se o número de horas de instrução que lhe coube com a distribuição pelas matérias indicadas. Aqui se fizeram sentir igualmente as limitações que nos aspectos formativos deveriam ser encarados com a agravante de, perante as sessões de “Informação Geral” se focarem procedimentos e métodos de trabalho não seguidos, pelas razões que foram atrás largamente expostas.

Embora possa ser desagradável referir e fundamentar processos de trabalho e de conduta da instrução não seguidos, o espírito de compreensão e a aceitação das naturais e especiais condições que se viveram, tornaram possível um rendimento que podemos considerar como bom.”

Depois da frequência deste Curso, os elementos atrás mencionados regressaram à Região Militar de Moçambique.

Estes militares mereceram a seguinte Referência Elogiosa, que se transcreve, do artº 3º da OS nº 2, de 03Jan64, da RMA:

“Artº 3º Referência Elogiosa:

Tendo sido nomeados pela Região Militar de Moçambique para a frequência no CI 16 da instrução de aperfeiçoamento de contra-guerrilha “Comandos” os seguintes Oficiais e Sargentos:

- Cap Infª Flávio Martins Videira do CCE 313
- Cap Infª António Rosado Serrano do BCLMarques

QUADRO RESUMO DA INSTRUÇÃO
Ministrado aos Oficiais e Sargentos da Região Militar de Moçambique

TIPO DE INSTRUÇÃO		PREPARAÇÃO	INSTRUÇÃO BÁSICA E PRÉ-OPERACIONAL										INST. OPR.	TOTAIS					
MATÉRIAS	DE A		07JUL 08JUL	08JUL 14JUL	15 21	22 28	29JUL 04AGO	05 11	12 18	19 25	26AGO 01SET	02 08		09SET 01OUT	PAR- CIAIS	TRABA- LHOS	SELEC- ÇÃO	DIVER- SOS	INSTRUÇÃO
																BÁSICO E PRÉ- OP.	OP.		
TRABALHOS		30 DIAS											30 DIAS	30 DIAS	28 HORAS EM UMA SEMANA				
SELECÇÃO													HORAS						
INSPECÇÃO MÉDICA			4										4						
TESTE FÍSICO			4										4						
TESTE CAPACIDADE FÍSICA			16										16						
TESTE DE TIRO			4										4						
INSTRUÇÃO														226 HORAS EM 9 SEMANAS					
D. FÍSICA MILITAR			4	6	12	12	14						48						
APADROES				4	2		2						8						
PRIMEIROS SOCORROS				4						2	4		10						
TIRO				4	2	2		8	6	6	8		36						
REVIVÊNCIA				2	4	4							10						
LIGAÇÃO				4		2	6						12						
INFORMAÇÕES				4	8	10	6												
INFORMAÇÃO GERAL				2	4	2	2		6	10			26						
ORIENTAÇÃO						2							2						
ORG. "COMANDO"							2						2						
TÁTICA							2	18	16	10	12		58						
CERIMÓNIAS				2									2			2			
INST. OP.												21 DIAS					21 DIAS		
TOTAL DE HORAS POR SEMANA			32	32	34	34	26	28	28	24									

- Ten Inf^a Rui Amandio Pereira Marcelino do BCLMarques
- Alf Mil^o Cav^a Fausto Lages Proença Garcia do ER Nampula
- Asp Of Mil^o Inf^a José António Marques Jacinto do CI Inf^a Nampula
- Fur Inf^a José Grangeio Fragoso da CCAç Vila Manica
- Fur Cav^a António José Cadete da Silva do DINT 162
- Fur Eng^a António Fernandes Vasques da CCA Nampula
- Fur Cav^a José Maurício Teixeira do ER Nampula
- Fur Inf^a Jacinto António Rodrigue do BCLMarques
- Fur Inf^a João Pombo Rainha da CCE 313
- 1^o Cabo 55/61/RD Joaquim Afonso Moreira do BCAç P.Amélia

É de toda a justiça salientar o interesse e entusiasmo como, desde a sua apresentação, se dispuseram a recolher os ensinamentos resultantes de experiência de combate das tropas da Região Militar de Angola.

Tendo marchado para o CI 16 juntamente com o pessoal instrutor, bastante tempo antes do início do período de instrução, participaram com a melhor boa vontade nos trabalhos da instalação do Centro, demonstrando, desde logo, muita dedicação pelo serviço, ótimo método de camaradagem e notável espírito de colaboração.

No decorrer da instrução esses Oficiais patentearam, em todas as circunstâncias, possuir boa preparação militar, grande resistência física, muito desembaraço e, nos momentos de perigo demonstraram sangue frio, calma e determinação.

Por tudo isto, se pode concluir que os Oficiais e Sargentos da Região Militar de Moçambique que frequentaram o CI 16 obtiveram ótimo aproveitamento tendo honrado a Região Militar de Moçambique e justificado em absoluto a distinção que lhes foi concedida ao serem nomeados para esta missão.”

CURSO DE COMANDOS

Como já foi referido, o Centro de Instrução de Comandos em Moçambique, ficou instalado no aquartelamento da CCE 313. A Namaacha situava-se em terreno ondulado, com alguma altitude e gozava de um clima ameno para os padrões africanos.

Comandava a CCE 313 o Cap Inf^a Flávio Martins Videira, facto certamente determinante para que viesse a ser nomeado Comandante da Instrução. Além deste Oficial, a equipa de instrução era constituída pelo pessoal que a seguir se indica:



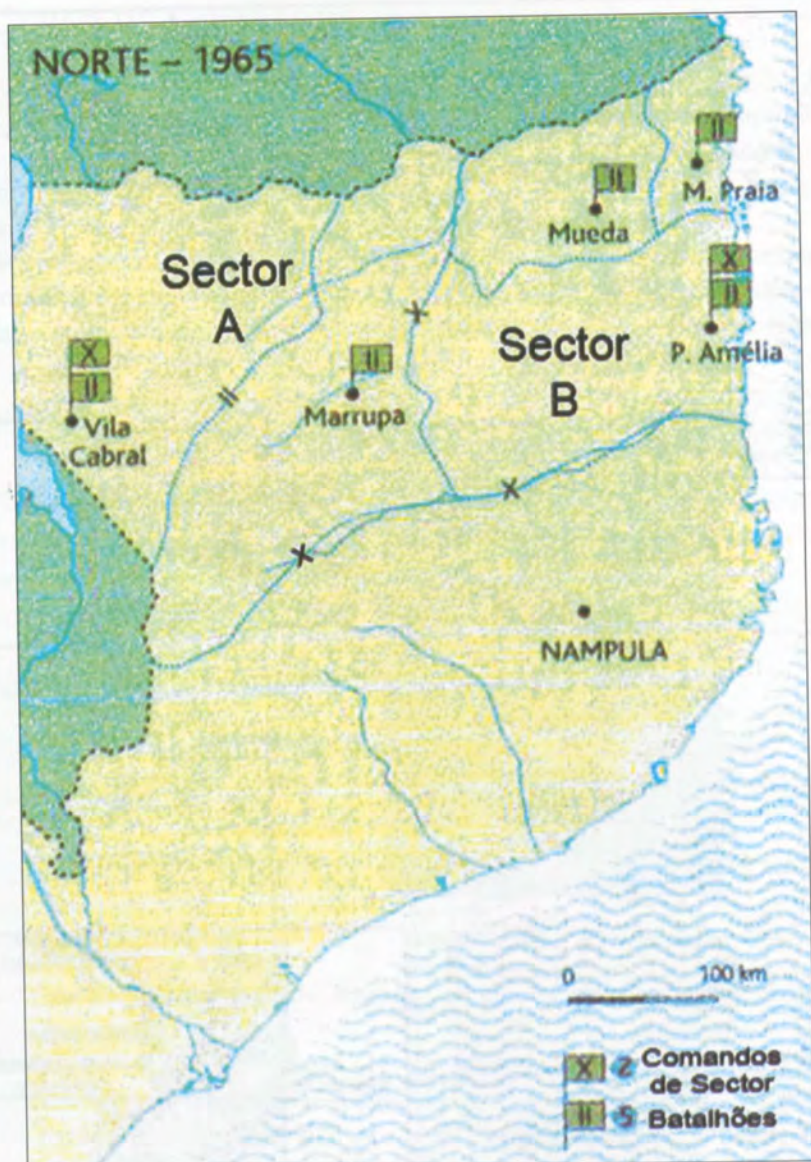
*Capitão Inf.ª
Flávio Martins Videira*

Instrutores

- Cap Inf^a “Cmd” António Rosado Serrano – Formação Geral, Navegação Terrestre, Curso Tarzan.
- Cap Inf^a “Cmd” Rui Amandio Pereira Marcelino – Educação Física, Ligação, Sapadores, Ordem Unida, Técnica de Combate e Tiro.
- Ten Mil^o Médico Luiz António da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite – Primeiros Socorros.
- Alf Mil^o Cav^a “Cmd” Fausto Lages Proença Garcia – Educação Física, Ordem Unida, Formação Geral, Tiro e Técnica de Combate.
- Alf Mil^o Cav^a “Cmd” Manuel Cândido de Araújo Pedreira – Combate Corpo-a-Corpo.
- Asp Of Mil^o Inf^a “Cmd” José António Marques Jacinto – Armamento.



ESCALA 1:7.000.000



Dispositivo Militar em 1965



A boina vermelha amaranço
e o punhal *Kris* que foram distribuídos aos 51 apurados
no 1º curso de Comandos na Namaacha



Grupo de Comandos
VAMPIROS



Grupo de Comandos
SOMBRAS



Posto de Vigia na Serra Mecula



Serra Mecula
– Distribuição do rancho



Rio Lugenda



Operação "Atum" – LFP "Régulus" na Estação CF de Belém



A LDM 404 transpõe mais uma ponte



Operação “Atum” – lanchas e camiões no comboio



Muidumbe – O Alferes Serôdio aguarda evacuação na pista

Monitores

- 2º Sargento Infª “Cmd” Jacinto António Rodrigues
- 2º Sargento Milº Cavª “Cmd” João António Cadete da Silva
- 2º Sargento Infª “Cmd” João Pombo Rainho – Escalada e Fotografias
- Furriel Engª “Cmd” António Fernandes Vasques
- Furriel Infª “Cmd” José Granjeio Fragoso
- 1º Cabo RD Infª “Cmd” Joaquim Afonso Moreira

O Curso teve início em 13Fev64 e terminou em 07Jul64, com uma duração de quase cinco meses.

Como curiosidade, se transcreve o “Guia do Comando do C.I. da Namaacha”, distribuído a todos os instruendos no dia da chegada ao Centro de Instrução:

“Que sejas bem-vindo à CCE 313.

E sejas bem-vindo, pela alegria que todos sentimos na previsão do vosso convívio e na esperança da vossa glória.

Viver perigosamente vai ser o teu lema! Mas se a vida será dura como convém ao militar que és, ao “comando” que desejas ser, não te deves esquecer que é no sofrimento e na dor que se tempera a alma do militar e se caldeia a força da sua fê. É a tua vontade na alegria da tua juventude e na generosidade do teu temperamento, que virá a ser o fiel da tua actividade e o orgulho da tua consciência. E quando, por esforços e sacrifícios ao longo de riscos sem par, sentires merecer o título a que aspiras, ou sentires a alegria de ver brilhar no teu peito a insígnia que te distingue então compreenderás o verdadeiro significado de um “Comando”. E saberás que esse título corresponde ao termo de uma luta que travaste contigo próprio, a uma vitória da tua vontade sobre o teu instinto.

Que sejas pois Bem-vindo à CCE nº 313. E que, quando daqui saíres, na certeza de um dever cumprido levarás contigo o orgulho do título que distingue e na consciência a honra de merecê-lo.

Algumas Indicações:

A instrução a que te irás sujeitar desenvolver-se-á, na sua maior parte, sem que conheças o seu horário ou a sua natureza. Isto quer dizer que num período de 24 horas estarás pronto, à mais pequena indicação, a apresentares-te no teu local habitual da formatura, para dali seguires ao cumprimento do que te for determinado pelo instrutor respectivo. Pode até suceder que te mantenhas em instrução por um período superior a um dia, e serás forçado a viver de noite, isto é, a fazeres a tua vida normal durante o período nocturno do dia. Tudo, portanto poderá aqui suceder sem que o estranhes e sobretudo, sem que deixes de dominar as reacções que de certo modo, seriam normais se não se tratasse de um “Comando”.

Um outro aspecto de que julgamos dever prevenir-te, é o aspecto disciplinar do teu comportamento. Se o seu rigor poderá considerar-se um exagero para a tropa normal, para um “Comando” tornar-se-á de tal modo habitual que irás estranhar, no futuro, como te foi possível viver de outro modo. E não te esqueças de que as exigências feitas não são obrigações que cumpres, mas a afirmação permanente da tua vontade e do teu desejo de ser um “Comando”.

Um factor a que se dá grande importância, afinal a importância que merece, é o do atavio. Se as condições existentes não favorecem neste pormenor, elas só poderão ser uma mais forte razão para que os cuidados se redobrem e as exigências aumentem.

Por esse factor não estranharás a permanente vigilância a que te sujeitas, e sobretudo o permanente cuidado que deves ter. E neste continuar de revelações e elucidações parece-nos o momento de referir os cuidados com a tua arma. Ela representa, bem o sabes, o teu mais forte argumento no combate: e porque assim é, a tua arma deve ser a tua maior preocupação. Se é obrigação de qualquer combatente habituar-se à sua permanente companhia, estimá-la como o mais fiel dos seus amigos e cuidar dela em todos os instantes, para um “Comando” constitui um legítimo título de orgulho. É por esse facto que o seu uso permanente é exigido durante uma grande parte do curso. Em qualquer instante, ela poderá ser sujeita a uma revista que, como é evidente, deverá concluir pelo seu perfeito estado de limpeza e funcionamento.”

Curso de Comandos / Namaacha – Carga horária

MATERIAIS	HORAS
Educação Física	201
Tiro	111
Técnica de combate	200
Armamento	54
Ordem Unida	27
Segurança	5
Ligação (transmissões)	31
Sapadores	37
Navegação terrestre (fotografia)	24
Escaladas	18
Sobrevivência	24
Primeiros socorros	24
Formação geral, informações, doutrinação e aventura	24

Como já foi referido, o Curso decorreu de 17Fev64 a 7Jul64 de acordo com a carga horária da página 578. Apresentaram-se 200 voluntários que, sujeitos a uma 1ª selecção, foram reduzidos a 80 que iniciaram a instrução. Chegaram ao final do Curso, com aproveitamento, 51 “Comandos” que foram distribuídos por 2 Grupos, “os Vampiros” e os “Sombras”.

Além destes efectivos é também referida a frequência deste curso por uma equipa de Paraquedistas e outra de Polícia Aérea, constituídas, cada uma, por um 2º Sargento, 1 Cabo e 2 Soldados.

Quanto ao período em que decorreu este Curso de Comandos, optou-se como referência o mencionado no Relatório elaborado na Namaacha, em 10 de Julho de 1964 pelo Director do Curso, Capitão de Infantaria Flávio Martins Videira (17Fev a 30Jun64) tendo no entanto em consideração que os Exercícios Finais e a Cerimónia de Encerramento com imposição das Insígnias tiveram lugar, também na Namaacha, em 07Jul64.

Quanto a este assunto, outros documentos indicam outras datas, a saber: OS nº 154 de 04Jul64 da EAM (Escola de Aplicada Militar/Boane), na pág. 11 refere o fim do Curso de Comandos em “20 do mês findo”, fazendo referência ao artº 3º de OS nº 153 de 01Jul64 do CCE 313.

Acerca dos Exercícios Finais e Encerramento do Curso de Comandos, transcreve-se parcialmente, um artigo publicado no “Diário”, de Lourenço Marques de 08Jul64:

“Após o almoço, que teve lugar no Hotel Namaacha, a que presidiu o General Caeiro Carrasco, um longo comboio de viaturas desceu a estrada sob uma escolta de comandos, que foi entrando em acção nos pontos perigosos do percurso até chegar ao local do exercício final.

Um grupo de comandos progredia numa ravina. Súbito um tiroteio o surpreendeu. Os comandos tomaram rapidamente as posições de combate e ripostaram ao inimigo oculto no alto de um cabeço.

A progressão debaixo de fogo é lenta mas segura e a poucos metros de posição duas granadas de mão limpam o reduto, abrindo aos comandos a oportunidade de assalto que lhes assegura a situação. Entretanto verifica-se que há um ferido, alvejado por um tiro que lhe fracturou a perna e uma equipa presta-lhe os socorros de emergência (os comandos têm todos eles conhecimentos de enfermagem) e o ferido é conduzido para a rectaguarda.”

Teve ainda lugar uma demonstração que constou de:

- Rappel ² de um penhasco com 50 metros
- Transposição de cortaduras ³

² Rappel – Descida de uma superfície vertical ou de grande inclinação, usando uma corda dupla, presa à cintura, que vai sendo recuperada.

³ Cortaduras – Obstáculos naturais.

- Transposição de obstáculos (pista de cordas)
- Slide ⁴
- Emboscada;

Depois, nesse mesmo dia e na parada do quartel da CCE 313, teve lugar a Cerimónia de Imposição de Crachás. Participaram nesta cerimónia de imposição de insígnias aos militares com aproveitamento no Curso de Comandos, o Comandante da Região Militar, General Caeiro Carrasco, o Comandante da Região Aérea, General Machado de Barros, o 2º Comandante Militar, Brigadeiro Augusto dos Santos, 2º Comandante Naval, Comandante Santos Silva e outros oficiais superiores presentes.

Como curiosidade, acresce informar que foi também distribuído ao pessoal que terminou o Curso, após a cerimónia na parada, uma boina vermelha amaranço e um punhal (Kris) ⁵.

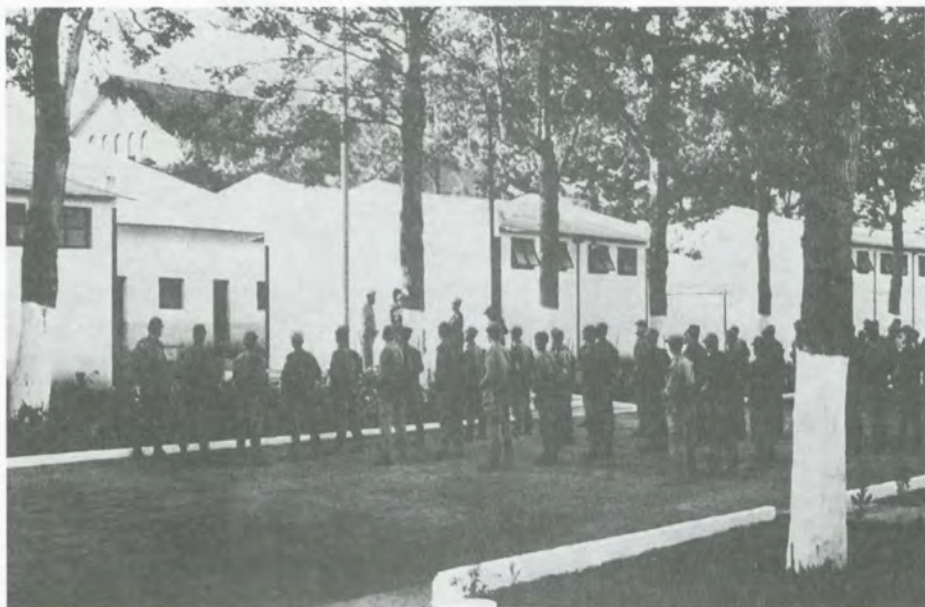
Ver reprodução a cor na página XXIII



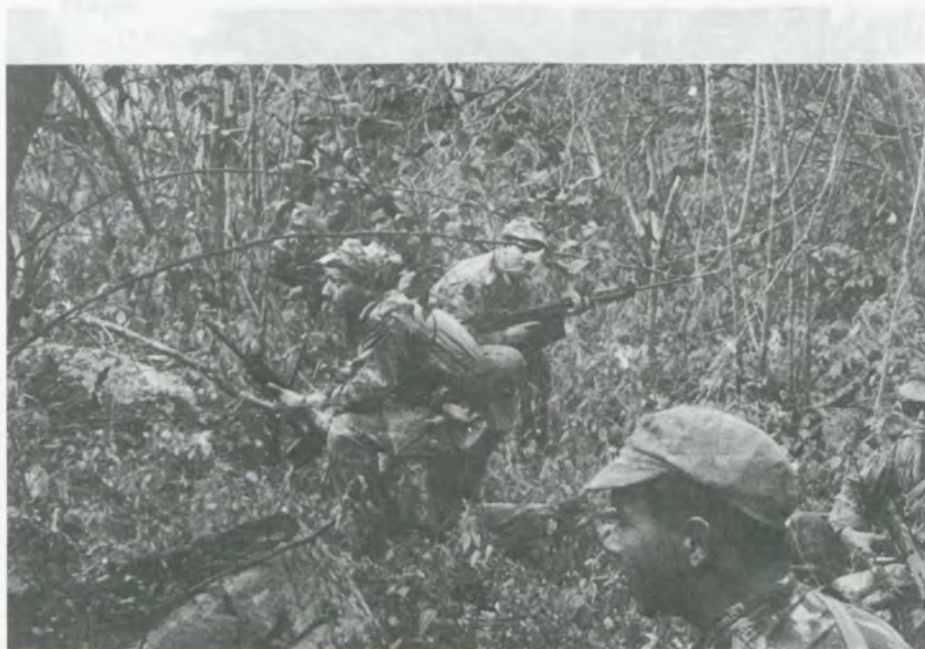
Porta de Armas da CCE 313 (CIC)

⁴ Slide – Processo de transposição de rio ou precipício, que consiste no delizamento de uma roldana num cabo inclinado.

⁵ Kris – Punhal Malaio de lâmina ondulada.



Formatura de instrução (CIC)



Instrução de Técnica de combate (CIC)



Instrução de 1.º socorros (CIC)



Revista de armamento (CIC)

CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE COMANDOS

GRUPO DE COMANDOS “VAMPIROS” – RMM



Emblema
de braço

Comandante

- Alf Milº “Cmd” – José António Mayer Cabral Sacadura BCaç 558

Chefe Equipa

- 2Sar Inf “Cmd” – Jacinto António Rodrigues BCLM
- Fur Milº “Cmd” – Vasco Fernandes dos Santos Valentim CCav 568
- 1º Cabo Milº “Cmd” 1208/63 – Hermínio Augusto EAMM
- 1º Cabo Milº “Cmd” 1341/63 – Pedro Fernando David Júnior... EAMM
- 1º Cabo Milº “Cmd” 1289/63 – Abel Augusto Real Rodrigues BCaç Boane

Praças

- 1º Cabo “Cmd” 587/63 – Claudino da Silva Durães CCav 568
- 1º Cabo “Cmd” 605/63 – João Evangelista de Jesus Gonçalves... CCav 568
- 1º Cabo “Cmd” 645/63 – Raúl Ramalho CCav 568
- 1º Cabo “Cmd” 2557/63 – Ernesto Antunes Guilhas CCaç 536
- 1º Cabo “Cmd” 354/63 – Fernando Jean Duarte CCaç 550
- Sold “Cmd” 1269/63 – Adelino Gonçalves Mendes CCaç 548
- Sold “Cmd” 1538/63 – António Joaquim Vasconcelos CCaç 548
- Sold “Cmd” 2424/63 – Joaquim Pereira Luís CCaç 548
- Sold “Cmd” 1149/63 – José Augusto de Sousa CCaç 549
- Sold “Cmd” 1464/63 – Jorge da Silva Mineiro CCav 570
- Sold “Cmd” 867/63 – Manuel dos Santos CCav 570
- Sold “Cmd” 929/63 – Manuel Antunes Lourenço CCav 570
- Sold “Cmd” 859/63 – Mário Gil Cardoso de Figueiredo CArt 563
- Sold “Cmd” 2208/63 – Jorge Miguel A Portela CArt 563
- Sold “Cmd” 718/63 – Arcílio Pereira CCav 569
- Sold “Cmd” 781/63 – Carlos Alberto Pinho Maria CCav 569
- Sold “Cmd” 784/63 – Manuel Joaquim F. da Silva CCav 569
- Sold “Cmd” 1042/63 – Manuel Moreira Sargento CCav 569

GRUPO DE COMANDOS “SOMBRAS” – RMM

Emblema
de braço



Comandante

- Alf Milº “Cmd”– José Alexandre Gafarot d’AlmeidaCCaç 550

Chefes Equipa

- Fur Milº “Cmd”– Hipólito Gomes Fernandes AlvesCCaç 549
- Fur Milº “Cmd”– José Manuel Baltazar Nunes.....CCaç 548
- 1º Cabo Milº “Cmd” 1063/63 – Joaquim Augusto de Silveira Rodrigues
EAMM
- 1º Cabo Milº “Cmd” 1354/63 – Manuel António Gonçalves Lima do Souto
CII Boane
- 1º Cabo Milº “Cmd” 1252/63 – César Alfredo Franco Lopes ... EAMM

Praças

- 1º Cabo “Cmd” 55/RD – Joaquim Afonso Moreira BCPAmélia
- 1º Cabo “Cmd” 1200/63 – Arlindo F. S. CarvalhoCCaç 549
- 1º Cabo “Cmd” 1264/63 – Amadeu Pinto da Silva.....CCaç 549
- 1º Cabo “Cmd” 1189/63 – João da Silva MarquesCCaç 548
- 1º Cabo “Cmd” 1460/63 – Ernesto AntónioCCaç 550
- 1º Cabo “Cmd” 2444/63 – Isidoro Carrasco da ConceiçãoCCaç 536
- 1º Cabo “Cmd” 2496/63 – Manuel da Silva FerreiraCCaç 536
- 1º Cabo “Cmd” 609/63 – Climério da Cruz Domingues CCav 568
- Soldado “Cmd” 862/63 – Augusto de Oliveira VivasCCaç 548
- Soldado “Cmd” 1813/63 – Domingos dos Santos Marinheiro .CCaç 548
- Soldado “Cmd” 1183/63 – José J. Marques Soares.....CCaç 548
- Soldado “Cmd” 1165/63 – Joaquim Sousa MoreiraCCaç 549
- Soldado “Cmd” 1179/63 – José de Carvalho.....CCaç 549

- Soldado “Cmd” 1363/63 – Joaquim do Couto GuerraCCaç 549
- Soldado “Cmd” 1453/63 – Abílio L. dos Reis Carvalho.....CCaç 549
- Soldado “Cmd” 1833/63 – Artur Mão de Ferro Lagarto.....CCaç 549
- Soldado “Cmd” 1373/63 – Marcolino AntónioCCaç 550
- Soldado “Cmd” 1424/63 – Fernando Coelho DiasCCaç 550
- Soldado “Cmd” 33/63 – Domingos Filipe Guerra..... BCLM

Além dos elementos atrás mencionados e que constituem os grupos de Comandos “VAMPIROS” e “SOMBRAS”, frequentaram também, com aproveitamento, o Curso de Comandos, de 17Fev a 30Jun64 os seguintes militares:

Do Exército

- Alf Mil.^o Inf – Manuel António Pereira de Sousa Serôdio ⁶
- Alf Mil.^o – António Manuel Sestelo Sequeira ⁷

Da Força Aérea

- Furriel Paraquedista – Alberto da Lança Lopes
- 1.^o Cabo Paraquedista n.º45/RD – Joaquim da Costa Oliveira
- Soldado Paraquedista n.º34/61 – Celestino Rodrigues Ferreira
- Soldado Paraquedista n.º16/62 – Francisco Antunes Ferreira
- e 2.^o Sargento Padilha da Polícia Aérea da BA 9 (Beira), um 1.^o Cabo
- e 2 Soldados da Polícia Aérea da BA 9 (Beira).

⁶ O Alferes Serôdio não pertenceu organicamente a qualquer grupo, mas integrou, a seu pedido, e em operações, qualquer um dos dois existentes.

⁷ O Alferes Sequeira, terminado o Curso de Comandos, e por não ter lugar, organicamente, nos Grupos de Comandos, regressou à sua Unidade.

LOUVORES CONCEDIDOS NA INSTRUÇÃO E POSTERIOR ACTIVIDADE OPERACIONAL

Louvor

“Ao Ten Milº “Cmd” Médico Luiz António da Mota Prego Cunha Soares de Moura Pereira Leite, da CCE 313, instrutor de Primeiros Socorros no Curso de Comandos...”

Artº 1º, nº 2 da OS nº 16, de 18Mai64 da RMM.

Louvor

“Ao Fur Milº Infº “Cmd” João Pombo Rainha, da CCE 313, monitor de Escaladas e Fotografia no Curso de Comandos...”

Artº 1º, nº 3 da OS nº 16 de 18Mai64 da RMM.

Citação (Colectiva)

“Ao Centro de Comandos da Namaacha...”

Artº 2º, da OS nº 17 de 28Mai64 da RMM

Louvor (Colectivo)

“A todos os Oficiais, Sargentos e Praças do Centro de Instrução de Comandos da Região Militar de Moçambique, que funcionou na povoação de Namaacha...”

Artº I, nº 1 da OS nº 27 de 05Ago64 da RMM.

Louvor

“Ao Cap Infº “Cmd” Flávio Martins Videira, Cmdt da CCE 313, Director e Instrutor do I Curso de Comandos realizado na Região...”

Artº I, nº 5 da OS nº 27 de 05Ago64 da RMM

Louvor

“Ao Cap Infº “Cmd” António Rosado Serrano, do BCaç LM, Adjunto e Instrutor do 1º Curso de Comandos realizado nesta Região Militar...”

Artº I, nº 7 da OS nº 27 de 05Ago64, da RMM.

Louvor

“Ao Cap Infº “Cmd” Rui Amândio Pereira Marcelino, do BCaç LM, Instrutor do 1º Curso realizado nesta Região Militar...”

Artº I, nº 8 da OS nº 27 de 05Ago64, da RMM.

Louvor

“Ao Alf Milº Cavº “Cmd” Fausto Lages Proença García, do ERec Nampula, Instrutor do 1º Curso de Comandos realizado nesta Região Militar...”

Artº I, nº 9, da OS nº 27 de 05Ago64, da RMM.

Louvor

“Ao Alf Milº Cavº “Cmd” Manuel Cândido de Araújo Pedreira, do Erec LM, como Instrutor de Luta e Combate Corpo a Corpo do 1º Curso de Comandos realizado nesta Região Militar...”

Artº I, nº 10 da OS nº 27 de 05Ago64, da RMM.

Louvor

“Ao Fur Milº “Cmd” Vasco Fernando dos Santos Valentim, da CCav 568, como instruendo do 1º Curso de Comandos realizado nesta Região Militar...”

Artº I, nº 11 da OS nº 27 de 05Ago64, da RMM.

Louvor

“Ao 1º “Cmd” Cabo Rd Joaquim Afonso Moreira, do BCaç P.Amélia, como monitor do 1º Curso realizado nesta Região Militar...”

Artº I, nº 12, da OS nº 27 de 05Ago64 da RMM.

Louvor (Colectivo)

“Aos oficiais, Sargentos e Praças do Grupo de Comandos...”

Artº I, nº 17 da OS nº 41 de 11Ago65, da RMM.

Louvor

“Ao Alf Milº Infº “Cmd” José António Mayer Sacadura, do BCaç 558, integrado no Grupo de Comandos “Vampiros”...”

Artº I, nº 42 da OS nº 41 de 11Ago65, da RMM.

Louvor

“Ao Alf Milº Infº “Cmd” José Alexandre Gafarot d’Almeida, da CCaç 550, integrado no Grupo de Comandos “Sombras”...”

Artº I, nº 43 da OS nº 41 de 11Ago65, da RMM.

Transcrevem-se, dos louvores atrás referidos, os referentes, respectivamente, à actividade do Centro de Instrução de Comandos da RMM e à actividade Operacional dos Grupos de Comandos:

“ Louvados todos os Oficiais, Sargentos e Praças do Centro de Instrução de Comandos da Região Militar de Moçambique, que funcionou na povoação Namaacha, pelo elevadíssimo grau que a instrução atingiu no seu primeiro curso,

nos seus múltiplos aspectos de preparação para a guerra, bem patenteados nos exercícios finais, por mim presenciados, onde todos os instruendos revelaram possuir, sólida preparação moral, técnica e física, através de demonstrações tácticas de tiro instintivo, de armadilhagem, de desarmadilhagem, destruição e de provas físicas exigindo grande perícia, sangue frio, destreza, estoicismo, valentia e arrojo.

Tais resultados só foram possíveis pela alta competência, e espírito de sacrifício e de bem servir do Comandante, dos instrutores e monitores que galvanizaram os instruendos, criando-lhes um elevado espírito de corpo, tão necessário para as árduas tarefas que os Comandos terão de ser chamados a desempenhar quer na paz quer na guerra.

Por tudo isto, o General Comandante se sente sumamente honrado por a Região Militar de Moçambique possuir tão valiosos elementos e o levam a considerar os Comandos como tropas de valor militar dignas de maior apreço.”

“ Louvados os Oficiais, Sargentos e Praças do Grupo de Comandos, porque tendo sido chamados a intervir em áreas perturbadas e fronteiriças, em acções independentes, em que era requerida, uma actuação pronta e decidida para o aniquilamento de grupos terroristas acoitados nas referidas regiões, mostraram possuir uma nítida compreensão do dever e da missão a cumprir, executada com entusiasmo, indiferença pelo perigo, e espírito de sacrifício, qualidades que merecem ser citadas com realce por dignas de maior apreço e consideração das forças do Exército da Província.”

ACTIVIDADE OPERACIONAL DOS GRUPOS DE COMANDOS "SOMBRAS" E "VAMPIROS" NA REGIÃO MILITAR DE MOÇAMBIQUE

Findo o Curso de Comandos e em princípios de Setembro de 1964 foram destacados⁸ para Marrupa, via aérea, em aviões Nord Atlas. Passados que foram alguns dias foram-lhes atribuídos 4 Unimogs e 1 Jeep, meios em que se deslocaram para a Serra Mecula⁹, a Norte. Ali estabeleceram um acampamento a meia encosta, tendo ficado alojados em 3 palhotas anteriormente ocupadas por um pelotão da Companhia de Caçadores de Marrupa. Tinham como missão manter um pelotão (grupo de combate/comandos) em nomadização ao longo do rio Rovuma para obter informações e localizar bases no outro lado da fronteira, enquanto o outro montava segurança ao estacionamento.

Durante estas actividades e em 21Out64 um acidente de caça com arma de fogo vitimou mortalmente o 1º Cabo Milº Abel Augusto Real Rodrigues, do Grupo de Comandos "Vampiros".

Os Grupos permaneceram na região cerca de dois meses, nas condições atrás referidas, em missões de reconhecimento e pesquisa de informações, recorrendo nomeadamente à caça para a obtenção de recursos locais. Findo este período receberam então ordem para regressar a Marrupa. À chegada, aguardavam-nos 2 Nord Atlas, que em duas viagens os transportaram, com as viaturas, para Quelimane, na Zambézia. No dia seguinte marcharam para Namarroi, onde ficaram alojados numa vivenda, entretanto desocupada, dependência da Administração Civil.

Durante o período de permanência na Zambézia desenvolveram a sua actividade operacional nas Regiões de Milange, Tacuane e Namarroi. Neste período há ainda a registar a ocorrência de ferimentos em 3 elementos dos Grupos de Comandos.

O Natal foi passado em Namarroi.

Em fins de Janeiro de 1965 realizaram operações na área de Nanhagaia, tendo destruído acampamentos, causado baixas ao inimigo e capturado armamento.

Em Março de 1965, os dois Grupos de Comandos, encontravam-se na zona de Miteda-Muidumbe, em Cabo Delgado (Sector B). No dia 17-de Março e no decorrer de uma operação apeada no itinerário Muatide-Muidumbe, em reforço de dois Pelotões da CCaç 607, os dois Grupos de Comandos receberam a missão de efectuar uma batida, detectar e aniquilar elementos rebeldes, no itinerário de Cavanga para Muatide. No decorrer desta operação, por lapso e quando os grupos progrediam separados, um soldado dos Vampiros abriu fogo sobre o Grupo dos Sombras, que se encontrava emboscado, tendo atingido alguns elementos. Assim, faleceu quase

⁽⁸⁾ Acompanhados pelo Capitão Serrano

⁽⁹⁾ Entre os distritos de Cabo Delgado e Niassa

imediatamente o 1º Cabo Manuel da Silva Ferreira e ficaram feridos o 1º Cabo Milº Manuel António Gonçalves Lima do Souto e o Soldado Domingos dos Santos Marinheiro, que foram evacuados para o HM 125, em Nampula.

Numa das últimas operações realizadas pelos dois Grupos a partir de Muidumbe, e quando progrediam de noite, a queda do Alferes Seródio numa armadilha improvisada (cova) provocou o disparo da sua arma que o feriu numa perna. Dada a gravidade do seu ferimento, a operação foi abortada, e o ferido foi evacuado, em 20 de Março, por via aérea, para o HM 125, em Nampula (reprodução a cores na página XXVIII). Depois de recuperado, meses depois, voltou a integrar os grupos referidos.

No final deste mês e em princípios de Abril, os grupos de comandos realizaram acções de nomadização nas nascentes do rio Mapoedi e Nango, rio Nanhima e Muide, tendo destruído acampamentos, capturado população e abatido elementos inimigos. Nomadizaram também na região do lago N'Guri, Muatide e Nangololo, tendo capturado diverso material de guerra, destruído acampamentos e causado várias baixas ao inimigo. Igualmente no mês de Março foram realizadas acções, pelos Comandos, a Norte de Mueda e a Sul de Muidumbe-Miteda, até às margens do rio Messalo.

Os Grupos embarcaram para Lourenço Marques a bordo do Aviso “Bartolomeu Dias”, a 23Abr, tendo, a 29, chegado à Capital da Província e transitado para o Aquartelamento da CCaç 402, em Ponta Mahone. Aí ficaram alojados para o gozo de cerca de 3 semanas de licença.

Findo esse período e devido à ocorrência de problemas no Sector de Vila Cabral (Sector A), o General Comandante Chefe mandou marchar para esse destino os dois Grupos de Comandos. Esse deslocamento foi realizado por via aérea acompanhados pelo General Caeiro Carrasco. No dia seguinte, foram para Metangula, nas margens do lago Niassa, passando por Nova Coimbra. Nesta região e no decorrer do mês de Junho de 1965 realizaram operações conjuntas com Fuzileiros Navais e Paraquedistas, na margem portuguesa do Niassa, nomeadamente nas zonas do Cobué, N'Goo, e Mataca.

Em fins de Julho, os Grupos de Comandos encontravam-se de regresso a Vila Cabral onde participaram em operações, nomeadamente montando emboscadas no Itinerário Vila Cabral-Meponda e, donde partiram para mais um período de recuperação em Lourenço Marques, e onde permaneceram até 6 de Setembro de 1965.

Marcharam depois para Nampula, onde, a partir de 13Set iniciaram a preparação para a Operação “Atum” (ver imagens). Esta operação teve como objectivo transportar, do Lumbo ao Catur, por via férrea, e do Catur a Meponda, por rodovia, três Lanchas de Fiscalização Pequenas (LFP) – “Marte”, “Mercúrio” e “Regulus” – duas Lanchas de Desembarque Médias (LDM) e 1 Lancha de Desembarque Pequena (LDP), da Marinha Portuguesa.

Os Grupos de Comandos estiveram empenhados na protecção desta coluna no itinerário por Caminho de Ferro, do Lumbo, na costa do Índico e frente à Ilha de

Moçambique, onde as lanchas foram içadas para plataformas ferroviárias, até ao Catur, onde terminava na altura a linha férrea, ao longo de 726 quilómetros. Para se ter uma ideia das dimensões destes materiais, basta dizer que, cada LFP pesava cerca de 50 toneladas. Acerca desta operação, transcreve-se o Relatório do Capitão-de-Mar e Guerra engenheiro de máquinas, Pedro Mouzinho, director técnico desta operação, na parte referente a "Escoltas", pgs 22/23:

"A escolta às lanchas no percurso Nampula-Catur foi entregue ao Grupo de Comandos.

Merecem referência especial os cuidados por eles postos durante todo o percurso de via férrea, manifestando grande eficiência na cobertura da composição, sobretudo durante as paragens verificadas por razões dos acidentes da viagem, revelando um nível de eficiência invulgar.

A disciplina por eles demonstrada na execução das ordens e cumprimento da vigilância, por vezes de extrema violência para homens que revelaram grande desgaste físico, e o invulgar espírito de compreensão, camaradagem e amizade entre praças graduadas e oficiais, verificados pelo signatário, merecem ter o devido relevo".

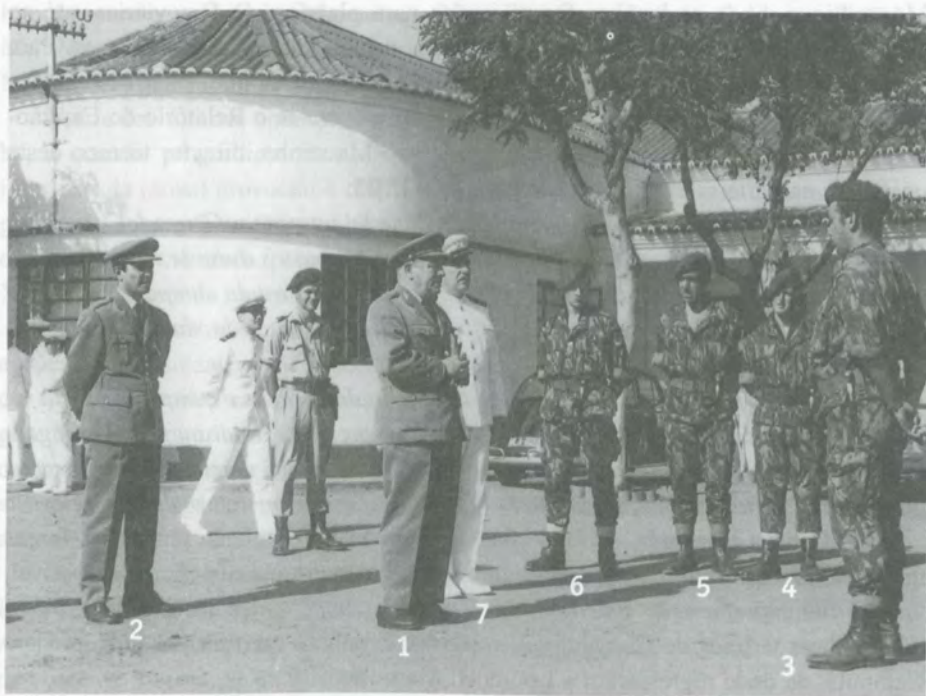
Do Catur a Meponda, no lago Niassa, a coluna foi escoltada por outras forças militares. Finda a sua missão, que cumpriram de maneira o mais eficiente possível, "e em que a preparação físico-militar dos seus componentes se revelou extraordinária", os Grupos de Comandos Vampiros e Sombras estavam em 06Dez65 em Nampula, de onde regressaram a Lourenço Marques.

Nos primeiros meses de 1966 terminavam a sua comissão e embarcavam de regresso à Metrópole.

Os dois Grupos de Comandos cuja actividade aqui fica registada, foram as primeiras forças com esta especialidade a actuar na Região Militar de Moçambique e fizeram-no na dependência directa do General Comandante da Região.

O Centro de Instrução da Namaacha foi encerrado nos finais de 1964 por determinação do general Comandante da Região, tendo os instrutores regressado às suas Unidades de origem e voltado à Metrópole no fim das respectivas comissões.

Em 1966 começaram a chegar a Moçambique mais forças de Comandos, agora a nível de Companhia, tendo desembarcado em Março a 2ª Companhia de Comandos e em Dezembro a 4ª Companhia de Comandos.



Visita do General Carrasco aos grupos de comandos,
no Batalhão de Caçadores de Lourenço Marques,
antes da partida para a Operação "Atum"

- 1 – General João Alexandre Caeiro Carrasco
- 2 – Capitão Velasco; ajudante de campo
do Sr. General Caeiro Carrasco
- 3 – 2.º Sargento Comando Jacinto António Rodrigues
- 4 – Alferes Mil. Comando José António Sacadura
- 5 – Alferes Mil. Comando Manuel Seródio
- 6 – Alferes Mil. Comando José Gafarot D'Almeida
- 7 – Comandante do Batalhão de Caçadores de Lourenço Marques



Em Lourenço Marques, antes da partida para a Operação "Atum".

- | | |
|---|---|
| 1 – 2º Sargento "Cmd" Jacinto António Rodrigues | 19 – 1º Cabo "Cmd" Claudino da Silva Durães |
| 2 – Soldado "Cmd" José J. Marques Soares | 20 – Fur Mil" Infº "Cmd" Baltazar Nunes |
| 3 – Soldado "Cmd" Joaquim de Sousa Moreira | 21 – 1º Cabo Mil" "Cmd" Cesar Franco Lopes |
| 4 – 1º Cabo "Cmd" Raul Ramalho | 22 – 1º Cabo "Cmd" Amadeu Pinto da Silva |
| 5 – Soldado "Cmd" Joaquim do Couto Guedes | 23 – Soldado "Cmd" Joaquim Pereira Luís |
| 6 – 1º Cabo "Cmd" Isidoro Carrasco de Conceição | 24 – Soldado "Cmd" Jorge Miguel de Araújo Portela |
| 7 – 1º Cabo "Cmd" Arlindo F. Jesus Cardoso | 25 – Soldado "Cmd" Augusto de Oliveira Vivas |
| 8 – Soldado "Cmd" Marcolino António | 26 – Soldado "Cmd" Manuel Antunes Lourenço |
| 9 – 1º Cabo "Cmd" Ernesto António | 27 – 1º Cabo "Cmd" Chimério da Cruz Domingos |
| 10 – Alf Mil" Infº "Cmd" Manuel Serôdio | 28 – Soldado "Cmd" Abílio dos Reis Carvalho |
| 11 – Alf Mil" Infº "Cmd" José Gafarot d'Almeida | 29 – Alf Mil" Infº "Cmd" José António Mayer Cabral |
| 12 – 1º Cabo "Cmd" Ernesto Antunes Guilhas | Sacadura |
| 13 – Soldado "Cmd" António Joaquim Vasconcelos | 30 – Soldado "Cmd" José de Carvalho |
| 14 – Soldado "Cmd" Manuel Joaquim Ferreira da Silva | 31 – Soldado "Cmd" Fernando Coelho Dias |
| 15 – Soldado "Cmd" João da Silva Marques | 32 – 1º Cabo Mil" "Cmd" Hermínio Augusto |
| 16 – Soldado "Cmd" Adelino Gonçalves Mendes | 33 – Soldado "Cmd" Mário Gil Figueiredo |
| 17 – 1º Cabo "Cmd" Fernando Jean Duarte | 34 – 1º Cabo Mil" "Cmd" Pedro Fernando David Junior |
| 18 – Fur Mil" Infº "Cmd" Hipólito Gomes Alves | 35 – 1º Cabo "Cmd" Domingos Filipe Guerra |



Operação “Atum”, transposição de uma ponte por uma lanca de desembarque médio, (LDM).



Operação “Atum”, transposição de uma ponte por uma lanca de desembarque pequena, (LDP).



Operação “Atum”, transposição, no CATUR, do transporte ferroviário para o rodoviário (LFP Mercúrio) 04Dez65



Operação “Atum” – LDM 404 – Outubro de 1965

A OPERAÇÃO "ATUM" EM BANDA DESENHADA (Reprodução Parcial)

ENTE CHEGOU O DIA 28 DE NOVEMBRO...
TUDO PRONTO... SÓ FALTA A ESCOLTA PARA
REMO SEGUIR...

NÃO DEVEM DEIXAR...



SENHOR EUGENHEIRO...
CHEGAMOS OS COMANDOS...



A NOSSA MISSÃO É MUITO IMPORTANTE...
QUERO QUE CUMPRAM O VOSSO DEVER
SEM QUEBRAS... NÃO SE ESQUEÇAM
QUE A SEGURANÇA DESTA GENTE ESTÁ
NOS Nossos PÓS...



QUERO VEROS EM CIMA DOS BARCOS...
OS GRUPOS ENVIADOS PELA COM
DO... VAMOS!



AS VITÓRIAS NÓS VAMOS DE CHEGAR DESBARCANDO UMA COMBINAÇÃO DE
OS DOIS VELAÇÕES PELA SEGURANÇA DO TRANSPORTE E DE TODOS OS
EM ENVOLVIDOS NA GRANDE AVENTURA...



ENQUANTO SE PROCEDIA AO TRABALHO DE RESCATE, SEMPRE FOUZOS E MOTOS
A EXCETO PROCEDIA À PATRULHAS MANUCIOSAS PARA EVITAR QUE OS GUERREIROS
DO PRELITO PRESSES O QUE QUE FOSSE QUE PRESSE EM RISCO AS VIDAS DAS
PESSOAS ENVOLVIDAS OU A BOA CONDUÇÃO DA MISSÃO.



NÃO HAVIA SEMPRE AS PATRULHAS GRAY HOUND
ATENÇÃO ... ESCONDAM-SE ...



! MEU DEUS... É... É IMITESCO...!!!



(Reprodução
autorizada pelo autor,
ex-Comando António
Manuel Vassalo
Miranda)

A OPERAÇÃO "ATENA" EM BANDA DESENHADA

(Veja desenhos de David)



LISTA DE ABREVIATURAS MILITARES

AE	Acção de Equipe
AG	Acção de Grupo
Agr Eng	Agrupamento de Engenharia
Ajd Enf	Ajudante de Enfermeiro
Alf Mil	Alferes Miliciano
AM 51	Aeródromo de Manobra 51
Ap Met	Apontador de metralhadora
Ap Mort	Apontador de morteiro
ASMA	Agrupamento de Serviço Militar de Angola
At. Exp	Atirador Explorador
BA 9	Base Aérea 9
BAC	Bateria de Artilharia de Campanha
BArt	Batalhão de Artilharia
BCaç PA	Batalhão de Caçadores de Porto Amélia
BCaç	Batalhão de Caçadores
BCLM	Batalhão de Caçadores de Lourenço Marques
BCav	Batalhão de Cavalaria
BCS	Batalhão de Comando e Serviços
BEng	Batalhão de Engenharia
BInt	Batalhão de Intendência
BTm	Batalhão de Transmissões
Btr Art 145 A/D	Bateria de Artilharia nº 145 de Apoio Directo
Btr	Bateria
C/C.E.M.	Com o Curso de Estado-Maior
CAR	Condutor Auto Rodas
Carpint	Carpinteiro
CART	Companhia de Artilharia
Cav	Cavalaria
CCaç Esp	Companhia de Caçadores Especiais
CCaç Ev/RINL	Companhia de Caçadores Eventual/Regimento de Infantaria de Nova Lisboa
CCaç	Companhia de Caçadores
CCAN	Companhia de Construção e Apoio de Nampula
CCav	Companhia de Cavalaria
CCE 313	Companhia de Caçadores Especiais Nº 313

CCFAG	Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné
CCS	Companhia de Comando e Serviços
CCVM	Companhia de Caçadores de Vila Manica
CDM	Companhia Divisionária de Manutenção
CEM (função)	Chefe do Estado-Maior
CEM (quadro)	Corpo do Estado-Maior
CI 16	Centro de Instrução N° 16
CI	Centro de Instrução
CIC	Centro de Instrução de Comandos
CIIN	Centro de Instrução de Infantaria de Nampula
CIM	Centro de Instrução Militar
Cmd Agr	Comando de Agrupamento
CMDT PEL	Comandante de Pelotão
CMil	Companhia de Milícias
CMR	Companhia Metropolitana de Recompentamento
COM	Curso de Oficiais Milicianos
COMCHEFE	Comando-Chefe
Comp Fuz Esp	Companhia de Fuzileiros Especiais
Corn	Corneteiro
Coz	Cozinheiro
CPM	Companhia de Polícia Militar
CSM	Curso de Sargentos Milicianos
CTI	Comando Territorial Independente
CTIG	Comando Territorial Independente da Guiné
Dest Fuz Esp	Destacamento de Fuzileiros Especiais
DInt 162	Destacamento de Intendência N° 162
EAMA	Escola de Aplicação Militar de Angola
EAMM	Escola de Aplicação Militar de Moçambique
EF	Educação Física
EM	Estado-Maior
Eng Aeron	Engenheiro Aeronáutico
ERN	Esquadrão de Reconhecimento de Nampula
Escrit.	Escrutário
Exp. Obs	Explorador Observador
FT	Forças Terrestres
Fur Mil	Furriel Miliciano
GACL	Grupo de Artilharia de Campanha de Luanda
GComb	Grupo de Combate
HM 125	Hospital Militar N° 125 - Nampula

HM 241	Hospital Militar nº 241 - Bissau
HMP	Hospital Militar Principal
LDM	Lancha de Desembarque Média
LDP	Lancha de Desembarque Pequena
LFP	Lancha de Fiscalização Pequena
LGFog	Lança-Granadas Foguete
Maq.	Maqueiro
MAR	Mecânico Auto-Rodas
MMA	Mecânico de Material Aeronáutico
MR	Mecânico de Rodas
MVR	Mecânico de Viaturas de Rodas
NT	Nossas Tropas
Op. Cripto	Operador Cripto
OS	Ordem de Serviço
OU	Ordem Unida
Pel AA	Pelotão de Artilharia Anti-Aérea
Pel Mort	Pelotão de Morteiros
PERINTREP	Relatório Periódico de Informações
PILAV	Piloto Aviador
PM	Pistola metralhadora
QG	Quartel General
Radiom	Radiomontador
RD	Readmitido
RI	Regimento de Infantaria
RIL	Regimento de Infantaria de Luanda
RMA	Região Militar de Angola
RMM	Região Militar de Moçambique
RTL	Rádio Telegrafista
SAM/Vag	Serviço de Administração Militar Vagomestre
SITREP	Relatório de Situação
Sob	Sobrevivência
Sold	Soldado
TAM	Transportes Aéreos Militares
TC	Técnica de Combate
Tir	Tirocinado
ZIN	Zona de Intervenção Norte

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
SOBRE OS COMANDOS	7
CÓDIGO COMANDO	9
INTRODUÇÃO	11

I ANGOLA

CRIAÇÃO DA ESPECIALIDADE “COMANDO” SUA ORIGEM E EVOLUÇÃO 1962 – 1965

FACTOS QUE TERÃO CONTRIBUÍDO PARA A CRIAÇÃO DA ESPECIALIDADE “COMANDO”	17
CONFLITOS INDEPENDENTISTAS	17
CRIAÇÃO DO CENTRO INTER-ARMAS	21
O ACIDENTE DE AVIAÇÃO DO CHITADO	26
DANTE VACCHI – INTERVENÇÃO NO PROCESSO	29
INTERVENÇÃO DO BCaç 280	42
INTERVENÇÃO DO GRUPO DE COMANDOS “FANTASMAS” / BCaç.317	51

HISTORIAL DO CI-21/ZEMBA	55
CRIAÇÃO DO CENTRO	57
IMPLEMENTAÇÃO DO AQUARTELAMENTO DO CI-21	63
PESSOAL PRIVATIVO DO CAMPO	65
INSTRUÇÃO	73
<i>Grupo de Comandos “VAMPIROS”/BCaç Nº.185</i>	78
<i>Grupo de Comandos “AÇO”/BCaç Nº.186</i>	81
<i>Grupo de Comandos “PEDRA”/BCaç Nº.261</i>	84
<i>Grupo de Comandos “NÓQUI”/BCaç Nº.280 (No Ci-21/Zemba/B)</i>	86
<i>Grupo de Comandos/ BCaç 280 (Em Nóqui/A)</i>	88
<i>Grupo de Comandos “FANTASMAS” / BCaç 317</i>	91
<i>Grupo de Comandos “FALCÕES” / BCaç 325</i>	93
<i>CCaç Esp. 365 – “CORSÁRIOS”</i>	96
RESENHA DOS GRUPOS	106
ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	179

HISTORIAL DO CI-16 / QUIBALA-NORTE	209
CRIAÇÃO DO CENTRO	210
IMPLEMENTAÇÃO DO AQUARTELAMENTO DO CI-16.....	214
PESSOAL PRIVATIVO DO CAMPO	218
INSTRUÇÃO	223
<i>Grupo de Comandos "Os Sem Pavor"/BCaÇ Nº.379</i>	257
<i>Grupo de Comandos "Destemidos"/BCaÇ Nº.380</i>	259
<i>Grupo de Comandos "Tigres"/ BCav 399</i>	261
<i>Grupo de Comandos "Os Gatos"/BCaÇ Nº.400</i>	263
<i>Grupod de Comandos "Escorpões" / BCav 437</i>	266
<i>Grupo de Comandos "Apaches"/BCaÇ Nº.442.</i>	268
RESENHA DOS GRUPOS	281
ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS	316

HISTORIAL DO CI-25 / QUIBALA-NORTE	327
CRIAÇÃO DO CENTRO	328
IMPLEMENTAÇÃO DO AQUARTELAMENTO DO CI-25.....	329
PESSOAL PRIVATIVO DO CAMPO	331
INSTRUÇÃO	344
<i>Grupo de Comandos "Centuriões"/BCaÇ Nº.503.</i>	364
<i>Grupo de Comandos "Sombras"/BCaÇ Nº505.</i>	366
<i>Grupo de Comandos "Audazes"/BCaÇ Nº511</i>	368
<i>Grupo de Comandos "Leões"/BCaÇ Nº540.</i>	370
<i>Grupo de Comandos "Fantasmas II"/ BCaÇ 547.</i>	373
<i>Grupo de Comandos "Relâmpagos" / BCaÇ 595.</i>	375
<i>Grupo de Comandos "Magníficos"</i>	377
RESENHA DOS GRUPOS	382

ARMAMENTO CAPTURADO PELOS GRUPOS	
DE "COMANDOS" DOS TRÊS CENTROS	431
NOTA FINAL	433

II GUINÉ

OS COMANDOS NA GUINÉ

ORIGEM E EVOLUÇÃO (1963-1966)

A PROVÍNCIA DA GUINÉ – BREVES CONSIDERAÇÕES	439
CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS	439
CONDIÇÕES SÓCIO-POLÍTICAS	440
SITUAÇÃO MILITAR EM 1963	440
O PORQUÊ DOS “COMANDOS” – RAZÕES	442
OS COMANDOS DA GUINÉ – O PRINCÍPIO	443
RECOLHA DE INFORMAÇÃO	443
DIFUNDIR A IDEIA	445
O ESTÁGIO EM ANGOLA – ANTECEDENTES	446
OS PRIMEIROS SELECIONADOS	446
NA REGIÃO MILITAR DE ANGOLA – ENSINAMENTOS	449
PERÍODO INICIAL	449
PERÍODO FINAL	451
OPERAÇÃO “TRIDENTE”	454
TRANSCRIÇÃO DE PARTES DO TEXTO DE ALGUNS RELATÓRIOS, MENSAGENS E COMENTÁRIOS REFERENTES À ACTIVIDADE DO GRUPO DE COMANDOS NA OPERAÇÃO “TRIDENTE”	456
ACTIVIDADE OPERACIONAL	456
REFERÊNCIAS – COMENTÁRIOS	467
LOUVORES – CONDECORAÇÕES	468
O LEVANTAMENTO DO CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS E O PLANEAMENTO DA INSTRUÇÃO ...	470
QUESTÕES INICIAIS	470
A CRIAÇÃO DO CIC EM BRÁ – O QUARTEL	471
O MATERIAL DE INSTRUÇÃO E OS MEIOS DE APOIO	473
O SERVIÇO INTERNO E AS DIRECTIVAS AOS INSTRUTORES E MONITORES	477
O SERVIÇO INTERNO	477
<i>Fardamento a utilizar</i>	477

<i>Cabelo e Barba</i>	477
<i>Conservação do Material</i>	477
<i>Limpeza de Casernas e demais Edifícios</i>	478
<i>Horário</i>	478
<i>O Comando desloca-se em passo de corrida</i>	478
<i>Transporte da arma</i>	478
<i>Instrução</i>	478
<i>Formatura Geral Diária</i>	478
DIRECTIVAS AOS INSTRUTORES E MONITORES	479

A INSTRUÇÃO – O PESSOAL

E OS DOCUMENTOS DE APOIO	483
AS DIFICULDADES EM PESSOAL	483
A PREPARAÇÃO DA INSTRUÇÃO	484

O 1º CURSO DE COMANDOS	488
OS GRUPOS DE COMBATE	498
O REFORÇO DO CORPO DE INSTRUTORES	505
REFERÊNCIAS ELOGIOSAS	508

1965 – O 2º CURSO DE COMANDOS	510
A AFIRMAÇÃO E RECONHECIMENTO DA TROPA COMANDO	510
O INÍCIO DA INSTRUÇÃO – ESCOLA PREPARATÓRIA DE QUADROS	511
JULHO DE 1965 – O CURSO DE PRAÇAS	
E O APROVEITAMENTO FINAL	513

A REORGANIZAÇÃO DO CIC

– A COMPANHIA DE COMANDOS (CCMDS)	529
---	-----

1966 – O 3º CURSO E A EXTINÇÃO

DOS GRUPOS DE COMANDOS	530
O 3º CURSO DE COMANDOS	530
A EXTINÇÃO DOS GRUPOS DE COMANDOS DA GUINÉ E A CHEGADA	
DA PRIMEIRA COMPANHIA DE COMANDOS DA METRÓPOLE	536

HISTORIAL DOS GRUPOS	539
-----------------------------------	-----

ACTIVIDADE OPERACIONAL	539
<i>Actividade Operacional mais significativa levada a cabo pelos</i>	
<i>Grupos de Comandos da Guiné entre 1964-1966</i>	539

<i>Principal Actividade Operacional desenvolvida, no âmbito da instrução, por Instrutores e Instruendos (1964-1966).</i>	549
<i>Resultados mais significativos – material capturado pelos Grupos de Comandos.</i>	550
LOUVORES	557
CONDECORAÇÕES	559
BAIXAS	562
MORTOS EM COMBATE	562
FERIDOS EM COMBATE	563

III MOÇAMBIQUE

O CENTRO DE INSTRUÇÃO DE COMANDOS NA NAMAACHA E OS DOIS PRIMEIROS GRUPOS EM MOÇAMBIQUE 1964 – 1965

ANTECEDENTES	569
PREPARAÇÃO DO CURSO DE COMANDOS	570
CURSO DE COMANDOS	576
CONSTITUIÇÃO DOS GRUPOS DE COMANDOS	583
LOUVORES	586
ACTIVIDADE OPERACIONAL DOS GRUPOS DE COMANDOS	589
LISTA DE ABREVIATURAS	599

IMAGENS A CORES

I ANGOLA – páginas extra-texto – I A XII
II GUINÉ – páginas extra-texto – XIII a XX
III MOÇAMBIQUE – páginas extra-texto – XXI a XXVIII

Obras a publicar:

**RESENHA HISTÓRICO-MILITAR DAS
CAMPANHAS DE ÁFRICA 1961-1974:**

6.º Vol. – Aspectos da Actividade
Operacional
Tomo II – Guiné
Tomo III – Moçambique

7.º Vol. – Fichas das Unidades
Tomo I – Angola – Livro 2
Tomo III – Moçambique

8.º Vol. – Mortos em Campanha
Tomo I – Angola – Livro 2
Tomo III – Moçambique

9.º Vol. – As Transmissões nas Campanhas

10.º Vol. – Comandantes e Chefes

11.º Vol. – A Engenharia nas Campanhas

12.º Vol. – A Intendência nas Campanhas

13.º Vol. – O Serviço de Material
nas Campanhas

ISBN 972834708-1



9 789728 347086



DIRECCÇÃO DE HISTÓRIA
E CULTURA MILITAR



ASSOCIAÇÃO
DE COMANDOS